STEPHEN KING

A COISA

VOL. II

TÍTULO ORIGINAL:

It

LUÍSA IBAÑEZ
Tradução

ARLINDO SAN
Digitalização

SUMÁRIO

QUARTA PARTE: JULHO DE 1958

13 A apocalíptica batalha a pedradas
14 O álbum
15 O buraco enfumaçado
16 A séria fratura de Eddie
17 Mais um desaparecido: a morte de Patrick Hockstetter
18 A atiradeira

Derry: o quarto interlúdio

QUINTA PARTE: O RITUAL DE CHÜD

19 Vigília noturna
20 Fecha-se o círculo
21 Por baixo da cidade
22 O ritual de Chüd
23 A saída

Derry: o último interlúdio

EPÍLOGO:

BILL DENBROUGH DERROTA O DEMÔNIO (II)

QUARTA PARTE

JULHO DE 1958

"Você letárgica, fazendo-me uma visita,
esperando pelo fogo, e eu a servindo,
perturbado por sua beleza Perturbado por
sua beleza Perturbado."

- William Carlos Williams, *Paterson*

"Eu vestia o traje em que nasci E o
médico bateu em meu traseiro,
Dizendo: 'Você vai ser especial,
Sua doce coisinha fofa."

- Sidney Simien, "My Toot Toot"

CAPÍTULO 13

A apocalíptica batalha a pedradas

1

Bill é o primeiro a chegar. Acomoda-se em uma das bergeres *logo após a porta da Sala de Leitura, espiando enquanto Mike despacha os últimos freqüentadores por aquela noite - uma mulher idosa com uma pilha de romances góticos, um homem com um grosso tomo histórico sobre a Guerra Civil e um rapazinho magricela, esperando que seja checada uma novela com um adesivo "aluguel-por-sete-dias" no canto superior da capa de plástico. Sem o menor senso de surpresa ou de inusitado, Bill vê que aquela é a sua última novela. Acha que a surpresa está além dele, que o inusitado é uma realidade crivei que, afinal de contas, revelou-se apenas como um sonho. Uma linda jovenzinha, de saia xadrez unida por enorme alfinete dourado de segurança* (Céus, há anos não vejo um deles, *pensa Bill.* Será que estão em moda outra vez?), *está alimentando a máquina Xerox com moedas, enquanto tira cópias de uma separata, mantendo um olho no grande relógio de pêndulo, atrás do balcão de verificação. Os sons são os apropriados a uma biblioteca - suaves e confortadores: há o roçar de solas e saltos sobre o linóleo vermelho e preto do piso, o firme tique-taque do relógio marcando cada segundo que passa, o ronronar felino da máquina copiadora... O rapazinho leva sua novela de William Denbrough e caminha para a jovem na copiadora, justamente quando ela termina, e começa a ajeitar as folhas, enquadrando-as em um bloco uniforme.- Pode deixar essa separara no balcão, Mary - diz Mike. - Eu a guardarei mais tarde. Ela exibe um sorriso agradecido.*

- Obrigada, Sr. Hanlon.

- Boa noite, Boa noite, Billy. Sigam diretamente para casa, vocês dois!

- O bicho papão te pega, se você não... tomar... cuidado! - *cantarola Billy, o rapazinho magrelo, passando um braço possessivo pela cintura fina da jovem.*

- Oh, não acredito que ele queira duas criaturas tão feias como vocês dois - diz Mike, - mas tomem cuidado assim mesmo.

- Tomaremos cuidado, Sr. Hanlon - replica Mary com ar sério, batendo de leve no ombro do rapazinho. - Vamos andando, feioso! - diz, com uma risadinha sufocada. Quando ela faz isso, transforma-se da bastante desejável ginasiana na poldrinha não-muito-desajeitada de onze anos que fora Beverly Marsh... e, ao passarem por ele, Bill fica perturbado por sua beleza... o que o deixa com medo: quer chamar o rapazinho e dizer-lhe, ansiosamente, que deve voltar para casa por ruas bem iluminadas, sem dar atenção a alguém que fale com ele.

Não se pode ser cauteloso em cima de um skate, *diz uma voz fantástica dentro de sua cabeça, e Bill esboça um sorriso tristonho de adulto. Vê o rapazinho abrir a porta para sua companheira. Os dois saem ao vestíbulo, caminhando ainda mais juntos, e Bill apostaria os royalties de seu livro que o rapazola chamado Billy leva debaixo do braço, como ele roubou um beijo antes de abrir a porta da rua para a jovenzinha.* Você seria muito tolo se não fizesse isso, Billy, meu rapaz,

pensa ele. Leve-a para casa em segurança. Pelo amor de Deus, leve-a para casa em segurança! - *Logo estarei com você, Grande Bill - avisa Mike. - É só o tempo de arquivar isto aqui. Bill assente e cruza as pernas. O saco de papel em seu colo estala um pouco. Há uma garrafa de bourbon ali dentro e ele admite que nunca sentiu tanta vontade de tomar um gole em sua vida, como nesse momento. Mike poderá fornecer a água, se não o gelo -*

e da maneira como ele se sente agora, um pouco d'água seria o bastante. Bill pensa em Silver, encostada à parede da garagem de Mike, na Alameda Palmer. Daí, seus pensamentos progridem naturalmente para o dia em que se tinham encontrado nos Barrens - todos, exceto Mike - e cada um recontou sua história: leprosos debaixo de varandas; múmias que caminhavam sobre o gelo; sangue esguichando de encanamentos e garotos mortos no piezômetro, retratos que se moviam e lobisomens que perseguiam meninos pequenos por ruas desertas. Ele recorda agora que, naquele dia antes do Quatro de Julho, tinham penetrado mais fundo nos Barrens. Fazia calor na cidade, mas estava fresco na sombra emaranhada da margem leste do Kenduskeag. Bill recorda um daqueles cilindros de concreto, não muito longe dali, zumbindo para si mesmo, da maneira como a copiadora Xerox tinha zumbido para a bonita ginasiana, pouco antes. Ele recorda isso, e como os outros tinham olhado em sua direção, encerradas todas as histórias. Queriam que lhes dissesse o que deviam fazer em seguida, qual a maneira de agir, mas ele simplesmente não sabia. O não saber o tinha enchido de uma espécie de desespero. Olhando agora para a sombra de Mike, alongando-se na escura parede apainelada da sala de consultas, foi tomado de súbita certeza: naquele dia, não soubera o que responder, porque eles ainda não estavam completos ao se encontrarem na distante tarde de 3 de julho. A complementação acontecera mais tarde, na cascalheira abandonada além do depósito de lixo, por onde era possível sair-se facilmente dos Barrens, em ambos os lados - Rua Kansas ou Rua Merrit. De fato, era bem ali que agora se levantava o viaduto Interstate. A cascalheira não tinha nome; era velha, os lados esboroados cobertos de arbustos e ervas daninhas. Ainda havia muita munição por ali -

mais do que o suficiente para uma apocalíptica batalha a pedradas. Antes disso, no entanto, à margem do Kenduskeag, ele não soubera o que dizer - o que eles queriam *que dissesse? O que* ele *queria dizer? Bill recorda que havia olhado de um rosto para o seguinte - o de Ben; o de Bev; o de Eddie; o de Stan e o de Richie. Recorda também a música. Little Richard. "Uomp-bomp-a-lomp-bomp..." Música. Baixa. E dardos de luz em seus olhos. Recorda os dardos de luz, porque*

2

Richie havia pendurado seu rádio transistor no galho mais baixo da árvore contra a qual se recostava. Embora estivessem à sombra, o sol batia na superfície do Kenduskeag, de lá refletia-se no cromado do rádio e então nos olhos de Bill. - P-Ponha essa c-coisa mais p-p-para b-baixo, Ri-Ri-Richie - pediu. - V-Vai a- acabar me ce-cegando! - Claro, Grande Bill - disse Richie prontamente.

Não houve qualquer dito espirituoso, como de hábito, e ele trocou de galho para o rádio. Também desligou-o, e Bill desejou que não tivesse feito isso, porque tornava o silêncio, rompido apenas pelo rumorejar da água e o vago zumbido dos mecanismos de bombeamento dos esgotos, alto demais em seus ouvidos. Os olhos dos outros concentravam-se nele, e Bill desejou dizer-lhes que espiassem outra coisa, afinal, o que imaginavam que ele era, algum *fenômeno?*

Naturalmente, ele não fez nada disso, porque os outros apenas limitavam-se a esperar que lhes dissesse o que fariam agora. Estavam unidos pelo conhecimento do terrível, precisavam dele para explicar como deveriam manipular aquilo. *Por que eu?* Bill quis gritar para os outros mas, evidentemente, também sabia disso. Era porque, quisesse ou não, fora guindado àquela posição. Por que era ele que tinha idéias, já que perdera um irmão para fosse lá o que fosse, mas acima de tudo porque ele se tornara, de algum modo obscuro que nunca chegara a entender completamente, o companheiro Grande Bill. Virou-se para Beverly e desviou o rosto rapidamente, para não ver a tranqüila confiança nos olhos dela. Olhar para Beverly fazia com que sentisse uma coisa engraçada na boca do estômago. Deixava-o alvoroçado. - Nós n-não po-podemos ir à p-p-polícia - disse por fim, em uma voz que soava rouca aos seus ouvidos, alta demais. - T-Também não p-podemos contar p-para nossos p- p-pais. A menos... - Olhou esperançosamente para Richie. - E q-quanto a seus p-p-pais, quatro-olhos? Eles pa-pa-parecem m-muito le-legais. - Meu bom homem - respondeu Richie, com sua Voz de Toodles, o Mordomo, - evidentemente não tem a menor noção sobre meu pai e minha mãe. Eles... - Fale como gente, Richie - pediu Eddie, de seu lugar ao lado de Ben. Estava sentado ao lado de Ben, porque este lhe fornecia sombra suficiente para sentar-se. Seu rosto parecia miúdo, encovado e preocupado - era o rosto de um velho. Ele segurava o aspirador na mão direita.- Eles vão pensar que estou em ponto de bala para o Juniper Hill - disse Richie. Naquele dia, estava usando um velho par de óculos. Na véspera, um amigo de Henry Bowers chamado Gard Jagermeyer chegara por trás dele, quando ia saindo do Bar e Sorvetes Derry, com uma casquinha de sorvete de pistache. “Pique!” gritou Jagermeyer, mais pesado do que Richie uns vinte quilos, batendo-lhe fortemente nas costas com as mãos entrelaçadas. Richie caiu na sarjeta, perdendo os óculos e a casquinha de sorvete. A lente esquerda dos óculos estilhaçara-se e sua mãe ficara furiosa, acreditando muito pouco nas explicações que lhe dera. - Só sei ao certo que você perambula muito por aí - ela havia dito. - Francamente, Richie, acha que existe uma árvore-de-óculos em algum lugar e que basta colhermos nela um par de óculos novos para você, sempre que dá fim ao par antigo? - Mas, mamãe, aquele garoto me empurrou! Chegou por trás de mim, era grandalhão e me empurrou... - Ao falar, Richie estava perto das lágrimas. O fato de sua mãe não entender, doía muito mais do que ser jogado na sarjeta por Gard Jagermeyer, um cara tão burro que ninguém nem se preocupava em enviá-lo ao curso de férias do verão. - Não quero ouvir mais nada a respeito - declarou Maggie Tozier firmemente. - E da próxima vez que seu pai chegar em casa, exausto por haver trabalhado até tarde por três noites seguidas, é bom que pense um pouco, Richie. Pense nisso. - Mas, mamãe... - Chega, já falei!

O tom dela era ríspido e decisivo - pior ainda, era quase lacrimoso. Ela saiu dali depois disso e o volume da televisão continuou muito alto. Richie ficou sozinho e infeliz, sentado à mesa da cozinha. Foi essa recordação que o fez sacudir a cabeça novamente. - Meus pais são legais, claro, mas não acreditariam em uma coisa dessas. - E q-q-quanto a o-outros ga-garotos? Todos olharam em torno - Bill recordaria isso anos mais tarde - como que procurando alguém que não estava ali. - Quem? - perguntou Stan, incertamente. - Não consigo pensar em mais ninguém de confiança.- D-Deixa p-pra lá... - disse Bill, em voz perturbada. Um pequeno silêncio pairou sobre eles, enquanto Bill pensava no que diria em seguida.

3

Se alguém lhe perguntasse, Ben Hanscon responderia que Henry Bowers o odiava mais do que a todos os outros do Clube dos Perdedores, não apenas pelo ocorrido no dia em que ambos tinham rolado da Rua Kansas para os Barrens, mas também pelo sucedido no dia em que ele, Richie e Beverly haviam escapado do Aladdin e, principalmente, por não ter permitido que Henry colasse de sua prova durante os exames de fim de termo. Por causa disso, Henry fora obrigado a freqüentar o curso de férias do verão e incorrera na ira do pai, o reputadamente insano Butch Bowers. Se alguém lhe perguntasse, Richie Tozier responderia que Henry Bowers sentia mais ódio dele que de qualquer dos outros, por causa do dia em que o enganara e a seus dois mosqueteiros, refugiando-se na Loja de Departamentos Freese's. Stan Uris diria que *era* o mais odiado por Henry, pelo fato de ser judeu (quando estava no terceiro grau e Henry no quinto, certa vez Henry lhe esfregara neve no rosto, até deixá-lo sangrando e chorando histericamente, de dor e de medo). Bill Denbrough julgava-se o mais odiado, porque era magro, porque gaguejava e porque gostava de andar bem vestido. ("V-V-Vejam esse f-f-fodido m-m-MARICAS!" havia gritado Henry, no Dia das Corridas na Escola de Derry, em abril, porque Bill comparecera usando uma gravata; antes que o dia terminasse, a gravata lhe fora arrancada e pendia do alto de uma árvore, na metade da Rua Charter). Henry *odiava* todos os quatro, porém o garoto que em Derry figurava no primeiro lugar da sua LISTA DE ÓDIO pessoal não fazia parte do Clube dos Perdedores naquele 3 de julho; era um menino negro, chamado Michael Hanlon, que morava quase um quilômetro abaixo, junto à mesma estrada que, antes, passava rente à propriedade dos Bowers. O pai de Henry, ponto por ponto tão louco quanto diziam, era Oscar "Butch" (*Durão, valentão – gíria - N. da T.*) Bowers. Butch Bowers associava seu declínio financeiro, físico e mental à família Hanlon em geral e ao pai de Mike em particular. Conforme gostava de contar aos amigos e ao filho, Will Hanlon o tinha jogado na cadeia do condado quando todas as suas galinhas - as galinhas de Hanlon - tinham morrido. "Assim, ele podia meter a mão no dinheiro do seguro, caso não saibam", dizia Butch aos ouvintes, fitando-os com toda a combatividade malévola de que-alguém-ouse-discordar do Capitão Billy Bonés, no Almirante bembow. "Ele arranjou amigos que mentissem para apoiá-lo, e foi por isso que tive de vender o meu Merc'ry."

- Quem mentiu para favorecê-lo, papai? - perguntara Henry quando tinha oito anos, revoltado com a injustiça feita a seu pai. Então, decidiu que quando crescesse, encontraria aqueles mentirosos, untaria todos eles com mel e os amarraria a estacas em cima de formigueiros, como em alguns daqueles filmes de faroeste que passavam no Cinema Bijou, nas tardes de sábado. Tendo no filho um ouvinte incansável (embora, se lhe perguntassem, Butch sustentasse que era apenas como devia ser), Bowers pai encheu os ouvidos do filho com uma litania de ódio e má sorte. Explicava a Henry que todos os negros eram burros, alguns deles também maldosos - no fundo odiavam os brancos e queriam saber como era dormir com uma branca. Talvez nem fosse tanto pelo dinheiro do seguro, dizia Butch; talvez Hanlon houvesse decidido acusá-lo da morte de suas galinhas porque Butch possuía o mais próximo estande para venda de produtos, estrada abaixo. De qualquer modo, Hanlon o acusou, e isso era tão verdadeiro como bosta aderida a um lençol. Ele fizera isso, e depois arranjara um bando de brancos com coração mole em relação a negros, moradores na cidade, para mentirem em seu favor e ameaçarem Butch com a prisão estadual, se não indenizasse o negro. "Por que não? *Eu* era afinal um homem que lutou contra os japoneses, em defesa de seu país. Havia muitos sujeitos como nós - dizia Butch, ao filho de olhos arregalados e pescoço sujo, - mas *ele* era o único negro no condado." O caso das galinhas foi seguido por um incidente infeliz após outro - seu trator Deere quebrou uma biela; seu rastelo em condições arrebentou-se no campo norte; uma bolha em seu pescoço infeccionou, precisando ser lancetada, tornou a infeccionar-se e, por fim, teve que ser retirada cirurgicamente; o negro começou a usar seu dinheiro mal ganho a fim de vender a preços mais baixos do que Butch, roubando-lhe fregueses. Nos ouvidos de Henry, isso era uma constante ladainha: o negro, o negro, o negro. Tudo era por culpa do negro. O negro tinha uma bela casa branca de dois pavimentos, com fornalha a óleo, enquanto Butch, a esposa e o filho moravam no que não era muito melhor do que uma cabana. E quando Butch não conseguiu ganhar dinheiro suficiente com a propriedade, tendo que ir trabalhar como lenhador por algum tempo, foi por culpa do negro. Quando seu poço secou, em 1956, também foi culpa do negro. Mais tarde nesse mesmo ano, Henry, que então tinha dez anos, começou a alimentar Mr. Chips, o cachorro de Mike, com ossos velhos e sacolas de batatas fritas. Assim, Mr. Chips abanava o rabo e vinha correndo quando Henry o chamava. Depois que acostumou bem o animal com sua pessoa e seus petiscos, certo dia Henry deu-lhe meio quilo de carne para hambúrguer, misturada com inseticida. Havia encontrado o inseticida nos fundos de uma prateleira e levara economizando semanas para comprar a carne no Costello's. Mr. Chips comeu metade da carne envenenada e então parou. - Continue saboreando seu petisco, Cachorro de Negro - disse Henry. Mr. Chips abanou o rabo. Uma vez que Henry sempre o tinha chamado assim, desde o começo, Mr. Chips achava que aquele era seu outro nome. Quando as dores começaram, Henry pegou um pedaço de fio de varal e amarrou Mr. Chips a um vidoeiro, a fim de que ele não fugisse e fosse embora para casa. Então, sentado em uma pedra aquecida pelo sol, com o queixo acomodado nas palmas, ficou apreciando a morte do cachorro. Demorou muito, mas ele considerou seu tempo bem empregado. Por fim, Mr. Chips entrou em convulsões e uma espessa espuma verde escorreu de suas mandíbulas. - O que acha disso, Cachorro de Negro? - perguntou Henry, e o animal girou os olhos agonizantes ao som da voz dele, tentando abanar o rabo. - Gostou de seu almoço, pedaço de bosta?

Depois que o cachorro morreu, Henry retirou o fio de varal, foi em casa e contou ao pai o que fizera. Oscar Bowers estava *extremamente* biruta a esta altura; um ano mais tarde, a esposa o abandonaria, após levar uma surra que quase a matou. Henry temia o pai e às vezes sentia um terrível ódio por ele, mas também o amava. E nessa tarde, após contar o que havia feito, achou que finalmente descobrira a chave para a afeição do pai, porque Oscar Bowers bateu-lhe nas costas (com tanta força, que Henry quase caiu), levando-o depois para a sala de estar e dando-lhe uma cerveja. Era a primeira cerveja que Henry tomava e, enquanto viveu, sempre associaria aquele sabor com emoções positivas: vitória e amor. - Está aí um serviço bem feito - havia dito o louco pai de Henry. Os dois brindaram, batendo suas respectivas garrafas marrons, em seguida bebendo todo o conteúdo. Até onde Henry sabia, os negros nunca descobriram quem matou o cachorro, mas imaginava que eles tivessem suas suspeitas. Aliás, desejava que realmente tivessem. Os outros membros do Clube dos Perdedores conheciam Mike de vista - seria estranho o contrário, em uma cidade onde ele era a única criança de cor - mas isso era tudo, porque Mike não freqüentava a Escola Elementar de Derry. Sua mãe era batista devota e, portanto, enviara o filho para a Escola da Igreja, na Rua Neibolt. Entre aulas de geografia, leitura e aritmética, havia instrução bíblica, lições sobre temas como O Significado dos Dez Mandamentos em um Mundo Irreligioso, e grupos de debates sobre como serem manejados os problemas morais quotidianos (se alguém visse uma pessoa surrupiando artigos em uma casa comercial, por exemplo, ou ouvia um professor tomando o nome de Deus em vão). Mike achava muito boa a Escola da Igreja. Em certos momentos, ele tinha vagas desconfianças de que estava perdendo certas coisas - talvez uma comunicação mais ampla com meninos de sua idade - mas preferia esperar que tais coisas acontecessem quando fosse para o ginásio. A perspectiva o deixava algo nervoso por causa da pele marrom, mas até onde podia ver, seus pais haviam sido bem tratados na cidade, e Mike acreditava que receberia o mesmo tratamento, se o dispensasse também aos outros. A exceção desta regra era, naturalmente, Henry Bowers. Embora procurasse deixar isso transparecer o mínimo possível, o fato é que Mike vivia com permanente terror de Henry. Em 1958, Mike era magro e de bom corpo, mais alto do que Stan Uris, porém não tanto quanto Bill Denbrough. Era rápido e ágil, qualidades que já o tinham salvo várias vezes de surras nas mãos de Henry. E, naturalmente, ele estudava em uma escola diferente. Por causa disso e da diferença de idades, raramente seus caminhos coincidiam. Mike esforçava-se por manter as coisas nesse pé. Portanto, a ironia era isto: embora Henry odiasse Mike Hanlon mais do que a qualquer outro garoto em Derry, Mike havia sido o menos prejudicado entre todos os demais. Oh, ele havia passado seus maus momentos! Na primavera após ter dado cabo do cachorro de Mike, Henry saltou do meio dos arbustos certo dia, quando Mike caminhava para a cidade, pretendendo ir à biblioteca. Era nos fins de março, quente o bastante para pedalar uma bicicleta mas, naquela época, a Estrada Witcham passava a ser de terra logo após a propriedade dos Bowers. Então, transformava-se em lamaçal - nada próprio para bicicletas. - Olá, negro! - disse Henry, sorrindo ao emergir dos arbustos. Mike recuou, os olhos girando loucamente para a direita e esquerda, procurando uma chance de escapar. Sabia que, se conseguisse dar a volta em torno de Henry, aumentaria a distância entre ambos. Henry era grande e forte, mas também era lento.

- Vou fazer um garoto de alcatrão - disse Henry, avançando para o menino menor. - Você não é preto o bastante, portanto darei um jeito de providenciar isso. Mike virou os olhos para a esquerda e torceu o corpo naquela direção. Henry mordeu a isca, logo começando a correr nesse rumo - depressa demais e com demasiado ímpeto para deter-se. Revertendo o movimento em suave e natural velocidade, Mike correu para a direita (no ginásio ele jogaria futebol e, quando calouro na universidade, atuaria como beque no time, só não quebrando o recorde na marcação de tentos por ter fraturado uma perna quando ia em meio a temporada esportiva em seu último ano de aulas). Ele teria logrado Henry sem dificuldade, se não fosse a lama. estava deslizante, e Mike escorregou, caindo de joelhos. Antes de ter tempo para levantar-se, Henry já estava em cima dele. - *Negronegronegro!* - gritou Henry, em uma espécie de êxtase religioso, quando caiu sobre Mike. A lama sujou as costas da camisa de Mike e de suas calças. Ele pôde senti-la penetrando em seus sapatos, mas só começou a chorar quando Henry a espalhou sobre seu rosto, enfiando-a nas duas narinas. - *Agora* você está preto! - gritou Henry alegremente, esfregando lama nos cabelos de Mike. - Agora está *REALMEEEENTE* preto! - Abriu o blusão de popeline de Mike, depois puxou a camiseta sob ele, amassando um punhado de lama na barriga do garoto. - Agora você está preto como a *meia-noite* em um *POÇO DE MINA!*

Henry gritava em triunfo, enquanto enfiava bolas de lama nas orelhas de Mike. Então recuou, com as mãos enlameadas fincadas no cinto. - *Eu matei seu cachorro, negrinho!* - berrou. Contudo, Mike não ouviu isto, por causa da lama nos ouvidos. Henry jogou um último punhado de lama sobre Mike e então, dando meia-volta, caminhou para casa, sem olhar na direção de sua vítima. Momentos mais tarde, Mike levantou-se e fez o mesmo, ainda chorando. Sua mãe ficou furiosa, é claro; queria que Will Hanlon entrasse em contato com o Chefe Borton e o fizesse ir à casa dos Bowers, antes que o sol se escondesse. “Ele já perseguiu Mike antes”, o filho ouviu-a dizer. Mike estava sentado na banheira e seus pais conversavam na cozinha. Aquele era seu segundo banho; o primeiro ficara negro no momento em que entrara na água e se sentara. Tomada pela fúria, sua mãe começara a falar em espesso *patois* do Texas, que ele mal conseguia entender. - Você bota a lei em cima dele, Will Hanlon! O cachorro e o filhote! Você *faz lei*

neles, ouviu bem? Will ouviu, mas não fez o que a esposa pedia. Eventualmente, depois que ela esfriou (então, já era noite e Mike dormia desde duas horas antes), ele lhe fez uma preleção sobre os fatos da vida. O Chefe Borton não era o Xerife Sullivan. Se Borton fosse xerife na ocasião do incidente com as galinhas, Will jamais receberia sua indenização de duzentos dólares e teria que se dar por satisfeito com a situação. Há homens que nos apóiam, outros que nem querem saber; Borton era do último tipo. De fato, ele era uma porcaria. - Eu sei que Mike tem tido problemas com esse garoto - disse ele a Jessica. - Contudo, a situação não é pior, porque ele toma cuidado em relação a Henry Bowers. Isto servirá para torná-lo ainda mais cuidadoso. - Quer dizer que pretende deixar tudo como está? - Bowers tem contado ao filho histórias sobre suas desavenças comigo, segundo suponho - disse Will. - Então, o garoto odeia nós três por causa dessas histórias, e

também porque o pai lhe disse ser esperado que todos odeiem os negros. Aí está! Não posso mudar o fato de nosso filho ser negro, e fique certa de que Henry Bowers não será o último a prejudicá-lo por ele ter a pele de outra cor. Mike vai ter que lidar com isso pelo resto da vida, como aconteceu comigo e aconteceu com você. Escute, até nessa escola cristã que você fez Mike freqüentar, a professora disse aos alunos que os negros não eram tão bons quanto os brancos, porque Cem, o filho de Noé, olhou para o pai que estava bêbedo e nú, enquanto seus dois irmãos viravam o rosto para o outro lado. Daí por que os filhos de Cem foram condenados a sempre serem cortadores de madeira e carregadores de água, foi o que ela disse. E Mike contou que a professora olhava diretamente para ele, enquanto contava a história. Jessica fitou o marido, muda e infeliz. Duas lágrimas caíram, uma de cada olho, e deslizaram lentamente por suas faces. - Nunca haverá um meio de modificar-se isto? A resposta dele foi gentil, mas implacável; aquela era uma época em que as esposas acreditavam nos maridos, e Jessica não tinha motivos para duvidar de Will. - Nunca. Não podemos escapar da palavra negro, não agora, não no mundo em que vivemos, eu e você. No Maine, negros da roça continuam negros. Às vezes, penso que o motivo de minha volta a Derry foi porque não existe lugar melhor para recordar isso. Contudo, vou ter uma conversa com o garoto. No dia seguinte, ele chamou Mike ao celeiro. Will sentou-se na bancada do rastelo e chamou o filho para sentar-se a seu lado. - Você quer ficar longe do caminho desse Henry Bowers? - disse. Mike assentiu. - O pai dele é doido. Mike tornou a assentir. Já ouvira isso vezes sem conta na cidade e. as poucas vezes que vira o Sr. Bowers de relance reforçaram essa noção. - Não estou querendo dizer que ele seja apenas um pouquinho doido - prosseguiu Will, acendendo um cigarro Bugler enrolado em casa, e olhando para o filho. - Ele está a um passo do hospício. Voltou da guerra assim. - Eu acho que Henry também é doido - disse Mike. Falava em voz baixa, mas firme, e isso fortificou o coração de Will... embora fosse - mesmo após uma vida arriscada, cujos incidentes haviam incluído quase ser queimado vivo em uma espelunca montada para uso temporário, chamada Ponto Negro - incapaz de acreditar que um menino como Henry pudesse ser doido. - Bem, ele ficou ouvindo demais as coisas que o pai conta, mas isso é apenas natural - disse Will. Nisto, contudo, seu filho estava mais próximo da verdade. Henry Bowers, fosse por sua constante associação com o pai ou por causa de algo mais - alguma coisa interior - de fato ia ficar louco, lenta, mas seguramente.- Não quero que fique conhecido por viver fugindo - disse seu pai, - mas sendo negro, está fadado a meter-se em apuros. Sabe o que quero dizer? - Sei, papai - disse Mike. Ao falar, ele pensava em Bob Gautier, na escola, tentando explicar-lhe que negro não podia ser nenhum palavrão, porque seu pai o dizia o tempo todo. De fato, era até o contrário, disse Bob, ansioso. Quando um lutador no *Boxe das Sextas-feiras* levou uma sova e ainda conseguiu manter-se de pé, seu pai havia comentado, “Ele tem a cabeça dura como um negro”, e quando alguém se esforçava realmente em seu trabalho (que, para o Sr. Gautier, era a fábrica Star Beef, na cidade), ele dizia: ‘‘Aquele homem trabalha como um negro”.

- E meu pai é tão cristão quanto o seu - finalizara Bob. Mike recordava que, olhando para o rosto branco e magro de Bob Gautier, contornado pelo capuz para neve, com pêlos surrados, não sentira raiva, mas uma tristeza tão grande, que lhe deu vontade de chorar. Ele vira sinceridade e boa intenção no rosto miúdo de Bob, mas o que *sentira* era solidão, distância, um grande e sibilante vazio entre ele e o outro menino. - Noto que sabe o que quero dizer - falou Will e passou a mão pela cabeça do filho. - E, resumindo, tudo que tem a fazer é tomar cuidado e ver por onde anda. Tem que perguntar a si mesmo se será tão difícil, em relação a Henry Bowers. É difícil? - Não - respondeu Mike. - Acho que não. Contudo, ainda demoraria um pouco até ele mudar de idéia. De fato, isso aconteceria em 3 de julho de 1958.

4

Enquanto Henry Bowers, Victor Criss, Arroto Hugins, Peter Gordon e um garoto meio retardado do ginásio chamado Steve Sadler (conhecido como Moose, por causa do personagem da história em quadrinhos Archie) perseguiam um veloz Mike Hanlon através do pátio ferroviário e em direção aos Barrens, a quase um quilômetro de distância, Bill e os outros do Clube dos Perdedores ainda estava sentados à margem do Kenduskeag, ponderando seu problema que tinha toques de pesadelo. - A-Acho que s-s-sei o-onde a c-coisa e-e-está - disse Bill, finalmente rompendo o silêncio. - Nos esgotos - disse Stan. Todos sobressaltaram-se ao mesmo tempo, com um ruído súbito, áspero e chocalhante. Eddie sorriu culpadamente, quando tornou a baixar seu aspirador para o colo. Bill assentiu. - F-Faz al-algumas n-n-noites, esti-tive pe-perguntando a m-meu p-pai sobre os es-es-esgotos. - Originalmente, toda esta área era pântano - explicara Zack ao filho, - e os fundadores de Derry conseguiram erguer o que é o centro da cidade hoje em dia, na pior parte dele. A seção do Canal que corre debaixo das Ruas Center e Main, saindo no Parque Bassey, em realidade não passa de um cano de esgoto que, por acaso, comporta o Kenduskeag. Na maior parte do ano, esses canos ficam quase vazios, mas tornam-se importantes no degelo da primavera ou quando há enchentes... - Ele fez uma pausa então, pensando que fora durante a enchente do outono anterior que havia perdido o filho mais novo. - ...por causa das bombas - terminou. - B-B-Bombas? - havia perguntado Bill, virando a cabeça um pouco, sem mesmo pensar que o fazia, pois quando gaguejava em consoantes explosivas, a saliva lhe voava dos lábios. - As bombas de drenagem - explicara seu pai. - Ficam nos Barrens. São mangas de concreto, apontando cerca de um metro para fora do solo... - B-B-Ben Ha-Ha-Hanscon diz que são os bu-buracos de mo-morlock - replicou Bill, sorrindo. Zack sorriu também... mas era quase uma sombra de seu antigo sorriso. Estavam na oficina de Zack, onde ele fazia cavilhas para cadeiras, sem muito interesse.

- Elas não passam de bombas coletoras, garoto - disse Zack. - Assentam-se em cilindros com uns três metros de profundidade. Bombeiam o esgoto e as águas, empurrando-os para diante, quando a inclinação da terra se nivela ou sobe um pouco. É tudo mecanismo antigo, e a cidade devia ter bombas novas, mas o Conselho vive alegando situação de pobreza quando surge o assunto nas reuniões sobre o orçamento. Se eu ganhasse vinte e cinco centavos por cada vez que fui lá embaixo, com os joelhos mergulhados na bosta, fazendo um novo enrolamento em um daqueles motores... Bem, você não quererá ouvir tudo isto, Bill. Por que não assiste um pouco de televisão? Acho que esta noite há um bom programa para você. - Eu *q-q-quero* o-ouvir - insistiu Bill, mas não somente porque chegara à conclusão de que havia algo terrível em algum lugar sob Derry. - Por que quer ouvir falar sobre bombas para puxar esgotos? - indagou Zack. - P-P-Para um t-trabalho da es-es-escola - replicou Bill, impetuosamente. - As aulas já terminaram. - É p-para o a-ano q-q-que ve-vem. - Afinal, é um assunto bastante monótono - disse Zack. - A professora certamente lhe dará um F por deixá-la com sono. Veja, aqui está o Kenduskeag. - Zack riscou uma linha reta sobre a fina poeira da serragem na superfície de sua bancada de trabalho, na qual estava presa a serra de fita; - E aqui ficam os Barrens. Agora, como o centro da cidade é mais baixo do que as zonas residenciais - a Rua Kansas, digamos, o Old Cape ou a Broadway Oeste - a maioria do esgoto do centro comercial tem que ser bombeada para o rio. O esgoto e despejos das casas fluem para os Barrens, sem ajuda. Está entendendo? - E-E-Estou - disse Bill. Ele se chegou mais para perto, a fim de examinar as linhas, de maneira que seu ombro tocava o do pai. - Algum dia vão ter que cessar de bombear o esgoto em estado natural para o rio e isso será o fim de todo o negócio. Por enquanto, contudo, dispomos daquelas bombas nos... como é que seu amigo os chama? - Buracos de morlock - respondeu Bill, sem o menor traço de gagueira, mas ele e o pai não perceberam isso. - Certo. Isso é o que fazem as bombas nos buracos de morlock, e trabalham muito bem, exceto quando há muita chuva e as correntes sobem de nível. Porque, embora os esgotos por gravidade e os encanamentos de dejetos manejados pelas bombas fossem projetados como sistemas separados, de fato entrecruzam-se por toda parte. Está vendo? - Ele fez uma série de "X" irradiando-se da linha representada pelo Kenduskeag, e Bill assentiu. - Bem, o único que você precisa saber sobre a drenagem da água, é que ela vai até onde pode. Quando a água sobe, começa a encher os canos, bem como as manilhas de esgoto. Quando a água nos canos fica alta o bastante para atingir aquelas bombas, pode avariá-las. Isto significa problemas para mim, que terei de consertá-las. - Papai, de q-que ta-tamanho são as ma-manilhas de e-e-esgoto e os e-e-en- encanamentos? - Está querendo saber qual o diâmetro deles? - Bill assentiu. - As manilhas de esgoto principais terão uns dois metros de diâmetro. As secundárias, das áreas residenciais, devem ter um metro ou metro e meio. Algumas podem ser até um pouco maiores. E, escute bem o que vou dizer, Billy, e repita para seus amigos: nunca queiram entrar em um desses canos, nem para brincadeiras, por desafio ou qualquer outro motivo. - Por quê?

- A partir de 1885 mais ou menos, eles foram construídos por uma dúzia de governos diferentes da cidade. Durante a Depressão, a Administração de Obras para o Progresso construiu todo um sistema secundário de escoamento de águas e um sistema terciário de esgotos; então, houve muito dinheiro destinado a obras públicas. Contudo, o sujeito que chefiou esses projetos foi morto na Segunda Guerra Mundial e, uns cinco anos mais tarde, o Departamento de Águas descobriu que a maioria dos mapas desses sistemas se tinha perdido. Havia uns cinco quilos de mapas, que simplesmente desapareceram, entre 1937 e 1950. A meu ver, ninguém sabe para onde vão os malditos encanamentos para drenagem e esgoto ou por quê. "Quando eles funcionam a contento, ninguém se preocupa. Quando não funcionam, há três ou quatro infelizes do Departamento de Águas de Derry que têm de tentar descobrir que bomba foi inundada ou onde ficam as ligações elétricas. E quando descem lá, botam para fora o que têm no estômago. O lugar é escuro, fedorento e cheio de ratos. São bons motivos para você e seus amigos nunca se arriscarem, mas o melhor deles é que poderiam perder-se naqueles labirintos. Já aconteceu antes."

Perdidos debaixo de Derry. Perdidos dentro dos esgotos. Perdidos no escuro.
Havia algo tão terrível e arrepiante na idéia, que Bill ficou momentaneamente silencioso. Então, disse: - E eles n-n-ão t-t-têm pes-pessoal su-su-suf-suficiente p-para de-descer lá e m-m- mapear...? - Preciso terminar estas cavilhas - disse Zack bruscamente, virando a cabeça e afastando-se dele. - Entre e vá ver o que há na TV. - M-M-Mas, pa-pa-papai... - Vá, Bill - repetiu Zack. Bill sentiu a frieza novamente. Aquela frieza que tornava o jantar uma espécie de tortura, enquanto seu pai folheava publicações sobre eletricidade (ele esperava uma promoção no ano seguinte) e sua mãe lia uma de suas intermináveis novelas inglesas de mistério: Marsh, Sayers, Innes, Allingham. Comer naquela frieza tirava todo o sabor dos alimentos; era o mesmo que comer jantares congelados, que nunca tinham visto o interior de um forno. Mais tarde, algumas vezes ele subia para seu quarto e ficava deitado na cama, apertanto o estômago dolorido e pensando: *Ele soca os pulsos sobre os postes e insiste em fantasmas como hostes.* Após a morte de Georgie, ele pensava nessa frase cada vez mais, embora a mãe e tivesse ensinado dois anos antes. Em sua mente, ela assumira uma noção talismânica: no dia em que chegasse perto da mãe e apenas falasse a frase, sem tropeçar nas palavras ou gaguejar, fitando-a diretamente nos olhos enquanto falava, a frieza se desfaria; o rosto dela se tornaria radio-so, ela o abraçaria e diria: "Maravilhoso, Billy! Que bom menino! Que bom menino!" Naturalmente, ele não contara isso a ninguém. Nada no mundo o faria contar, nada o induziria a revelar sua fantasia secreta, escondida bem no fundo do coração. Se pudesse enunciar a frase que ela lhe ensinara casualmente, certa manhã, quando ele e Georgie estavam sentados, vendo Guy Madison e Andy Devine em *As Aventuras de Wild Bill Hickok,* aquilo seria como o beijo que despertara a Bela Adormecida de seus sonhos frios para o caloroso mundo do amor do príncipe no conto de fadas.

Ele soca os pulsos sobre os postes e insiste em fantasmas como hostes.
Tampouco contou o segredo aos amigos, naquele 3 de julho - mas disse a eles o que seu pai lhe falara sobre os esgotos e drenagens da cidade. Era um menino a quem a engenhosidade chegava com facilidade e de maneira natural (por vezes, mais facilmente do que contar a verdade), e a cena que pintou era bem diferente da real, quando a

conversa acontecera: disse que ele e seu velho estavam vendo televisão juntos e tomando café. - Seu pai deixa você tomar café? - perguntou Eddie. - C-C-Claro - disse Bill. Poxa! - exclamou Eddie. - Minha mãe nunca me deixou beber café. Ela diz que tem cafeína e que cafeína faz mal. - Eddie fez uma pausa. - No entanto, ela toma um bocado de café... - Meu pai me deixa beber café, se eu quiser - disse Beverly, - mas seria bem capaz de matar-me se descobrisse que fumo. -O que faz você ter tanta certeza de que a coisa está nos esgotos? - perguntou Richie, olhando de Bill para Stan Uris e depois para Bill novamente. -T-T-Tudo v-v-vai pa-para lá - disse Bill. - E t-tudo v-vem de l-lá. As v-vozes que Be-e-e-verly ouviu, v-vinham do r-ra-ralo. E o s-s-s-sangue. Quando o pa-pa-palhaço nos pe-pe-perseguiu, aqueles b-b-botões a-a-laranjados estavam pe-perto de uma m-manilha de e-e-esgoto. E Ge-Ge-George... - Não era um palhaço, Grande Bill - disse Richie. - Eu já lhe *disse* isso. Sei que é loucura, mas era um lobisomem. - Olhou defensivamente para os outros. - Juro por Deus. Eu *vi!*

- Era um lobisomem para *v-v-você* - disse Bill. - Que? - S-S-Será que não e-entende? Era um lobi-lob-lobisomem para v-você, porque v- você viu aquele fi-filme i-i-idiota no A-A-A-Aladdin. - Não entendi. - Pois eu acho que entendi - falou Ben quietamente. - Eu fui à bi-bi-bi-biblioteca e ve-verifiquei - disse Bill. - Acho que A Coisa é um gla-gla-gl... - Ele fez uma pausa, comprimiu a garganta e cuspiu a palavra - *glamour.*

- Glammer? - perguntou Eddie, dubitativamente. - G-G-Glamour - disse Bill, e soletrou a palavra. Então, contou a eles sobre uma entrada na enciclopédia a respeito do assunto, bem como um capítulo que lera em um livro chamado *Revelações da Noite.* Glamour, explicou, era o nome gaélico para a criatura que vinha assombrando Derry; em outras épocas, outras raças e culturas tinham nomes diferentes para ela, porém todos significavam a mesma coisa. Os índios das pradarias a chamavam de manitu e, às vezes, o manitu assumia a forma de um leão das montanhas, um alce ou uma águia. Esses mesmos índios acreditavam que o espírito de um manitu por vezes podia penetrar neles e, em tais ocasiões, eles podiam moldar as próprias nuvens em representações dos animais que davam nome a suas casas. Os habitantes do Himalaia a chamavam de *tallus* ou

taelus, isto significando um mágico ser maligno que podia ler a mente das pessoas e então tomar a forma da coisa que elas mais temiam. Na Europa Central, recebera o nome de *eylak,* irmão do *vurderlak* ou vampiro. Na França, era *le loupgarou* ou trocador de pele, um conceito que fora cruamente traduzido por lobisomem. Contudo, segundo Bill disse a eles, *le loup-garou* (que ele pronunciou como "le lupgaru") podia ser qualquer coisa, tudo enfim: um lobo, um falcão, uma ovelha, até mesmo um besouro. - Alguma coisa do que leu ensinava como derrotar um glamour? - perguntou Beverly. Bill assentiu, mas não parecia esperançoso. - A gente do Hi-Hi-Himalaia tinha um ri-ritual para li-li-livrar-se d-d-dc!e. mas é mu-muito noj-noj-nojento. Todos olharam para ele, não querendo, mas precisando ouvir.

- E-E-Era ch-chamado o R-R-Ritual de *Chud-Chud* - disse Bill, começando a explicar o que lera. Se a pessoa fosse um homem santo do Himalaia, rastejava o *taelus.* O *taelus*

espichava a língua para fora. A pessoa espichava a *dela.* Em seguida, a pessoa e a criatura encostavam as línguas, e uma ia mordendo a da outra no sentido do comprimento, até ficarem bem juntas, cara a cara, olho no olho. - Oh, acho que vou vomitar! - exclamou Beverly, rolando no chão. Ben bateu-lhe tentativamente nas costas, depois olhou em torno, a fim de ver se fora observado. Ninguém vira nada; os outros olhavam para Bill, hipnotizados. - E depois? - perguntou Eddie. - B-B-Bem - disse Bill, - parece uma c-coisa de do-do-doido, mas o li-livro diz que e-então a pe-pe-pessoa c-começa a d-d-dizer pi-piadas e eni-eni-enigmas. - O quê? - exclamou Stan. Bill assentiu. Sua expressão era a de quem passa adiante uma informação, de quem não inventou a notícia, mas apenas a relata. - Is-Isso m-mesmo. P-Primeiro o monstro *t-taelus* co-conta u-uma, depois *ap- pessoa* c-c-conta outra e p-p-por aí adi-adiante, os d-d-dois se r-r-revez-revezando s-s- sempre... Beverly tornara a sentar-se, os joelhos contra o peito, as mãos abraçando as pernas. - Não imagino como seja possível falar-se com a língua presa à de alguém mais - disse ela. Richie imediatamente estirou a língua, pegou-a entre os dedos e entoou: - Meu pai trabalha em um depósito de cocô!Isso os distraiu por algum tempo, mesmo *sendo* uma piada infantil. - T-Talvez d-d-deva ser p-por te-te-telepatia disse Bill. - De q-q-qualquer modo, s- se o *h-h-humano* rir pri-pri-primeiro, apesar da d-d-d... - Da dor? - perguntou Stan. Bill assentiu. - ... então, o *t-taelus* o ma-mata e o c-come. Sua alma, acho. M-Mas se o c-c-cara pu-puder f-f-azer o *taelus* rir p-primeiro, o m-monstro t-tem que ir e-e-embora por c-c- cem a-anos. - O livro disse de onde vêm essas coisas? - inquiriu Ben. Bill negou com a cabeça. - Você acreditou nisso? - perguntou Stan, como se quisesse zombar, mas sem encontrar força mental ou moral para tanto. - Q-quase ac-acreditei - replicou Bill, dando de ombros. Ele parecia que ia dizer mais, porém abanou a cabeça e calou-se. - Isso explica muita coisa - disse Eddie lentamente. - O palhaço, o leproso, o lobisomem... - Olhou para Stan. - E também os garotos mortos, eu acho. Está parecendo um trabalho para Richard Tozier - disse Richie, na Voz do Locutor do Cinejornal MovieTone, - o homem das mil piadas e dos seis mil enigmas. - Se mandarmos você cuidar disso, seremos todos mortos - replicou Ben. - Aos pouquinhos. Com grande dor. Todos tornaram a rir quando o ouviram. - Então, o que faremos? - quis saber Stan e, novamente, Bill só pôde menear a cabeça... achando que quase sabia. - Stan levantou-se. - Vamos para outro lugar qualquer. Estou ficando de traseiro dormente! - Eu gosto daqui - disse Beverly. - Tem sombra e é gostoso. - Olhou para Stan. - Você talvez queira fazer coisas próprias de *bebezinhos.* Como ir ao depósito de lixo e quebrar garrafas com pedradas.

- Gosto de jogar pedras (*rocks no original, em alusão ao rock and roll - N. da T.*) e quebrar garrafas - disse Richie, levantando-se ao lado de Stan. - É o meu lado de disk jockey, queridinha- - Ele ergueu a gola e começou a andar empertigado como James Dean em *Juventude Transviada.* - Eles me *magoam* - disse, parecendo temperamental e coçando o peito. - Sabem como é, poxa! Meus pais. A escola. A so-SI-edade. Todos. É a pressão, queridinha. É a... Pedras - É a merda - disse Beverly, e suspirou. - Tenho algumas bombinhas - disse Stan. Imediatamente, todos esqueceram tudo sobre glamours, manitus e a péssima imitação de James Dean feita por Richie, quando Stan tirou do bolso traseiro da calça um caixa de Gatos Negros. O próprio Bill ficou impressionado. - N-N-Nossa, S-S-Stan, on-onde f-f-foi que ar-aranjou is-isso? - Com aquele garoto gordo que vai comigo à sinagoga algumas vezes - disse Stan. - Troquei uma pilha de revistinhas do Super-homem e Luluzinha por elas. - Vamos soltá-las! - gritou Richie, quase apoplético em sua alegria. - Vamos soltá- las, Stanny! Juro que não falarei mais que caras como você e seu pai mataram Cristo! O que diz? Até direi que seu nariz é *pequeno,* Stanzinho! Direi que você não é circuncidado! Ao ouvi-lo, Beverly começou a torcer-se de rir e, de fato, estava perdendo o fôlego antes de cobrir o rosto com as mãos. Bill começou a rir, Eddie começou a rir e, após um momento, o próprio Stan ria também. O som das risadas transmitiu-se através da ampla expansão uniforme do Kenduskeag naquele dia antes do 4 de julho, um som estival, tão animado como os raios do sol refletindo-se da água, e nenhum deles viu os olhos alaranjados que os fitavam de um emaranhado de estéreis amoreiras silvestres, à esquerda do grupo. Aquela faixa de arbustos percorria toda a margem ao longo de uns nove metros, e no centro dela ficava um dos buracos de morlock de Ben. Era daquele encanamento elevado de concreto que os olhos, cada um com mais de sessenta centímetros de diâmetro, estavam espiando.

5

Nesse mesmo dia, Mike tinha encrencas com Henry Bowers e seu-nada-divertido- grupo, porque o dia seguinte era o Glorioso Quatro de Julho. A Escola da Igreja tinha uma banda, na qual ele tocava trombone. No dia 4, a banda desfilaria na parada anual do feriado, tocando o "Hino de Batalha da República", "Avante, Soldados de Cristo" e "América, a Bela". Mike foi a pé para o ensaio final, porque a corrente de sua bicicleta emperrara. O ensaio estava marcado para duas e meia da tarde, porém ele saiu de casa à uma hora, com intenção de polir seu trombone - guardado na sala de música da escola - até vê-lo reluzir. Embora seus dotes de trombonista não fossem muito melhores do que os de Richie para as Vozes, Mike apreciava o instrumento e, sempre que se sentia melancólico, uma meia hora tocando as marchas de Sousa, hinos ou canções patrióticas, tornava a deixá-lo alegre. Em um dos bolsos de sua camisa caqui havia uma lata de polidor de latão, e uns dois ou três trapos limpos pendiam do bolso traseiro do jeans. Henry Bowers era algo que nem lhe passava pela cabeça. Um olhar para trás ao aproximar-se da Rua Neibolt e da Escola da Igreja modificaria prontamente seus pensamentos, porque Henry, Victor, Arroto,Peter Gordon e Moose Sadler, estavam dispersos na rua, atrás dele. Se houvesse deixado a casa de

Bowers cinco minutos mais tarde, Mike já estaria fora de vista, tendo ultrapassado a crista da colina mais próxima. E então, a apocalíptica batalha a pedradas e tudo que se seguiu podiam ter acontecido de maneira diferente - ou não acontecido, em absoluto. No entanto, anos mais tarde, foi o próprio Mike quem aventou a idéia de que talvez nenhum deles fosse inteiramente dono de si, nos eventos daquele verão; que se a sorte e o livre-arbítrio tivessem desempenhado papéis, então haviam desempenhos muito pequenos na época. Ele apontaria inúmeras destas suspeitosas coincidências aos outros, no almoço de reunião, mas havia uma, pelo menos, que ele ignorava. O encontro nos Barrens, aquele dia, foi interrompido quando Stan Uris mostrou a caixa de Gatos Negros, e o Clube dos Perdedores rumou para o depósito de lixo a fim de soltar as bombinhas. Quanto a Victor, Arroto e os outros, haviam ido à propriedade dos Bowers, porque Henry tinha fogos, bombinhas de vários tipos e M-80 (a posse destes últimos seria considerada delito grave, alguns anos mais tarde). Os garotos maiores pretendiam ir até além da carvoaria no pátio ferroviário e explodir lá os tesouros de Henry. Em circunstâncias normais, nenhum deles, nem mesmo Arroto, costumava ir à propriedade dos Bowers - principalmente por causa do pai maluco de Henry, mas também porque sempre terminavam ajudando o filho a fazer suas tarefas: semear, recolher pedras do solo incessantemente, juntar lenha, apanhar água, juntar o feno e colher o que quer que estivesse maduro na temporada - ervilhas, tomates ou batatas. Aqueles garotos não eram exatamente alérgicos ao trabalho, mas já tinham muito o que fazer em suas próprias casas, sem terem que suar para o pai biruta de Henry, a quem não fazia diferença sobre quem agredisse no momento (certa vez, batera em Victor Criss com um pedaço de lenha do fogão, quando o garoto deixou virar uma cesta de tomates que estava arrastando até o estande de vendas, na beira da estrada). Levar uma paulada com um pedaço de vidoeiro nada tinha de agradável; o que tornara a coisa pior era que Butch Bowers cantarolara "Vou matar *todos* os amarelos! Vou matar *todos* os fodidos amarelos!" quando dera a paulada. Embora algo retardado, Arroto Huggins expressara perfeitamente seu ponto de vista. "Estou me fodendo para gente maluca", havia dito a Victor certo dia, dois anos antes. Rindo, Victor concordara. Contudo, o canto de sereia de todos aqueles fogos havia sido forte demais para o ignorarem. - Escute uma coisa, Henry - disse Victor, quando Henry telefonou às nove daquela manhã, convidando-o. - Que tal encontrar você na carvoaria, lá pela uma da tarde? - Apareça na carvoaria a essa hora, e não me verá lá - replicou Henry. - Tenho muito que fazer em casa. Se aparecer na carvoaria às três da tarde, eu *estarei* lá, e o primeiro M-80 vai explodir direto no seu traseiro, Vic. Vic hesitou, depois concordou em ir e ajudá-lo nas tarefas. Os outros foram também. Os cinco, todos bem corpulentos, trabalhando como mouros pela propriedade dos Bowers, terminaram todas as tarefas no início da tarde. Quando Henry perguntou ao pai se podia ir, este limitou-se a fazer um gesto lânguido de mão para o filho. Butch já se acomodara no alpendre dos fundos para passar a tarde, com uma garrafa de meio litro de leite cheia de uma cidra especialmente forte, ao lado da cadeira de balanço, o rádio portátil Philco assentado na balaustrada (mais tarde, naquela tarde, os Red Sox estariam jogando com os Senadores de Washington, uma perspectiva que deixaria qualquer homem que *não* fosse maluco, com um caso sério de arrepios de gripe). Uma espada japonesa, fora da bainha, jazia no colo de Butch. Era uma lembrança de guerra que, segundo ele, havia recolhido de um japonês moribundo na ilha de Tarawa (em realidade, trocara por ela seis garrafas de Budweiser e três volantes, em Honolulu).

Quando bebia em casa, Butch habituara-se a sempre pegar aquela espada. E, uma vez que todos os garotos, inclusive o próprio Henry, estavam secretamente convencidos de que, cedo ou tarde, ele a usaria em alguém, era melhor estarem longe quando ela surgia no colo de Butch. Os garotos mal haviam pisado na estrada, quando Henry avistou Mike, bem à frente deles. - É o negro! - exclamou. Seus olhos brilhavam como os de uma criança pequena esperando a iminente chegada de Papai Noel na véspera do Natal. - O negro? - Arroto Huggins parecia intrigado - só via os Hanlon raramente - mas então seus olhos acenderam-se. - Oh, sim! O negro! Vamos pegar ele, Henry! Arroto iniciou uma ruidosa corrida. Os outros iam segui-lo, quando Henry agarrou Arroto e o puxou para trás. Ele tinha mais experiência do que os companheiros em perseguir Mike Hanlon, sabendo que, para agarrá-lo, era mais fácil falar do que fazer. Aquele garoto negro sabia *mover-se.*

- Ele ainda não nos viu. Vamos continuar andando, até que veja a gente. Encurtar a distância. Assim fizeram. Um observador ficaria divertido: os cinco pareciam disputar aquela peculiar competição olímpica em que o participante se limita a caminhar desengonçadamente, sem chegar a correr. A pança considerável de Moose Sadler sacudia-se para cima e para baixo, dentro de sua camiseta do Ginásio de Derry. O suor rolava pelo rosto de Arroto, que logo ficou afogueado. Contudo, a distância entre eles e Mike ia ficando menor - duzentos metros, cento e cinqüenta, cem - e até então, o Negrinho Sambo ainda não olhara para trás. Eles podiam ouvi-lo assobiando. - O que vai fazer com ele, Henry? - perguntou Victor Criss, em voz baixa. Soava ligeiramente interessado, mas a verdade é que estava preocupado. Ultimamente, Henry começava a deixá-lo cada vez mais preocupado. Pouco importava se Henry quisesse surrar o garoto Hanlon, inclusive rasgar-lhe a camisa ou jogar-lhe as calças e roupa de baixo no alto de uma árvore, mas não tinha certeza de ser isso o que seu amigo tinha em mente. Nesse ano, houvera vários encontros desagradáveis com as crianças da Escola Elementar de Derry, mencionadas por Henry como “os merdinhas”. Henry estava acostumado a dominar e aterrorizar os merdinhas, Porém, depois de março, haviam sido ludibriados várias vezes. Henry e os amigos haviam perseguido um deles, o garoto Tozier quatro-olhos, até o interior da Freese’s, onde lhe perderam o rastro, quando ele já parecia com o traseiro em suas mãos. E depois, no último dia de aula, aquele garoto Hanscom... Enfim, Victor não gostava de pensar nisso. O que o deixava preocupado, simplesmente, era isto: Henry podia ir LONGE DEMAIS. E Victor não queria pensar no significado de LONGE DEMAIS., porém seu coração inquieto insistia naquilo. - Vamos agarrar o negro e levá-lo para aquela carvoaria - disse Henry. - Pensei que poderíamos botar umas duas bombas em seus sapatos e ver se ele dança. -• Certo, mas não as M-80, está bem, Henry? Se Henry pretendesse algo semelhante, Victor daria o fora. Uma M-80 em cada sapato arrancaria os pés do negrinho, e isso era ir *muito* LONGE DEMAIS. - Só tenho quatro M-80 - disse Henry, sem afastar os olhos das costas de Mike Hanlon. Tinham encurtado a distância para setenta e cinco metros, de maneira que falavam em voz baixa. - Acha que ia gastar duas delas em um negro fodido? - Não, Henry. Claro que não.

- Vamos apenas botar dois Gatos Negros em seus tênis - declarou Henry. - Depois, vamos deixá-lo nú e jogamos suas roupas nos Barrens. Talvez ele se dê mal com a hera venenosa quando for procurá-las. - Podemos fazer o negro rolar no carvão - disse Arroto, com os olhos anteriormente apáticos, agora vivos e cintilantes. - Certo, Henry? Legal, não? - Claro, muito legal - replicou Henry, em um tom que Victor não gostou muito. - Vamos fazê-lo rolar no carvão, justo como eu o rolei na lama, aquela outra vez. E... - Henry sorriu, mostrando dentes que já começavam a cariar, com apenas doze anos. - E eu tenho uma coisa para dizer a ele. Acho que não ouviu, quando lhe disse antes. - O que é, Henry? - perguntou Peter. Peter Gordon estava apenas interessado e excitado. Vinha de uma das "boas famílias" de Derry; morava na Broadway Oeste e, em mais dois anos, seria enviado à escola preparatória em Groton - ou, pelo menos, assim acreditava naquele 3 de julho. Era mais inteligente do que Vic Criss, porém não convivera com eles o suficiente, para perceber como Henry estava se erodindo. -Você verá - disse Henry. - Agora, bico calado. Estamos chegando perto. Estavam vinte e cinco metros atrás de Mike, e Henry ia abrir a boca para dar a ordem de atacar, quando Moose Sadler soltou o primeiro foguete do dia. Ele havia comido três pratos de feijões assados na noite anterior, de maneira que o peido foi quase tão forte como um tiro de revólver. Mike olhou em torno. Henry viu seus olhos esbugalharem-se. - Peguem ele! - berrou Henry. Mike ficou gelado por um instante, mas então disparou para diante, correndo para salvar a vida.

6

Os Perdedores abriram caminho por entre os bambus dos Barrens, avançando nesta ordem: Bill, Richie, Beverly atrás de Richie, bonita e esguia em blue jeans e uma blusa branca sem mangas, com sapatilhas de lona, depois Ben, tentando não ofegar muito alto (embora naquele dia a temperatura fosse de vinte e sete graus, ele usava uma de suas frouxas camisas de algodão), Stan e Eddie fechando a fila, com o bico do aspirador assomando no bolso direito da calça. Bill estava vivendo uma fantasia de "safári na selva", como acontecia regularmente, ao caminhar por aquele trecho dos Barrens. Os bambus eram altos e brancos, limitando a visibilidade à trilha que tinham aberto por ali. A terra era negra e escorregadia, com trechos lamacentos, que eram contornados ou saltados, para evitar lama nos calçados. As poças de água estagnada ofereciam curiosos tons planos de arco- íris. O ar tinha um cheiro forte, metade proveniente do lixo e metade da vegetação apodrecida. Bill fez alto em uma curva que se distanciava do Kenduskeag e se virou para Richie. - T-T-Tigre à frente, T-T-Tozier. Richie assentiu, por sua vez virando-se para Beverly. - Tigre - sussurrou. - Tigre - disse ela a Ben.

- Comedor de homens? - perguntou Ben, prendendo o fôlego, a fim de não arquejar. Está todo sujo de sangue - disse Beverly.- Tigre comedor de homem - Ben murmurou para Stan. Stan passou a notícia para Eddie, cujo rosto fino estava corado de excitamento. O grupo infiltrou-se no bambuzal, saindo da trilha de terra negra que serpenteava através dele, magicamente nua. O tigre passou diante deles, e todos quase o viram: pesado, talvez uns duzentos quilos, os músculos movendo-se com graça e potência sob o sedoso pêlo listrado. Quase viram seus olhos verdes e as gotículas de sangue em torno do focinho, proveniente do último bando de guerreiros pigmeus que havia comido vivos. Os bambus roçagaram fracamente, produzindo um ruído musical e fantasmagórico ao mesmo tempo, depois aquietaram-se. Poderia ter sido o hálito de uma brisa estival... ou a passagem de um tigre africano, a caminho de Old Cape, no lado que se confinava com os Barrens, - Já se foi - avisou Bill. Soltando de todo a respiração, ele voltou à trilha. Os outros o seguiram. Richie era o único que viera armado: tinha uma pistola de brinquedo, que disparava por fricção. - Eu podia tê-lo baleado limpamente, se você não me tapasse a visão, Grande Bill - disse, taciturno, empurrando os óculos velhos para o alto do nariz, com o cano da pistola. - Há w-w-watusis por a-a-aqui - disse Bill. - V-V-Você não po-poderia ar-arriscar um ti-tiro. Q-Quer que e-eles ca-caiam em c-cima da ge-ge-gente? - Oh! - exclamou Richie, convicto. Bill fez um gesto de "vamos!" com o braço, e continuaram pela trilha, agora estreitando-se em gargalo, ao final da zona do bambuzal. Foram sair diretamente na margem do Kenduskeag, onde uma série de pedras através da corrente permitia a passagem para o outro lado. Ben lhes mostrara como colocá-las. Pega-se uma pedra grande, que é jogada na água. Depois, pega-se uma segunda, jogando-a também na água, mas com os pés sobre a primeira pedra. A seguir, joga-se na água uma terceira pedra, pisando-se na segunda, e assim por diante, até chegar-se à outra margem do rio (que ali, naquela época do ano, tinha menos de trinta centímetros de profundidade e de seu leito argiloso emergiam fulvos bancos de areia), com os pés ainda secos. O truque era tão simples e quase infantil... No entanto, nenhum deles tivera a idéia, antes de Ben apontá- la. Ele era bom em coisas assim, mas quando ensinava o que fazer, nunca era de maneira a que os outros se sentissem menos inteligentes. Desceram a margem em fila indiana e começaram a cruzar a corrente, por cima das pedras que haviam posto ali. - Billy! - chamou Beverly, com urgência na voz. Ele ficou rígido imediatamente, sem olhar para trás, com os braços estendidos. A água corria e rumorejava à volta dele. - O que foi? - Há uma piranha ali! Eu a vi comer uma vaca inteira, faz dois dias. Um minuto depois que a vaca caiu ao rio, só havia ossos. Não vá cair! - Certo - respondeu Bill. - Tomem cuidado, homens. Eles caminharam cautelosamente por sobre as pedras. Um trem cargueiro passou ruidosamente pelos trilhos assentados no talude, quando Eddie Kaspbrak quase chegava à metade do trajeto. O súbito apito do trem quase o fez perder o equilíbrio. Ele olhou para a água brilhante e, por um momento, entre os reflexos do sol na água, que lançavam flechas de luz dentro de seus olhos, de fato *viu* as piranhas que passavam. Tinha certeza de que não era parte do faz-de-conta que acompanhava a fantasia de Bill sobre o safári na

selva. O peixe que viu assemelhava-se a um gigantesco peixe dourado, com as enormes e feias mandíbulas dos bagres ou meros. Dentes serrilhados projetavam-se dos beiços grossos e, como os peixes dourados, eram também alaranjados. Tão alaranjados como os fofos pompons que às vezes vemos no traje que os palhaços usam nos circos. Os peixes circularam na água rasa, rilhando os dentes. Eddie girou os braços, procurando equilibrar-se. *Vou cair,* pensou. *Vou cair e eles me comerão vivo...*

Então Stanley Uris agarrou seu pulso com firmeza e o trouxe de volta ao ponto morto. - Por pouco - disse Stan. - Se você caísse, ia ouvir o diabo de sua mãe! Pela primeira vez, a lembrança da mãe nem passara pela cabeça de Eddie. Os outros já tinham chegado à margem oposta e contavam os vagões do trem cargueiro. Eddie olhou ansiosamente para as pupilas de Stan e depois tornou a fitar a água. Viu um saco de batatas fritas passar dançando ao sabor da corrente, perto dele, mas foi tudo. Tornou a olhar para Stan. - Stan, eu vi... - O quê?Eddie balançou a cabeça. - Nada, acho - respondeu. - Estou apenas um pouco *mas eles estavam lá sim estavam lá e me teriam comido vivo* assustado. Talvez por causa do tigre. Vamos andando. Aquela margem oeste do Kenduskeag - a margem do Old Gape - era um pesadelo de lama durante o tempo chuvoso e o degelo da primavera, mas fazia duas ou mais semanas que não chovia em Derry, e a terra secara de todo, aparecendo estranhamente vidrada e rachada; dela apontavam vários daqueles cilindros de cimento, lançando pequenas sombras soturnas. Cerca de vinte metros abaixo, uma tubulação de cimento projetava-se acima do Kenduskeag e nele derramava um filete de água acastanhada, de triste aparência. - Aqui mete medo - disse Ben quietamente. Os outros assentiram. Bill conduziu-os pela margem ressequida acima e voltaram a internar-se na espessa vegetação, onde besouros zumbiam e ácaros terrestres rastejavam. De vez em quando, havia um forte bater de asas, quando uma ave levantava vôo. Uma vez, um esquilo cruzou correndo o caminho deles e, uns cinco minutos depois, ao aproximarem-se da baixa depressão onde era depositado o lixo da cidade, um enorme rato, com um pedaço de celofane aderido aos bigodes, saltitou pela frente de Bill, em secreta disparada através de seu próprio e *microcósmico* reino agreste. O cheiro do lixo agora era forte e penetrante; uma negra coluna de fumaça elevava-se ao céu. O solo, embora ainda coberto de farta vegetação aos lados da estreita trilha, começava a aparecer juncado de detritos. Bill apelidara aquilo de "caspa de lixo", o que deixara Richie deliciado; ele tinha rido até quase chorar. - Você devia escrever sobre isso, Grande Bill - havia dito. - A idéia é muito boa mesmo! Papéis agarrados aos galhos sacudiam-se e agitavam-se como bandeirolas rasgadas; ali havia um brilho prateado do sol de verão, refletindo-se de um punhado de latas de folha, caídas no fundo de um baixio verdejante e cheio de mato. Adiante, surgia o reflexo mais quente dos raios solares, dançando no fundo de uma garrafa quebrada de cerveja. Beverly avistou uma boneca, a pele de plástico tão vivamente rosada que quase parecia ter sido queimada. Apanhou-a e depois a soltou com um pequeno grito quando viu os besouros cinza-esbranquiçados enxameando por baixo da saia mofada e das perninhas carcomidas. Esfregou os dedos nos jeans.

Eles subiram ao alto da rampa que escondia o depósito de lixo e olharam para baixo. - Oh, merda! - exclamou Bill, e enfiou as mãos nos bolsos, enquanto os outros amontovam-se à sua volta. Eles queimavam o lixo da extremidade norte esse dia, mas ali, naquela extremidade dos Perdedores, o vigia do depósito (era Armando Fazio, Mandy para os amigos, irmão solteiro do zelador da Escola Elementar de Derry) estava consertando o trator D-9, da Segunda Guerra Mundial, que ele usava para empilhar o lixo antes de ser queimado. Havia tirado a camisa, e o grande rádio portátil debaixo do toldo de lona do trator, no assento, irradiava as festividades de antes do jogo Red Sox-Senadores. - Não podemos descer até lá - concordou Ben. Fazio não era mau sujeito, mas quando via garotos no depósito de lixo, expulsava- os imediatamente - por causa dos ratos, por causa do veneno que espalhava regularmente, a fim de manter baixa a proliferação daqueles roedores, por causa do potencial em cortes, quedas, queimaduras... mas principalmente por acreditar que lixo não era lugar apropriado para crianças. - "Cês não são distintos?" - ele gritava para as crianças que via pelo depósito, com suas 22 de brinquedo para acertar garrafas (ou ratos, ou gaivotas), ou atraídas pelo exótico fascínio da "coleta": era possível encontrar-se um brinquedo que ainda funcionava, uma cadeira que podia ser consertada para um clubinho de turma ou uma TV avariada, com o tubo ainda intacto - quando se jogava uma pedra naqueles tubos, havia uma explosão bastante satisfatória. - 'Cês não são garotos *distintos?* - gritava Mandy (não por estar zangado, mas porque era surdo e não usava aparelho auditivo). - Não foram educados pra ser distintos? Meninos e meninas distintos não brincam com lixo! Por que não vão pro parque? Ou então pra biblioteca? Ou pra Casa Comunitária, jogar hóquei de salão! 'Cês tem que ser *distintos!*

Richie abanou a cabeça, dizendo para os companheiros: - Negativo. Acho que o depósito de lixo está fora. Ficaram sentados ali uns momentos, vendo Mandy trabalhar em seu trator, esperando que ele desistisse e fosse embora, mas não acreditando muito que tivessem tanta sorte: a presença do rádio sugeria que Mandv pretendia ficar ali a tarde inteira. Aquilo era suficiente para irritar qualquer um, pensou Bill. De fato, não havia melhor lugar para soltar fogos do que o depósito de lixo. A gente podia colocar as bombas debaixo de latas de folha e depois vê-las voar pelos ares, quando os fogos explodiam. Também se podia acender o estopim, deixá-las cair dentro de garrafas e então, correr como o diabo. Nem sempre as garrafas se quebravam, mas isso era uma exceção da regra. - Que bom se a gente tivesse umas M-80! - suspirou Richie, ignorando que em breve uma explodiria perto de sua cabeça. - Minha mãe diz que uma pessoa deve contentar-se com o que possui - disse Eddie, tão solenemente que todos riram. Quando os risos morreram, todos olharam novamente para Bill. - S-S-Sei de um 1-lugar - disse Bill, após meditar a respeito. - Há uma v-v-velha cas-cas-cascalheira no fim dos B-B-Barrens, perto do p-p-pátio fe-fe-ferroviário... - Isso! - exclamou Stan, levantando-se. - Sei onde é! Bill, você é um gênio! - As bombas podem fazer um eco e tanto por lá - concordou Bev. - Muito bem, vamos indo! - disse Richie. Os seis, um a menos para o número mágico, seguiram ao longo da elevação que circundava o depósito de lixo. Mandy Fazio ergueu os olhos uma vez, e os viu silhuetados contra o céu azul, como índios partindo em excursão pela pradaria. Pensou

em gritar para eles - os Barrens não eram lugar para crianças - mas, em vez disso, retornou ao seu trabalho. Pelo menos, eles não estavam em sua lixeira.

7

Mike Hanlon passou correndo diante da Escola da Igreja, sem parar, disparando pela Rua Neibolt em direção ao pátio ferroviário de Derry. Havia um zelador na Escola da Igreja da Rua Neibolt, mas o Sr. Gendron era muito velho e ainda mais surdo do que Mandy Fazio. Além disso, ele gostava de passar a maior parte dos dias de verão cochilando no porão, junto ao boiler desligado, estirado em uma velha espreguiçadeira, com o *News* de Derry no colo. Mike ainda estaria batendo à porta e gritando para que o velho o deixasse entrar, quando Henry Bowers surgiria às suas costas, para fazer com ele o que bem entendesse. Assim, Mike apenas continuou correndo. Só que não corria sem destino e nem cegamente; procurava manter o ritmo, tentava controlar a respiração, ou logo ficaria esgotado. Henry, Arroto e Moose Sadler não apresentavam problemas; mesmo relativamente descansados, corriam como búfalos feridos. Victor Criss e Peter Gordon, no entanto, eram muito mais velozes. Quando passou pela casa onde Bill e Richie tinham visto o palhaço - ou o lobisomem - ele deitou um olhar para trás e alarmou-se, ao ver que Peter Gordon encurtara ainda mais a distância. Peter sorria alegremente - era um sorriso de corredor a pé, um sorriso de jogador de pólo a toda velocidade, um sorriso diante de um espetáculo infernalmente bom, e Mike pensou: *Duvido que ele sorrisse assim se soubesse o que irá acontecer se eles me pegarem... Estará ele pensando que vão apenas dizer "Pique, você está fora", e depois irem embora?*

Quando surgiu o portão do pátio ferroviário à vista, com seu aviso - PROPRIEDADE PRIVADA ENTRADA PROIBIDA OS INVASORES SERÃO PROCESSADOS - Mike estava chegando ao limite de suas forças. Não havia dor - a respiração era apressada, mas ainda sob Controle - porém ele sabia que tudo começaria a doer se mantivesse aquele ritmo por muito tempo. O portão estava entreaberto. Mike lançou um segundo olhar para trás e viu que tornara a distanciar-se de Peter. Victor vinha uns dez passos atrás de Peter, os outros agora a uns quarenta ou cinqüenta metros de distância dele. Mesmo naquele breve olhar, Mike pôde ver a raiva surda no rosto de Henry. Esgueirando-se pela abertura do portão, Mike se virou e o fechou com força. Ouviu o clique do ferrolho encaixando-se. Um momento mais tarde, Peter se chocava no aramado e, logo depois, Victor Criss chegava ao seu lado. O sorriso de Peter desaparecera, agora substituído por uma expressão sombria e furiosa. Ele estendeu a mão para o ferrolho, mas não havia nenhum, já que ficava do outro lado. Inacreditavelmente, Peter gritou: - Vamos, garoto, abra o portão! Isso não é justo! - O que você acha que seja justo? - perguntou Mike, ofegando. - Cinco contra um? - Vamos, abra, não é justo! - repetiu Peter, como se não tivesse ouvido uma palavra do que Mike dissera. Olhando para Victor, Mike viu o ar perturbado em seus olhos. Começou a falar, porém os outros chegavam ao portão nesse momento.

- Abra, negro! - urrou Henry. Começou a sacudir o aramado do portão com tal ferocidade, que Peter se virou para ele, espantado. - Abra isto! Abra *imediatamente!*
- Não vou abrir - respondeu Mike, em voz calma. - Abra! - gritou Arroto. - Abra logo, seu negrinho fodido! Mike recuou do portão, com o coração batendo forte no peito. Não se lembrava de ter ficado tão assustado, tão absolutamente *preocupado.* Os outros enfileiravam-se do outro lado do portão, gritando para ele, chamando-o de sinônimos para negro que nunca sonhara existirem - crioulo, pretume, amora-preta, negróide, carvão, outros... Mal percebeu que Henry tirava algo do bolso, que acendera um fósforo de madeira com a unha do polegar - e então jogava algo vermelho por cima da grade. Mike inclinou-se e recuou instintivamente, quando a bomba explodiu a seus pés, levantando poeira. A explosão silenciou todos eles por um momento - Mike ficou olhando com incredulidade para os outros, através da grade, e eles também o fitavam. Peter Gordon parecia profundamente chocado e o próprio Arroto dava a impressão de aturdido.

Estão com medo dele agora, pensou Mike subitamente. Então, uma outra voz falou dentro dele, talvez pela primeira vez, uma voz perturbadoramente adulta. *Estão com medo, mas isso não os deterá. Você tem que dar o fora, Mikey, ou alguma coisa vai acontecer. Talvez nem todos eles queiram que aconteça - não Victor, talvez não Peter Gordon - mas acontecerá assim mesmo, porque Henry* fará *com que aconteça. Portanto, caia fora. Vá embora daqui, e depressa!*
Recuou mais dois ou três passos, e então Henry Bowers disse: - Quem matou seu cachorro fui eu, negro! Mike ficou gelado, como se uma bola de boliche o tivesse atingido no estômago. Fitou os olhos de Henry e compreendeu que ele dizia uma verdade simples: que havia matado Mr. Chips. Aquele momento de compreensão pareceu quase eterno a Mike - fitar os olhos alucinados e orlados de suor do outro, seu rosto ensombrecido pela fúria, permitiu que compreendesse muitas coisas importantes pela primeira vez, e o fato de Henry ser ainda mais louco do que ele jamais imaginara foi apenas a última delas. Acima de tudo, Mike percebeu que o mundo não era delicado. Foi isto, mais do que a notícia recebida, que o forçou a soltar um grito: - Seu *bastardo* ordinário e covarde! Henry soltou um guincho de ódio e atacou a grade, escalando-a até o alto como um macaco, pondo nisso uma força bruta que era aterrorizante. Mike ficou parado por mais um momento, querendo ver se aquela voz adulta que falara em seu íntimo era verdadeira - e, sim, ela o fora realmente: após uma breve hesitação, os outros espalharam-se e começaram também a escalar a grade aramada. Mike deu meia-volta e correu novamente, disparando como flecha através do pátio ferroviário, a sombra como esteira a seus pés. O trem cargueiro que os Perdedores tinham visto cruzando os Barrens há muito se fora, e não havia nenhum outro som além da respiração que Mike percebia nos ouvidos, e o chocalhar musical do aramado, quando Henry e os outros escalaram a grade. Mike correu por sobre um tríplice conjunto de trilhos, os tênis jogando cinzas para trás, enquanto cobria o espaço entre eles. Tropeçou ao saltar pelo segundo par de trilhos, e sentiu a dor chamejar brevemente em seu tornozelo. Levantando-se, continuou a correr. Ouviu um baque, quando Henry saltou do alto do aramado às suas costas. - *Aqui vou eu atrás de seu traseiro, negro!* - berrou Henry.

O eu pensante de Mike decidira que os Barrens agora eram sua única chance. Se pudesse chegar lá embaixo, ficaria escondido no matagal emaranhado, no bambuzal... ou, se a situação ficasse realmente desesperadora, poderia enfiar-se em uma das manilhas de escoamento e esperar lá dentro. Talvez pudesse fazer tais coisas... porém havia uma fagulha ardente de raiva em seu peito, que nada tinha a ver com o eu pensante. Podia compreender Henry perseguindo-o, sempre que era possível, mas Mr. Chips?... Matar Mr. Chips? *Meu CACHORRO não era um negro, seu bastardo covarde,* pensou enquanto corria, e sua raiva aumentou. Agora, ouvia outra voz, a voz de seu pai. *Não quero que fique conhecido por viver fugindo... E, resumindo, tudo que tem afazer é tomar cuidado e ver por onde anda. Tem que perguntar a si mesmo se será tão difícil, em relação a Henry Bowers...*

Mike estivera correndo em linha reta através do pátio ferroviário, na direção do depósito pré-fabricado. Além dele, outra grade aramada separava o pátio dos Barrens. Estivera planejando escalar aquela grade e saltar para o outro lado, mas em vez disso dobrou para a direita, na direção da cascalheira. Aquela cascalheira havia sido usada como depósito de carvão até mais ou menos 1935 - era um ponto de parada para os trens que corriam através da cidade. Então, chegou a era das máquinas movidas a diesel e a eletricidade. Por alguns anos, após encerrada a época do carvão (grande parte do que sobrara sendo roubada por pessoas que tinham fornalhas a carvão) um empreiteiro local passara a extrair cascalho dali, mas falira em 1955 e, desde então, a cascalheira ficara deserta. Um ramal ferroviário ainda fazia uma volta até a cascalheira e retornava aos pátios de manobras, porém os trilhos agora estavam enferrujados e ervas daninhas cresciam profusamente entre os dormentes apodrecidos. Aquelas mesmas ervas cresciam na cascalheira, disputando espaço com as varas-de-ouro e os cabeceantes girassóis. No meio da vegetação ainda restara uma boa quantidade de escória de carvão - o material que outrora as pessoas chamavam de "escumalha". Enquanto corria para lá, Mike tirou a camisa. Chegou à borda da cascalheira e olhou para trás. Henry corria por sobre os trilhos, com os amigos espalhados aos seus lados. Aquilo talvez fosse vantajoso. Movendo-se o mais rapidamente que podia e usando a camisa como trouxa, Mike recolheu meia dúzia de punhados de escoria dura. Depois correu para o muro aramado, com a camisa balançando nos braços. Em vez de escalar o aramado, quando chegou junto dele, virou-se e ficou de costas para o muro. Despejou da camisa os endurecidos pedaços de carvão queimado, agachou-se e pegou um punhado de escumalha. Henry não vira a escumalha, mas apenas que o negro ficara encurralado contra o muro aramado. Correu para ele, gritando. - *Isto é por meu cachorro, bastardo!* - gritou Mike, sem perceber que começara a chorar. Levantou a mão e jogou uma escumalha. O pedaço duro de carvão voou em linha reta. Bateu na testa de Henry com um *bonk!* ruidoso e depois de ricochetear, voou pelos ares. Henry caiu de joelhos, levando as mãos à cabeça. O sangue escorreu imediatamente entre seus dedos, como uma surpresa de mágico. Os outros pararam de chofre, com a mesma incredulidade estampada em cada rosto. Henry soltou um uivo agudo de dor e tornou a levantar-se, ainda segurando a cabeça. Mike atirou outro pedaço de carvão. Henry agachou-se. Começou a caminhar para Mike e, quando este atirou uma segunda pedrada, afastou uma das mãos da cabeça ferida e jogou para um lado o pedaço de carvão, quase casualmente. Estava rindo.

- Oh, você vai ter uma surpresa - disse. - MEU DEUS... que surpresa! Vai... Henry ia continuar falando, mas apenas sons gorgolejantes e inarticulados lhe brotaram da boca. Mike jogara outro carvão, e este projétil acertara diretamente a garganta de seu adversário. Henry tornou a cair de joelhos. Peter Gordon soltou uma exclamação silenciosa. Moose Sadler tinha a testa franzida, como se procurasse resolver um difícil problema de matemática. - *O que estão esperando, caras?* - Henry conseguiu falar. Sua voz soava enferrujada e estranha. - *Peguem* ele! *Peguem* esse fodidozinho! Mike não esperou para ver se eles obedeciam ou não. Largou a camisa e saltou para o aramado. Começou a içar-se para o alto, mas então sentiu mãos firmes, agarrando seu pé. Olhou para baixo. Viu o rosto contorcido de Henry Bowers, sujo de sangue e carvão. Mike libertou o pé com um safanão. Seu tênis ficou na mão de Henry. Então, encolhendo o joelho, disparou o pé para baixo, atingindo o rosto do outro e ouvindo algo ranger. Henry tornou a gritar e cambaleou para trás, agora segurando o nariz ensangüentado. Outra mão - a de Arroto Huggins - segurou brevemente a bainha da calça de Mike, mas ele conseguiu libertar-se. Passou uma perna pelo alto do aramado, mas então algo o atingiu com incrível brutalidade no lado do rosto. Algo quente escorreu-lhe pela face. Logo em seguida, foi atingido também no quadril, no braço, na coxa. Eles agora o atacavam com sua própria munição. Ficou pendurado brevemente pelas mãos e então se deixou cair, rolando pelo chão duas vezes. O solo coberto de mato, ali, tinha uma acentuada descida, e talvez isto tenha salvo a visão de Mike Hanlon ou mesmo sua vida; Henry tornara a aproximar-se do aramado, por sobre o qual agora atirava um de seus quatro M-80. A bomba explodiu com um aterrorizante CRRAAACK!, ecoando estrondosamente e deixando pelado um bom trecho de chão. Com os ouvidos retinindo, Mike rolou por sobre a cabeça e calcanhares, mas conseguiu levantar-se, com certo esforço. Agora estava em meio ao mato alto, na borda dos Barrens. Passou a mão pela face direita e a retirou suja de sangue. O sangue não o preocupava muito; não tinha esperado sair dali ileso. Henry atirou agora uma bomba de menos potência, mas Mike a viu chegando e afastou-se sem dificuldade. - Vamos pegar ele! - rugiu Henry, começando a escalar o muro. - Escute, Henry, eu não acho... - começou Peter Gordon. Aquela situação estava indo longe demais para seu gosto, já que nunca se envolvera em algo subitamente transformado em um encontro tão selvagem. Nunca esperava que as coisas ficassem sangrentas - pelo menos, não para sua turma - quando as chances estavam do seu lado. - É *melhor* você achar - disse Henry, olhando para ele, já tendo escalado metade do muro. Ficou parado ali, como sangrenta aranha venenosa em forma humana. Seus olhos perversos fitaram Peter, marcados de sangue em um lado do rosto. O pontapé de Mike lhe quebrara o nariz, embora Henry ainda demorasse algum tempo a perceber isso. - É *melhor* achar que está tudo bem ou *você* é que terá que se ver comigo, seu fodido idiota! Os outros começaram a escalar o muro, Peter e Victor com alguma relutância, Arroto e Moose tão alheadamente como antes. Mike não quis ver mais nada. Dando meia-volta, correu para o matagal, embrenhando-se entre os arbustos. Atrás dele, Henry gritava: - *Eu acho você, negro! Eu acho você!*

8

Os Perdedores tinham atingido o outro lado da cascalheira, que agora era pouco mais do que um enorme bolsão coberto de mato, três anos após ter sido retirada dali a última carga de cascalho. Estavam todos reunidos em torno de Stan, olhando apreciativamente para seu pacote de Gatos Negros, quando soou a primeira explosão. Eddie saltou - ainda estava apavorado com a piranha que julgara ter visto (não sabia bem qual o aspecto *real* de uma piranha, mas tinha certeza absoluta de que não pareciam gigantescos peixes dourados providos de dentes). - Não se pleocupe, Eddie-san - disse Richie, fazendo sua Voz de Cule Chinês. - São apenas outlas clianças, soltando fogos de altifício. - E-E-Esta f-f-foi de la-lascar, R-Ri-Richie - comentou Bill. Os outros riram. - Eu continuo tentando, Grande Bill - replicou Richie. - Imagino que, se ficar bom nisso o suficiente, merecerei o seu amor. Richie fez elegantes gestos de atirar beijos para o ar. Bill deu-lhe um tiro com o dedo. Ben e Eddie ficaram lado a lado, rindo. - Oh, eu sou tão jovem e você tão velho - cantarolou Stan Uris subitamente, fazendo uma passável imitação de Paul Anka, - já me disseram que minha querida... - Ele sabe *cantá!*. - guinchou Richie, em sua Voz de Negrinho Sulista. - Tá vendo só, senhorita, este garoto aqui sabe *cantá!* - E depois, com sua Voz de Locutor do Cinejornal MovieTone: - Queira assinar aqui, garoto, na linha pontilhada. - Passando um braço pelos ombros de Stan, ofereceu-lhe um enorme e cintilante sorriso. - Vamos deixá- lo de cabelos compridos, garotão. Nós lhe daremos uma guitarra. Vamos... Bill bateu duas vezes no braço de Richie, rápida e ligeiramente. Estavam todos excitados com a perspectiva de soltarem os fogos. - Abra uma caixa, Stan - disse Beverly. - Eu tenho fósforos. Tornaram a reunir-se em torno de Stan, enquanto ele abria cuidadosamente seu embrulho de bombas. Havia exóticos caracteres chineses na etiqueta negra e um sóbrio aviso em inglês, que provocou novas risadinhas de Richie. “Depois de aceso o estopim não continue segurando na mão”, dizia o aviso. - Que belo conselho me dão! - exclamou Richie. - Sempre costumei segurar as bombas, depois de acendê-las. Acho que é a melhor maneira de ficarmos livres de unhas compridas. Trabalhando lentamente, quase com reverência, Stan removeu o celofane vermelho e depositou o bloco de tubos de papelão, vermelhos, azuis e verdes, sobre a palma da mão. Seus estopins haviam sido trançados juntos, em um rabicho chinês. - Vou desenrolar as... - começou Stan, quando houve o eco de uma explosão muito mais ruidosa. O eco rolou lentamente através dos Barrens. Uma nuvem de gaivotas elevou-se do lado leste do depósito de lixo, gritando e grasnando. Os Perdedores saltaram de susto desta vez. Stan deixou as bombas caírem e precisou recolhê-las. - Seria dinamite? - perguntou Beverly nervosamente. Virava-se para Bill, que erguera a cabeça, de olhos muito abertos. Ela pensou que nunca vira ninguém tão bonito - mas havia algo demasiado alerta, demasiado tenso, na atitude de sua cabeça. Ele era como um alce, farejando incêndio no ar.

- Acho que foi uma M-80 - disse Ben quietamente. - No último Quatro de Julho, eu fui ao parque e lá estavam aqueles garotos do ginásio com duas M-80. Puseram em uma lata de lixo de aço. Fez um barulho como esse. - A bomba furou a lata, Monte de Feno? - perguntou Richie. - Não, mas ela ficou com um lado estufado para fora. Como se houvesse um sujeito dentro, dando pancadas. Os caras fugiram. - A explosão agora foi mais perto - disse Eddie, também olhando para Bill. - Vocês querem soltar estas bombas ou não? - perguntou Stan. Já tinha desemaranhado uns doze fogos e deixara os outros embrulhados no papel encerado, para mais tarde. - Claro - disse Richie. - A-A-Agora n-não! Olharam todos inquisitivamente para Bill, um tanto assustados - mais pelo tom ríspido de sua voz, do que por suas palavras. - A-A-Ag-Agora *n-n-não*\ - repetiu ele, o rosto contorcido pelo esforço em pronunciar as palavras. A saliva escorria de seus lábios. - V-V-Vai aco-acontecer a-a- alguma co-coisa! Eddie passou a língua pelos lábios, Richie empurrou os óculos pelo nariz suado e escorregadio, usando o polegar. Ben chegou mais para perto de Beverly, sem mesmo pensar no que fazia. Stan abriu a boca para dizer algo, mas houve outra explosão - agora menor. Uma explosão de bombinha. - Pe-Pe-Pedras! - disse Bill. - O quê, Bill? - perguntou Stan. - *Pe-Pedras. Mu-Mu-Munição!*

Bill começou a ajuntar pedras, enfiando-as nos bolsos, até ficarem estufados. Os outros olharam para ele, julgando que enlouquecera... e então Eddie sentiu o suor porejar em sua testa. De repente, soube como seria um ataque de malária. Sentira algo parecido no dia em que ele e Bill tinham conhecido Ben (exceto que Eddie, como os outros, já começava a pensar nele como Monte de Feno), aquele dia em que Henry Bowers tirara sangue casualmente de seu nariz - mas agora era pior. Ele tinha a sensação de que haveria uma cena de Hiroxima nos Barrens. Ben começou a recolher pedras. Depois foi Richie, movendo-se rapidamente e em silêncio. Seus óculos deslizaram por toda a extensão do nariz e caíram no solo forrado de cascalhos. Ele os dobrou alheadamente e os colocou dentro da camisa. - Por que fez isso, Richie? - perguntou Beverly, quase sem voz. - Não sei, garota - respondeu ele, sem parar de juntar pedras. - Beverly, talvez seja melhor você voltar para o depósito de lixo por enquanto - disse Ben, com as mãos cheias de pedras. - Uma *merda,* que vou voltar para lá - replicou ela. - Uma merda em cima de você

todo, Ben Hanscom! Ao terminar de falar, ela agachou-se e também começou a recolher pedras. Stan olhou pensativamente para eles, enquanto juntavam pedras como fazendeiros fanáticos. Depois começou também a apanhá-las, os lábios apertados em uma linha fina e afetada. Eddie sentiu o familiar aperto na garganta.

Não agora, droga, pensou de repente. *Não, se meu amigo precisar de mim. Como Bev disse, merda em cima de* tudo *isso.*

Também ele começou a juntar pedras.

9

Henry Bowers havia ganho corpo muito depressa, para ser ágil ou rápido em circunstâncias normais, mas as circunstâncias do momento não eram normais. Ele estava tomado por um frenesi de dor e de ódio, o que lhe emprestava uma efêmera e incrível mobilidade física. O pensamento consciente havia desaparecido; sua mente era como um incêndio na relva em fins de verão, tudo rosa-avermelhado e cinzento-fumaça. Investiu contra Mike Hanlon, como um touro perseguindo um pano vermelho. Mike seguia uma trilha rudimentar, ao lado da cascalheira, uma trilha que eventualmente o levaria ao depósito de lixo, mas Henry estava fora de si o suficiente para não ligar a tolices como trilhas; enveredou através dos arbustos e folhagens em uma linha reta, não sentindo os pequenos cortes produzidos pelos espinhos, nem as pancadas dos galhos contra seu rosto, pescoço e braços. O único que agora importava era a cabeça nojenta do negro, cada vez mais próxima. Henry tinha uma das M-80 na mão direita e um fósforo de madeira na esquerda. Assim que agarrasse o negro, ia acender o fósforo, chegá-lo à mecha e enfiar tudo na frente das calças do negrinho. Mike sabia que Henry ganhava terreno e que os outros estavam perto de seus calcanhares. Agora estava francamente assustado, mantendo o pânico a distância apenas por um esforço supremo de vontade. Torcera o tornozelo mais seriamente do que pensara, ao cruzar os trilhos, de maneira que coxeava ao correr. O ruído que Henry produzia no matagal, correndo atrás dele, evocava desagradáveis imagens de estar sendo perseguido por um cão matador ou um urso brincalhão. A trilha se abria logo à frente, de maneira que Mike mais caiu do que correu, para dentro da cascalheira. Rolou até o fundo, levantou-se e a tinha cruzado pela metade, quando percebeu que lá havia garotos, seis garotos. Estavam espalhados em uma linha reta e tinham uma expressão curiosa nos rostos. Só bem mais tarde, quando teve tempo de ordenar seus pensamentos, percebeu o que havia de tão curioso naquela expressão: era como se o estivessem esperando. - Ajudem-me... - conseguiu Mike dizer, quando coxeou para junto deles. Dirigiu- se instintivamente para o garoto alto, com os cabelos ruivos. - Garotos... garotos grandes... Foi então que Henry irrompeu dentro da cascalheira. Avistou os seis e então fez alto bruscamente. Por um instante, seu rosto foi marcado pela incerteza e olhou para trás, sobre o ombro. Viu sua tropa e, ao olhar de novo para os Perdedores (Mike agora estava ao lado e ligeiramente atrás de Bill Denbrough, ofegando rapidamente), estava sorrindo. - Conheço você, garoto - disse, falando com Bill. Olhou para Richie: - Também conheço você. Onde estão seus óculos, quatro-olhos? - E antes que Richie pudesse responder, Henry viu Ben. - Oh, você, seu filho da puta! O judeu e o bolão também estão aqui! Essa é sua namorada, gordo? Ben sobressaltou-se ligeiramente, como que em um ataque de arrepios. Nesse momento, Peter Gordon chegou ao lado de Henry. Victor chegou em seguida, postando-se do outro lado do líder do bando. Arroto e Moose foram os últimos. Flanquearam Peter e Victor, e agora os dois grupos oponentes ficaram frente a frente, em linhas ordenadas, quase formais. Ofegando fortemente ao falar e ainda mais semelhante a um pequeno touro humano, Henry disse:- Tenho contas a ajustar com um bocado de vocês, mas por hoje deixo isso passar. Quero esse negro. Portanto, seus merdinhas, caiam fora! - Isso mesmo! - apoiou Arroto, inteligentemente.

- Ele matou meu cachorro! - gritou Mike, em voz aguda e exausta. - Ele mesmo disse isso! - Venha cá, neste minuto - ordenou Henry, - e talvez eu não acabe com você também. Mike tremeu, mas não fez qualquer movimento. Falando clara e suavemente, Bill disse: - Os B-Barrens são nossos. Vocês é q-que vão cair fora. Os olhos de Henry dilataram-se. Era como se houvesse sido esbofeteado inesperadamente. - Quem é que vai me expulsar? - perguntou. - Você, perna de pau? - *N-N-Nós* - disse Bill. - Estamos de s-saco cheio com você, B-B-Bowers. Dê o f-f- fora. - Seu *gaguinho* imbecil! - disse Henry. Agachando a cabeça, ele arremeteu para diante. Bill tinha um punhado de pedras; todos eles tinham a mão cheia, exceto Mike e Beverly, que segurava uma apenas. Bill começou a atirá-las em Henry, sem pressa, mas aplicando bastante força e com certa precisão. A primeira pedrada errou o alvo, mas a segunda acertou o ombro de Henry. Se a terceira falhasse, ele teria tempo para atracar-se com Bill e derrubá-lo ao chão, mas o tiro foi perfeito - bateu na cabeça agachada de Henry. Ele gritou de dor e surpresa, ergueu o rosto... e foi atingido mais vezes: um pequeno *billet-doux* de Richie Tozier no peito, um de Eddie, que ricocheteou em sua omoplata, um de Stan Uris em sua canela e a pedrada única de Beverly, que lhe bateu na barriga. Henry olhou para eles, incrédulo e, de repente, o ar se enchia de mísseis zumbidores. Ele caiu para trás, com a mesma expressão dolorida e espantada no rosto. - *Vocês, caras, venham!* - gritou. - *Ajudem-me!*

- V-Vamos atacar - disse Bill em voz baixa. Sem esperar para ver se era ou não seguido, correu para diante. Os outros o acompanharam, atirando pedradas, não apenas em Henry, mas agora em todos os demais. Os garotos grandes estavam agachados no chão, catando munição, mas antes de ficarem providos, já tinham sido alvejados. Peter Gordon gritou, quando uma pedrada de Ben colidiu contra seu malar e arrancou sangue. Recuando alguns passos, ele parou, atirou em resposta uma ou duas vacilantes pedras... e então fugiu. Já tivera o suficiente; na Broadway Oeste, as coisas não eram resolvidas daquela maneira. Henry agarrou um punhado de pedras, em um gesto de selvagem coleta. Felizmente para os Perdedores, em sua maioria eram apenas pedrinhas. Ele atirou uma das maiores em Beverly, e acertou-lhe um braço. Ela gritou. Com um berro, Ben disparou contra Henry Bowers, que olhou em torno a tempo de vê-lo arremeter, mas não com tempo suficiente para esquivar-se. Henry perdeu o equilíbrio; eram os setenta e cinco quilos de Ben mais o impulso. O resultado era previsível. Henry não foi atirado ao chão, foi catapultado. Aterrou de costas e escorregou. Ben investiu novamente contra ele, apenas vagamente cônscio de uma dor ardente que brotava de seu ouvido, atingido por uma pedra atirada por Arroto Huggins, mais ou menos do tamanho de uma bola de golfe. Henry estava grogue e caído de joelhos, quando Ben o alcançou e o chutou com força, o pé calçado em tênis batendo solidamente contra a coxa esquerda do adversário. Henry rolou pesadamente sobre as costas. Seus olhos fuzilantes fitaram Ben. - Não se joga pedras em garotas! - gritou Ben. Nunca, que se lembrasse, ficara tão ultrajado em sua vida. - Não se...

Então, viu a chama na mão de Henry, quando ele acendeu o fósforo. Viu também que acendia a mecha da M-80, que foi atirada ao seu rosto. Atuando quase sem pensar, Ben aparou a bomba com a palma da mão e jogou-a de volta, como se usasse uma raquete e uma peteca do badminton. A M-80 voou para baixo. Henry a viu chegando. Seus olhos esbugalharam-se e então ele rolou para longe, aos berros. A bomba explodiu um segundo mais tarde, escurecendo-lhe as costas da camisa e rasgando parte dela. Um momento mais tarde, Ben era alvejado por Moose Sadler e derrubado de joelhos. Seus dentes se fecharam sobre a língua, produzindo sangue. Ele piscou, estonteado. Moose arremeda contra ele agora, mas antes que pudesse alcançá-lo, Bill chegou por trás e começou a atacá-lo a pedradas. Moose girou, aos gritos. - Você me atacou pelas costas, covarde! - berrou. - Seu lutador sujo! Preparou-se para contra-atacar, mas Richie se juntou a Bill e começou também a cobri-lo de pedradas, pouco ligando para o palavrório do adversário sobre comportamento covarde; já vira eles cinco perseguindo um só garoto assustado, e não acreditava que isso os colocasse na companhia do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda. Um dos mísseis de Richie abriu-lhe a pele acima da sobrancelha esquerda, e ele gritou de dor. Eddie e Stan Uris juntaram-se a Bill e Richie. Beverly moveu-se com eles, o braço sangrando, mas os olhos furiosamente animados. As pedradas voavam. Arroto Huggins soltou um grito, quando uma delas bateu em seu cotovelo. Começou a dançar desajeitadamente, esfregando o osso atingido. Henry levantou-se, as costas da camisa pendendo em tiras, a pele por baixo dela quase miraculosamente intocada. Antes de poder dar meia-volta, Ben Hanscon acertou-lhe uma pedrada atrás da cabeça, tornando a derrubá-lo de joelhos. Foi Victor Criss quem causou o maior dano aos Perdedores naquele dia, em parte por ser um razoável lançador no beisebol mas, principalmente - e paradoxalmente - por ser o menos envolvido emocionalmente. Cada vez mais, desejaria não estar ali. As pessoas podem receber ferimentos sérios, quando são apedrejadas; um garoto pode ter o couro cabeludo rasgado, ficar com a boca cheia de dentes quebrados, até mesmo perder um olho. Entretanto, já que estava metido naquilo, estava *dentro* da briga. Pretendia levar vantagem. Aquela frieza, permitiu-lhe usar trinta segundos a mais e recolher um punhado de pedras de bom tamanho. Jogou uma contra Eddie, quando os Perdedores reordenaram sua irregular linha atacante, acertando-o no queixo. Eddie caiu chorando, com o sangue começando a fluir. Ben se virou para acudir, mas Eddie já se levantava, o sangue horrorosamente vivido contra a pele pálida, os olhos apavorados. Victor atirou outra pedrada em Richie, atingindo-o no peito. Richie revidou, mas Vic agachou-se, agora atacando Bill Denbrough de lado. Bill jogou a cabeça para trás, mas não foi rápido o bastante; a pedra abriu um corte em sua face. Bill se virou contra Victor. Os olhos dos dois encontraram-se e Victor viu algo na expressão do menino gago, algo que o deixou amedrontado. Absurdamente, as palavras

Retiro o que disse! bailaram em seus lábios... mas não se fala assim a um menino menor. Não, a menos que se queira atrair o ódio e desprezo dos companheiros. Bill começou então a caminhar para Victor. Victor começou a caminhar para Bill. No mesmo instante, como se guiados por algum sinal telepático, um passou a jogar pedradas no outro, ainda encurtando a distância entre ambos. A luta amainou à volta deles enquanto os outros se viravam para espiar. O próprio Henry girou a cabeça. Victor abaixava-se e esquivava-se, porém Bill não fez nada disso. As pedradas do outro batiam-lhe no peito, no ombro, no estômago. Uma raspou em sua orelha.

Aparentemente alheio a tudo, Bill atirou uma pedra após outra, usando uma força homicida. A terceira bateu no joelho de Victor, com um som estalante, arrancando-lhe um grunhido sufocado. Victor ficara sem munição. Bill ainda tinha uma pedra. Era lisa e branca, raiada de quartzo, mais ou menos do tamanho e formato de um ovo de pata. A Victor, ela pareceu imensa. Bill estava a menos de metro e meio de distância dele. - V-V-Vão e-embora da-daqui, agora! - disse ele. - Ou v-vou ra-rachar s-s-sua c- cabeça ao m-m-meio! Fa-Falo s-s-sério! Fitando-o dentro dos olhos, Victor viu que ele realmente faria o que dizia. Sem uma palavra, virou as costas e correu, na mesma direção tomada por Peter Gordon. Arroto e Sadler olhavam em torno, vacilantes. O sangue escorria do canto da boca de Sadler e um corte no couro cabeludo deixava ver o talho quase chegando ao lado da face de Arroto. A boca de Henry funcionou, mas sem emitir qualquer som. Bill se virou para ele. - V-V-Vá em-embora! - disse. - E se eu não for? Henry procurava soar autoritário, mas Bill podia ver uma coisa diferente nos olhos dele. Estava com medo e iria embora. Isso devia fazer com que Bill se sentisse bem - triunfante, inclusive - mas ele estava apenas cansado. - S-S-Se não fo-for - disse Bill, - v-vamos ca-cair em c-cima de vo-você. Acho que n-nós s-s-seis po-podemos d-deixá-lo no ho-ho-hospital. - Nós sete - disse Mike Hanlon, juntando-se a eles. Tinha uma pedra do tamanho de uma bola de *softball* em cada mão. - Provoque-me, Bowers, eu adoraria. - Seu *NEGRO fodido!*

A voz de Henry extinguiu-se, tremulando à beira das lágrimas. Aquela exclamação e o tom em que fora feita, acabaram com toda a belicosidadede Arroto e Sadler; os dois recuaram, deixando que as pedras restantes lhes caíssem das mãos. Arroto olhou em torno, como que procurando saber onde poderia estar. - Saiam da nossa área - disse Beverly. - Cale essa boca, sua putinha - disse Henry. - Sua... Quatro pedradas voaram no mesmo instante, atingindo-o em quatro pontos diferentes. Henry gritou e caiu para trás, sobre o chão coberto de mato rasteiro, as tiras da camisa voejando à volta dele. Seus olhos desviaram-se dos rostos sombrios, rostos jovens de velhos, que o contemplavam do alto, para os de Moose e Arroto, ambos com expressões frenéticas. Dali não receberia ajuda - nenhuma ajuda, em absoluto. Sadler se virou, embaraçado. Henry conseguiu firmar-se nos pés, soluçando e fungando através do nariz quebrado. - Vou matar todos vocês - disse, e subitamente correu para a trilha. Um momento depois, tinha sumido de vista. - V-Vá embora - disse Bill, dirigindo-se a Arroto. - Ca-caiam f-fora, os d-d-dois! E n-nunca mais v-voltem a-a-aqui. Os B-B-Barrens s-são te-te-terri-tório n-nosso! - Você vai desejar nunca ter feito isso a Henry, garoto - disse Arroto. - Vamos, Moose. Os dois começaram a andar, cabisbaixos, sem olhar para trás. Os sete garotos ficaram parados, em frouxo semicírculo, todos eles sangrando de algum lugar. A apocalíptica batalha a pedradas durara menos de quatro minutos, mas Bill

tinha a impressão de haver percorrido toda a extensão da Segunda Guerra Mundial, nos dois teatros de operações, sem ter tido uma só hora de folga. O silêncio foi rompido pelos chiados agoniantes de Eddie, lutando para respirar. Ben caminhou para ele, sentindo os três doces e quatro bolinhos comidos a caminho dos Barrens lutando e queimando em seu estômago. Passou por Eddie correndo e internou-se entre os arbustos, onde esvaziou o estômago o mais privada e silenciosamente que pôde. Richie e Bev é que acudiram Eddie. Beverly passou um braço um torno da cintura do miúdo garoto, enquanto Richie lhe tirava o aspirador do bolso. - Lá vai, Eddie! - avisou. Eddie inalou, ofegando e chiando, quando Richie apertou o disparador.- Obrigado - Eddie finalmente conseguiu dizer. Ben saiu do meio dos arbustos, ruborizado, passando as costas da mão pela boca. Beverly foi até ele e lhe tomou as duas mãos. - Obrigada por sair em minha defesa - disse ela. Ben assentiu, olhando para seus tênis sujos de terra. - Não tem de quê, garota - respondeu. De um em um, eles se viraram e olharam para Mike, Mike com sua pele escura. Olharam para ele cuidadosamente, cautelosos e pensativos. Mike já se vira objeto dessa curiosidade antes - não houvera um momento em sua vida que deixara de senti-la - e retribuiu os olhares com toda a sinceridade que lhe foi possível. Bill olhou de Mike para Richie. Os olhos de ambos encontraram-se. Então, Bill quase pareceu ouvir o clique - alguma parte final encaixando-se com precisão em um mecanismo de desígnio ignorado. Sentiu como que lascas de gelo espalharem-se por suas costas. *Estamos todos juntos agora,* pensou. A idéia era tão forte, tão *certa,* que por um momento ele julgou tê-la expressado em voz alta. Contudo, é claro, não havia necessidade de articulá-la; podia vê-la nos olhos de Richie, nos de Ben, nos de Eddie, nos de Beverly e nos de Stan.

Estamos todos juntos agora, pensou novamente. *Oh, que Deus nos ajude! Agora é que tudo realmente começa. Por favor, Deus, ajude-nos*.
- Como é seu nome, garoto? - perguntou Beverly. - Mike Hanlon. - Quer soltar algumas bombinhas conosco? - perguntou Stan. O sorriso de Mike foi resposta suficiente.

CAPÍTULO 14

O álbum

1

Como ficou demonstrado, Bill não foi o único; todos eles levaram bebida. Bill tem bourbon, Beverly tem vodca e uma caixa com latas de suco de laranja, Richie uma embalagem de seis cervejas e Ben Hanscom uma garrafa de Wild Turkey. Mike tem mais seis cervejas na pequena geladeira da sala de descanso dos funcionários. Eddie Kaspbrak chega por último, segurando um pequeno saco pardo.

- O que tem aí, Eddie? - pergunta Richie. Sorrindo nervosamente, Eddie retira primeiro uma garrafa de gim e depois uma de suco de ameixa. No silêncio estarrecido que se segue, Richie diz quietamente:

- Que alguém telefone para os homens de batas brancas. Eddie Kaspbrak finalmente extrapolou.
- Acontece que gim-e-suco-de-ameixa são muito saudáveis - replica Eddie, defensivamente. Então, todos começam a rir como loucos, o som de sua alegria ecoando e tornando a ecoar na biblioteca silenciosa, subindo e descendo pelo corredor envidraçado entre a biblioteca dos adultos e a infantil.

- Vá em frente - diz Ben, enxugando os olhos lacrimosos. - Vá em frente, Eddie. Aposto como isso também faz bem aos intestinos. Sorrindo, Eddie enche três quartos de um copo de papel com suco de ameixa, e então, com ar sério, acrescenta duas tampas cheias de gim.
- Oh, Eddie, eu amo você - diz Beverly. Eddie ergue o rosto, espantado, mas sorridente, Beverly olha para os outros, à volta da mesa.

- Eu amo todos *vocês - acrescenta.*
- N-Nós também a amamos, B-Bev - diz Bill. - Exato - concorda Ben. - Todos a amamos. - Seus olhos dilatam-se um pouco, e ele ri. - Acho que todos ainda nos amamos... Sabem o quanto isso deve ser raro? Há um momento de silêncio. Mike, de fato, não fica surpreso quando vê que Richie está usando seus óculos.

- Minhas lentes de contato começaram a arder nos olhos e precisei tirá-las - explica Richie brevemente, quando Mike o interroga. - E agora, por que não vamos logo ao que interessa? Todos olham para Bill, como tinham feito na cascalheira, e Mike pensa. Eles olham para Bill quando precisam de um líder, para Eddie quando precisam de um navegador. Vamos ao que interessa, que diabo de frase! Digo a eles que os corpos das crianças encontradas naquela época e agora não foram molestados sexualmente, nem mesmo exatamente mutilados, mas parcialmente comidos? Digo a eles que consegui sete capacetes de mineiro, do tipo com fortes luzes elétricas na frente, estocados em minha casa, um deles para um sujeito chamado Stan Uris, que não pôde entrar em cena, como costumávamos dizer? Ou talvez baste apenas dizer a eles que voltem para casa e que tenham uma boa noite de sono, porque isso termina amanhã ou na noite de amanhã, para sempre - seja para a Coisa ou para nós?

Nenhuma dessas coisas tem que ser dita, e o motivo disso já ficou estabelecido: eles continuam a amar-se. As coisas mudaram nos últimos vinte e sete anos mas, miraculosamente, isso continuou como antes. Mike reflete que tal fato é a única esperança real para eles. Falta apenas terminarem de reviver fatos, de completarem o trabalho de captá- los, de passar o passado para o presente, a fim de que a seqüência de experiências forme uma certa espécie de roda. Sim, *pensa Mike,* é isso. Esta noite, a tarefa é fazer a roda; amanhã, podemos ver se ela ainda gira... da maneira como girou, quando expulsamos os garotos maiores da cascalheira e dos Barrens. - *Você recordou o resto? - pergunta Mike a Richie. Richie bebe um gole de cerveja e abana a cabeça.- Recordo que você nos contou algo sobre o pássaro... e sobre a saída para a fumaça. - Um sorriso se espalha em seu*

rosto. - Recordei isso, quando caminhava para cá esta noite, com Bevvie e Ben. Que fodido espetáculo de horror foi aquilo...

- Bip-bip, Richie - diz Beverly, sorrindo.

- Bem, sabem como é - diz ele, ainda sorrindo e empurrando os óculos para cima do nariz, em um gesto espectralmente reminiscente do antigo Richie. Ele pisca para Mike. - Nós dois sabemos, certo, Mikey? Mike cai na gargalhada e faz um gesto de assentimento.

- Senhorita Scaulett! Senhorita Scaulett! - *esganiça-se Richie, em sua Voz de Negrinho Sulista.* - Num tá ficando um pouco quente no defumado, Senhorita Scaulett?

Rindo, Bill comenta:

- Outro triunfo de engenharia e arquitetura, da autoria de Ben Hanscom.

Beverly assente.

- Estávamos escavando o buraco para o nosso clube, quando você levou o álbum de fotos do seu pai aos Barrens, Mike.

- Oh, céus! - exclama Bill, sentando-se ereto de repente. - E as fotos...

Richie assente, taciturnamente.

- O mesmo truque que vimos no quarto de George. Só que, desta última vez, todos nós vimos.

- Eu recordei o que aconteceu com o dólar de prata extra. Todos se viram para fitá-lo.

- Dei os outros três a um amigo, antes de vir para cá - explica Ben tranqüilamente. - Para seus filhos. Recordei que havia um quarto dólar, mas não conseguia lembrar o que tinha acontecido a ele. Agora já sei. - Ele olha para Bill. - Fizemos dele uma bala de prata, não foi? Eu, você e Richie. A princípio, queríamos fazer um cartucho...

- Você estava convencido de que poderia fazê-lo - concorda Richie. - Contudo, no fim...

- D-Demos a-azar - assente Bill devagar. A recordação ajustou-se com facilidade ao lugar, ele ouve o mesmo clique! *baixo e nítido, quando isso acontece.* Estamos chegando cada vez mais perto, *pensa ele. - Voltamos à Rua Neibolt* - diz Richie. - *Todos nós.- Você salvou minha vida, Grande Bill - fala Ben de repente, e Bill sacode a cabeça. - É verdade - insiste Ben. Desta vez, Bill fica quieto. Desconfia que tenha feito precisamente isso, embora ainda não recorde como... mas* seria *a vida de Ben? Ele pensa que, talvez, Beverly... bem, os fatos ainda não se encaixam. Pelo menos, por enquanto.*

- Desculpem-me por um segundo, - diz Mike. - Tenho uma embalagem de seis cervejas na geladeira.

- Beba uma das minhas - oferece Richie.

- O nego Hanlon não bebe cerveja de homem branco - replica Mike. - Principalmente a sua, Boca de Lixo.

- Bip-bip, Mikey - diz Richie solenemente. Mike vai buscar sua cerveja, entre uma onda geral de risadas. Ele acende a luz da sala de descanso, um aposento acanhado, com poltronas surradas, uma mesa precisando de nova mão de verniz e um quadro de avisos mural, com anotações antigas, salários e informes sobre horários, além de algumas caricaturas da revista New Yorker, *agora amarelando e encurvando-se nos cantos. Abre a pequena geladeira e sente o choque afundar-se nele, dentro dos ossos, gelando tudo, da maneira como o frio de fevereiro penetra nas pessoas quando, no decorrer desse mês, tem-se a impressão de que abril nunca chegará. Balões de gás azuis e alaranjados escapam para*

fora em uma nuvem, dúzias deles, um punhado de balões festivos de véspera de Ano- Novo. Incoerentemente, em meio a seu terror, ele pensa: Agora falta apenas que Guy Lombardo apareça, cantando "Auld Lang Syne". *Os balões passam rentes ao seu rosto e sobem até o teto. Mike quer gritar, mas é incapaz de emitir um som, vendo o que havia por trás dos balões, o que A Coisa enfiou na geladeira ao lado de sua cerveja, como que preparando algo para ser beliscado noite alta, depois que seus insignificantes amigos tenham relatado suas histórias insignificantes e voltado para suas camas alugadas, nesta cidade natal que deixou de sê-lo. Mike recua um passo, levando as mãos ao rosto, a fim de ocultar a visão. Tropeça em uma das poltronas, quase cai, e afasta as mãos. A coisa continua lá; a cabeça decepada de Stan Uris, ao lado de sua embalagem com as seis cervejas. Não a cabeça de um homem, mas a de um garoto de onze anos. A boca está aberta em um grito mudo, mas Mike não vê dentes nem língua, porque a boca está recheada de penas. As penas são de um tom castanho-claro e indizivelmente grandes. Ele sabe perfeitamente de que pássaro vieram aquelas penas. Oh, sim! Oh, claro que sim! Ele tinha visto o pássaro em maio de 1958, e todos o haviam visto em princípios de agosto de 1958. Então, anos mais tarde, quando visitava o pai agonizante, descobrira que Will Hanlon o vira uma vez, após ter conseguido escapar do incêndio no Ponto Negro. O sangue que escorria do pescoço cortado de Stan pingara e havia formado uma poça coagulada na última prateleira da geladeira. Brilhava em uma tonalidade escura de vermelho-rubi, ao clarão mortiço da lâmpada interna da geladeira.*

- Uh... uh... uh... - Mike consegue emitir, porém nenhum outro som sai de sua garganta. Então, a cabeça abre os olhos, são os olhos prateados e brilhantes de Parcimonioso, o Palhaço. Aqueles olhos giram em sua direção, e os lábios da cabeça começam a caretear um sorriso, em torno da boca cheia de penas. A cabeça está querendo falar, talvez tentando dizer uma profecia, como o oráculo em uma peça grega.

Acabei de pensar que me juntarei a você, Mike, porque não poderá vencer sem mim. Não vencerão sem mim e sabem disso, não é mesmo? Talvez tivessem uma chance se eu viesse inteiro, mas não pude suportar a tensão em meu cérebro integralmente americano, se entende o que quero dizer, feijãozinho. Os seis poderiam apenas discutir parte dos velhos tempos e depois seriam mortos. Então, achei que minha cabeça os guiaria nisto. Livraria vocês, entendeu, Mikey? Morou, meu chapa? Pescou, seu negro fodido? Você não é real! *grita ele, mas não emite som algum; é como um aparelho de televisão com o controle de volume inteiramente abaixado. Incrível e grotescamente, a cabeça dá-lhe uma piscadela.*

Eu sou real, é claro. Real como gotas de chuva. E você sabe muito bem do que estou falando, Mikey. O que os seis estão planejando, é como decolar em um avião a jato sem trem de aterrissagem. Não faz sentido subir, quando não se pode descer, concorda? Como tampouco há sentido em descer, quando não se pode voltar. Vocês nunca pensam nas adivinhações e piadas adequadas. Nunca me farão rir, Mikey. Todos esqueceram como transformar seus gritos. Bip-bip, Mikey, o que acha? Lembra-se do pássaro? Nada mais do que um pardal mas, nossa! Era um fenômeno extraordinário, não? Grande como um celeiro, grande como um daqueles idiotas monstros japoneses dos filmes que o deixavam assustado quando você era criança. Os dias em que sabia como expulsar aquele pássaro de sua porta já se foram para sempre. Acredite, Mikey. Se você sabe como usar *sua* cabeça, cairá fora disto, irá embora daqui, de Derry, neste exato minuto. Se não sabe

como usá-la, ela terminará exatamente como esta aqui. O marco de orientação ao longo da grande estrada da vida é usar a cabeça antes que a perca, meu bom homem.
A cabeça rola sobre a face (as penas enfiadas na boca produzem um horrendo som rascante) e cai para fora da geladeira. Bate no chão e rola para ele, como hedionda bola de boliche, o cabelo empastado de sangue alternando-se com a face sorridente; rola para ele, deixando uma gosmenta trilha de sangue e pedaços de penas para trás, a boca se movendo em torno de seu recheio de penas.
Bip-bip, Mikey! *grita a cabeça, enquanto Mike recua alucinadamente para longe dela, as mãos espichadas para diante, em um gesto de repulsa.* Bip-bip, bip-bip, bip- fodido-bip

De repente, um plop! ruidoso - o som de uma rolha plástica saltando de uma garrafa de champanha barato. A cabeça desaparece. (É real, *pensa Mike, repugnado;* de qualquer modo, nada houve de sobrenatural quanto a esse ruído; era o som do ar retornando de súbito a um espaço que ficou *vago... real, oh, Deus, real!) Uma fina rede de gotículas de sangue flutua até o alto, para depois começar a baixar. Contudo, não haverá necessidade de limpar a sala; Carole nada verá, quando chegar no dia seguinte e, mesmo que tenha de abrir caminho por entre os balões, a fim de chegar à chapa elétrica para fazer sua primeira xícara de café, eles serão invisíveis para ela. Que ótimo. Ele dá risadinhas estridentes. Mike olha para cima e, oh, sim, os balões continuam lá. Nos azuis está escrito: NEGROS DE DERRY PEGAM O PÁSSARO. Os alaranjados anunciam: OS PERDEDORES CONTINUAM PERDENDO, MAS STANLEY URIS FINALMENTE PROGRIDE. Não faz sentido subir, se você não pode descer, havia garantido a cabeça falante, nenhum sentido descer, se você não pode voltar. Este último o faz pensar novamente nos capacetes de mineiro que guardou. Entretanto, seria isso verdadeiro? De repente, ele fica pensando no primeiro dia em que desceu aos Barrens, após a batalha a pedradas. Tinha sido no 6 de julho, dois dias após ter desfilado na parada do Quatro de Julho... dois dias depois de ter visto Parcimonioso, o Palhaço, em pessoa, pela primeira vez. Acontecera após aquele dia nos Barrens, depois de ouvir as histórias dos outros e então, hesitantemente, contar também a sua; então ao chegar em casa, pedira ao pai se podia ver seu álbum de fotografias. Por que, exatamente, tinha descido aos Barrens naquele 6 de julho? Saberia que ia encontrar os outros lá? Tudo indicava que sim - e não apenas que eles estariam lá, mas* onde *estariam. Eles haviam falado sobre a construção de um clubinho de alguma espécie, recorda Mike, mas tivera a impressão de que falavam sobre isso por haver algo mais que não sabiam como discutir. Mike ergue os olhos para os balões, agora não os vendo realmente, mas procurando recordar, ao certo, o sucedido naquele dia, naquele dia de intenso calor. De repente, parece de suma importância saber o que tinha acontecido, cada nuance dos eventos, qual havia sido o seu estado de ânimo. Porque foi então que tudo começou a acontecer. Antes disso, os outros falavam em matar A Coisa, porém não houvera qualquer ação nesse sentido, nenhum plano. Com a chegada de Mike, o círculo se fechara, a roda começara a girar. Mais tarde, naquele mesmo dia, Bill, Richie e Ben foram à biblioteca e iniciaram uma pesquisa séria sobre uma idéia que Bill tivera, um dia, uma semana ou um mês antes. Tudo então passara a...*

- Mike? - chama Richie da Sala de Consultas da biblioteca, onde os outros estão reunidos.
- Você morreu aí dentro?

Quase, *pensa Mike, olhando para os balões, para o sangue e para as penas dentro da geladeira. Ele responde:*
- Acho melhor, caras, vocês virem até aqui. Ouve o ruído de cadeiras sendo arrastadas, o murmúrio das vozes dos outros; ouve Richie dizendo: "Oh, céus, o que foi agora?" e, em outro ouvido, este em sua memória, ouve Richie dizendo algo mais. Então, subitamente recorda o que havia estado procurando. Ainda mais, compreende o motivo disso ter sido tão indefinível. A reação dos outros, quando chegou à clareira, na parte mais sombria, mais profunda e mais densamente coberta de vegetação nos Barrens, aquele dia, havia sido... nenhuma. Sem surpresa, sem perguntas sobre como ele pudera encontrá-los, nada. Recorde que Ben estava comendo um biscoito, Beverly e Richie fumando cigarros e Bill deitado de costas, com as mãos debaixo da cabeça, olhando para o céu, Eddie e Stan observando dubitativamente uma série de cordões que tinham sido afixados ao solo, formando um quadrado com cerca de metro e meio de lado. Sem surpresa, sem perguntas, nada. Ele simplesmente chegara e fora aceito. Era como se, mesmo não sabendo, os outros estivessem à sua espera. E naquele terceiro ouvido, o ouvido da memória, ele torna a ouvir, como ouvira antes, ainda esta noite, a Voz do Negrinho Sulista, saída da Garganta de Richie: Minha nossa, Senhorita Claudy, aí vem

2

aquele criolinho outra veiz! Santo Deus, este Barrens tá virando o quê? Olha só pro negrinho, Grande Bill! Bill nem mesmo virou os olhos; continuou fitando sonhadoramente as gordas nuvens de verão desfilando pelo céu. Estava considerando com todo cuidado uma importante questão. Richie, contudo, não ficou ofendido por sua falta de atenção. Continuou tagarelando: - Só de olha pro negrinho, acho que tô precisando de outro refresco de hortelã! Acho bom toma ele na varanda, porque lá tá mais fresquinho... - Bip-bip, Richie - disse Ben, com a boca cheia de biscoito. Beverly riu. - Olá - disse Mike, vacilante. Seu coração batia um pouco mais forte, porém estava decidido a prosseguir com aquilo. Devia agradecer a eles, seu pai vivia dizendo que a gente sempre tem que pegar o que deve - e o mais depressa possível, porque os juros acumulam-se. Stan olhou em torno. - Olá - disse, depois tornando a virar-se para o quadrado de barbantes afixados no centro da clareira. - Ben, você tem certeza de que isso vai dar certo? - Vai dar certo - respondeu Ben. - Olá, Mike. - Quer um cigarro? - perguntou Beverly. - Ainda tenho dois sobrando. - Não, obrigado. - Mike respirou fundo e disse: - Eu queria agradecer a todos vocês por me ajudarem no outro dia. Aqueles caras pretendiam acabar mesmo comigo. Sinto muito se algum de vocês ficou ferido. Bill fez um gesto de mão, tirando importância àquilo. - N-N-Não se p-preocupe c-c-com is-isso. E-Eles n-nos ca-caçaram o a-a-ano in- inteiro. - Sentando-se, Bill olhou para Mike com súbito interesse. - P-P-Posso pe- perguntar-lhe uma c-c-coisa?

- Acho que sim - disse Mike. Ficou inquieto, porque já ouvira tais prefácios antes. O garoto Denbrough ia perguntar-lhe como era ser um negro. No entanto, em vez disso, Bill perguntou: - Quando L-L-Larsen a-atuou n-n-aquele j-jogo de b-beisebol em q-q-que n-não houve ma-marcação de p-p-pontos, na S-Série Mu-Mundial, d-de dois anos at-atrás, v- você acha que foi apenas s-so-sorte? Richie aspirou fundo o cigarro e começou a tossir. Com naturalidade, Beverly bateu-lhe nas costas. - Você é apenas um principiante, Richie. Acabará aprendendo. - Eu acho que isto não vai funcionar, Ben - disse Eddie preocupado, olhando para o quadrado de barbantes. - Não sei se me agrada a idéia de ser enterrado vivo. - Você não vai ser enterrado vivo - replicou Ben. - E se for, é só chupar seu maldito aspirador, até que alguém o puxe para fora. Para Stanley Uris, isto pareceu deliciosamente engraçado. Reclinando-se sobre o cotovelo, virou a cabeça para o céu e riu, até Eddie chutar-lhe a canela, dizendo para calar a boca. - Foi sorte - disse Mike finalmente. - Acho que um jogo sem escore é mais sorte do que habilidade. - Eu t-t-também a-acho - respondeu Bill. Mike esperou para ver se havia mais perguntas, porém Bill pareceu dar-se por satisfeito. Tornou a deitar-se, entrelaçou novamente as mãos atrás da cabeça e voltou a estudar as nuvens que passavam no alto. - O que vocês estão querendo fazer? - perguntou Mike, espiando para os barbantes espichados logo acima do solo. - Oh, esta foi a grande idéia da semana do Monte de Feno - disse Richie. - Da última vez, ele inundou os Barrens, e posso garantir que foi um barato, mas isto aqui ainda está por ver. Trata-se do Escave seu Próprio Clube do Mês. E quanto ao mês que vem... - V-Você não p-p-precisa d-debochar de B-B-B-Ben - disse Bill, ainda olhando para o céu. - Vai ser b-b-bom.- Pelo amor de Deus, Bill, eu só estava brincando! - Às v-vezes você b-b-brinca demais, R-R-Richie. Richie aceitou a censura em silêncio. - Ainda não entendi - disse Mike. - Ora, é muito simples - disse Ben. - Eles queriam uma casa na árvore e podíamos fazer isso, mas as pessoas têm o mau costume de quebrar ossos quando caem de casas em árvores... - Kookie... Kookie... empreste-me seus ossos - falou Stan, e riu, enquanto os outros olhavam para ele, intrigados. Stan não tinha muito senso de humor, e o que havia dito era bastante peculiar. - Está ficando loco, senor - disse Richie. - Es el calor e las cucarachas, pienso. - De qualquer modo - continuou Ben, - a idéia é escavarmos um metro e meio dentro do quadrado que preguei ao chão. Não podemos cavar mais fundo, porque acho que chegaremos à linha d'água, que neste lugar fica muito perto da superfície. Depois reforçaremos os lados, apenas para garantir que não desmoronem. Ben olhou significativamente para Eddie, mas este estava preocupado. - E depois? - perguntou Mike, interessado. - Bem, a gente tampa a parte de cima. - Que?

- Colocando tábuas sobre a abertura do buraco. Podemos pôr um alçapão ou coisa assim, para que se possa entrar e sair, até mesmo janelas, se quisermos... - Vamos precisar de d-d-dobradiças - disse Bill, ainda contemplando as nuvens. - Podemos arranjá-las na Loja de Ferragens Reynolds - disse Ben. - V-V-Vocês v-ão t-ter que g-gastar suas me-mesadas - falou Bill. - Eu tenho cinco dólares - disse Beverly. - Ganhei tudo como *baby sitter.*

Richie imediatamente começou a rastejar para ela, sobre as mãos e os joelhos. - Eu a amo, Bevvie - disse, dirigindo-lhe caninos olhares de adoração. - Quer casar comigo? Moraremos em um bangalô de tábuas de pinheiro... - *Um o quê?* - perguntou Beverly, enquanto Ben os fitava com uma estranha mistura de ansiedade, divertimento e concentração. -Um pingalô - disse Richie. - Cinco pratas bastam, meu bem, eu, você e o bebê seremos três... Beverly riu, ficou ruborizada e afastou-se dele. - D-Dividiremos as d-d-despesas - disse Bill. - Por isso va-vamos ter um cu-clube. - Então, depois de taparmos o buraco com tábuas - prosseguiu Ben, - passamos no alçapão aquela cola forte - parece que o nome é "Tangle-Track" - e colocamos os torrões de relva no lugar outra vez. Podemos salpicar tudo com agulhas de pinheiro. Então, quando ficarmos lá dentro e pessoas - pessoas como Henry Bowers - passarem por aqui, podem até pisar em cima do alçapão, sem desconfiar que estamos lá embaixo. - *Você* imaginou isso? - exclamou Mike. - Nossa, é grande! Ben sorriu. Foi a sua vez de enrubescer. Bill se sentou subitamente e olhou para Mike. - Você q-q-quer aj-ajudar? - Bem... claro - respondeu Mike. - Vai ser divertido. Um olhar passou entre os outros. Mike não só o sentiu, como o viu. *Somos sete aqui,* pensou Mike e, sem saber por que motivo, teve um calafrio por todo o corpo. - Quando vão escavar o buraco? - N-N-ão v-v-vai de-demorar - disse Bill, e Mike soube - *soube* - que ele não se referia apenas ao clube subterrâneo de Ben. Ben também soube. Da mesma forma como Richie, Beverly e Eddie. Stan parará de sorrir. - L-L-Logo co-começaremos este pr-pr- projeto. Houve uma pausa, e Mike ficou subitamente cônscio de duas coisas: eles queriam dizer algo, contar-lhe algo... e não estava bem certo de querer ouvir. Ben pegara um graveto e riscava o chão a esmo, os cabelos caídos sobre o rosto e escondendo-o. Richie roía as unhas já roídas. Somente Bill olhava diretamente para Mike. - Há algo errado? - perguntou Mike, inquieto. Falando bem devagar, Bill disse: - N-N-Nós s-somos um clu-clube. Você p-pode entrar p-para o clube, se q-quiser, mas v-v-vai t-ter que gu-guardar n-nossos se-segredos. - Você quer dizer, como a construção do clube debaixo da terra? perguntou Mike, mais inquieto do que nunca. Bem, é claro... Nós temos um outro segredo, garoto - disse Richie, ainda sem olhar para Mike. - E Grande Bill diz que temos coisa mais importante a fazer este verão, do que escavar clubes subterrâneos. - Ele está certo nisso - acrescentou Ben. Houve um ofegar súbito, sibilante. Mike saltou. Era apenas Eddie, usando seu aspirador. Eddie olhou para ele com expressão de desculpas, deu de ombros e então assentiu. - Pois bem - disse Mike afinal. - Não me deixem em suspenso. Contem o que é. Bill estava olhando para os outros.

- A-Aqui há al-alguém que n-não q-q-queira ele no cu-clube? Ninguém falou ou levantou a mão. - Q-Quem quer c-c-contar? - perguntou Bill. Houve outra longa pausa, e desta vez Bill não a interrompeu. Finalmente, Beverly suspirou e ergueu os olhos para Mike. - Essas crianças que têm sido mortas - disse ela. - Nós sabemos quem esteve fazendo isso e sabemos que não é humano.

3

Então, contaram tudo a ele, um por um: o palhaço sobre o gelo, o leproso debaixo da varanda, o sangue e as vozes que saíam do ralo da pia, os garotos mortos no piezômetro. Richie contou o que lhe acontecera quando ele e Bill tinham retornado à Rua Neibolt. Bill falou por último, contando sobre a foto escolar que se movia e o retrato no qual ele havia enfiado a mão. Terminou, explicando que aquilo havia matado seu irmão Georgie, e que o Clube dos Perdedores estava decidido a matar o monstro... fosse qual fosse esse monstro. Mais tarde, ao ir para casa nesse anoitecer, Mike refletiu que deveria ter ouvido com descrença, passando a terror, finalmente fugindo o mais depressa possível, sem olhar para trás, certo de que estava sendo vítima de zombarias de um bando de crianças brancas que não gostavam de negros - ou que se encontrava diante de seis autênticos lunáticos que, de certa forma, tinham transmitido a loucura uns para os outros, da forma como todos os alunos de uma mesma classe podem pegar um resfriado particularmente sério. Contudo, ele não fugiu, porque a despeito do terror, sentiu um estranho senso de consolo. Consolo e algo mais, algo bastante elementar:a sensação de chegar em casa.

Somos sete aqui, tornou a pensar, quando finalmente Bill terminou de falar. Ele abriu a boca, ainda incerto sobre o que ia dizer. - Eu vi o palhaço - falou. - O que? - exclamaram Richie e Stan ao mesmo tempo. Beverly virou a cabeça tão depressa, que seu rabo-de-cavalo voou do ombro esquerdo para o direito. - Eu o vi no Quatro de Julho - disse Mike lentamente, dirigindo-se a Bill em particular. Aguçados e inteiramente concentrados, os olhos de Bill fixaram-se nos seus, exigindo que continuasse. - Sim, no Quatro de Julho... A voz de Mike extinguiu-se momentaneamente, enquanto ele pensava: *Só que eu o conhecia. Já o conhecia, porque não era a primeira vez que o via. E aquela não foi também a primeira vez que vi algo... algo esquisito.*

Então pensou no pássaro, sendo aquela a primeira vez que se permitia pensar nisso - exceto em pesadelos - desde maio. Chegara a achar que estava ficando louco. Era um alívio saber que não estava doido... mas mesmo assim, um amedrontado alívio. Passou a língua pelos lábios. - Continue - disse Bev, impaciente. - Conte logo! - Bem, acontece que eu tomava parte na parada. Então... - Eu vi você - disse Eddie. - Estava tocando saxofone. - Bem, na realidade é um trombone - disse Mike. - Eu toco na Banda da Escola da Igreja, na Rua Neibolt. De qualquer modo, vi o palhaço. Estava entregando balões de gás a crianças, no centro da cidade, no cruzamento das três ruas. Era exatamente como Ben e

Bill falaram. Vestia uma roupa prateada, com botões alaranjados, tinha o rosto pintado de branco e uma enorme boca vermelha e sorridente. Não sei se era batom ou pintura, mas parecia sangue. Os outros agora assentiam, excitados, mas Bill apenas continuou olhando intensamente para Mike. - C-Com tu-tufos de c-c-cabelo a-a-alaranjados? - perguntou, inconscientemente passando os dedos sobre a própria cabeça. Mike assentiu. - Fiquei com medo... vendo o palhaço daquele jeito. E enquanto eu espiava, ele se virou e acenou para mim, como se tivesse lido meu pensamento ou meus sentimentos, sei lá o que. E isso... isso me deixou mais amedrontado ainda. Não entendo, mas por uns dois segundos ele me fez ficar com tanto medo, que nem consegui mais tocar meu boné. Fiquei com a boca inteiramente seca e senti... Mike olhou brevemente para Beverly. Agora recordava a cena com tal nitidez, que podia ver como o sol de repente parecera ofuscar de maneira insuportável no latão de seu trombone e no cromado dos carros, com a música demasiado alta, o céu demasiado azul. O palhaço erguera uma mão enluvada de branco (a outra estava cheia de cordões prendendo os balões) e então acenara lentamente, para um lado e para outro, aquele sorriso sanguinolento muito vermelho e muito grande, como um grito virado de cabeça para baixo. Mike recordou que a carne de seus testículos começara a encolher-se, os intestinos de repente frouxos e quentes, como se, de súbito, houvesse soltado uma pequena porção de fezes nas calças. Entretanto, não podia falar isso na frente de Beverly. Não se falam essas coisas diante de garotas, mesmo se forem do tipo em cuja presença é possível dizer-se algo como “puta” e “filho da mãe”. - ... e senti medo - finalizou, achando que isso era pouco demais para expressar o que sentira, mas ignorando como dizer o resto. Entretanto, todos eles assentiam, como se compreendessem, o que fez Mike sentir- se tomado de indizível alívio. De certo, modo, aquele palhaço olhando para ele, dirigindo-lhe o sorriso vermelho, com a mão de luva branca indo lentamente para cá e para lá... aquilo havia sido pior do que ter Henry Bowers e os outros em sua perseguição. Muito, muitíssimo pior. - Então, passamos por ele - prosseguiu Mike. - Marchamos para o alto da Colina Milha Acima. E *tornei* a vê-lo, entregando balões às crianças. Bem, um bocado delas não quis os balões. Algumas das menores estavam chorando. Não pude imaginar como ele chegara até lá, depressa daquele jeito. Pensei comigo mesmo que talvez fossem dois palhaços, vestidos da mesma forma. Uma equipe. No entanto, ele se virou e tornou a acenar para mim... e eu adivinhei que era ele. O mesmo homem. - Ele não é um homem - disse Richie. Beverly estremeceu. Bill passou um braço em torno dela por um momento, e ela o fitou com gratidão. - Ele acenou para mim... e depois piscou. Como se tivéssemos um segredo. Ou como... como se talvez soubesse que eu o tinha reconhecido. Bill deixou cair o braço que passara nos ombros de Beverly. -Você o *re-re-reconheceu?*

- Acho que sim - respondeu Mike. - Preciso checar uma coisa, antes de dizer com certeza. Meu pai tem algumas fotos... Ele as coleciona... Escutem, vocês brincam aqui embaixo um bocado, não? - Claro - disse Ben. - Por isso vamos construir um clubinho. Mike assentiu. - Vou verificar e verei se estou certo. Se estiver, posso trazer as fotos.

- F-F-Fotos antigas? - perguntou Bill. - São. - O q-q-que mais? - perguntou Bill. Mike abriu a boca e tornou a fechá-la. Olhou em torno com incerteza, para então dizer: - Vocês devem achar que sou louco. Ou que estou mentindo. - V-V-Você a-acha que s-s-somos lo-lo-loucos? Mike sacudiu a cabeça. - Pode apostar que não somos - disse Eddie. - Há muita coisa errada comigo, mas nada de miolo mole. Tenho a cabeça muito boa. - Claro - replicou Mike. - Não acho que sejam loucos. - Bem, n-nós ta-também não a-a-achamos que v-você seja louco. Mike olhou para todos eles, pigarreou e disse: - Eu vi um pássaro. Há dois ou três meses. Vi um pássaro. Stan Uris olhou para Mike. - Que tipo de pássaro? Com mais relutância do que nunca, Mike respondeu: - Parecia um pardal, um tipo de pardal, mas também era idêntico a um tordo. Tinha o peito alaranjado. - Ora, o que há de tão especial em um pássaro? - perguntou Ben. - Existem montes de pássaros em Derry. Não obstante, ele estava nervoso e, olhando para Stan, teve certeza de que recordava o que acontecera no piezômetro e como, de algum modo, conseguira deter o que acontecia, gritando o nome de pássaros. Entretanto, esqueceu tudo sobre isso, tudo o mais, quando Mike tornou a falar. - Aquele pássaro era maior do que uma casa-reboque. Mike falou e olhou para os rostos chocados, espantados dos outros. Esperou que eles rissem, mas houve apenas silêncio. Stan dava a impressão de ter sido atingido por um tijolo. Seu rosto ficara tão pálido como a cor da luz mortiça do sol de novembro. - Juro que é verdade! - disse Mike. - Era um pássaro gigante, como um daqueles nos filmes de monstros, que se supõe serem pré-históricos. - Sim, como em *A garra gigante* - disse Richie. Ele pensara que o pássaro naquele filme tinha uma certa aparência falsa, mas quando a ave arribou em Nova York, Stan continuava excitado o suficiente para derramar suas pipocas por sobre a balaustrada do balcão no Aladdin. Foxy Foxworth certamente o teria posto para fora mas, de qualquer modo, o filme havia terminado. Há vezes em que a pessoa se borra de pavor, como dizia o Grande Bill, mas em outras acaba levando a melhor. - Só que ele não parecia pré-histórico - disse Mike. - E também não parecia um daqueles sei-lá-como-se-chamam, que apareciam nas histórias dos gregos e romanos... - R-R-Rocas? - sugeriu Bill. - Certo, acho que é isso aí. Não era como essas aves. Parecia apenas uma combinação de tordo e pardal. Os dois pássaros mais comuns que a gente vê por aí - disse Mike, rindo um tanto forçadamente. - E o-o-onde f-foi... - começou Bill. - Conte para nós - pediu Beverly com simplicidade. Mike assim fez. E, ao contar, vendo os rostos dos outros ficarem preocupados e amedrontados, percebeu que eles não estavam descrentes ou debochados. Foi como se retirassem um peso imenso de cima de seu peito. Da mesma forma que Ben com sua

múmia, Eddie com seu leproso e Stan com os garotos afogados, ele vira uma coisa que levaria um adulto à loucura, não apenas pelo terror, mas pela força devastadora de uma irrealidade grande demais para ter uma explicação racional ou, faltando essa explicação, para ser simplesmente ignorada. O rosto de Elias fora queimado e ficara escurecido pela luz do amor de Deus, pelo menos assim Mike tinha lido; contudo, Elias era um velho quando isso aconteceu e talvez houvesse aí uma diferença. Um daqueles outros sujeitos da Bíblia, este pouco mais do que um menino, não havia lutado com um anjo? Ele vira o pássaro e saíra ileso; integrara a lembrança disso em sua visão do mundo. Ainda era novo o suficiente, de maneira que tal visão era tremendamente ampla. Contudo, o ocorrido naquele dia ficara sepultado no mais profundo de sua mente e, em sonhos, às vezes se via correndo daquele pássaro grotesco que, do alto, lançava sombra sobre ele. Mike recordava alguns desses sonhos, outros tinham sido esquecidos, mas permaneciam latentes, eram sombras com movimentos próprios. A pequena parte que esquecera e o muito que tudo aquilo o perturbara (enquanto cumpria seus deveres diários: ajudando o pai, indo à escola, pedalando sua bicicleta, fazendo recados para a mãe, vendo os grupos negros aparecerem no programa *American Bandstand,* depois da aula), talvez só fossem mensuráveis em apenas uma forma - o alívio que sentia, partilhando tudo com os outros. Ao fazê-lo, percebeu ser a primeira vez que pensava plenamente naquilo, desde aquela manhã, ainda cedo, perto do Canal, quando tinha visto aqueles estranhos sulcos no chão... e o sangue.

4

Mike contou a história de seu encontro com o pássaro na velha Fundição e de como se refugiara dentro da chaminé tombada, para escapar a ele. Mais tarde, naquele mesmo dia, três dos Perdedores - Ben, Richie e Bill - foram à Biblioteca Pública de Derry. Ben e Richie permaneciam vigilantes, atentos a Bowers e Companhia, mas Bill apenas olhava para a calçada, de cenho franzido, imerso em pensamentos. Cerca de uma hora após contar sua história a eles, Mike tinha ido embora, dizendo que o pai o esperava em casa às quatro da tarde, para colher ervilhas. Beverly tinha que fazer compras no mercado e preparar o jantar do pai, segundo disse. Eddie e Stan também tinham outras coisas a fazer. Contudo, antes de se separarem por aquele dia, começaram a escavar o que se tornaria - caso Ben estivesse certo - seu clube subterrâneo. Para Bill (e para todos os demais, conforme ele suspeitava), o início da escavação parecera um ato quase simbólico. Eles haviam começado. Fosse o que fosse que fariam como um grupo, como uma *unidade,* eles tinham iniciado. Ben perguntou a Bill se acreditava na história de Mike Hanlon. Estavam passando pela Casa Comunitária de Derry, e a biblioteca ficava logo adiante, um oblongo de pedra confortavelmente sombreado por olmos com um século de idade, mas ainda intocados pela praga, uma doença que posteriormente os atacaria e enfraqueceria. - A-Acredito - disse Bill. - Acho q-q-que ele d-disse a ve-verdade. U-Uma c-coisa lo-louca, m-m-mas v-verdadeira. E v-você, R-R-Richie? Richie assentiu. - Também acredito. É horrível ter de acreditar, se entende o que quero dizer, mas não há outro jeito. Lembra-se do que ele disse sobre a língua do pássaro? Bill e Ben assentiram. Havia tufos alaranjados sobre ela.

- Aí está o curioso - disse Richie. - É como o vilão de uma história em quadrinhos. Lex Luthor, o Coringa ou alguém assim. Sempre deixando sua marca registrada. Bill assentiu, pensativo. *Como* o vilão de uma história em quadrinhos. Por que eles falavam assim? Pensavam dessa maneira? Bem, talvez fosse isso mesmo. Negócio para crianças, mas aquela coisa parecia insistir nisso - negócio para crianças. Eles cruzaram a rua, para a calçada da biblioteca. - P-P-Perguntei a St-St-Stan se ele j-já ouviu f-f-falar em u-um pá-pá-pássaro assim - disse Bill. - N-N-Não t-tão grande, m-m-mas a-a... - Um pássaro de *verdade?* - sugeriu Richie. Bill assentiu. - Ele di-disse que p-pode e-e-existir um p-p-pássaro co-como e-esse na Am- América do S-S-Sul ou na Á-Á-África, mas n-não p-p-por aq-aqui. - Quer dizer que ele não acreditou? - perguntou Ben. - E-Ele ac-acreditou - respondeu Bill. Então, contou a eles algo mais que Stan sugerira, quando tinham caminhado até o lugar onde ele deixara sua bicicleta. A idéia de Stan era que ninguém mais poderia ter visto aquele pássaro antes de Mike lhes contar aquela história. Alguma outra coisa, talvez, mas não aquele pássaro, porque era um monstro pessoal de Mike Hanlon. Só que agora... bem, agora aquela ave passara a ser propriedade de todos os membros do Clube dos Perdedores, não? *Qualquer um* deles poderia vê-la. Talvez não exatamente sob a mesma forma; Bill talvez a visse como a gralha, Richie como o falcão, Beverly como uma águia dourada, segundo Stan imaginava - mas A Coisa agora podia surgir como um pássaro para todos eles. Bill respondeu que, se isso fosse correto, então qualquer deles também poderia ver o leproso, a múmia ou, possivelmente, os garotos mortos. - Isto significa que devemos fazer alguma coisa bem depressa, se é que vamos fazê-la - havia replicado Stan. - A Coisa sabe... - O q-q-quê? - perguntara Bill vivamente. - T-T-Tudo q-que n-nós sa-sabemos? - Cara, se A Coisa sabe isso, então estamos perdidos - respondera Stan. - De qualquer modo, pode apostar que ela sabe que *nós* sabemos sobre *ela.* Acho que A Coisa tentará pegar nós. Ainda está pensando a respeito do que falamos ontem? - Estou. - Eu gostaria de poder ir com você. - B-B-Ben e Ri-Ri-Richie irão. Ben é muito in-in-inteligente e Ri-Ri-Richie também, quando não e-está en-en-enchendo o s-saco da g-gente. Agora, parados diante da biblioteca, Richie perguntava a Bill exatamente o que ele tinha em mente. Bill lhe disse, falando bem devagar, a fim de não gaguejar tanto. A idéia estivera rolando em sua cabeça nas duas últimas semanas, porém só se cristalizara após ele ouvir a história de Mike. O que você faria, se quisesse livrar-se de um pássaro? Bem, dar-lhe um tiro seria francamente decisivo. O que você faria, se quisesse livrar-se de um monstro? Bem, os filmes sugeriam que dar-lhe um tiro com uma bala de prata seria francamente decisivo. Ben e Richie ouviram tudo em respeitoso silêncio. Então, Richie quis saber: - E como arranjará uma bala de prata, Grande Bill? Mandará encomendá-la? - Muito en-en-engraçado. Nós temos que fa-fazê-la. - Como? - Acho que foi isso que viemos descobrir na biblioteca - falou Ben. Richie assentiu e empurrou os óculos para o alto do nariz. Atrás das

lentes, seus olhos eram perspicazes e pensativos... mas também dubitativos, pensou Bill. Aliás, ele próprio estava hesitante. Enfim, pelo menos não havia sombra de tolices nos olhos de Richie, o que já era um passo dado na direção certa. - Está pensando na Walther de meu velho? - perguntou Richie. - A arma que levamos à Rua Neibolt? - Is-isso m-mesmo - respondeu Bill. - Mesmo que a gente consiga realmente fazer balas de prata - disse Richie, - onde vamos conseguir a prata? - Deixe que eu cuido disso - replicou Ben quietamente. Certo... certo - replicou Richie. - Que o Monte de Feno cuide disso. E depois? Rua Neibolt outra vez?Bill assentiu. - Ru-Ru-Rua Ne-Ne-Neibolt outra v-vez. E então, estouramos a f-f-fodida c-c- cabeça da C-Coisa. Os três ficaram ali parados um pouco mais, entreolhando-se solenemente, e então entraram na biblioteca.

5

- Tão certo como dois e dois, é aquele sujeito negro outra vez! - exclamou Richie, em sua Voz do Tira Irlandês. Uma semana se passara; estavam quase em meados de julho e a sede do clube subterrâneo se achava praticamente concluída. - O máximo da manhã para o senhor, Sr. Hanlon! E que belo, belíssimo dia está prometendo, talvez ainda melhor do que isso, como minha velha mãe costumava... - Que eu saiba, o máximo da manhã é meio-dia, Richie - falou Ben, emergindo do buraco, - e meio-dia foi há duas horas atrás. Ele e Richie haviam estado escorando os lados do buraco. Ben tirara a grossa camisa de algodão, porque o dia estava quente e o trabalho era duro. Sua camiseta estava cinzenta de suor, grudada ao peito e ao estômago volumoso. Parecia incrivelmente alheio à sua aparência, mas Mike adivinhou que, se ele ouvisse Beverly chegando, tornaria a enfiar-se naquela camisa grossa, antes que se pudesse piscar um olho. - Não seja tão chato - você até parece Stan, o Homem - disse Richie. Ele havia saído do buraco cinco minutos antes porque, como disse a Ben, era hora de uma folga para um cigarro. - Pensei ter ouvido você dizer que não tinha cigarros - Ben replicara. - E não tenho mesmo - respondera Richie, - mas o princípio continua valendo. Mike tinha o álbum de fotografias do pai debaixo do braço. - Onde está todo mundo? - perguntou ele. Sabia que Mike estaria por perto, porque ele próprio havia deixado sua bicicleta estacionada debaixo da ponte, perto de Silver. - Bill e Eddie foram até o depósito de lixo faz uma meia hora. Querem ver se encontram algumas tábuas - disse Richie. - Stan e Bev foram à Loja de Ferragens Reynolds, comprar dobradiças. Não sei que diabo Monte de Feno faz aí embaixo - aí embaixo, ha-ha, você morou? - mas garanto que não deve ser nada bom. O garoto precisa de alguém que fique de olho nele, entende? Por falar nisso, você nos deve vinte e três centavos, se ainda quer ficar neste clube. É a sua cota nas dobradiças.

Mike passou o álbum do braço direito para o esquerdo e remexeu o bolso. Contou vinte e três centavos (deixando o belo total de dez centavos de sobra em seu tesouro pessoal) e os entregou a Richie. Em seguida, caminhou até a beira do buraco e espiou para dentro. Só que aquilo deixara de ser um buraco. Os lados tinham sido perfeitamente nivelados e cada um deles fora escorado. As tábuas eram irregulares, mas Ben, Bill e Stan tinham feito um bom trabalho, regulando-as o melhor possível com ferramentas da oficina de Zack Denbrough (e Bill se empenhara ao máximo para certificar-se de que cada ferramenta era devolvida, todas as noites, nas mesmas condições em que fora apanhada). Ben e Beverly haviam pregado peças cruzadas entre os suportes. O buraco ainda deixava Eddie algo nervoso, mas esta era a sua natureza. Empilhados cuidadosamente a um lado, havia torrões do solo removido, cobertos de relva, que depois seriam colados ao topo. - Acho que vocês entendem do que estão fazendo - comentou Mike. - É claro - disse Ben. Apontou para o álbum. - O que tem aí? - É o álbum de meu pai, com as fotos de Derry - respondeu Mike.- Ele coleciona velhas fotografias e recortes sobre a cidade. É o seu passatempo. Estive folheando o álbum faz uns dois dias - eu disse a vocês que pensava já ter visto aquele palhaço antes. E vi. Aqui. Então, trouxe o álbum para mostrar. - Estava envergonhado demais, para acrescentar que não tivera coragem de pedir permissão ao pai para fazer aquilo. Temendo as perguntas que Will pudesse fazer, ele apanhara o álbum como um ladrão, enquanto o pai plantava batatas no campo oeste e sua mãe pendurava roupas no pátio dos fundos. - Achei que vocês deviam dar uma espiada também. - Certo, vamos ver isso - falou Richie. - Seria melhor a gente esperar que todos estivessem aqui. - Tudo bem. - De fato, Richie não estava ansioso em ver mais fotografias de Derry, naquele álbum ou em outro qualquer. Não depois do ocorrido no quarto de Georgie. - Quer ajudar a nós dois com o resto dos suportes?- Claro. Mike depositou cuidadosamente o álbum de seu pai no chão, longe o suficiente do buraco para não ficar sujo de salpicos de terra voando lá de baixo. Depois pegou a pá de Ben. - Cave exatamente aqui - explicou Ben, apontando para o lugar. - Afunde uns trinta centímetros. Depois eu ponho uma tábua aí e a firmo contra o lado, enquanto você torna a jogar a terra na base. - Um bom plano, cara - disse Richie sabiamente, sentado à borda da escavação, com as pernas penduradas para baixo. - O que há de errado com *você?* - perguntou Mike. - Estou com um osso dentro da perna - replicou Richie, confortavelmente. - Como vai indo seu projeto com Bill? Mike parará o suficiente para tirar a camisa e então começou a cavar. Estava quente no interior do buraco, mesmo para um local como os Barrens. No meio da relva, grilos, cricrilavam sonolentamente, como relógios de verão. - Hum... mais ou menos - disse Richie, e Mike pensou que ele tivesse lançado a Ben um olhar com certa dose de prevenção. - Suponho. - Por que não liga seu rádio, Richie? - perguntou Ben. Fez uma tábua deslizar para o buraco que Mike cavara e a manteve firme. O transistor de Richie estava pendurado pela correia no lugar costumeiro, o ramo grosso de um arbusto próximo.

- As pilhas pifaram - disse Richie. - E você ficou com meus últimos vinte e cinco centavos para as dobradiças, esqueceu? Foi cruel, Monte de Feno, muito cruel de sua parte. Depois de tudo o que fiz por você! Por outro lado, tudo que o rádio pega, aqui nesta zona baixa, é a WABI, e lá eles só tocam um rock maricas. - Que? - perguntou Mike. - Monte de Feno pensa que Tommy Sands e Pat Boone cantam rock - disse Richie, - mas porque o coitado anda doente. *Elvis* canta rock. *Ernie K. Doe*

canta rock. *Carl Perkins* canta rock. Bobby Darin. Buddy Holly. *"Ahow Peggy... my Peggy... Suh-uh-oo..."*
- *Por favor,* Richie! - exclamou Ben. - Também - disse Mike, inclinando-se sobre sua pá - há Fats Domino, Chuck Berry, Little Richard, Shep e os Limelights, LaVerne Baker, Frankie Lymon e os Teenagers, Hank Ballard e os Mindnighters, os Coasters, os Isley Brothers, os Crests, os Chords, Stick McGhee...Os dois olhavam para ele com espanto, tão assombrados que Mike começou a rir. - Você me perdeu, depois de Little Richard - disse Richie. Ele gostava de Little Richard, mas se naquele verão tinha um herói secreto do rock-and-roll, era Jerry Lee Lewis. Por acaso, sua mãe estava na sala de estar no momento em que Jerry Lee atuava no programa *American Bandstand.* Era o ponto em que Jerry Lee trepava em cima do piano e tocava de cabeça para baixo, com os cabelos caindo no rosto. Estava cantando *High School Confidential.* Por um instante, Richie pensou que sua mãe fosse desmaiar. Ela não desmaiou, mas ficou tão traumatizada pelo que vira, que no jantar dessa noite falou em enviarem Richie para um daqueles acampamentos em estilo militar, pelo resto do verão. Agora, Richie jogava os cabelos sobre os olhos e começava a cantar: - *"Come on over baby ali the cats are at the high schoolrockin..."* Ben começou a cambalear à volta do buraco, segurando o estômago protuberante e fingindo ânsia de vômito. Mike apertou o nariz, mas ria tanto que as lágrimas lhe saltavam dos olhos. - O que há de errado? - exigiu Richie. - Quero dizer, o que *fez mal* a vocês, caras? Isso foi *muito bom!* Aliás, foi *muitíssimo bom!*

- Oh, cara! - exclamou Mike, rindo tanto, que mal podia falar. - Isso foi inestimável. Aliás, foi muitíssimo inestimável! - Negros não têm gosto - disse Richie. - Acho que até a Bíblia diz isso. - *Yo mamma* - disse Mike, rindo mais forte do que nunca. Quando Richie, sinceramente intrigado, perguntou o que *aquilo* significava, Mike sentou-se com um baque surdo e balançou-se para diante e para trás, segurando o estômago. - Provavelmente você pensa que estou com inveja - declarou Richie. - Provavelmente pensa que *quero* ser um negro. Agora foi Ben quem caiu ao chão, rindo descontroladamente. Todo o seu corpo estremecia, sacudia-se de modo alarmante. Seus olhos esbugalhavam-se. - Já-Já chega, Richie! - conseguiu dizer. - Vou borrar as calças... Vou m-m-morrer, se você não pa-parar... - Pois eu *não* quero ser um negro - replicou Richie. - Quem quer usar calças cor- de-rosa, morar em Boston e comprar pizza em fatias? Quero ser judeu, como Stan. Quero ter uma loja de penhores e vender aos outros lâminas de barbear, pratos de plástico para cães vomitarem e guitarras usadas! Ben e Mike realmente agora davam gargalhadas histéricas. O riso dos dois ecoou através da ravina verdejante e intrincada que compunha o mal denominado Barrens,

fazendo com que pássaros levantassem vôo e esquilos ficassem momentaneamente hirtos sobre as patas traseiras. Era um som jovem, penetrante, animado, vital, despreocupado, livre. Quase todo ser vivo dentro do raio de alcance daquele som reagiu a ele de algum modo, porém a coisa que havia assomado a um largo encanamento de concreto, saindo dele para a parte superior do Kenduskeag, não era viva. Na tarde anterior houvera uma súbita chuvarada (a futura sede do clube não tinha sido muito afetada - desde o início das escavações, Ben havia coberto cuidadosamente o buraco com um velho pedaço de lona, que Eddie surrupiara de trás do Balneário de Wally; fedia a tinta, mas cumpria a sua missão), e os canos de águas pluviais por baixo da cidade tinham ficado inundados por duas ou três horas. Esse acréscimo de água é que havia despejado sua desagradável carga ao sol, para que as moscas a encontrassem. Era o corpo de um menino de nove anos, chamado Jimmy Cullum. Excetuando-se o nariz, seu rosto desaparecera, substituído por algo estraçalhado e informe. Aquela carne viva estava pontilhada com profundas marcas negras, que talvez somente Stan Uris pudesse identificar pelo que eram: bicadas. Bicadas, produzidas por um enorme bico. A água deslizou sobre as calças enlameadas de algodão que Jimmy Cullum usava. Suas mãos brancas flutuavam como peixes mortos. Também estavam bicadas, embora não tanto quanto o rosto. A camisa estampada inflava-se e desinflava-se, enchendo e esvaziando, como uma bexiga. Bill e Eddie, carregados sob o peso de tábuas tiradas do depósito de lixo, cruzaram o Kenduskeag pelas pedras salpicadas, a menos de quarenta metros do cadáver. Ouviram Richie, Ben e Mike dando risadas, acabaram rindo também e passaram apressados, sem ver os restos de Jimmy Cullum, ansiosos em saber o que ocorrera de tão engraçado.

6

Eles *ainda* riam, quando Bill e Eddie chegaram à clareira, suando debaixo de seu carregamento de madeira. O próprio Eddie, em geral tão pálido como queijo, tinha algum colorido nas faces. Eles deixaram cair as novas tábuas sobre a pilha de suprimentos quase no fim. Ben emergiu do buraco, a fim de inspecioná-las. - Que achado! - exclamou. - Uau! Grande! Bill atirou-se ao chão. - P-P-Posso ter m-meu a-a-ataque do co-coração agora ou t-tenho de es-es-esperar até m-mais ta-tarde? - Espere até mais tarde - disse Ben, com ar ausente. Havia trazido para os Barrens algumas ferramentas suas, e agora agachava-se sobre as tábuas, removendo pregos e parafusos. Jogou uma a um lado, porque estava lascada. Batendo em outra com os nós dos dedos, ouviu um som oco em pelo menos três lugares, e aquela também foi separada. Eddie olhava para ele, sentado em um montículo de terra. Esguichou uma dose do medicamento de seu aspirador dentro da garganta, quando Ben arrancou um prego enferrujado de uma tábua, com a extremidade em pinça de seu martelo. O prego rangeu, como algum animal pequeno e desagradável que fosse pisado e não gostasse disso. - Quando a gente se corta com um prego enferrujado - informou Eddie a Ben, - pode pegar tétano. - O que? - perguntou Richie. - O que é isso de tetas? Soa como uma doença de mulher.

- Não seja burro - replicou Eddie. - Eu disse *tétano,* não *tetas,* e significa queixo trancado. Há micróbios especiais que se criam na ferrugem, entenda, e quando a gente se corta, eles podem penetrar no corpo e, bem, acabar com os nervos. As faces de Eddie ficaram ainda mais vermelhas e ele usou novamente seu aspirador. - Queixo trancado... céus! - exclamou Richie, impressionado. - A coisa parece séria. - Pode apostar. Primeiro, o queixo fica endurecido, fechado com tanta força, que não se consegue abrir a boca nem para comer. Então, eles têm que abrir um buraco no rosto da gente e alimentar-nos com líquidos, através de um tubo. - Nossa! - exclamou Mike, em pé no buraco. Tinha os olhos arregalados, as escleróticas muito brancas no rosto marrom. - Tem certeza? Foi minha mãe que disse - respondeu Eddie. - Depois, é a garganta que se fecha. Então a pessoa não pode comer mais e morre de fome. Os outros meditaram silenciosamente nesse horror. - Não há cura - acrescentou Eddie. Mais silêncio. - Portanto - acrescentou Eddie animadamente, - estou sempre de olho em pregos enferrujados e porcarias como essas. Tive que tomar injeção para tétano uma vez e dói pra cachorro. - Então, por que foi à lixeira com Bill e trouxe toda essa joça com ele? - perguntou Richie. Eddie olhou brevemente para Bill, que observava o interior da sede do clube. Naquele olhar havia todo o amor e adoração pelo herói suficientes para responder à pergunta, porém Eddie respondeu, quietamente: - Alguma coisa tem que ser feita, mesmo que *exista* risco. Foi a primeira coisa importante que descobri, e descobri isso com minha mãe. Seguiu-se outro silêncio, não inteiramente desconfortável. Então, Ben voltou a arrancar pregos enferrujados e, após um momento, Mike Hanlon se juntou a ele. O transistor de Richie, desfalcado de sua voz (pelo menos, até o dono receber a mesada ou arranjar um gramado para aparar), oscilou no galho baixo, movido por uma brisa leve. Bill teve tempo de refletir em como aquilo tudo era estranho, tão estranho e perfeito, estarem ali reunidos, nesse verão. Havia escolares em férias visitando parentes. Outros que tinham ido gozá-las na Disneylândia, Califórnia, em Cape Cod ou, no caso de um colega, em um lugar que parecia inimaginavelmente distante, com o curioso mas evocativo nome de Gstaad. Havia crianças no acampamento da igreja, crianças em acampamentos escoteiros, crianças em acampamentos para ricos, onde elas aprendiam a nadar e jogar golfe (e também aprendiam a dizer "Ei, boa jogada!" em vez de "Foda-se!" quando o adversário lhe enviava um saque assassino no tênis) e crianças cujos pais simplesmente as tinham levado EMBORA. Bill podia entender isso. Ele conhecia alguns garotos que queriam IR EMBORA, amedrontados pelo aterrorizante homem desconhecido que lançara o pânico em Derry, naquele verão, mas desconfiava que maior era o número dos pais assustados por aquele bicho-papão. Pessoas que haviam planejado passar as férias em casa, de repente tinham decidido IR EMBORA.

(Gstaad? Seria na Suécia? Argentina? Espanha?)

em vez disso. Era um pouco semelhante ao pânico espalhado pela pólio em 1956, quando quatro crianças que tinham ido nadar na piscina do Memorial O'Brian, haviam contraído a doença. Naquela época, como agora, os adultos - que na mente de Bill eram o sinônimo perfeito para pais e mães - tinham decidido ser melhor IR EMBORA. Era mais seguro. Todos que podiam mudar-se, tinham abandonado a cidade. Bill compreendia o

significado de DISTÂNCIA e podia meditar em uma palavra de tão fabuloso pasmo como Gstaad, porém pasmo era um frio consolo, comparado a desejo; Gstaad era a DISTÂNCIA; Derry era o desejo.
E nenhum de nós DISTANCIOU-SE, pensou, olhando enquanto Ben e Mike arrancavam pregos usados de tábuas usadas, e enquanto Eddie caminhava para o meio dos arbustos a fim de dar uma mijada (a gente tinha que fazer isso assim que era possível, para evitar uma séria distensão da bexiga, disse ele a Bill certa vez, mas também precisava acautelar-se com a hera venenosa, porque ninguém ia querer ter um caso
daquilo no pinto). *Estamos todos aqui em Derry. Nada de acampamentos, de parentes, de IR EMBORA. Todos aqui mesmo. Todos presentes e com um motivo.*
- Há uma porta lá - disse Eddie, puxando o zíper, enquanto voltava para junto dos outros. - Espero que tenha sacudido, Eds - disse Richie. - Quando a gente não sacode, cada vez que mija, pega câncer. Foi minha mãe que disse. Eddie pareceu assustado, um pouco preocupado, mas então viu o sorriso de Richie. Ele o ignorou (ou tentou ignorar), dirigindo-lhe um olhar de histórias-para-crianças, e então disse: - Era grande demais para carregarmos, mas Bill disse que se formos todos, podemos trazê-la para cá. - É claro que a gente nunca consegue sacudir *completamente* - prosseguiu Richie. - Quer saber o que um homem inteligente me disse certa vez, Eds? - Não - respondeu Eddie, - e também não quero que fique me chamando de Eds, Richie. Falo sério, sou sincero. Não costumo chamar você de Dick, como em "Você tem uma língua de trapo na boca, Dick?" Portanto, não vejo por que... - Esse sábio - continuou Richie - me disse o seguinte: "Não importa o quanto você se torça ou dance, as duas últimas gotas ficam em suas calças." Por isso é que existe tanto câncer no mundo, Eddie, meu amor. O motivo de haver tanto câncer no mundo é porque imbecis como você e Beverly Marsh fumam cigarros - replicou Eddie.- Beverly não é uma imbecil! - exclamou Ben, em tom imperativo. - Cuidado com o que diz, Boca de Lixo! - Bip-bip para vocês, c-caras - disse Bill, alheadamente. - E por falar em B-B- Beverly, ela é bem f-f-forte. Podia aj-ajudar com aquela p-p-porta. Ben perguntou que tipo de porta era. - A-Acho que é de mo-mo-mogno. - Alguém jogou fora uma *porta de mogno?* - exclamou Ben, surpreso, mas sem acreditar. - As pessoas jogam *tudo* fora - disse Mike. - Aquele depósito de lixo? Francamente, me dói ir até lá. E falo *sério.*

- Claro - concordou Ben. - Há muita coisa que pode ser consertada sem dificuldade. No entanto, existem pessoas na China e na América do Sul sem nada. *Minha*
mãe é que diz. - Aqui no Maine também existem pessoas sem nada, sabichão - disse Richie gravemente. - O q-q-que é i-isto? - perguntou Bill, reparando no álbum que Mike levara. Mike explicou, dizendo que mostraria a foto do palhaço quando Stan e Beverly chegassem com as dobradiças. Bill e Richie trocaram um olhar. - O que há de errado? - perguntou Mike. - É o que aconteceu no quarto de seu irmão, Bill? - I-I-Isso m-mesmo - respondeu Bill, e nada mais diria.

Eles se revezaram trabalhando no buraco, até que Stan e Beverly voltaram, cada um com um saco de papel pardo contendo dobradiças. Enquanto Mike falava, Ben sentou-se de pernas cruzadas e produziu janelas sem vidraças com duas das tábuas compridas, janelas que se abriam e fechavam. Talvez apenas Bill reparasse na rapidez e facilidade com que seus dedos se moviam, que habilidade e conhecimento tinham aqueles dedos, semelhantes aos de um cirurgião. Bill admirou aquilo. - Meu pai disse que algumas dessas fotos têm cem anos - explicou Mike a eles, segurando o álbum no colo. - Ele as consegue naquelas vendas que as pessoas fazem em seus quintais e em lojas de segunda-mão. Às vezes ele compra ou troca com outros colecionadores. Algumas delas são estereoscópicas - há duas iguais em um cartão comprido, e quando se olha para elas com aquela coisa parecida com binóculo, a gente tem a impressão de que são uma só foto, somente que em 3-D. Como em *Casa de cera* ou
O monstro da lagoa negra.
- Por que ele gosta desse tipo de coisa? - perguntou Beverly. Ela usava calças Levi's comuns, porém tinha feito algo interessante no final das pernas, cobrindo-as com vivo tecido estampado nos últimos dez centímetros, de maneira que pareciam calças imaginadas por algum marinheiro extravagante. - Certo - concordou Eddie. - Em geral, Derry é um lugar bastante aborrecido. - Não sei bem, mas acho que é porque ele não nasceu aqui - explicou Mike, sem grande convicção. - É como... sei lá... como se tudo fosse novidade para ele ou então, sabem como é, quando a gente entra no cinema no meio de um filme e... - C-C-Claro, a g-gente quer ver o co-co-começo - disse Bill. - Isso - respondeu Mike. - Há muita história envolvendo Derry e eu acho que gosto disso. Também acho que parte das histórias e fotos tem qualquer coisa a ver com este negócio - esta Coisa, se querem chamá-la assim. Mike olhou para Bill, que assentiu, de olhar pensativo. - Por isso, fui olhar o álbum depois da parada do Quatro de Julho. Eu *sabia* que já tinha visto aquele palhaço antes. Eu o *conhecia.* E vejam só! Ele abriu o álbum, virou algumas folhas e depois o estendeu a Ben, que se sentara à sua direita. - N-N-Não to-toquem nas pá-pá-páginas! - disse Bill, e havia tal premência em sua voz, que todos se sobressaltaram. Ele havia fechado a mão que cortara ao tocar o álbum de Georgie, como Richie reparou. Fechara-a em um nó apertado e protetor. - Bill tem razão - disse Richie, e sua voz baixa, em um tom inusitado para ele, foi um poderoso persuasivo. - Tomem cuidado. É como disse Stan. Se nós vimos acontecer, vocês também poderiam ver. - Apenas *olhem* - acrescentou Bill, em voz grave. O álbum passou de mão em mão, cada um deles segurando-o nervosamente pelos cantos, como se fosse dinamite antiga, soltando grandes gotas de nitroglicerina. O álbum voltou a Mike. Ele o abriu em uma das primeiras páginas. - Papai disse que não há meios de datar-se essa aí, mas deve ser de começos ou meados de 1700 - disse Mike. - Ele consertou a serra de fita de um sujeito, em troca de uma caixa de fotos e livros antigos. Essa foto foi uma das que estavam na tal caixa. Ele disse que talvez valha umas quarenta pratas ou mais. A estampa era uma xilogravura, do tamanho de um cartão-postal grande. Quando chegou a vez de Bill ver as fotos, ficou aliviado ao reparar que o pai de Mike possuía o tipo de álbum em que os retratos ficam debaixo de uma folha protetora de plástico.

Olhou, fascinado, enquanto pensava: *Pronto. Eu o estou vendo - ou vendo A Coisa. Vendo de verdade. Aí está a face do inimigo.*
A estampa mostrava um tipo curioso, fazendo malabarismo com enormes pinos de boliche, no meio de uma rua lamacenta. Havia algumas casas em cada lado da rua, e cabanas que Bill adivinhou serem lojas ou postos de trocas - fosse lá como as chamavam na época. Não tinha a menor semelhança com Derry, à exceção do Canal. *Ele,* o canal, estava ali, ordenadamente lajeado nos dois lados. Ao alto, no fundo, Bill viu uma equipe de mulas, em um caminho de sirga, puxando uma barcaça. Havia um grupo de talvez doze crianças em torno do sujeito curioso. Uma delas usava um chapéu de palha. Outra tinha um arco e uma vareta com que empurrá-lo para que rodasse no chão. Não era o tipo de vareta que viria com um arco, comprado atualmente na loja Woolworth's, mas sim um pequeno ramo desbastado de árvore. Bill podia ver os nós do galho, de onde haviam brotado galhos menores, agora desbastados com uma faca ou machado. *Essa coisa nunca foi feita em Taiwan ou na Coréia,* pensou Bill, fascinado por um garoto que podia ter sido ele, se houvesse nascido cinco ou seis gerações antes. O sujeito curioso tinha um vasto sorriso na face. Não usava pintura (exceto que, para Bill, seu *rosto* inteiro parecia maquilado), mas era quase totalmente careca, com apenas dois tufos de cabelos espetados para o alto sobre as orelhas, à maneira de chifres. Bill não teve dificuldade em identificar o palhaço deles. *Há duzentos anos ou mais,*

pensou, e um louco surto de terror, raiva e excitamento percorreu seu corpo. Vinte e sete anos mais tarde, sentado na Biblioteca Pública de Derry e recordando aquela sua primeira vista do álbum do pai de Mike, ele percebeu que se sentira como um caçador descobrindo a primeira trilha de um velho tigre assassino. *Há duzentos anos... tudo isso, e só Deus sabe quanto mais tempo.* Isto o fez perguntar-se por quanto tempo o espírito de Parcimonioso *estivera* ali, em Derry - mas descobriu que não gostaria de prosseguir com a idéia.- Passe para mim, Bill! - Richie estava pedindo. Entretanto, Bill ficou um pouco mais com o álbum, olhando fixamente a pirogravura, certo de que ela começaria a mover-se: os pinos de boliche (se é que eram isso) com que o sujeito curioso fazia malabarismos, subiriam e cairiam, subiriam e cairiam, as crianças ririam e aplaudiriam (embora talvez nem *todas* rissem e aplaudissem; algumas poderiam chorar e correr, em vez disso), a equipe de mulas puxando a barcaça se moveria para além das bordas da estampa... Como nada acontecesse, ele passou o álbum para Richie. Quando o álbum voltou às mãos de Mike, ele virou algumas páginas. - Vejam isto - disse ele. - É de 1856, quatro anos antes de Lincoln ser eleito Presidente. O álbum foi novamente passado de mão em mão. Era uma foto colorida - um tipo de caricatura - mostrando um bando de bêbados em pé diante de um *saloon,* enquanto um gordo político de bigodes caídos declamava, postado em cima de uma tábua, sustida nas extremidades por dois tonéis. Ele segurava uma espumante caneca de cerveja em uma das mãos. A tábua em que pisava estava consideravelmente inclinada sob seu peso. A alguma distância, algumas mulheres usando toucas olhavam para aquele espetáculo, uma mistura de bufonaria e intemperança, com expressão de desgosto. A legenda abaixo da ilustração dizia: EM DERRY, A POLÍTICA É UM TRABALHO SEDENTO, DIZ O SENADOR GARNER! - Papai disse que retratos assim eram muito populares, nos anos anteriores à Guerra Civil - disse Mike. - Tinham o nome de cartões-bufões, e era costume as pessoas

enviarem esses cartões umas às outras. Acho que deviam ser como algumas das piadas no *Mad* - disse Bill. - É isso aí - replicou Mike. - E agora, espie no canto deste aqui. O retrato era como as ilustrações do *Mad,* em outro sentido - mostrava muitos detalhes e pequenas piadas laterais, como um grande painel de Mort Drucker, em um arremedo de filme na revista *Mad.* Havia um gordo sorridente despejando um copo de cerveja pela goela de um cão malhado. Havia uma mulher que caíra sentada em uma poça de lama. Havia dois molecotes difarçadamente espetando fósforos com cabeça de enxofre nas solas de um negociante de aparência próspera e uma menina pendurada a um olmo pelas pernas, de maneira que suas roupas de baixo apareciam. Contudo, apesar do estranho realismo dos detalhes, não foi preciso que Mike apontasse aos outros onde estava o palhaço. Vestindo um berrante terno xadrez de caixeiro viajante, ele fazia o jogo das nozes (*Jogo em que o operador aparentemente cobre uma pequena bola ou ervilha com um*

de três copos - no caso acima, uma casca de noz - e então, movendo os copos, solicita a alguém que faça apostas no copo que esconde a bola ou ervilha. - N. da T.) com um grupo de madeireiros bêbados. Piscava para um lenhador que, a julgar pela boca aberta e ar de surpresa no rosto, acabara de escolher a casca de noz errada. O palhaço/caixeiro viajante recolhia uma moeda do homem. - Ele de novo - disse Ben. - Nossa... Cem anos mais tarde? - Exatamente - replicou Mike. - E aqui está um de 1891. Era um recorte da primeira página do *News* de Derry. HURRA! proclamava exuberantemente o cabeçalho. INAUGURA-SE A FUNDIÇÃO! Logo abaixo, o subtítulo: "*A cidade se transforma em piquenique de gala." A* foto mostrava uma xilogravura da cerimônia em que eram cortadas as fitas inaugurais da Fundição Kitchener. O estilo fez Bill recordar as ilustrações de Currier e Ives que sua mãe tinha na sala de refeições, embora esta aqui não fosse tão lustrosa. Um indivíduo de fraque e cartola empunhava uma enorme tesoura aberta acima das fitas da Fundição, observado por uma multidão de talvez quinhentas pessoas. Mais à esquerda havia um palhaço - o palhaço deles - executando cabriolas para um grupo de crianças. O artista o apanhara no momento em que dava uma cambalhota com a cabeça para baixo, transformando-lhe o riso em um grito. Ele passou o álbum rapidamente para Richie. Abaixo da foto seguinte, Will Hanlon havia escrito: *1933: Rejeição em Derry.*

Embora nenhum dos garotos soubesse muito sobre o *Volstead Act* ou também sobre sua rejeição, o retrato tornava claros os fatos salientes. A foto mostrava o Balneário de Wally, no Meio Acre do Inferno. O lugar estava quase literalmente tomado, até o teto, por homens usando camisas brancas de colarinho aberto, outros com largos chapéus de palhinha, com camisas de lenhadores, camisetas, ternos de banqueiros. Todos eles erguiam vitoriosamente copos e garrafas no ar. Havia dois enormes cartazes na janela SEJA BEM-VINDO, JOHN BARLEYCORNI" (*Personificação cômica da bebida alcoólica, em especial a fabricada com malte ou milho. - N. da T.*) almofadinha, dizia um. E o outro: CERVEJA GRÁTIS ESTA NOITE. O palhaço, trajado como o maior que já se viu (sapatos brancos, polainas, calças de gângster), tinha o pé no estribo de um automóvel Reo e bebia champanha de um sapato feminino de salto alto. - 1945 - disse Mike. O *News* de Derry novamente. A manchete: RENDE-SE O JAPÃO - TERMINOU! GRAÇAS A DEUS A GUERRA TERMINOU! Um desfile abria caminho, sepenteando ao longo da Rua Main, na direção da Colina Milha Acima. E lá estava o palhaço ao

fundo, usando seu traje prateado com os botões alaranjados, captado na matriz de pontos que compunha a granulosa foto jornalística, parecendo sugerir (ao menos para Bill) que nada terminara, que ninguém se rendera, que nada fora conquistado, que zero continuava como norma, que a demagogia ainda era o costume; parecendo sugerir, antes de mais nada, que tudo continuava perdido. Bill sentiu frio, secura e medo. De repente, o pontilhado da fotografia desapareceu e ela começou a mover-se. - isso é o que... - começou Mike. - V-Ve-Vejam! - exclamou Bill. A palavra lhe caiu da boca como um cubo de gelo parcialmente derretido. - *V-V-Vocês to-todos, o-olhem p-pa-para is-is-isto!*

Os outros amontoaram-se à volta dele. - Oh, meu *Deus!* sussurrou Beverly, temerosa. - É *A COISA* - Richie quase gritou, batendo excitadamente nas costas de Bill. Olhou para o rosto pálido e abatido de Eddie, depois para as feições contraídas de Stan Uris. - Foi o que nós vimos no quarto de Georgie! *Foi exatamente isso que nós...*

- Psst! - fez Ben. - Escutem! - E, quase soluçando: - A gente pode ouvi-los... Céus, podemos ouvi-los no retrato! Então, no silêncio quebrado apenas pela branda aragem do verão, todos constataram que podiam ouvir. A banda tocava uma música marcial, distante e amortecida pelo tempo... pela distância... ou fosse o que fosse. Os aplausos e gritos da multidão eram como sons que podiam chegar através de uma estação radiofônica mal sintonizada. Havia ruídos de estouros, também fracos, como o som sufocado de dedos estalando. - Fogos - sussurrou Beverly, esfregando os olhos com mãos trêmulas. - São fogos, não são? Ninguém respondeu. Eles fitavam a foto, os olhos ardendo nos rostos. A parada ziguezagueou na direção deles, mas pouco antes dos desfilantes chegarem à linha inferior extrema - no ponto onde pareciam prestes a marchar para fora da foto, saltando para um mundo de trinta anos depois - sumiram de vista, como se em alguma espécie de curva ignorada. Primeiro os soldados da Primeira Guerra Mundial, de faces estranhamente envelhecidas sob os capacetes metálicos, levando sua faixa com os dizeres: OS VPG DE DERRY SAÚDAM A VOLTA DE NOSSOS BRAVOS RAPAZES, depois os escoteiros, os kiwanianos (*Membros de clubes masculinos organizados nos EUA e Canadá, que promovem padrões éticos nos negócios e profissões. - N. da T.*), o Corpo de Enfermagem Nacional, a Banda Cristã Marcial de Derry e, em seguida, os próprios veteranos de Derry da Segunda Guerra Mundial, com a banda do ginásio atrás deles. A multidão se movia e dispersava. Confete e serpentinas caíam de janelas do segundo e terceiro pisos dos prédios comerciais que marginavam as ruas. O palhaço saltitava ao longo das fileiras, fazendo graças e cabriolas, imitando um atirador de tocaia, imitando uma continência militar. E, pela primeira vez, Bill notou que as pessoas afastavam-se dele - mas não exatamente como se o *vissem;* era mais como se sentissem uma corrente de ar ou o cheiro de algo ruim. Somente as crianças o viam realmente, e esquivavam-se dele. Ben estirou a mão para a foto, como Bill fizera no quarto de George. - N-N-N-Não! - gritou Bill. - Acho que não faz mal, Bill - disse Ben. - Veja. - Ele pousou a mão sobre o plástico protetor em cima da foto, durante um momento, depois a retirou. - No entanto, se tirarmos essa cobertura...

Beverly soltou um grito. O palhaço esquecera as palhaçadas, quando Ben afastou a mão. Correu na direção deles, sua boca sangrenta zombeteira e rindo. Bill pestanejou, mas continuou espiando como antes, imaginando que ele sumiria de vista, como acontecera com os outros desfilantes, a banda marcial, os escoteiros e o Cadillac conversível levando Miss Derry 1945. O palhaço, entretanto, não desapareceu naquela curva que parecia definir a borda daquela antiga existência. Em vez disso, saltou com assustadora e ágil graça para um poste de iluminação que se erguia na extrema esquerda da parte inferior da foto. Subiu como um macaco em um galho e, de repente, seu rosto foi pressionado contra a dura folha de plástico que Will Hanlon pusera sobre cada página de seu álbum. Beverly tornou a gritar e, agora, Eddie gritou também, embora seu grito fosse fraco e sem fôlego. A folha de plástico salientou-se - mais tarde, todos concordariam que tinham notado isso. Bill viu o bulbo vermelho do nariz do palhaço achatar-se, como fica achatado um nariz, pressionado contra uma vidraça. - *Vou matar todos vocês!* - ria e gritava o palhaço. - *Tentem deter-me e matarei todos vocês! Vou deixá-los loucos e depois os matarei! Vocês não podem deter-me! Sou o Homem-biscoito de Gengibre! Sou o Lobisomem Adolescente!*

Por um momento, *ele foi* o Lobisomem Adolescente, a cara redonda e prateada do licantropo espiando para eles acima da gola folhada do traje prateado, exibindo os dentes brancos. - *Não podem deter-me! Eu sou o leproso!*

Agora era o rosto do leproso, amedrontador e soltando pele, carcomido de ulcerações, fitando-os com os olhos de um morto-vivo. - *Não podem deter-me! Eu sou a múmia!*

A cara do leproso envelheceu, ficou riscada de linhas e rachaduras. Antigas ataduras soltavam-se em metade da pele, depois solidificavam-se. Ben desviou os olhos, o rosto branco como queijo, tapando o pescoço e a orelha com uma das mãos. - *Não podem deter-me! Sou os garotos mortos!*
- *Não!* - gritou Stan Uris. Seus olhos esbugalharam-se acima de crescentes arroxeados de pele, semelhantes a equimoses - *carne em choque,* pensou Bill aereamente, e esse foi um termo que usaria em uma novela, doze anos mais tarde, sem imaginar de onde ele proviera, apenas aceitando-o, como os escritores aceitam a palavra certa no momento certo, tomando-a como uma simples dádiva daquele espaço exterior

(espaço exterior)
de onde, as vezes, chegam as palavras adequadas. Stan arrancou-lhe o álbum das mãos e o bateu com força, fechando-o. Manteve-o fechado com ambas as mãos, os tendões salientando-se ao longo da superfície interna dos pulsos e braços. Fitou os outros com olhos que eram quase insanos. - Não - disse rapidamente. - Não, não, não! De repente, Bill viu-se mais preocupado com as repetidas negações de Stan do que com o palhaço. Compreendeu que era exatamente aquela a espécie de reação que o palhaço esperara provocar, porque...

Porque talvez A Coisa esteja com medo de nós... realmente com medo, pela primeira vez em sua longa, longa vida.
Agarrou Stan e o sacudiu duas vezes, com força, segurando-o pelos ombros. Os dentes de Stan entrechocaram-se e ele deixou o álbum cair. Mike o recolheu e colocou de lado apressadamente, não querendo tocá-lo por muito tempo, depois do que tinha visto.

Contudo, ainda era de seu pai e, intuitivamente, sabia que Will Hanlon jamais veria ali o que eles tinham acabado de ver. - Não - disse Stan, baixinho. - Sim - disse Bill. - Não - repetiu Stan. - *Sim.* T-T-Todos nós... - *Não!*

- ...v-vi-vimos, Stan - disse Bill. Ele olhou para os outros. - Sim - disse Ben. - Sim - disse Richie. - Sim - disse Mike. - Oh, meu Deus, sim! - Sim - disse Bev. - Sim - Eddie conseguiu balbuciar, ofegando rapidamente, com a garganta comprimida. Bill olhou para Stan, sua expressão exigindo que o outro também o encarasse. - N-Não de-deixe que i-isso o as-as-assuste, cara - falou Bill. - Vo-Vo-Você t-t- também v-v-viu. - *Eu não queria ver!* - gemeu Stan, com o suor brotando de sua testa, em uma camada oleosa. - Mas vo-você *v-v-viu!*

Stan olhou para os outros, de um em um. Passou as mãos pelos cabelos curtos e deixou escapar um grande, trêmulo suspiro. Seus olhos pareceram ficar mais límpidos, sem aquela espécie de loucura que deixara Bill tão preocupado. - Certo - disse ele. - Certo. Está bem. É o que você quer, não? - Pois então... eu vi. Bill pensou: *Ainda estamos todos juntos. A Coisa não nos deteve. Ainda podemos matá-la. Ainda podemos matar A Coisa... se tivermos coragem.*

Olhou para os outros e, em cada par de olhos, percebeu certa dose da histeria de Stan. Nada tão sério, mas existente. - C-C-Certo - disse, e sorriu para Stan. Após um momento, Stan sorriu também e parte daquela terrível expressão chocada abandonou seu rosto. - É o q-que eu que-queria, seu mi-mijão. - Bip-bip, Dumbo - disse Stan, e todos riram. Era um riso estridente e histérico, mas Bill admitiu ser melhor do que nada. - V-V-Vamos - disse ele, porque alguém precisava dizer alguma coisa. - V-V- Vamos te-terminar o clube. O que di-dizem? Viu a gratidão nos olhos deles e sentiu uma certa alegria pelos companheiros... mas a gratidão que demonstravam pouco fez para curar o seu próprio terror. De fato, naquela gratidão havia algo que o fez querer odiá-los. Será que nunca poderia expressar o terror que sentia, por temer que se soltassem os frágeis elos que mantinham o grupo unido? Aliás, até mesmo pensar nisso não era muito justo, era? Porque, de certa forma, pelo menos, ele os estava usando - usando os amigos, arriscando suas vidas - para ajustar contas pela morte do irmão. E seria realmente essa a intenção? Não, uma vez que George estava morto; então, se pudesse ser exercida alguma vingança, afinal, Bill suspeitava de que só o seria em benefício dos vivos. Assim, em que isso o transformava? Em um merdinha egoísta, esgrimindo uma espada de lata e tentando dar-se ares de Rei Artur?

Oh, Cristo! gemeu para si mesmo. *Se isto é o negócio em que adultos têm de pensar, não quero crescer nunca!*

Sua resolução continuava forte, porém era uma amarga decisão.

Amarga.

CAPÍTULO 15

O buraco enfumaçado

1

Richie Tozier empurra os óculos para o alto do nariz (o gesto já parece inteiramente familiar, embora ele houvesse usado lentes de contato durante vinte anos) e, com certo espanto, reflete que a atmosfera modificou-se no aposento, enquanto Mike recordava o incidente com o pássaro, na Fundição, e lhes recordara o ocorrido com o álbum de fotografias de seu pai, quando a foto se movera. Richie sentira uma alucinada, eufórica espécie de energia, crescendo ali dentro. Havia experimentado cocaína umas nove ou dez vezes nos últimos dois anos - em festas, principalmente; quando se é um disk jockey de nome, a coca não é algo que se queira apenas ter em casa - e a sensação era um tanto semelhante à de agora, embora não exatamente. O que experimentava agora era mais puro, mais diretamente no sangue. Pensou ter reconhecido a sensação vivida na infância, quando era fato diário e ele a aceitava como natural. Supôs que, se um dia refletisse sobre aquele profundo rio de energia correndo nas profundidades de seu corpo, quando criança (ele não recordava se chegara a meditar nisso), simplesmente o teria qualificado como um fato da vida, algo que sempre estaria ali, como a cor de seus olhos ou seus aborrecidos dedos do pé em forma de martelo. Bem, acontece que isso não era verdade. A energia que se desperdiça extravagantemente na infância, uma energia que se julga inesgotável havia desaparecido em algum ponto, entre os dezoito e vinte e quatro anos, sendo substituída por algo muito mais insípido, tão artificial como a euforia da coca: propósitos, talvez, ou objetivos, qualquer palavra oca da Câmara de Comércio Junior que se queira usar. Não era uma grande coisa: aquilo não chegava de repente, com um estalo. Talvez seja essa a parte assustadora, pensou Richie. Ninguém pára de ser criança subitamente, com um estouro explosivo, à semelhança de um daqueles enganosos balões do palhaço, com suas inscrições baratas. A criança dentro de nós apenas se escoa, como o ar escapando de um pneu. Um dia, ao olhar no espelho, vemos um adulto que nos fita. Podemos continuar usando blue-jeans, podemos continuar indo a concertos de Springsteen e Seger, podemos tingir os cabelos, mas ainda assim aquele rosto no espelho é o de um adulto. Tudo aconteceu enquanto dormíamos, talvez, como uma visita da Fada do Dente.

Não, *pensa ele.* Não a Fada do Dente. A Fada da *Idade. Ele ri alto, ante a idiota extravagância desta imagem e, quando Beverly o fita inquisitivamente, faz um gesto de mão para ela.*
- Não foi nada, meu bem - diz. - Estava apenas pensando. Agora, contudo, aquela energia voltou. Não em toda a exuberância - de qualquer modo, ainda não - mas está voltando. Ele pode senti-la locupletando o aposento. Pela primeira vez desde que todos se reuniram para aquele almoço hediondo no mall, Richie

acha Mike um cara legal. Quando havia entrado no saguão e vira Mike sentado lá, com Ben e Eddie, tinha pensado, com um choque: Aí está um homem que começa a enlouquecer, talvez prestes a suicidar-se. *Aquela aparência de alucinado, contudo, agora desaparecera. Não apenas se sublimara; evaporara-se. Richie se tinha sentado lá e vira os remanescentes daquilo abandonarem o rosto de Mike, enquanto ele revivia a experiência do pássaro e do álbum. Ficara energizado. E o mesmo acontecera a todos eles. Está em seus rostos, suas vozes, seus gestos. Eddie se serve de outra dose de gim-e-suco-de-ameixa. Bill saboreia um bourbon e Mike abre outra cerveja. Beverly ergue os olhos para os balões que Bill amarrou ao gravador de microfilmes, na mesa principal, e termina apressadamente sua vodca com laranja. Todos estiveram bebendo com bastante entusiasmo, porém nenhum deles está embriagado. Richie não sabe de onde vem toda a energia que o invade, exceto que não procede da garrafa de bebida. Azul: OS NEGROS DE DERRY PEGAM O PÁSSARO. Laranja: OS PERDEDORES CONTINUAM PERDENDO, MAS STANLEY URIS FINALMENTE PROGRIDE.*

Meu Deus, *pensa Richie, abrindo uma cerveja para si mesmo,* não é bastante ruim que A Coisa possa ser qualquer maldito monstro que deseja, e não é bastante ruim que se alimente de nossos medos. Ela também pode ser Rodney Dangerfield em roupas de mulher.

É Eddie quem rompe o silêncio.

- Até que ponto, na opinião de vocês, A Coisa sabe o que estamos fazendo agora? - pergunta ele.

- Ela estava aqui, não estava? - diz Ben.

- Não tenho certeza de que isso signifique muito - replica Eddie. Bill faz um gesto de assentimento.

- Aquilo foi apenas imagens - diz ele. - Não sei se significa que A Coisa possa ver- nos ou saber o que pretendemos. Vemos um noticiarista na televisão, porém ele não pode ver-nos.

- Aqueles balões não são apenas imagens - diz Beverly por sobre o ombro apontando o polegar para eles. - São *reais.*

- Entretanto, não são verdadeiros - diz Richie, e todos se viram para ele. - Imagens são reais. *Claro que são. Elas... E, de repente, algo mais se ajusta ao lugar, algo novo: encaixa-se no lugar com tal forte firmeza, que ele chega a levar as mãos aos ouvidos. Seus olhos se dilatam atrás dos óculos.*

- Oh, meu Deus! - exclama subitamente. Caminha cambaleante para a mesa, equilibra-se a meio e então cai sentado na cadeira, com um baque surdo. Derruba a lata de cerveja ao estender a mão para ela, recolhe-a e bebe o que restou. Olha para Mike, enquanto os outros o fitam, espantados e preocupados.

- A ardência! - Richie quase grita. - A ardência em meus olhos! Mike! A ardência em meus olhos... Mike está assentindo e sorri de leve.

- R-Richie? - pergunta Bill. - O q-q-que é? Richie, entretanto, mal o ouve. A potência da recordação o engolfa como uma maré, tornando-o alternadamente quente e frio. De súbito, Richie compreende por que tais lembranças surgiram uma de cada vez. Se houvesse recordado tudo ao mesmo

tempo, a potência teria sido como uma explosão de tiro psicológica, a poucos centímetros de sua têmpora. Arrancaria o topo de sua cabeça.
- Nós vimos A Coisa chegar! - exclama para Mike. - Nós a vimos chegar, não foi? Eu e você... ou fui só eu? - Agarra a mão que Mike descansa em cima da mesa. - você viu também, Mike, ou fui eu apenas? Você também viu? O incêndio na floresta? A cratera?
- Eu vi - responde Mike quietamente, e aperta a mão de Richie. Richie fecha os olhos por um instante, pensando que jamais sentiu tamanha onda de alívio, tão quente e poderosa, nem mesmo quando o jato da PS A que havia tomado, de Los Angeles a São Francisco, derrapara na pista e simplesmente tinha parado - sem ninguém morto, nem mesmo ferido. Algumas bagagens haviam despencado dos bagageiros acima da cabeça, e isso fora tudo. Ele saltara para o deslizador amarelo de emergência e ajudara uma mulher a abandonar o avião. Ela torcera o tornozelo em um montículo oculto pela relva crescida. Estava rindo e dizendo: "Não posso acreditar que esteja viva, não posso acreditar, não posso acreditar!" E Richie - que a amparava com um braço, acenando com o outro para os bombeiros que faziam gestos frenéticos de "saiam!" para os passageiros deixando o avião - disse para ela: "Tudo bem, você está morta. Sente-se melhor agora?" Os dois começaram a rir feito loucos. Aquelas tinham sido risadas de alívio... só que este alívio de agora é maior.
- De que vocês estão falando, caras? - pergunta Eddie, olhando de um para o outro. Richie olha para Mike, que sacode a cabeça.

- Vá em frente, Richie. Por esta noite, já falei o que tinha de falar.
- Vocês aí, não sabem ou talvez não se lembrem, porque saíram - diz Richie para os outros. - Eu e Mike fomos os dois últimos índios naquele buraco enfumaçado.
- O buraco enfumaçado... - murmura Bill, com os olhos distantes e azuis.
- A sensação de ardência em meus olhos - diz Richie - sob as lentes de contato... Eu a senti pela primeira vez logo depois que Mike telefonou para mim, na Califórnia. Então, eu não sabia o que era, mas agora sei. Era fumaça. Fumaça com vinte e sete anos de idade. - Ele olha para Mike. - Você diria que é psicológico? Psicossomático? Algo do subconsciente?

- Eu diria que não - replica Mike quietamente. - Diria que o que você sentiu foi tão real como aqueles balões ou a cabeça que vi na geladeira. Ou o cadáver de Tony Tracker, que Eddie viu} Conte a eles, Richie.- Fazia quatro ou cinco dias que Mike tinha levado o álbum de seu pai aos Barrens - diz Richie. - Acho que era meados de julho. Nosso clube estava pronto. No entanto... isso de buraco enfumaçado foi idéia sua, Monte de Feno. Tirou-a de um de seus livros. Sorrindo um pouco, Ben assente. Richie pensa: Era um dia de céu carregado, sem a menor brisa. Havia trovoadas no ar. Como naquele dia, cerca de um mês mais tarde, ao entrarmos na corrente, fazermos um círculo, e Stan cortar nossas palmas com um pedaço de garrafa de Coca. O ar estava parado, esperando algo acontecer. Mais tarde, Bill disse que o tempo havia piorado tão depressa, porque não havia vento.

17 de julho. Era esse o dia, aquele do buraco enfumaçado, 17 de julho de 1958, quase um mês após o início das férias de verão, quando o núcleo dos Perdedores - Bill, Eddie e Ben - ficou formado, na baixada dos Barrens. Permitam-me verificar a previsão do tempo para aquele dia de quase vinte e sete anos atrás, *pensa Richie,* e lhes direi qual era, antes mesmo de lê-la: Richard Tozier, o Grande Mentalizador. "Quente e úmido, com possibilidade de chuvas e trovoadas. E atentem para as visões que possam ter enquanto lá embaixo, dentro do buraco enfumaçado..."

Acontecera dois dias após ser descoberto o corpo de Jimmy Cullum, o dia após o Sr. Nell ter descido aos Barrens novamente e se sentado sobre o Clube dos Perdedores, sem saber que ele estava ali, porque então seus construtores já o haviam tapado e o próprio Ben fiscalizara cuidadosamente a aplicação da cola Tangle-Track e a colocação dos calhaus com a relva sobre o alçapão. A menos que a pessoa ficasse de galinhas e engatinhasse de um lado para outro, jamais suspeitaria da existência daquele buraco no chão. Como a represa, o clube que Ben idealizara tinha sido um retumbante sucesso, mas, desta feita, o Sr. Nell nada sabia a respeito. Ele os interrogara cuidadosamente, oficialmente, anotando suas respostas em uma caderneta de capa preta, mas havia pouco que pudessem dizer-lhe - pelo menos sobre Jimmy Cullum - e o Sr. Nell fora embora, após tornar a lembrar-lhes que não deviam brincar nos Barrens sozinhos. .. nunca. Richard achava que o Sr. Nell lhes teria dito simplesmente para irem embora dali, se alguém no Departamento de Polícia de Derry acreditasse realmente que o garoto Cullum (ou qualquer dos outros) houvesse sido assassinado nos Barrens. Contudo, eles sabiam melhor; em vistado sistema de esgotos e despejos, os despojos apenas tenderiam a ir para ali.

O Sr. Nell tinha ido lá no dia 16, sem dúvida um dia quente e úmido, mas ensolarado. O dia 17 estivera com céu carregado.
- Vai contar para nós ou não, Richie? - pergunta Bev. Ela sorri de leve, os lábios carnudos de um vermelho-rosado pálido, os olhos brilhando.

- Estou apenas pensando por onde começar - responde Richie. Tira os óculos, limpa as lentes na camisa e, de repente, percebe como iniciar: pela abertura no chão, abrindo-se aos seus pés e aos de Bill. Claro que sabia sobre o clube - como também Bill e os restantes - mas ainda assim ficava assustado, ao ver o solo abrir-se repentinamente em uma fenda escura como aquela. Recorda como Bill o levara de carona na traseira de Silver, até o lugar costumeiro na Rua Kansas, em seguida deixando a bicicleta guardada debaixo da pontezinha. Lembra-se deles dois caminhando pela trilha que levava à clareira, às vezes tendo que dar voltas, por causa da vegetação tão espessa - então, estavam em meados do verão, e os Barrens exibiam o apogeu de sua exuberância. Richie recorda-se enxotando os mosquistos que zumbiam alucinadamente próximos a seus ouvidos; inclusive, chega a recordar Bill dizendo (oh, com que clareza tudo surge em sua mente, não como se houvesse acontecido ontem, mas como se estivesse ocorrendo agora). "E-E-Espere um m-m-m

2

- momento, Ri-Richie. Há um m-m-maldito bo-bo-borrachudo bem na s-sua nu- nuca! - Oh, céus! - disse Richie. Ele odiava mosquitos. Pequenos vampiros voadores, falando francamente. - Mate-o, Grande Bill. Bill deu um tapa na nuca de Richie. - Aiii! - E-E-Está v-v-vendo? Bill estendeu a mão diante do rosto de Richie. No centro de uma mancha irregular de sangue, havia o corpo partido de um mosquito. *Meu sangue,* pensou Richie, *que foi derramado por você e por muitos.*

- Irrk! - exclama, enojado. - Não se p-p-preocupe - disse Bill. - O c-c-cretino n- nunca m-m-mais d-dançará ta-tango. Os dois caminharam, enxotando os mosquitos que acudiam em nuvens, atraídos por algo no cheiro de seu suor - algo que anos mais tarde seria identificado como "feromônios". Ou o que quer *que fosse.*

- Bill, quando irá contar aos outros sobre as balas de prata? - perguntou Richie, quando se aproximavam da clareira. - Hoje? "Os outros" eram Bev, Eddie, Mike e Stan - embora Richie adivinhasse que Stan já tinha uma boa idéia do que eles pesquisavam na Biblioteca Pública. Stan era perspicaz - demasiado perspicaz para seu próprio bem, pensava Richie às vezes. No dia em que Mike levara o álbum do pai aos Barrens, Stan quase perdera o controle. De fato, Richie estava praticamente convencido de que não tornariam a ver Stan, e que o Clube dos Perdedores voltaria a ser um sexteto (uma palavra que Richie apreciava muito, sempre com ênfase na primeira sílaba - *Sex* - "sexo" em inglês. - N. da T.). Contudo, Stan aparecera no dia seguinte e Richie o respeitara ainda mais por isso. - H-H-Hoje n-não - respondeu Bill. - Você acha que não vai dar certo, hein? Bill deu de ombros. Talvez compreendendo Bill Denbrough melhor do que qualquer um, talvez até melhor do que Audra Phillips, Richie suspeitava de todas as coisas que o companheiro poderia ter-lhe dito, se não fosse pelo entrave de sua dificuldade em falar: que crianças fabricando balas de prata era coisa de livros infantis, coisa de histórias em quadrinhos... Em uma palavra, pura tolice. Tolice perigosa. Eles podiam tentar, naturalmente. Ben Hanscon talvez até tivesse êxito. Em um filme, isso poderia *funcionar,* claro. Mas... - E então? - Eu t-tive uma i-i-idéia - disse Bill. - Muito mais si-simples, mas s-s-só s-se Bev-Bev-Beverly... - Beverly, o quê? - Ora, n-n-não im-im-importa. Bill nada mais falou a respeito. Chegaram à clareira. Para quem observasse de perto, a relva poderia ter uma aparência ligeiramente amassada - uma aparência ligeiramente *usada.* Talvez até mesmo parecesse artificial - quase arranjada -

A maneira como as folhas e agulhas de pinheiro estavam dispostas em cima dos calhaus. Bill recolheu do chão um envoltório de chocolate - com quase absoluta certeza, atirado ali por Ben - e o colocou alheadamente no bolso.
Os garotos cruzaram o espaço até o centro da clareira... e um pedaço de chão, com uns vinte e cinco centímetros de comprimento por uns dez de largura se ergueu, entre um cavernoso chiado de dobradiças, revelando uma pálpebra negra. Daquele negrume, olhos espiaram para fora, provocando em Richie um arrepio momentâneo. Contudo, eram apenas os olhos de Eddie Kaspbrak - o Eddie a quem visitariam no hospital, uma semana depois - que entoou soturnamente: - Quem está andando pela minha ponte? Soaram risos sufocados mais abaixo e viu-se o brilho de uma lanterna elétrica. - São os *rurales, senor* - replicou Richie, agachando-se, retorcendo um bigode invisível e falando em sua Voz de Pancho Vanilla. - Verdade? - perguntou Beverly, de dentro do buraco. - Mostre-nos seus distintivos. - *Distinctivos?* - exclamou Richie, deliciado. - *No* necessitamos de *distinctivos*

nojentos!

- Vá para o diabo, Pancho - replicou Eddie, tornando a fechar a enorme pálpebra, entre mais risadinhas contidas, vindas do interior. - *Saiam com as mãos para cima!* - exclamou Bill, em voz grave e autoritária de adulto. Podia ver o solo subindo e descendo, ao passar de lá para cá sobre ele, porém apenas vagamente; eles haviam feito uma boa construção. - *Vocês não têm uma chance!* - gritou, vendo-se como o intemerato Joe Friday, do Departamento de Polícia de Los Angeles. - *Saiam daí, vadios! Saiam, ou entraremos ATIRANDO!*
Saltou, a fim de acentuar a ordem. Soaram gritos e risadinhas no interior. Bill sorria, sem perceber que Richie o fitava reflexivamente - olhando para ele, não como uma criança olha para outra, mas, naquele breve momento, como um adulto observaria uma criança.

Ele não sabe que nem sempre gagueja, pensou Richie. - Deixe que eles entrem, Ben, antes que afundem o teto - disse Beverly. Um momento depois, um alçapão se erguia, como a portinhola de um submarino. Ben espiou para fora. Estava vermelho. Richie adivinhou, em seguida, que ele estivera sentado perto de Beverly. Bill e Richie se deixaram cair pelo alçapão, que Ben tornou a fechar. Então, agora estavam todos ali, sentados de costas contra as paredes de tábuas, as pernas dobradas para cima, os rostos difusamente revelados pela claridade da lanterna de Ben. - O q-q-que es-está ac-acon-tecendo? - perguntou Bill. - Nada de mais - disse Ben. Estava realmente sentado perto de Beverly e seu rosto parecia feliz, assim como enrubescido. - Nós estávamos apenas... - Conte a eles, Ben - interrompeu Eddie. - Conte a história a eles! Vejamos o que pensam. - Não faria muito bem à sua asma - disse Stan a Eddie, no tom de alguém-aqui- tem-que-ser-prático. Richie sentava-se entre Mike e Ben, segurando o joelho entre as mãos entrelaçadas. Era deliciosamente fresco ali embaixo, deliciosamente *secreto.* Seguindo a luminosidade da lanterna, que se movia de rosto em rosto, ele esqueceu temporariamente o que tanto o tinha surpreendido apenas um minuto antes. - De que estavam falando? - Oh, Ben nos estava contando uma história sobre uma cerimônia índia - disse Bev. - Ora, Stan tem razão, não faria bem algum à sua asma, Eddie. - Quem sabe? - replicou Eddie, parecendo apenas um pouco nervoso (um ponto a seu crédito, pensou Richie). - Em geral, ela só ataca se fico perturbado. De qualquer modo, eu gostaria de tentar. - T-Tentar o q-q-quê? - perguntou-lhe Bill. - A Cerimônia do Buraco Enfumaçado - disse Eddie. - O q-q-que é is-is-isso? O foco da lanterna de Ben se voltou para diante e Richie o seguiu com os olhos. O clarão varreu o teto de madeira do clube, enquanto Ben explicava. A luz passou pelos surrados e estilhaçados painéis da porta de mogno que os sete tinham levado do depósito de lixo até ali, três dias antes - o dia antes do corpo de Jimmy Cullum ser descoberto. A coisa que Richie recordava sobre Jimmy Cullum, um garoto sossegado e pequenino, que também usava óculos, era que gostava de jogar Scrabble em dias chuvosos. *Nunca mais ele jogará Scrabble,* pensou Richie, e estremeceu um pouco. Na penumbra, ninguém percebeu seu tremor, mas Mike Hanlon, sentado ombro a ombro com ele, fitou-o curiosamente.

- Bem, eu retirei esse livro da biblioteca, a semana passada – bem estava dizendo. - Chama-se *Espíritos das Grandes Pradarias,* e fala sobre as tribos índias que viveram no Oeste, há cento e cinqüenta anos. Os paiutes, pawnees, kiowas, otoes e comanches. Um livro excelente. Eu adoraria poder ir algum dia aonde eles viveram. Iowa, Nebraska, Colorado, Utah... - Esqueça isso e fale sobre a Cerimônia do Buraco Enfumaçado - disse Beverly, dando-lhe uma cutucada com o cotovelo. - Claro - replicou ele. - Tudo bem. Richie acreditou que sua resposta teria sido a mesma se Beverly lhe houvesse dado a cotovelada. - Vamos ao que interessa agora, Ben. Certo? - falou. - Entendam, quase todos aqueles índios tinham uma cerimônia especial, e nosso clube me fez pensar nisso. Sempre que eles tinham que tomar uma decisão importante - fosse a perseguição às manadas de búfalos, encontrar água para beber, lutar ou não contra os inimigos - eles cavavam um grande buraco no chão e o cobriam com galhos, deixando apenas uma pequena abertura no topo. - O bu-bu-buraco e-e-enfumaçado - disse Bill. - Sua inteligência sempre me surpreende, Grande Bill - declarou Richie gravemente. Você devia aparecer no programa *Vinte e um.* Aposto como até derrotaria o velho Charlie Van Doren. Bill fingiu que ia esmurrá-lo e Richie encolheu-se, batendo forte com a cabeça em uma das tábuas que escoravam as paredes do clube. - *Aaaiii!*

- Você m-mereceu - disse Bill. - Eu mato *usted,* gringo nojento - disse Richie. - Nós não precisamos de nenhum fedoren... - Ei, vocês, querem parar com isso? - exclamou Beverly. - A história é

interessante!
Beverly dirigiu a Ben um olhar tão caloroso, que Richie imaginou o vapor que começaria a sair dos ouvidos dele, em mais dois minutos. - C-C-Certo, B-Ben - disse Bill. - Co-Continue. - Está bem - replicou Ben, em voz rouca. Precisou pigarrear antes de recomeçar a falar. - Terminado o buraco, eles acendiam uma fogueira dentro. Usavam madeira verde, para ser realmente uma fogueira *enfumaçada.* Então, todos os bravos desciam para o buraco e sentavam-se em torno do fogo. O lugar ficava cheio de fumaça. Diz o livro que era uma cerimônia religiosa, mas também uma espécie de disputa, entendem? Após meio dia ou coisa assim, os bravos começavam a sair, porque não agüentavam mais a fumaceira, sobrando apenas dois ou três deles no buraco. Então supõe-se que eles tinham visões. - Claro, se eu respirasse fumaça por cinco ou seis horas, talvez também tivesse algumas visões - disse Mike, e todos riram. - Supunha-se que as visões diriam à tribo o que fazer - prosseguiu Ben. - Não sei se esta parte é ou não verdadeira, mas de acordo com o livro, na maioria das vezes as visões eram certas. Houve um silêncio e Richie olhou para Bill, cônscio de que *todos* também fitavam o líder do grupo. Então, teve a sensação - novamente - de que a história de Ben sobre o buraco enfumaçado era algo mais do que uma coisa que lemos em um livro e depois nos sentimos forçados a experimentá-la, como uma

experiência química ou um truque mágico. Ele sabia disso, todos sabiam. Talvez Ben soubesse mais que os outros. Isto era algo que se sentiam *impelidos* a fazer.

Supunha-se que eles tinham visões... Na maioria das vezes as visões eram certas. Richie pensou: *Aposto que, se perguntarmos, Monte de Feno nos dirá que o livro praticamente saltou para sua mão. Como se algo quisesse que ele lesse* aquele particular livro, *para então contar-nos sobre a cerimônia do buraco enfumaçado. Porque existe uma tribo aqui, não? Claro. Nós. E, naturalmente, acho que precisamos saber o que irá acontecer em seguida. Este pensamento levou a outro: Isto lá estaria* previsto? *Desde que Ben tivera a idéia de um clubinho subterrâneo, em vez de uma casa na árvore, estaria* previsto *que isto tinha que acontecer? Quanto de tudo que está acontecendo é pensado por nós mesmos, e quanto de tudo isto nos está sendo induzido?*

De certo modo, ele supôs que semelhante idéia devia ser quase confortadora. Era bom imaginar que algo maior do que nós, *mais inteligente* do que nós, está pensando em nosso lugar, como os adultos que planejam as nossas refeições, compram as nossas roupas e ordenam nosso tempo - e Richie estava convencido de que a força que os reunira, aquela que usara Ben como mensageiro, a fim de levar-lhes a idéia do buraco enfumaçado - aquela força não era a mesma que matara as crianças. Tratava-se de uma espécie de contraforça àquela outra... à *(oh, você deveria dizê-lo)*

Coisa. Não obstante, ele tampouco apreciava a sensação de não estar no controle dos próprios atos, de ser manejado, de ser *empurrado.* Olharam todos para Bill; esperavam para ver o que ele diria. - S-S-Se q-q-querem sa-saber - disse Bill, - i-i-isto me p-p-parece le-legal. Beverly suspirou e Stan remexeu-se desconfortavelmente... mas isso foi tudo. - P-P-Parece le-le-legal - repetiu Bill, e talvez fosse apenas o clarão instável da lanterna nas mãos de Ben - ou sua própria imaginação, mas Richie achou Bill um pouco pálido e bastante assustado, embora ele estivesse sorrindo. - Talvez a g-gente pu-pudesse usar uma vi-visão para dizer-nos o que f-fazer sobre o n-nos-nosso pro-pro-problema.

E se alguém tiver uma visão, pensou Richie, *será Bill.* Contudo, neste ponto ele estava errado. - Bem - disse Ben, - é provável que isso funcione apenas para índios, mas seria interessante a gente tentar. - Sim, como é provável que a gente desmaie com a fumaça e morra aqui - disse Stan, soturnamente. - Sem dúvida, seria muito interessante. - Você não quer tentar, Stan? - perguntou Eddie. - Bem... eu posso tentar - replicou Stan. Deu um suspiro. - Acho que vocês estão me deixando louco, caras, sabiam? - Olhou para Bill. - E quando vai ser? - A-Acho que n-n-nenhum mo-momento é m-melhor do que a-a-agora, ce-certo? Houve um assombrado e meditativo silêncio. Richie então levantou-se, esticou o braço para abrir o alçapão e deixou que penetrasse a claridade daquele dia ainda de verão. - Tenho minha machadinha - disse Ben, saindo do buraco depois de Richie. - Quem quer ajudar a cortar um pouco de madeira verde?

3

No fim, todos eles ajudaram. Levaram cerca de meia hora para aprontar tudo. Cortaram quatro ou cinco braçadas de pequenos ramos verdes, dos quais Ben arrancou os brotos e folhas.- Vão fazer um bocado de fumaça - disse ele. - Não sei é se conseguiremos suportá-la. Beverly e Richie foram até a margem do Kenduskeag e trouxeram uma coleção de pedras de bom tamanho, usando o blusão de Eddie (a mãe dele sempre dizia que usasse um blusão, mesmo que a temperatura fosse de *trinta graus* - poderia chover, dizia a Sr. Kaspbrak, e se você tiver um blusão, não ficará com a pele encharcada, se chover) como trouxa. Quando carregavam as pedras de volta ao clube subterrâneo, Richie disse: - Você não pode fazer isto, Bev. Você é uma garota. Ben disse que só os bravos desciam para o buraco-enfumaçado, não as *squaws*.

Beverly fez alto e olhou para Richie com uma mistura de divertimento e irritação. Um anel de cabelo escapara do rabo-de-cavalo; ela esticou o lábio inferior e o soprou para fora da testa. - Eu poderia derrubá-lo em uma luta livre qualquer dia, Richie. E você sabe disso. - Isso num importa, Srta. Scaulett! - exclamou Richie, revirando os olhos para ela. - A senhorita continua sendo muié e *sempre* vai sê muié! A senhorita num é nenhum bravo "injum"! - Serei uma brava, então - replicou Beverly. - Agora, vamos carregar estas pedras para o clube ou devo jogar algumas delas no traseiro do seu crânio? - Santo Deus, senhorita! Eu num tenho traseiro no *crânio!* - guinchou Richie. Beverly riu tanto que largou sua ponta do blusão de Eddie e todas as pedras caíram. Brigou com Richie por isso, enquanto recolhiam as pedras, mas ele pilheriou e guinchou em inúmeras Vozes, pensando consigo mesmo o quanto ela era bonita. Embora Richie não falasse a sério, quando dissera que ela devia ser excluída do buraco enfumaçado por causa do seu sexo, Bill Denbrough aparentemente foi firme neste ponto. Ela o encarou, com as mãos na cintura, as faces coradas de raiva. - Pegue o que disse e enfie com uma vara bem comprida, Bill Gaguinho! Também estou nisto, ou não sou mais membro de seu clube piolhento? Pacientemente, ele respondeu: - N-N-Não é n-nada di-di-disso, e v-você s-s-sabe, B-B-Bev. A-Alguém *tem* q-q- que f-ficar aq-aqui em ci-ci-cima! - *Por que?*

Bill tentou, mas o bloqueio voltara. Olhou para Eddie, querendo ajuda. - É como Stan disse - falou Eddie para ela, quietamente. - Sobre a fumaça. Bill disse que isso pode mesmo acontecer - a gente pode desmaiar lá embaixo. E morrer. Bill disse que é o que acontece à maioria das pessoas, quando uma casa se incendeia. Elas não ficam queimadas. Morrem sufocadas pela fumaça. Elas... Beverly então se virou para Eddie. - Tudo bem. Ele quer que alguém fique aqui em cima, para o caso de haver problema? Eddie assentiu, com ar infeliz. - Certo, e que tal *você?* É você que sofre de asma. Eddie não respondeu. Beverly se virou novamente para Bill. Os outros permaneciam por ali, de mãos nos bolsos, fitando os tênis. - É porque sou uma garota, não é? É isso, não é?

- Be-Be-Be-Be-Be... - Não precisa falar! - bufou ela. - Basta mover a cabeça, afirmando ou negando. - Sua *cabeça* não gagueja, certo? É porque sou uma garota? Relutantemente, ele assentiu com a cabeça. Beverly o fitou por um momento, de lábios trêmulos. Richie pensou que logo a veria chorar. No entanto, ela explodiu. - Pois bem, *foda-se!* - Ela girou a cabeça para olhar os outros. Eles encolheram-se ante aquele olhar, tão quente que era quase radiativo. - Fodam-se vocês *todos,* se pensam a mesma coisa! - Virando-se para Bill, Beverly começou a falar depressa, martelando-o com palavras. - Isto é algo mais do que qualquer brincadeira idiota de crianças, como pique, dar tiros com revólveres de brinquedo, esconde-esconde... e *você sabe disso,* Bill. Estava *previsto* que a gente faria isto. Isto é

parte do negócio. E agora, no entanto, pretende cortar-me, só porque sou menina. O que há? É melhor pensar bem ou caio fora agora mesmo. E se eu for embora, é para sempre. *Para sempre.* Entendeu? Ela se calou. Bill a fitou, parecendo ter recuperado a calma, porém Richie ficou com medo. Sentia que qualquer chance que tinham de vencer, de encontrar um modo de chegar ao que havia matado George Denbrough e as outras crianças, de chegar à Coisa e matá-la, agora estava em risco. *Sete,* pensou. *É o número mágico. Somos sete aqui. É assim que deve ser.*

Um pássaro trinou em um lugar; parou; trinou novamente. - E-Está b-bem - disse Bill, e Richie soltou a respiração. - Só q-que al-alguém precisa f-f-ficar a-aqui fo-fora. Q-Quem se ha-habilita? Richie pensou que Eddie ou Stan certamente se ofereceriam para essa tarefa, porém Eddie ficou calado. Stan permaneceu pálido, pensativo e silencioso. Mike tinha os polegares enfiados no cinto, como Steve McQueen, em *Procurado: vivo ou morto,*

movendo apenas os olhos. - R-Respondam! - disse Bill. Richie percebeu que toda a simulação desaparecera agora; o discurso apaixonado de Bev e o rosto de Bill, grave, envelhecido, tiveram esse dom. Isto fazia parte do negócio, sendo talvez tão perigoso como a expedição dele e de Bill à casa 29 da Rua Neibolt. Eles sabiam... e ninguém ia recuar. De repente, ficou muito orgulhoso dos companheiros, muito orgulhoso de ser parte daquele grupo. Após todos os anos de ser excluído, agora era incluído. Finalmente incluído. Ignorava se continuavam sendo perdedores ou não, mas sabia que estavam juntos. Eram amigos. Infernalmente amigos. Tirando os óculos, ele esfregou as lentes vigorosamente com a fralda da camisa. - Sei como resolver isso - falou Bev, tirando do bolso uma caixa de fósforos. Na frente da carteirinha, tão diminutos que seria preciso uma lente de aumento para uma boa visão, havia fotos das candidatas daquele ano ao título de Miss Rheingold. Beverly acendeu um fósforo, que depois soprou. Tirou mais seis, que juntou ao fósforo apagado. Virou as costas para os companheiros, e quando ficou de frente outra vez, as pontas brancas dos sete fósforos assomavam de seu punho fechado. - Pegue um - disse, estendendo os fósforos para Bill. - Aquele que ficar com o fósforo queimado, será o vigia. Bill a encarou francamente. - É as-assim q-q-que vo-você q-quer? Ela lhe sorriu então, e o sorriso a deixou com o rosto radioso. - Exatamente, bobão. É assim que eu quero. E você?

- E-Eu a-a-amo você, B-B-Bev - disse ele, e a vermelhidão aumentou no rosto dela, como chamas brilhantes. Bill pareceu não perceber. Estudou as extremidades dos fósforos apontando para fora da mão fechada de Beverly, e finalmente escolheu um. A cabeça do fósforo era azul e intacta. Virando-se para Ben, ela lhe ofereceu os seis fósforos restantes. - Eu também a amo, Beverly - disse Ben, em voz rouca. O rosto dele estava rubro; Ben parecia à beira de um ataque apoplético. Contudo, ninguém riu. Em algum lugar, no seio dos Barrens, o pássaro voltou a trinar. *Stan saberia identificá-lo,* pensou Richie aereamente. - Obrigada - disse ela, sorrindo. Ben tirou um fósforo. Também estava sem queimar. Ela se voltou para Eddie, que lhe sorriu timidamente. Era um sorriso incrivelmente doce e quase espantosamente vulnerável. - Acho que também a amo, Bev - disse, escolhendo um fósforo a esmo. O que Eddie escolheu também tinha a cabeça azul. Beverly então se virou para Richie, estendendo-lhe as quatro extremidades de fósforos restantes. - Eu *ti* amo, Srta. Scaulett! - gritou Richie, a plenos pulmões, fazendo exagerados gestos de beijos com os lábios. Beverly apenas olhou para ele, sorrindo de leve e, de repente, Richie ficou envergonhado. -^ Eu a amo, Bev - disse, e lhe tocou os cabelos. - Você é legal. - Obrigada - disse ela. Richie escolheu um fósforo e olhou para ele, pensando que, sem a menor dúvida, pegara o queimado. Estava enganado. Beverly os ofereceu a Stan. - Eu a amo - disse Stan. Apanhou um dos fósforos que Beverly segurava no punho fechado. Sem queimar. - Agora, restamos nós dois, Mike - disse ela. Estendeu a mão fechada, a fim de que ele apanhasse um dos dois últimos fósforos. Mike avançou um passo. - Não a conheço bem o suficiente para amá-la - disse, - mas a amo assim mesmo. Acho que poderia dar lições de gritos para minha mãe. Todos riram, e Mike pegou um fósforo. Também tinha a cabeça intacta. - Acho q-que, no f-fim de co-contas, s-s-será você, B-B-Bev - disse Bill. Parecendo aborrecida - todo aquele barulho por nada - Beverly abriu a mão. A cabeça do fósforo que sobrara também estava por queimar. - V-V-Você tr-trapaceou! - acusou Bill. - Não, não trapaceei. - O tom da voz dela não era de zangado protesto - o que pareceria suspeito - mas de total surpresa. - Juro por Deus como não trapaceei! Então, mostrou a palma para eles. Todos viram a fraca marca fuliginosa da cabeça queimada do fósforo, impressa na pele. - Juro por minha mãe, Bill! Bill olhou para ela um momento, e então assentiu. Por comum e silencioso acordo, todos entregaram seus fósforos a Bill. Eram sete. Os sete com as cabeças intactas. Stan e Eddie começaram a engatinhar pelo chão em volta, porém ali não havia nenhum fósforo queimado. - *Não fiz nada* - repetiu Beverly, para ninguém em particular. - Muito bem, e o que faremos agora? - perguntou Richie. - D-Descemos to-todos - disse Bill. - P-Porque é o que s-s-se s-*supõe* q-q-que fa- façamos - E se todos desmaiarmos? - perguntou Eddie. Bill tornou a olhar para Beverly.

- S-Se B-Bev es-está d-dizendo a ve-verdade - e ela e-e-está - en-então, n-ninguém v-v-vai de-desmaiar. - E como é que você *sabe?* - perguntou Stan. - E-Eu ap-apenas s-s-sei.

4

O pássaro trinou novamente. Ben e Richie desceram primeiro e os outros lhes passaram as pedras, uma a uma. Richie as ia entregando a Ben, que fez um pequeno círculo com elas, no centro do piso de terra do clube subterrâneo. - Tudo bem - disse ele. - Já basta. Os outros desceram, cada um com uma braçada de gravetos verdes, que haviam cortado com a machadinha de Ben. Bill foi o último. Fechou o alçapão e abriu a estreita janelinha de gonzos. - P-P-Pronto - disse ele. - O n-nosso bu-buraco en-enfumaçado. A-Alguém t-t-tem p-papel? - Pode usar isto, se quiser - disse Mike, tirando do bolso fronteiro das calças uma surrada revista de Archie, em quadrinhos. - Já li. Bill rasgou as páginas da revistinha, uma por uma, em gestos lentos e graves. Os outros sentaram-se em torno das paredes, joelho contra joelho e ombro contra ombro, olhando sem falar. A tensão era vibrante. Bill depositou pequenos gravetos e galhos finos sobre o papel. Depois olhou para Beverly. - V-Você ac-acende o fós-fósforo - disse. Ela acendeu um, uma diminuta chama amarelada na penumbra. - Droga, o mais provável é que não acenda - disse ela, em voz ligeiramente trêmula. Encostou o fósforo ao papel, em vários lugares. Quando a chama lhe chegou perto dos dedos, jogou-o no centro. O fogo ganhou força, amarelado e crepitante, deixando seus rostos em agudos relevos. Naquele momento, Richie não sentiu dificuldade em acreditar na história dos índios que Ben contara, pensando que devia ter sido assim, naqueles dias de outrora, quando a noção do homem branco não passava de um rumor para aqueles índios que perseguiam manadas tão grandes de búfalos, que os animais podiam cobrir a terra, de horizonte a horizonte e, enquanto corriam, faziam o solo estremecer como um terremoto. Naquele momento, Richie podia visualizar os índios, kiowas, pawnees ou quaisquer outros, agachados nos buracos enfumaçados, de joelho contra joelho e ombro contra ombro, espiando as chamas que comiam e lambiam a madeira verde como chagas ardentes, ouvindo o fraco e contínuo *ssssss* da resina fluindo da lenha úmida, esperando que a visão chegasse. Sim. Sentado ali, agora ele acreditava em tudo aquilo... e olhando para os rostos sombrios que estudavam as chamas e as páginas esturricadas da revistinha de Mike com as histórias de Archie, podia perceber que eles também acreditavam. Os galhos estavam queimando. O recinto começou a encher-se de fumaça. Parte dela, como sinais de fumaça feitos de algodão, em um filme de matinê do sábado estrelado por Randolph Scott ou Audie Murphy, escapava pelo buraco de ventilação. Entretanto, como nenhum ar se movia no exterior para criar uma corrente de vento, a

maioria da fumaça permanecia em baixo. Era acre, fazia com que os olhos ardessem e as gargantas se comprimissem. Richie ouviu Eddie tossir duas vezes - um ruído seco, como o de duas tábuas entrechocando-se - e então tornou a ficar silencioso. *Eddie não devia ter vindo aqui para baixo,* pensou... porém algo mais, aparentemente, decidira o contrário. Bill jogou outro punhado de gravetos verdes ao fogo, e perguntou, em uma voz sussurrante, bem diferente da costumeira: - Alguém está t-tendo vi-vi-visões? - Visões de cair fora daqui - respondeu Stan Uris. Beverly riu, mas seu riso transformou-se em um acesso de tosse. Richie reclinou a cabeça contra a parede e ergueu os olhos para a saída da fumaça - um pequeno retângulo de branda luz branca. Pensou na estátua de Paul Bunyan, naquele dia de março... bem, mas aquilo fora apenas miragem, uma alucinação, uma

(visão) - A fumaça está me *matando!* - exclamou Ben. - Poxa! - Pois então, saia - murmurou Richie, sem afastar os olhos da saída da fumaça. Ele tinha a sensação de que começava a entender aquilo. Era como se houvesse perdido cinco quilos. E, sem dúvida, o clubinho subterrâneo ficara bem maior. Pelo menos, para os lados. Estivera sentado com a gorda perna direita de Ben Hanscom encostada à sua esquerda e o ossudo ombro esquerdo de Bill Denbrough encaixado em seu braço direito. Agora, entretanto, não tocava nenhum deles. Olhou preguiçosamente para a direita e a esquerda, a fim de verificar se isso era verdade. Era. Ben estava uns trinta centímetros à sua esquerda. No lado direito, Bill estava ainda mais distante. - O lugar aumentou, amigos e vizinhos - disse ele. Respirou fundo e tossiu com força. Doeu, doeu no fundo do peito, da maneira como a tosse dói, quando se está com gripe, resfriado ou coisa assim. Por um momento, pensou que a tosse não cessaria, que ia continuar tossindo até ser tirado para fora dali. Se *eles ainda puderem me tirar,* pensou, mas o pensamento era difuso demais para ser assustador. Então, Bill lhe estava batendo nas costas e a tosse cessou. - Você não sabe que nem sempre... - disse Richie. Estava olhando para a saída da fumaça novamente, em vez de para Bill. Como parecia brilhante! Mesmo fechando os olhos, ele continuava a ver o retângulo, flutuando no escuro, mas verde-vivo, em vez de branco-vivo. - O q-q-que q-q-quer di-dizer? - perguntou Bill. - Gagueja. - Richie fez uma pausa, cônscio de que mais alguém estava tossindo, embora sem saber quem era. - *Você* é que devia fazer as Vozes, Grande Bill, não eu. Você... O acesso de tosse ficou mais forte. De repente, o clubinho ficou inundado pela luz do dia, tão súbita e brilhante, que Richie pestanejou. Pôde apenas ver que Stan Uris içava o corpo para fora e saía dali. - Sinto muito - conseguiu Stan dizer em meio à tosse espasmódica. - Sinto muito, mas não posso... - Está tudo bem - Richie se ouviu dizendo. - Você não tem que bancar o valentão. Sua voz soava como se partisse de um corpo diferente. O alçapão se fechou pouco depois, porém em sua cabeça entrara um pouco de suficiente ar fresco. Antes que Ben se movesse um bocadinho para ocupar o espaço que Stan deixara, Richie percebeu novamente a perna dele, pressionando a sua. Como pudera ter a idéia de que o clube subterrâneo ficara maior? Mike Hanlon jogou mais gravetos ao fogo enfumaçado. Richie recomeçou a respirar em pequenos haustos, olhando para o buraco da saída da fumaça. Não tinha

noção do tempo real escoando-se, mas havia a vaga sensação de que, em adição à fumaça, ali dentro estava ficando bom e quente. Olhou em torno, observando os amigos. Era difícil vê-los, meio esmaecidos pela sombra da fumaça e da claridade ainda viva do verão. A cabeça de Bev estava recostada em uma tábua de escoramento, as mãos nos joelhos, olhos fechados, lágrimas escorrendo pelas faces, na direção dos lóbulos das orelhas. Bill se sentava de pernas cruzadas, a cabeça contra o peito. Ben estava... . Contudo, de repente Ben estava ficando em pé, tornando a abrir a porta do alçapão. - Lá se vai Ben - disse Mike. Estava sentado à maneira índia, diretamente à frente de Richie, os olhos tão vermelhos como os de um coelho. Uma frieza relativa tornou a penetrar ali dentro. O ambiente refrescou, enquanto a fumaça espiralava para a abertura do alçapão. Ben tossia e tinha ânsias de vômito. Içou-se para fora com a ajuda de Stan e, antes que qualquer deles tornasse a fechar o alçapão, Eddie se levantava cambaleando, o rosto mortalmente pálido, exceto pelas manchas azuladas debaixo dos olhos, formando riscos que iam logo abaixo dos molares. Seu peito magro subia e descia rapidamente, em pequenos espasmos. Tateou fracamente para a via de escape e teria caído se Ben não o agarrasse por uma das mãos e Stan pela outra. - Desculpem - conseguiu Eddie dizer, em estridente sussurro. Os de fora o puxaram para cima. A portinhola do alçapão tornou a bater, fechando-se. Houve um longo e silencioso período. A fumaça acumulou-se, até formar um ralo nevoeiro no clubinho subterrâneo. *Está parecendo fog para mim, Watson,* pensou Richie e, por um momento, imaginou-se como Sherlock Holmes (um Holmes muito parecido com Basil Rathbone, que era inteiramente preto e branco), movendo-se com decisão ao longo de Baker Street; Moriarty devia estar por perto, uma carruagem de aluguel esperava, e o jogo começava. A idéia era espantosamente nítida, espantosamente *sólida.* Quase parecia ter peso, como se não fosse um pequeno devaneio, semelhante aos que ele tinha o tempo todo (um arremesso perfeito para os Bosox, um tiro espetacular, as bases cheias, *e lá vai a bola, está subindo... FOI-SE!... Ponto, Tozier... e isso quebra o recorde de Babe!),* mas, de algum modo, isso de agora era quase *real.*

Nele ainda havia suficiente claridade mental para pensar que, se tudo quanto percebia daquilo era uma visão de Basil Rathbone como Sherlock Holmes, então a idéia total sobre visões era completamente furada.
Exceto, claro, que não é Moriarty que está lá fora. É A Coisa... *Está lá... alguma Coisa... e ela é real. Ela...*
Então o alçapão se abriu de novo e agora era Beverly, empenhando-se em sair, tossindo secamente, uma das mãos em cima da boca. Ben a puxou por uma das mãos e Stan a agarrou por baixo do outro braço. Meio puxada, meio rastejando por si mesma, ela foi içada e saiu. - Is-Is-Isto aqui *e-e-está* m-m-maior - disse Bill. Richie olhou em torno. Viu o círculo de pedras com o fogo crepitando no interior, expelindo nuvens de fumaça. Do outro lado, distingui Mike sentado de pernas cruzadas, como um totem esculpido em mogno, fitando-o através do fogo, com seus olhos avermelhados pela fumaça. Contudo, Mike estava a mais de vinte metros de distância, Bill ainda mais longe, à esquerda de Richie. Agora o clube subterrâneo tinha, pelo menos, o tamanho de um salão de baile. - Não importa - disse Mike. - Vai chegar logo. *Alguma coisa* vai chegar.

- S-S-Sim - disse Bill, - mas eu... eu... eu... Ele começou a tossir. Tentou controlar a tosse, mas ela piorou, era um matraquear seco. Vagamente, Richie o viu levantar-se cambaleante, estender a mão para o alçapão e empurrá-lo. - Bo-Bo-Boa sor-sor-sor... Então ele se foi, puxado pelos outros. - É... sobramos nós dois apenas, Mikey, meu velho - disse Richie, começando também a tossir. - Eu achava que seria Bill... A tosse piorou. Ele se dobrou para diante, sem parar de tossir, incapaz de recuperar o fôlego. Sua cabeça latejava - fortemente - como um nabo cheio de sangue. Seus olhos lacrimejaram por trás dos óculos. De muito longe, ele ouviu Mike dizendo: - Levante-se e saia, se tiver que sair, Richie. Não force a natureza. Não se mate. Richie ergueu uma mão e acenou para Mike

(não queira bancar o valentão)

em um gesto negativo. Pouco a pouco, foi conseguindo controlar a tosse. Mike tinha razão; alguma coisa ia acontecer, e depressa. Ele queria ainda estar ali, quando acontecesse. Virou a cabeça para trás e fitou novamente a saída de fumaça. O acesso de tosse o deixara com a cabeça leve, agora tinha a sensação de flutuar em um colchão de ar. Era uma sensação agradável. Respirando de leve, pensou: *Um dia vou ser um astro do rock- and-roll. Isso mesmo. Serei famoso. Farei discos, álbuns e filmes. Terei um paletó esporte preto, sapatos brancos e um Cadillac amarelo. E quando voltar a Derry, todos morrerão de inveja, até mesmo Bowers. Uso óculos, mas e daí? Buddy Holly também usa óculos. Vou batucar até ficar azul e dançar até ficar preto. Serei o primeiro astro de rock-and-roll nascido no Maine. Serei...*

O pensamento pairou no ar e se foi. Pouco importava. Agora Richie percebia que não precisava mais ficar respirando aos bocadinhos. Seus pulmões se tinham adaptado. Podia respirar quanta fumaça quisesse. Talvez fosse oriundo de Vênus. Mike jogou mais gravetos ao fogo. Não querendo ficar para trás, Richie atirou outro punhado. - Como se sente, Richie? - perguntou Mike. Richie sorriu. - Melhor. Quase bem. E você? Mike assentiu e sorriu de volta. - Tudo legal. Teve alguns pensamentos engraçados? - Tive. Por um minuto, pensei que fosse Sherlock Holmes. Depois, pensei que podia dançar como os Dovells. Seus olhos estão tão vermelhos, que você nem acreditaria, se pudesse vê-los, Mike.- Os seus também. Somos como dois coelhos na toca, é o que somos. - Verdade? - Verdade. - Quer dizer que está tudo bem? - Tudo bem. Quer dizer que entendeu o sentido disto? - Isso mesmo, Mikey. - Muito bem, vamos em frente. Eles sorriram um para o outro e Richie tornou a erguer a cabeça, recostando-a na parede e olhando para a saída da fumaça. Logo começou a devanear. Os pensamentos iam para longe. Não... não para longe. *Para cima.* Ele, não os pensamentos. Estava *subindo.*

Como

(flutuando embaixo aqui todos estamos)

um balão de gás.

- T-T-Tudo b-bem com v-vocês aí, c-c-caras? Era a voz de Bill, escoando-se pela saída da fumaça. Vindo de Vê-nus. Preocupada. Richie sentiu-se empurrado de volta, tornou a cair dentro de si mesmo. - Tudo bem - Richie ouviu sua voz dizer, irritada e distante. - Tudo bem, nós dissemos tudo bem, fique calado, Bill, deixe-nos entender o sentido, queremos dizer que já entendemos

(o mundo)

o sentido. O clube subterrâneo agora estava maior do que nunca, forrado de certa espécie de madeira envernizada. A fumaça era tão espessa, que mal permitia a visão do fogo. E aquele chão! Louvado seja Deus! Era tão grande como o de um salão de baile em um fantástico musical da MGM. Do outro lado, Mike olhava para ele, uma forma quase perdida no nevoeiro.

Você está vindo, Mikey, meu velho? Estou bem aqui
com você, Richie. Você ainda quer dizer tudo bem?
Quero... mas segure minha mão... pode segurá-la?
Acho que posso.

Richie estendeu a mão e, embora Mike estivesse no lado mais distante daquele enorme recinto, sentiu os fortes dedos marrons se fecharem sobre seu pulso. Oh, aquilo era bom, era um bom contato - era bom encontrar desejo no conforto, encontrar conforto no desejo, encontrar substância na fumaça e fumaça na substância... Ele inclinou a cabeça para trás e fitou a saída da fumaça, tão branca e tão minúscula. Era mais distante agora. *Quilômetros* para cima. Céu venusiano. Estava acontecendo. Ele começou a flutuar. *Pois então, lá vamos,* pensou, e começou a subir, mais depressa, através da fumaça, do fog, do nevoeiro, de o que quer que fosse.

5

Eles não estavam mais lá dentro. Os dois estavam parados e juntos no meio dos Barrens, e era quase crepúsculo. Ali eram os Barrens, Richie sabia disso, mas tudo estava diferente. A folhagem era mais luxuriante, mais viçosa, selvaticamente olorosa. Havia plantas que nunca vira antes, e ele percebeu que algumas das coisas que a princípio imaginara árvores, em realidade eram samambaias gigantescas. Havia o som de água correndo, porém era muito mais alto do que deveria - aquela água não soava como o fluxo preguiçoso do Kenduskeag, de certo modo, assemelhava-se mais à maneira como imaginava que soaria o Rio Colorado, abrindo caminho através do Grande Canyon. Também fazia calor. Claro que fazia calor no Maine, durante o verão, com uma umidade tão forte, que a pessoa às vezes se sentia pegajosa apenas em ficar deitada na cama, à noite. Contudo, agora fazia mais calor e a umidade era mais intensa do que ele jamais sentira na vida. Um nevoeiro baixo, enfumaçado e espesso, pairava nas depressões da terra, enovelando-se à volta das pernas deles dois. Tinha um vago cheiro acre, como o de madeira verde queimando. Sem falar, ele e Mike caminharam para o som da água corrente, abrindo caminho através daquela estranha vegetação. Grossas lianas, parecendo cordas, pendiam do meio

de algumas árvores, como serpentes entrelaçadas. Em um momento, Richie percebeu algo rastejando ruidosamente através do mato mais baixo. Era um som mais alto do que o produzido por um alce. Parou o tempo suficiente para olhar em torno, girando e estudando o horizonte. Sabia onde devia ficar o grosso cilindro branco do piezômetro, mas ele não estava lá. Richie tampouco avistou o viaduto em cavalete que levava ao pátio ferroviário do final da Rua Neibolt e nem o conjunto habitacional de Old Cape - onde deveria ser o Old Cape, afloravam pequenas escarpas, e rochas vermelhas de arenito projetavam-se de espessos maciços de samambaias gigantescas e pinheiros. Houve um ruído de bater de asas no alto. Os dois garotos agacharam-se quando um esquadrão de morcegos passou. Eram os maiores morcegos que Richie já vira e, por um momento, ficou mais aterrorizado do que quando Bill tentava pôr Silver em movimento e ele ouvira o lobisomem aproximando-se deles, pela retaguarda. A quietude e estranheza daquela terra eram terríveis, porém essa medonha *familiaridade* era algo pior.

Não precisa ficar com medo, disse ele para si mesmo. *Lembre-se de que isto é apenas um sonho, uma visão ou seja lá que nome queira dar. Eu e o velho Mikey estamos, de fato, dentro de nosso clube, sufocados pela fumaça. Logo o Grande Bill vai ficar nervoso com o serviço, porque não estamos respondendo mais. Então, ele e Ben descerão e nos tirarão para fora. É como diz Conway Twitty - apenas faz-de-conta.*
Não obstante, ele pôde ver como as asas dos morcegos eram transparentes, a tal ponto que um sol nebuloso se filtrava através delas. Ao passarem perto de uma das samambaias-gjgantes, ele viu uma gorda lagarta amarela, rastejando por uma ampla fronde verde, deixando a sombra para trás. Havia diminutos ácaros negros, saltando e enxameando sobre o corpo da lagarta. Se aquilo era um sonho, ele jamais tivera algum tão nítido.
Continuaram avançando na direção do som da água e, com aquele espesso nevoeiro subindo até os joelhos, Richie não saberia dizer se seus pés tocavam ou não o solo. Chegaram a um ponto em que tanto o nevoeiro como o solo terminavam. Richie espiou, incrédulo. Aquele não era o Kenduskeag - mas também era. A corrente espumava e corria por um estreito leito, cortado através daquela mesma rocha esboroante - olhando para o lado oposto, ele podia ver eras marcadas naquelas camadas superpostas de rocha, em vermelho, depois laranja, em seguida novamente vermelho. Não se poderia cruzar aquelas águas sobre pedras colocadas na corrente; seria preciso uma ponte de cordas, e quem caísse seria levado de roldão imediatamente. O som da água era o de uma tola e amarga ira, e enquanto espiava, boquiaberto, Richie viu um peixe rosa-dourado saltar em um impossível arco alto, abocanhando em seguida os besouros que formavam nuvens aleatórias pouco acima da superfície da água. O peixe tornou a cair, espalhando água para os lados, dando a Richie apenas o tempo suficiente para registrar-lhe a presença e perceber que jamais vira um espécime igual àquele em toda a sua vida, nem mesmo em livros. Pássaros voavam em bandos pelo céu, grasnando barulhentamente. Não eram uma dúzia ou duas; por um momento, o céu ficou tão escuro deles, que o sol desapareceu. Alguma coisa fez ruído entre os arbustos, depois outras coisas. Richie deu meia-volta, com o coração martelando o peito dolorosamente, e então viu um animal semelhante a um antílope passar como um relâmpago, indo para sudoeste.

Alguma coisa ia acontecer. E eles sabiam disso.
Os pássaros se foram, presumivelmente com intenção de um pouso *em massa,* mais para o sul. Outro animal correu ruidosamente perto deles... depois outro. Então

houve silêncio, exceto pelo cascatear uniforme do Kenduskeag. O silêncio parecia conter uma qualidade de expectativa, uma qualidade que o engravidava e que Richie não gostou. Sentiu os cabelos eriçarem-se na nuca e procurou novamente a mão de Mike. - *Você sabe onde estamos?* - gritou para Mike. - *Recuperou a palavra?*
- *Céus, claro que sei!* - gritou Mike em resposta. - *E já entendi, Richie! Isto é o passado, Richie! Passado muito distante!*
Richie assentiu. O passado, como em "era uma vez", há muito tempo atrás, quando todos vivíamos na floresta e ninguém vivia em outro lugar qualquer. Eles estavam nos Barrens - como os Barrens haviam sido, só Deus sabia há quantos mil anos atrás. Estavam em algum inimaginável passado, antes da idade do gelo, quando a Nova Inglaterra tinha sido tão tropical como a América do Sul de hoje... caso ainda *houvesse*
um hoje. Tornou a olhar em torno, nervosamente, quase esperando ver um brontossauro erguer o pescoço semelhante a guindaste contra o céu e baixar os olhos para eles, a boca cheia de lama e deixando escapar plantas arrancadas pelas raízes. Também poderia haver algum tigre dentes-de-sabre, irrompendo através do mato baixo. Contudo, reinava apenas aquele silêncio, como nos cinco ou dez minutos que antecedem o ribombo de um trovão, quando cabeças purpúreas se erguem mais e mais no céu ao alto e a claridade assume um esquisito colorido amarelo-purpúreo de equimose, o vento absolutamente quieto e um cheiro pesado no ar, como de baterias de carro supercarregadas.

Estamos no passado, um milhão de anos no passado, talvez dez ou oitenta milhões, mas estamos aqui e algo vai acontecer. Não imagino o que possa ser, mas vai acontecer alguma coisa, estou com medo, quero que isso termine, quero voltar, e, Bill, por favor, Bill, por favor, puxe-nos para fora, é como se a gente tivesse caído dentro da foto, de alguma foto, por favor por favor socorro...
A mão de Mike pressionou mais a sua e ele percebeu que agora o silêncio tinha sido rompido. Havia uma firme e grave vibração - ele mais a sentia do que a ouvia, tamborilando na carne dura de seus tímpanos, zumbindo nos ossinhos que conduziam o som. A vibração foi crescendo com regularidade. Não possuía tom; simplesmente, *era: (o verbo no começo era o verbo o mundo o)*
um som sem tonalidade, um som mudo. Aproximando-se mais da árvore perto deles, tocou-a com a mão em concha e pôde sentir a vibração, captá-la do interior. No mesmo instante, sentiu que também a captava nos pés, um formigamento persistente que subiu para os tornozelos, panturrilhas e joelhos, transformando seus tendões em diapasões. A vibração aumentava. E aumentava. Estava vindo do alto, do céu. Não querendo, mas incapaz de conter-se, Richie virou o rosto para cima. O sol era uma moeda derretida, ardendo em um círculo no céu carregado de nuvens baixas, circundado por espectral anel de umidade. Abaixo dele, a exuberante mancha verde que eram os Barrens jazia absolutamente imóvel. Richie pensou ter compreendido o significado daquela visão: eles estavam prestes a ver a chegada da Coisa. A vibração assumiu uma voz - rugido estrondeante, que se acumulou em estilhaçante crescendo tonal. Richie tapou os ouvidos com as mãos, gritou, mas não se ouviu gritando. Ao lado dele, Mike Hanlon fazia o mesmo, e Richie viu que o nariz dele sangrava de leve. As nuvens a oeste acenderam-se com um resplendor de fogo vivo. A luz traçou caminho na direção deles, aumentando de uma artéria para um riacho e de um riacho para um rio de cor horrenda; e então, quando um objeto incandescente, em queda, varou a

cobertura de nuvens, chegou o vento. Era quente e causticante, enfumaçado e asfixiante. A coisa no céu era uma gigantesca e inflamada cabeça de fósforo, de brilho tão ofuscante, que quase cegava. Arcos de eletricidade saltavam dela, chicotadas azuis que relampejavam e deixavam um estrondo em sua esteira.
- *Uma espaçonave!* - gritou Richie, caindo de joelhos e cobrindo os olhos. - *Oh, meu Deus, é uma espaçonave!*
No entanto, acreditava - e mais tarde contaria aos outros, da melhor maneira possível - que *não* era uma espaçonave, embora pudesse ter vindo *através* do espaço para chegar até ali. O que quer que havia chegado naquele dia de tão remoto passado viera de um lugar muito mais distante do que outra estrela ou outra galáxia, e se *espaçonave* fora a primeira palavra a brotar-lhe na mente, talvez assim acontecesse porque seu cérebro não dispunha de outro meio de expressar o que os olhos viam. Então, houve uma explosão - um som ribombante, seguido por uma onda de vento deslocado que derrubou eles dois. Agora foi Mike quem procurou a mão de Richie. Soou nova explosão. Richie abriu os olhos e viu um clarão fantástico de fogo, com uma coluna de fumaça erguendo-se para o céu. - *A Coisa!* - gritou para Mike, agora em um êxtase de terror - jamais em sua vida, antes ou depois, sentiria tal emoção com tamanha profundidade, ficaria tão deslumbrado pela sensação. - *A Coisa! A Coisa! A Coisa!*

Mike o puxou para pô-lo em pé, e os dois correram pela alta margem do jovem Kenduskeag, nunca percebendo o quão próximo estavam da queda. Mike tropeçou uma vez e caiu deslizando sobre os joelhos. Depois foi a vez de Richie, que esfolou a pele e rasgou as calças. O vento aumentara e empurrava para eles o cheiro da floresta queimada. A fumaça ficou mais densa e, vagamente, Richie percebeu que ele e Mike não corriam sozinhos. Os animais disparavam de novo, fugindo da fumaça, do fogo, da morte no incêndio. Corriam da Coisa, talvez. Da nova chegada ao seu mundo. Richie começou a tossir. Podia ouvir Mike, ao seu lado, tossindo também. A fumaça adensava-se mais e mais, apagando os verdes, cinzentos e vermelhos do dia. Mike tornou a cair, soltando a mão de Richie. Richie procurou segurar-lhe a mão novamente, porém não conseguiu encontrá-la. - *Mike!* - gritou, em pânico e tossindo. - *Mike, onde está você? Mike! MIKE!*

Mike, no entanto, desaparecera; não estava em parte alguma. -
richie! richie! richie!
(WUAACOOÜ!)
- richie! richie! richie, você está

6

bem? Seus olhos tremularam, abriram-se, e ele viu Beverly ajoelhada ao seu lado, enxugando-lhe a boca com um lenço. Os outros - Bill, Eddie, Stan e Ben - estavam parados atrás dela, de rostos solenes e assustados. O lado do rosto de Richie doía como o diabo. Tentou falar com Beverly, e conseguiu apenas um grunhido. Quis pigarrear e quase vomitou. Havia a sensação de que sua garganta e pulmões tinham sido, de algum modo, forrados com fumaça. Por fim, ele conseguiu balbuciar: - Você me esbofeteou, Beverly?

- Eu não sabia mais o que fazer - respondeu ela. - Uaacoo! - murmurou Richie. - Achei que você não ia ficar bem, foi tudo - disse Bev, e subitamente prorrompeu em lágrimas. Richie deu-lhe alguns tapinhas desajeitados nos ombros e Bill passou uma das mãos por sua nuca. Ela se virou prontamente, pegou a mão dele e a apertou. Richie conseguiu sentar-se. O mundo começou a girar e balançar. Quando se firmou, ele viu Mike recostado contra uma árvore próxima, o rosto com expressão esgazeada, em um tom cinza-pálido. - Eu vomitei? - perguntou Richie a Beverly. Ela assentiu, ainda chorando. Em uma rangente, atropelada Voz do Tira Irlandês, ele perguntou: - Sujei você, meu bem? Bev riu através das lágrimas e sacudiu a cabeça. - Eu virei você de lado. Estava com medo... com m-medo que você se as-asfixiasse no vômito - disse ela, recomeçando a chorar. - N-N-Não é ju-justo - disse Bill, ainda segurando a mão dela. - Q-Q-Quem ga- gagueja p-por aq-aq-qui, s-s-sou eu. - Nada mau, Grande Bill - disse Richie. Tentou levantar-se, mas se sentou de novo, pesadamente. O mundo continuava oscilando. O acesso de tosse voltou e ele virou a cabeça, certo de que ia vomitar outra vez, apenas um minuto antes do fato acontecer. Jogou para fora uma mistura de espuma verde e espessa saliva, a maioria sendo expulsa em filetes. Fechando os olhos com força, ele perguntou:- Alguém quer um sanduíche? - Oh, *merda!* - exclamou Ben, irritado, mas rindo. - Estou achando mais parecido a vômito - disse Richie, embora os olhos ainda estivessem fechados apertadamente. - A merda costuma sair pelo outro lado, pelo menos no meu caso. Quanto a você, não sei, Monte de Feno. Quando finalmente abriu os olhos, Richie viu que o clube subterrâneo ficava a uns vinte metros dali. A janelinha e o alçapão estavam escancarados. A fumaça, rareando agora, escapava pelos dois. Desta feita, ele conseguiu firmar-se nas pernas. Por um momento pensou que fosse vomitar outra vez, desmaiar, ou as duas coisas. - Uaacoo - murmurou, vendo o mundo oscilar e girar diante de seus olhos. Passada a sensação, ele caminhou para Mike. Viu que Mike ainda tinha os olhos injetados e, pela umidade na bainha de suas calças, deduziu que ele também devia ter posto as tripas para fora. - Para um garoto branco, até que você se saiu muito bem - grasnou Mike, esmurrando Richie fracamente no ombro. Richie não soube o que responder - uma condição de curiosa raridade em sua vida. Bill aproximou-se, seguido pelos outros. - Você nos tirou para fora? - perguntou Richie. - E-Eu e Be-Ben. Vo-Vocês estavam gri-gri-gritando. Os d-dois. M-M-Mas... Bill olhou para Ben. - Deve ter sido a fumaça, Bill - replicou Ben, mas não havia convicção em sua voz. - Está querendo dizer o que imagino? - perguntou Richie, em voz inexpressiva. Bill deu de ombros. - E o q-q-que é, Ri-Richie? Foi Mike quem respondeu.

- Nós não estávamos lá no começo, estávamos? Vocês desceram, porque nos ouviram gritando, mas nós não estávamos lá. - Estava tudo muito enfumaçado - disse Ben. - Ouvir vocês dois gritando daquele jeito, era mesmo para assustar. Só que os gritos... pareciam... bem... . P-Pareciam v-v-vir de mu-muito lo-lo-longe - disse Bill. Gaguejando horrivelmente, contou aos dois que, quando ele e Ben tinham descido, não foram capazes de ver um ou outro. Haviam pulado para o interior do clube enfumaçado, em pânico, temendo que, se não agissem rapidamente, os dois garotos poderiam morrer asfixiados pela fumaça. Por fim, Bill conseguira segurar a mão de alguém - a de Ri-chie. Dera um *"di-di-diabo* de pu-pu-puxão" e Richie saíra voando da penumbra, apenas um quarto consciente. Quando se virou, Bill viu Ben abraçado a Mike, ambos tossindo. Ben tinha erguido Mike e o lançara para fora, pelo alçapão. Ouvindo o que Bill contava, Ben assentiu. - Fiquei abrindo e fechando a mão, entendem? Aliás, não fiz outra coisa, sacudindo a mão como um idiota ou como se quisesse cumprimentar alguém. Você a agarrou, Mike. Foi ótimo ter agarrado minha mão naquele momento. Acho que você estava prestes a desmaiar. - Vocês fazem aquele clubinho parecer muito maior do que é, caras - disse Richie. - Isso de ficarem lá dentro, procurando a gente... Afinal, só tem metro e meio de lado! Houve um momento de silêncio, enquanto todos olhavam para Bill, que parecia intensamente concentrado. - *E-E-Era* maior - disse ele por fim. - Não e-e-era, Be-Ben? Ben deu de ombros. - Parecia mesmo. A menos que fosse por causa da fumaça. - Não era a fumaça - replicou Richie. - Pouco antes de acontecer... antes de

sairmos... Bem, eu me lembro de ter pensado que aquilo lá era, pelo menos, tão grande quanto um salão de baile em um filme. Como em um daqueles musicais. *Sete noivas para sete irmãos,* coisa assim. Eu mal conseguia enxergar Mike, sentado contra a outra parede. - Antes de vocês *saírem?* - perguntou Beverly. - Bem... o que eu quis dizer... é como... Ela agarrou o braço de Richie. - Aconteceu - não aconteceu? Realmente aconteceu! Você teve uma visão, exatamente como no livro de Ben! - O rosto dele estava radioso. - Aconteceu *mesmo!*

Richie baixou os olhos para si mesmo, depois fitou Mike. Um dos joelhos das calças de brim de Mike estava rasgado. E os dois joelhos de suas próprias calças exibiam furos. Ele podia espiar através dos buracos do jeans e ver esfoladuras ensangüentadas nos dois joelhos. - Se foi uma visão, juro que nunca mais quero ter outra - disse. - Nada sei sobre o Mandachuva de lá, mas quando desci, não tinha buracos nas calças. São praticamente novas, pelo amor de Deus! Vai ser o diabo com minha mãe... - O que aconteceu? - Ben e Eddie perguntaram ao mesmo tempo. Richie e Mike trocaram um olhar. - Tem um cigarro, Beverly? - perguntou Richie. Ela tinha dois, embrulhados em um pedaço de pano. Richie colocou um deles na boca, ela o acendeu, e quando ele deu a primeira tragada, começou a tossir tanto, que devolveu o cigarro. - Não posso - falou. - Desculpe. - Era o passado - disse Mike.

- Que passado, que nada! - exclamou Richie. Não era apenas o passado. Era muito, *muitíssimo* mais do que isso! - Está bem, concordo. Estávamos nos Barrens, mas o Kenduskeag corria dois quilômetros em um minuto. Era mais fundo. E fodidamente *selvagem.* Desculpe, Beverly, mas *era.* E havia peixes no rio. Acho que salmões. - M-Meu pa-pa-pai d-disse que há m-muito te-tempo não e-existem p-p-peixes no K-Kendusk-k-keag. P-Por causa d-dos e-e-esgotos. - Isso foi há muito tempo, certo - concordou Richie. Olhou em torno, fitando os outros dubitativamente. - O que aconteceu foi há um milhão de anos, pelo menos. Um silêncio tumular acolheu suas palavras. Beverly finalmente o rompeu. - Está bem, mas o que *aconteceu?*

Richie sentiu as palavras na garganta, mas precisou esforçar-se para pronunciá-las. Era quase como vomitar outra vez. - Nós vimos a chegada da Coisa - disse por fim. - *Acho* que foi isso. - Cristo - murmurou Stan. - Oh, Cristo! Houve um brusco ofegar sibilante, quando Eddie usou o aspirador. - Veio do céu - disse Mike. - Nunca mais quero ver nada parecido, pelo resto de minha vida. Queimava com um calor tão forte, que nem se podia olhar para o troço. E estava emitindo eletricidade, fazendo um barulho de mil trovões. E o barulho... - Ele sacudiu a cabeça e olhou para Richie. - Parecia o fim do mundo. E quando o troço bateu no chão, tacou fogo na floresta. Aquilo foi o fim dele.- Era uma espaçonave? - perguntou Ben. - Era - disse Richie. - Não - disse Mike. Os dois entreolharam-se. - Bem, eu acho que era - falou Mike. Ao mesmo tempo, Richie disse: - Não, de fato não era uma *espaçonave,* entendam, mas... Os dois interromperam-se novamente, enquanto os outros olhavam para eles, perplexos. - Fale você, Mike - disse Richie. - Estamos querendo dizer a mesma coisa, acho, mas eles não estão entendendo. Mike tossiu dentro da mão em concha e então se virou para os outros, quase com ar de desculpas. - Francamente, não sei como contar a vocês - disse. - *T-T-Tente* - replicou Bill, em voz pressionante. - O negócio veio do céu - repetiu Mike, - mas não era uma *espaçonave,*

exatamente, quero dizer. Também não era um meteoro. Era mais como... bem... como a Arca da Aliança, na Bíblia, que se supõe contivesse o Espírito de Deus... exceto que isto de agora não era Deus. Havia apenas a sensação de que era A Coisa, de que víamos A Coisa chegar. Vocês sabem que A Coisa significa o mal, e nós sabíamos que Aquilo *era* o mal. Mike olhou para os outros. Richie assentiu. - A Coisa vinha de... *de fora.* Foi a sensação que tive. Do *espaço exterior.* - Sim, mas de onde, Richie? - perguntou Eddie. - De além de tudo - respondeu Richie. - E quando A Coisa aterrou... fez o mais maldito e maior buraco que já se viu. Transformou esta colina enorme em uma rosca, apenas isto. Aterrou bem onde hoje fica o centro comercial de Derry. - Richie encarou os companheiros. - Entenderam agora? Beverly deixou cair o cigarro meio fumado e o esmagou com a sola.

- A Coisa *sempre* esteve aqui - disse Mike, - desde o começo dos tempos... desde antes de existirem homens em *qualquer lugar,* a menos que houvesse alguns na África, pulando pelos galhos das árvores ou morando em cavernas. A cratera agora desapareceu e talvez a idade do gelo tenha afundado mais o vale, modificando alguma geografia por aí e enchendo a cratera... mas A Coisa já estava aqui, quem sabe dormindo, esperando que o gelo derretesse, esperando que as pessoas chegassem. - Aí está por que A Coisa usa os esgotos e encanamentos - apontou Richie. - Devem ser como estradas para ela. - Não viram qual a aparência da Coisa? - perguntou Stan Uris subitamente, em voz um tanto enrouquecida. Os dois abanaram a cabeça. - Será que poderemos vencer A Coisa? - exclamou Eddie, em meio ao silêncio. - Um negócio desses? Ninguém respondeu.

CAPÍTULO 16

A séria fratura de Eddie

1

Quando Richie termina, todos estão assentindo. Eddie também assente com eles, recordando *tudo com eles, quando a dor subitamente se alastra por seu braço esquerdo. Alastra-se? Não. Corre através dele: é como alguém tentando afiar uma serra enferrujada em seu osso. Ele faz uma careta e enfia a mão no bolso do paletó esporte, apalpa uma série de frascos e tira o vidro de Excedrin. Engole duas pílulas com um gole de gim-e-suco-de-ameixa. A dor naquele braço ia e vinha, ia e vinha, o dia inteiro. A princípio, ele julgou que fosse a bursite que às vezes o ataca se o tempo está úmido. Contudo, a meio caminho do relato de Richie, uma nova recordação se ajusta no lugar para ele, que então compreende a dor.* Não estamos mais perambulando pela Alameda da Memória, *pensa ele;* isto está ficando mais e mais parecido com a auto-estrada de Long Island.

Cinco anos atrás, durante um check-up rotineiro (Eddie submete-se a check-ups rotineiros de seis em seis semanas), o médico lhe disse, com segurança: "Há uma antiga fratura aqui, Ed. ...Caiu de alguma árvore quando era garoto?"

- Foi algo assim - replicou Eddie, não se preocupando em contar ao Dr. Robbins que sua mãe teria caído dura, com uma hemorragia cerebral, se tivesse visto seu Eddie trepando em árvores ou se alguém lhe contasse. A verdade é que ele não conseguira recordar exatamente como *havia quebrado o braço. Não parecia importante (embora, pensa ele agora, essa falta de interesse fosse, em si, bastante estranha - afinal de contas, é um homem que dá importância a um espirro ou a uma leve mudança na coloração de suas fezes). Entretanto, era uma fratura antiga, uma irritação secundária, algo ocorrido muito tempo atrás, em uma infância de*

que mal se lembrava e que não se preocupava em recordar. O local da fratura doía um pouco quando precisava dirigir por longas horas, em dias chuvosos. Duas aspirinas resolviam a situação sem dificuldade. Sem problemas. Agora, contudo, não se trata de um ataque secundário; algum louco afia aquela serra enferrujada, executa canções ósseas, e ele recorda que era como se sentia no hospital, especialmente noite alta, nos primeiros dois ou três dias depois de ocorrido o fato. Deitado na cama, suando com o calor do verão, esperando que a enfermeira lhe trouxesse uma pílula, as lágrimas escorrendo silenciosas por suas faces até as cavidades dos ouvidos, pensando: É como se um cara biruta afiasse uma serra no local.
Se isto é a Alameda da Memória, pensa Eddie, eu a trocaria por um enorme enema no cérebro: uma forte lavagem mental. Sem pensar no que ia falar, ele diz:

- Foi Henry Bowers quem quebrou meu braço. Lembram-se disso? Mike assente.
- Aconteceu pouco antes do desaparecimento de Patrick Hockstetter. Não recordo a data.

- Pois eu sei - diz Eddie, tranqüilo. - Foi a 20 de julho. Registraram o desaparecimento do garoto Hockstetter em... quando?... Oh, 23 de julho, não?
- Vinte e dois - corrige Beverly Rogan, embora sem dizer a eles por que tem tanta certeza da data: é porque viu A Coisa capturar Hockstetter. Ela tampouco conta aos outros que naquele tempo acreditava (e continua acreditando) que Patrick Hockstetter era louco, talvez ainda mais do que Henry Bowers. Depois contará *a eles; agora é a vez de Eddie falar. Beverly falará em seguida, e então supõe que Ben narrará o clímax daqueles eventos de julho... a bala de prata, que não ousavam de todo fabricar. Uma agenda de pesadelo, se jamais existiu uma, pensa ela -*
mas persiste aquela louca euforia. Quando foi a última vez que se sentiu tão jovem? Mal suporta ficar sentada e quieta.
- Vinte de julho - murmura Eddie, rolando o aspirador sobre a mesa, de uma mão para a outra. - Três ou quatro dias após aquele negócio do buraco enfumaçado. Passei o resto do verão com o braço engessado, lembram-se? Richie bate na testa, um gesto que todos recordam ser dos velhos tempos, e Bill pensa, com uma mescla de divertimento e inquietação, que por um momento Richie parecera exatamente o Castor Dentuço.

- Sim, claro! Você tinha o gesso quando fomos à casa da Rua Neibolt, não é mesmo? E mais tarde... no escuro... Contudo, agora Richie sacode a cabeça de leve, intrigado.

- O que foi R-Richie? - pergunta Bill.
- Ainda não pude recordar essa parte - admite Richie. - E você? Bill sacode lentamente a cabeça.
- Hockstetter estava com eles naquele dia - diz Eddie. - Foi a última vez que o vi com vida. Talvez ele estivesse substituindo Peter Gordon. Acho que Bowers não queria mais Peter à sua volta, depois que ele fugiu, no dia da batalha a pedradas.
- Todos eles morreram, não? - pergunta Beverly quietamente. - Depois de Jimmy Cullum, os únicos que morreram foram amigos de Henry... ou ex-amigos.
- Morreram todos, exceto Bowers - concorda Mike, erguendo os olhos para os balões amarrados ao gravador de microfilmes. - No momento, está em Juniper Hill. Um hospício particular, em Augusta.
- E c-c-como foi que quebraram seu braço. E-E-Eddie? - pergunta Bill.
- Sua gagueira está piorando, Grande Bill - declara Eddie solenemente, terminando seu drinque em um só gole.

- Não vem ao caso - replica Bill. - C-Conte para nós.
- Conte para nós - repete Beverly. Ela pousa de leve a mão em seu braço e Eddie sente a dor lavrar outra vez. - Está bem - acede Eddie. Enche seu copo novamente, estuda-o e diz:
- Dois dias depois que saí do hospital, vocês, caras, foram à minha casa e me mostraram aqueles rolamentos de esferas de prata. Lembra-se, Bill? Bill faz um gesto afirmativo. Eddie olha para Beverly. - OH! pediu a você que os disparasse, havendo necessidade... porque você tinha a melhor pontaria. Parece que você se negou... que estava com medo. Também nos disse algo mais, porém não consigo recordar o que seria. É como... - Eddie espicha a língua para fora e lhe agarra a extremidade, como se ali houvesse alguma coisa agarrada. -

Seria algo sobre Hockstetter?
- Exatamente - afirmou Beverly. - Contarei isso, quando você terminar. Vá em frente.

- Foi depois disso, depois que vocês saíram, que minha mãe entrou e tivemos uma boa discussão. Ela não queria que eu continuasse perambulando com vocês. E minha mãe podia ter-me feito concordar - entendam, ela sabia como manobrar um sujeito... Bill torna a assentir. Lembra-se da Sra. Kaspbrak, uma enorme mulher, com um estranho rosto esquizofrênico, um rosto capaz de mostrar-se pétreo, furioso, infeliz e amedrontado, tudo ao mesmo tempo.
- Sim, ela podia ter-me induzido a concordar - diz Eddie. - Contudo, aconteceu algo mais, no mesmo dia em que Bowers me fraturou o braço. Algo que me deixou realmente chocado. Ele dá uma risadinha, pensando: Certo, eu fiquei chocado... Isso é tudo que pode dizer? De que adianta falar, se nunca poderá dizer aos outros como se sente em realidade? Em um livro ou filme, aquilo que descobri nesse dia, antes que Bowers me fraturasse o braço, teria modificado minha vida para sempre, e nada aconteceria da forma como aconteceu... Em um livro ou filme, isso me libertaria. Em um livro ou filme, eu não teria uma maleta entupida de vidros de remédio em meu quarto no Town House, não teria casado com Myra, como tampouco estaria agora com este maldito aspirador a meu lado. Em um livro ou filme. Porque...

De repente, enquanto todos eles olham, o aspirador de Eddie rola através da mesa, sozinho. Ao rolar, emite um som chocalhante, um pouco como maracas, um pouco como ossos... um pouco como risadas. Quando atinge o lado mais distante da mesa, entre Richie e Ben, eleva-se no ar e cai ao solo. Richie faz um movimento assustado para pegá-lo, mas Bill grita, em voz estridente:
- Não t-toque ne-nele!
- Os *balões! - exclama Ben, e todos se viram. Os dois balões amarrados ao gravador de microfilmes agora mostram a inscrição REMÉDIO DE ASMA DÁ CÂNCER! Abaixo do slogan há caveiras sorridentes. Os balões explodem com estouros simultâneos. Eddie olha para isso sentindo a boca seca, enquanto a sensação familiar de asfixia começa a apertar seu peito, como correntes. Bill se vira para ele.*

- Q-Quem dis-disse a v-v-você o q-que está e-e-escrito n-neles? Eddie molha os lábios, querendo pegar seu aspirador, mas não tendo coragem. Quem sabe o que poderia conter agora? Ele pensa naquele dia, o dia 20, e em como estava quente: lembra-se da mãe, entregando-lhe um cheque preenchido, com exceção da quantia, mais um dólar em dinheiro - a sua mesada.

O Sr. Keene - diz, e sua voz soa distante aos próprios ouvidos, sem força. - Foi o Sr. Keene.
- Ele não era precisamente o homem mais gentil desta cidade - comenta Bill, mas Eddie nem o ouve, perdido em seus pensamentos. Sim, aquele havia sido um dia calorento, mas estava fresco no interior da Drogaria da Rua Center, com os ventiladores de madeira girando preguiçosamente abaixo do forro de zinco prensado, o ar impregnado do confortador cheiro da mistura de pós e ungüentos. Aquele era o lugar onde se vendia saúde - sendo essa a não declarada, mas claramente transmitida convicção de sua mãe, e com seu relógio orgânico marcado para onze e meia, Eddie nem desconfiava que ela pudesse estar enganada, sobre isso e tudo mais.

Bem, o Sr. Keene, sem dúvida, pôs um fim nisso, *pensa ele agora, com uma espécie de raiva branda. Recorda que havia ficado parado diante da estante de revistas de histórias em quadrinhos por algum tempo, examinando-a com vagar, para ver se havia algum exemplar novo de* Batman *ou* Superboy, *inclusive de seu favorito, o* Homem Plástico. *Já havia entregue a lista e sua mãe (ela o enviava à drogaria, como as mães de outros garotos poderia enviá-los à mercearia da esquina) e o cheque dela ao Sr. Keene; ele preencheria o pedido e depois escreveria a quantia total no cheque, entregando a Eddie o recibo, afim de que ela deduzisse a soma em sua conta bancária. Este era o procedimento padrão para Eddie. Três tipos diferentes de receitas para sua mãe, mais um vidro de Geritol porque, conforme ele lhe dissera misteriosamente, "Tem ferro concentrado, Eddie, e as mulheres precisam de mais ferro do que os homens". Havia ainda as vitaminas para ela, um frasco do Elixir Infantil do Dr. Swett... e, naturalmente, seu remédio para a asma. Era sempre a mesma coisa. Mais tarde, ele faria uma parada no Mercado da Avenida Costello, para duas barras de doce e uma Pepsi, tudo pago com o seu dólar. Eddie comeria os doces, beberia a Pepsi e iria para casa, fazendo o troco do dólar tilintar em seu bolso durante todo o trajeto. Contudo, aquele foi um dia diferente: terminaria com ele no hospital, e* isso *sem dúvida, era diferente. No entanto, já começou diferente, quando o Sr. Keene o chamou. Porque, em vez de entregar-lhe o grande saco branco cheio de remédios, mais o recibo, advertindo-o para que guardasse o recibo no bolso, afim de não perdê-lo, o Sr. Keene olhou pensativamente para ele e disse:*

- *Venha* até meu escritório um instante, Eddie. Quero falar com você. Eddie apenas o fitou por um momento, pestanejando, um pouco amedrontado. A idéia de que talvez o Sr. Keene o imaginasse furtando ali dentro passou brevemente por sua cabeça. Junto à porta, havia um aviso que Eddie sempre lia, quando chegava à Drogaria da Rua Center. Estava escrito em acusadoras letras negras, tão grandes que, ele apostava, podiam ser lidas até por Richie Tozier, sem os óculos: FURTAR MERCADORIAS NÃO É "UM BARATO", NÃO É "EXCITANTE" E NÃO É "LEGAL"! FURTAR MERCADORIAS É UM *CRIME,* E NÓS *PROCESSAREMOS!*
Em toda a sua vida, Eddie jamais furtara qualquer coisa em lojas, mas aquele aviso sempre o fazia sentir-se culpado - era como se o Sr. Keene soubesse algo a seu respeito, algo que ele próprio ignorava. Então, o Sr. Keene o deixou ainda mais confuso, acrescentando: - Que tal um sorvete de soda? - Bem... - Oh, é por conta da casa. Sempre tomo um no escritório, a esta hora do dia. Dá energia, a menos que a gente precise controlar o peso, mas acho que este não é o caso,

para mim ou para você. Minha esposa diz que pareço um barbante esticado. Aquele seu amigo, o garoto Hanscom, bem, aquele é um que precisa ter cuidado com o peso. Que sabor, Eddie? - Bem, minha mãe disse que eu voltasse logo para casa, assim que... - Você me parece do tipo que prefere chocolate. Chocolate, está bom para você?Os olhos do Sr. Keene brilhavam, mas era um brilho seco, como o do sol refletindo-se sobre mica, no deserto. Pelo menos, foi o que pensou Eddie, fã de escritores do Oeste, como Max Brand e Archie Joceylen. - Claro - rendeu-se Eddie. Algo na maneira como o Sr. Keene empurrou os óculos de aros dourados para o alto do nariz aquilino, fez com que Eddie se inquietasse. Algo na maneira como o Sr. Keene parecia nervoso e, ao mesmo tempo, secretamente satisfeito. Ele não queria entrar no escritório do Sr. Keene. Aquela conversa sobre o sorvete... Negativo. Aliás, fosse qual fosse o assunto a ser *tratado,* sem a menor dúvida, não podia ser boa coisa.

Talvez ele queira dizer que estou com câncer ou coisa assim, pensou Eddie, atemorizado. *Isso de câncer infantil. Leucemia. Meu Deus! Oh, não seja idiota!* respondeu para si mesmo, procurando soar como se fosse Bill Gaguinho. Bill Gaguinho substituíra Jack Mahoney, que desempenhava o papel do Zorro nas manhãs de sábado na televisão, como o grande herói na vida de Eddie. A despeito do fato de não conseguir falar corretamente, o Grande Bill parecia estar sempre a par de tudo. *Este cara é um farmacêutico, não um médico, pelo amor de Deus!* Contudo, mesmo assim Eddie ainda estava nervoso. O Sr. Keene havia aberto a passagem pelo balcão e acenava para Eddie, com um dedo ossudo. Eddie foi, relutantemente. Ruby, a garota do balcão, estava sentada junto à caixa registradora, lendo uma

Silver Screen.
- Quer trazer para nós dois sorvetes de soda, Ruby? - disse o Sr. Keene. - Um de chocolate, outro de café? - Em um minuto - respondeu ela, marcando a página que lia com um envoltório de goma de mascar, antes de levantar-se. - Depois, traga ao meu escritório. - Está bem. - Venha, filho. Não vou mordê-lo. O Sr. Keene realmente deu-lhe uma piscadela, o que deixou Eddie completamente pasmo. Ele nunca passara do balcão da drogaria antes, e agora passeou os olhos interessados por todos os frascos, pílulas e potes. Teria demorado mais ali, se estivesse por conta própria. Gostaria de examinar melhor os almofarizes e pilões, as balanças e pesos, os bojudos potes de vidro cheios de cápsulas, pertencentes ao Sr. Keene. Entretanto, o Sr. Keene o guiou para o escritório e fechou a porta firmemente ao entrar. Ao ouvir o ruído do ferrolho na fechadura, Eddie sentiu a alertadora pressão no peito, e lutou contra isso. Haveria um aspirador novo entre as encomendas de sua mãe, de maneira que poderia tomar uma dose satisfatória do medicamento, assim que saísse dali. Havia um pote com balas de alcaçuz no canto da mesa do Sr. Keene. Ele o ofereceu a Eddie. - Não, senhor, obrigado - declinou o garoto polidamente. O Sr. Keene ocupou a cadeira giratória atrás da mesa e pegou uma bala. Então, abrindo a gaveta, tirou algo para fora. Colocou-o perto do alto pote das balas, e Eddie ficou realmente alarmado. Era uma aspirador. O Sr. Keene recostou-se para trás em sua

cadeira giratória, até a cabeça quase tocar o calendário de parede, atrás dele. A foto no calendário mostrava mais pílulas. Dizia SQUIBB. E... ...e por um terrível momento, quando o Sr. Keene abriu a boca para falar, Eddie recordou o que ocorrera na sapataria, quando era ainda muito pequeno, na ocasião em que sua mãe gritara por ele haver colocado o pé na máquina de raios-X. Durante aquele terrível momento, Eddie imaginou que o Sr. Keene diria: "Eddie, nove entre dez médicos concordam que remédios para asma produzem câncer, assim como as máquinas de raios- X, que havia nas sapatarias. Você provavelmente já está canceroso. Apenas, pensei que deveria saber disso." Entretanto, o que o Sr. Keene *disse* era tão peculiar, que Eddie não conseguiu atinar com qualquer resposta; limitou-se a ficar sentado na cadeira de madeira com encosto reto, diante da mesa do Sr. Keene, encolhido e amedrontado. - Isto já foi longe demais. Eddie abriu a boca e tornou a fechá-la. - Que idade tem você, Eddie? Onze anos, não? - Sim, senhor - respondeu ele fracamente. Sua respiração estava acelerando. Eddie ainda não assobiava como uma chaleira (que era como Richie o qualificava: *Que alguém desligue Eddie! Ele já começou a ferver!),* mas isso podia acontecer a qualquer minuto agora. Olhou anelantemente para o aspirador em cima da mesa do Sr. Keene e, como pareceu que faltava acrescentar algo, disse: - Farei doze em novembro. O Sr. Keene assentiu. Então, inclinando-se para diante - como um farmacêutico de televisão em um comercial - entrelaçou os dedos das mãos. Seus óculos cintilaram, à claridade forte despedida pelas lâmpadas fluorescentes do teto. - Sabe o que é placebo, Eddie? - perguntou. Nervosamente, procurando acertar, Eddie respondeu: - São aquelas coisas nas vacas, por onde sai o leite, não são? O Sr. Keene riu e tornou a recostar-se na cadeira. - Não - falou, e Eddie sentiu-se enrubescer até a raiz dos cabelos. Agora, podia ouvir o silvo rastejando em sua respiração. - Um placebo... Duas pancadinhas à porta o interromperam. Sem esperar que a mandassem entrar, Ruby surgiu com um antiquado copo para sorvete em cada mão. - O seu deve ser o chocolate - falou para Eddie, com um sorriso. Ele retribuiu o sorriso o melhor que pôde, mas o interesse pelo sorvete de soda jamais estivera em maré tão vazante, em todo o seu histórico pessoal. De uma forma ao mesmo tempo vaga e específica, Eddie estava com medo; sentia-se assim também, quando, sentado à mesa de exames do Dr. Handor, vestindo apenas as cuecas, aguardava a entrada do médico, sabendo que sua mãe estava na sala de espera, ocupando a maior parte do sofá, com um livro (mais provavelmente *O poder do pensamento positivo,* de Norman Vincent Peale ou *Medicina popular do Dr. Jarvis)* mantido firmemente diante dos olhos, como um hinário. Sem as roupas e indefeso, ele se sentia capturado entre os dois. Tomou um pouco de sua soda enquanto Ruby saía, quase sem sentir-lhe o sabor. O Sr. Keene esperou até que a porta se fechasse, e então exibiu novamente seu sorriso de sol-sobre-mica. - Relaxe, Eddie. Não vou morder você nem lhe fazer qualquer mal. Eddie assentiu, porque o Sr. Keene era um adulto e supunha-se que crianças concordassem com adultos em quaisquer circunstâncias (sua mãe é que lhe ensinara isso), mas por dentro estava pensando: *Oh, já ouvi essa cascata antes.* Era isso mesmo que o médico dizia ao abrir seu esterilizador, e o pungente, aterrador cheiro

de álcool escapava, picando-lhe as narinas. Aquele era o cheiro de injeções, e este era o cheiro de conversa fiada, ambos significando a mesma coisa: quando eles falavam assim, era porque a coisa ia doer *pra cachorro,* embora afirmassem que ia ser apenas uma espetadela, algo que praticamente não se sentia. Ele tentou outro atemorizado sorvo no canudinho da soda, mas o gosto não tinha sabor, não sentiu nenhum prazer nisso. Aliás, precisava de todo o espaço na garganta, que se constringia, apenas para inalar ar. Olhou para o aspirador, pousado no centro da pasta de mesa do Sr. Keene, queria pedi-lo, mas não ousava. Um horripilante pensamento ocorreu-lhe: talvez o Sr. Keene

soubesse que ele queria o aspirador, mas não tinha coragem de pedir. Era bem possível que o Sr. Keene o estivesse

(torturando)

avaliando com deboche. Bem, era uma idéia idiota, não? Um adulto - principalmente um adulto *fornecedor-de-saúde*- não faria semelhante coisa com um menino pequeno, faria? Claro que não. Tal idéia nem devia ser levada em consideração, porque a análise dessa idéia exigiria uma aterrorizante reavaliação do mundo, como Eddie o compreendia. Contudo, lá estava o aspirador, lá estava ele, tão perto e tão distante ao mesmo tempo, como água além do alcance de um homem que está agonizando no deserto. Lá estava ele sobre a mesa, abaixo dos sorridentes olhos de mica do Sr. Keene. Mais do que tudo, Eddie desejou estar nos Barrens, rodeado pelos amigos. O pensamento de um monstro, algum monstro gigantesco, rastejando sob a cidade em que ele nascera e crescera, usando os esgotos e encanamentos para arrastar-se de um lugar para outro - este era um pensamento aterrador, e a idéia de realmente *lutar* contra aquela criatura, de *derrotá-la,* era ainda mais aterradora... porém a de agora, de certo modo, era ainda pior. Como lutar contra um adulto que diz que não vai machucá-lo, se a intenção dele é justamente o contrário? Como lutar contra um adulto que lhe faz perguntas singulares e diz coisas obscuramente terríveis, como *Isto já foi longe demais?*

E, quase sem querer, em uma espécie de pensamento lateral, Eddie descobriu uma das grandes verdades de sua infância. *Os adultos é que são os verdadeiros monstros,* pensou. Não era grande coisa, não era um pensamento que chega em um lampejo revelador ou anunciado por sinos e trombetas. Ele apenas despontou e se foi, quase sepultado pela idéia mais forte, mais dominante: *Quero meu aspirador e quero ir embora daqui.*

- Calma, Eddie - disse o Sr. Keene. - A maior parte do seu problema é por ficar tão tenso e ansioso o tempo todo. Veja a sua asma, por exemplo. Olhe aqui. O Sr. Keene abriu a gaveta da mesa, remexeu no interior e tirou de lá um balão murcho de soprar. Inflando o peito magro o mais que pôde (a gravata oscilou como um barco estreito, navegando em ondas mansas), ele começou a soprar o balão, DROGARIA DA RUA CENTER, estava escrito no balão, AVIAMENTO DE RECEITAS, DIVERSOS, SUPRIMENTO PARA OSTEOTOMIA. O Sr. Keene segurou o balão cheio, pela boca de borracha, e o manteve diante de Eddie. - Agora, por um momento, imagine que isto é um pulmão - disse ele. - O *seu*

pulmão. Aliás, eu devia encher dois balões, mas como só sobrou este, da liquidação logo após o Natal... - Sr. Keene, posso apanhar meu aspirador agora? A cabeça de Eddie começava a latejar. Ele sentia a traquéia comprimir-se, fechar- se. O coração batia depressa e o suor lhe brotou da testa. Seu sorvete ficou no canto da

mesa do Sr. Keene, a cereja do topo afundando lentamente em uma massa de creme batido. - Só um momento, Eddie - disse o Sr. Keene. - Preste atenção, filho. Eu quero ajudá-lo. É hora de alguém fazer isso. Se Russ Handor não é homem bastante para abrir- lhe os olhos, eu sou. Seu pulmão é como este balão, exceto que está circundado por um lençol muscular; esses músculos são como os braços de um homem, operando um fole, entende? Na pessoa saudável, esses músculos ajudam os pulmões a expandir-se e contrair-se com facilidade. Entretanto, se o dono destes pulmões saudáveis está sempre ficando tenso e ansioso, os músculos começam a trabalhar *contra* os pulmões, em vez de a favor deles. Veja! O Sr. Keene envolveu uma mão pregueada, ossuda e pintalgada de manchas escuras em torno do balão. Apertou. O balão avolumou-se acima e abaixo do punho fechado, e Eddie piscou, tentando preparar-se para o estouro. Ao mesmo tempo, sentiu que sua respiração cessava. Inclinando-se sobre a mesa, agarrou o aspirador em cima da pasta. Seu ombro bateu no pesado copo de soda-sorvete. O copo caiu da mesa ao chão, estilhaçando-se como uma bomba. Eddie ouviu aquilo apenas vagamente. Sua mão aferrava o topo do aspirador, enfiava a cânula na boca e pressionava o gatilho. Respirou fundo e tremulamente, os pensamentos disparando em pânico, como sempre acontecia em momentos semelhantes:

Por favor mamãe estou sufocando não consigo RESPIRAR oh meu bom Deus oh querido Jesus manso e humilde eu não consigo RESPIRAR por favor não quero morrer não quero morrer oh por favor...
Então, a nebulização do aspirador condensou-se nas paredes intumescidas de sua garganta, e ele pôde respirar de novo. - Sinto muito - disse, quase chorado. - Sinto muito sobre o copo... Eu limpo tudo e pago o prejuízo... mas, por favor, não conte para minha mãe, está bem? Desculpe, Sr. Keene, mas eu não conseguia *respirar...*

Houve novamente a pancadinha dupla na porta e Ruby enfiou a cabeça pela abertura. - Está tudo... - Está tudo bem - disse bruscamente o Sr. Keene. - Pode ir. - Bem, me desculpe! - replicou Ruby, revirando os olhos antes de fechar a porta. A respiração de Eddie recomeçou a sibilar em sua garganta. Ele fez o aspirador funcionar novamente e então iniciou pela segunda vez suas atropeladas desculpas. Só parou ao ver que o Sr. Keene sorria - aquele peculiar sorriso seco. O farmacêutico tinha as mãos entrelaçadas sobre o abdome. O balão jazia sobre sua mesa. Um pensamento ocorreu a Eddie e, embora tentasse expulsá-lo, foi impossível. O Sr. Keene parecia ter saboreado melhor o seu ataque de asma do que o sorvete de café por terminar. - Não se preocupe - respondeu ele. - Ruby limpará tudo mais tarde e, se quer saber a verdade, até gostei por você quebrar o copo. Porque eu prometo não contar para sua mãe que você o quebrou, se *me prometer* que não contará a ela esta nossa conversinha. - Oh, eu prometo! - exclamou Eddie, prontamente. - Ótimo - disse o Sr. Keene. - Chegamos a um entendimento. E você se sente muito melhor agora, não? Eddie assentiu. - Por que? - Por que? Ora... porque usei meu remédio! Eddie olhou para o Sr. Keene da maneira como olhava para a Sra. Casey na escola, quando tinha dado uma resposta, mas sem muita certeza de que fosse a correta.

- No entanto, você *não* usou remédio algum - replicou o Sr. Keene. - O que usou foi *um. placebo.* Placebo, Eddie, é algo que *parece* remédio, tem *gosto* de remédio, mas *não é* remédio. O placebo não é remédio, porque não possui ingredientes ativos. Ou, se é remédio, trata-se de um remédio de tipo muito especial. Remédio para a cabeça. - O Sr. Keene sorriu. - Você compreendeu isso, Eddie? *Remédio para a cabeça!*
Eddie compreendeu, claro; o Sr. Keene estava dizendo que ele era louco. Entretanto, seus lábios relutantes disseram: - Não, acho que não compreendi. - Deixe-me contar-lhe uma pequena história - disse o Sr. Keene. - Em 1954, a Universidade De Paul fez uma série de testes médicos em pacientes com úlcera. Cem pacientes com úlcera tomaram pílulas. Foram informados de que aquelas pílulas ajudariam na cura de suas úlceras, mas a verdade é que somente cinqüenta pacientes foram medicados. Os outros cinqüenta tomaram placebos... De fato, eram pílulas inofensivas, que receberam um revestimento cor-de-rosa. - O Sr. Keene emitiu uma estranha risadinha aguda - aquela de um homem descrevendo uma travessura, em vez de um experimento. - Daqueles cem pacientes, noventa e três disseram que sentiam uma decisiva melhora, e oitenta e um *apresentavam* uma melhora. E então, o que você acha? Que conclusão pode tirar dessa experiência, Eddie? - Eu não sei - respondeu Eddie fracamente. O Sr. Keene deu um tapinha na cabeça, solenemente. - A maioria das doenças começa aqui, é o que *eu* penso. Estou neste ramo de negócio há muito e muito tempo, sabia sobre placebos um bocado de anos, antes que aqueles médicos da Universidade De Paul fizessem sua pesquisa. Em geral, são os velhos que terminam tomando placebos. O velho ou a velha vão ao médico, convencidos de que sofrem do coração, estão com câncer, diabetes ou qualquer coisa terrível. Contudo, na maioria dos casos não é nada disso. Eles não se sentem bem porque são velhos, eis tudo. No entanto, o que um médico faz? Diz a eles que são como relógios de mecanismo gasto? Oh, não. Não é provável. Os médicos têm muito amor a seus honorários... Nesse momento, o rosto do Sr. Keene exibia uma expressão entre um sorriso e um rosnado. Eddie apenas ficou lá, sentado, esperando que aquilo terminasse, terminasse, terminasse. *Você não usou remédio algum:* as palavras entrechocavam-se em sua mente. - Os médicos não dizem isso a eles e eu também fico calado. Por que me preocupar? Às vezes, uma pessoa idosa chega aqui com uma prescrição dizendo exatamente: *Placebo* ou *1,60 g de Céu Azul,* que era como o velho Doutor Pearson costumava fazer. O Sr. Keene cacarejou uma risadinha e depois chupou seu sorvete de soda, sabor café. - Bem, o que há de errado nisso? - perguntou a Eddie, e como este apenas continuasse sentado, em silêncio, ele mesmo respondeu: -

Ora, nada! Absolutamente nada! - Houve uma pausa. - Pelo menos... em geral. Os placebos são uma bênção para os velhos. Aliás, existem outros casos - pessoas com câncer, com moléstias cardíacas degenerativas, sofrendo de coisas terríveis que ainda não compreendemos bem, entre elas crianças como você, Eddie! Em casos assim, se um placebo faz o paciente sentir-se melhor, qual o problema? Acha que há algum problema, Eddie? - Não, senhor - disse Eddie. Ele baixou os olhos para a sujeira no chão: sorvete de chocolate, soda, creme batido e vidro quebrado. No meio de tudo aquilo, estava a cereja marasquino, tão

acusadora como uma mancha de sangue no cenário de um crime. Olhar para tudo aquilo fez seu peito apertar-se novamente. - Então, temos o mesmo ponto de vista! O mesmo pensamento! Faz cinco anos, quando Vernon Maitland teve câncer do esôfago - um tipo de câncer doloroso, muito doloroso mesmo - e os médicos já tinham esgotado todos os recursos para aliviar-lhe a dor, fui até seu quarto de hospital com um vidro de pastilhas de açúcar. Ele era um amigo especial, compreenda. Então, eu disse: "Vem, trago aqui algumas pílulas analgésicas, ainda em fase experimental. O médico não sabe que eu a trouxe para você, portanto não me deixe em má situação! Estas pílulas podem não funcionar, mas eu acho que fazem efeito, sim. Não tome mais de uma por dia, e somente quando a dor for muito forte." Ele me agradeceu com lágrimas nos olhos. *Lágrimas,* Eddie! E sabe de uma coisa? As pílulas fizeram efeito! *Isso mesmo!* Eram apenas pílulas de açúcar, porém aliviaram a maior parte da dor de Vernon... porque a dor está aqui. Solenemente, o Sr. Keene tornou a dar um tapinha na cabeça. - Meu remédio faz efeito - disse Eddie. - Eu sei que faz - replicou o Sr. Keene, exibindo um enlouquecedoramente complacente sorriso de adulto. - Faz efeito em seu peito, porque também faz efeito em sua cabeça. Hydrox, Eddie, não passa de água com um pouco de cânfora, para dar-lhe um gosto de remédio. - Não! - disse Eddie, a respiração recomeçando a sibilar. O Sr. Keene sorveu um pouco de sua soda, misturou parte do sorvete derretido, e limpou meticulosamente o queixo com o lenço, enquanto Eddie tornava a usar o aspirador. - Quero ir embora agora - disse Eddie. - Deixe-me terminar, por favor.- Não! Eu quero ir embora, o senhor já recebeu o seu dinheiro e eu quero ir! - Deixe-me terminar - disse o Sr. Keene, em um tom tão autoritário, que Eddie tornou a sentar-se na cadeira. Adultos podiam ser extremamente odiosos em seu poder, algumas vezes. Extremamente odiosos. - Em relação a você, parte do problema é que Russ Handor, seu médico, é um fraco. Outra parte do problema é que sua mãe está decidida a ter um filho doente. Você ficou preso no meio disso. - Não sou maluco - sussurrou Eddie, mal se fazendo ouvir. A cadeira do Sr. Keene rangeu como um grilo monstruoso. - O que? - Eu disse que não sou maluco! - gritou Eddie. Então, imediatamente subiu para seu rosto um rubor infeliz. O Sr, Keene sorriu. Pense o que quiser, dizia aquele sorriso. Pense o que *você* quiser, e eu pensarei o que *eu*

quero. - Tudo quanto estou lhe dizendo é que você não está fisicamente doente, Eddie. Seus *pulmões* não têm asma; sua *mente* é que tem. - O senhor quer dizer que sou maluco. O Sr. Keene inclinou-se para diante, fitando-o intensamente por sobre as mãos entrelaçadas. - Isso eu não sei - disse ele suavemente. - Você é? - Tudo isso é uma mentira! - exclamou Eddie, surpreso ante o vigor com que as palavras lhe saíam do peito comprimido. Pensava em Bill, em como ele reagiria diante de

tão espantosas acusações. Bill saberia o que dizer, gaguejando ou não. Bill saberia como ser valente. - É tudo uma grande mentira! Eu *tenho* asma, eu *tenho!*
- Certo - disse o Sr. Keene, e agora o sorriso seco se tornara fantasticamente esquelético. - Mas quem a deu a você, Eddie? O cérebro de Eddie latejava e rodopiava. Oh, ele se sentia mal, muito mal. - Há quatro anos, em 1954 - curiosamente, no mesmo ano dos testes De Paul - o Dr. Handor começou a receitar este Hydrox para você. Este nome significa hidrogênio e oxigênio, os dois componentes da água. Eu tolerei esta simulação deste então, mas não vou tolerá-la mais. Seu remédio para asma funciona mais em sua mente do que em seu corpo. Essa asma é o resultado de um estreitamento nervoso do diafragma,ordenado por sua mente... ou sua mãe. Em poucas palavras, você não tem doença alguma. Um terrível silêncio desceu. Eddie permaneceu sentado na cadeira, com a mente em torvelinho. Por um momento, considerou a possibilidade de que o Sr. Keene pudesse estar dizendo a verdade, mas em tal idéia havia ramificações que ele não podia enfrentar. Não obstante, por que o Sr. Keene mentia, em especial sobre uma coisa tão séria? Quieto em sua cadeira, o Sr. Keene tornou a sorrir. Era aquele sorriso brilhante, seco, impiedoso e desértico.

Eu tenho *asma,* tenho. *No dia em que Henry Bowers me esmurrou o nariz, quando eu e Bill tentávamos fazer uma represa nos Barrens, quase* morri. *Devo então pensar que minha mente estava apenas... apenas criando tudo aquilo? No entanto, por que ele mentiria?* (Foi somente anos mais tarde, na biblioteca, que Eddie faria a si mesmo a pergunta bem mais terrível: *Por que ele me contaria a verdade?)*

Vagamente, ouviu o Sr. Keene dizendo: - Fiquei de olho em você, Eddie. Contei-lhe tudo isto porque acho que tem idade bastante para compreender, mas também por perceber que, finalmente, você fez alguns amigos. São bons amigos, não? - São - respondeu Eddie. O Sr. Keene inclinou a poltrona para trás (ela tornou a produzir aquele ruído semelhante ao cricrilar dos grilos) e fechou um olho, no que poderia ou não ser uma piscadela. - E eu aposto que sua mãe não simpatiza muito com eles, hein? - Ela gosta muito deles - respondeu Eddie, pensando nas coisas ferinas que sua mãe dissera. Sobre Richie Tozier, ela havia falado: *"Ele tem uma boca suja... e já senti o hálito dele, Eddie.. Acho que fuma".* Houvera o comentário desdenhoso para ele não emprestar nenhum dinheiro a Stan Uris, que era judeu. Também antipatizava solentemente com Bill Denbrough e "aquele garoto gordo". - Ela gosta *muito* deles - repetiu Eddie para o Sr. Keene. - Será mesmo? - disse o Sr. Keene, ainda sorrindo. - Bem, ela pode estar certa, como pode estar errada, mas pelo menos, você *tem* amigos. Talvez devesse conversar com eles sobre este seu problema. Esta... esta fraqueza mental. Veja o que eles têm a dizer. Eddie não respondeu. Estava farto de falar com o Sr. Keene. Ficar calado parecia mais seguro. Além do mais, receava que, se não saísse logo dali, terminaria chorando. - Bem! - exclamou o Sr. Keene, levantando-se. - Acho que já falei tudo o que era preciso, Eddie. Se o perturbei, peço desculpas. Fiz apenas o que julguei ser meu dever. Eu...

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa mais, Eddie tinha agarrado seu aspirador, o saco branco dos remédios, e fugira dali. Um de seus pés escorregou na sujeira gelatinosa do chão e ele quase caiu. Então, estava correndo, fugindo da Drogaria da Rua Center, a despeito da respiração sibilante. Por cima da revista de cinema, Ruby olhou para ele, de boca aberta. Às suas costas, Eddie teve a sensação de que o Sr. Keene estava parado à porta do escritório, apreciando sua desajeitada fuga ao longo do balcão, pensativo, ereto, arrumado e sorridente. Sorrindo aquele seco sorriso de deserto. Eddie fez uma pausa no tríplice cruzamento das Ruas Kansas, Main e Center. Mais uma vez, aspirou profundamente o medicamento do aspirador, agora sentado sobre o baixo muro de pedra junto à parada de ônibus - sua garganta estava positivamente encharcada com aquele gosto medicinal

(nada mais que água com um pouco de cânfora)

e pensou que, se nesse dia ainda tivesse que usar o aspirador uma só vez mais, sem dúvida poria as tripas para fora. Enfiou-o no bolso e contemplou a movimentação do trânsito, encaminhando-se pela Main e descendo a Colina Milha Acima. Tentou não pensar. O sol lhe batia na cabeça, quente, causticante. Cada carro que passava, atirava flechas rutilantes de reflexos em seus olhos, e ele começava a sentir a cabeça doendo nas têmporas. Não conseguia ter raiva do Sr. Keene, mas era fácil sentir uma tremenda pena de si mesmo. Pena *real.* Ele supôs que Bill Denbrough jamais perderia tempo com semelhante baboseira, mas Eddie Kaspbrak não conseguia imitá-lo. Acima de tudo, sua vontade era fazer exatamente o que o Sr. Keene sugerira: descer até os Barrens e contar tudo aos amigos, ver o que eles diriam, descobrir que respostas tinham. Contudo, era impossível fazer isso no momento. Sua mãe o queria logo em casa, ansiosa por seus remédios*(sua mente... ou sua mãe)*

e se não fosse o quanto antes

(sua mãe está decidida a ter um filho doente)

haveria problemas em seguida. Certamente, ela presumiria que ele estivera em companhia de Bill, de Richie ou do "judeuzinho", como chamava Stan (insistindo em que não dizia isso por preconceito, mas apenas querendo "dar nome aos bois" - sua frase alusiva a falar a verdade, em situações difíceis). E, parado na esquina, tentando inutilmente evitar seus esvoaçantes pensamentos, Eddie imaginava o que ela não diria, se soubesse que um de seus amigos era negro e que outro era uma garota - uma garota com idade bastante para começar a ter seios. Começou a caminhar lentamente para a Colina Milha Acima, temendo a íngreme ladeira, em meio àquele calorão. O calor era quase suficiente para fritar um ovo na calçada. Pela primeira vez, Eddie se viu desejando que as aulas já houvessem começado, em um novo grau, onde enfrentaria as peculiaridades de uma nova professora. E que aquele terrível verão houvesse acabado. Parou na metade da subida da colina, não muito longe de onde Bill Denbrough redescobriria sua bicicleta Silver, vinte e sete anos mais tarde. Então, tirou o aspirador do bolso. *Hydrox Nebulizador,* dizia o rótulo. *Administrar quando necessário.*

Alguma coisa estalou em seu cérebro. *Administrar quando necessário.* Ele era apenas uma criança, ainda verde (como sua mãe às vezes lhe dizia, quando estava "dando nome aos bois"), mas mesmo um menino de onze anos sabia que não se dá a alguém um medicamento real escrevendo no rótulo *Administrar quando necessário.* Se aquilo era mesmo um medicamento, seria muito fácil um paciente matar-se enquanto perambulava

alegremente por aí, administrando-o quando necessário. Eddie supôs que uma pessoa poderia, fazendo isso, matar-se até com a velha e simples aspirina. Olhou fixamente para o aspirador, sem perceber a velha senhora que o fitou com curiosidade, ao descer a colina em direção à Rua Main, com a cesta de compras no braço. Eddie sentiu-se traído. E, por um momento, quase jogou na sarjeta o frasco plástico de pressionar. Melhor ainda, pensou, devia jogá-lo no bueiro. Claro! Por que não? Que A Coisa ficasse com ele, em seus túneis e encanamentos gotejantes de esgoto. Fique com um pla-ce-bo, seu cretino de cem caras! Eddie deu uma gargalhada selvagem e, por um triz, deixou de fazer o que pensava. No fim, o hábito era demasiado forte. Recolocou o aspirador no bolso direito, à frente das calças, e continuou andando, mal ouvindo a buzina ocasional de um carro ou o tremendo ruído diesel do ônibus do Parque Bassey, ao passar por ele. Assim, não podia imaginar o quão perto estava de descobrir o que era sentir dor - realmente sentir dor. Quando saía do Mercado da Avenida Costello, vinte e cinco minutos mais tarde, com uma Pepsi em uma das mãos e duas barras de doce na outra, Eddie ficou desagradavelmente surpreso ao avistar Henry Bowers, Victor Criss, Moose Sadler e Patrick Hockstetter ajoelhados sobre o chão de cascalho miúdo, à esquerda do pequeno estabelecimento. Por um momento, imaginou que eles estariam jogando dados; depois viu que juntavam o dinheiro do grupo na camisa de beisebol de Victor. Seus livros do curso de verão jaziam a um lado, em um monte desordenado. Em um dia comum, Eddie poderia simplesmente esgueirar-se para o interior do mercado e pedir ao Sr. Gedreau que o deixasse sair pela porta dos fundos, porém aquele não era um dia comum. Eddie ficou hirto no lugar em que estava, uma das mãos ainda segurando a porta telada com seus anúncios de cigarro, em folha de estanho (WINSTON POSSUI O BOM SABOR QUE UM CIGARRO DEVE TER, CIGARROS VINTE E UM - VINTE FORMIDÁVEIS MOMENTOS DE PRAZER, o mensageiro de hotel que gritava CHAMADA PARA PHILIP MORRIDS), a outra aferrando o saco de compras de papel pardo e o saco branco da drogaria. Victor Criss o viu e cutucou Henry com o cotovelo. Henry ergueu os olhos e Patrick Hockstetter o imitou. Moose, cujos relês funcionavam mais devagar, continuou contando moedinhas por mais uns cinco segundos, antes de perceber o súbito silêncio e também levantar o rosto. Henry levantou-se, limpando pedrinhas de cascalho aderidas aos joelhos do macacão de alças que vestia. Havia talas aos lados do nariz sob ataduras, e sua voz tinha uma qualidade fanhosa, anasalada. - Ora, mas vejam quem está aqui! - exclamou. - Um dos atiradores de pedra. Onde estão seus amigos, imbecil? Lá dentro? Eddie sacudia a cabeça, aturdido, antes de perceber que este era outro erro. O sorriso de Henry aumentou. - Bem, isso é ótimo - disse. - Não me incomodo de pegar vocês de um em um. Venha até aqui, cretino. Victor se postou ao lado de Henry; Patrick Hockstetter ficou atrás deles, sorrindo de uma maneira alheada, que Eddie já conhecia da escola. Moose começava a levantar-se. - Venha, asqueroso - disse Henry. - Vamos conversar sobre pedradas. Quer falar sobre isso, não quer? Agora que era tarde demais, Eddie decidiu ser mais prudente recuar para dentro do mercado. Lá havia adultos. Entretanto, ao começar a recuar, Henry disparou para diante como flecha e o agarrou. Puxou-o pelo braço, puxou com força, o sorriso transformando- se em um rosnado. Os dedos de Eddie viram-se desprendidos da porta telada. Foi

arrastado pelos degraus e teria caído de cabeça no solo de cascalhos se Victor não o pegasse brutalmente por baixo dos braços. Depois, Victor empurrou-o. Eddie conseguiu ficar equilibrado sobre os pés, mas apenas ao girar duas vezes sobre si mesmo. Os quatro garotos agora o enfrentavam de uma distância de uns três metros, com Henry ligeiramente à frente dos outros, sorrindo. Eddie sentiu os cabelos da nuca eriçarem-se. Atrás de Henry e à sua esquerda estava Patrick Hockstetter, um garoto realmente estranho. Eddie nunca o vira antes em companhia de mais alguém. Seu peso passava um pouco do normal, de maneira que o estômago pendia ligeiramente sobre o cinto, com uma fivela Red Ryder. Tinha um rosto perfeitamente redondo, em geral tão pálido como creme. Agora, apresentava um leve queimado de sol. A queimadura era mais acentuada sobre o nariz, que estava soltando pele, mas espalhando-se como asas na direção dos malares. Na escola, Patrick gostava de matar moscas com sua régua de plástico verde e guardá-las no estojo de lápis. Às vezes mostrava sua coleção a algum garoto novo, durante o recreio no pátio, os lábios grossos sorridentes, os olhos cinza-esverdeados sombrios e pensativos. Nunca falava ao exibir a coleção de moscas mortas, pouco importando o que o garoto novo pudesse dizer. Agora, ele tinha no rosto essa expressão. - Como vai, Homem das Pedras? - perguntou Henry, avançando através da distância entre eles. - Por acaso, tem algumas pedras com você? - Deixe-me em paz - disse Eddie, em voz trêmula. - Deixe-me em paz - arremedou Henry, movendo as mãos em zombeteiro terror. Victor riu. - O que vai fazer, se eu não deixar você em paz, Homem das Pedras? Hein?Sua mão arremeteu com incrível rapidez, explodindo sobre o rosto de Eddie com um som de tiro de pistola. A cabeça de Eddie foi jogada para trás. As lágrimas começaram a brotar de seu olho esquerdo. - Meus amigos estão lá dentro - disse Eddie. - Meus amigos estão lá dentro! - guinchou Patrick Hockstetter. - Ooooh! Ooooh!

Ooooh!

Ele começou a circular para a direita de Eddie. Quando Eddie se virou naquela direção, a mão de Henry se ergueu de novo, com a mesma velocidade anterior e, desta vez, a outra face ficou em fogo.

Não chore, pensou Eddie. *É isso que eles querem, mas você não vai chorar, Eddie. Bill não faria isso, Bill não choraria, e você também não vai cho...*

Victor avançou um passo e empurrou Eddie rudemente, com a mão aberta em seu peito. Eddie tropeçou meio passo para trás, e então caiu esparramado sobre Patrick, que se agachara diretamente atrás de seus pés. Ele se chocou contra o cascalho, arranhando os braços. Houve um *uuuf!* quando o vento escapou de seus pulmões. Um momento mais tarde, Henry Bowers estava em cima dele, os joelhos prendendo os braços de Eddie, seu traseiro sobre o estômago do garoto caído. - Arranjou mais pedras, Homem das Pedras? - perguntou Henry furiosamente. Eddie estava mais assustado pelo brilho de loucura nos olhos de Henry do que pela dor nos braços ou sua incapacidade de recuperar o fôlego. Henry estava louco. Perto deles, Patrick zombava. - Quer jogar pedras? - gritou Henry. - Responda! Eu lhe darei pedras! Tome! Tome pedras! Henry apanhou um punhado de cascalho e o esfregou no rosto de Eddie, cortando- lhe a pele, as faces, as pálpebras, os lábios. Eddie abriu a boca e gritou. - Quer pedras? Eu lhe darei pedras! Tome pedras, Homem das Pedras! Quer pedras? Tudo bem! Tudo bem! Tudo bem!

O cascalho penetrou em sua boca aberta, ferindo as gengivas, rangendo contra os dentes. Ele sentiu fagulhas voando contra suas obturações. Tornou a gritar e cuspiu o cascalho. -- Quer mais algumas pedras? Quer? Que tal mais algumas? Que tal... - Pare com isso! Ei, você aí! Pare com isso! Você, garoto! Saia de cima dele! Imediatamente! Está ouvindo? Saia de cima dele!Por entre olhos semicerrados e inundados de lágrimas, Eddie viu uma manopla baixar e agarrar Henry pela gola da camisa e a alça direita do macacão. A mão puxou com força e Henry foi içado, então caindo sobre o cascalho. Depois levantou-se. Eddie ficou em pé mais devagar. Tentava equilibrar-se nos dois pés, mas seu equilíbrio parecia temporariamente interrompido. Ofegando, cuspiu pedaços ensangüentados de cascalho. Era o Sr. Gedreau, envergando seu comprido avental branco, e parecia furioso. Não havia medo em seu rosto, embora Henry fosse mais alto do que ele uns dez centímetros e tivesse uns vinte e cinco quilos de peso a mais. Não havia medo em seu rosto, porque ele era o adulto e Henry a criança. Só que desta vez, pensou Eddie, isso podia não valer coisa alguma. O Sr. Gedreau não compreendia. Não podia compreender que Henry era louco. - Vá embora daqui! - disse o Sr. Gedreau, avançando para Henry, até ficar frente a frente com o garoto de rosto soturno. - Vá embora e não volte mais! Não gosto de covardias. Não gosto de quatro contra um. O que suas mães pensariam disso? Ele virou os olhos ardentes e zangados para os outros. Moose e Victor baixaram a cabeça e examinaram seus tênis. Patrick apenas ficou espiando para o Sr. Gedreau, com aquela vaga expressão cinza-esverdeada das pupilas. O Sr. Gedreau tornou a olhar para Henry. - Vamos, peguem suas bicicletas e... Ele não chegou a terminar a frase, porque Henry o empurrou com força. Uma expressão de surpresa, que seria cômica em outras circunstâncias, espalhou-se pelo rosto do Sr. Gedreau, quando ele tropeçou para trás, espalhando cascalhos soltos com os calcanhares. Chocou-se nos degraus que levavam à porta telada e caiu sentado, com força. - Por que você... - ele começou. A sombra de Henry o cobriu. - Vá para dentro - disse. - Você... - começou novamente o Sr. Gedreau. Parou de falar. Eddie percebeu que ele finalmente vira o brilho nos olhos de Henry. Levantando-se rapidamente, com o avental esvoaçando, o Sr. Gedreau subiu os degraus o mais depressa que pôde, tropeçando no penúltimo, e caindo brevemente sobre um joelho. Tornou a levantar-se em seguida, mas aquele tropeção, embora breve, pareceu roubar-lhe o resto de sua autoridade como adulto. Virou-se quando chegou ao alto e gritou:- Vou chamar os tiras! Henry fingiu que ia avançar para ele, e o Sr. Gedreau recuou rapidamente. Aquilo era o fim, pensou Eddie. Por incrível que fosse, ali não havia proteção para ele. Chegara o momento de ir embora. Enquanto Henry estava parado no início dos degraus, fuzilando o Sr. Gedreau com os olhos, enquanto os outros espiavam a cena, abismados ante aquele súbito e bem- sucedido desafio à autoridade adulta (exceto por Patrick Hockstetter, que não parecia nem um pouco atemorizado), Eddie viu a sua oportunidade. Deu meia-volta, firmou-se nos calcanhares e correu. Já correra metade do quarteirão, quando Henry se virou, com os olhos faiscando. - *Peguem ele!* - berrou.

Com ou sem asma, Eddie naquele dia foi um excelente corredor. E houve espaços, alguns deles tão longos como uns cinco metros, em que ele não pôde recordar se as solas de seus tênis haviam ou não tocado o chão. Por alguns momentos, até mesmo acalentou a louca idéia de que talvez fosse capaz de derrotar seus perseguidores. Então, pouco antes de chegar à Rua Kansas e o que poderia ser a salvação, um menininho surgiu repentinamente de uma alameda, com seu triciclo, e pedalou para cima de Eddie. Eddie tentou desviar-se, mas correndo em tal velocidade faria melhor saltando sobre o garotinho (de fato, o nome do menino era Richard Cowan, que cresceria, se casaria e teria um filho chamado Frederick Cowan, o qual morreria afogado em um vaso sanitário e seria parcialmente comido por uma coisa que brotou do vaso como fumaça negra, em seguida assumindo uma forma inconcebível), ou, pelo menos, tentando saltar. Um dos pés de Eddie ficou preso na traseira do triciclo, onde outra aventureira criança poderia firmar-se e empurrar o pequeno veículo, como se fosse um patinete. Richard Cowan, cujo filho por nascer seria assassinado pela Coisa vinte e sete anos mais tarde, mal oscilou sobre o triciclo. Eddie, no entanto, saiu voando pelos ares. Bateu na calçada com o ombro, ricocheteou, tornou a cair e deslizou três metros, esfolando a pele dos cotovelos e joelhos. Tentava levantar-se, quando Henry Bowers o alcançou como o petardo de uma bazuca, derrubando-o novamente. O nariz de Eddie bateu no concreto. O sangue escorreu. Henry rolou rapidamente de lado, como um soldado pára-quedista, levantando-se em seguida. Agarrou Eddie pela nuca e por seu pulso direito. Sua respiração, sibilando através do nariz inchado sob as talas, era quente e úmida. - Quer pedras, Homem das Pedras? Claro, seu merda! - Puxou o pulso de Eddie para cima, até o meio das costas. Eddie gritou. - Pedras para o Homem das Pedras, certo? Puxou o pulso de Eddie ainda mais para cima. Eddie tornou a gritar. Atrás dele, ouvia vagamente os outros que se aproximavam, e o menininho do triciclo começando a chorar aos berros. *Junte-se ao clube, garotinho,* pensou, e a despeito da dor, a despeito das lágrimas e do medo, deu uma risada que mais parecia o zurro de um jumento. - Acha que isto é *engraçado?* - perguntou Henry, de repente mais espantado do que enfurecido. - Acha isto *engraçado?*

Henry também pareceria *assustado?* Anos mais tarde, Eddie pensaria: *Sim, assustado, ele parecia assustado.*

Eddie torceu o pulso que Henry apertava. Sentia-se escorregadio de suor e quase se libertou. Contudo, isso fez Henry apertar-lhe o pulso com ainda mais força do que antes. Eddie tentou novamente e ouviu um estalo no braço, como o de um galho no inverno, rachando-se sob o peso de um excessivo acúmulo de neve. A dor que se espraiou do braço fraturado era enorme e acinzentada. Ele gritou agudamente, mas seu grito soou distante. A cor do mundo esmaecia e, quando Henry o soltou e empurrou, ele teve a impressão de que flutuava para a calçada Demorou muito a colidir contra aquela velha calçada. Houve tempo para olhar bem cada rachadura, enquanto avançava para ela. Pôde admirar a maneira como o sol de julho se refletia nos pontos de mica daquela calçada antiga. Pôde reparar que havia restos a giz do riscado de um jogo de amarelinha, feito muito tempo antes na calçada antiga. Então, por apenas um momento, ela oscilou e parecia uma outra coisa. Parecia uma tartaruga. Ele podia ter desmaiado, mas o choque contra o braço recém-fraturado provocou uma nova onda de dor, brusca, viva, quente, terrível. Ele sentiu as extremidades estilhaçadas da fratura entrechocando-se. Mordeu a língua, produzindo mais sangue. Rolou sobre as costas. Viu Henry, Victor, Moose e Patrick, em pé acima dele. Pareciam impossivelmente altos, impossivelmente gigantescos, como carregadores de um ataúde espiando para dentro de uma sepultura.

- Gostou disso, Homem das Pedras? - perguntou Henry, a voz varando distâncias, flutuando através de nuvens de dor. - Gostou desta ação, Homem das Pedras? Gostou da desforra? Patrick Hockstetter deu uma risadinha. - Seu pai é louco - Eddie ouviu-se dizer. - E você também é. O riso de Henry desapareceu tão depressa como se alguém o tivesse arrancado de seu rosto. Levou o pé atrás para chutar... mas então uma sirene uivou, dentro da tarde quente e imóvel. Henry parou. Victor e Moose olharam em torno, inquietos. - Henry, acho melhor a gente dar o fora daqui - disse Moose. - Pois *eu* já estou dando o fora! - disse Victor. Como aquelas vozes pareciam distantes! Era como se flutuassem, à maneira dos balões de gás do palhaço. Victor disparou para a biblioteca, entrando no Parque McCarron para sair da rua. Henry vacilou ainda um momento, talvez esperando que a viatura da polícia estivesse ocupada em outra coisa, permitindo que ele continuasse o que começara. Contudo, a sirene soou novamente, agora mais perto. - Você teve sorte, cara de bosta - disse ele. Em companhia de Moose, Henry tomou a mesma direção que Victor. Patrick Hockstetter esperou um pouco mais. - Aqui está uma lembrancinha para você - sussurrou, em sua voz grave e enrouquecida. Inalou e soltou uma cusparada verde, bem sobre o rosto de Eddie, virado para cima, suado e sujo de sangue. *Plaft!* - Não coma tudo de uma vez, se não quiser - disse Patrick, com aquele sorriso lívido e inquietante. - Poupe um pouco para mais tarde, se quiser. Então, virando-se lentamente, ele também foi embora. Eddie tentou limpar o escarro com o braço ileso, mas mesmo aquele pequeno movimento fez a dor explodir novamente.

Quando você foi à drogaria, nunca pensou que ia terminar na calçada da Avenida Costello, com um braço quebrado e o escarro de Patrick Hockstetter escorrendo por seu rosto, hein? Nem mesmo chegou a beber sua Pepsi. Esta vida é mesmo cheia de surpresas, não?

Incrivelmente, ele tornou a rir. Era um som fraco, e rir provocava dores no braço quebrado, mas ele se sentia bem. E havia algo mais: nada de asma. Sua respiração estava perfeita, pelo menos por enquanto. Aliás, era uma boa coisa. Jamais conseguiria empunhar o aspirador. Nunca, nem em mil anos. A sirene estava muito próxima agora, uivando e uivando. Eddie fechou os olhos e viu vermelho, por baixo das pálpebras. Então, o vermelho ficou negro, quando uma sombra caiu sobre ele. Era o garotinho com o triciclo. - Você tá bem? - perguntou o garotinho. - Pareço bem? - replicou Eddie. - Não, você tá *horrível* - disse o garotinho, e afastou-se pedalando, cantando "O fazendeiro do pequeno vale". Eddie começou a dar risadinhas contidas. Ali estava o carro-patrulha; podia ouvir o chiado dos freios. Viu-se esperando vagamente que o Sr. Nell estivesse nele, mesmo sabendo que o Sr. Nell era um policial de ronda a pé.

Por que, em nome de Deus, está dando risadinhas?

Ele não sabia, como não sabia por que devia sentir tão intenso alívio, apesar da dor. Talvez fosse apenas porque continuava vivo, que o pior do ocorrido era um braço quebrado - e haveria ainda alguns pedaços a serem recolhidos? Fixou-se nisso, mas anos

mais tarde, sentado na Biblioteca de Derry, tendo à frente um copo de gim-e-suco-de-ameixa, com o aspirador ao alcance da mão, contaria aos outros ter pensado que havia algo além disso; tinha idade suficiente para sentir aquele algo mais, porém não para compreendê-lo ou defini-lo.
Acho que foi a primeira dor real que senti na vida, contaria aos outros. *Em absoluto, não foi como imaginei que seria. Aquilo não me liquidou como pessoa. Acho que... que me forneceu uma base para comparação, para descobrir que podemos continuar existindo dentro da dor, a* despeito *da* dor. Eddie virou fracamente a cabeça para a direita e viu grandes e negros pneus Firestone, ofuscantes calotas cromadas e pulsantes luzes azuladas. Então, ouviu a voz do Sr. Nell, espessamente irlandesa, impossivelmente irlandesa, mais como a Voz do Tira Irlandês de Richie, do que a verdadeira voz do Sr. Nell... mas talvez fosse por causa da distância: - Meu Jeisus, é o menino Kaspbrak! A esta altura, Eddie flutuou para outras regiões. E, com uma breve exceção, por lá ficou durante bastante tempo. Houve um rápido período de consciência na ambulância. Viu o Sr. Nell sentado à frente dele, tomando um gole de seu pequeno frasco marrom e lendo uma novela chamada *Eu, o Júri.* A moça da capa tinha os maiores seios que Eddie já vira. Seus olhos passaram do Sr. Nell para o motorista, na frente. O motorista se virou para fitá-lo, com um grande sorriso de banda, a pele lívida com tinta de maquilagem branca e talco, os olhos brilhando como moedas novas de vinte e cinco centavos. Era Parcimonioso. - Sr. Nell... - sussurrou Eddie. O Sr. Nell ergueu os olhos e sorriu. - Como está se sentindo, meu garoto? - ... motorista... o motorista... - Sim, a gente chegou lá em um minuto - disse o Sr. Nell, estendendo-lhe o pequeno frasco marrom. - Beba um gole disto. Fará com que se sinta melhor. Eddie bebeu o que parecia fogo líquido. Tossiu, fazendo o braço doer. Olhou para a frente e tornou a ver o motorista. Era apenas um sujeito de cabelos rentes. Nada de palhaço. Tornou a flutuar para a distância. Muito mais tarde, houve a Sala de Emergência e uma enfermeira limpando o sangue, a terra, a cusparada e o cascalho de seu rosto, com um pano molhado. Doía, mas ao mesmo tempo era maravilhoso. Ouvia sua mãe discutindo e brigando no exterior; tentou dizer à enfermeira para não deixá-la entrar, mas não conseguiu pronunciar uma só palavra, por mais que tentasse. - ... se ele está morrendo, eu quero saber! - gritava sua mãe. - Está me ouvindo? Eu tenho o direito de saber, tenho o direito de vê-lo Sabe que posso processá-lo? Conheço advogados! Alguns de meus melhores amigos são advogados! - Procure não falar - aconselhou a enfermeira a Eddie. Era jovem, e ele podia sentir-lhe os seios, pressionando seu braço. Por um momento, teve a louca idéia de que ela era Beverly Marsh, e então tornou a desmaiar. Quando voltou a si, sua mãe *estava* no quarto, falando com o Dr. Handor em tremenda velocidade. Sônia Kaspbrak era uma mulher volumosa. As pernas, calçadas em meias-suporte, pareciam troncos estranhamente lisos. O rosto estava pálido agora, exceto por manchas confusas de ruge vivo.- Mamãe - Eddie conseguiu falar, - ... tudo bem... estou bem... - *Não,* você *não* está bem! - gemeu a Sra. Kaspbrak, torcendo as mãos. Eddie ouviu os nós dos dedos estalando e rangendo. Começou a sentir a respiração encurtar-se

quando olhou para ela, por ver o estado em que agora se encontrava, perceber o quanto esta sua última escapada a tinha ferido. Queria dizer-lhe que ficasse calma ou teria um ataque do coração, porém era impossível, com a garganta tão seca. - Você *não* está bem, sofreu um acidente sério, um acidente *muito sério,* mas *ficará* bom, eu lhe prometo, Eddie. Você *ficará* bom, nem que eu precise trazer cada especialista do catálogo, oh, Eddie... Eddie... seu pobre *braço...*
Ela explodiu em buzinados soluços. Eddie viu a enfermeira que lhe limpara o rosto olhando para sua mãe sem muita simpatia. E durante toda aquela ária, o Dr. Handor estivera gaguejando: - Sônia... por favor, Sônia... Sônia...? Era um homem magro, coxeando um pouco, com um pequeno bigode que não crescera muito bem e que, para cúmulo, fora aparado desigualmente, de maneira que o lado esquerdo era mais comprido do que o direito. Ele parecia nervoso. Eddie recordou o que o Sr. Keene lhe tinha dito, ainda essa manhã, e sentiu certa pena do Dr. Handor. Por fim, controlando-se, o médico conseguiu dizer: - Se não puder acalmar-se, terá que sair, Sônia. Ela girou para o Dr. Handor e ele recuou. - Não farei semelhante coisa! Nem mesmo sugira que eu saia daqui! Este é o *meu filho,* que está sofrendo! *Meu filho, jazendo aqui em seu leito de dor!*

Eddie espantou todos eles, ao recuperar a voz. - Quero que você saia, mamãe. Se eles vão fazer alguma coisa que me faça gritar - e acho que vão, acho melhor sair do quarto. Ela se virou para ele, abismada... e sentida. Ao ver o sofrimento no rosto da mãe, Eddie sentiu que o peito começava a apertar-se inexoravelmente. É claro que *não* vou sair! - exclamou. - Como pode *dizer* uma coisa tão terrível para sua mãe, Eddie? É evidente que *não* vou sair! Você só pode estar delirando! Não

sabe o que está dizendo, é a *única* explicação! - Eu não sei qual é a explicação e nem me importo - disse a enfermeira. - Sei apenas que estamos aqui parados, enquanto devíamos estar ajustando o braço de seu filho. - Está sugerindo... A voz de Sônia era estridente, com aquela nota aguda de quando estava demasiado perturbada. - Por favor, Sônia - cortou o Dr. Handor. - Não vamos discutir aqui. Vamos ajudar Eddie. Sônia se calou, mas seus olhos fuzilantes - os olhos da mãe-ursa, cujo filhote foi ameaçado - prometiam à enfermeira que haveria problemas depois. Talvez até mesmo um processo. Então, seus olhos anuviaram-se, extinguindo o brilho ou, pelo menos, ocultando-o. Ela pegou a mão ilesa de Eddie e a apertou com tanta força, que ele pestanejou. - A situação está ruim, mas você *logo* ficará bom outra vez - disse ela. - Estará

logo bom, eu lhe *prometo!*
- Claro, mãe - ofegou Eddie. - Posso ter meu aspirador? - Naturalmente! - exclamou ela. Sônia Kaspbrak olhou triunfalmente para a enfermeira, como que vingada de alguma acusação criminal ridícula. - Meu filho tem asma - declarou. - É grave, mas ele a maneja *maravilhosamente.*

- Que ótimo - replicou inexpressivamente a enfermeira.

Sônia segurou o aspirador, a fim de que ele pudesse inalar. Um momento mais tarde, o Dr. Handor apalpava o braço fraturado de Eddie. Foi o mais delicado possível, mas ainda assim a dor era enorme. Eddie sentiu vontade de gritar, mas apertou os dentes para evitá-lo. Receava que, se gritasse, sua mãe gritaria também. O suor brotou de sua testa, em gotas enormes e nítidas. - O senhor o está machucando! - exclamou Sônia Kaspbrak. - *Sei* que está! Não há necessidade disso! Pare imediatamente! Não é preciso machucá-lo! Ele é muito frágil, não suporta esse tipo de dor! Eddie viu que os olhos furiosos da enfermeira encontravam os do Dr. Handor, que pareciam cansados e preocupados. Adivinhou a conversa sem palavras que se transmitia entre eles. *Mande essa mulher sair daqui, doutor.* E o médico, baixando os olhos: *Não posso. Não tenho coragem.*

Havia uma grande clareza dentro da dor (embora, na verdade, não fosse uma clareza que Eddie desejasse experimentar com freqüência: o preço era demasiado alto) e naquela conversa não falada, Eddie aceitava tudo que o Sr. Keene lhe havia dito. Seu aspirador Hydrox continha apenas água, nada mais do que água aromatizada. A asma não estava em

sua garganta, seu peito ou seus pulmões, mas em sua cabeça. De um modo ou de outro, ia ter que enfrentar essa verdade. Olhou para a mãe, vendo-a bem claro, em meio à sua dor: cada flor no vestido Lane Bryant, as manchas de suor debaixo dos braços, onde os acolchoados que ela usava já se tinham encharcado o suficiente, os pontos desgastados nos sapatos. Via como eram pequeninos os olhos dela em suas bolsas de carne, e então acudiu-lhe um terrível pensamento: aqueles olhos eram quase predatórios, como os do leproso que rastejara para fora do porão, no número 29 da Rua Neibolt. *Já vou indo, está tudo bem... de nada adiantará você correr, Eddie...*

O Dr. Handor passou as mãos delicadamente em torno do braço quebrado de Eddie e apertou. A dor explodiu. Eddie perdeu os sentidos.

5

Deram-lhe algum líquido para beber, e o Dr. Handor engessou a fratura. Eddie ouvira o médico dizer para sua mãe que era uma fratura em galho verde, não mais séria do que qualquer fratura de infância: "É o tipo de fratura que acontece às crianças que caem de árvores", havia dito ele, e Eddie ouvira sua mãe responder, furiosamente: "Eddie não *trepa* em árvores! E agora, quero saber a verdade! Qual a gravidade do estado dele?" Então, a enfermeira deu-lhe uma pílula. Ele tornou a sentir o seio comprimindo- lhe o ombro e ficou grato por aquela confortadora pressão. Mesmo em meio à névoa que o envolvia, pôde ver que ela estava zangada, e imaginou ter dito: *Ela não é o leproso, por favor, não pense isso; ela só faz todo esse escândalo porque me ama,* porém talvez nada dissera, porque o rosto da enfermeira continuou zangado. Eddie tinha uma vaga noção de empurrado por um corredor em uma cadeira de rodas, e de ouvir a voz de sua mãe, em algum ponto atrás, esmaecendo: - O que está querendo dizer com *horas de visita?* Não me fale sobre *horários de visita* - ele é meu *filho!*

Esmaecendo. Eddie ficou contente por ela estar esmaecendo, por ele estar esmaecendo. A dor desaparecera, levando a clareza consigo. Ele agora não queria pensar. Queria boiar. Percebia que o braço direito ficara muito pesado. Perguntou-se se já o teriam posto no gesso. Ele não parecia ver se já estava ou não engessado. Tinha uma vaga percepção de rádios tocando nos quartos, de pacientes parecendo fantasmas, em suas roupas hospitalares, andando de cá para lá nos amplos corredores, de que fazia calor, muito calor... Quando rodaram a cadeira para dentro de seu quarto, Eddie pôde ver que o sol se punha, em um enfurecido torvelinho alaranjado e sanguinolento, e que o fez pensar, incoerentemente: *Como um grande botão de roupa de palhaço.*

- Vamos, Eddie, você pode andar - dizia uma voz. Ele percebeu que podia. Fizeram-no deslizar para lençóis estalantes e frescos. A voz disse que sentiria alguma dor durante a noite, mas só deveria tocar, pedindo um analgésico, se ficasse intolerável. Eddie perguntou se podia beber água. A água chegou, com um canudinho sanfonado no meio, para poder ser dobrado. Era fresca e boa. Ele bebeu tudo. Sentiu dor durante a noite, muita dor. Ficou acordado na cama, segurando a cigarra de chamada na mão esquerda, mas sem apertar. Havia um bravo temporal no lado de fora, e quando os relâmpagos explodiam, branco-azulados, ele virava a cabeça da janela, temendo ver um rosto monstruoso e sorridente, recortado contra o céu, naquele fogo elétrico. Por fim, tornou a dormir e sonhou. No sonho, viu Bill, Ben, Richie, Stan, Mike e Bev - seus amigos - chegando ao hospital em suas bicicletas (Bill levara Richie na garupa de Silver). Ficou surpreso ao ver que Bev usava um vestido - um belo vestido verde, da cor do Mar do Caribe em um mapa da *National Geographic.* Que se lembrasse, nunca a tinha visto usando vestido antes; recordava-a apenas com jeans e calças três-quartos, além do que as garotas denominavam "conjuntos-para-escola": saias e blusas, as blusas geralmente brancas, de golas redondas, as saias geralmente marrons e pregueadas, com a bainha no meio da canela, para que as esfoladuras e cicatrizes nos joelhos não aparecessem. No sonho, ele os viu chegando por volta de duas da tarde - horário de visitas - e sua mãe, que estivera esperando pacientemente desde as onze, gritando tão alto para eles, que todos se viravam a fim de espiá-la. Se *acham que vão entrar lá, é melhor que pensem em outra coisa!* gritava a mãe de Eddie. Então, o palhaço, que estivera na sala de espera o tempo todo (mas recuado em um canto, escondendo o rosto atrás de um exemplar da revista *Look* até aquele momento), saltou e fingiu aplausos, batendo rapidamente as mãos enluvadas de branco. Ele cabriolou e dançou, ora dando cambalhotas, ora quase executando um salto mortal, enquanto a Sra. Kaspbrak falava furiosamente com os Perdedores, amigos de Eddie. Eles foram recuando, um por um, postando-se atrás de Bill, que ficou em pé e ereto, pálido, mas exteriormente calmo, as mãos enfiadas fundo nos bolsos do jeans (talvez para que ninguém, exceto ele próprio, percebesse se estavam ou não tremendo). Ninguém mais viu o palhaço, exceto Eddie... embora um bebê, que dormia tranqüilamente nos braços da mãe, acordasse de repente e iniciasse um tremendo berreiro.

Vocês já causaram mal suficiente! esbravejava a mãe de Eddie. *Eu sei quem eram aqueles garotos! Já tiveram problemas na escola, inclusive problemas com a* polícia! *E só porque eles têm alguma coisa contra* vocês, *isto não é motivo para que tenham algo contra* ele. *Foi o que eu disse a Eddie, e ele concorda comigo. Ele quer que eu diga para vocês irem embora, não deseja mais nada com vocês, não pretende vê-los nunca mais. Eddie não quer mais essa suposta amizade! Com nenhum de vocês! Eu sabia que isto*

acabaria dando problemas, e vejam o que aconteceu! O meu Eddie no hospital! Um menino tão frágil como ele...
O palhaço cabriolou, saltou, deu cambalhotas, plantou bananeira com uma só mão. Seu sorriso agora era suficientemente real e, no sonho, Eddie percebeu que aquilo era justamente o que o palhaço queria: uma boa briga surgindo entre eles, separando-os e destruindo qualquer chance de uma ação conjunta. Em uma espécie de repugnante êxtase, o palhaço deu uma cambalhota dupla e beijou zombeteiramente o rosto da Sra. Kaspbrak. - *A-A-Aqueles ga-ga-garotos é q-q-que fi-fizeram is-isso...* - começou Bill a dizer. - Não *me importa!* esganiçou-se a Sra. Kaspbrak. - *Não* ouse *responder-me! Ele não quer mais saber de vocês! Nunca mais!*
Então, chegou um interno correndo até a sala de espera e disse à mãe de Eddie que ela teria que se calar ou ir embora do hospital. O palhaço começou a desbotar, a desaparecer e, enquanto isso, começou também a mudar. Eddie viu o leproso, a múmia, o pássaro; viu o lobisomem, depois um vampiro, cujos dentes eram lâminas de barbear Gillette Azul colocadas em ângulos loucos, como espelhos num labirinto de espelhos em parque de diversões; viu Frankenstein, a criatura, e algo carnudo, parecendo uma concha, que se abria e fechava, como uma boca; viu uma dúzia mais de coisas horrendas, uma centena. Contudo, pouco antes do palhaço desaparecer de todo, ele viu a coisa mais terrível de todas: o rosto de sua mãe.
Não! tentou gritar. *Não! Não! Ela, não! Minha mãe, não!*
Contudo, ninguém olhou em torno, ninguém ouviu nada. E, nos derradeiros momentos do sonho, Eddie percebeu, com frio e arrepiante terror, que eles não podiam ouvi-lo. Ele estava morto. A Coisa' o matara e agora estava morto. Era um fantasma.

6

O doce-amargo triunfo de Sônia Kaspbrak, ao mandar embora os chamados amigos de Eddie evaporou-se quase no momento em que entrou no quarto particular de Eddie, na tarde seguinte, dia 21 de julho. Ela não saberia dizer exatamente por que a sensação de triunfo desapareceria dessa maneira, nem por que seria substituída por um medo não focalizado; era algo no rosto pálido de seu filho, que não estava contraído pela dor ou ansiedade, mas exibindo uma expressão que ela jamais vira antes. Era um jeito de certo modo brusco. Brusco, alerta e firme. O confronto entre os amigos de Eddie e a mãe dele não acontecera na sala de espera, como no sonho de Eddie. Ela soubera que eles iriam visitá-lo - os "amigos" de Eddie, que provavelmente o estavam ensinando a fumar cigarros, a despeito de sua asma, os "amigos" que mantinham tal influência nefasta sobre ele, que Eddie não falava de outra coisa quando, ao anoitecer, voltava para casa. Aqueles "amigos" é que lhe tinham quebrado o braço. Ela dissera tudo isso à Sr. Van Prett, sua vizinha do lado. - Chegou o momento - dissera lugubremente a Sra. Kaspbrak, - de dar o nome a alguns bois. A Sra. Van Prett, que sofria de terríveis problemas de pele e que quase sempre concordava com tudo o que Sônia Kaspbrak dizia, ansiosa e pateticamente, neste caso teve a temeridade de discordar. - Pensei que você houvesse ficado contente por ele arranjar amigos - disse a Sra. Van Prett, enquanto elas penduravam a roupa lavada à brisa fresca da manhã, antes do trabalho - isto fora durante a primeira semana de julho. - E ele estará mais *seguro* na

companhia de outras crianças, Sra. Kaspbrak, não acha? Com tudo que vem acontecendo nesta cidade, todas essas pobres crianças que foram assassinadas... A única resposta da Sra. Kaspbrak havia sido uma fungadela irritada (de fato, não conseguira, no momento, pensar em uma resposta verbal adequada, embora mais tarde imaginasse dúzias delas - algumas extremamente ferinas), e quando a Sra. Van Prett ligou aquela noite, um tanto ansiosa, perguntando se iriam juntas à Igreja Santa Maria, como de costume, a Sra. Kaspbrak respondeu friamente que, em vez disso, ia ficar em casa aquela noite com os pés para cima, descansando as pernas. Bem, esperava que agora a Sra. Van Prett estivesse satisfeita. Esperava que a Sra. Van Prett visse que o único perigo à solta em Derry, naquele verão, não era o maníaco sexual, matador de crianças e bebês. Pois ali estava seu filho, jazendo no leito de dor do Home Hospital de Derry. Talvez ele nunca mais tornasse a usar bem o braço direito; já ouvira falar em casos assim. Que Deus não permitisse, mas algumas lascas do osso fraturado talvez penetrassem na-corrente sangüínea, chegando ao coração, e então o seu Eddie morreria. Oh, claro que Deus não ia permitir isso, mas ela *ouvira* dizer que às vezes acontecia; então significava que Deus *podia* permitir a ocorrência de semelhante coisa. Em certos casos. Assim, ela se demorou na comprida e sombreada varanda frontal do Home Hospital, sabendo que eles apareceriam. Estava firmemente decidida a pôr um ponto final na chamada "amizade", aquela camaradagem que terminava em braços quebrados e leitos de dor. Acabaria com aquilo, de uma vez por todas. . Eventualmente os meninos chegaram, como ela previa e, para seu espanto, viu que um deles era um *negro.* Não que tivesse alguma coisa contra negros; a Sra. Kaspbrak achava que tinham todo o direito de sentar-se onde bem queriam nos ônibus sulistas, de comer em bares para brancos, e que não deviam ser postos em um paraíso exclusivo para negros, como mostravam os filmes, a menos que perturbassem

(mulheres)

pessoas brancas. No entanto, também acreditava firmemente no que denominava a Teoria dos Pássaros: melros (No original, *"blackbirds",* literalmente, "pássaros pretos". (N. da T.) voam com melros, não com tordos. Graúnas ocupavam o mesmo galho que outras graúnas, não se misturavam com os azulões ou rouxinóis. Cada um com seu igual, era o lema da Sra. Kaspbrak e, vendo Mike Hanlon pedalar sua bicicleta em meio aos outros, como se pertencesse ao bando, sua resolução, como sua raiva e seu ressentimento, ganhou intensidade. Em tom de censura, como se Eddie estivesse ali e pudesse ouvi-la, pensou: *Você nunca me disse que um de seus "amigos" era um negro.*

Bem, pensou ela, vinte minutos mais tarde, entrando no quarto do hospital onde seu filho jazia com o braço em um imenso molde de gesso preso ao peito (o coração dela doía só em olhar para aquilo), botei a turma toda para correr. Nenhum deles, exceto o menino Denbrough, aquele com uma gagueira *horrível,* tivera coragem de falar com ela. A menina, fosse quem fosse, dirigira a Sônia um olhar chamejante com aquelas pupilas cor de jade, um olhar de prostituta - *da Rua Main, Setor de Baixo ou algum lugar ainda pior,* na opinião da Sra. Kaspbrak, - mas ficara prudentemente de boca fechada. Se ousasse dar um pio, Sônia teria prazer em lhe dizer o que pensava, diria àquela menina qual era o tipo de garotas que andavam com garotos. Havia nomes para meninas semelhantes, e ela não queria seu filho associado - nem agora e nem nunca - com garotas dessa espécie. Os outros se tinham limitado a baixar os olhos para os pés inquietos. Aliás, bem como Sônia esperava. Ao terminar de dizer o que pretendia, eles montaram em suas bicicletas e foram embora. O menino Denbrough levava o menino Tozier no bagageiro de

sua bicicleta, imensa e de aparência nada segura. Com um estremecimento íntimo, a Sra. Kaspbrak perguntou-se quantas vezes seu Eddie andara naquela perigosa bicicleta, pondo em risco os braços, pernas, pescoço e a própria vida.
Fiz isto por você, Eddie, pensou, enquanto caminhava no interior do hospital, com a cabeça erguida. *Sei que a princípio talvez fique um pouco desapontado; é natural. Contudo, os pais sabem mais do que seus filhos. O motivo por que Deus fez os pais em primeiro lugar foi porque cabe a eles o papel de guiar, instruir... e proteger.*
Após a decepção inicial, ele compreenderia. E se agora ela sentia um certo alívio, naturalmente era por causa de Eddie, não por si mesma. Alívio era o único a ser esperado, quando se salva um filho de más compahias. Contudo, seu senso de alívio agora era perturbado por uma nova inquietação, ao olhar para o rosto de Eddie. Ele não estava dormindo, como ela imaginara. Em vez de um sono drogado, do qual acordaria desorientado, confuso, de cabeça tonta e psicologicamente vulnerável, Eddie mostrava um olhar vigilante e penetrante, tão diferente de seu jeito suave habitual. Como Ben Hanscom (embora Sônia ignorasse isso), Eddie era o tipo de menino que olhava rapidamente para o rosto, como que testando o ânimo que ali fermentava, para então desviar o olhar com a mesma rapidez. Contudo, ele agora a encarava fixamente *(talvez seja a medicação,* pensou ela, *não pode ser outra coisa; terei que falar com o Dr. Han-dor sobre essa medicação),* e foi sua mãe que desviou o rosto. *Ele dá a impressão de que esperava por mim,* pensou ela, e foi um pensamento que a teria deixado feliz - um filho esperando pela mãe, certamente é uma das mais abençoadas criações de Deus... - Você mandou meus amigos embora. As palavras saíram categóricas, sem nenhuma dúvida ou interrogação. Ela recuou, quase culpadamente e, sem dúvida, o pensamento que primeiro lhe passou pela cabeça *foi*

de culpa - *Como é que ele sabe? Ele* não *pode saber disso!* - e imediatamente ficou furiosa consigo mesma (e com Eddie), por sentir-se daquela maneira. Então, sorriu para ele. - Como se sente hoje, Eddie? Aquela era a resposta correta. Alguém - qualquer fofoqueiro idiota ou talvez até mesmo aquela enfermeira incompetente e antipática do dia anterior - andara contando histórias. Alguém. - Como se sente? - perguntou de novo, quando ele não respondeu. Sônia imaginou que Eddie não a tivesse ouvido. Em nenhuma literatura médica que costumava ler, ela descobrira que um osso fraturado pode afetar a audição, mas supôs que fosse possível. Tudo era possível. Ainda assim, Eddie continuou sem responder. Ela avançou mais, no interior do quarto, odiando aquela sensação tateante e quase tímida em seu íntimo, irritada porque jamais se sentira tímida ou indecisa em relação a Eddie. Também estava com raiva, embora esta apenas começasse. Que direito tinha ele de deixá-la assim, após tudo o que fizera em benefício do filho, de todos os sacrifícios? - Falei com o Dr. Handor e ele garante que você ficará perfeitamente bem - disse ela vivamente, sentando-se na cadeira de encosto reto, ao lado da cama. - Claro que, se surgir o menor problema, iremos ver um especialista em Portland. Até em *Boston,* se for preciso. Ela sorriu, como se concedesse um grande favor. Eddie continuou sério. E também continuou calado.

- Está ouvindo o que eu disse, Eddie? - Você mandou meus amigos embora - repetiu ele.

- Sim, mandei - disse ela, dispensando a simulação. Foi só o que falou. Naquele jogo, dois eram suficientes. Ficou apenas encarando o filho. No entanto, aconteceu uma coisa estranha, de fato, uma coisa terrível. Os olhos de Eddie pareceram... crescer, de algum modo. Os pontilhados cinzentos daqueles olhos davam a impressão de mover-se, como nuvens pesadas de chuva, correndo pelo céu. Subitamente, Sônia percebeu que seu filho não estava "delirando", "drogado" ou qualquer outra coisa. Estava furioso com ela... e, de repente, ficou assustada, porque naquele quarto parecia existir outra presença além da do filho. Baixou os olhos e remexeu na bolsa aberta. Começou a procurar um lenço de papel. - Sim, eu os mandei embora - disse, e descobriu que a voz já adquirira força e firmeza suficientes... desde que não olhasse para ele. - Você sofreu um acidente muito sério, Eddie. No momento, não precisa de outros visitantes além de sua mãe, muito menos de visitantes como aqueles. Se não fosse por *eles,* você agora estaria em casa, vendo televisão ou construindo seu carro de caixotes, na garagem. O sonho de Eddie era montar um carrinho de corridas com caixotes de laranja, para depois levá-lo a Bangor. Se vencesse lá, ganharia uma viagem com todas as despesas pagas até Akron, no Ohio, para disputar o campeonato nacional. Sônia o deixava sonhar e não se preocupava, desde que a realização da corrida, em um carrinho montado com caixotes de laranja e rodas tiradas de carreta de brinquedo não passasse disso - um sonho. Evidentemente, não tinha a menor intenção de permitir que Eddie arriscasse a vida em tão perigosa geringonça, nem em Derry e nem em Bangor, quanto mais em Akron, o que (Eddie já lhe contara) significaria viajar de avião, além de fazer uma corrida suicida por uma íngreme ladeira abaixo, em um caixote de laranjas provido de rodas, mas desprovido de freios. Contudo, como sua própria mãe costumava dizer, o que uma pessoa ignora não a prejudica (sua mãe também gostava de dizer "diga a verdade e comprometa o diabo", mas em se tratando de evocar aforismos, como a maioria das pessoas, Sônia podia ser notavelmente seletiva). - Não foram meus amigos que me quebraram o braço - disse Eddie, naquela mesma voz inflexível. - Contei ao Dr. Handor à noite passada e contei para o Sr. Nell, quando ele veio esta manhã. Foi Henry Bowers. Havia outros garotos com ele, mas foi Henry quem quebrou meu braço. Se eu estivesse com meus amigos, isso nunca teria acontecido. Só aconteceu porque eu estava sozinho. Aquilo fez Sônia pensar no comentário da Sra. Van Prett sobre a conveniência de ter amigos, e a lembrança trouxe sua raiva de volta, como um tigre. Ela empinou a cabeça. - Isso não vem ao caso e você sabe muito bem! O que se passa em sua cabeça, Eddie? Acha que sua mãe é alguma tola? É o que acha? Sei perfeitamente por que o garoto Bowers quebrou seu braço. Aquele policial, Paddy, também esteve em nossa casa. Bowers quebrou seu braço, porque você e seus "amigos" tiveram alguma briga com ele. Pois agora pense no que teria acontecido se ouvisse o que digo e, antes de mais nada, ficasse longe deles! - Não - eu acho que podia ter acontecido alguma coisa ainda pior - respondeu Eddie. - Eddie, não pode estar falando sério! - Falo sério - replicou Eddie, e Sônia tornou a sentir a força que ele emanava,

saindo dele em ondas. - Bill e meus outros amigos vão voltar, mamãe. Eu *sei.* E quando eles chegarem, você não vai mandá-los embora outra vez. Não vai dizer uma palavra a

eles. São meus amigos, e você não vai roubar meus amigos só porque tem medo de ficar sozinha. Ela o fitou fixamente, aturdida e aterrada. As lágrimas lhe encheram os olhos e escorreram pelas faces, molhando o pó-de-arroz. - Agora é assim que se dirige a sua mãe - disse, através dos soluços. - Talvez seja a maneira como seus "amigos" falam com os pais *deles.* Acho que aprendeu isso com eles. Ela se sentia segura com suas lágrimas. Em geral, quando chorava, Eddie chorava também. Era uma chantagem, qualquer um diria, mas existiriam realmente chantagens, em se tratando de proteger um filho? Sônia achava impossível. Ergueu o rosto, com as lágrimas escorrendo dos olhos, sentindo-se indescritivelmente triste, rejeitada, traída... e segura. Eddie não seria capaz de suportar tal fluxo de lágrimas e pesar. Aquela expressão penetrante e fria deixaria seu rosto. Talvez ele começasse a ofegar e sibilar um pouco, isso seria um sinal, sempre fora um sinal de que a briga terminara e ela conquistara outra vitória... para ele, naturalmente. E sempre por ele. Sônia ficou tão chocada ao perceber que Eddie continuava com aquela expressão - aliás, parecia ter até se agravado - que sua voz ficou presa em um meio soluço. Havia pesar sob a expressão do menino, mas isso também era aterrador: de certa maneira, atingiu-a como um pesar *adulto* - e imaginar Eddie adulto, em qualquer sentido, fazia com que o pânico tremulasse em seu cérebro. Era assim que ela se sentia nas pouco freqüentes ocasiões em que se perguntava o que aconteceria se Eddie não quisesse ir para a Faculdade de Comércio de Derry ou a Universidade do Maine, em Orono, ou de Husson, em Bangor, de maneira a poder voltar para casa todos os dias depois das aulas; o que aconteceria se ele conhecesse uma jovem, se apaixonasse e quisesse casar? *Onde haverá lugar para* mim *em tudo isso?* perguntava aquela voz interior trêmula, quando surgiam estes pensamentos estranhos, quase de pesadelo. *Onde será o* meu *lugar em semelhante vida? Eu o* amo, *Eddie! Eu o* amo! *Eu cuidarei de você e eu o* amo! *Você não sabe cozinhar, mudar os lençóis ou lavar suas roupas de baixo! Por que* deveria *saber? Eu sei fazer isso em seu lugar! Sei, porque o* amo! Ele próprio é que agora disse isso: - Eu a amo, mamãe, mas também gosto de meus amigos. Acho... que você está fazendo força para chorar. - Eddie, você me magoa tanto! - sussurrou ela, e novas lágrimas lhe escorreram pelas faces. Se pouco antes as lágrimas haviam sido calculadas, agora era o contrário. À sua maneira peculiar, Sônia era rija - vira o marido baixar à sepultura e não se abatera, conseguira emprego em um mercado de trabalho dominado pela depressão, no qual era difícil encontrar uma ocupação. Criara o filho e, quando necessário, lutara por ele. Aquelas eram as primeiras lágrimas inteiramente naturais e sem artificialismo que derramava em anos, talvez desde que Eddie tivera bonquite aos cinco anos, e ficara certa de que ele morreria em seu leito de dor, ardendo em febre, tossindo, sufocando-se e ansiando por respirar. Ela agora chorava por causa daquela terrível expressão adulta no rosto dele, de certo modo uma expressão *alienígena.* Tinha medo *por* ele mas, de certo modo, também tinha medo *dele,* medo daquela aura que parecia circundá-lo... que parecia exigir algo dela. - Não me faça ter de escolher entre você e meus amigos, mamãe - disse Eddie, em voz instável, tensa, mas ainda controlada. - Porque não seria justo.

- Esses amigos *não* servem, Eddie! - exclamou ela, quase frenética. - Eu sei que não servem, sinto isso com todo o meu coração. Digo que eles só lhe trarão sofrimento e pesar. O pior de tudo é que ela realmente *sentia* isso; alguma parte dela o intuíra nos olhos daquele menino Denbrough, que a enfrentara com as mãos nos bolsos, os cabelos ruivos chamejando ao sol de verão. Os olhos dele... tão graves, tão estranhos e distantes... como eram agora os olhos de Eddie. E, em torno dele, não havia aquela mesma aura que agora circundava Eddie? A mesma, porém ainda mais forte? Ela achava que sim. - Mamãe... Ela se levantou tão bruscamente, que quase derrubou a cadeira. - Voltarei este fim de tarde - disse. - É o choque, o acidente, a dor, essas coisas, que o fazem falar desta maneira. Eu sei. Você... você... - Ela tropeçou nas palavras, depois encontrou o texto original na esvoaçante confusão de sua mente. - Você sofreu um sério acidente, mas vai ficar em *perfeitíssimo estado!* E verá que tenho razão, Eddie. Eles

não servem para seus amigos. Não para gente como nós. Para gente como você. Pense nisto e recorde se sua mãe já lhe disse algo errado antes. Pense nisto e... e...
Estou fugindo! pensou ela, com doentia e sofrida angústia. *Estou fugindo de meu próprio filho! Oh, Deus, não permita uma coisa destas!*
- Mamãe! Por um momento, ela quase correu do quarto, agora com medo dele. Sim, aquele menino na cama era mais do que Eddie; Sônia captava os outros nele, os "amigos" e mais alguma coisa, algo inclusive além deles, e temia a revelação que poderia provir disso. Era como se seu filho estivesse em poder de determinada coisa, de alguma febre terrível, como nas garras da bronquite que o atacara aos cinco anos .e quase o matara. Fez uma pausa, a mão pousada na maçaneta, não querendo ouvir o que ele poderia dizer... e quando ele disse, foi tão inesperado que, por um momento, ela não entendeu bem. Quando digeriu o que ouvira, a informação foi como uma carga frouxa de cimento e, por um instante, Sônia julgou que fosse desmaiar. - O Sr. Keene disse que meu remédio para asma é apenas água. - O quê? O quê? Sônia se virou, pousando nele os olhos faiscantes. - Apenas água - repetiu Eddie. - Com mais alguma coisa, para dar gosto de remédio. Ele disse que era um pla-ce-bo.- É mentira! Nada mais do que uma grandessíssima mentira! E por que o Sr. Keene lhe diria tamanha mentira? Bem, há outras drogarias em Derry, suponho. Eu acho... - Tive tempo para refletir nisso - disse Eddie, maciamente e implacável, os olhos nunca abandonando os dela - e *acho* que ele disse a verdade. - Pois eu lhe digo que *não,* Eddie! O pânico retornava, batendo as asas dentro de sua mente. - O que penso - disse Eddie, - é que deve ser verdade, porque senão haveria algum aviso no frasco dizendo que a pessoa pode morrer, se usar demais ou, pelo menos, passar mal. Inclusive... - Não quero *ouvir* mais nada, Eddie! - gritou ela, tapando os ouvidos com as mãos. - Você... você... *não está em condições de saber o que diz, eis tudo!*

- Mesmo quando é alguma coisa que a gente pode comprar sem receita médica, eles colocam instruções especiais no rótulo - prosseguiu ele, sem levantar a voz. Seus olhos cinza fixavam-se nos dela, e Sônia se sentiu desviando os seus, inclusive movendo- os para outro lado. - Mesmo que seja apenas xarope Vick para a tosse... ou o seu Geritol.

Ele fez uma breve pausa. As mãos dela afastaram-se dos ouvidos; parecia esforço demasiado mantê-las no alto, haviam ficado muito pesadas. - E acho que... você também sabia disso, mamãe. - Eddie! - ela quase ganiu. - Porque - prosseguiu ele, como se a mãe não houvesse falado em absoluto, agora concentrado no problema, de cenho franzido. - Porque os pais da gente sabem sobre remédios. Bem, eu uso aquele aspirador cinco, até seis vezes por dia. E você não me deixaria usá-lo tantas vezes se achasse que me faria mal. Porque é função sua me proteger. Eu sei que é assim, você vive repetindo isso. Portanto... você sabia, mamãe? Sabia que o remédio era só água? Ela nada disse. Seus lábios tremiam. Aliás, todo o seu rosto parecia tremer. Sônia não estava mais chorando. Ficara assustada demais para chorar. - Porque se você *sabia* - disse Eddie, ainda de cenho franzido, - se você *sabia,* eu

gostaria de saber uma coisa. Posso entender certas coisas, mas não entendo porque minha mãe queria que eu pensasse que água era remédio... ou que eu tinha asma *aqui* - ele apontou para o peito, - se o Sr. Keene disse que só tenho asma *aqui* - e ele apontou para a cabeça. Sônia pensou que, então, explicaria tudo ao filho. Explicaria a ele, tranqüila e logicamente. Como imaginara que ele ia morrer aos cinco anos e como isso a deixara fora de si, após perder Frank apenas dois anos antes. Como chegara a compreender que só era possível proteger um filho através da vigilância e amor, que se deve criar um filho como se cuida de um jardim, fertilizando, semeando e, sim, ocasionalmente, podando e arrancando ervas daninhas, por mais que isso doa. Diria a ele que às vezes era .melhor para uma criança - em particular sendo uma criança tão frágil quanto Eddie - pensar que

era doente, em vez de realmente *adoecer.* E encerraria, falando-lhe da total idiotice dos médicos e do maravilhoso poder do amor; diria que o *sabia* asmático, pouco importando o que pensassem os médicos ou o que lhe dessem como medicação. Explicaria a ele que se pode exercer a medicina com algo mais do que o pilão e o almofariz de um farmacêutico malicioso e metediço. *É remédio, Eddie,* diria ela, *porque o amor de sua mãe o* torna *um remédio, e eu posso fazer isso, enquanto você me quiser e me deixar agir. Este é um poder que Deus concede às mães amorosas e solícitas. Por favor, Eddie, por favor, querido do meu coração, acredite em mim!*
No fim, ela nada disse. Seu medo era grande demais. - Bem, talvez a gente nem tenha que falar sobre isso - prosseguiu Eddie. - O Sr. Keene podia estar zombando de mim. Às vezes, os adultos... você sabe, eles gostam de zombar das crianças. Porque crianças acreditam em quase tudo. É maldade fazer isso com uma criança, mas às vezes os adultos não fazem outra coisa. - Sim - concordou Sônia ansiosamente. - Eles gostam de zombar e às vezes são brutais... mesquinhos... e... e... - Então, acho que vou ficar esperando a visita de Bill e de meus outros amigos - disse Eddie, - e continuo usando meu remédio para asma. Acho que vai ser melhor assim, não é? Somente agora, quando era tarde demais, ela percebeu com que habilidade - e com que crueldade - fora encurralada. O que ele fazia era quase chantagem, mas que escolha lhe restava? Gostaria de perguntar ao filho como podia ser tão calculista, tão manipulador. Abriu a boca para falar... e tornou a fechá-la. Era bem provável que, em seu presente estado de ânimo, Eddie lhe respondesse. Contudo, ela sabia uma coisa. Sim. Uma coisa, com certeza: nunca, nunca, *nunca mais* em sua vida, tornaria a pôr os pés na drogaria do Sr. Fofoqueiro-Parker Keene.

A voz dele, agora estranhamente tímida, interrompeu seus pensamentos: - Mamãe? Erguendo os olhos, ela viu que era Eddie novamente, *apenas* Eddie, e aproximou- se dele alegremente. - Quer me dar um abraço, mamãe? Ela o abraçou, mas cuidadosamente, para não machucar-lhe o braço quebrado (ou desalojar quaisquer fragmentos ósseos soltos, que poderiam ir parar na corrente sangüínea e depois alojar-se no coração - que mãe mataria seu filho de amor?), e Eddie retribuiu o abraço.

7

No caso de Eddie, sua mãe havia ido embora bem a tempo. Durante o terrível confronto com ela, Eddie sentira que sua respiração começava a acumular-se cada vez mais nos pulmões e garganta, imóvel e estagnada, choca e prejudicial, ameaçando envenená-lo. Esperou até que a porta se fechasse atrás dela, para então começar a ofegar e sibilar. O ar rançoso correndo por seu peito opresso dava estocadas para cima e para baixo, como um atiçador aquecido. Ele agarrou o aspirador, machucando o braço, mas não se importando. Pressionou um longo jato garganta abaixo. Respirou fundo o gosto da cânfora, pensando: *Pouco importa se for um pla-ce-bo, palavras nada valem se a coisa funciona.*

Recostou-se contra os travesseiros, de olhos fechados, respirando livremente pela primeira vez desde que ela havia entrado no quarto. Estava assustado, muito assustado. As coisas que havia dito a ela, a maneira como agira - tinha sido ele e, ao mesmo tempo, não tinha sido. Houvera algo trabalhando em seu íntimo, trabalhando *através* dele, alguma força... e sua mãe também a sentira. Eddie vira isso nos olhos dela, em seus lábios trêmulos. Não acreditava que tal força fosse maligna, mas seu enorme poder era amedrontador. Era como enfiar-se em um brinquedo de parque de diversões realmente perigoso e descobrir que não poderia abandoná-lo enquanto a corrida não terminasse, houvesse o que houvesse.

Nada de desistir, pensou, sentindo a comichão ardente e pesada debaixo do gesso que lhe envolvia o braço fraturado. *Ninguém vai entregar os pontos, enquanto não chegarmos ao fim. Só que, meu Deus, estou com tanto medo, tanto medo...*
E ele sabia que o verdadeiro motivo para exigir que ela não o separasse dos amigos era algo que jamais poderia contar à mãe: *Não vou poder enfrentar isto sozinho.*
Eddie então chorou um pouco, depois mergulhando em um sono inquieto. Sonhou com a escuridão, onde mecanismos - mecanismos bombeando - funcionavam sem parar.

8

Ameaçava um novo temporal aquele entardecer, quando Bill e os demais Perdedores retornaram ao hospital. Eddie não ficou surpreso ao vê-los entrando. Sabia que eles voltariam. Fizera calor o dia inteiro - mais tarde, houve acordo unânime de que essa terceira semana de julho tinha sido a mais quente, de um verão excepcionalmente quente - e as nuvens de chuva começaram a acumular-se por volta de quatro da tarde, negro-purpúreas e colossais, grávidas de água, carregadas de relâmpagos. As pessoas desincumbiam-se de seus afazeres rapidamente e um tanto inquietas, com um olho sempre vigiando o céu. A maioria achava que teriam uma boa e firme chuvarada pela hora do jantar, lavando a espessa umidade de ar. Os parques e playgrounds de Derry, superlotados durante todo o verão, estavam inteiramente desertos lá pelas seis da tarde. A chuva ainda não caíra, e os balanços pendiam imóveis e penumbrosos, em uma claridade de estranho e monótono tom amarelado. Os trovões rolavam ruidosamente - isso, um cão latindo e o grave murmúrio do trânsito na Rua Main Exterior, eram os únicos sons que se filtravam pela janela de Eddie, até a chegada dos Perdedores. Bill foi o primeiro, seguido por Richie. Beverly e Stan entraram em seguida, depois Mike. Ben foi o último. Parecia desagradavelmente pouco à vontade, em um suéter branco, de gola rulê. Aproximaram-se da cama com expressão solene. Nem mesmo Richie estava sorrindo.

Seus rostos, pensou Eddie, fascinado. *Meu Deus, seus rostos!*

O que via nos amigos, sua mãe também vira nele essa tarde: aquela estranha mescla de poder e impotência. A claridade amarelada da tempestade jazia em suas peles, tornando os rostos espectrais, distantes, sombreados.

Estamos penetrando, pensou Eddie. *Penetrando em algo novo - estamos no limite. E o que haverá do outro lado? Para onde vamos? Para onde?* - O-O-Olá, Eh-Eh-Eddie - disse Bill. - Como v-v-vai? - Tudo bem, Grande Bill - disse Eddie, c tentou sorrir. - Que dia você deve ter tido ontem! - disse Mike. Uma trovoada acompanhou sua voz. A luz do teto e o abajur de cabeceira estavam apagados, de maneira que todos eles pareciam desaparecer e reaparecer na claridade. Eddie pensou em toda aquela luminosidade cobrindo Derry nesse instante, espraiando-se ao longo do Parque McCarron, penetrando pelos buracos no teto da Ponte dos Beijos, em indiferentes raios salpicados, tornando o Kenduskeag semelhante a vidro enfumaçado, ao cortar sua vasta e rasa trilha através dos Barrens; pensou nas gangorras paradas em ângulos inertes, enquanto o cúmulo das trovoadas subia e subia; pensou na estranha e tempestuosa claridade amarela e na quietude, como se toda a cidade houvesse adormecido... ou morrido. - Sim - respondeu. - Foi um dia e tanto. - Meus p-pais v-vão ver um fi-filme d-d-depois de ama-amanhã à n-noite - disse Bill. - Q-Quando o pr-programa mudar. R-Resolvemos ap-aproveitar e fa-fazer as ba-ba- ba... - As balas de prata - disse Richie. - Eu pensei... - Será melhor assim - disse Ben quietamente. - Continuo pensando que podíamos ter feito as balas, mas pensar só não basta. Se fôssemos adultos...

- Oh, claro, o mundo seria formidável se fôssemos adultos - disse Beverly. - Adultos podem fazer tudo o que quiserem, não é? Adultos podem *fazer* qualquer coisa que queiram e sempre tudo dá certo. - Ela riu, um som estremecido e nervoso. - Bill quer que *eu* atire na Coisa. Pode imaginar isso, Eddie? Basta me chamar de Beverly Oakley. - Não sei do que estão falando - replicou Eddie. No entanto, achava que sabia - de qualquer modo, começava a visualizar o quadro. Ben então explicou. Iam derreter um dos seus dólares de prata e fazer duas balas, pouco menores do que rolamentos de esferas. Depois disso, se realmente havia um lobisomem morando no 29 da Rua Neibolt, Beverly enfiaria uma bala de prata em sua cabeça, com a Atiradeira "Tiro-certo" de Bill. Adeus lobisomem! E se estavam certos sobre uma criatura usando muitos rostos, adeus Coisa! Deve ter surgido algum tipo de expressão no rosto de Eddie, porque Richie riu e assentiu. - Sei como se sente, cara. Pensei que Bill tinha perdido os últimos parafusos prendendo os miolos, quando começou a falar sobre usarmos sua atiradeira, em vez da arma de seu pai. Contudo, esta tarde... - Ele parou e pigarreou. *Esta tarde, depois que sua mãe nos deu o bilhete azul,* era como ele ia prosseguir, mas evidentemente não daria certo. - Esta tarde, fomos até o depósito de lixo. Bill levou sua atiradeira. Veja. - Do bolso traseiro, Richie tirou uma lata amassada que, um dia, contivera abacaxi em calda. No meio da lata havia um buraco com uns cinco centímetros de diâmetro. - Beverly fez isso com uma pedra, de seis metros de distância. Para mim, parece o buraco de um 38. Boca de Lixo ficou convencido. E quando Boca de Lixo se convence, é porque Boca de Lixo se convence *mesmo!*

- Acertar latas é uma coisa - disse Beverly. - Mas se fosse outro negócio... uma coisa viva... Bill, você devia cuidar disso. Sinceramente. - N-Não - disse Bill. - N-Nós to-todos nos r-r-revezamos. V-Você viu co-como f-f- foi. - E *como* é que foi? - perguntou Eddie. Bill explicou, lenta e vacilantemente, enquanto Beverly espiava pela janela, os lábios tão apertados que estavam brancos. Por motivos que não podia explicar nem a si mesma, estava apavorada: aliás, profundamente constrangida pelo sucedido nesse dia. A caminho do hospital, ela tornara a argumentar, apaixonadamente, que deviam tentar fabricar as balas... não por ter mais certeza do que Bill ou Richie de que elas funcionariam, chegada a hora, mas porque - se alguma coisa acontecesse naquela casa - a arma estaria nas mãos

(de Bill)

de alguém mais. Contudo, fatos eram fatos. Cada um deles pegara dez pedras e as usaram na "Tiro- certo" contra dez latas, colocadas a seis metros de distância. Richie acertara uma em dez (e seu acerto fora pura sorte), Ben acertara duas, Bill quatro e Mike cinco. Usando a atiradeira quase casualmente e parecendo nem fazer pontaria, Beverly acertara com perfeição em nove das latas. A décima caiu, quando a pedra que ela havia atirado ricocheteou na borda. - S-Só que pr-primeiro t-t-temos que fa-fazer a mu-mu-munição. - Na noite depois de manhã? Então já devo estar fora daqui - disse Eddie. Sua mãe iria protestar... mas Eddie achava que ela não protestaria muito. Não, depois daquela tarde. - Seu braço dói? - perguntou Beverly.

Ela usava um vestido rosa (não o que ele vira no sonho; talvez o tivesse usado aquela tarde, quando sua mãe os mandara embora), sobre o qual aplicara diminutas flores. Também estava com meias de seda ou naylon; parecia muito adulta mas, de certa forma, muito infantil, como uma criança brincando de vestir roupas dos mais velhos. Sua expressão era sonhadora e distante. Eddie pensou: *Aposto que é assim que ela fica, quando está dormindo.*
- Não muito - respondeu ele. Conversaram durante algum tempo, suas vozes pontilhadas por trovões. Eddie não lhes perguntou o que sucedera quando tinham ido ao hospital mais cedo, naquele dia. Nenhum deles também disse qualquer coisa a respeito. Richie pegou seu ioiô e o fez dormir uma ou duas vezes, antes de tornar a guardá-lo. A conversa foi rareando e, em uma das pausas, houve um leve clique, que fez Eddie olhar em torno. Bill tinha algo na mão, e por um momento Eddie sentiu que as batidas de seu coração aceleravam, alarmadas. Porque, naquele breve momento, pensou que fosse uma faca. Foi então que Stan acendeu a luz do teto, dissipando as sombras, e ele viu que era apenas uma caneta esferográfica. Com aquela claridade, agora todos voltavam a ter sua aparência costumeira, *real,* eram apenas os seus amigos. - Pensei que devíamos assinar seu gesso - disse Bill, os olhos encontrando fixamente os de Eddie.

Não é nada disso, pensou Eddie, com súbita e alarmante clareza. *É um contrato. É um contrato, Grande Bill. Se não, será o mais perto que já estivemos de um.* Sentia-se amedrontado... depois envergonhado e zangado consigo mesmo. Se tivesse quebrado o braço antes desse verão, quem assinaria o gesso? Alguém mais, além de sua mãe e, talvez, o Dr. Handor? As tias que moravam em Haven?Aqueles eram seus *amigos,* e sua mãe se enganara. Eram amigos sinceros. *Talvez,* pensou, *nem exista isso de amigos que prestam ou que não prestam - talvez existam apenas amigos, pessoas que nos apoiam quando estamos por baixo e que não nos deixam sentir solidão. Talvez sempre mereçam que nos preocupemos, que torçamos e vivamos por eles. E que também morramos por eles. Nada de amigos que prestam. Nada de amigos que não prestam. Apenas pessoas de quem sentimos falta, com as quais queremos ficar; pessoas que moram em nosso coração.*

- Tudo bem - disse Eddie, algo roucamente. - Tudo bem, vai ficar legal, Grande Bill. Assim, Bill inclinou-se solenemente sobre a cama e escreveu seu nome no volumoso gesso em torno do braço fraturado de Eddie, em letras grandes e floreadas. Richie também assinou em garranchos caprichosos. A escrita de Ben era tão miúda quando ele era corpulento, as letras inclinadas para trás. Pareciam prestes a cair, ao menor empurrão. A letra de Mike Hanlon era grande e desajeitada, por ele ser canhoto e estar em má posição para escrever. Assinou acima do cotovelo de Eddie, fazendo um círculo em torno do nome. Quando Beverly se inclinou sobre ele, Eddie pôde sentir um leve perfume floral emanando dela. Sua assinatura foi em letras redondas, caligráficas. Stan assinou por último, escrevendo seu nome em letrinhas amontoadas, perto do pulso de Eddie. Todos recuaram então, como que cônscios do que tinham feito. Lá fora, os trovões ribombavam novamente com fúria. Os relâmpagos clareavam o exterior de madeira do hospital, em breve e gaguejante luminosidade. - Tudo certo? - perguntou Eddie. Bill assentiu. - V-Vá até m-minha c-casa depois de a-a-amanhã, se pu-puder, D-Depois do ja-ja- jantar, o-okay?

Eddie assentiu, e o assunto foi encerrado. Houve outro período de conversa desanimada, quase sem assunto. Parte dela foi sobre o tema dominante em Derry, naquele julho - o julgamento de Richard Macklin pelo assassinato a marteladas de seu enteado Dorsey, e o desaparecimento de Eddie Corcoran, irmão mais velho de Dorsey. Faltavam ainda dois dias para que Macklin se rendesse e confessasse, entre lágrimas, sentado no banco das testemunhas, mas os Perdedores achavam que, provavelmente, Macklin nada tivesse a ver com o desaparecimento de Eddie. O garoto devia ter fugido de casa... ou fora apanhado pela Coisa. Os seis foram embora do hospital faltando uns quinze minutos para as sete, e a chuva ainda não caíra. O tempo continuou ameaçador, até muito depois que a mãe de Eddie voltou, fez sua visita e tornou a ir para casa (ela ficara horrorizada com as assinaturas no gesso de Eddie, e ainda mais com a determinação dele em deixar o hospital no dia seguinte - Sônia estivera idealizando uma permanência de uma semana ou mais, em repouso absoluto, para que as extremidades da fratura "se emendassem", conforme alegou). Eventualmente, as nuvens carregadas de chuva separaram-se e foram arrastadas para longe. Nem uma gota d'água caiu em Derry. A umidade permaneceu suspensa no ar, e as pessoas dormiram nas varandas, gramados e em sacos de dormir, ao relento, aquela noite. A chuva chegou no dia seguinte, não muito depois de Beverly ter visto algo terrível acontecer a Patrick Hockstetter.

CAPÍTULO 17

Mais um desaparecido: a morte de Patrick Hockstetter

1

Ao terminar seu relato, Eddie serve outra bebida para si mesmo, com mão não muito firme. Olha para Beverly e diz:
- Você viu A Coisa, não viu? Você a viu pegar Patrick Hockstetter, no dia seguinte àquele em que todos assinaram o meu gesso. Os outros inclinam-se para diante. Beverly joga o cabelo para trás, em uma nuvem avermelhada. Abaixo da cabeleira, seu rosto aparece extraordinariamente pálido. Ela tira outro cigarro do maço

- o último - e aciona seu isqueiro Bic. Parece não conseguir dirigir a chama para a ponta do cigarro. Após um momento, Bill lhe firma o pulso ligeiramente, mas com segurança, e ela guia a chama para onde deve ir. Beverly o fita com gratidão, enquanto exala uma baforada de fumaça cinza-azulada.
- Sim - diz ela. - Eu vi o que aconteceu. Estremece.
- Ele era l-l-louco - diz Bill, e pensa: Apenas o fato de Henry permitir que um imbecil como Patrick Hockstetter andasse à sua volta durante aquele verão... bem, isso significa alguma coisa, não? Henry devia estar perdendo parte de seu charme, de sua

atração, ou então a própria loucura progredira a ponto de achar que Hockstetter lhe parecesse um bom companheiro. Ambos seguiam o mesmo rumo: a crescente... o quê? - degeneração de Henry? Seria esta a palavra? Sim, em vista do que aconteceu a ele, do lugar onde foi parar, creio que seja. Ainda há algo mais para fundamentar a idéia, *pensa Bill, mas no momento, ele só se lembra vagamente do que seja. Ele, Richie e Beverly tinham estado nos Irmãos Tracker. Então, estavam em começos de agosto e o curso de férias do verão mantivera Henry fora do caminho deles a maior parte do tempo. Agora, no entanto, o verão chegava ao fim - e Victor Criss não se aproximara deles? Um Victor Criss muito amedrontado? Sim, era isso que acontecera. Àquela altura, as coisas aproximavam-se rapidamente do fim. Agora, Bill reflete que cada criança em Derry percebera isso -*

porém quem mais percebera haviam sido os Perdedores e o grupo de Henry. Contudo, isso fora mais tarde.

- Oh, sim, você disse tudo - concordou Beverly, terminantemente. - Patrick Hockstetter era louco. Nenhuma garota se sentava à frente dele na escola. A gente estava lá, fazendo o dever de aritmética, escrevendo uma história ou composição e, de repente, sentia a mão dele... quase tão leve como uma pena, mas quente e suada.

Carnosa.

Ela engole em seco, e há um ligeiro clique em sua garganta. Em torno da mesa, os outros a fitam solenemente.

- A garota sentia a mão dele no lado do corpo - prossegue Beverly, - talvez no seio. Não que muitas de nós tivessem grande coisa em matéria de seios naquela época. Patrick, no entanto, parecia não se preocupar com isso. A gente sentia aquele... aquele toque, afastava-se bruscamente, olhava para trás, e lá estava Patrick, sorrindo, com aqueles beiços enormes. Ele tinha um estojo... Cheio de moscas - diz Richie subitamente. - Isso mesmo. Ele as matava com uma régua verde que possuía e depois as guardava no estojo de lápis. Ainda me lembro daquele estojo - vermelho, com uma tampa de plástico branco, que deslizava para abrir e fechar. Eddie está assentindo. - A gente recuava, ele sorria e então talvez abrisse o estojo, para que se pudesse ver as moscas mortas no interior - diz Beverly. - E o pior - o horrível - era a maneira como ele sorria e nunca dizia nada. A Sra. Douglas sabia. Greta Bowie fez queixa dele e acho que Sally Mueller também o denunciou uma vez. Só que... bem, acho que a Sra. Douglas também o temia. Ben continua a balançar-se nas pernas traseiras de sua cadeira, as mãos entrelaçadas na nuca. Ela ainda mal pode crer que o antigo menino gordo esteja tão esguio agora.

- Posso até jurar que você está certa - diz ele.

- O q-q-que ac-aconteceu a e-e-ele, Beverly? - pergunta Bill. Ela torna a engolir com dificuldade, tentando lutar contra o poder do pesadelo que presenciou aquele dia, nos Barrens. Amarra seus patins e os pendura ao ombro, com um joelho ardendo do tombo que levara na Alameda de São Crispim, outra das pequenas vias arborizadas que terminavam em um beco sem saída onde o terreno descia (e ainda desce) bruscamente para os Barrens. Recorda (oh, estas lembranças, tão claras e tão fortes quando surgem!) que usava shorts de denim - shorts realmente muito curtos, *a ponto de mal cobrirem as calcinhas. Beverly ficara mais cônscia de seu corpo durante o último ano - de fato, durante os últimos seis meses,*

quando o viu começando a encurvar-se, adquirindo mais feminilidade. O espelho era um motivo para essa crescente percepção, é claro, porém não o principal; o principal era que seu pai ficara ainda mais brutal ultimamente, inclinando-se a usar com maior freqüência as bofetadas ou mesmo socos. Ele parecia inquieto, quase como que enjaulado, deixando-a mais e mais nervosa quando o via por perto, sempre de olho nela. Era como se houvesse um cheiro que ambos desprendiam, um cheiro que inexistia quando se encontrava sozinha no apartamento, que nunca existira quando estavam lá, juntos - tendo surgido apenas nesse verão. E quando a mãe se ausentava, era ainda pior. Se havia um cheiro, algum cheiro, então talvez ele também soubesse disso, porque Bev o via cada vez menos, à medida que o verão ia passando. Talvez fosse devido aos jogos de boliche do verão, talvez porque ele estivesse ajudando seu amigo Joe Tammerly a consertar carros... mas ela desconfiava que em parte era por causa daquele cheiro, do cheiro que ambos desprendiam, nenhum dos dois o desejando, mas desprendendo-o assim mesmo, tão impotentes para detê-lo, como eram impotentes em deter o suor em julho. A visão dos pássaros, centenas e milhares deles, descendo para os tetos das casas, os fios telefônicos e antenas de televisão, volta à sua mente.

- E hera venenosa - diz ela, em voz alta. -

C-C-Como? - pergunta Bill.

- É qualquer coisa sobre hera venenosa - diz ela lentamente, olhando para ele. - Oh, não é bem isso! Apenas, há uma noção sobre hera venenosa. Mike? - Não vem ao caso - replica Mike. - Você acabará lembrando. Conte-nos apenas aquilo de que se lembra, Bev.

Eu me lembro dos shorts azuis, *Beverly contaria a eles, e* de como estavam ficando desbotados, apertados nas coxas e traseiro. Eu tinha meio maço de Lucky Strike em um bolso e a atiradeira no outro... - *Lembra-se da atiradeira? - ela pergunta a Richie, mas todos eles assentem.*

- Bill me entregou a atiradeira - prossegue Beverly. - Eu não a queria, mas se... ele... - Sorri para Bill, um pouco tolamente. - Ninguém diria não ao Grande Bill, eis a verdade. Assim, fiquei com ela, e daí o motivo de, naquele dia, estar perambulando sozinha. Para treinar. Eu ainda não achava que teria coragem de usá-la, chegado o momento. Exceto... que a usei naquele dia. Era preciso. Liquidei uma delas... uma das partes da Coisa. Foi terrível. Ainda hoje, é horroroso pensar nisso. E uma das outras me pegou. Vejam. Ela ergue o braço e o vira, a fim de que todos vejam uma cicatriz na parte mais arredondada do braço. Dá a impressão de que um objeto quente e circular, mais ou menos do tamanho de um charuto Havana, foi pressionado contra apele. É uma cicatriz em baixo-relevo e, ao olhar para ela, Mike sente um arrepio. Este é um dos trechos da história sobre o qual suspeitava - como a relutante conversa frente a frente entre Eddie e Keene - mas sem nunca realmente tê-lo ouvido.

- Vocês tinham razão em uma coisa, Richie - diz ela. - A tal atiradeira matava mesmo. Eu a temia, mas também gostava dela. Richie ri e bate nas costas de Beverly. - Droga, eu sempre soube disso naquele tempo, bobinha.

- É mesmo?

- É mesmo - diz ele. - Era algo em seus olhos, Bevvie.

- Quero dizer, ela parecia um brinquedo, mas era real. *A gente podia fazer buracos em coisas.*

- E você fez um buraco em alguma coisa com a atiradeira, naquele dia - murmura Ben.

Ela afirma com a cabeça. - Foi Patrick que você... - Por Deus, não! - exclama Beverly. - Quem fez isso foi... um momento. - Ela esmaga a ponta do cigarro, sorve um gole da bebida e consegue controlar-se novamente. Por fim, está bem. Ora... não. De qualquer modo, tem a sensação de que é o máximo a que chegará esta noite. - Eu estava patinando, entendem? Então, levei um tombo e fiquei com uma boa esfoladura. Resolvi descer até os Barrens e treinar. Passei primeiro pelo clubinho, para ver se vocês estavam por lá. Não estavam. Só havia aquele cheiro de fumaça. Lembram-se de quanto tempo aquele lugar ficou cheirando a fumaça? Todos eles assentem, sorrindo.

- Acho que nunca perdeu o cheiro, não é? - diz Ben.
- Então, fui caminhando para o depósito de lixo - diz ela, - porque era lá que a gente... treinava. Lá estavam os nossos alvos, creio que vocês também davam esse nome, e eu sabia que encontraria montes de coisas em que atirar. Talvez até mesmo ratos. - Beverly faz uma pausa. Em sua testa, agora há uma leve película de suor. - Era nos ratos que eu queria atirar - diz finalmente. - Alguma coisa viva. Não uma gaivota - eu sabia que jamais atiraria em uma gaivota, - mas um rato... Sentia vontade de saber se conseguiria. "Foi ótimo eu ter ido pelo lado da Rua Kansas e não do Old Cape, porque lá não haveria muita cobertura perto da rampa da estrada de ferro. Eles me teriam visto e só Deus sabe o que poderia acontecer.

- Quem poderia v-v-ver vo-você?
- Eles - *responde Beverly. - Henry Bowers, Victor Criss, Arroto Huggins e Patrick Hockstetter. Estavam lá no depósito de lixo e... De repente, para espanto de todos, ela começa a dar risadinhas como uma criança, as faces tornando-se vermelho-rosadas. Continua dando as risadinhas, até as lágrimas lhe virem aos olhos.*

- Que diabo, Bev! - diz Richie. - Conte-nos a piada!
- Oh, foi mesmo uma piada, sem dúvida - replica ela. - Foi uma piada, mas acho que eles poderiam matar-me, se soubessem que eu vi.
- Ei, estou me lembrando! - exclama Ben, e começa a rir também. - Lembro que você nos contou! Rindo descontroladamente, Beverly fala:

- Eles tinham arriado as calças e estavam inflamando peidos. Houve um instante de chocado silêncio e então todos começaram a rir - e o som ecoou através da biblioteca. Pensando em exatamente como contar a eles a morte de Patrick Hockstetter, o primeiro detalhe que lhe vem à mente é como chegar ao depósito de lixo da cidade pelo lado da Rua Kansas. Tinha-se a impressão de penetrar em algum fantástico cinturão de asteróides. Havia uma ruela esburacada de terra batida (em realidade, uma rua da cidade: tinha até nome, Rua Old Lyme), que ia da Rua Kansas ao depósito de lixo, de fato a única rua que dava para os Barrens, usada pelos caminhões de lixo locais. Beverly caminhava perto da Rua Old Lyme, mas não por ela - havia ficado mais cautelosa (achava que todos eles também) - desde que o braço de Eddie fora fraturado. Em especial, quando estava sozinha. Abriu caminho através da confusão do matagal abaixo, evitando um trecho de hera venenosa, com suas avermelhadas folhas oleosas, sentindo o cheiro do lixo decomposto sendo queimado, ouvindo o grasnido das gaivotas. À sua esquerda, por falhas ocasionais na folhagem, ela podia ver a Rua Old Lyme.

Os outros permanecem voltados para ela, aguardando. Beverly examina seu maço de cigarros, constata que não há mais nenhum. Richie atira-lhe um dos seus. Ela acende o cigarro, olha em torno para eles, e diz:
- Quando a gente ia para o depósito de lixo, pelo lado da Rua Kansas, era mais ou menos como

2

penetrar em algum fantástico cinturão de asteróides. Um cinturão de lixóides. A princípio, nada mais havia além do mato rasteiro crescendo do solo esponjoso sob os pés do caminhante, mas logo via-se o primeiro lixóide: uma lata enferrujada, que um dia talvez contivera molho para espaguete ou uma garrafa de soda, repleta de insetos, atraídos pelos remanescentes adocicado-pegajosos da soda cremosa ou da cerveja choca. Então, surgia um vivido reflexo de sol, saltando de um pedaço de folha estanhada aderido a uma árvore. Era possível ver-se um estrado molejado de cama (ou passar sobre ele, quando não se via onde os pés pisavam) ou um osso que algum cachorro carregara, roera e abandonara. Em si, o depósito de lixo não era tão ruim - de fato, chegava a ser interessante, pensava Beverly. O irritante (e, de certo modo amedronta-dor) era a maneira dele espalhar-se, de criar aquele cinturão de lixóides. Ela agora estava chegando mais perto; as árvores tinham um porte maior, principalmente abetos, os arbustos rareavam. As gaivotas apinhavam-se e grasnavam seus gritos agudos, contendores, o ar estava pesado com o cheiro de coisas queimadas. Então, à direita de Beverly, formando um ângulo contra a base de um espruce, havia uma enferrujada geladeira Amana. Beverly olhou para ela, recordando vagamente o policial estadual que visitara sua classe, quando cursava o terceiro grau. Ele lhes dissera que coisas como geladeiras jogadas fora eram perigosas - uma criança podia entrar em uma, brincando de esconde-esconde, por exemplo, fechar a porta e morrer lá dentro. De qualquer modo, ela achava incrível que alguém pudesse querer entrar em uma velha e desconjuntada... Ouviu um grito, tão perto que a fez saltar. Um grito seguido por risadas. Beverly sorriu. Então, eles *estavam* ali. Tinham saído do clube subterrâneo por causa do cheiro da fumaça, e ido para o depósito de lixo. Talvez estivessem quebrando garrafas a pedradas ou apenas recolhendo coisas no lixo. Começou a caminhar um pouco mais depressa, a feia esfoladura recebida pouco antes agora esquecida, na ansiedade de encontrá-los... de *vê-lo,* com os cabelos rui vos tão parecidos aos seus, de ver se ele lhe sorriria daquela maneira tão curiosamente charmosa e peculiar - um sorriso meio de lado. Beverly sabia-se nova demais para amar um garoto, nova demais para ter algo mais além de "paixonites", mas amava Bill assim mesmo. Então, caminhava em passo mais acelerado, os patins oscilando pesadamente de seu ombro, a funda da atiradeira dele batendo macia contra sua nádega esquerda. Ela quase caminhou diretamente para o meio deles, antes de perceber que não era a sua turma, em absoluto, mas a de Bowers. Beverly saíra da espessura dos arbustos que a encobriam, e o lado mais íngreme do depósito de lixo ficava uns setenta metros à frente, uma cintilante avalancha de detritos, jazendo ao longo do alto ângulo da cascalheira. O trator de Mandy Fazio estava parado à esquerda. Muito mais perto, à frente dela, havia uma profusão de carros abandonados e imprestáveis. Ao fim de cada mês, eles eram prensados e levados a Portland, sendo

vendidos como sucata, porém agora havia uma dúzia ou mais, alguns pousados sobre eixos de rodas nuas, outros de lado, um ou dois jazendo sobre os tetos, como cachorros mortos. Estavam arrumados em duas fileiras, e Beverly desceu pelo desordenado corredor apinhado de lixo, como uma noiva punk do futuro, perguntando-se aereamente se poderia quebrar um pára-brisa com a "Tiro-certo". Um dos bolsos de seu short azul avolumava-se com as pequenas esferas de rolamento, que eram sua munição para treinar. As vozes e risadas chegavam de além dos carros abandonados e para a esquerda, na borda da própria lixeira. Beverly deu volta ao último veículo, um Studebaker do qual faltava toda a parte dianteira. Seu olá de cumprimento lhe morreu nos lábios. A mão que erguera para acenar não caiu exatamente ao lado do corpo; pareceu murchar. Seu primeiro pensamento, furiosamente constrangido, foi: *Oh, meu Deus, por que eles estão nus?*

Isto foi seguido pela assustadora percepção de quem eram eles. Beverly ficou gelada diante do meio Studebaker, sua sombra pregada aos calcanhares dos tênis decotados. Por um momento, foi inteiramente visível para eles; se algum dos quatro erguesse os olhos do círculo em que se agachavam, não deixaria de vê-la, uma menina de altura pouco mais que mediana, com um par de patins pendurado a um ombro, o joelho de uma comprida perna de poldra sangrando, a boca entreaberta, as faces vermelhas. Antes de voar para trás do Studebaker, ela viu que os garotos não estavam inteiramente nus; continuavam de camisa - as calças e cuecas é que tinham sido arriadas até os tornozelos, como se fossem Fazer o Número Dois (em seu choque, a mente de Beverly revertera automaticamente ao eufemismo que aprendera em criança pequenina, significando defecar) - mas quem já ouvira falar em quatro garotos fazendo o Número Dois ao mesmo tempo? Uma vez novamente fora de vista, seu primeiro pensamento foi fugir dali, fugir dali bem depressa. Seu coração batia forte, os músculos estavam pesados de adrenalina. Olhou em torno, vendo que não se preocupara em examinar os arredores ao caminhar para lá, imaginando que as vozes ouvidas eram de seus amigos. A fila de carros à esquerda era bastante escassa - os carros não estavam amontoados porta contra porta, como uma ou duas semanas antes, quando o prensador vinha transformá-los em rudes blocos de cintilante metal. Ela ficara exposta aos meninos várias vezes, enquanto subia até onde estava agora; se recuasse, ficaria novamente exposta e, desta vez, talvez eles a vissem. Além do mais, sentia uma certa vergonhosa curiosidade: afinal de contas, *o que*

estariam eles fazendo? Cuidadosamente, ela espiou em torno do Studebaker. Henry e Victor Criss estavam mais ou menos de frente em sua direção. Patrick Hockstetter se postava à esquerda de Henry. Arroto Huggins dava as costas para ela. Beverly observou o fato de que Arroto tinha um traseiro extremamente *grande,*

extremamente *peludo* e, de repente, risadinhas meio histéricas e sufocadas borbulharam em sua garganta, como o topo de um copo com cerveja. Precisou tapar a boca com as duas mãos e recuar de novo para trás do Studebaker, lutando para conter o riso.

Você tem que sair daqui, Beverly. Se eles a pegarem...

Olhou para trás, por entre os carros velhos, ainda com as mãos sobre a boca. O corredor teria uns três metros de largura, estava juncado de latas, cintilando com cacos de vidro, enxameado de ervas daninhas. Se fizesse o menor som, eles poderiam ouvi-la... particularmente se a concentração no que quer de estranho que estivessem fazendo diminuísse. Ao pensar na naturalidade e despreocupação com que chegara até ali, Beverly sentiu o sangue gelar. Além disso...

Diabo, o que eles podem *estar fazendo?*
Tornou a espiar, agora captando mais detalhes. Havia um bom número de livros e cadernos espalhados ao lado deles - material escolar. Então, tinham acabado de sair da aula do curso de férias, chamado pela maioria dos alunos de Escola para Burros ou Escola Faz-de-conta. E, como Henry e Victor encontravam-se de frente para ela, Beverly pôde ver suas *coisas.* Eram as primeiras *coisas* que via na vida, excetuando-se algumas fotos de um livrinho surrado que Brenda Arrowsmith lhe mostrara no ano anterior, mas naquelas fotos não se podia ver com grande nitidez. Agora, Bev observava que as coisas deles eram pequenos tubos pendurados entre as pernas. A de Henry era diminuta e pelada, mas a de Victor era bastante grande, com uma nuvem eriçada de finos pêlos negros logo acima.

Bill tem uma coisa daquelas, pensou Beverly e, de repente, todo o seu corpo pareceu enrubescer - o calor a varou em uma onda que a deixou estonteada, fraca e quase mal do estômago. Naquele momento, sentia mais ou menos o mesmo que Ben Hanscom no último dia de aula, olhando para seu bracelete de tornozelo e observando a maneira como cintilava ao sol... mas ele não passara pelo intermesclado senso de terror que ela experimentava agora. Beverly tornou a olhar para trás. Agora, a trilha entre os carros, levando ao refúgio dos Barrens, parecia muito mais comprida. Ela ficou com medo de sair dali. Se eles soubessem que vira suas *coisas,* provavelmente a *machucariam.* E não apenas um pouco. Eles a machucariam muito. Arroto Huggins deu um berro repentino, fazendo-a saltar. Henry gritou: - Um metro! Que bosta, Arroto! Foi *um* metro! Não foi, Vic? Vic concordou, e eles rugiram alegres risadas. Beverly tentou outra espiada em torno do dilapidado Studebaker. Patrick Hockstetter se virará, erguendo-se a meio, de maneira que ficara com o traseiro quase no rosto de Henry. Na mão de Henry havia um objeto prateado e brilhante. Após um momento de estudo, Beverly percebeu que era um isqueiro. - Você não disse que já tinha um a caminho? - perguntou Henry. - E senti mesmo - respondeu Patrick. - Direi a você quando. Prepare-se!... Prepare- se, já vai sair! Prep... *agora!*

Henry acendeu o isqueiro. No mesmo instante, soou o inconfundível som de um peido realmente importante. Não havia engano quanto a isso; Beverly já o ouvira vezes suficientes em casa, geralmente nas noites de sábado, após os feijões e salsichas. Seu pai era um apreciador contumaz de feijões. Quando Patrick peidou e Henry acendeu o isqueiro, ela viu algo que a deixou de queixo caído. Um vivo jato azulado de chama pareceu explodir diretamente do ânus de Patrick. A Bev, pareceu a luz-piloto em um aquecedor a gás. Os meninos tornaram a entoar suas alegres e ruidosas risadas, enquanto ela recuava para o abrigo do carro, tornando a sufocar as risadinhas. Estava rindo, mas não porque a cena a divertira. De algum modo estranho, aquilo era engraçado, claro, mas ela ria principalmente por sentir uma profunda repugnância, mesclada a certo horror. Ria, por saber que não existia outra forma de manejar o que tinha visto. Havia algo relacionado à visão das *coisas* dos garotos, mas isso não era tudo, em absoluto, nem ao menos a maior parte do que ela sentia. Afinal de contas, sabia que meninos tinham *coisas,* da mesma forma como sabia que meninas tinham *coisas* diferentes; o que tinha visto agora era apenas o que se poderia chamar de confirmação ocular. Contudo, o resto do que eles faziam parecia tão estranho e absurdo, ao mesmo tempo tão absolutamente primitivo que,

a despeito do ataque de riso, ela se viu recuando às apalpadelas para dentro de si própria, com certo desespero.
Pare, pensou, como se isto fosse a resposta. *Pare, antes que eles a ouçam, pare com esse riso, Bevvie!*
Era impossível. O melhor que pôde fazer foi rir sem ocupar as cordas vocais, de maneira que os sons escapavam em uma série de quase inaudíveis sopros, as mãos apertando a boca, as bochechas tão vermelhas como maçãs maduras, os olhos cheios de lágrimas. - Puta *merda,* isso *dói!* - rugiu Victor. - *Três metros e meio!* - berrou Henry. - Juro por Deus, Vic, foram *três metros e meio!* Juro pela minha *mãe!*

- Pouco importa se fossem até *seis* fodidos metros, o caso é que você queimou minha bunda! - bradou Victor. Houve mais risadas ruidosas. Ainda tentando rir silenciosamente, atrás do carro que a abrigava, Beverly pensou em um filme que vira na televisão. Jon Hall estivera no filme. Era sobre uma tribo da floresta, e eles tinham um rito secreto. Quem o visse, era sacrificado ao deus da tribo, um enorme ídolo de pedra. Isto não serviu para que ela parasse de dar aquelas risadinhas contidas, mas as infundiu de um quase frenesi. Tornaram-se mais e mais como gritos silenciosos. Seu estômago doía. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

3

Henry, Victor, Arroto e Patrick Hockstetter foram parar no depósito de lixo, aquela quente tarde de julho, acendendo peidos uns dos outros, por causa de Rena Davenport. Henry sabia o que resultava do consumo de grandes quantidades de feijões assados. Esse resultado talvez fosse melhor expresso em uma pequena estrofe que aprendera nos joelhos do pai, quando ainda vestia calças curtas:

> *Comidinha musical é o feijão, feijão! Quanto*
> *mais você o come, mais você buzina! Quanto*
> *mais você buzina, mais você se anima! E então*
> *fica querendo comer outra porção*

Fazia quase oito anos que Rena Davenport e seu pai namoravam. Ela era gorda, quarentona, e geralmente desmazelada. Henry supunha que seu pai e Rena às vezes trepavam, embora não pudesse imaginar ninguém achatando o corpo sobre o de Rena Davenport. O orgulho de Rena eram os feijões que preparava. Deixava-os de molho nas noites de sábado e os assava em fogo lento durante todo o domingo. Henry apreciava o prato - afinal de contas, era algo que se podia enfiar na boca e mastigar - mas após oito anos,
qualquer coisa perdia o charme. Não que Rena se satisfizesse em fazer apenas um pouco de feijão assado; ela o preparava em enormes quantidades. Quando aparecia nas noites de domingo, em seu velho De Soto verde (com uma bonequinha nua de borracha pendurada no retrovisor, parecendo a mais jovem vítima de um linchamento no mundo), em geral tinha os feijões para os Bowers fumegando no assento ao seu lado, em uma lata de aço galvanizado com capacidade para doze galões. Eles três comiam os feijões aquela noite (Rena desfazendo-

se em elogios à comida que fazia, o louco Butch Bowers grunhindo e limpando caldo de feijão com um pedaço de pão ou simplesmente dizendo a ela para calar a boca, se houvesse algum jogo sendo transmitido pelo rádio, e Henry apenas comendo, olhando para fora pela janela, ocupado em seus pensamentos - tinha sido sobre um prato dos feijões de domingo à noite que ele havia concebido a idéia de envenenar Mr. Chips, o cachorro de Mike Hanlon) e, na noite seguinte, Butch esquentava mais uma porção deles. Nas terças e quartas, Henry levava uma caixa de plástico cheia deles para a escola. Nas quintas e sextas, nem ele e nem o pai agüentavam comer mais aquilo. Os dois dormitórios da casa impregnavam-se do fedor de peidos chocos, a despeito das janelas abertas. Butch recolhia as sobras do feijão assado, misturava-as a outras sobras e, com aquilo, alimentava Bip e Bop, os dois porcos dos Bowers. Rena chegaria no domingo seguinte com outro latão fumegante, e o ciclo reiniciava-se. Naquela manhã, Henry juntara uma enorme quantidade de sobras do feijão assado, e eles quatro haviam comido tudo ao meio-dia, sentados no playground, à sombra de um frondoso e velho olmo. Comeram até quase rebentar. Patrick é que tivera a idéia de irem ao depósito de lixo, razoavelmente sossegado no meio de um dia de trabalho, em uma tarde de verão. Assim, quando chegaram lá, os feijões já estava fazendo um efeito retumbante.

4

Pouco a pouco, Beverly conseguiu controlar-se novamente. Ela sabia que precisava ir embora dali; arriscar-se a uma retirada era decidida-mente menos perigoso do que permanecer nos arredores. Os garotos estavam absorvidos pelo que faziam e, mesmo que acontecesse o pior, ela já contava com certa vantagem (e, no fundo da mente, já decidira; se o pior chegasse ao terrível, alguns balaços com a atiradeira poderiam desencorajá-los). Ia começar a esgueirar-se para longe, quando Victor disse: - Preciso ir agora, Henry. Meu pai quer que o ajude a colher milho esta tarde. - Oh, que merda! - disse Henry. - Ele se arranjará. - Não. Vai é ficar louco da vida comigo. Por causa do que aconteceu no outro dia. - Ele que se foda, se não sabe aceitar uma piada. Beverly ouviu mais atentamente agora, desconfiando que poderiam estar comentando a briga que terminara com o braço de Eddie fraturado. - Não, eu tenho que ir. - Acho que quer ir porque está com a bunda doendo - disse Patrick. - Vê lá como fala, cara de bosta - replicou Victor. - Isso podia ter sido com você. - Eu também preciso ir embora - disse Arroto. - Seu pai quer que você colha milho? - perguntou Henry, irritado. Na mente de Henry, isto era o que poderia ser classificado como piada, porque o pai de Arroto era falecido. - Não, mas tenho trabalho. Entregar o *Weekly Shopper.* Preciso fazer a entrega esta noite. - Que história é essa de entregar o *Weekly Shopper?* - perguntou Henry, agora parecendo não apenas perturbado, mas também enfurecido. - É um *trabalho* - respondeu Arroto, com infinita paciência. - Eu ganho *dinheiro.*

Henry emitiu um som de aborrecimento, e Beverly arriscou outra espiada, em torno do carro. Victor e Arroto estavam em pé, afivelando os cintos. Henry e Patrick continuavam agachados, de calças ainda arria-das. O isqueiro cintilava na mão de Henry. - *Você* não vai fugir da raia, vai? - perguntou Henry a Patrick. - Negativo - disse Patrick. - *Você* não tem que colher milho nem fazer algum trabalho idiota? - Negativo - repetiu Patrick. - Bem - disse Arroto, vacilante. - Vejo você qualquer hora, Henry.- Claro - replicou Henry, lançando uma cusparada perto de um dos rústicos sapatos de trabalho que Arroto calçava. Vic e Arroto encaminhavam-se juntos na direção das duas fileiras de carros velhos... rumo ao Studebaker, atrás do qual Beverly se agachava. A princípio, ela apenas encolheu-se, gelada de medo, como um coelho. Depois deslizou para o lado esquerdo do Studebaker, agachando-se no espaço entre ele e um castigado Ford sem as portas, que ficava ao lado. Parou por um momento, olhando de um lado para o outro, ouvindo os dois que se aproximavam. Vacilou, a boca seca como algodão, as costas coçando por causa do suor; uma parte de seu cérebro estava entorpecida, perguntando-se como ficaria, engessada como Eddie, com os nomes dos Perdedores assinados no gesso. Então, mergulhou para dentro do Ford, no lado do passageiro. Enovelou-se sobre o piso imundo, encolhendo-se o mais possível. O calor era fervente no interior daquele resto de carro, tão forte o cheiro de poeira, de estofamento apodrecido e fezes antigas de ratos, que ela precisou lutar tenazmente para não espirrar ou tossir. Ouviu Arroto e Vic passarem perto, falando em voz baixa. Em seguida, eles se foram. Beverly espirrou três vezes, rápida e caladamente, nas mãos em concha sobre a boca. Achou que agora poderia ir embora, se tomasse cuidado. A melhor maneira, seria deslizar para o lado do motorista no Ford, esgueirar-se de volta ao corredor entre os carros empilhados e então, simplesmente evaporar-se dali. Imaginou que poderia dar um jeito, mas o choque de quase ter sido descoberta a deixara sem coragem, pelo menos por enquanto. Sentia-se mais segura ali, dentro do Ford. Enfim, agora que Victor e Arroto tinham ido embora, era provável que os dois restantes não demorassem muito no depósito de lixo. Então, ela voltaria ao clube subterrâneo. Havia perdido todo o interesse em praticar tiro-ao-alvo. Além disso, precisava urinar.

Vamos, pensou. *Vamos logo, vão embora depressa, vão embora depressa, por FAVOOR!*

Um momento mais tarde, ouviu o rugido de Patrick, uma mistura de riso e de dor. - Quase dois metros! - gritou Henry. - Parecia um fodido maçarico! Juro por Deus! Houve silêncio por algum tempo. O suor escorria pelas costas de Beverly. O sol varava o pára-brisa rachado do Ford e caía em sua nuca. A bexiga ficava mais opressa. Henry gritou tão alto que Beverly, à beira de cochilar, apesar de seu desconforto, quase deu um grito também. - Que *merda,* Hockstetter! Você me assa a bunda! O que está fazendo com esse isqueiro? - Três metros! - Patrick deu uma risadinha (apenas seu som fez Bev sentir-se gelada e repugnada, como se tivesse visto um verme coleando em sua salada). - Três metros ou faltando centímetros para isso, Henry. Azul-vivo. Três metros ou faltando centímetros! Juro por Deus! - Me dê isso - grunhiu Henry.

Andem, andem, seus imbecis, vão embora, caiam fora!
Quando Patrick tornou a falar, foi em voz tão baixa, que Bev mal a ouviu. Se houvesse a menor brisa naquela tarde causticante, nem perceberia que ele falara. - Quero lhe mostrar uma coisa - disse Patrick. - O quê? - perguntou Henry. - Apenas uma coisa. - Patrick fez uma pausa. - Gostosa. - O quê? - tornou a perguntar Henry. A seguir, houve silêncio.

Não quero espiar, não quero ver o que eles agora estão fazendo e, por outro lado, podem me ver, o mais provável é que me vejam. Você já gastou todo o seu estoque de sorte hoje, garota. Portanto, fique quieta onde está. Nada de bisbilhotar...
Contudo, a curiosidade superava o bom senso. Havia algo estranho naquele silêncio, algo um tanto assustador. Ela ergueu a cabeça, centímetro a centímetro, até conseguir espiar através do pára-brisa sujo e rachado. Não precisava preocupar-se em ser vista; os dois estavam muito concentrados no que Patrick fazia. Ela não entendeu o que via, mas sabia que não era boa coisa... Claro, jamais esperaria algo diferente de Patrick, mas aquilo era tão... tão *esquisito!*
Patrick tinha uma das mãos ente as coxas de Henry e a outra entre as suas próprias. Uma das mãos parecia bater delicadamente na *coisa* de Henry; com a outra mão, Patrick esfregava a sua. Bem, ele não a esfregava, exatamente - era como se... a *espremesse,* puxando-a, deixando-a encolher-se outra vez.
O que ele está fazendo? perguntou-se Beverly, assombrada. Ela não sabia, não com certeza, mas aquilo a amedrontava. Nunca ficara tão amedrontada assim, desde o sangue que fora expelido pelo ralo da pia do banheiro, salpicando tudo em volta. Lá no fundo, alguma coisa dizia que, se a descobrissem vendo aquilo, eles fariam mais do que machucá-la - de fato, poderiam matá-la. Ainda assim, não conseguia desviar os olhos. Viu que a *coisa* de Patrick tinha ficado um pouco mais comprida, embora não muito; ainda pendia entre suas pernas, como uma cobra sem espinha. A de Henry, no entanto, crescera de maneira espantosa. Estava ereta, rija e dura, quase batendo em sua barriga. A mão de Patrick subia e descia, subia e descia, às vezes parando para apertar, às vezes fazendo cócegas naquele saco estranho e pesado, debaixo da *coisa* de Henry.

São os colhões dele, pensou Beverly. *Os meninos têm que andar com eles o tempo todo? Céus, eu ficaria* louca! Outra parte de sua mente então sussurrou: *Bill também tem.*
Por conta própria, sua mente a visualizou segurando-os, descansando-os na concha da mão, apalpando sua contextura... e aquela sensação quente tornou a percorrê-la, transformando-se em furioso rubor. Henry olhava para a mão de Patrick, como que hipnotizado. Seu isqueiro jazia no cascalho rochoso ao lado, refletindo o ardente sol da tarde. - Quer que eu ponha na boca? - perguntou Patrick. Seus lábios grossos, cor de fígado, sorriam complacentemente. - O quê? - exclamou Henry, como se despertado de sono profundo. - Se você quiser, eu o ponho na boca. Não me... A mão de Henry movimentou-se, meio crispada, não inteiramente fechada. Patrick foi jogado para trás. Sua cabeça bateu nó solo coberto de cascalho. Beverly tornou a mergulhar para seu esconderijo, o coração disparando no peito, os dentes trincados para evitar um trêmulo gemido. Após derrubar Patrick, Henry se virará e, por um momento, pouco antes dela recuar, agachar-se enovelada no lado do passageiro, sobre a base da alavanca de mudança, teve a impressão de que os olhos dele haviam encontrado os seus.

Por favor, meu Deus, o sol batia nos olhos dele, rezou. *Por favor, sinto muito ter espiado. Por favor, Deus!*
A seguir, houve uma pausa agoniante. Sua blusa branca estava colada ao corpo pelo suor. Gotículas como sementes peroladas brilhavam sobre os braços queimados de sol. Sua bexiga latejou dolorosamente, dando-lhe a impressão de que logo molharia as calcinhas. Esperou que o rosto louco e furioso de Henry surgisse pela abertura onde estivera a porta do passageiro no Ford, certamente era o que ia acontecer - como ele teria deixado de vê-la? Ele a arrastaria dali e a machucaria. Ele... Um novo e ainda mais terrível pensamento ocorreu-lhe. Novamente, precisou empenhar-se em doloroso e entorpecido esforço para evitar molhar as calcinhas. E se ele lhe fizesse algo com sua *coisa?* Supondo-se que quisesse colocar aquilo em alguma parte dela? Beverly sabia *onde* esperar que isso fosse feito, claro; parecia que o conhecimento brotara subitamente em seu cérebro de todo desperto. Então, pensou que, se Henry tentasse pôr sua *coisa* nela, ficaria louca.

Por favor, não, por favor, Deus, não deixe que ele me tenha visto, por favor, está bem?

Então, ouviu Henry falar e, para seu crescente horror, percebeu que a voz dele vinha de algum lugar bem mais próximo. - Não gosto desse negócio de bichas. A voz de Patrick soou mais distante: - Você estava gostando! - *Não* gostei! - gritou Henry. - E se contar pra alguém que gostei, eu *mato* você, sua bichinha fodida! - Você ficou duro - disse Patrick sua voz soando como se ele estivesse sorrindo. Por mais que Beverly temesse Henry Bowers, aquele sorriso não a surpreendeu. Patrick era louco, talvez ainda mais louco do que Henry - e pessoas *tão* loucas não tinham medo de nada. - Eu vi. Pisadas rangeram sobre o cascalho do solo - cada vez mais perto. Beverly ergueu os olhos, esbugalhados. Através do velho pára-brisa do Ford, agora podia ver por trás a cabeça de Henry. Ele se virará para Patrick, mas se desse meia-volta... - Se contar a alguém, eu conto que você é um chupador de pau - disse Henry. - E depois te mato. - Você não me mete medo, Henry - respondeu Patrick com uma risadinha, - mas se me der um dólar, eu talvez não conte. Henry remexeu-se, inquieto. Virou-se ligeiramente: agora, Beverly podia ver um quarto de seu perfil, não apenas a parte de trás da cabeça. *Por favor, Deus, por favor, Deus!* pediu incoerentemente, e sua bexiga latejou mais forte. - Se contar - disse Henry, em voz baixa e deliberada, - eu conto o que você anda fazendo com os gatos. E com os cachorros também. Conto pra todo mundo sobre a geladeira. E sabe o que vai acontecer, Hockstetter? Eles virão apanhar você e o levarão para o hospício. Silêncio de Patrick. Henry tamborilou com os dedos no capo do Ford onde Beverly se escondia. - Ouviu o que eu disse? - Ouvi. - Patrick agora parecia carrancudo. Carrancudo e um pouco amedrontado. Gritou: - Mas você gostou! Ficou de pau duro! O maior pau duro que já vi! - Certo, e aposto que você já viu um bocado deles, sua bichinha ordinária. Não vá esquecer o que falei sobre a geladeira. *Sua* geladeira. E se eu tornar a ver você por aí, acabo com a sua raça! Mais silêncio de Patrick.

Henry afastou-se. Beverly o viu passar junto ao lado do motorista, no Ford onde se abrigara. Se ele olhasse para a esquerda, mesmo ligeiramente, não deixaria de vê-la. Contudo, não olhou. Um momento mais tarde, ela o ouvia encaminhando-se para a direção tomada por Victor e Arroto. Agora, restava apenas Patrick. Beverly esperou, mas nada aconteceu. Passaram uns cinco minutos. Sua necessidade de urinar agora era desesperada. Conseguiria segurar por apenas mais dois ou três minutos. Não ter certeza de onde se encontrava Patrick, agora a deixava inquieta. Tornou a espiar pelo pára-brisa e o viu, sentado no mesmo lugar. Henry esquecera o isqueiro. Patrick colocara seus apetrechos escolares em uma pequena sacola-bolsa de lona, que pendurara em torno do pescoço, como um jornaleiro, mas as calças e a cueca ainda estavam caídas à volta dos tornozelos. Ele brincava com o isqueiro. Girava a rodinha, produzia uma chama quase invisível no dia tão claro, batia a tampa, apagava a chama e começava tudo de novo. Parecia hipnotizado. Uma linha de sangue escorria-lhe da boca ao queixo e os lábios estavam inchados no canto direito. Parecia não perceber e, novamente, Beverly sentiu um estremecimento de repugnância. Patrick era louco, sem dúvida; em toda a sua vida, ela jamais sentira tanta vontade de fugir das proximidades de alguém. Movendo-se com a máxima cautela, rastejou por trás da alavanca de mudança do Ford e comprimiu-se sob o volante. Colocou os pés no chão e esgueirou-se para a traseira do carro. Então, correu rapidamente pelo caminho em que chegara. Quando penetrou no seio dos pinheiros, além dos carros velhos, olhou por sobre o ombro. Não havia ninguém ali. O depósito de lixo dormitava ao sol. Com alívio, sentiu afrouxar-se a tensão em torno do peito e do estômago, restando apenas a necessidade de urinar, agora tão forte que quase a fazia passar mal. Desceu apressadamente um curto trecho da trilha e então embrenhou-se à direita. Quase havia amado os shorts, antes que os arbustos se fechassem de novo às suas costas. Olhou em volta rapidamente, para certificar-se de que não havia qualquer hera venenosa por ali; então, agachando-se, segurou-se a um arbusto para manter o equilíbrio. Estava puxando outra vez os shorts para cima, quando ouviu passos que se aproximavam, da direção do depósito de lixo. Tudo que ela pôde ver através dos arbustos foram lampejos de denim azul e de uma blusa escolar desbotada. Era Patrick. Ela tornou a mergulhar no matagal, esperando que ele seguisse em frente, rumo à Rua Kansas. Beverly agora sentia mais segurança em sua posição. A cobertura era boa, não sofria mais a ânsia de urinar, e Patrick estava alheado, imerso em seu mundo fantástico. Assim que ele se fosse, ela refaria o caminho percorrido e iria para o clube. Contudo, Patrick não seguiu em frente. Parou na trilha, em um ponto quase oposto a Beverly, e ficou olhando para a enferrujada geladeira Amana. Beverly podia observá-lo através de uma abertura quase invisível entre os arbustos, sem demasiada possibilidade de ser descoberta. Aliviada agora, sentia-se novamente tomada de curiosidade - e se Patrick por acaso a visse, tinha certeza de que poderia correr mais do que ele. Não era um garoto tão gordo quanto Ben, mas era mole, lerdo. Por precaução, ela apanhou a atiradeira no bolso traseiro e deixou meia dúzia de esferas de aço no bolso do peito da camisa. Louco ou não, se ela lhe acertasse o joelho, Patrick perderia rapidamente toda a vontade de persegui-la. Beverly agora se lembrava bem daquela geladeira. Havia montes de geladeiras imprestáveis no depósito de lixo mas, de repente, ocorreu-lhe ser aquela a única que Mandy Fazio não desmontara, fosse destruindo o mecanismo do fecho com um alicate ou simplesmente retirando a porta inteira.

Patrick começou a cantarolar, balançando-se para a frente e para trás, diante da velha geladeira enferrujada. Beverly sentiu um novo arrepio percorrer-lhe a espinha. Ele era como um sujeito em um filme de terror, tentando evocar um cadáver para fora de uma cripta.

O que ele pretenderá?

Se ela já soubesse a resposta ou o que aconteceria quando Patrick encerrasse seu ritual privado e abrisse a porta enferrujada da velha Ama-na, teria fugido dali, correndo o mais depressa possível.

5

Ninguém - nem mesmo Mike Hanlon - fazia a mais leve idéia de quão louco Patrick Hockstetter era realmente. Patrick tinha doze anos, sendo filho de um vendedor de tintas. Sua mãe era uma devota católica, que faleceria de câncer do seio em 1962, quatro anos após Patrick ser consumido pela sombria entidade que existia em e abaixo de Derry. Embora seu QI fosse dado como normal-baixo, ele já repetira dois graus, o primeiro e o terceiro. Estava fazendo o curso de férias daquele verão, a fim de não precisar repetir também o quinto. Suas professoras o consideravam um aluno apático (isto fora anotado por várias delas, nas escassas seis linhas dos boletins da Escola Elementar de Derry, reservadas aos COMENTÁRIOS DO PROFESSOR, além de possuir uma personalidade perturbadora (o que nenhuma delas anotou - suas considerações eram demasiado vagas, demasiado difusas, para serem expressas em sessenta linhas, quanto mais seis). Se ele houvesse nascido dez anos mais tarde, um conselheiro poderia tê-lo orientado para um psicólogo infantil, que poderia (ou não poderia; Patrick era muito mais inteligente do que indicavam os desbotados resultados sobre seu QI) perceber as aterradoras profundezas por trás daquele rosto redondo, pálido e indolente. Ele era um sociopata, e talvez, por volta daquele quente julho de 1958, se houvesse tornado um psicopata completo. Ele não conseguia recordar uma época em que acreditasse que as outras pessoas - aliás, quaisquer outros seres vivos - fossem "reais". Ele se julgava um ser verdadeiro, talvez o único existente no universo, mas de modo algum convencia-se de que isso o tornava "real". Exatamente, não possuía nenhum senso de machucar e nenhum senso verdadeiro de ser machucado (sua indiferença ao ser espancado na boca por Henry, no depósito de lixo, confirmava isso). Contudo, embora achando a realidade um conceito absolutamente sem sentido, compreendia o conceito de "regras" perfeitamente. E, apesar de todas as professoras o haverem considerado estranho (tanto a Sra. Douglas, professora do quinto grau, como a Sra. Weems, que fora professora de Patrick no terceiro grau, sabiam sobre o estojo de lápis cheio de moscas e, embora não ignorassem totalmente as implicações, tinham vinte e vinte e oito alunos mais, cada um deles com seus próprios problemas), nenhuma delas enfrentou problemas disciplinares com ele. Patrick podia entregar provas inteiramente em branco - ou tendo apenas um grande e decorativo ponto de interrogação - e a Sra. Douglas descobrira ser melhor mantê-lo afastado das meninas, por causa de suas mãos e dedos atrevidos, mas ele era quieto, tão quieto, que em certas ocasiões poderia ser tomado por um grande bloco de argila, cruelmente modelado para ter a aparência de um menino. Era fácil ignorar um Patrick, que fracassava quietamente, quando se tinha que manejar garotos como Henry Bowers e Victor Criss, ativamente perturbadores e insolentes, meninos capazes de roubar o dinheiro para o leite ou destruir alegremente a propriedade escolar (se tivessem a menor oportunidade), além de meninas como a infortunadamente chamada Elizabeth Taylor, que

era epiléptica e cujas raras e pobres células cerebrais só funcionavam esporadicamente, precisando ser desencorajada a levantar o vestido, no pátio de recreio, para exibir calcinhas novas. Em outras palavras, a Escola Elementar de Derry era a típica e confusa feira de diversões educacional, um circo com tantas arenas, que o próprio Parcimonioso passaria despercebido. Certamente, nenhuma das professoras de Patrick (e, por falar nisto, nem seus pais) desconfiava que, quando tinha cinco anos, ele assassinara Avery, o irmão bebê. Patrick não gostara, quando sua mãe voltara do hospital para casa trazendo Avery. Ele pouco ligava (ou, a princípio, assim dizia para si mesmo) se os pais tivessem dois, cinco ou cinco dúzias de filhos, desde que o filho ou filhos não modificassem sua norma de vida. Contudo, descobriu que isso não acontecia com Avery. As refeições saíam atrasadas. O bebê chorava à noite e o acordava antes da hora, de manhã. Parecia que seus pais viviam debruçados sobre o berço e, muitas vezes, quando tentara atrair-lhe a atenção, Patrick percebera ser impossível. Em uma das raras vezes em sua vida, Patrick sentiu medo. Ocorreu-lhe que, se os pais o tinham trazido do hospital para casa, e que, se ele *era* "real", então Avery também podia ser "real". Era até possível que quando Avery crescesse o suficiente para andar e falar, para entregar ao pai o exemplar do *News* de Derry, deixado na escada da varanda da frente, ou para passar à mãe as tigelas, quando ela assava pão, seus pais decidissem livrar-se dele, Patrick, inteiramente. Ele não receava que os pais dedicassem mais amor a Avery (embora para Patrick fosse óbvio que

gostavam mais do bebê e, neste caso, seu julgamento provavelmente fosse correto). O importante para ele era (1) que as normas tinham sido rompidas ou modificadas com a chegada de Avery, (2) a possível realidade de Avery, e (3) a possibilidade de que eles se livrassem *dele,* em favor de Avery. Certa tarde, por volta de duas e meia, Patrick foi ao quarto de Avery, logo depois que o ônibus escolar o trouxera do jardim de infância, freqüentado na parte da tarde. Era janeiro. Lá fora, a neve começava a cair. Um vento forte varria o Parque McCarron e chocalhava as gélidas janelas contra tempestade, no andar de cima. Sua mãe cochilava no quarto dela; Avery dera trabalho, durante toda aquela noite. Seu pai estava trabalhando. Avery dormia de bruços, a cabeça virada para um lado. Com seu rosto de lua cheia sem a menor expressão, Patrick virou a cabeça de Avery, de modo que o rosto do bebê ficasse pressionado diretamente contra o travesseiro. Avery emitiu um ruído fungado e virou a cabeça para o lado. Patrick observou isto e meditou a respeito, enquanto a neve se derretia de suas botas amarelas, formando uma poça no chão. Isso durou talvez uns cinco minutos (a agilidade mental não era uma especialidade em Patrick), e então ele tornou a virar a cabeça do bebê contra o travesseiro, mantendo-a nessa posição por um momento. Avery agitou-se sob sua mão, forcejando para libertar-se. Contudo, o forcejar era fraco. Patrick o soltou. Avery tornou a virar a cabeça para o lado, emitiu um gritinho e continuou dormindo. O vento soprava, sacudindo as janelas. Patrick esperou, a fim de ver se aquele grito único acordara sua mãe. Não acordou. Agora, ele se sentia tomado de intenso excitamento. O mundo parecia perfilar-se diante dele claramente, pela primeira vez. Seu equipamento emocional era seriamente deficiente e, naqueles escassos momentos, Patrick sentiu o que sentiria alguém incapaz de perceber as cores, recebendo uma injeção que lhe permitisse vê-las, por um curto período... ou um viciado que, tendo acabado de tomar uma dose, seu cérebro disparara para o alto como um foguete, entrando em órbita. Aquilo era uma coisa nova. Ele nem suspeitava de sua existência.

Com toda delicadeza, virou de novo o rosto de Avery contra o travesseiro. Desta feita, quando o bebê forcejou, Patrick não o soltou. Ficou pressionando-lhe o rosto mais firmemente no travesseiro. Agora, Avery emitia sons abafados, e Patrick sabia que ele estava acordado. Tinha uma vaga idéia de que o irmãozinho caçula poderia denunciá-lo à mãe, se o soltasse. Assim, continuou firme. A criancinha lutava. Patrick a segurava forte. O bebê peidou. Sua agitação diminuiu, mas Patrick continuou a mantê-lo contra o travesseiro. Eventualmente, ele ficou imóvel por completo. Patrick ainda o pressionou por outros cinco minutos, sentindo o excitamento aumentar e depois começar a baixar: o efeito da injeção cessava, o mundo tornava a ficar cinzento, a dose abrandando-se para um familiar e tristonho cochilo. Patrick desceu para o térreo, encheu um prato de biscoitos e despejou leite em um copo. Sua mãe apareceu meia hora depois, dizendo que não o ouvira chegar, *tão* cansada estava *(você não se cansará mais, mamãe,* pensou Patrick, *não se preocupe, eu dei um jeito nisso)*. Ela se sentou junto dele, comeu um de seus biscoitos e perguntou como fora a escola. Patrick respondeu que estava tudo bem e mostrou a ela a casa e uma árvore que desenhara. A folha de papel estava coberta de enigmáticos garranchos espiralados, feitos com lápis preto e marrom. Sua mãe disse que o desenho ficara muito bonito. A cada dia, Patrick trazia para casa os mesmos garranchos espiralados em marrom e preto. Às vezes ele dizia que era um peru, outras uma árvore de Natal ou um menino. Sua mãe sempre falava que eram lindos desenhos... embora volta e meia, tão fundo em seu íntimo que mal sabia estar lá, palpitasse certa preocupação. Havia qualquer coisa um tanto inquietante na escura mesmice daqueles enormes garranchos cheios de curvas negras e marrons. Ela só descobriu a morte de Avery perto das cinco da tarde; até então, pensou apenas que ele tirava uma soneca extremamente longa. A essa altura, Patrick via *Coelho Cruzado* na televisão de sete polegadas, e continuou sentado diante dela durante todo o tumulto que se seguiu. *Helicópteros* estava no ar, quando chegou a Sra. Henley, vizinha do lado (aos gritos, sua mãe estivera segurando o cadáver do filho pequenino diante da porta aberta da cozinha, acreditando, de alguma forma cega, que o ar gelado poderia revivê-lo; Patrick sentiu frio e vestiu um suéter, que apanhou no armário embutido do andar térreo). Estava passando *Patrulha Rodoviária,* o programa favorito de Ben Hanscom, quando o Sr. Hockstetter chegou do trabalho. Na hora em que o médico apareceu, o *Teatro de Ficção Científica,* apresentando seu convidado Truman Bradley, mal havia começado. "Quem sabe que estranhas coisas o universo pode conter?" especulava Truman Bradley, enquanto a mãe de Patrick dava gritos estridentes e forcejava nos braços do marido, na cozinha. O médico observou a profunda calma e a expressão não questionante de Patrick, deduzindo que o menino estava em choque. Queria fazê-lo tomar uma pílula. Patrick a tomou. O diagnóstico foi de "morte no berço". Anos mais tarde, poderia haver perguntas sobre semelhante fatalidade, discordâncias da costumeira síndrome de morte infantil observada. Entretanto, naquela época, a morte era apenas registrada e a criança sepultada. Patrick ficou satisfeito com o fato de que, após a situação finalmente entrar nos eixos, suas refeições serem de novo servidas no horário previsto. Na loucura daquela tarde e daquela noite - pessoas entrando e saindo da casa, as luzes vermelhas da ambulância do Home Hospital pulsando sobre as paredes, a Sra. Hockstetter chorando, gemendo e recusando ser consolada - somente o pai de Patrick chegou a uma levíssima distância da verdade. Ficou parado e aturdido ao lado do berço vazio de Avery por uns vinte minutos após levarem o corpo, apenas parado ali, incapaz de acreditar no que tinha acontecido. Olhando para baixo, viu um par de pegadas no assoalho de madeira. Tinham sido feitas pela neve que se derretera das botas amarelas de

Patrick. Olhou para aquelas pegadas, e então um pensamento terrível brotou levemente em seu cérebro, como gás venenoso escapando de uma profunda galeria de mina. Sua mão foi lentamente até a boca e os olhos dilataram-se. Um quadro começou a tomar forma em sua mente. Antes que as formas ficassem nítidas, ele saiu do quarto, batendo a porta com tanta força que o topo do batente estilhaçou-se. Ele jamais fez uma só pergunta a Patrick. E Patrick nunca mais tornou a fazer algo semelhante, embora o tivesse feito, havendo oportunidade. Ele não sentiu a menor culpa, não teve pesadelos. Quando o tempo foi passando, no entanto, ficou mais cônscio do que poderia ter-lhe acontecido, se houvesse sido apanhado. Havia normas. Coisas desagradáveis acontecem à gente, quando as infringimos... ou se somos apanhados por infringi-las. A pessoa podia ser presa ou mandada para a cadeira elétrica. No entanto, aquela recordada sensação de excitamento - o senso de cor e a própria emoção - era poderosa e maravilhosa demais, para que ele se emendasse por completo. Assim, Patrick matava moscas. A princípio, somente as esmagava com o mata-moscas de sua mãe; mais tarde, descobriu que podia matá-las com a mesma eficiência usando uma régua de plástico. Descobriu também as alegrias do papel pega-moscas. Uma comprida tira gomada custava dois centavos no Mercado da Avenida Costello e, às vezes, Patrick ficava até duas horas na garagem, vendo as moscas aterrarem e então se debaterem pela liberdade. Boquiaberto, os olhos cinzentos brilhando ante o raro excitamento, o suor escorrendo pelo rosto redondo e o corpo grandalhão, ele se deliciava com aquilo que via. Patrick matava besouros mas, se possível, primeiro os capturava. Em certas ocasiões, tirava uma agulha da almofada de alfinetes da mãe, empalava nela um besouro de bom tamanho e ficava sentado de pernas cruzadas no jardim, vendo-o morrer. Em tais momentos, sua expressão era a de um menino lendo um livro muito bom. Houve uma vez em que descobriu um gato atropelado, agonizando na sarjeta da Rua Main, Setor de Baixo, e ele ficou lá, espiando, até que uma velha senhora o viu espremendo o animal que miava e sofria, com a ponta do pé. Ela o afugentou com a vassoura que estivera usando para varrer a calçada. *Vá para casa!* havia gritado. *O que você é, louco?* Patrick fora para casa. Não ficou irritado com a velha. Apenas fora surpreendido infringindo as normas, nada mais. Então, no ano anterior (a essa altura nem Mike Hanlon nem os outros ficariam surpresos se soubessem que, de fato, isso acontecera no mesmo dia em que George Denbrough tinha sido assassinado), Patrick descobrira a enferrujada geladeira Amana - um dos maiores lixóides no cinturão em torno do depósito de lixo em si. Como Beverly, ele ouvira os avisos acauteladores sobre tais utilidades domésticas abandonadas, sobre como um monte de crianças encontrava a morte dentro delas, a cada ano. Patrick tinha ficado contemplando a geladeira por muito tempo, ociosamente tilintando as moedinhas que tinha no bolso. Aquele excitamento voltara a brotar, mais forte do que nunca, exceto pela vez em que dera cabo de Avery. O excitamento voltara porque, entre as assustadoras mas fumegantes idéias que lhe passavam pelo cérebro, ele descobrira uma nova fonte de sensações. Uma semana mais tarde, os Luce, que moravam três casas após a dos Hockstetter, perderam seu gato Bobby. Os garotos Luce levaram horas vasculhando a vizinhança, procurando o gato que nunca se ausentara dos arredores. Chegaram a fazer uma vaquinha com seu dinheiro e colocaram um anúncio na coluna de Achados e Perdidos, no *News* de Derry. Nada resultou do anúncio. E, se algum deles vira Patrick esse dia, mais volumoso do que nunca em sua parka de inverno, cheirando a naftalina (após terminada a enchente

daquele outono de 1957, ficara terrivelmente frio quase que em seguida), carregando uma caixa de papelão, nada acharia de estranho nisso. Os Engstrom, residentes um quarteirão acima e quase diretamente atrás da casa dos Hockstetter, perderam seu filhote cocker uns dez dias antes do Dia de Graças. Outras famílias perderam cães e gatos nos seis ou oito meses seguintes e, claro, Patrick fora o responsável pelo desaparecimento de todos eles, não se falando em uma dúzia de vira- latas capturados na área do Meio Acre do Inferno, em Derry. Incluindo-se os gatos vadios. Ele os colocava dentro da enferrujada Amana, perto do depósito de lixo, um por um. A cada vez que levava um animal para lá, com o coração disparando no peito, os olhos ardendo e aquosos de excitamento, esperava descobrir que Mandy Fazio arrancara o fecho da geladeira ou as dobradiças da porta, com seu alicate. Contudo, Mandy nunca tocou naquela geladeira em particular. Talvez nem percebesse que ela estava ali, talvez a força da vontade de Patrick o mantivesse distante... ou talvez alguma outra força fizesse isso. Foi o cocker dos Engstrom que durou mais tempo. Apesar do frio intenso, ele continuava vivo quando Patrick voltou pela terceira vez em três dias, embora houvesse perdido toda a animação (ele abanara a cauda e batera as patas freneticamente ao ser tirado da caixa de papelão e passado para o interior da geladeira). Quando Patrick retornou, um dia após haver posto o cãozinho lá, o cocker quase escapara. Patrick tivera que persegui-lo pelo depósito de lixo, antes que ele saltasse para fora dali, e o segurara por uma pata traseira. O filhote mordera seu captor, com dentinhos afiados. Patrick não se incomodou. Apesar das dentadas, tinha levado o cãozinho de volta à geladeira e o trancara lá dentro. Ao fazer isso, produzira-se uma ereção. Aliás, isso não era incomum em Patrick. No segundo dia, o filhote tentara escapar novamente, porém seus movimentos estavam demasiado lentos. Patrick o jogou outra vez dentro da geladeira, bateu a porta enferrujada da Amana e recostou-se contra ela. Podia ouvir o cachorrinho arranhando aquela porta. Podia ouvir seus ganidos abafados. “Bom cachorro”, disse Patrick Hockstetter. Estava de olhos fechados, respirando acelerado. “Aí está um bom cachorro”. No terceiro dia, o cãozinho conseguiu apenas girar os olhos para o rosto de Patrick, quando a porta se abriu. Os lados de seu corpo moviam-se rápida e superficialmente na respiração. Quando Patrick voltou no dia seguinte, o cocker estava morto, com um punhado de espuma congelada em volta da boca e do focinho. Isto fez Patrick pensar em doce de coco, e ele riu como um louco, enquanto tirava o cadáver congelado de dentro da geladeira-da-morte e o jogava no matagal. O suprimento de vítimas (que Patrick considerava “animais para teste”, quando chegava a pensar nelas) tinha sido escasso naquele verão. Deixando de lado as questões sobre realidade, seu senso de autopreservação era bem desenvolvido e sua intuição excelente. Desconfiava de que desconfiavam dele. Não tinha certeza sobre a pessoa: o Sr. Engstrorrt? Talvez. O Sr. Engstrom se virará e envolvera Patrick em um longo olhar especulativo na loja A & P, em um dia daquela primavera. O Sr. Engstrom comprava cigarros e Patrick fora mandado comprar pão. A Sra. Josephs? Talvez. Ela ficava sentada à janela de sua sala de visitas com um telescópio, em certas ocasiões. Segundo a Sra. Hockstetter, a Sra. Josephs era uma “bisbilhoteira”. O Sr. Jacubois, que tinha um adesivo da ASPCA (S*ociedade Protetora dos Animais - N. da T.*) no pára-choque traseiro de seu carro? O Sr. Nell? Alguém mais? Patrick não tinha certeza, mas a intuição lhe dizia que suspeitavam dele, e ele nunca discutia com sua intuição. Havia capturado alguns animais

vadios entre as moradias decadentes que havia no Meio Acre, escolhendo apenas aqueles que pareciam magros ou doentes, mas isso era tudo. Então, descobriu que a geladeira perto do depósito de lixo vinha exercendo uma influência singularmente poderosa sobre ele. Começou a desenhá-la na escola, quando estava entediado. Às vezes sonhava com ela, à noite; em seus sonhos, a Amana teria uns vinte metros de altura, era um sepulcro alvacento, uma cripta gelada e majestática ao luar friorento. Naqueles sonhos, a porta gigantesca se abria e ele via olhos enormes que o fitavam. Acordava suando frio, mas percebeu que não podia abdicar inteiramente das alegrias proporcionadas pela geladeira. Hoje, finalmente ele descobria quem suspeitava dele. Bowers. Saber que Henry Bowers tinha nas mãos o segredo da geladeira-da-morte, deixava Patrick o mais próximo do pânico que sua personalidade permitia. Aliás, não era tão próximo como se suporia - não era exatamente medo, mas inquietação mental - algo opressivo e desagradável. Henry sabia. Sabia que Patrick Hockstetter às vezes infringia as normas. Sua última vítima fora um pombo que ele encontrara na Rua Jackson, dois dias antes. O pombo havia sido apanhado por um carro e não podia voar. Patrick foi para casa, pegou sua caixa na garagem e colocou o pombo dentro dela. Ele lhe bicou as costas da mão várias vezes, deixando pequenos furos superficiais e sangrentos. Patrick não se incomodou. Ao examinar a geladeira no dia seguinte, o pombo estava morto, porém ele não removeu o corpo. Agora, ante a ameaça de Henry contar, ele decidira ser melhor livrar-se o quanto antes do pombo morto. Talvez até trouxesse um balde com água e alguns trapos, a fim de esfregar o interior da geladeira. O cheiro que se irradiava dali nada tinha de agradável. Se Henry abrisse o bico e o Sr. Nell resolvesse verificar, perceberia que algo - de fato, vários algos - havia morrido ali dentro. Se *ele contar,* pensou Patrick, parado rente aos pinheiros e olhando para a enferrujada Amana, *contarei que ele quebrou o braço de Eddie Kaspbrak.* Naturalmente, eles sem dúvida já sabiam disso, mas nada podiam provar, porque a *turma* dissera que todos haviam estado brincando na casa de Henry naquele dia. Por outro lado, o maluco pai de Henry confirmara a mentira. *De qualquer modo, se ele contar, eu conto também. Olho por olho.*

Agora não era o momento de preocupar-se com isso. O que precisava fazer o quanto antes era livrar-se da ave. Deixaria aberta a porta da geladeira e voltaria, trazendo os trapos e a água para a limpeza. Bem pensado. Patrick abriu a porta da geladeira para sua própria morte. A princípio, ficou apenas intrigado, incapaz de compreender aquilo que via. Não significava nada para ele, em absoluto. Não tinha contexto. Ele se limitou a ficar espiando, com a cabeça de banda, os olhos arregalados. O pombo não passava de um esqueleto, cercado por um punhado de penas amassadas. Não sobrara carne alguma em seu corpo. E, à volta dele, aderindo às paredes internas da geladeira, pendendo de sob o compartimento do congelador, oscilando nas prateleiras gradeadas, havia dúzias de objetos de cor de carne, semelhantes a grandes conchas de massa para macarrão. Patrick viu que eles se moviam levemente, tremulando, como se levados por uma brisa. Contudo, não havia brisa alguma. Ele franziu a testa. De repente, uma daquelas coisas parecidas com conchas distendeu asas de inseto. Antes que Patrick pudesse fazer algo mais do que registrar o fato, aquilo voara a distância entre a geladeira e o braço esquerdo dele, onde bateu com um som de tapa. Houve um instante de calor, que logo desapareceu, sem que houvesse qualquer diferença no braço... mas a carne pálida da criatura-concha ficou primeiro rosada e então, com chocante rapidez, vermelho-rosada.

Embora Patrick não temesse quase nada, no sentido comum da palavra medo (é difícil ter medo de coisas que não são "reais"), houve pelo menos uma coisa que o deixou enfurecido. Quando tinha sete anos, havia saído do Lago Brewster, em um quente dia de agosto, com quatro ou cinco sanguessugas penduradas em seu estômago e pernas. Ele ficara rouco de tanto gritar, até que seu pai as extraíra. Agora, em implacável jato de inspiração, ele percebeu que aquilo era alguma esquisita espécie de sanguessuga voadora. Elas haviam infestado a geladeira. Patrick começou a gritar e bater na coisa sobre seu braço. Ela havia inchado até quase o tamanho de uma bola de tênis. Na terceira pancada, rachou-se, com um repugnante som chiado. Sangue - o sangue *dele* - salpicou-lhe o braço, do cotovelo ao pulso, mas a cabeça gelatinosa e sem olhos da criatura continuava presa à pele. De certa forma, era como a cabeça estreita de um pássaro, terminando em uma estrutura à maneira de bico, mas esse bico não era chato ou pontudo, e sim tubular, rude, como a tromba de um mosquito. Essa tromba continuava enterrada no braço de Patrick. Ainda gritando, segurou aquela cabeça entre os dedos e puxou. A tromba saiu inteira, seguida por um fluxo aquoso de sangue, misturado a certo líquido branco- amarelado, como pus. A criatura produzira um buraco indolor em seu braço, mais ou menos do tamanho de uma moeda de dez centavos. E a criatura, embora tendo explodido, continuava a torcer-se, mover-se e buscar seus dedos. Patrick a jogou longe, virou-se... e mais delas voaram da geladeira, pousando sobre ele, quando já estendia a mão para o fecho da Amana. Aterraram em suas mãos, braços e pescoço. Uma lhe tocou a testa. Quando Patrick levantou o braço, querendo arrancá-la, viu mais quatro em sua mão, tremulando ligeiramente, ficando primeiro rosadas, depois vermelhas. Não havia dor... mas *havia* uma hedionda sensação de *escoamento.* Gritando, rodopiando, batendo na cabeça e pescoço com as mãos incrustadas de sanguessugas, Patrick Hockstetter bradava mentalmente: *Isto não é real, é só um pesadelo, não se preocupe, não é real, nada é real.,,*

Contudo, o sangue que fluía das sanguessugas esmagadas parecia bastante real, como parecia real o som do zumbido de suas asas... e como parecia muito real o seu próprio terror. Uma delas caiu dentro de sua camisa e fixou-se no peito. Enquanto ele batia nela freneticamente e via a mancha de sangue aumentar acima do lugar em que a sanguessuga se fixara, outra incrustou-se em seu olho direito. Patrick o fechou, mas não adiantou; sentiu uma breve ardência, no momento em que a tromba da criatura furou a pálpebra e começou a sugar o fluido de seu globo ocular. Patrick sentiu o olho murchar na órbita e tornou a gritar. Uma sanguessuga voou para dentro de sua boca, quando ele a abriu para o grito, e se aninhou sobre a língua. Tudo era quase indolor. Caminhando aos tropeções, Patrick começou a subir a trilha que levava ao cemitério de carros velhos. As criaturas parasitas pendiam de todo ele. Algumas bebiam ao máximo e então explodiam como balões; quando isto acontecia com as maiores, já haviam sugado quase um quarto de litro de sangue quente. Ele pôde sentir a sanguessuga dentro de sua boca começando a inchar, e então abriu os maxilares, porque o único pensamento coerente que lhe restava era de que ela não devia explodir ali; não devia, não devia. Entretanto, explodiu ali, dentro de sua boca. Patrick ejetou uma enorme golfada de sangue misturado com carne-parasita, à maneira de vômito. Caindo no chão de cascalhos

e terra, ele começou a rolar de um lado para outro, ainda gritando. Pouco a pouco, o som de seus gritos foi diminuindo, como que vindo de muito longe. Um momento antes de perder os sentidos, ele viu uma figura sair de trás do último carro abandonado. A princípio, Patrick pensou que fosse um homem, talvez Mandy Fazio. Então, estaria salvo. Contudo, assim que a figura chegou mais perto, deixou ver um rosto escorrendo como cera. Às vezes, a "cera" começava a endurecer e parecia algo - ou alguém - mas logo recomeçava a escorrer, como se a figura não se tivesse decidido quem ou o que desejava ser. - Olá e adeus - disse uma voz borbulhante, saindo de trás daquelas feições derretidas. Patrick tentou gritar novamente. Não queria morrer; como a única pessoa "real", não *deveria* morrer. Se morresse, todos os demais no mundo morreriam com ele. A coisa em forma de homem segurou seus braços incrustados de sanguessugas, começando a puxá-lo na. direção dos Barrens. A ensangüentada sacola de livros agitava- se e batia contra o lado do corpo dele, a alça continuando torcida à volta de seu pescoço. Ainda tentando gritar, Patrick perdeu a consciência. Voltou a si apenas uma vez: quando em algum inferno escuro, fedorento e gotejante, onde nenhuma luz brilhava, nenhuma luz em absoluto, A Coisa começou a alimentar-se.

6

A princípio, Beverly não tinha bem certeza do que via ou do que estava acontecendo... somente percebia que Patrick Hockstetter começara a saltitar, dançar e gritar. Levantou-se cautelosamente, com a atiradeira em uma das mãos e duas esferas de rolamento na outra. Podia ouvir Patrick desaparecendo da trilha, gritando a plenos pulmões. Naquele momento, Beverly deixava intuir, em cada centímetro seu, a beleza de mulher em que se tornaria e, se Ben Hanscom estivesse por ali e a visse, seu coração certamente não suportaria tamanha emoção. Ela estava empertigada, a cabeça bandeada para a esquerda, os olhos arregalados, os cabelos em trancas atadas com dois pequenos laços vermelhos, que havia comprado no Dahlie's por dez centavos. Sua postura era de total atenção e concentração; era felina, semelhante à de um lince. Deslocara o peso do corpo para diante, sobre o pé esquerdo, quase se virando como se fosse seguir Patrick. As pernas dos shorts desbotados haviam- se erguido o suficiente para mostrar a borda das calcinhas de algodão amarelo. Abaixo delas, suas pernas já eram uniformemente musculosas, belas, apesar dos arranhões, esfoladuras e manchas de terra.

É um truque. Ele viu você e sabe que provavelmente não conseguiria pegá-la em uma perseguição justa, portanto está tentando fazê-la sair do esconderijo. Não vá, Bevvie!

Contudo, algo lhe dizia que havia demasiada dor e medo naqueles gritos. Beverly gostaria de ter visto o que havia acontecido a Patrick - se é que acontecera alguma coisa - com mais nitidez. Acima de tudo, gostaria de ter ido aos Barrens por um caminho diferente, deixando de ver toda aquela tolice. Os gritos de Patrick cessaram. Pouco depois, Beverly ouvia algo falar - no entanto, sabia que *só* podia ser imaginação sua. Ouviu seu pai dizer "Olá e adeus". Seu pai nem mesmo estava *em* Derry nesse dia: partira para Brunswick às oito da manhã. Ele e Joe Tammerly iam apanhar um caminhão Chevrolet em Brunswick. Beverly sacudiu a

cabeça, procurando arejá-la. A voz não tornou a falar. Evidentemente, fora imaginação sua. Saiu do meio dos arbustos para a trilha, disposta a correr, tão logo visse Patrick arremetendo em sua direção, o desencadeamento de suas reações sendo tão delicado como as vibrações captadas por bigodes de gato. Seus olhos percorreram a trilha e arregalaram-se. Havia sangue ali. Um bocado de sangue.

Sangue falso, insistiu sua mente. *Você pode comprar uma garrafa cheia no Dahlie's, por quarenta e nove centavos. Cuidado, Bevvie!*
Ajoelhando-se, ela tocou rapidamente o sangue com os dedos, que depois observou bem de perto. Não era sangue falso. Houve uma ligeira ardência em seu antebraço esquerdo, logo abaixo do cotovelo. Baixando os olhos, viu algo que, de início, imaginou ser algum tipo de carrapicho. Não - não era um carrapicho. Carrapichos não se agitavam e batiam asas. Aquilo era uma coisa viva. Um momento depois, percebeu que aquilo a estava *mordendo.* Deu uma pancada forte com as costas da mão direita e aquilo foi esmagado, salpicando sangue. Beverly recuou um passo, pronta para gritar, agora que acabara com o tipo de inseto... mas então viu que ele não morrera. A cabeça informe do troço continuava agarrada a seu antebraço, o bico enterrado em sua carne. Com um gritinho de repugnância e medo, ela a puxou, vendo a tromba da coisa sair de sua carne como uma pequena adaga, gotejando sangue. Beverly então compreendeu a presença do sangue na trilha, oh, claro que sim, e seus olhos se voltaram para a geladeira. A porta batera, fechando-se e aferrolhando-se novamente, porém vários daqueles parasitas tinham ficado do lado de fora e rastejavam repugnantemente pela porcelana branca enferrujada. Enquanto Beverly olhava, uma das coisas agitou as asas membranosas para voar e, zumbindo, partiu em sua direção. Ela agiu sem pensar, carregando uma das esferas de aço na taça da atiradeira e puxando as correias para trás. Quando os músculos do braço esquerdo flexionaram-se maciamente, ela viu o sangue esguichar do orifício que o parasita produzira em seu antebraço. Disparou seu projétil.

Merda! Errei! pensou, quando a esfera de rolamento saiu em disparada, reluzindo ao sol. Mais tarde, contaria aos outros Perdedores ter *sabido* que errara a pontaria, da mesma forma como um jogador de boliche sabe que perdeu a jogada, tão logo a bola mal lançada larga sua mão. No entanto, viu a esfera de rolamento *curvar-se.* Aconteceu em uma fração de segundo, mas deu para perceber: a trajetória descrevera uma *curva.* A esfera atingiu a coisa voadora e a esmagou. Houve um chuveiro de gotículas amareladas, salpicando a trilha. Beverly recuou lentamente a princípio, os olhos esbugalhados, os lábios trêmulos, o rosto em uma chocada tonalidade branco-acinzentada. Ela olhava para a frente da geladeira rejeitada, esperando ver se alguma daquelas outras coisas podia farejá-la ou pressenti-la. Contudo, os parasitas apenas rastejaram lentamente de um lado para outro, como moscas de outono, entorpecidas pelo frio. Por fim, ela deu meia-volta e correu. O pânico era um pano de fundo sombrio para seus pensamentos, mas Beverly não se deixou dominar inteiramente por ele. Segurava a "Tiro-certo" na mão esquerda e olhava por sobre o ombro de quando em quando. Havia ainda sangue brilhantemente salpicado na trilha e folhas de alguns arbustos que a marginavam, como se Patrick houvesse cambaleado de um lado para outro, enquanto corria.

Beverly tornou a irromper na área dos carros abandonados. À frente dela havia uma mancha de sangue maior, mal começando a ser absorvida pela terra coberta de cascalho solto. O solo parecia desordenado, com tiras mais escuras de terra, surgindo na superfície pulverizada de branco. Como se ali tivesse havido uma luta. Dois sulcos, distantes entre si cerca de uns setenta centímetros, levavam para longe daquele lugar. Beverly fez alto, ofegando. Olhou para o antebraço e ficou aliviada ao ver que o fluxo de sangue finalmente diminuía, embora a parte inferior do antebraço e a palma da mão estivessem manchados e pegajosos com ele. A dor começava agora, um latejamento surdo e firme. Era como sentia a boca, após uma hora no dentista, quando o efeito da novocaína começava a diluir-se. Tornou a olhar para trás, não viu nada, e então concentrou-se de novo naqueles sulcos afastando-se dos carros empilhados, indo para fora do depósito de lixo e penetrando nos Barrens.

Aquelas coisas estavam na geladeira. Voaram todas para cima dele - claro que voaram, basta ver toda esta sangueira. Ele chegou até aqui, e então (olá e adeus) algo mais aconteceu. O quê?

Com um horrível pavor, ela compreendeu que sabia o que acontecera. As sanguessugas eram uma parte da Coisa. Elas haviam impelido Patrick para outra parte da Coisa, assim como um novilho em pânico é impelido para o deslizador, indo parar no matadouro.

Saia daqui! Saia daqui, Bevvie!

Em vez de ir embora dali, ela acompanhou os sulcos na terra, segurando a "Tiro- certo" apertadamente na mão suada.

Pelo menos, chame os outros!

Eu chamarei... daqui a pouco.

Continuou caminhando, seguindo os sulcos, enquanto o solo se enladeirava e ficava mais fofo. Seguiu-os por entre vegetação maciça novamente. Em algum lugar, uma cigarra zumbiu ruidosamente, depois ficando em silêncio. Mosquitos pousavam em seu antebraço sujo de sangue. Ela os expulsava com gestos bruscos. Tinha os dentes cravados no lábio inferior. Havia algo caído no chão mais adiante. Abaixou-se, apanhou-o e o examinou. Era uma carteira de notas artesanal, do tipo que uma criança teria feito, como trabalho manual na Casa Comunitária. Contudo, era óbvio para Bev que a criança não tinha grande queda para o trabalho artesanal; os enormes pontos de plástico já se soltavam, e o compartimento para notas balançava como uma língua solta. Encontrou vinte e cinco centavos no compartimento para moedas. Na carteira só havia mais um cartão de biblioteca, feito em nome de Patrick Hockstetter. Beverly jogou a carteira a um lado, com seu cartão de biblioteca e tudo. Limpou os dedos nos shorts. Quinze metros além, ela encontrou um tênis. O matagal agora estava demasiado denso para permitir que seguisse os sulcos no solo, porém uma pessoa não precisava ser rastreadora profissional para seguir os salpicos e gotas de sangue nas folhagens. A trilha agora descia em ângulo muito inclinado. Bev falseou o pé uma vez, escorregou e foi riscada por espinhos. Novas linhas de sangue surgiram na parte superior das coxas. Ela agora respirava depressa, os cabelos suados grudavam-se ao couro cabeludo. As manchas de sangue conduziam a uma das trilhas menos usadas através dos Barrens. O Kenduskeag estava próximo. O outro tênis de Patrick, com os cordões manchados de sangue, jazia abandonado na trilha.

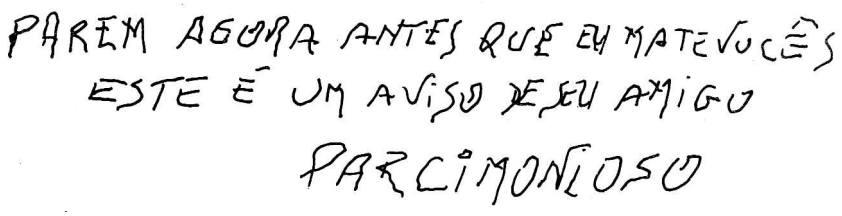
Beverly aproximou-se do rio, com a atiradeira pronta para entrar em ação. Os sulcos na terra tinham reaparecido. Eram mais rasos agora - *isto é porque ele perdeu os tênis,* pensou ela. Contornou uma última curva e chegou ao rio. Os sulcos desciam até a margem e levavam decididamente a um daqueles cilindros de concreto - uma das estações de bombeamento. Ali paravam. A cobertura de ferro coroando o topo daquele cilindro, estava ligeiramente fora do lugar. Enquanto ela permanecia acima, olhando para baixo, um forte e monstruoso risinho satisfeito subiu repentinamente das profundezas. Era demais. O pânico que a ameaçava baixou de todo. Dando meia-volta, Beverly correu na direção da clareira e do clube subterrâneo, erguendo o ensangüentado antebraço esquerdo para proteger o rosto contra os galhos que a vergastavam e machucavam.

Às vezes eu também me preocupo, papai, pensou aloucadamente. *Às vezes eu me preocupo um BOCADO.*

7

Quatro horas mais tarde, todos os Perdedores (com exceção de Eddie), agachavam-se entre os arbustos, perto do local em que Beverly ficara escondida e vira Patrick Hockstetter dirigir-se à geladeira, abrindo-a. O céu escurecera com nuvens carregadas e o cheiro de chuva pairava no ar novamente. Bill segurava a ponta de um comprido pedaço de cordel para pendurar roupas lavadas. Os seis haviam juntado seu dinheiro disponível e comprado aquela linha, assim como um estojo de primeiros-socorros Johnson's, para Beverly. Bill afixara cuidadosamente um pedaço de gaze tamponada sobre o orifício sangrento no braço dela. - D-D-Diga a s-seus pa-pais, que le-levou uma q-q-queda pa-pa-patinando - sugeriu ele. - Meus patins! - exclamou ela, inquieta, pois os tinha esquecido inteiramente. - Estão ali - apontou Ben. Os patins jaziam em um monte, não muito longe, e ela foi apanhá-los, antes que Ben, Bill ou qualquer dos outros fizesse isso. Recordava agora que os tinha deixado de lado, antes de urinar. Não queria nenhum dos outros naquele lugar. O próprio Bill amarrara uma ponta do cordel de roupas ao fecho da geladeira Amana, embora todos se tivessem aproximado dela juntos, prontos a fugir ao menor sinal de movimento. Bev quisera devolver a atiradeira a Bill, mas este insistira para que ficasse com a "Tiro-certo". Afinal, nada se moveu quando chegaram perto. Embora a área na trilha diante da geladeira estivesse suja de sangue, os parasitas tinham sumido. Talvez houvessem voado para longe. - A gente poderia trazer o Chefe Borton e o Sr. Nell aqui, além de mais uma centena de tiras, sem que adiantasse alguma coisa - comentou amargamente Stan Uris. - Exato. Eles não veriam nadinha - concordou Richie. - Como está o braço, Bev? - Doendo. - Ela fez uma pausa, olhou de Bill para Richie e depois novamente para Bill. - Será que meu pai e minha mãe veriam o buraco que aquela coisa fez em meu braço? - A-A-Acho q-que n-não - disse Bill. - P-Preparem-se p-p-para co-co-correr. Vou a-amarrar o c-c-cordel.

Ele enfiou a ponta em laço do cordel de roupas em torno da maçaneta cromada e pontilhada de ferrugem da geladeira, trabalhando com o cuidado de um homem desativando uma bomba. Fez um nó cego e então recuou, segurando o cordel. Sorriu de leve e tremulamente para os outros, quando os viu a alguma distância.- Uau! - suspirou. - A-Ainda b-b-bem que t-te-terminou! Agora, a uma distância segura (assim esperavam) da geladeira, Bill tornou a dizer a eles que se preparassem para correr. Um trovão ribombou diretamente acima deles e todos saltaram. As primeiras gotas esparsas começaram a cair. Bill deu um puxão no cordel, o mais forte que pôde. O nó cego e a laçada deslizaram para fora do fecho, mas não antes de o terem movido, abrindo novamente a porta da geladeira. Uma avalanche de pompons alaranjados caiu do interior, e Stan Uris soltou um gemido doloroso. Os outros apenas ficaram olhando fixamente, boquiabertos. A chuva caiu mais forte. As trovoadas sucediam-se acima deles, fazendo com que se encolhessem. Relâmpagos púrpura-azulados explodiram no momento em que a porta da geladeira escancarou-se. Foi Richie quem viu primeiro e gritou, um grito agudo, estridente. Bill também gritou, entre amedrontado e enraivecido. Os outros ficaram em silêncio. Escritas no interior da porta, escritas em sangue seco, estavam estas palavras:



A ventania misturou-se à chuva que caía. A porta da geladeira balançava-se para diante e para trás no vento que aumentava, as letras nela pintadas começaram a desbotar e escorrer, assumindo a terrível, horrenda aparência de um pôster de filme de horror. Bev não percebeu que Bill se levantara, até vê-lo avançar pela trilha que levava à geladeira. Ele sacudia os dois punhos fechados. A água corria por seu rosto abaixo e lhe colava a camisa às costas. - *N-Nós vamos m-m-matar você!* - gritou Bill. O trovão estrondeou e encheu os ares. O relâmpago cintilou com tal brilho, que Bev pôde sentir-lhe o cheiro e, não muito distante dali, houve o som cortante, estilhaçante, de uma árvore caindo. - Volte, Bill! - Richie estava gritando. - Volte, cara! Ele começou a levantar-se, mas Ben o puxou para trás de novo.- *Você matou meu irmão George! Seu filho da puta! Seu filho da mãe! Seu miserável! Apareça agora! Vamos, apareça!*

A tempestade desabou com fúria, uma chuva de granizo que os atingia mesmo através dos arbustos protetores. Beverly levantou o braço para proteger o rosto. Pôde ver vergões vermelhos nas faces molhadas de Ben. - Bill, volte! - gritou ela, desesperada. Outra trovoada sufocou-lhe a voz. O ribombo rolou através dos Barrens, por sob as baixas nuvens escuras. - *Apareça agora, seu fodido!*

Bill chutou furiosamente o monte de pompons que haviam caído de dentro da geladeira. Virando-se, começou a caminhar para junto dos amigos, agora de cabeça baixa. Parecia não sentir o granizo, embora este já cobrisse o solo como neve.

Irrompeu entre os arbustos e Stan precisou agarrar-lhe o braço, a fim de evitar que ele fosse direto para os espinheiros. Bill chorava. - Está tudo bem, Bill - disse Ben, passando um braço desajeitado à volta dele. - Sim - disse Richie. - Não se preocupe. Não vamos fugir da raia. - Virou-se para os outros, verrumando-os com os olhos que cintilavam furiosamente no rosto molhado. - Alguém aqui vai fugir da raia? Os outros negaram com a cabeça. Bill ergueu o rosto, enxugando os olhos. Estavam todos encharcados até os ossos, mais parecendo uma ninhada de cachorrinhos que acabasse de vadear um rio. - A C-C-Coisa t-tem m-m-medo de n-n-nós, v-vocês s-s-sabem - disse Bill. - Eu p- posso s-s-sentir is-isso. Ju-Juro p-por De-Deus c-como pos-pos-posso! Bev assentiu, com ar sério. - Acho que você tem razão. - Aj-Aj-Ajudem-m-m-me - disse Bill. - P-P-Por fa-favor. A-A-Ajudem -m-m-me. - Nós ajudaremos - disse Beverly. Ela o abraçou. Não percebera com que facilidade seus braços o envolveriam, o quanto ele era magro, Podia sentir o coração de Bill batendo debaixo da camisa; podia senti-lo perto do seu. Pensou que jamais um contato parecera tão doce e tão forte. Richie passou os braços à volta deles e deitou a cabeça no ombro de Beverly. Ben fez o mesmo, do outro lado. Stan Uris passou os braços em torno de Richie e Ben. Mike vacilou, mas então deslizou um braço pela cintura de Beverly e outro pelos ombros trêmulos de Bill. Ficaram assim, abraçados, e o granizo transformou-se em chuva pesada, uma chuva tão forte que quase parecia haver uma nova atmosfera. O relâmpago caminhou e o trovão falou. Eles permaneceram em silêncio. Beverly tinha os olhos apertadamente fechados. Os Perdedores continuaram abraçados na chuva, um grupo entrelaçado, ouvindo-a sibilar nos arbustos. Era isso que ela recordava mais: aquele som de chuva, o partilhado silêncio deles e uma vaga melancolia por Eddie não estar ali. Beverly recordava estas coisas. Recordava que se sentira muito jovem e muito forte.

CAPÍTULO 18

A atiradeira

1

- Muito bem, Monte de Feno - diz Richie. - É a sua vez. A ruiva fumou todos os seus cigarros e a maioria dos meus. A hora se faz tardia. Ben ergue os olhos para o relógio. Sim, é tarde: quase meia-noite. O tempo exato para mais uma história, *pensa ele.* Mais uma história antes das doze. Apenas para manter- nos aquecidos. Qual será? *Ora, naturalmente, isso não passa de piada, embora não sendo das melhores; resta somente uma história, pelo menos que ele recorde, a história das balas de prata - como foram feitas na bancada da oficina caseira de Zack Denbrough, na noite de 23 de julho, e como foram usadas no dia 25.*

- Também tenho minhas cicatrizes - diz ele. - Lembram-se? Beverly e Eddie abanam a cabeça: Bill e Richie assentem. Mike permanece silencioso, os olhos vigilantes no rosto cansado.
Levantando-se, Ben desabotoa a camisa de trabalho que veste, abrindo-a para os lados. Uma velha cicatriz, na forma da letra H, surge aos olhos dos demais. Suas linhas estão interrompidas - o ventre era bem maior quando a cicatriz foi feita ali - porém sua forma continua identificável. A profunda cicatriz, ficando ainda mais funda após o traço horizontal do H, para baixo, é bastante nítida. Assemelha-se a uma corda de enforcado, branca e torcida, da qual foi cortado o nó corredio. Beverly leva a mão à boca. - O lobisomem! Naquela casa! Oh, Jesus Cristo! Então ela se vira para as janelas, como se para vê-lo esgueirando-se lá fora, na escuridão.- Tudo bem - diz Ben. - E querem saber de uma coisa engraçada? Essa cicatriz não estava aqui, há duas noites. O que estava era o velho cartão de visitas de Henry. Sei disso, porque a mostrei a um amigo, um dono de bar chamado Ricky Lee, lá em Hemingford Home. Contudo, esta aqui... - Ele ri, sem muito humor, e começa a abotoar a camisa outra vez. - Esta acabou de voltar. - Como aquelas em nossas mãos. - *Exato - diz Mike, quando Ben torna a abotoar a camisa. - O lobisomem. Daquela vez, todos vimos A Coisa como o lobisomem.*

- Porque foi como R-R-Richie viu A C-Coisa antes - murmura Bill. - Não é verdade?

- Sim - diz Mike.
- Estivemos bem perto, não foi? - exclama Beverly. Sua voz é doce, cheia de admiração. - Perto o bastante de lermos as mentes uns dos outros.
- O velho Bicho Cabeludo quase fez ligas para meias com as suas tripas, Ben - diz Richie, e não está sorrindo ao falar. Ele empurra os óculos emendados para o alto do nariz e, atrás deles, seu rosto está alvacento, emaciado e espectral.

- Bill salvou seu bacon - diz Eddie abruptamente. - Quero dizer, Bev salvou todos nós, mas se não fosse você, Bill...
- Certo - concorda Ben. - Você conseguiu, Grande Bill. Eu estava, como se diz, perdido na casa de doidos. Bill aponta brevemente para a cadeira vazia.

- Tive alguma ajuda de Stan Uris. E ele pagou pelo que fez. Talvez por isso tenha morrido. Ben Hanscom está sacudindo a cabeça.

- Não diga isso, Bill.
- Ora, mas é v-verdade. E se você t-teve c-culpa, eu também t-tive, t-todos nós aqui tivemos, porque continuamos. Mesmo depois de Patrick e do que estava escrito naquela ge-geladeira, nós continuamos. Acho que a c-culpa maior seria minha, porque eu que-que-queria *que nós seguíssemos em frente. Por causa de Ge-George. Inclusive, talvez porque eu achasse que, matando o que quer que houvesse m-matado George, meus p-p-pais voltariam a a-a-a... - Voltariam a amá-lo? - pergunta Bev, gentilmente.*

- Sim. Claro. Contudo, n-não creio que tenha sido c-c-culpa de mais n-ninguém, Ben. Apenas, Stan e-era como era. Tinha n-nascido assim.- Ele não podia enfrentar os fatos - diz Eddie.

Está pensando na revelação do Sr. Keene sobre seu remédio contra a asma, e como ainda não conseguiu desistir da medicação. Está pensando que poderia ter sido capaz de desistir do hábito de ser doente; era o hábito de acreditar, *que o tornou incapaz de desistir. Aliás, do jeito em que ficaram as coisas, talvez esse hábito tivesse salvo sua vida.*

- Ele esteve grande naquele dia - diz Ben. - Stan e seus pássaros... Um risinho satisfeito passa por entre eles, e olham para a cadeira onde Stan estaria, em um mundo decente e sadio, no qual os bons sujeitos vencem o tempo todo. Sinto falta dele, *pensa Ben.* Céus, como sinto falta dele! *Então, pergunta:*
- Lembra-se daquele dia, Richie, quando você disse ter ouvido em algum lugar que ele matara Cristo, e Stan respondeu, com a maior cara de pau: "Acho que foi meu pai"?

- Claro que me lembro - diz Richie, em voz tão baixa que é quase inaudível. Pega um lenço no bolso, tira os óculos, enxuga os olhos e torna a colocar os óculos. Deixa o lenço de lado e diz, olhando para as próprias mãos: - Por que não se limita a contar a história, Ben?
- Isso machuca, não é?
- Sim - responde Richie, em voz tão embargada, que é difícil entendê-lo. - Ora, claro. Machuca mesmo. Ben olha em torno, para eles, depois faz um gesto assentindo.

- Pois muito bem. Mais uma história antes das doze. Apenas para manter-nos aquecidos. Bill e Richie tiveram a idéia das balas...
- Não - interrompe Richie. - Bill pensou primeiro e também ficou nervoso primeiro.

- Eu apenas comecei a p-p-preocupar-me...
- Acho que realmente não vem ao caso - diz Ben. - Naquele julho, nós três passamos um bocado de tempo na biblioteca. Tentávamos descobrir a maneira de fabricação de balas de prata. Eu tinha a prata; quatro dólares de prata, que haviam sido de meu pai. Então, Bill ficou nervoso, pensando no apuro em que ficaríamos se nosso fogo falhasse no encontro com alguma espécie de monstro vindo para cima da gente. E quando ele viu como Beverly tinha boa pontaria com aquela sua atiradeira, terminamos usando um de meus dólares de prata na fabricação de balas, em vez de cartuchos para armas de fogo. Reunimos tudo e fomos para a casa de Bill. Eddie, você estava lá...- Eu disse para minha mãe que íamos jogar Monopólio - diz Eddie. - Meu braço doía um bocado, mas eu tinha que sair. Claro, ela andava muito aborrecida comigo. E sempre que ouvia alguém atrás de mim, na calçada, dava um salto e me virava, pensando que fosse Bowers. Isso só fazia aumentar a dor no braço... Bill sorri.

- E o que fizemos foi ficar por perto, espiando enquanto Ben fazia a munição. Acho que Ben r-realmente podia *ter feito cartuchos de p-p-prata.*
- Oh, não tenho tanta certeza - replica Ben, embora pense o contrário. Ele recorda como o crepúsculo aumentava no exterior (o Sr. Denbrough prometera levar todos eles de carro para casa), como os grilos cricrilavam no gramado, como os vaga-lumes piscavam suas luzes, no outro lado das janelas. Bill havia precavidamente montado o tabuleiro de Monopólio na sala de refeições, dando a impressão de que o jogo havia começado uma hora ou mais antes. Ele recorda isso, como recorda a nítida poça de luz amarelada, abrangendo a bancada de trabalho de Zack. Lembra-se de Bill dizendo:

- Temos que ser c-c-

2

cuidadosos. Não quero deixar tudo bagunçado por aqui. Meu pai ficaria... - Ele cuspiu inúmeros “p”, antes de finalmente conseguir dizer: - pau da vida! Richie fez um gesto cômico de enxugar o rosto. - Você costuma oferecer toalhas em seus chuveiros, Bill Gaguinho? Bill fingiu que ia esmurrá-lo. Richie encolheu-se, falando estridentemente em sua Voz de Negrinho Sulista. Ben pouco ligou para eles. Ficou espiando, enquanto Bill dispunha os implementos e ferramentas à luz, de um em um. Parte de sua mente desejava que, um dia, ele pudesse ter uma bancada de trabalho tão bem provida como aquela. A maioria de sua atenção, contudo, centralizava-se no trabalho que tinha pela frente. Não seria tão difícil como preparar cartuchos para arma de fogo mas, mesmo assim, tinha que ser cuidadoso. Não havia desculpas para uma tarefa mal feita. Aquilo não era algo que lhe fora dito ou ensinado, mas simplesmente uma coisa que ele sabia. Bill insistira em que Ben fizesse as balas, como insistia em que Beverly ficasse com a atiradeira “Tiro-certo”. Eram coisas já debatidas, porém somente vinte e sete anos mais tarde, contando a história, Ben percebia que ninguém sequer sugerira que um cartucho ou bala de prata certamente não deteria um monstro - eles tinham de seu lado o peso do que parecia um milhar de filmes de terror. - Tudo certo - disse Ben. Estalou as juntas dos dedos e então olhou para Bill. - Você conseguiu os moldes? - Oh! - Bill sobressaltou-se ligeiramente. - A-A-Aqui... Enfiou a mão no bolso das calças e puxou seu lenço. Colocou-o sobre a bancada e o desdobrou. Dentro do lenço havia duas bolinhas de aço opaco, cada uma delas apresentando um pequeno orifício. Eram moldes para esferas. Após se terem decidido por balas esféricas, em vez de balas comuns, Bill e Richie tinham retornado à biblioteca e pesquisado a maneira de fabricação das balas esféricas. - Vocês andam *muito* ocupados, meninos - havia dito a Sra. Starret. - Balas em uma semana, esferas metálicas na outra! Além disso, estão em suas férias de verão! - Queremos aprender mais - disse Richie. - Não é, Bill? - Is-so m-mesmo. Descobriram que fabricar balas esféricas era facílimo, desde que se tivesse os moldes. O único problema era onde consegui-los, mas duas discretas perguntas a Zack Denbrough deram a solução... e nenhum dos Perdedores ficou surpreso ao descobrir que o único estabelecimento em Derry onde tais moldes eram obtidos, seria a Casa Kitchener, Ferramentas de Precisão & Ferragens. O Kitchener proprietário era trineto dos irmãos que haviam sido donos da Fundição Kitchener. Bill e Richie tinham ido lá, levando todo o dinheiro que os Perdedores haviam conseguido levantar, em tão curto prazo - dez dólares e cinqüenta e nove centavos - no bolso de Bill. Quando Bill perguntou pelo preço de dois moldes esféricos de duas polegadas, Carl Kitchener - que parecia um beberrão veterano e cheirava como uma velha manta de cavalo _ quis saber para que dois garotos precisavam de moldes esféricos. Richie deixou que Bill explicasse, sabendo que as coisas provavelmente ficariam mais fáceis desse jeito - as crianças zombavam da gagueira de Bill; os adultos se mostravam embaraçados por ela. Às vezes, isso era espantosamente útil. Bill chegou à metade da explicação que ele e Richie haviam imaginado - qualquer coisa sobre um modelo de moinho de vento para o projeto de ciências no ano seguinte - quando Kitchener fez um gesto para que se calasse, e declarou o inacreditável preço de cinqüenta centavos por molde.

Mal acreditando na boa sorte do grupo, Bill estendeu-lhe uma nota de um dólar. - Não espere que eu lhe dê em um saco de papel - disse Carl Kitchener, fitando-os com o injetado desdém do homem que acredita já ter visto tudo que existe no mundo, em geral duas vezes. - A mercadoria só leva um saco de papel quando vale pelo menos cinco pratas. - Não t-tem im-importância, s-s-senhor - disse Bill. - E não fiquem perambulando na frente da casa - disse Kitchener. - Os dois precisam cortar o cabelo. Fora da loja, Bill disse: - Já r-r-reparou uma c-c-coisa, Ri-Richie? Os a-a-adultos n-não nos v-v-vendem nada, e-e-exceto do-doces ou r-r-revis-ti-tinhas de qua-quadrinhos e t-talvez entradas de c-cinema, s-sem p-primeiro p-perguntarem à g-g-gente p-para que qu-queremos a c-c- coisa? - É verdade - disse Richie. - P-Por quê? Por que é a-a-assim? - Porque eles acham que somos perigosos. - S-Sério? S-Será m-mesmo? - Claro - replicou Richie, depois dando uma risadinha. - O que acha da gente perambular diante da loja? Podemos levantar a gola da camisa, rosnar para as pessoas e deixar nosso cabelo crescer. - F-Foda-se - respondeu Bill.

3

- Tudo certo - disse Ben, examinando cuidadosamente os moldes e depois os depositando sobre a bancada. - Ótimo. Agora... Os outros deram-lhe um pouco mais de espaço, fitando-o esperançosamente, da maneira como um homem com uma avaria de motor, mas sem entender nada sobre carros, olharia para um mecânico. Ben não reparou na expressão dos outros. Estava concentrado no que ia fazer. - Dê-me o pedaço da granada - disse, - e o maçarico. Bill entregou-lhe um denteado estilhaço de granada. Era uma lembrança de guerra. Zack o recolhera cinco dias após ele e o restante do exército do General Patton haverem cruzado o rio e penetrado na Alemanha. Houvera um época, quando Bill ainda era muito pequeno e George usava fraldas, que seu pai usara aquilo como cinzeiro. Mais tarde, ele deixara de fumar e o estilhaço havia desaparecido. Bill o encontrara no fundo da garagem, apenas uma semana antes. Ben colocou o estilhaço de granada no torno de bancada de Zack, apertou-o e então pegou o maçarico que Beverly segurava. Enfiou a mão no bolso, tirou um dólar de prata e o deixou cair dentro do cadinho improvisado. A moeda emitiu um som surdo. - Foi seu pai que lhe deu, não foi? - perguntou Beverly. - Foi - respondeu Ben, - mas não me lembro dele muito bem. - Tem certeza de que quer fazer isto? Ben olhou para ela e sorriu. - Tenho - respondeu. Ela sorriu de volta. Foi o suficiente para Ben. Se ela lhe tivesse sorrido duas vezes, ele fabricaria alegremente balas esféricas bastantes para liquidar uma matilha de lobisomens. Desviou o rosto rapidamente.

- Tudo bem, lá vamos nós! Não há problema. Nada mais fácil, hein? Os outros assentiram, com ar hesitante. Anos mais tarde, recontando tudo isto, Ben pensaria: *Naquele tempo, um garoto podia ir à rua e comprar um maçarico a propano... ou seu pai teria um, na oficina caseira.*

Contudo, não houvera tais coisas em 1958; o maçarico de Zack Denbrough era uma coisa enorme, que deixou Beverly nervosa. Ben podia perceber o nervosismo dela, queria dizer-lhe que não se preocupasse, mas receava o tremor de sua voz. - Não se preocupe - disse para Stan, parado junto dela. - Que? - perguntou Stan, olhando para ele e pestanejando. - Não se *preocupe.*

- Eu *não* estou preocupado. - Oh, pensei que estivesse. Eu só queria dizer que isto aqui é absolutamente seguro. *Se* você estivesse. Preocupado, entende?- Tudo bem com você, Ben? - Tudo ótimo - murmurou Ben. - Dê-me os fósforos, Richie. Richie entregou-lhe uma caixa de fósforos. Ben torceu a válvula do tanque de gás e acendeu um fósforo sob a boca do maçarico. Houve um *flump!* e um vivo clarão laranja-azulado. Ben baixou a chama, até que ficasse apenas um filete azul, e começou a aquecer a base do estilhaço de granada. - Está com o funil? - perguntou a Bill - B-B-Bem aqui. Bill estendeu um funil que Ben havia feito mais cedo. O diminuto buraco em sua base ajustava-se quase exatamente ao orifício nos moldes das esferas. Ben fizera aquilo sem tomar uma só medida. Bill ficara admirado - quase aparvalhado - mas não sabia como dizer isso em palavras, sem embaraçar Ben. Concentrado no que fazia, Ben dirigiu-se a Beverly - falou com a seca precisão de um cirurgião, comunicando-se com a enfermeira. - Bev, você tem as mãos mais firmes. Firme o funil no buraquinho. Use uma daquelas luvas, para não se queimar. Bill passou para ela uma das luvas de trabalho de seu pai. Beverly ajeitou o pequeno funil ao molde. Ninguém falava. O silvo do maçarico parecia muito alto. Eles espiavam a chama, de olhos semicerrados, quase fechados. - U-U-Um m-m-momento - disse Bill de repente, e disparou para a casa. Voltou um minuto mais tarde, com um par de óculos de sol baratos, do tipo que fica preso à volta da cabeça, marca Tartaruga. Eles haviam ficado esquecidos em uma gaveta da cozinha por coisa de um ano. - É m-m-melhor u-usar isto, M-Monte de Fe-Feno. Ben pegou os óculos, sorriu e os deslizou sobre a cabeça. - Poxa, mas é Fabian! - exclamou Richie. - Ou Frankie Avalon! Ou qualquer daqueles caras do programa *Bandstand!*

- Dane-se, Boca de Lixo - disse Ben, mas começou a dar risadinhas. A idéia de ser Fabian ou alguém assim, era demasiado fantástica. A chama tremulou e ele parou de rir, voltando novamente a ficar concentrado no que fazia. Dois minutos mais tarde, ele estendeu o maçarico a Eddie, que o segurou desajeitadamente com a mão ilesa. - Está pronto - disse a Bill. - Dê-me aquela outra luva. Depressa! Depressa! Bill entregou-lhe a luva. Ben a calçou e firmou o estilhaço de granada com a mão enluvada, usando a outra para afrouxar o torno. - Segure firme, Bev.

- Estou pronta, não espere por mim - replicou ela. Ben inclinou o estilhaço-almofariz acima do funil. Os outros viram um filete de prata derretida fluir entre os dois receptáculos. Ben despejou com precisão; nem uma gota foi perdida. E, por um momento, ele se sentiu galvanizado. Parecia ver tudo aumentado, através de um forte clarão branco. Durante esse momento, ele não se sentiu o vulgar e gordo Ben Hanscom, que usava camisas grossas para disfarçar a pança e as maminhas; sentiu-se o próprio Thor, manipulando o trovão e o relâmpago, na ferraria dos deuses. Então, a sensação desapareceu. - Tudo bem - disse ele. - Vou ter que reaquecer a prata. Alguém enfie um prego ou coisa assim no buraco do funil, antes que as sobras endureçam lá dentro. Stan incumbiu-se disso. Ben tornou a afixar o estilhaço de granada no torno e pegou o maça-rico que Eddie segurava. - Muito bem - falou, - vamos ao número dois. E voltou a trabalhar.

4

Dez minutos mais tarde, o serviço estava feito. - E agora? - perguntou Mike. - Agora, vamos jogar Monopólio por uma hora - disse Ben, - enquanto as esferas endurecem nos moldes. Depois é só abrir os moldes com uma talhadeira, seguindo as linhas marcadas. Richie olhou inquietamente para o rachado mostrador de seu Timex, que já enfrentara muitas peripécias e continuava tiquetaqueando. - Quando seus pais estão de volta, Bill? - S-S-Só lá p-para as d-dez ou d-d-dez e m-meia - respondeu Bill. - Há u-uma ses- sessão d-du-dupla no A-A-A... - Aladdin - completou Stan. - Isso. E eles fazem uma parada p-para um pe-pedaço de p-p-pizza de-depois do f- f-filme. S-Sempre fa-fazem i-i-isso. - Então, temos tempo de sobra - disse Ben. Bill assentiu. - Vamos logo - disse Bev. - Tenho que ligar para casa. Prometi que telefonava. E não quero que nenhum de vocês fale. Ele pensa que estou na Casa Comunitária e que, de lá, volto de carona para casa. - E se ele quiser ir buscá-la mais cedo? - perguntou Mike. - Então - respondeu Beverly, - vou enfrentar um bocado de problemas. Ben pensou: *Eu a protegerei, Beverly.* Em sua mente desenrolou-se prontamente uma fantasia, com um final tão doce, que ele estremeceu. O pai de Bev começava a ameaçá-la, gritando e tudo o mais (mesmo em seu devaneio, Ben não conseguia imaginar o quão terrível podia ficar a situação com Al Marsh). Então, saltando diante dela, ele dizia a Marsh que parasse com aquilo.

Se quer problemas, gorducho, basta ficar protegendo minha filha.

Ben Hanscom, em geral um tipo quieto e amante de livros, pode transformar-se em tigre enfurecido, quando contrariado. Dirige-se a Al Marsh com a maior sinceridade. *Se quiser pegá-la, terá que me enfrentar antes!*

Marsh avança... e então o brilho acerado nos olhos de Hanscom o faz parar. *Você lamentará isso,* murmura ele, mas é claro que já perdeu toda a vontade de brigar. Afinal, Marsh não passa de um tigre de papel.

Acho que vai ser difícil, replica Hanscom, exibindo um comprido sorriso à Gary Cooper, e o pai de Beverly se afasta, amedrontado.

O que houve com você, Ben? exclama Bev, mas seus olhos brilham, estão cheios de estrelas. *Você parecia disposto a matá-lo! Matá-lo?* diz Hanscom, o sorriso à Gary Cooper ainda bailando em seus lábios.

Nada disso, meu bem. Ele pode ser um cretino, mas ainda é seu pai. Talvez o tenha assustado um pouco, mas acontece que quando alguém fala mais grosso com você, eu esquento um pouquinho, debaixo do colarinho. Sabia?

Ela o abraça e o beija (na *boca!* Na *BOCA!) Eu o amo, Ben!* soluça Beverly. Ele pode sentir os seios pequeninos pressionados firmemente contra seu peito e... Ben estremece um pouco, expulsando com esforço esse quadro vivido, terrivelmente nítido. Parado à porta, Richie lhe perguntava se também vinha, e então Ben percebeu que estava sozinho na oficina do pai de Bill. - Claro - respondeu, com ligeiro sobressalto. - Claro que vou. - Está ficando senil, Monte de Feno - disse Richie, quando ele caminhou para a porta, mas lhe bateu no ombro. Ben sorriu e enganchou brevemente o cotovelo dobrado em torno do pescoço de Richie.

5

Não houve problema algum com o pai de Beverly. Sua mãe lhe disse ao telefone que ele voltara tarde do trabalho, adormecera diante da televisão e acordara apenas o suficiente para uma caminhada até a cama. - Há alguém para trazê-la em casa, Bevvie? - Sim. O pai de Bill Denbrough vai levar um bando de nós. A Sra. Marsh soou subitamente alarmada. - Você não *saiu* com algum garoto, saiu, Bevvie? - Não, é claro que não - respondeu Bev, olhando pela passagem em arco entre o vestíbulo às escuras, onde se encontrava, e a sala de refeições, onde os outros se sentavam em torno da prancha de Monopólio. *Mas eu bem que gostaria.* - Não há nada com garotos, mamãe. Apenas eles aqui têm uma combinação de que, cada noite, um pai ou mãe diferente leva os filhos dos outros em casa. Isto, pelo menos, era verdade. O resto era uma mentira tão descarada, que ela se sentia enrubescendo, parada na penumbra. - Está bem - respondeu sua mãe. - Eu só queria ter certeza. Porque se seu pai a pegar tendo encontros em sua idade, ficará danado da vida. - Quase como um pensamento posterior, ela acrescentou: - E eu também. - Sim, eu sei - replicou Bev, ainda espiando para a sala de refeições. Ela *sabia;* no entanto, ali estava, não com um garoto, mas com seis

deles, em uma casa onde os pais se tinham ausentado. Viu que Ben a olhava ansiosamente e dirigiu um pequeno sorriso torcido para ele. Ben ficou vermelho, mas devolveu o sorriso. - Algumas de suas amigas estão aí? Que *amigas, mamãe?*

- Hum... Patty O'Hara está aqui. E Ellie Geiger, eu acho. Está jogando patela no andar de baixo. A facilidade com que as mentiras lhe saíam dos lábios deixou-a envergonhada. Gostaria de ter falado com o pai; ficaria mais assustada, porém menos envergonhada. Imaginou que, de fato, não era uma boa menina. - Eu amo você, mamãe - disse. - Eu também a amo, Bev. - Após uma ligeira pausa, sua mãe acrescentou: - Tome cuidado. O jornal disse que talvez haja mais alguém. Um garoto chamado Patrick Hockstetter. Está desaparecido. Você o conhecia, Bev? Ela fechou os olhos brevemente. - Não. Não o conhecia, mamãe. - Bem... até logo, então. - Até logo. Beverly reuniu-se aos outros em torno da mesa e, durante uma hora, eles jogaram Monopólio. Stan foi o grande vencedor. - Judeus são bons para fazer dinheiro - disse Stan, colocando um hotel na Avenida Atlântica e mais duas estufas na Avenida Ventnor. - Todo mundo sabe disso. - Oh, Jesus, torne-me judeu! - exclamou Ben prontamente, e todos riram, porque ele estava quase arruinado. De vez em quando, Beverly relanceava os olhos através da mesa, a fim de observar Bill; reparou em suas mãos limpas, nos olhos azuis, no belo cabelo ruivo. Quando ele moveu a pequena ficha prateada que usava como marcador à volta da prancha, ela pensou: Se *Bill segurasse a minha mão, seria tão bom, que eu talvez morreria de felicidade.* Uma luminosidade quente pareceu cintilar em um lampejo dentro de seu peito, e ela sorriu secretamente, enquanto olhava para as próprias mãos.

6

O final daquele anoitecer foi quase anticlimático. Ben apanhou na prateleira uma das talhadeiras de Zack e usou um martelo para abrir os moldes, nas linhas indicadas. Eles se abriram sem dificuldade. Duas pequenas bolas de prata caíram do interior. Em uma delas, ainda era possível distinguir-se fracamente parte de uma data: 925. Na outra, linhas onduladas levaram Beverly a pensar que fossem os remanescentes dos cabelos da Dama Liberdade. Ficaram todos olhando para as bolinhas em silêncio, durante um momento, e então Stan pegou uma delas. - Tão pequenina! - exclamou ele. - A pedra na funda de Davi também era pequenina, quando ele enfrentou Golias - disse Mike. - Elas me parecem poderosas. Ben se viu assentindo. Os outros também assentiram. - E-Está tudo te-terminado? - perguntou Bill. - Tudo terminado - replicou Ben. - Pegue!

Ele atirou a segunda bala para Bill. Em sua surpresa, Bill quase a deixou cair, antes de apanhá-la. As balas de prata percorreram o círculo. Cada um deles as examinou cuidadosamente, maravilhando-se com sua redondez, peso, realidade. Ao chegarem de volta a Ben, ele as segurou na mão e olhou para Bill. - O que faremos com elas agora? - E-E-Entregue-as para B-Beverly. - Não! Bill olhou para ela, com suavidade, mas sério. - E-Escute, B-Bev, nós já d-discutimos isto a-a-antes e... - Vou fazer o que você pediu - respondeu ela. - Atirarei as malditas bolinhas, quando chegar a hora. *Se* essa hora chegar. Provavelmente estarei contribuindo para a perdição de todos nós, mas farei isso. Só não quero levá-las para casa. Um de meus

(meu pai)

pais pode encontrá-las. Então, estarei em apuros. - Não tem nenhum esconderijo secreto? - perguntou Richie. - Poxa, eu tenho uns quatro ou cinco! - Eu tenho um - disse Beverly. Havia uma pequena fenda no fundo do estrado de molas de sua cama, onde ela às vezes escondia cigarros, revistas de histórias em quadrinhos e, só ultimamente, revistas de modas e filmes. - Só que eu não confiaria nele para guardar uma coisa destas. Fique com elas, Bill. De qualquer modo, até chegar a hora, fique com elas. - E-Está bem - disse ele brandamente e, nesse momento, luzes de faróis banharam a entrada para carros. - N-Nossa, e-eles che-chegaram m-m-mais ce-cedo! V-Vamos e-e- embora d-daqui! Estavam acabando de acomodar-se novamente à volta do tabuleiro de Monopólio, quando Sharon Denbrough abriu a porta da cozinha. Richie revirou os olhos e simulou enxugar suor na testa; os outros riram com vontade. Richie Soltara um Excelente. Um momento depois, a mãe de Bill chegou à sala. - Seu pai está esperando seus amigos no carro, Bill. - C-Certo, m-m-mamãe - respondeu Bill. - A g-ge-gente já e-estava m-m-mesmo te-terminando o j-j-jogo... - Quem ganhou? - perguntou Sharon, sorrindo amistosamente para os amiguinhos do filho. Aquela menina ia ficar muito bonita quando crescesse, pensou ela. Decidiu que, em mais um ano ou dois, as crianças precisariam de um acompanhante, se surgissem meninas no grupo, em vez do costumeiro bando de garotos. De qualquer modo, sem dúvida ainda era muito cedo para preocupar-se sobre sexo. - S-Stan ga-ganhou - disse Bill. - Ju-Ju-Judeus s-ão b-bons p-p-para fa-fazer d-d- dinheiro. - *Bill!* - exclamou ela, horrorizada e enrubescendo. Então, olhou para eles, espantada, porque não entendia a hilaridade das gargalhadas gerais, incluído Stan. O espanto transformou-se em algo como medo (embora nada comentasse mais tarde com o marido, já na cama). Havia uma sensação no ar, como eletricidade estática, só que de algum modo muito mais potente, muito mais aterradora. Ela sentiu que, se tocasse algum deles, receberia uma fenomenal descarga elétrica. *O que aconteceu com eles?* pensou, abismada, e talvez até mesmo houvesse aberto a boca para dizer algo assim. Então, Bill estava pedindo desculpas (mas ainda com aquele brilho endemoninhado no olhar) e Stan respondia tudo bem, era apenas uma piada

que faziam com ele de vez em quando, e ela ficou demasiado confusa para dizer qualquer coisa mais. Contudo, sentiu-se aliviada quando as crianças se foram, e seu intrigante, gaguejante filho entrou no quarto e apagou a luz.

7

O dia em que o Clube dos Perdedores finalmente enfrentou A Coisa em combate, o dia em que A Coisa quase fez ligas para meias com as tripas de Ben Hanscom, foi o 25 de julho de 1958. Um dia quente, abafado e mormacento. Ben recordava o estado do tempo com bastante clareza; havia sido o último dia de calor. Depois dele, iniciou-se um longo período frio e nublado. Eles chegaram ao número 29 da Rua Neibolt por volta das dez horas daquela manhã. Bill levava Richie na traseira de Silver e Ben acomodava-se no oscilante selim de sua Raleigh, seu traseiro sobrando para os dois lados. Beverly desceu a Rua Neibolt em sua Schwinn para meninas, os cabelos ruivos repuxados da testa e presos por uma faixa verde. As ma-deixas caíam para trás. Mike chegou sozinho. Uns cinco minutos depois, apareceram Stan e Eddie, a pé. - C-C-Como vai o b-braço, E-E-Eddie? - Não muito ruim. Dói um pouco, quando rolo sobre ele durante o sono. Trouxe o negócio? Havia um embrulho de lona na cesta-bagageira de Silver. Bill o pegou e desembrulhou-o. Entregou a atiradeira para Beverly, que a pegou com uma pequena careta, mas sem dizer nada. Havia também uma caixinha de Sucrets no embrulho. Bill a abriu e mostrou para eles as duas bolinhas de prata. Os outros olharam em silêncio, agrupados no gramado pelado do número 29 da Rua Neibolt - um gramado onde apenas ervas daninhas pareciam medrar. Bill, Richie e Eddie já tinham visto a casa antes; os outros não, e a observaram curiosamente.

As janelas parecem olhos, pensou Stan, e sua mão tocou o livro de capa mole em seu bolso traseiro. Ele o tocou para dar sorte. Levava aquele livro consigo para quase toda parte - era o *Manual de pássaros norte-americanos,* de M.K. Handey. *Parecem olhos cegos e sujos. Ela fede,* pensou Beverly. *Posso sentir o fedor - embora não exatamente com o nariz-*

Mike pensou: *É como naquela vez, onde ficava a Fundição. Lá havia a mesma sensação... como se nos estivesse convidando para entrar. Esta é uma das moradas da Coisa, claro,* pensou Ben. *Uma das moradas, como os buracos de morlock, de onde Ela sai e para onde volta. E Ela sabe que estamos aqui. A Coisa espera que entremos.* - V-V-Vocês ainda estão q-querendo? - perguntou Bill. Os outros olharam para ele, pálidos e solenes. Ninguém disse não. Eddie puxou o aspirador do bolso e aspirou uma boa tragada. - Me dê um pouco disso - falou Richie. Eddie se virou para ele, surpreso, esperando o fim da piada. Richie estendeu a mão. - Sem brincadeira, Zé. Pode me dar uma dose?

Eddie encolheu o ombro ileso - foi um movimento estranhamente desconjuntado - e entregou o aspirador. Richie pressionou a válvula e respirou fundo. - Eu estava precisando - disse, devolvendo o aspirador. Ele tossia um pouco, mas os olhos estavam bem. - Também preciso - disse Stan. - Pode ser? Assim, um após outro, usaram o aspirador de Eddie. Depois de todos servidos, Eddie tornou a guardá-lo no bolso traseiro, com a extremidade do aspirador apontando para fora. Eles olharam novamente para a casa. - Será que *alguém* mora nesta rua? - perguntou Beverly, baixinho. - Não neste final - respondeu Mike. - já foi o tempo. Por aqui passam apenas os andarilhos que se demoram um pouco antes de embarcar nos trens de carga. - Eles não veriam nada - disse Stan. - Não há perigo para eles. Aliás, para a maioria deles, quero dizer. - Olhou para Bill. - Você acha que algum adulto consegue ver A Coisa, Bill? - E-Eu não s-s-sei - respondeu Bill. - Ta-Talvez *al-al-alguns.*

- Seria bom se a gente pudesse encontrar um deles - disse Richie, sombriamente. - De fato, isto não é negócio para crianças, entendem o que quero dizer? Bill entendia. Onde quer que os Hardy Boys ficassem em apuros, Fenton Hardy estava por perto, a fim de salvá-los. O mesmo acontecia com Hartson, pai de Rick Brant, em "Aventuras Científicas de Rick Brant". Droga, até mesmo Nancy Drew tinha um pai que surgia na hora H, se os vilões a amarrassem e a jogassem em uma mina abandonada ou coisa assim. - Devia haver um adulto no meio - disse Richie. Ele contemplava a casa fechada, com a pintura descascando, as janelas sujas, a varanda sombreada. Suspirou cansadamente. Por um momento, Ben sentiu a decisão do grupo vacilar. Então, Bill disse: - V-V-Venham c-cá. E-E-Espiem s-só uma c-c-coisa. Seguiram todos para o lado esquerdo da varanda, onde o rodapé lateral fora destroçado. As roseiras sem podar, crescendo para todos os lados, continuavam lá... e aquelas que o leproso de Eddie tocara, ao sair de sob a varanda, ainda estavam enegrecidas e mortas. - A Coisa apenas as tocou e elas ficaram *assim?* - exclamou Beverly, horrorizada. Bill assentiu. - V-Vocês estão *de-de-decididos?* Por um momento, ninguém respondeu. Eles *não estavam* decididos; mesmo todos percebendo, pela expressão de Bill, que se não o acompanhassem ele entraria lá sozinho, não estavam decididos. Havia uma espécie de vergonha no rosto de Bill. Como ele lhes dissera antes, George não havia sido irmão deles.

Certo, mas todas as outras crianças, pensou Ben. *Betty Ripsom, Cheryl Lamonica, o garotinho Clements, Eddie Corcoran (talvez), Ronnie Grogan... até mesmo Patrick Hockstetter. A Coisa mata crianças, droga,* crianças! - Eu vou com você, Grande Bill - disse ele. - Bosta, eu também! - declarou Beverly. - Conte comigo - disse Richie. - Acha que vamos deixar você se divertir sozinho, boca-frouxa? Bill olhou para eles, a garganta se movendo, e então assentiu. Entregou a caixinha a Beverly. - Tem *certeza,* Bill? - A-A-Absoluta.

Ela pegou a caixinha, horrorizada ante a responsabilidade e espantada com a confiança dele. Abriu a caixa, tirou as esferas de prata e deixou uma cair no bolso dianteiro direito de seu jeans. A outra, ela a encaixou na taça de borracha da atiradeira - e foi pela taça que carregou "Tiro-certo". Podia sentir a bola apertadamente comprimida em seu pulso, fria a princípio, depois esquentando. - Vamos - disse ela, com voz não muito firme. - Vamos logo, antes que eu me borre de medo. Bill assentiu, depois olhou penetrantemente para Eddie. - A-Acha que po-pode ir t-t-também, E-E-Eddie? Eddie afirmou com a cabeça. - Claro que posso. Eu estava sozinho da última vez. Agora estou com meus amigos, certo? Olhou para os outros e sorriu de leve. Sua expressão era tímida, frágil e muito bela. Richie bateu-lhe nas costas. - Muito bem, senhor. Se alguém quiser roubar seu aspirador, nós o mataremos. Só que será uma morte *lenta!*

- Que coisa terrível, Richie! - disse Beverly, com uma risadinha. - D-Debaixo da va-varanda - disse Bill. - T-Todos vo-voces atrás de m-m-mim. Depois, a entrada no p-p-porão. - E se você entrar primeiro e essa coisa o atacar, o que faço? - perguntou Beverly. - Atiro através de você? - S-Se for p-p-preciso - respondeu Bill. - De q-qualquer m-modo, s-s-seria bom d- dar a v-v-volta, primeiro. Richie riu furiosamente ao ouvir isso. - V-Vamos vascu-vasculhar a ca-casa in-inteira, se f-for p-preciso - disse Bill. Deu de ombros. - T-Talvez a ge-gente não e-encontre n-n-nada. - Você acha? - perguntou Mike. - Não - replicou Bill brevemente. - A C-Coisa e-está aq-aqui. Ben acreditava que ele tivesse razão. A casa 29 da Rua Neibolt parecia ajustada em um envelope venenoso. A Coisa não podia ser vista... mas podia ser percebida. Ele passou a língua pelos lábios. - E-Estão p-p-prontos? - perguntou Bill aos outros. Todos olharam para ele. - Prontos, Bill - respondeu Richie. - E-Então, va-vamos - disse Bill. - F-Fique 1-logo a-atrás de mim, B-Beverly. Bill ficou de gatinhas, rastejou através das roseiras enegrecidas e penetrou debaixo da varanda.

8

Seguiram esta ordem: Bill, Beverly, Ben, Eddie, Richie, Stan e Mike. As folhas debaixo da varanda estalaram, exalando um cheiro forte de coisa velha. Ben franziu o nariz. Alguma vez sentira no cheiro de folhas caídas o mesmo cheiro de agora? Ele achava que não. Então, uma idéia desagradável brotou em sua mente. Tinham sentido o cheiro que ele imaginava ser de uma múmia, pouco depois que seu descobridor lhe abrira o ataúde: toda aquela poeirada e o acre, antigo cheiro de ácido tânico. Bill chegara à janela quebrada do porão e espiava para o interior. Beverly engatinhou para o seu lado. - Está vendo alguma coisa? - perguntou. Bill negou com a cabeça.

- S-S-Só que is-isso não si-significa n-n-nada. V-Veja! Lá e-está a pi-lha de c- carvão que eu e R-R-Richie usamos p-para sa-sair. Olhando entre eles dois, Ben também a viu. Agora estava ficando excitado, além de temeroso, e gostou do excitamento, instintivamente reconhecendo que podia ser uma ferramenta. Ver a pilha de carvão era mais ou menos como ver um grande ponto de referência sobre o qual apenas se lê ou ouve outros falarem. Bill se virou e escorregou através da janela. Beverly entregou a atiradeira a Ben, dobrando a mão dele sobre a taça da "Tiro-certo" e a bolinha nela aninhada. - Passe a atiradeira para mim no segundo em que eu tiver descido - avisou. - No

segundo!
- Certo. Ela escorregou pela abertura, fácil e rapidamente. Houve - pelo menos para Ben - um instante de quase parada cardíaca, quando a blusa dela escapou da cintura dos jeans e ele viu o ventre alvo e reto. Houve ainda a sensação das mãos dela sobre a sua, quando lhe devolveu a atiradeira. - Tudo bem, já peguei. Venha. Ben se virou e começou a introduzir-se na janela. Devia ter previsto o que aconteceu em seguida; era realmente inevitável. Ficou engasgado na abertura. Seu traseiro encaixou-se na janela retangular do porão e ele não conseguiu empurrar mais o corpo. Começou a puxar-se para fora e, horrorizado, percebeu que, embora podendo sair novamente, havia o sério risco de ficar sem as calças - e talvez também sem a cueca, - que deslizariam até seus joelhos. E lá estaria ele, com o traseiro exagerada-mente grande, quase no rosto de sua bem-amada. - Depressa! - disse Eddie. Ben empurrou-se furiosamente, com as duas mãos. Por um momento, continuou entalado, mas então o traseiro passou pela abertura da janela. O jeans foi puxado dolorosamente contra as virilhas, esmagando seus testículos. O topo da janela lhe arrastou brutalmente a camisa até as omoplatas. Agora, era a barriga que ficara entalada. - Encolha a pança, Monte de Feno - disse Richie, dando risadinhas histéricas. - É melhor encolher, ou teremos que pedir a Mike para trazer o guincho do pai dele até aqui, a fim de puxarmos você para fora. - Bip-bip, Richie - disse Ben, por entre dentes cerrados. Ele encolheu o estômago o mais que pôde. Deslizou um pouco mais, e então ficou novamente entalado. Virando a cabeça até onde foi possível, lutando contra o pânico, procurou controlar a claustrofobia. Seu rosto ficara vermelho-vivo e reluzente de suor. O cheiro forte das folhas penetrava em suas narinas, sufocando-o. - Bill! Vocês aí, querem me puxar? Sentiu que Bill lhe agarrava um tornozelo e Beverly o outro. Ben tornou a encolher o estômago e, pouco depois, caía da janela aos trambolhões. Bill o agarrou. Os dois quase rolaram juntos. Ben não podia olhar para Bev. Em toda a sua vida, nunca se sentira tão constrangido como agora. - T-Tudo bem c-com você, ca-cara? - Tudo bem. Bill riu tremulamente. Beverly riu também e, com isso, Ben conseguiu rir um pouco, embora passassem anos, antes de poder distinguir algo remotamente engraçado no que acontecera. - Ei - gritou Richie para baixo. - Eddie precisa de ajuda, certo? - C-C-Certo.

Bill e Ben tomaram posição abaixo da janela. Eddie deslizou sobre as costas. Bill segurou-lhe as pernas, logo acima dos joelhos. - Cuidado com o que está fazendo! - avisou Eddie, em voz amedrontada e trêmula. - Eu sinto cócegas! - Ramon é *mucho* cosquento, *senor* - disse Richie, do alto. Ben firmou Eddie à volta da cintura, tentando manter a mão afastada do molde de gesso e da tipóia. Ele e Bill passaram Eddie pela janela do porão como se fosse um cadáver. Eddie gritou apenas uma vez, mas foi tudo. - E-E-Eddie? - Está tudo bem - respondeu Eddie. - Não foi nada. Entretanto, enormes gotas de suor porejavam sua testa e ele respirava ofegante. Seus olhos abrangeram a extensão do porão. Bill tornou a recuar. Beverly ficou junto dele, agora segurando a "Tiro-certo" pelas correias elásticas e a taça, pronta para usar a atiradeira, se fosse necessário. Seus olhos vasculhavam constantemente o local. Richie foi o seguinte a entrar, seguido por Stan e Mike, todos eles deslizando pela abertura com uma graça natural, que Ben invejou profundamente. Por fim, estavam todos no interior do porão, onde Bill e Richie tinham visto A Coisa, apenas um mês antes. O local tinha pouca claridade, porém não era escuro. Uma luz crepuscular penetrava pelas janelas, batendo no piso de terra. O porão pareceu muito grande para Ben, quase grande *demais,* como se ele estivesse passando por algum tipo de ilusão de óptica. Vigas poeirentas cruzavam o forro acima deles. Os encanamentos da fornalha estavam enferrujados. Um pedaço de pano branco e sujo pendia em tiras dos canos para água. O cheiro era persistente também ali. Um cheiro esquisito de terra suja. *A Coisa está aqui,* pensou Ben. *Oh, não há dúvida quanto a isso!*

Bill começou a caminhar para a escada. Os outros seguiram atrás dele. Parando ao pé dos degraus, Bill olhou para baixo. Raspou um pé no chão e chutou algo para o lado. Os outros olharam para aquilo em silêncio. Era uma luva branca de palhaço, agora manchada de terra e poeira. - V-Vamos su-subir - disse Bill. Subiram e emergiram em uma cozinha suja. Uma cadeira de encosto reto jazia no centro do linóleo deformado por protuberâncias. Era a única peça existente de mobiliário. Em um canto havia garrafas de bebida vazias. Ben pôde ver outras na despensa. Chegou até a sentir o cheiro de bebida - vinho principalmente - e de cigarros velhos, mofados. Tal cheiro era dominante, porém havia também aquele outro. Um cheiro que a cada vez se tornava mais forte. Beverly aproximou-se dos armários e abriu um deles. Gritou agudamente quando um rato negro-acastanhado pulou quase em seu rosto. O rato caiu sobre o balcão com um

plop! e olhou para eles, em torno, fitando-os com os olhos negros. Ainda gritando, Beverly ergueu a "Tiro-certo" e puxou as correias elásticas para trás. - NÃO - rugiu Bill. Beverly se virou para ele, pálida e aterrorizada. Então assentiu e baixou o braço, sem desperdiçar o projétil de prata - mas Ben pensou que ela estivera bem perto disso. Ela recuou lentamente, colidiu contra Ben e saltou, assustada. Ele lhe passou um braço à volta do corpo, apertando-a. O rato disparou ao longo do balcão, saltou para o chão, enfurnou-se na despensa e desapareceu. - A Coisa queria que eu atirasse no rato - disse Beverly, quase sem voz. - Que usasse nele metade de nossa munição...

- C-Claro - disse Bill. - De c-certa forma, é c-como o e-e-estande para t-t- treinamento de ti-tiro do FBI, em Qu-Qu-Quantico. Eles m-mandam o cara para u-uma r- r-rua fa-falsa, di-disparar c-contra al-alvos. Se o c-cara alveja ci-cidadãos honestos, em v- vez de a-apenas ba-bandidos, ele pe-perde p-pontos. - Eu não posso fazer isto, Bill - queixou-se ela. - Vou estragar tudo. Tome. Fique com ela. Beverly estendeu-lhe a atiradeira, mas ele negou com a cabeça. - V-Você *t-t-tem* que fa-fazer, B-Beverly! Houve um miado, partindo do outro armário da cozinha. Richie caminhou para ele. - Não chegue muito perto! - berrou Stan. - Pode ser... Richie espiou dentro do armário e seu rosto mostrou uma expressão repugnada. Então, tornou a fechar a porta, com uma batida forte, que ecoou pela casa vazia. - Uma ninhada. - Richie parecia não se sentir bem. - A maior ninhada que já vi... que *alguém* já viu, provavelmente. - Passou o dorso da mão sobre a boca. - Há *centenas*

deles lá dentro. - Olhou para os outros, a boca contorcendo-se para um lado. - E as *caudas*... estavam todas voltadas para cima, Bill. Amarradas umas às outras. - Richie fez uma careta. - Pareciam serpentes. Os outros olharam para a porta do armário. Os pseudomiados estavam amortecidos, mas audíveis. *Ratos,* pensou Ben, olhando para o rosto pálido de Bill e, por sobre o ombro dele, para as feições acinzentadas de Mike. *Todo mundo tem medo de ratos. A Coisa também sabe disso.*

- V-V-Vamos - disse Bill. - A-Aqui, na Rua Ne-Ne-Neibolt, o di-divertimento n- nunca te-termina. Seguiram para o vestíbulo da frente da casa. Ali, os desagradáveis cheiros de reboco apodrecido e urina velha se mesclavam. Eles puderam olhar para a rua através das vidraças sujas e ver suas bicicletas. A de Bev e a de Ben pousavam sobre os respectivos descansos. A de Bill estava recostada ao mirrado tronco de um bordo. Para Ben, as bicicletas pareciam a quilômetros de distância, como coisas vistas pelo lado errado de um binóculo. A rua deserta, com seus remendos casuais no asfalto, o desbotado céu úmido, o uniforme *ding-ding-ding* de uma locomotiva correndo sobre um desvio para manobras... tudo parecia como sonhos para ele, alucinações. Real era aquele vestíbulo esquálido, com seus fedores e sombras. Havia um monte de cacos de vidro castanho a um canto - garrafas de cerveja. No outro canto, molhada e inchada, havia uma publicação pornográfica, em tamanho condensado. A mulher da capa inclinava-se acima de uma cadeira, a saia erguida nas costas, a fim de mostrar a parte superior das meias rendadas e das calcinhas negras. Ben não achou a foto particularmente sexy e nem ficou embaraçado por Beverly também a ter visto. A umidade amarelecera a pele da mulher e franzira a capa, colocando rugas no rosto dela. Seu olhar malicioso transformara-se na expressão pervertida de uma prostituta morta. (Anos mais tarde, quando Ben tornava a contar isto, Bev subitamente soltou uma exclamação, sobressaltando todos eles, que não só ouviam a história, como tornavam a vivê-la. ‘ ‘Era *ela!* gritou Bev. “ A Sra. Kersh! Era *ela!”)*

Enquanto Ben olhava, a jovem velha criatura da capa da publicação piscou-lhe um olho. Depois sacudiu o traseiro, em um convite obsceno. Sentindo-se gelar, apesar de suado, Ben desviou os olhos. Bill empurrou uma porta à esquerda, e os outros o seguiram a um aposento meio abobadado que, em outra época, poderia ter sido uma sala de visitas. Um par de

amarrotadas calças verdes pendia do lustre no teto. Como o porão, aquele cômodo parecia demasiado grande para Ben, quase tão comprido como um vagão cargueiro. Grande demais para uma casa como aquela que, vista de fora, parecia bastante pequena...
Oh, mas isso foi de fora, falou uma nova voz dentro de sua mente. Era uma voz estridente e chistosa; com súbita certeza, Ben percebeu que ouvia o próprio Parcimonioso. Era Parcimonioso, falando com ele através de algum louco rádio mental.
Vistas de fora, as coisas sempre parecem menores do que realmente são, não acha, Ben?
Vá embora! - sussurrou ele. Richie se virou para fitá-lo, o rosto ainda tenso e pálido. - Você disse alguma coisa? Ben meneou a cabeça. A voz se fora. Isso era uma coisa importante, uma coisa boa. No entanto

(de fora)

ele havia compreendido. Aquela casa era um lugar especial, uma espécie de estação, um dos locais em Derry, entre vários, talvez, de onde A Coisa era capaz de encontrar seu caminho para o submundo. Aquela casa fedorenta, onde tudo era *errado* de algum modo. Não que apenas parecesse demasiado grande; os *ângulos* estavam errados, a perspectiva era louca. Ben estava parado logo depois da porta entre a sala de visitas e o vestíbulo, enquanto os outros se distanciavam dele, movendo-se em um espaço que agora parecia quase tão grande como o Parque Bassey... mas à medida que se distanciavam, eles ficavam *maiores,* em vez de menores. O chão parecia encurvar-se, e... Mike se virou para ele. - Ben! - chamou, e Ben viu alarme no rosto dele. - Venha conosco! Estamos perdendo você! Ben mal distinguiu a última palavra, que pareceu ser sugada, como se os outros houvessem partido subitamente em um trem veloz. De repente aterrorizado, ele começou a correr. A porta atrás dele se fechou com uma pancada surda. Ele gritou... e algo pareceu varar o ar logo às suas costas, agitando- lhe a camisa. Ben olhou para trás, mas nada viu. Isso, contudo, não modificou sua certeza de que ali houvera alguma coisa. Conseguiu alcançar os outros. Estava ofegando, sem fôlego, e podia jurar que havia corrido pelo menos meio quilômetro... mas quando olhou para trás, a parede mais distante da sala não estava a mais de três metros de distância. Mike agarrou seu ombro, com força suficiente para que doesse. - Você me assustou, cara - disse ele. Richie, Stan e Eddie olhavam inquisitivamente para Mike. - Ele parecia *pequeno* - explicou Mike. - Como se estivesse a um quilômetro ou mais de distância. - Bill! Bill olhou para trás. - Precisamos vigiar para que todos fiquem perto uns dos outros - arquejou Ben. - Este lugar... é como a casa de loucos em um parque de diversões ou coisa parecida. Nós nos perdemos. Acho que A Coisa *quer* que a gente se perca. Que fiquemos separados. Bill o fitou por um momento, com os lábios apertados. - E-Está bem - disse. - F-Ficaremos b-bem ju-juntos. Nada de nos af-af-afastarmos uns dos o-o-outros, certo? Os demais assentiram, amedrontados, reunidos ao lado da porta do vestíbulo. A mão de Stan aferrava o livro de pássaros em seu bolso traseiro. Eddie segurava o aspirador em uma das mãos, apertando-o, afrouxando-o, tornando a apertá-lo, como um magricela de quarenta e nove quilos tentando construir músculos com uma bola de tênis.

Bill abriu a porta e viram que havia um outro vestíbulo, este agora mais estreito. O papel de parede, mostrando guirlandas de rosas e elfos de chapéus verdes, despregava-se do reboco esponjoso em tiras pendura-das. Manchas d'água amareladas espalhavam-se em anéis senis pelo teto. No fim do corredor, um facho espumoso de claridade passava através de uma vidraça imunda. Abruptamente, o corredor pareceu alongar-se. O teto elevou-se e depois começou a diminuir acima deles, como algum incrível foguete. As portas altearam-se com o teto, como balas puxa. As faces dos elfos ficaram encompridadas e estranhas, os olhos esbugalhando-se como buracos negros. Stan guinchou e tapou os olhos com as mãos. - *I-I-Isto não é re-re-re REAL!* - gritou Bill. - *É* real! - Stan tornou a gritar, seus pequenos punhos fechados tapando os olhos. - É *real,* você *sabe* que é, oh, Deus, vou enlouquecer, isto é *loucura, isto é loucura...* - *Ve-ve-VEJA!* - bradou Bill para Stan. Todos eles, e Ben com a cabeça tonta, olharam para Bill e o viram abaixar-se, encolher-se e, de repente, saltar para cima. Seu punho esquerdo não bateu em nada, absolutamente nada, porém houve um forte som de *crrrac!* Poeira de reboco esguichou de um lugar onde não havia mais nenhum teto... mas então, lá estava ele. O corredor voltara a ser novamente corredor - estreito, de teto baixo, sujo, com paredes que não se alongavam mais para o infinito. Havia apenas Bill, olhando para eles e segurando a mão que sangrava, suja com esbranquiçada poeira de reboco. No alto, havia a nítida marca que seu punho fizera, contra o reboco macio do teto. - N-N-Não é re-re-real - disse ele, dirigindo-se mais a Stan do que aos outros. - Apenas uma f-f-fachada f-falsa. Como uma m-máscara, no D-Dia das Br-Br-Bruxas. - Para *você,* talvez - replicou Stan foscamente. Sua expressão era de choque e horror. Olhou em torno, como que para certificar-se de onde estava. Ao olhar para ele, sentindo a acidez do suor que lhe saía dos poros, Ben - que se rejubilara com a vitória de Bill - tornou a ficar amedrontado. Stan estava a ponto de perder o controle. Em pouco ficaria histérico, começaria a gritar, talvez, e o que aconteceria então? - Para *você* - repetiu Stan. - Se eu tentasse aquilo, garanto que nada aconteceria. Porque... porque você teve seu irmão, Bill, mas eu não tenho nada!Ele olhou em torno - primeiro para a sala de visitas, que adquirira uma sombria atmosfera castanha, tão espessa e nevoenta, que eles mal podiam distinguir a porta por onde haviam entrado, depois para aquele corredor, mais claro, porém de algum modo escuro, de algum modo sujo, de algum modo totalmente louco. Elfos de chapéu, no arruinado papel de parede, sob guirlandas de rosas. O sol se infiltrou pelas vidraças da janela no final do corredor, e Ben soube que, se fossem lá embaixo, veriam moscas mortas... mais vidros quebrados., e então, o quê? As tábuas do assoalho afastando-se entre si, despejando-os em uma negra escuridão, onde dedos ansiosos esperavam para agarrá-los? Stan tinha razão; céus, por que haviam ido à toca da Coisa, sem levar mais nada além de duas estúpidas esferinhas de prata e uma atiradeira de brinquedo? Ben viu o pânico de Stan saltar de um deles para o outro e para o outro - como incêndio na relva, impelido por um vento quente. Um pânico que fez Eddie arregalar os olhos, Bev abrir a boca em um arquejo dorido, Richie empurrar os óculos para cima com a duas mãos e olhar em torno, como se um inimigo o seguisse de perto. Todos tremeram, estavam à beira da fuga, já quase esquecido o aviso de Bill para que permanecessem juntos. Agora, ouviam apenas os ventos de pânico que sopravam entre seus ouvidos, com a força de um furacão. Como que em um sonho, Ben ouviu a

Srta. Davies, bibliotecária-assistente, lendo para as crianças pequeninas: *Quem está andando na minha ponte?* E ele então as viu, aquelas criancinhas, inclinadas para diante, de expressões quietas e solenes, os olhos refletindo o eterno fascínio do conto de fadas: o monstro seria derrotado... ou ele venceria? - Eu não tenho nada - uivou Stan Uris, e pareceu muito pequeno, quase pequeno o bastante para escorregar por entre uma das fendas no assoalho de tábuas do corredor, como uma letra humana. - Você tinha seu irmão, cara, mas eu não tenho *nada!*
- Você *t-t-t-emm!* - gritou Bill para ele. Agarrou Stan e Ben teve certeza de que Bill iria sacudi-lo. Um de seus pensamentos gemeu: *Não, Bill, por favor, esse é o jeito de Henry, se fizer isso, A Coisa matará todos nós, neste momento!*

Contudo, Bill não sacudiu Stan e nem o esmurrou. Forçou-o a dar meia-volta, com mãos rudes, e puxou o livro que ele tinha no bolso traseiro do jeans. - Me dê isso de volta! - gritou Stan, começando a chorar. Os outros estavam aturdidos, recuando de Bill, cujos olhos agora pareciam chamejar. A testa dele brilhava como uma lâmpada e mantinha o livro erguido diante de Stan, como um padre erguendo uma cruz, a fim de expulsar um vampiro. - *Você t-t-tem seus p-p-p-pás-pás...*

Bill virou a cabeça para cima, os tendões salientando-se no pescoço, o pomo-de- adão como uma flecha enterrada na garganta. Ben se sentiu tomado de medo e pena por seu amigo Bill Denbrough, mas havia também um maravilhoso alívio mesclado. Teria duvidado de Bill? Algum deles duvidara? *Oh, Bill, diga, por favor, será que não pode dizer?*

E, de algum modo, Bill conseguiu dizer. - *Você tem seus PÁS-PÁS-PÁS-PÁSSAROS! Seus PÁS-PÁS-PÁSSAROS!*

Ao terminar de falar, Bill jogou o livro para Stan. Stan o pegou e olhou para o amigo, aturdidamente. Havia lágrimas cintilando em suas faces. Segurou o livro tão apertadamente, que os nós dos dedos ficaram brancos. Bill o encarou, depois se virou para os outros. - Va-Va-Vamos - tornou ele a dizer. - Será que os pássaros funcionam? - perguntou Stan, em voz baixa e enrouquecida. - Funcionaram no piezômetro, não foi? - disse Bev. Stan olhou para ela, vacilante. Richie bateu no ombro dele. - Ora, ora, garotão - disse. - Você é um homem ou um rato? - Tenho que ser um homem - replicou Stan tremulamente, enxugando as lágrimas com as costas da mão esquerda. - Que eu saiba, ratos não borram as calças. Os outros riram, mas Ben poderia jurar que sentira a casa afastando-se deles, ante aquele som. Mike se virou. - Aquela sala grande! - exclamou. - Aquela de onde acabamos de sair... vejam! Todos olharam. A sala de visitas agora estava quase negra. Não se tratava de fumaça ou algum tipo de gás; era apenas negrume, um negrume quase sólido. O ar perdera sua luz. A escuridão parecia expandir-se e contrair-se enquanto eles a fitavam, a quase transformar-se em rostos. - V-V-Vamos! Eles viraram as costas ao negrume e desceram o corredor. Três portas davam para ele, duas com imundas maçanetas de porcelana branca, a terceira tendo apenas um buraco onde estivera a maçaneta. Bill torceu a primeira e empurrou a porta. Bev se colou a ele, erguendo a atiradeira. Ben recuou, cônscio de que os outros faziam o mesmo, todos enfileirados atrás de Bill, amedrontados. Era um dormitório vazio, exceto pelo colchão

manchado. As formas enferrujadas de molas em um estrado há muito abandonado, tatuavam-se sob o colchão amarelado. Do lado de fora da única janela do quarto, girassóis inclinavam-se e assentiam. - Não há n-nada... - começou Bill, e então o colchão passou a inchar e desinchar ritmadamente. De repente, o colchão se rasgou ao meio. Um fluido negro e viscoso escorreu do interior, manchando o tecido e depois escorrendo pelo assoalho, na direção da porta. Chegou até a soleira em compridos filetes tortuosos. - Feche a porta! - gritou Richie. - Feche a maldita porta! Bill a fechou com violência, olhou para os outros e assentiu. - Vamos - disse.. Mal tocou a maçaneta da segunda porta - esta do outro lado do estreito corredor - e então todos ouviram o alto zumbido, que começava do outro lado da folha de madeira barata.

9

O próprio Bill recuou, quando ouviu o zumbido inumano que aumentava aos poucos. Ben pensou que aquele som ia enlouquecê-lo; sua mente visualizou um grilo gigantesco atrás da porta, como a criatura de um filme onde a radiação fazia todos os insetos crescerem exageradamente - *O começo do fim,* talvez *O escorpião negro,* ou o outro sobre as formigas nos esgotos pluviais em Los Angeles. Ele não poderia ter corrido, mesmo que aquele aterrorizante zumbido estilhaçasse os painéis da porta e passasse a acariciá-lo com sua enormes patas peludas. Estava vagamente cônscio de que, a seu lado, Eddie respirava em haustos curtos e rápidos. O grito subiu de tom, nunca perdendo aquela qualidade encrespada e zumbidora de inseto. Bill recuou outro passo, agora com o rosto mortalmente pálido, os olhos esbugalhados, os lábios apenas uma mancha púrpura abaixo do nariz. - Acerte-o, Beverly! - Ben se ouviu gritando. - Acerte-o através da porta, acerte-o, antes que ele nos agarre! Nesse momento, o sol infiltrou-se pela janela suja no fim do corredor, com forte e febril intensidade. Beverly ergueu a atiradeira, como uma 960menina em transe, enquanto o zumbido ficava mais alto, mais alto, mais alto... No entanto, antes que ela repuxasse as correias elásticas, Mike gritava: - Não! Não! Não faça isso, Bev! Oh, poxa! Raios me partam! Incrivelmente, Mike estava rindo. Saltou para diante, agarrou a maçaneta, girou-a e escancarou a porta. As dobradiças emitiram um breve e rangente ruído contra os batentes inchados da madeira. - É um chocalho! - exclamou Mike. - Apenas um chocalho, nada mais, algo para amedrontar os corvos! O aposento era uma caixa vazia. No chão, havia uma lata que embalara algum alimento, com as duas extremidades retiradas. No centro da lata, bem estirado e preso a furos externos nos lados, havia um pedaço encerado de barbante. Embora inexistindo qualquer brisa no quarto - a única janela estava fechada e pregada com tábuas, deixando a claridade passar apenas em frestas e raios, - não havia qualquer dúvida de que o zumbido provinha da lata vazia. Mike caminhou até ela e desferiu-lhe um vigoroso pontapé. O zumbido cessou quando a lata rolou para um canto distante.

- Apenas um chocalho - disse ele para os outros, como que se desculpando. - Nós os colocamos nos espantalhos. Nada demais. Um truque barato. Só que *eu* não sou um corvo. - Olhou para Bill, agora sem rir, mas ainda sorrindo. - Continuo com medo da Coisa - acho que todos temos medo - mas Ela também tem medo de nós. Para ser franco, penso que estou um bocado apavorado. Bill assentiu. - Eu t-t-também. Seguiram todos para a porta no final do corredor e, quando Ben viu Bill enganchar o dedo no buraco onde houvera uma maçaneta, compreendeu que ali é que seria o final; não existia truque nenhum atrás daquela porta. O cheiro agora era pior, sendo bem mais forte a potente sensação de duas forças opostas torvelinhando à volta deles. Olhou de relance para Eddie com um braço na tipóia e a mão ilesa aferrando o aspirador. Olhou para Bev em seu outro lado, pálida, segurando a atiradeira como o ossinho da sorte. Pensou: *Se tivermos que correr, eu a protegerei, Beverly. Juro que tentarei protegê-la.*

Ela devia ter captado tal pensamento, porque se virou para ele e ofereceu-lhe um sorriso tenso. Ben sorriu de volta. Bill abriu a porta com um empurrão. As dobradiças emitiram um grito opaco e então silenciaram. Era um banheiro... mas ali havia algo errado. *Alguém quebrou alguma coisa aqui,* foi tudo o que Ben pôde pensar de início. *Não foi uma garrafa de bebidas... mas o que, então?*

Cacos e estilhaços brancos, cintilando perversamente, jaziam espalhados por todos os lados. Então, ele compreendeu. Aquilo era o auge da insanidade. Começou a rir. Richie imitou-o. - Alguém deve ter soltado o avô de todos os peidos - disse Eddie. Mike começou a dar risadinhas sufocadas, assentindo com a cabeça. Stan sorria de leve. Apenas Bill e Beverly continuavam taciturnos. Os cacos brancos que juncavam o chão eram pedaços quebrados de porcelana. O vaso sanitário tinha explodido. A caixa de água para descarga permanecera bebadamente inclinada sobre uma poça d'água, impedida de cair por completo, apenas pelo fato do vaso haver sido assentado em um canto do aposento. Assim, a caixa ficara entalada naquele canto. Os garotos amontoaram-se em torno de Bill e Beverly, suas pisadas rangendo sobre os cacos de porcelana. *Seja lá o que for,* pensou Ben, *mandou a pobre privada para o inferno.* Teve uma breve visão de Henry Bowers deixando cair dentro dela duas ou três de suas bombas M-80, baixando a tampa do vaso e fugindo às carreiras. Em sua mente, apenas uma carga de dinamite seria capaz de efetuar tão cataclísmica tarefa. Havia remanescentes do vaso, ainda colados à base no chão, mas muito poucos; a maioria do que sobrara não passava de diminutas e afiadas lascas, semelhantes a dardos. O papel de parede (como no corredor, também mostrando guirlandas de rosas e elfos de chapéu) fora pulverizado de furos por todo o aposento. Dava a impressão de jatos de balas de arma de fogo, porém Ben sabia que era mais porcelana atirada às paredes pela força da explosão. Havia uma banheira pousada sobre pés em *gana,* com a sujeira de gerações de dedos dos pés entre as presas rombudas. Ben espiou dentro dela e viu uma maré rasa de limo e areia no fundo. Mais acima, pregado à parede, um chuveiro olhava para baixo, totalmente enferrujado. Havia também uma pia e, acima dela, um armário de remédios com a porta escancarada, exibindo prateleiras vazias. Pequenos anéis enferrujados sobre aquelas prateleiras indicavam onde, um dia, haviam pousado os vidros de medicamentos. - Eu não chegaria tão perto disso, Grande Bill! - exclamou Richie agudamente.

Ben se virou. Bill aproximava-se da boca do esgoto no chão, sobre o qual o vaso sanitário se assentara um dia. Após inclinar-se para o buraco, ele se voltou na direção dos companheiros. - P-Posso ouvir o me-me-mecanismo de b-b-bombear... ju-justamente como nos Bar-Bar-Barrens! Bev chegou mais perto dele. Ben a seguiu e, sim, também ele pôde ouvir: aquele ruído uniforme e vibrante. Exceto que, ecoando através das canalizações, não parecia qualquer som de mecanismo funcionando. Era mais como um ruído emitido por algo vivo. - É p-p-por aq-aqui que a C-C-Coisa s-sai - disse Bill. Seu rosto continuava mortalmente pálido, porém os olhos brilhavam de excitamento. - F-Foi da-daqui que a Coisa s-saiu naquele d-d-dia, é de o-o-onde A Coisa *s-s-sempre* s-sai! Dos en-en-encanamentos! Richie estava assentindo com a cabeça. - Nós estávamos no porão, mas não era onde A Coisa estava. Ela desceu a escada para lá. Porque só podia ter saído daqui! - E foi A Coisa que fez *isto?* - perguntou Beverly. - A-A-cho que de-devia estar c-com muita p-p-pressa - respondeu Bill gravemente. Ben espiou dentro do encanamento. Teria uns noventa centímetros de diâmetro, era escuro como boca de mina. A superfície interna de cerâmica da manilha estava incrustada de uma matéria que ele preferia ignorar. Aquela vibração continuava soando, flutuando para cima, hipnoticamente... e, de súbito, ele viu algo. Não viu logo com os olhos físicos, mas com aquele sepultado no fundo de sua mente.

A Coisa vinha rapidamente em direção a eles, movendo-se com uma velocidade de trem expresso, enchendo a garganta daquele cano escuro, de lado a lado; A Coisa agora estava em sua própria forma, qualquer que pudesse ser; quando chegasse ali, assumiria qualquer forma emitida pela mente deles. Ela estava vindo, subindo de suas próprias galerias e escuras catacumbas debaixo da terra. Seus olhos cintilando com um feroz verdor amarelado, vindo, vindo sempre; ela estava chegando.

E então, a princípio como fagulhas, ele viu seus olhos no fundo daquela escuridão. Olhos que assumiam uma forma - chamejantes e malévolos. Acima do som trovejante do maquinismo, Ben podia agora ouvir um novo ruído - *Whuuuuuuu....* Um cheiro fétido foi expelido da boca rasgada da manilha e ele recuou aos tropeções, tossindo e sufocando. - A Coisa está vindo! - gritou. - Bill, eu vi ela! A Coisa está vindo para cá! Beverly ergueu a atiradeira. - Ótimo - disse ela. Algo explodiu para fora do cano de esgoto do vaso. Tentando recordar aquele primeiro confronto, mais tarde Ben conseguia lembrar-se apenas de uma forma móvel, laranja-prateada. Não era espectral, mas sólida, e ele percebeu uma outra forma, uma forma bem real e definida, por trás da Coisa... mas seus olhos não conseguiam captar com precisão o que viam. Então, Richie recuava cambaleante, o rosto franzido em uma expressão de terror, enquanto gritava sem parar: - O Lobisomem! Bill! É o Lobisomem! O Lobisomem Adolescente! E, subitamente, a forma ganhou realidade, para Ben, para todos eles verem. O Lobisomem se postara sobre o cano de esgoto, uma pata peluda em cada lado de onde o vaso sanitário estivera. De sua cara feroz, os olhos verdes fuzilavam todos eles. O focinho se franziu para trás e uma espuma branco-amarelada escorreu por entre seus dentes. A Coisa proferiu um uivo lancinante. Seus braços avançaram na direção de Beverly, os punhos do

blusão com iniciais do ginásio, recuando de seus braços cobertos de pêlos. O cheiro que A Coisa desprendia era quente, bruto, homicida. Beverly gritou. Ben a agarrou pela parte de trás da blusa, puxando-a com tanta força que as costuras debaixo dos braços se abriram. Uma pata em garra varou o ar onde ela estivera apenas um momento antes. Beverly continuou recuando aos tropeções, até se chocar com a parede. A bola de prata escapou da taça da atiradeira. Por um momento, cintilou no ar. Mais rápido do que um pensamento, Mike a agarrou, devolvendo-a a Beverly. - Acerte A Coisa, garota - disse ele. Sua voz era perfeitamente calma, quase serena. - Acerte ela, agora! O Lobisomem proferiu um rugido aterrorizador, que se transformou em um uivo de congelar o sangue, com o focinho virado para o teto. O uivo transformou-se depois em gargalhada. A Coisa saltou para Bill, quando ele se virou a fim de olhar para Beverly. Ben o empurrou para um lado e Bill caiu no chão, esparramado.- *Acerte A Coisa, Bev!* - gritou Richie. - *Pelo amor de Deus, atire logo!*

O Lobisomem arremeteu para diante e, na mente de Ben, não houve a menor dúvida, naquele momento ou mais tarde, de que A Coisa sabia perfeitamente quem era o líder ali. Ela estava atrás de Bill. Beverly fez pontaria e atirou. A bola de prata voou e novamente estava com o trajeto errado, mas desta vez não houve uma trajetória encurvada como salvação. Ela errou o alvo por mais de trinta centímetros, produzindo um buraco no papel de parede, acima da banheira. Com os braços perfurados por pedacinhos de porcelana e soltando sangue por uma dúzia de lugares, Bill gritou uma praga. A cabeça do Lobisomem girou, espiando em torno; os olhos esverdeados e cintilantes da Coisa fixaram-se em Beverly. Sem pensar, Ben saltou para a frente dela, que já remexia no bolso, procurando o outro projétil de prata. Os jeans de Beverly estavam justos demais, não com uma idéia de provocação de sua parte. Apenas, como os shorts que usara no dia de Patrick Hockstetter e da geladeira, estava vestindo um modelo comprado no ano anterior. Os dedos dela se fecharam em torno da bolinha, mas esta escapou. Tateando novamente, Beverly tornou a agarrá-la. Puxou-a para fora, virando o bolso pelo avesso e deixando cair quatorze centavos, os canhotos de duas entradas para o Aladdin e uma boa quantidade de fios soltos. O Lobisomem avançou para Ben, que permanecia protetoramente diante dela... a lhe bloquear o campo de fogo. A Coisa mantinha a cabeça de banda, no mortal ângulo do predador que se lança ao ataque, as mandíbulas entrechocando-se. Ben avançou às cegas para A Coisa. Agora, em sua reação parecia inexistir espaço para o terror - em vez disso, sentia apenas uma espécie de entontecida raiva, misturada a espanto e um senso de que, de certo modo, o tempo fizera uma súbita e inesperada parada. Suas mãos entranharam-se em duros cabelos emaranhados - *o pêlo,* pensou ele, *estou com os dedos enfiados no pêlo da Coisa* - e pôde sentir o osso duro do crânio do Lobisomem mais abaixo. Empurrou aquela cabeça lupina com todas as forças, mas embora fosse um menino corpulento, não houve o menor efeito. Se não houvesse tropeçado para trás e batido na parede, o estranho ser lhe teria dilacerado a garganta com os dentes. A Coisa avançou novamente para ele, seus olhos amarelo-esverdeados chamejando, grunhindo em cada respiração. O hálito que exalava tinha o fedor dos esgotos e de algo mais, um odor silvestre mas desagradável, como o de avelãs apodrecidas. Uma de suas enormes patas elevou-se no ar e Ben saltou para um lado, o mais rápido que pôde. Dotada de fortes garras, a pata produziu feridas sem sangue no papel de parede e no velho reboco abaixo dele. Ben ouviu Richie gritar vagamente alguma coisa, Eddie berrar para Beverly que acertasse A Coisa, acertasse A Coisa.

Beverly, entretanto, não obedeceu. Aquela era sua última chance. Agora, importava tão-somente, *saber* aproveitá-la. Uma frieza total, que nunca mais tornou a sentir na vida, caiu sobre sua visão. Podia avaliar tudo com absoluta perfeição; nunca mais tornaria a ver as três dimensões da realidade definidas com tamanha clareza. Nesse momento, podia precisar cada cor, cada ângulo, cada distância. O medo desaparecera. Sentia-se invadida pela simples ânsia de segurança do caçador e pela iminente consumação. As batidas de seu pulso diminuíram. A trêmula e histérica pressão dos dedos que seguravam a atiradeira afrouxou, depois se firmou e ficou natural. Ela inspirou fundo. Houve a sensação de que seus pulmões jamais se encheriam completamente. A distância, fracamente, ela ouvia sons de batidas. Não importava, fossem elas o que fossem. Ajeitou-se para a esquerda, esperando que a improvável cabeça do Lobisomem se ajustasse, com fria exatidão, dentro do campo visual através do Y formado pela atiradeira, agora com as correias extensíveis bem estiradas. As patas do Lobisomem tornaram a descer. Ben tentou mergulhar abaixo delas mas, de repente, viu-se apanhado pela Coisa. Ela o sacudiu para diante, como se ele fosse um boneco de trapos. As mandíbulas do Lobisomem se abriram. - Bastardo... Ben enfiou um polegar em um dos olhos da Coisa. Ela berrou de dor, e uma daquelas patas providas de garras riscou a camisa dele, de alto a baixo. Ben encolheu o estômago, mas uma das garras desenhou uma ardente linha de dor em seu dorso. O sangue esguichou dele, salpicando-lhe as calças, os tênis, o chão. O Lobisomem atirou-o dentro da banheira. Ben bateu com a cabeça, viu estrelas, lutou para sentar-se, e viu que tinha o colo banhado em sangue. O Lobisomem girou. Com aquela mesma clareza lunática, Ben reparou que A Coisa usava desbotados jeans Levi Strauss. As bainhas se tinham desfeito. Um lenço vermelho e amarrotado, da espécie que um guarda-freios usaria, pendia de um bolso traseiro. Escritas nas costas do blusão negro e laranja de ginásio que A Coisa vestia, estavam escritas as palavras EQUIPE ASSASSINA DO GINÁSIO DE DERRY. Abaixo disto, o nome PARCIMONIOSO. E, no centro, um número: 13. A Coisa avançou de novo para Bill. Ele se levantara e agora estava de costas para a parede, encarando fixamente o Lobisomem. - *Vamos, Beverly, atire!* - tornou a gritar Richie. - Bip-bip, Richie - ela se ouviu dizendo, como se estivesse a mil quilômetros de distância. A cabeça do Lobisomem de repente ficou lá, no campo de tiro da atiradeira, no alvo exato. Beverly fez pontaria para um dos olhos esverdeados da Coisa e soltou ataca da "Tiro-certo". Nenhuma de suas mãos tremia; ela atirou a bala de prata, tão macia e naturalmente, como tinha atirado contra as latas no depósito de lixo, no dia em que todos se tinham revezado para ver quem era o melhor atirador. Houve tempo para Ben pensar: *Oh, Beverly, se você errar desta vez, todos seremos mortos, e eu não quero morrer nesta banheira suja, mas não consigo sair daqui.*

Não houve erro algum. Um olho redondo - não verde, mas inteiramente negro - surgiu de repente acima do centro do focinho da Coisa: Beverly mirara o olho direito e perdera o alvo por coisa de centímetro e meio. O berro da Coisa - um grito quase humano de surpresa, dor, medo e raiva - foi ensurdecedor. Os ouvidos de Ben retiniram com ele. Então, o orifício perfeitamente redondo em seu focinho desapareceu, obscureci-do por jatos de sangue. Não era sangue fluindo, mas esguichando do ferimento, em uma torrente de alta pressão. O sangue atingiu o rosto e os cabelos de Bill. *Não importa,* pensou Ben, quase histericamente. *Não*

se preocupe, Bill. Afinal, ninguém verá nada, quando sairmos daqui. Se chegarmos a sair.

Bill e Beverly avançaram sobre o Lobisomem e, atrás deles, Richie gritava histericamente: - Acerte A Coisa novamente, Beverly! Acabe com Ela! - Mate Ela! - gritou Mike. - Isso mesmo, mate Ela! - berrou Eddie. - *Mate Ela!* - gritou Bill, a boca repuxada em um trêmulo arco. Havia uma faixa branco-amarelada de pó de reboco em seus cabelos. - *Mate Ela, Beverly, não deixe A Coisa fugir! Não há mais munição,* pensou Ben, incoerentemente, *estamos sem balas. O que querem dizer com isso de mate A Coisa?*

Entretanto, olhou para Beverly e compreendeu. Se seu coração nunca tinha sido dela antes, a partir de então ele o teria entregue. Ela tornava a retesar as correias elásticas da atiradeira. Tinha os dedos fechados sobre a taça da "Tiro-certo", ocultando o fato de estar vazia. - Mate Ela! - gritou Ben, e se deixou cair desajeitadamente por sobre a borda da banheira. Seus jeans e a cueca estavam novamente colados à pele, por causa do sangue. Ele não sabia se estava muito ferido ou não. Após a quente ardência inicial, não houvera mais muita dor, porém certamente o sangue escapava com vontade. Os olhos esverdeados do Lobisomem lampejaram por eles, agora repletos de incerteza, bem como de dor. O sangue escorria pela frente de seu blusão. Bill Denbrough sorriu. Era um sorriso doce, quase meigo... mas que não lhe tocava os olhos. - Você não devia ter começado com meu irmão - disse ele. - Mande esse troço fodido para o inferno, Beverly! A incerteza abandonou os olhos da criatura - Ela acreditou. Com graciosa agilidade, Ela se virou e mergulhou na manilha de esgoto. À medida que mergulhava, A Coisa ia mudando. O blusão do Ginásio de Derry fundiu-se a seu pêlo e a cor desbotou de ambos. O formato de seu crânio alongou-se, como se A Coisa fosse feita de cera, que agora amolecia e começava a escorrer. A forma exterior alterou-se. Por um instante, Ben acreditou quase ter visto qual a forma real da Coisa, e seu coração gelou no peito, deixando-o arquejante. - *Vou matar todos vocês!* - rugiu uma voz, do interior da manilha. Era espessa, selvagem, de maneira alguma humana. - *Matarei todos vocês... matarei todos vocês... matarei todos vocês...*

As palavras foram morrendo, diminuindo, desaparecendo, ficando distantes... e finalmente se mesclaram ao surdo e vibrante zumbido das máquinas de bombeamento percorrendo os encanamentos. A casa pareceu assentar-se com um forte e subaudível baque surdo. Entretanto, ela não se assentava, conforme Ben percebeu; de algum modo estranho, *encolhia-se,*
retomava seu tamanho normal. Qualquer que fosse a mágica empregada pela Coisa, a fim de dar à casa 29 da Rua Neibolt uma impressão de maior tamanho, agora desaparecera. A casa havia encolhido como um elástico distendido, solto de repente. Era apenas uma casa agora, fedendo a mofo e coisas apodrecidas, uma casa sem móveis, onde bêbados e vagabundos às vezes vinham beber, conversar e dormir, fugindo da chuva. A Coisa se fora. Em sua esteira, agora o silêncio parecia demasiado alto.

10

- T-T-Temos que d-dar o fo-fora da-da-daqui - disse Bill. Tinha caminhado para Ben, que tentava levantar-se, e agarrou uma das mãos que ele estendia. Beverly estava perto da manilha. Baixou os olhos para si mesma, e toda a frieza anterior desapareceu como por encanto, parecendo transformar sua pele inteiramente, deixando-a como uma meia aquecida. Em realidade, aquilo tinha sido o efeito de uma profunda respiração. Os vagos sons estalantes que ouvira haviam sido produzidos pelos botões de sua blusa. Tinham caído, todos eles. A blusa agora pendia aberta, revelando claramente seus seios pequeninos. Ela comprimiu a blusa contra o corpo, procurando fechá-la. - Ri-Ri-Richie - chamou Bill. - Aj-Ajude-me aqui c-com B-B-Ben! Ele e-e-está... Richie se juntou a ele, depois Stan e Mike. Os quatro conseguiram levantar Ben. Eddie se aproximara de Beverly e passara desajeitadamente o braço sadio por seus ombros. - Você foi grande! - exclamou, e ela prorrompeu em lágrimas. Ben deu duas grandes e vacilantes passadas até a parede, recostando-se nela, antes de cair novamente. Sentia a cabeça tonta. A cor continuava entrando e saindo do mundo. Decididamente, estava quase vomitando. Então, sentiu que Bill passava o braço em torno de seu corpo, forte e confortador. - C-Como está a si-situação, M-Monte de Fe-Feno? Ben se forçou a olhar para o próprio estômago. Descobriu que executar dois atos simples - baixar o pescoço e aumentar o rasgão em sua camisa - exigiam-lhe mais coragem do que a necessitada para que entrasse naquela casa, antes de mais nada. Esperava ver metade de suas entranhas pendendo à frente do corpo, como grotescos úberes. No entanto, verificou que o fluxo de sangue reduzira-se a mero filete. O Lobisomem o cortara, em comprimento e profundidade mas, aparentemente, o ferimento não era mortal. Richie se juntou a eles. Olhou para o corte, que descrevia um torcido trajeto pelo peito de Ben, indo morrer no topo da protuberância do estômago. Depois olhou seriamente para o rosto dele. - É como se você pudesse usar as tripas como suspensórios, Monte de Feno. Sabia? - Não dá pé, Zé - replicou Ben. Ele e Richie entreolharam-se por um longo e meditativo momento. Depois prorromperam em risadinhas histéricas simultaneamente, um chovendo saliva no outro. Richie abraçou Ben e bateu-lhe nas costas. - Derrotamos A Coisa, Monte de Feno! Derrotamos A Coisa! - N-N-Nós não a de-de-derrotamos - disse Bill carrancudamente. - O q-que ti- tivemos f-f-foi s-sorte. V-Vamos embora da-daqui, antes q-que E-E-Ela res-resolva v-v- voltar! - Para onde? - perguntou Mike. - Para os Bar-Bar-Barrens - decidiu Bill. Beverly caminhou para eles, ainda mantendo a blusa fechada. Tinha as faces muito vermelhas. - Para o clube? Bill assentiu. - Alguém pode me emprestar uma camisa? - perguntou ela, enrubescendo ainda mais. Bill olhou para ela, e então foi a sua vez de também enrubescer, instantaneamente. Desviou os olhos depressa mas, nesse instante, Ben sentiu um jato de percepção e

melancólico ciúme. Naquele segundo, naquele único segundo, Bill tivera consciência dela, de uma forma que somente Ben havia tido antes. Os outros também espiaram e desviaram os olhos. Richie tossiu contra o dorso da mão. Stan ficou vermelho. Mike Hanlon recuou um ou dois passos, como se realmente amedrontado pela visão daquele pequenino seio alvo, visível debaixo da mão dela. Beverly ergueu a cabeça e sacudiu a cabeleira para as costas. Ainda estava vermelha, porém seu rosto era adorável. - Nada posso fazer, se sou uma menina - disse, - ou se estou começando a crescer na parte de cima... E agora, será que alguém pode emprestar uma camisa? - C-CIaro - disse Bill. Puxou sua camiseta branca pela cabeça desnudando o peito estreito, deixando visível o desenho das costelas, revelando os ombros queimados de sol e pontilhados de sardas. - T-T-tome. - Obrigada, Bill - disse ela. Por um ardente, chamejante momento, os olhos de ambos encontraram-se, ficaram presos uns nos outros. Bill não virou o rosto desta vez. Seu olhar era firme, de adulto. - N-Não tem d-de q-q-quê - respondeu.

Sorte sua, Grande Bill, pensou Ben, virando o rosto para não testemunhar aquele olhar. Era uma coisa que o magoava, ferindo-o em um lugar mais profundo, que nenhum vampiro ou lobisomem conseguiria atingir. De qualquer modo, havia algo que era correção. Ele não conhecia a palavra, mas tinha uma nítida compreensão de seu conceito. Fitá-los, enquanto os dois se olhavam daquela maneira, era tão errado como fitar os seios dela, quando Beverly soltou a frente da blusa, a fim de enfiar a camiseta de Bill pela cabeça. *Já que é assim... Só que você jamais a amará como eu. Nunca!*
A camiseta de Bill chegava quase aos joelhos de Beverly. Se não fossem as pernas do jeans, continuando após a bainha, ela daria a impressão de estar usando um vestido curto. - V-V-Vamos e-e-embora - repetiu Bill. - Não pos-posso d-dizer q-quanto a vocês, c-c-caras, mas eu j-j-já ti-tive o su-su-suficiente por um d-d-dia. A verdade é que todos eles haviam tido.

11

Uma hora depois, estavam todos no clube subterrâneo, cuja janelinha e alçapão permaneciam abertos. Estava fresco no interior e, naquele dia, reinava um silêncio abençoado nos Barrens. Ficaram sentados sem falar muito, cada um imerso em seus pensamentos. Richie e Bev revezavam-se nas tragadas de um Marlboro. Eddie fez uma breve inalação em seu aspirador. Mike espirrou várias vezes e desculpou-se. Disse que estava pegando um resfriado. - É a única cosa que *poderia* pegar, señor - disse Richie, em tom suficientemente amistoso, e isso foi tudo. Ben continuava esperando que o louco interlúdio na casa da Rua Neibolt assumisse os matizes de um sonho. *Ele recuará e sumirá,* pensou,como acontece com pesadelos. *A gente acorda ofegando e suando frio, mas quinze minutos depois nem mesmo se lembra com o que tinha sonhado.*

Entretanto, não foi o que aconteceu. Tudo o que ocorrera, desde o momento em que forçara a entrada pela janela do porão, até quando Bill usara a cadeira da cozinha para quebrar uma janela, a fim deles poderem sair, continuou vivido e claramente

impresso em sua memória. Não havia sido um pesadelo. O ferimento em seu peito e barriga, agora coberto por ataduras, não fora um sonho, pouco importando se sua mãe pudesse ou não vê-lo. Por fim, Beverly levantou-se. - Tenho que ir para casa - disse. - Quero trocar de roupa antes que minha mãe chegue. Ela me mataria, se me visse usando uma camiseta de menino. - Ela a matarria, senhorrita - concordou Richie, - mas lhe darria uma morrte *lenta.*

- Bip-bip, Richie. Bill olhava gravemente para ela. - Eu lhe devolverei a camiseta, Bill. Ele assentiu e fez um gesto com a mão, como que indicando que não tinha importância. - Você ficará em apuros? Quero dizer, voltando para casa sem a camiseta? - N-Não. Afinal, e-eles mal m-m-me pe-percebem, q-quando estou p-por lá. Ela assentiu, mordeu o carnudo lábio inferior - uma garota de onze anos, alta para a idade e simplesmente linda. - O que acontecerá agora, Bill? - Eu n-n-não s-s-sei. - O negócio ainda não terminou, certo? Bill meneou a cabeça. - Agora - disse Ben, - A Coisa vai querer a gente mais do que nunca. - Mais balas de prata? - perguntou Beverly. Ben descobriu que mal conseguia sustentar-lhe o olhar. *Eu a amo, Beverly... conceda-me apenas isso. Você pode ter Bill, o mundo ou qualquer coisa que quiser. Deixe-me apenas ter isso, deixe-me continuar a amá-la, e para mim será o bastante.*- Não sei - respondeu ele. - Poderíamos, mas... A voz dele extinguiu-se, ele deu de ombros. Ben não saberia explicar que sentia, de certo modo, era incapaz de expressar-se - de falar que quilo era como estar em um filme de monstros, mas não era. A múmia carecera diferente, em certos sentidos... sentidos que confirmavam sua realidade essencial. O mesmo se aplicava ao Lobisomem - poderia dar eu testemunho neste caso, porque o vira no paralisante *close-up* de um não-filme, em um filme tridimensional inexistente. Ele enfiara as mãos nos ásperos pêlos interiores da pelagem emaranhada da Coisa, vira um pequenino e maléfico ponto ígneo alaranjado (como um pompom!) em um de seus olhos esverdeados. Tais coisas eram... bem... eram sonhos-tornados-reais. E quando sonhos ficavam reais, escapavam ao controle do sonhador, transformavam-se em coisas inteiramente autônomas, capazes de ação independente. As balas de prata tinham funcionado, porque eles sete haviam estado unidos na crença de que funcionariam. Contudo, não haviam matado A Coisa. E, da próxima vez, Ela viria ao encontro deles sob uma nova forma, contra a qual nenhuma bala de prata teria efeito. Nenhum poder.

Poder, poder, pensou Ben, olhando para Beverly. Estava tudo bem agora; os olhos dela haviam encontrado os de Bill novamente, e os dois entreolhavam-se, como que perdidos. Foi apenas por um momento, mas que a Ben pareceu longuíssimo.
Tudo sempre retorna ao poder. Eu amo Beverly Marsh, e ela tem poder sobre mim. Beverly ama Bill Denbrough, que tem poder sobre ela. No entanto - acho eu - ele irá amá-la. Talvez seja por causa do rosto dela, do jeito como parecia quando disse que nada podia fazer, se era uma menina. Talvez fosse por ter visto um seio, ainda que por um instante. Talvez fosse pela expressão dela, algumas vezes, quando a luz lhe batia bem dentro dos olhos. Não importa. Contudo, se ele estiver começando a amá-la, ela terá poder sobre ele. O Super-homem tem poder, exceto quando há cryptonita por perto. O Batman tem poder, mesmo não conseguindo voar ou enxergar através de paredes.

Mamãe tem poder sobre mim, e seu chefe na fábrica tem poder sobre ela. Todos têm algum poder... exceto, talvez, crianças pequeninas e bebês.
Então, ele refletiu que inclusive crianças pequeninas e bebês tinham poder, já que podiam chorar à vontade, até alguém fazer alguma coisa para calá-los. - Ben? - perguntou Beverly, olhando para ele. - O gato comeu sua língua? - Que? Oh, não. Estava pensando sobre o poder. O poder daquelas balas de prata. Bill o observava fixamente. - Eu me perguntava de onde viria aquele poder - explicou Ben. Is-Is-Isso... - começou Bill, mas então se calou. Uma expressão pensativa tomou conta de seu rosto. - Tenho mesmo que ir andando - disse Beverly. - Até logo para todos, certo? - Certo, apareça amanhã - replicou Stan. - Vamos quebrar o outro braço de Eddie. Todos eles riram. Eddie fingiu atirar seu aspirador em Stan. - Tchau então - disse Beverly, içando-se para sair do clube. Ben olhou para Bill e reparou que ele não se juntara ao riso dos demais. Aquela expressão pensativa continuava em seu rosto e Ben compreendeu que precisaria chamá-lo duas ou três vezes, antes que ele respondesse. Sabia no que Bill pensava, porque também estaria meditando na mesma coisa pelos dias vindouros. Não o tempo todo, claro. Haveria roupas para pendurar e tirar do varal, ajudando sua mãe, jogos de pique e brincadeiras de tiro-ao-alvo nos Barrens; e durante um período chuvoso, nos quatro primeiros dias de agosto, eles sete ficariam envolvidos em uma louca disputa, jogando Parcheesi (*Jogo de origem indiana, sobre tabuleiro marcado e semelhante ao gamão. - N. da T.*) na casa de Richie Tozier, tomando a dianteira, um enviando o outro indolentemente ao ponto de partida, deliberando como exatamente seria feita a contagem dos pontos dos dados, enquanto a chuva caía lá fora. Sua mãe lhe anunciaria que achava Pat Nixon a mais bela mulher da América, ficando horrorizada quando ele optou por Marilyn Monroe (excetuando-se a cor dos cabelos, Ben achava Bev parecida com Marilyn Monroe). Haveria tempo para comer quantos doces, salgados e sanduíches ele pudesse abarcar com as mãos, e tempo para sentar na varanda dos fundos, lendo *Lucky Starr e as luas de Mercúrio.* Haveria tempo para tudo isso, enquanto os ferimentos em seu peito e barriga cicatrizavam e começavam a coçar, porque a vida continua e, aos onze anos, embora inteligente e habilidoso, ele não possuía um senso real de perspectiva. Sobreviveria, após tudo o que ocorrera na casa da Rua Neibolt. Afinal de contas, o mundo era prenhe em maravilhas. Contudo, haveria momentos soltos, quando ele retomaria as perguntas e as examinaria: *O poder da prata, o poder das esferinhas - de onde proviria semelhante poder? De onde provém qualquer poder? Como consegui-lo? Como usá-lo?*

Parecia-lhe que suas vidas podiam depender de tais perguntas. Uma noite, quando ele adormecia, a chuva tamborilando em acalanto no teto e contra as janelas, ocorreu-lhe que havia outra questão, talvez a *única. A Coisa* possuía alguma forma real, ele quase a vira. Ver a forma era ver o segredo. Seria assim também com o poder? Talvez fosse. Pois não era verdade que o poder, como A Coisa, mudava de forma? Era um bebê chorando no meio da noite, era uma bomba atômica, era uma bala de prata, era a maneira como Beverly olhara para Bill e a maneira como Bill olhara para ela. Afinal, exatamente o que *era* o poder?

12

Nas duas semanas seguintes, nada aconteceu de grande importância.

DERRY:

O QUARTO INTERLUDIO

"Você vai perder Não pode ganhar o tempo todo.
Você vai perder Não pode ganhar o tempo todo, já
não lhe disse? Eu sei, belezinha, Vejo problemas
que estão chegando."

- John Lee Hooker,
"You Got to Lose"

6 de abril de 1985

É o que lhes digo, amigos e vizinhos - estou bêbado esta noite. Infernalmente bêbado. Uísque de centeio. Fui ao Wally's e comecei, fui ao gramado lá na Rua Center, meia hora antes deles fecharem, e comprei um quinto de galão de uísque de centeio. Sei o que pretendo. Beber barato esta noite, pagar caro amanhã. Então, aqui está ele sentado, um negro bêbado em uma biblioteca pública, após encerrado o expediente, com este livro aberto à frente e a garrafa de Old Kentucky à minha esquerda. "Diga a verdade e comprometa o diabo", minha mãe costumava dizer, mas esqueceu de explicar-me que, às vezes, não podemos comprometer o Sr. Pé Fendido, se estivermos sóbrios. Os irlandeses sabem mas, naturalmente, eles são os negros brancos de Deus, e quem pode dizer? Talvez eles estejam um passo à frente. Quero escrever sobre bebida e o diabo. Lembram-se de *A ilha do tesouro?* O velho lobo-do-mar para o Almirante Benbow. "Ainda conseguiremos, Jacky!" Aposto como o amargo velhote fodido até acreditava nisso. Encharcado de rum - ou uísque de centeio - um sujeito acreditava em qualquer coisa. Bebida e o diabo. Tudo bem. Às vezes, diverte-me pensar quanto tempo eu duraria, se chegasse mesmo a publicar algo das coisas que escrevo na calada da noite. Se exibiria alguns dos esqueletos no armário de Derry. Existe uma Junta de Diretores na biblioteca. Onze membros. Um é um velho escritor de setenta anos, que teve um enfarte há dois e agora geralmente precisa de ajuda para encontrar seu lugar em cada reunião programada (e que, por vezes,foi observado tirando grandes melecas secas das narinas peludas e guardando-as cuidadosamente dentro do ouvido, como se para mantê-las em segurança). Outro membro é uma agressiva mulher que vem de Nova York com o marido médico e que fala em constante, ganido monólogo, sobre o quanto Derry é provinciana, como ninguém aqui compreende A EXPERIÊNCIA JUDIA e como uma pessoa tem que ir a Boston, se quiser comprar uma saia com a qual deseje ser vista. A última vez que esta anoréxica criatura falou comigo, sem os serviços de um intermediário, foi durante a festa de Natal da Diretoria, há coisa de ano e meio. Ela consumira uma boa quantidade de gim, e então perguntou-me se, em Derry, alguém compreendia A EXPERIÊNCIA NEGRA. EU também consumira uma boa quantidade de gim, tendo então respondido: "Sra. Gladry, os judeus podem ser um grande mistério, mas os negros são compreendidos no mundo inteiro." Ela se engasgou com seu drinque, virando-se tão bruscamente, que, por um momento, suas calcinhas ficaram visíveis sob a saia esvoaçante (não uma visão muito interessante; teria sido, no caso de Carole Danner!), e assim terminou minha última conversa informal com a Sra. Ruth Gladry. Não se perdeu grande coisa. Os outros membros da Diretoria são os descendentes dos barões da madeira. Seu patrocínio à biblioteca é um ato de expiação herdada: eles violaram as florestas, e agora cuidam destes livros da maneira como decidiria um libertino, em sua meia-idade, cuidar dos bastardos produzidos alegremente quando era jovem. Foram seus avós e bisavôs que realmente abriram as pernas das florestas ao norte de Derry e de Bangor, violentando, com seus machados e alavancas de arrastar toras, aquelas virgens vestidas de verde. Eles cortaram, derrubaram e serraram aquelas árvores, nunca olhando para trás. Dilaceraram o hímen daquelas imensas florestas, quando Grover Cleveland era Presidente, e já haviam encerrado maravilhosamente a obra, na época em que Woodrow Wilson teve o seu ataque cardíaco. Tais rufiões de camisas rendadas estupraram as grandes florestas, impregnaram-nas com uma ninhada de clareiras e espruces abatidos, transformaram Derry, de sonolenta cidadezinha construtora de barcos em progressista cabaré, onde

saloons e bares nunca fechavam e as prostitutas trabalhavam noite a dentro. Um antigo veterano, Egbert Thoroughgood, hoje com noventa e três anos, contou-me que possuíra uma mirrada prostituta em um berço na Rua Baker (uma rua que não existe mais; onde a Baker um dia efervesceu e urrou, hoje se erguem quietos prédios de apartamentos para a classe média).”Só depois que deixei minha energia dentro dela, percebi que a criatura estava deitada em uma lagoa de esperma, com uns três centímetros de profundidade. A coisa já virará geléia. ‘Garota’, perguntei, ‘você nunca se cuida?’ Ela olhou para baixo e disse: ‘Posso trocar o lençol, se você quiser repetir a dose. Acho que há dois no armário do corredor. Claro que sei que fico deitada até nove ou dez horas, mas por volta de meia- noite a cona já está tão entorpecida, que nem percebo mais nada.’ Assim foi Derry durante os primeiros vinte anos do século vinte: baderna, bebedeira e baixeza. O Penobscot e o Kenduskeag ficavam coalhados de troncos flutuando, desde o degelo de abril ao gelo de novembro. Os negócios começaram a regredir na década de vinte, sem a Grande Guerra ou as madeiras de lei para sustentá-los, vacilando até uma parada total durante a Depressão. Os barões da madeira punham seu dinheiro nos bancos de Boston ou Nova York que haviam sobrevivido ao desastre financeiro, e deixaram que a economia de Derry vivesse - ou morresse - por conta própria. Voltaram para suas elegantes casas na Broadway Oeste e enviaram os filhos a escolas particulares em New Hampshire, Massachusetts e Nova York. Subsistiram garantidos por seus dividendos e conexões políticas. O que restou de sua supremacia, setenta e tantos anos após Egbert Thoroughgood fazer amor com uma prostituta de um dólar, em uma espermatizada cama da Rua Baker, foram florestas vazias nos condados de Penobscot e Aroostook, além das grandes casas vitorianas que enchem dois quarteirões, ao longo da Broadway Oeste... e minha biblioteca, naturalmente. Exceto que os bons sujeitos da Broadway Oeste tomariam de mim a “minha biblioteca” em um piscar de olhos, se eu publicar alguma coisa sobre a Legião da Decência, o incêndio no Ponto Negro, a execução do Bando de Bradley... ou o caso envolvendo Claude Heroux e o Dólar de Prata. O Dólar de Prata era um boteco de quinta categoria, e foi lá que aconteceu o que pode ter sido o mais singular assassinato em massa em toda a história da América, em setembro de 1905. Em Derry ainda existem alguns veteranos que dizem lembrar-se da história, mas o único relato em que confio plenamente, é o de Thoroughgood. Ele tinha dezoito anos, quando ocorreu o fato. Hoje, Thoroughgood vive no Abrigo Paulson para Idosos. Está desdentado, e seu sotaque do Valley Franco, em Saint John, região pobre do leste, é tão forte, que provavelmente apenas outro antigo habitante do Maine entenderia o que ele fala, se suas palavras fossem escritas foneticamente. Sandy Ives, o folclorista da Universidade do Maine, já mencionado por mim nestas loucas páginas, ajudou-me a traduzir minhas fitas gravadas. Na opinião de Thoroughgood, Claude Heroux era *“Un bat Canuck sonofawhore widdin eye thafd roll adju like a marfs in dem oonlight”*. (*Tradução para inglês inteligível: “One bad Canuck son ofa whore with an eye that would roll at you like a mare’s in the moonlight.”* - “Um miserável Canuck filho da puta, que revirava os olhos para a gente, como uma mula ao luar.” - N. da T.)
Thoroughgood contou que ele - e todos os que haviam trabalhado com Heroux - consideravam o homem tão sonso como um cachorro ladrão de galinhas... o que tornou ainda mais surpreendente sua incursão ao Dólar de Prata, para acionar a machadinha. Era algo que não combinava. Até então, os madeireiros de Derry achavam que os talentos de Heroux pendiam mais para incendiar florestas. O verão de 1905 foi quente e prolongado, tendo ocorrido vários incêndios nas florestas. O maior deles, que mais tarde Heroux admitiu ter ateado, simplesmente

colocando uma vela acesa no meio de uma pilha de gravetos e lascas de madeira, aconteceu na Floresta Big Injun, de Haven. Queimou vinte mil acres de madeira de lei, e se podia sentir o cheiro da fumaça a cinqüenta e cinco quilômetros de distância, enquanto os bondes puxados a burro subiam a Colina Milha Acima, em Derry. Na primavera daquele ano, houvera certos breves comentários sobre a criação de um sindicato. Quatro madeireiros estavam envolvidos em sua organização (não que houvesse grande coisa para organizar; na época, os trabalhadores do Maine eram contra sindicatos, e a maioria continua pensando da mesma forma, nos dias de hoje), e um dos quatro era Heroux, que certamente considerou suas atividades sindicalistas um pretexto para falar grosso e passar um bocado de tempo bebendo nas ruas Baker e Exchange. Ele e os outros três denominavam-se "organizadores", mas os barões da madeira os chamavam de "baderneiros". Uma proclamação, afixada às tendas de cozinha em acampamentos madeireiros, de Monroe a Haven Village, da Plantação Sumner a Millinocket, informava aos lenhadores que seria imediatamente despedido do emprego qualquer homem que se soubesse discutindo o assunto. Em maio daquele ano, houve uma pequena greve nos arredores de Trapham Notch e, embora fosse interrompida em curto prazo, tanto pelos trabalhadores que a furaram, como por "policiais da cidade" (e isso era bastante peculiar, entendam, porque havia quase trinta "policiais da cidade" empunhando cabos de machado e rachando crânios, mas antes daquele dia de maio não existira um só policial em Trapham Notch - que possuía setenta e nove habitantes, pelo censo de 1900 - pelo menos que alguém soubesse), Heroux e seus amigos organizadores consideraram o fato uma grande vitória para sua causa. Em resultado, resolveram ir beber em Derry e promover um pouco mais de "organização"... ou "baderna", dependendo do lado que se favorecesse. Seja como for, deve ter sido um trabalho em vão. Eles passaram pela maioria dos bares no Meio Acre do Inferno, indo terminar no Dólar de Prata Sonolento, abraçados pelos ombros, bêbados de trocar as pernas, alternando canções sindicalistas com melodias patéticas, como "Os olhos de minha mãe contemplam do céu", embora pessoalmente eu ache que qualquer mãe, contemplando de lá e vendo o filho em tal estado, teria todos os motivos justificáveis para virar o rosto. Segundo Egbert Thoroughgood, o único motivo para alguém imaginar a presença de Heroux em qualquer movimento, era Davey Hartwell. Hartwell era o principal "organizador" ou "baderneiro", e Heroux estava apaixonado por ele. Não era o único: a maioria dos homens no movimento amava Hartwell, profunda e apaixonadamente, com aquele amor orgulhoso que os homens reservam àqueles de seu próprio sexo que seja possuidor de um magnetismo próximo à divindade. Disse Thoroughgood, que *"Davey Ardwell wadd main who lak e ohn heffa de worl an haddin a daylah on de resp"*. (Tradução

para inglês inteligível: *"Davey Hartwell was a man who walked like he owned halfofthe world and had him a deadlock on the rest."* - "Davey Hartwell era um homem que agia como se metade do mundo fosse sua, estando a outra metade em um beco sem saída." - N. da T.) *Heroux* seguia Hartwell no negócio da organização, como o teria seguido se ele decidisse ir para um estaleiro em Brewer, mais acima, ou em Bath, mais abaixo. Ou, talvez, se fosse construir os viadutos Seven Trestles, em Vermont. Ou, ainda, se resolvesse fazer renascer a linha de correios do Pony Express, no oeste, por exemplo. Heroux era dissimulado e mesquinho; em uma novela, creio que isso excluiria quaisquer boas qualidades. Contudo, quando às vezes um homem levou metade da vida suspeitando e sob suspeita, sendo um solitário (ou um Perdedor), tanto por escolha como pelas opiniões da sociedade a seu respeito, é possível que ele encontre um amigo ou uma amante, e simplesmente viva para aquela pessoa, da maneira como um cão vive para seu dono. Parece ter sido assim, entre Heroux e Hartwell.

De qualquer modo, foram quatro os que passaram aquela noite no Hotel Brentwood Arms, que então era chamado de Cão Flutuante pelos madeireiros (por um motivo que ficou perdido na obscuridade, tão defunto como o próprio hotel). Quatro registraram sua entrada; nenhum registrou a saída. Um deles, Andy Delesseps, nunca mais foi visto. Conforme dizem as histórias, ele poderia ter levado o resto da vida com aprazível facilidade em Portsmouth, mas tenho minhas dúvidas quanto a isso. Dois dos outros "baderneiros", Amsel Bickford e Davey Hartwell, foram encontrados boiando de bruços no Kenduskeag. Bickford perdera a cabeça: alguém a decepara com a serra de vaivém de um madeireiro. As duas pernas de Hartwell também faltavam, e aqueles que o encontraram juraram que nunca tinham visto tal expressão de dor e terror em um rosto humano. Alguma coisa lhe distendera a boca, recheando as gengivas. Quando seus descobridores o viraram e lhe abriram os lábios, sete de seus dedos dos pés caíram na lama. Alguns pensavam que ele poderia ter perdido os outros três durante os anos de trabalho nas florestas, mas outros achavam que Hartwell poderia tê-los engolido antes de morrer. Pregado às costas da camisa de cada homem, havia um papel com a palavra

SINDICATO escrita. Claude Heroux nunca foi levado a julgamento pelo que aconteceu no Dólar de Prata na noite de 9 de setembro de 1905, portanto não há modo de saber-se exatamente como escapou ao destino dos outros, naquela noite de maio. Podemos apenas fazer suposições: ele tinha vivido só por muito tempo, aprendera a safar-se depressa, e talvez desenvolvera o dom de certos vira-latas, que escapam pouco antes de surgir o problema real. Entretanto, por que não levou Hartwell com ele? Ou será que foi levado para a floresta, com o resto dos "agitadores"? Talvez o estivessem poupando para o fim, e ele pudesse fugir, inclusive enquanto os gritos de Hartwell (os quais foram sufocados quando lhe enfiaram os de dos dos pés na boca) ecoavam no escuro, afugentando os pássaros de seus poleiros nos galhos. Não existe um meio de saber-se, com segurança, mas este último é o que parece correto para mim, lá dentro do coração Claude Heroux transformou-se em homem-fantasma. Chegava caminhando a um acampamento no Saint John's Valley fazia fila na tenda da cozinha, junto com os demais lenhadores, enchia sua tigela da bóia. comia e ia embora, antes de alguém descobrir que não fazia parte da equipe. Semanas mais tarde, ele surgia em um boteco de Winterport, falava em sindicalismo e jurava que se vingaria dos homens que haviam assassinado seus amigos - Hamilton Tracker, William Mueller e Richard Bowie eram os nomes que mencionava com mais freqüência Todos eles moravam em Derry, e suas casas com espigões, telhado quebrado por duas águas e abóbadas, continuam em pé na Broadway Oeste até hoje. Anos mais tarde, eles e seus descendentes incendiariam o Ponto Negro. Não se pode duvidar da existência de pessoas que gostariam de ver Claude Heroux fora de circulação, em particular após os incêndios iniciados em junho daquele ano. Contudo, embora Heroux fosse visto com freqüência, ele era ágil e possuía um instinto animal sobre o perigo. As sim, até onde fui capaz de descobrir, nenhum mandado oficial de busca e prisão foi expedido contra ele, e a polícia nunca teve parte nisso. Talvez houvesse medo do que Heroux poderia dizer se fosse levado a julgamento como incendiário. Fossem quais fossem os motivos, as florestas em torno de Derry e Haven queimaram durante todo aquele quente verão. Crianças desapareceram, houve mais brigas e assassinatos do que o costumeiro, e sobre a cidade pairou uma nuvem de medo, tão real como o cheiro de fumaça que se podia sentir do alto da Colina Milha Acima.

de setembro, permaneceu chuvoso durante uma semana inteira. O setor comercial de Derry ficou inundado, o que não era de estranhar e, em algumas daquelas grandes casas, certamente houve suspiros de alívio. Que o louco
Canuck se esconda nas florestas por todo o inverno, se é o que ele quer, aquela gente poderia ter dito. Ele já encerrou sua obra por este verão, mas o pegaremos em junho próximo, antes que as raízes sequem. Então, chegou o dia 9 de setembro. Não sei explicar o que aconteceu; Thoroughgood também não soube; aliás, que me conste, ninguém saberia. Posso apenas relatar os eventos que ocorreram. O Dólar de Prata Sonolento estava apinhado de lenhadores bebendo cerveja. Lá fora, o dia estava tendendo para nevoento. O Kenduskeag enchera de margem a margem em seu canal, e segundo Egbert Thoroughgood, "soprava um vento de loucos - do tipo que sempre encontra o buraco nas calças da gente e se envia por ele". As ruas eram poças e mais poças. Havia um jogo de cartas em uma das mesas no fundo da sala. Eram os homens de William Mueller. Mueller era co-proprietário da ferrovia GS&WM, além de ser um potentado madeireiro, dono de milhões de acres de florestas com madeira de lei. Os homens que jogavam pôquer no Dólar aquela noite eram lenhadores em meio expediente, ferroviários em meio expediente e desordeiros em tempo integral. Dois deles, Tinker McCut-cheon e Floyd Calderwood, já tinham passagem pela cadeia. Com eles estavam Lathrop Rounds (sua alcunha, tão obscura como o Hotel Cão Flutuante, era El Katook), David "Baixote" Grenier e Eddie King - um sujeito barbudo, cujos óculos eram quase tão grandes como sua pança. Parece bastante provável terem sido eles, pelo menos, alguns dos homens que tinham ficado de olho em Claude Heroux, nos últimos dois meses e meio. Parece também provável - embora não exista prova alguma - que eles fizessem parte do gélido grupinho de maio, quando Hartwell e Bickford foram derrubados. O bar estava apinhado, disse Thoroughgood; dúzias de homens tinham os ventres encostados no balcão, bebendo cerveja e comendo sanduíches feitos na hora, entre cusparadas no chão sujo, coberto de pó de serragem. A porta se abriu e Claude Heroux entrou. Tinha na mão uma machadinha de lenhador com fio duplo. Chegou até o balcão do bar e acotovelou-se em uma vaga. Egbert Thoroughgood estava em pé à sua esquerda e disse que Heroux cheirava como um ensopado de gambá. O barman trouxe para Heroux um canecão de cerveja, dois ovos cozidos em uma tigela e um saleiro. Heroux pagou com uma nota de dois dólares e colocou o troco - um dólar e oitenta e cinco - em um dos bolsos menores do blusão de lenhador. Salpicou os ovos com sal e os comeu. Salpicou sal na cerveja, bebeu-a e deu um arroto.- Lá fora há mais espaço do que aqui dentro, Claude - disse Thoroughgood, como se metade dos mantenedores da lei no norte do Maine não houvesse estado no encalço de Heroux por todo aquele verão. - Você sabe que *isso é* verdade - replicou Heroux, exceto que, sendo um *Canuck,* o que provavelmente disse soaria mais ou menos como "You know *dat* da troot". (*No original inglês: "You Know thafs the truth." - N. da T.*) Pediu outro canecão de cerveja, bebeu e tornou a arrotar. A conversa no balcão do bar prosseguiu. Várias pessoas cumprimentaram Claude e ele assentiu, acenou, mas não sorriu. Segundo Thoroughgood, ele parecia um homem que estivesse meio sonhando. Na mesa dos fundos, continuava o jogo de pôquer. El Katook dava as cartas. Ninguém se preocupou em dizer a qualquer dos jogadores que Claude Heroux estava no bar... embora seja difícil saber como eles poderiam continuar jogando, se sua mesa não ficava a mais de seis metros de distância e o nome de Claude fosse gritado várias vezes por pessoas que

o conheciam - enquanto os jogadores permaneciam inconscientes daquela presença potencialmente assassina. Terminado o segundo canecão de cerveja, Heroux escusou-se com Thoroughgood, pegou sua machadinha de duas lâminas e caminhou para os fundos, direto à mesa onde os homens de Mueller jogavam um *stud* (Variedade de pôquer, em que todas as cartas, excetuando-se a primeira, são dadas a descoberto. - N. da T.*)* de cinco cartas. Então, ele começou a cortar. Floyd Calderwood acabara de encher para si um copo com uísque de centeio e estava pousando a garrafa na mesa, quando Heroux chegou e decepou-lhe a mão, na altura do pulso. Calderwood olhou para a mão e gritou: a mão ainda segurava a garrafa mas, de repente, não estava ligada a outra coisa além de cartilagem molhada e veias soltas. Por um momento, a mão decepada apertou a garrafa ainda mais, para então afouxar-se e cair na mesa, como uma aranha morta. O sangue jorrava de seu pulso. No bar, alguém gritou por mais cerveja e outra pessoa perguntou ao encarregado, cujo nome era Jonesy, se ele ainda tingia os cabelos. - Eu nunca os tingi - respondeu Jonesy, mal-humorado, porque sentia grande orgulho da cabeleira. - Conheci uma prostituta no Ma Courtney's e ela disse que o que cresce em volta de seu pau é branco como neve - disse o sujeito. - Pois ela e uma mentirosa - replicou Jonesy. - Arrie as calças e mostre pra gente - disse um madeireiro chamado Falkland, com quem Egbert Thoroughgood estivera apostando copos de bebida, antes da chegada de Heroux. Isso provocou o riso geral. Atrás deles, Floyd Calderwood berrava. Alguns dos homens recostados ao balcão deram uma espiada casual em torno, a tempo de verem Claude Heroux enterrar sua machadinha na cabeça de Tinker McCutcheon. Tinker era um homenzarrão de barba negra, caminhando para grisalha. Ele chegou a erguer-se da cadeira, o sangue escorrendo pelo rosto, mas então tornou a sentar-se. O barulho que produziu, conforme Thoroughgood, parecia uma trouxa de lavanderia sendo largada sobre um tapete. Tinker esparramou-se em cima da mesa, as cartas lhe saltando da mão. Os outros jogadores gritavam e urravam. Ainda dando berros esganiçados, Calderwood tentava recolher a mão direita com a esquerda, enquanto seu sangue vital fluía do pulso amputado, em uma corrente uniforme. Grenier "Baixote" possuía o que Thoroughgood chamava de "pistola de agarrar" (significando uma arma em um coldre de ombro) e tentava agarrá-la, mas sem o menor sucesso. Eddie King procurou levantar-se e caiu fora da cadeira, sobre as costas. Antes de poder levantar-se, Heroux estava em pé, a cavalo acima dele, empunhando a machadinha bem alto no ar. King gritou e levantou as mãos, como que procurando proteger-se. - *Por favor, Claude, eu casei o mês passado!* - gritou ele. A machadinha desceu, sua cabeça quase desaparecendo na pança ampla de King. O sangue esguichou até o teto de vigas do Dólar. Eddie começou a espernear no chão. Claude puxou a machadinha encravada em sua barriga, da maneira como um bom lenhador a puxaria de uma árvore de cerne macio, mais ou menos oscilando-a de trás para diante, a fim de afrouxar a pressão da madeira resinosa. Após libertar a machadinha, tornou a erguê-la acima da cabeça. Quando a desceu novamente, Eddie King parou de gritar. Claude Heroux, entretanto, ainda não terminara com ele; começou a partir King, como se partisse lenha. No bar, a conversa mudara para a espécie de inverno que teriam pela frente. Vernon Stanchfield, um fazendeiro de Palmyra, dizia que seria brando - seu lema era de

que chuva no outono aumenta a neve no inverno. Alfie Naugler, dono de uma fazenda na Estrada Naugler, em Derry 988(ela hoje desapareceu; onde Alfie Naugler um dia cultivou ervilhas, feijão e beterraba, hoje a Interestadual passa com sua extensão de quatorze quilômetros - uma estrada com seis faixas, naturalmente), discordava disso. Para Alfie, o próximo inverno ia ser uma surpresa. Ele vira até oito anéis no pêlo de algumas lagartas, um número jamais visto, comentou. Outro homem apostava no gelo; um quarto era por lama. A Nevas-ca de 1901 mal era recordada. Jonesy enviava canecões de cerveja e tigelas de ovos cozidos, deslizando sobre o tampo do balcão. Atrás deles, a gritaria prosseguia e o sangue corria em rios. A esta altura de minhas perguntas a Egbert Thoroughgood, desliguei meu gravador e perguntei: - Como foi que isso aconteceu? Está dizendo que ignoravam o que ocorria, que sabiam mas deixavam que continuasse... ou o quê? O queixo de Thoroughgood afundou sobre o botão superior de sua camisa manchada de comida. As pálpebras caíram ao mesmo tempo. O silêncio no quarto dele, pequeno, entulhado e cheirando a remédio, demorou tanto, que eu ia repetir minha pergunta, quando Thoroughgood respondeu: - Nós sabíamos, mais isso parecia não fazer diferença. De certa forma, era como na política. Sim, era isso. Como negócios da cidade. É melhor deixar que os entendidos em política cuidem disso e que os entendidos em questão da cidade cuidem *disso.* Tais coisas são mais bem-feitas, quando homens trabalhadores não se intrometem. - Está realmente falando em destino, mas receia explicar-se? - perguntei de repente. A pergunta pareceu saltar da minha boca e, claro, não esperei que Thoroughgood - um homem velho, lento e iletrado - a respondesse, mas ele respondeu, não demonstrando qualquer surpresa. - Isso - falou. - Talvez eu esteja. Enquanto os homens no bar continuam discutindo o tempo, Claude Heroux continuava cortando. Grenier “Baixote” finalmente conseguira empunhar sua pistola do coldre de ombro. A machadinha desceu para outra retalhada em Eddie King, que estava já em pedaços. A bala disparada por Grenier atingiu a cabeça do machado e ricocheteou, com uma faísca e um zunido. El Katook levantou-se e começou a recuar. Ainda segurava o baralho de onde estivera dando as cartas; aliás, as cartas deslizavam da parte de baixo daquele baralho, espalhando-se pelo chão. Claude foi atrás dele. El Katook levantou as mãos. Grenier “Baixote” tornou a disparar, mas suas balas deixaram de alcançar Heroux por três metros. - Pare, Claude! - disse El Katook. Thoroughgood repetiu isso dando a entender que Katook tentava sorrir. - Eu não estava com eles. Não me envolvi em nada! Heroux apenas grunhiu. - Eu estava em Millinocket - disse El Katook, sua voz começando a elevar-se para um grito. - *Eu estava em Millinocket, juro por minha mãe! Pergunte a qualquer um, se não acredita em miiiimmm...*

Claude ergueu a machadinha gotejante, e El Katook jogou o resto das cartas em seu rosto. A machadinha desceu, sibilando. El Katook mergulhou. A cabeça do machado enterrou-se no madeirame que formava a parede dos fundos do Dólar de Prata. El Katook tentou correr. Claude arrancou a machadinha da parede e a lançou entre os tornozelos dele. El Katook saiu lançado para trás, disparado. Grenier “Baixote” tornou a disparar na

direção de Heroux, agora tendo um pouco mais de sorte. Estivera mirando a cabeça alucinada do lenhador; agora, a bala atingiu o alvo na parte carnuda da coxa de Heroux. Nesse meio tempo, El Katook engatinhava apressadamente para a porta, com os cabelos caídos no rosto. Heroux tornou a girar a machadinha, grunhindo e rosnando. Um momento mais tarde, a cabeça decepada de Katook rolava pelo chão salpicado de serragem, a língua estirando-se singularmente por entre os dentes. Ela rolou até parar contra a bota de um madeireiro chamado Varney, que havia passado a maior parte do dia no Dólar e que, àquela altura, estava tão encharcado, que nem sabia mais se estava em terra ou mar. Chutou a cabeça de volta, sem olhar para baixo a fim de ver o que era, e gritou para Jonesy mandar-lhe outra cerveja. El Katook engatinhou outro metro, o sangue jorrando de seu pescoço em um jato de alta tensão, antes de perceber que estava morto. Então, caiu. Agora, restava "Baixote". Heroux se virou para ele, mas "Baixote" havia corrido para a privada ao ar livre e trancado a porta. Heroux abriu caminho a machadadas, gritando, uivando e praguejando, a saliva escorrendo pelo queixo. Quando entrou lá, "Baixote" havia sumido, embora o pequeno recinto frio, de paredes formadas por tábuas, não possuísse janelas. Heroux ficou lá um momento, de cabeça baixa, os braços musculosos escorregadios e cobertos de sangue. Então, com um rugido, ergueu a tampa da privada. Teve o tempo exato para ver as botas de "Baixote" desaparecendo sob as tábuas desiguais que formavam a barra da parede da casinhola. Grenier "Baixote" desceu a Rua Exchange aos gritos, na chuva, sujo de bosta da cabeça aos pés. Gritava que estava sendo assassinado. Ele sobreviveu àquela incursão de machadadas no Dólar de Prata - foi o único que conseguiu - mas após três meses ouvindo piadas sobre seu método de fuga, abandonou a área de Derry para sempre. Heroux saiu da privada ao ar livre e ficou parado diante dela, como um touro após uma investida, de cabeça baixa, segurando o machado à frente do corpo. Arquejava, bufava, e estava coberto de sangue de alto a baixo do corpo. - Feche a porta, Claude. Esse caldeirão de merda fede como o diabo! - disse-lhe Thoroughgood. Claude deixou a machadinha cair ao chão e fez o que lhe era pedido. Depois, caminhou até a mesa juncada de cartas, onde suas vítimas tinham estado sentadas, chutando para fora de seu caminho uma das pernas decepadas de Eddie King. Então, apenas se sentou e colocou a cabeça nos braços. A bebida e as conversas no bar continuaram. Cinco minutos mais tarde, outros homens foram chegando, entre eles três ou quatro comissários do xerife (o único encarregado era o pai de Lal Machen, mas quando viu a carnificina, teve um ataque do coração e precisou ser levado para o consultório do Dr. Shratt). Claude Heroux foi detido. Mostrou-se dócil ao ser conduzido para a cadeia, mais adormecido do que acordado. Aquela noite, os bares acima e abaixo nas Ruas Exchange e Baker ficaram apinhados de fregueses e gritos com a notícia dos assassinatos. Uma embriagada espécie de furiosa justiça começou a fermentar e, quando os bares se fecharam, mais de setenta homens encaminharam-se para o centro da cidade, onde ficavam a cadeia e o tribunal. Levavam tochas e lanternas. Alguns carregavam armas, outros machados e ainda outros alavancas para mover toras de madeira. O xerife do condado só deveria voltar de Bangor pela carruagem do meio-dia, de modo que *ele* não estava lá, e Goose Machen tinha ficado na enfermaria do Dr. Shratt, com seu ataque cardíaco. Os dois comissários que estavam sentados no gabinete do xerife, jogando cartas, ouviram a turba chegando e deram o fora depressa. Os bêbados

invadiram o xerifado e arrancaram Claude Heroux de sua cela. Ele não protestou muito; parecia aéreo, distante. Levaram-no para fora sobre os ombros, como um herói de futebol; continuaram a carregá-lo pela Rua do Canal abaixo, e lá o lincharam, pendurado a um velho olmo que se arqueava sobre o Canal. - Ele estava tão fora de si, que só esperneou duas vezes - disse Egbert Thoroughgood. Aquele foi, até onde indicam os registros da cidade, o único linchamento já ocorrido nesta parte do Maine. E, quase é desnecessário acrescentar, não foi noticiado pelo *News* de Derry. Muitos daqueles que tinham continuado bebendo despreocupadamente, enquanto Heroux executava sua tarefa no Dólar de Prata, faziam parte do grupo de linchado-res que o enforcou. Por volta de meia-noite, o estado de ânimo daquelas pessoas mudara. Fiz a Thoroughgood uma pergunta final: teria ele visto alguém que não conhecia, durante a violência daquele dia? Alguém que o houvesse chocado por ser estranho, deslocado, engraçado, até mesmo apalhaçado? Alguém que houvesse bebido no bar aquela tarde, alguém que talvez pudesse ter-se tornado um incitador aquela noite, enquanto a bebida prosseguia e começavam as idéias de linchamento? - Talvez houvesse - replicou Thoroughgood. Àquela altura, ele se sentia cansado, mole, pronto para sua soneca da tarde. - Foi há muito tempo atrás, senhor. Muito, muito tempo... - Sim, mas o senhor recorda alguma coisa, não? - Que me lembre, havia uma feira do condado, no caminho para Bangor - disse Thoroughgood. - Nessa noite, eu estava bebendo uma cerveja no Balde de Sangue. O Balde ficava umas seis portas além do Dólar de Prata. Lá havia um sujeito... uma espécie de sujeito engraçado... dando saltos e fazendo cobriolas... malabarismos com copos... truques... punha quatro moedas de dez centavos na testa, e elas ficavam lá... um negócio cômico, entenda... Seu queixo ossudo afundara novamente para o peito. Ele ia cair no sono, bem à minha frente. A saliva começou a borbulhar nos cantos de sua boca, que tinha tantas dobras e rugas como a bolsinha de trocados de uma dama. - Tornei a vê-lo algumas vezes, desde então - disse Thoroughgood. - Imagino que deve ter-se divertido tanto aquela noite... que resolveu continuar mais algum tempo por aqui. - Sim... Ele tem estado por aí há muito tempo - falei. Sua única resposta foi um fraco resfolegar. Thoroughgood havia pegado no sono em sua poltrona junto à janela, com os medicamentos e pomadas alinhados ao lado, sobre o peitoril, soldados perfilados da velhice. Eu desliguei o gravador e fiquei sentado, olhando para ele durante um momento, aquele estranho viajante do tempo desde mais ou menos 1890, que ainda recordava a época em que não havia carros, luz elétrica, aviões ou o Estado do Arizona. Parcimonioso estivera lá, incitando-os à caminhada para outro espalhafatoso sacrifício - apenas mais um, na longa história de sacrifícios espalhafatosos de Derry. Aquele, em setembro de 1905, inaugurou um exaltado período de terror, que incluiria a explosão da Fundição Kitchener durante a Páscoa do ano seguinte. Isto levanta algumas questões interessantes (e, que me conste, vitalmente importantes). Por exemplo, o que A Coisa realmente *come?* Sei que algumas das crianças foram parcialmente devoradas - pelo menos, apresentavam marcas de dentadas - mas talvez *nós* é que levamos A Coisa a fazer isso. Sem a menor dúvida, desde a mais tenra infância, todos aprendemos que, quando o monstro nos pega, no meio da floresta, ele nos

come. Talvez isto seja a pior coisa que podemos conceber. Contudo, de fato é a crença que faz os monstros persistirem, não é? Sou irresistivelmente levado a esta conclusão: o alimento pode significar vida, mas a fonte do poder é a fé, não o alimento. E quem é mais capaz de um total ato de fé do que uma criança? Entretanto, há um problema: crianças crescem. Na igreja, o poder é perpetuado e renovado por atos ritualisticos periódicos. Em Derry, o poder parece perpetuar-se e renovar-se também por atos ritualisticos periódicos. Dar-se-ia talvez o caso de A Coisa proteger-se pelo simples fato de que, quando as crianças se transformam em adultos, ficam incapazes de crer ou então aleijadas por uma espécie de artrite espiritual e imaginativa? Sim. Creio que aí reside o segredo. E, se eu der os telefonemas, quanto eles recordarão? Até que ponto crerão? O suficiente para terminarem de uma vez por todas com este horror ou apenas o bastante para que sejam mortos? Eles *estão* sendo chamados - eu sei disso. Cada assassinato neste novo ciclo foi um chamado. Quase matamos A Coisa duas vezes e, no fim, nós a acossamos para o fundo de sua toca de túneis e recintos fedorentos abaixo da cidade. No entanto, acho que A Coisa sabe outro segredo: embora

Ela possa ser imortal (ou quase), nós não somos. A Ela bastaria esperar até que o ato de fé - capaz de transformar-nos em potenciais matadores-de-monstros, bem como fontes de poder - se houvesse tornado impossível. Vinte e sete anos. Talvez um período de sono para A Coisa, tão breve e revigorante como uma soneca à tarde seria para nós. Então, quando Ela acordar, tudo continuará na mesma, porém um terço de nossas vidas escoou- se. Nossas perspectivas estreitaram-se; nossa crença na magia, que torna a magia possível, desapareceu como o polimento de um par de sapatos novos após um duro dia de caminhada. Por que chamar-nos de volta? Por que não apenas deixar que morramos? Acho que porque quase a matamos, porque a amedrontamos. Porque A Coisa quer desforrar-se. E agora, agora que não acreditamos mais em Papai Noel, na Fada do Dente, em Hansel e Gretel ou no gigante debaixo da ponte, A Coisa está pronta para nós. *Voltem,*

diz ela. *Voltem, vamos terminar nosso negócio em Derry. Tragam suas armas de brinquedo, suas bolas de gude e seus ioiôs! Nós brincaremos! Venham, e veremos se vocês recordam a coisa mais simples que existe: como é ser criança, protegida pela crença e, portanto, com medo do escuro!*
Neste último, pelo menos, minha contagem é de mil por cento: estou com medo. Com um medo dos diabos.

QUINTA PARTE

O RITUAL DE CHÜD

"É impossível fazê-lo. A infiltração apodreceu a cortina. O tecido deteriorou-se. Desprendida a carne da máquina, pontes não serão mais levantadas. Através de que ar você voará para saltar continentes? Que as palavras caiam onde quiserem - talvez possam atingir o amor de través. Será uma grande visita. Elas querem resgatar demasiado, o dilúvio encerrou sua obra"

- William Carlos Williams,
Paterson

"Contemple e recorde. Contemple este solo, Muito, muito além das fábricas e dos prados. Certamente, lá, certamente eles o deixarão passar. Fale, então, interrogue a floresta e o barro. O que você ouve? O que ordena a terra? O território foi tomado: este não é o seu lar."

- Karl Shapiro,
"Travelogue for Exiles"

CAPÍTULO 19

Vigília noturna

1

Biblioteca Pública de Derry, 1:15 da madrugada

Quando Ben Hanscom encerrou a história das balas de prata, todos queriam conversar, porém Mike disse a eles que seria preferível irem dormir um pouco. - Acho que já tiveram o suficiente por ora - disse ele. No entanto, Mike é que parecia já ter tido o suficiente. Seu rosto tenso e cansado fez Beverly pensar que estaria fisicamente doente. - Ora, mas ainda não terminamos - disse Eddie. - E quanto ao resto disso? Eu ainda não me lembro de... - Mike tem r-r-razão - disse Bill. - Nós podemos ou não 1-1-lembrar. Acho que 1-1-lembraremos. Lembraremos o q-que for necessário. - Será que tudo isso será bom para nós? - aventou Richie. Mike assentiu. - Tornaremos a encontrar-nos amanhã. - Então, ele olhou para o relógio. - Hoje, quero dizer. Mais tarde. - Aqui mesmo? - perguntou Beverly. Mike abanou a cabeça lentamente. - Sugiro que nos encontremos na Rua Kansas. Onde Bill costumava esconder sua bicicleta. - Vamos descer atá os Barrens - disse Eddie, estremecendo subitamente. Mike tornou a assentir. Houve um momento de silêncio, enquanto eles se entreolhavam. Então Bill se levantou e os outros o imitaram. - Quero que todos vocês sejam bastante cautelosos pelo resto da noite - disse Mike. - A Coisa esteve aqui; poderá estar aonde quer que forem. Contudo, este encontro fez com que me sentisse melhor. - Ele se virou para Bill. - Eu diria que ainda pode ser feito, não acha, Bill? Bill assentiu lentamente. - Sim, acho que ainda pode. - A Coisa também sabe disso - falou Mike, - e fará o possível para ter todas as vantagens. - E o que faremos se Ela aparecer? - perguntou Richie. - Empinar o nariz, fechar os olhos, girar três vezes em torno do corpo, emitir bons pensamentos? Jogar algum pó mágico na cara dela? Cantar velhas canções de Elvis Presley? O quê? Mike sacudiu a cabeça. - Se eu estivesse em condições de responder, não haveria problema algum, haveria? Sei apenas que existe uma outra força - pelo menos havia, quando éramos crianças - querendo que continuássemos vivos e fizéssemos o trabalho. - Ele deu de ombros. Era um gesto fatigado. - Pensei que dois, talvez até três de vocês estivessem ausentes, ao iniciarmos a reunião desta noite. Desaparecidos ou mortos. Assim, bastou vê-los e tive motivos para acalentar esperanças. Richie olhou para seu relógio.

- Uma e quinze da madrugada. Como o tempo voa quando nos sentimos bem, não é, Monte de Feno? - Bip-bip, Richie - disse Ben, e sorriu apagadamente. - Quer ir andando comigo para o T-T-Town House, Beverly? - perguntou Bill. - Está bem. Ela vestia o casaco. A biblioteca parecia agora muito silenciosa, cheia de sombras, amedrontadora. Bill sentiu que aqueles dois últimos dias começaram subitamente a pesar, acumulando-se em seus ombros. Se fosse apenas cansaço, tudo bem; contudo, era algo mais, era a sensação de que se desintegrava, de que sonhava, de que tinha ilusões de paranóia. Uma sensação de ser espionado. *Talvez eu não esteja de fato aqui,* pensou.

Talvez esteja no hospício do Dr. Seward, tendo como vizinhos o Conde em
998*sua casa arruinada ao lado e Renfield bem na porta fronteira do corredor, ele com suas moscas e eu com meus monstros, nós dois convictos de que a festa continua e vestidos para a ocasião, não em trajes a rigor, mas em camisas-de-força.*
- E quanto a você, Ri-Richie? Richie abanou a cabeça. - Vou deixar que Monte de Feno e Kaspbrak me levem para casa - respondeu. - Certo, companheiros? - Certo - respondeu Ben. Ele olhou brevemente para Beverly, parada muito perto de Bill, e sentiu uma dor que quase esquecera. Uma nova lembrança tremulou, quase dentro do seu alcance, depois desapareceu. - E quanto a você, M-M-Mike? - perguntou Bill. - Quer ir andando comigo e B- Bev? Mike negou com a cabeça. - Eu ainda tenho que... Foi quando Beverly gritou, um som agudo naquela quietude. O teto abobadado no alto recolheu o grito, e os ecos foram como os risos de *banshees (Irlanda e Escócia - Espírito feminino do folclore gaélico que, com seus lamentos anuncia morte iminente na família. - N. da T.),* voejando e saltitando à volta deles. Bill se virou para ela; Richie deixou cair o paletó esporte que retirava do encosto da cadeira; houve um ruído de vidro quebrado, quando o braço de Eddie esbarrou na garrafa vazia de gim e a derrubou no chão. Beverly recuava, as mãos espalmadas para diante, o rosto branco como papel. Os olhos esbugalhavam-se nas órbitas cinza-purpúreas. - *Minhas mãos!* - gritou ela. - *Minhas mãos!*

- O que... - começou Bill. Então, viu o sangue gotejando lentamente entre os trêmulos dedos dela. Adiantou- se, e foi quando sentiu súbitas linhas de dor ígnea cruzarem suas próprias mãos. Não era uma dor forte, sendo mais semelhante à que por vezes sentimos em um antigo ferimento cicatrizado. As antigas cicatrizes em suas palmas, aquelas que tinham reaparecido na Inglaterra, estavam abertas e sangravam. Olhando de lado, ele viu que Eddie contemplava as mãos idiotamente. Também sangravam. Como sangravam as de Mike. E as de Richie. E as de Ben. - Estamos nisto até o fim, não estamos? - perguntou Beverly.

Ela começara a chorar. Este som também era amplificado pela vazia quietude da biblioteca; o prédio em si parecia estar chorando com ela. Bill pensou que se tivesse de ouvir aquele som por muito tempo, terminaria enlouquecendo.

- Que Deus nos ajude, estamos nisto até o fim. Ela soluçou, e um filete de muco escorreu de uma narina. Beverly o limpou com o dorso de uma mão trêmula, e mais sangue gotejou no chão. - De-De-Depressa! - exclamou Bill, e agarrou a mão de Eddie. - O que... - *Depressa!*

Estendeu a outra mão e, após um momento, Beverly a segurou, ainda chorando. - Sim - disse Mike. Parecia aéreo - quase drogado. - Sim, é isso mesmo, não? Está começando outra vez, não está, Bill? Tudo começa a acontecer novamente. - S-S-Sim, acho que s-s-sim... Mike segurou a mão de Eddie e Richie pegou a outra mão de Beverly. Por um momento, Ben apenas olhou para eles, mas então, como um homem em transe, ergueu as mãos sangrando a cada lado do corpo e se postou entre Mike e Richie. Agarrou as mãos dos dois. O círculo se fechou.

(Ah, Chüd, este é o ritual de Chüd e a Tartaruga não pode ajudar-nos)
Bill quis gritar, mas não emitiu som algum. Viu a cabeça de Eddie inclinar-se para trás, mostrando os tendões salientando-se no pescoço. Os quadris de Bev contorceram-se duas vezes, espasmodicamente, como que em um orgasmo tão curto e brusco, que parecia o tiro de uma pistola calibre 22. A boca de Mike se moveu estranhamente, parecendo rir e caretear ao mesmo tempo. No silêncio da biblioteca, portas bateram, abrindo e fechando, o som rolando como bolas de boliche. Na Sala de Jornais, revistas voaram em um furacão sem vento. No gabinete de Carole Danner, a máquina de escrever IBM da biblioteca despertou para a vida e datilografou:

elesoca ospulsoscontra ospostеseinsiste
emfantasmaselesocaospulsoscontraos

A esfera de tipos engasgou-se. A máquina de escrever chiou e emitiu um forte arroto eletrônico, como se tudo em seu interior estivesse sobrecarregado. No Corredor Dois, a prateleira dos livros de ocultismo inclinou-se subitamente, derrubando Edgar Cayce, Nostradamus, Charles Fort e os Livros Apócrifos por toda parte. Bill foi invadido por poderoso senso de poder. Mal parcebia que tinha uma ereção e que todos os cabelos de sua cabeça estavam em pé, eriçados. O senso de força do círculo integrado era inacreditável. Todas as portas da biblioteca se fecharam com violência, ao mesmo tempo. Depois, tudo cessou, como se alguém houvesse apertado um interruptor para desligar. Eles soltaram as mãos, entreolhando-se, aparvalhados. Ninguém falou nada. À medida que o senso de poder se diluía, Bill experimentou um terrível senso de predestinação insinuar-se em seu íntimo. Olhou para os rostos lívidos e tensos dos outros, depois para as próprias mãos. Estavam sujas de sangue, porém os ferimentos produzidos por Stan Uris, com um caco de garrafa de Coca, em agosto de 1958, se tinham fechado novamente, deixando apenas retorcidas linhas brancas, como gavinhas enroscadas. Ele pensou: *Aquela foi a última vez em que nós sete estivemos juntos. .. no dia em que Stan fez os cortes em nossas mãos, nos Barrens. Stan não está aqui; está morto. E esta é a última vez que nós seis estaremos juntos. Eu sei, posso senti-lo.*

Beverly apertava-se contra ele, tremendo. Bill passou um braço à volta dela. Viraram-se todos para ele, com olhos enormes e brilhando na penumbra, a comprida mesa à qual se tinham sentado, empilhada de garrafas vazias, copos, cinzeiros transbordando, uma pequena ilha de luz. - Já basta - disse Bill, foscamente. - Foi divertimento bastante para uma noite. Temos que poupar o salão de bailes para outra vez. - Eu recordei - disse Beverly. Ergueu o rosto para ele, os olhos dilatados, as faces pálidas e lacrimosas. - Recordei *tudo.* Meu pai descobrindo sobre vocês, os meninos. Correndo. Bowers, Criss e Huggins. Como eu corri. O túnel... os pássaros... A Coisa... *Eu me lembrei de tudo!*

- Sim - disse Richie. - Eu também me lembrei. Eddie assentiu. - A estação de bombeamento... Bill disse: - E como Eddie... - Vão embora agora - disse Mike. - Descansem um pouco. É tarde. - Venha conosco, Mike - pediu Beverly. - Não. Preciso trancar isto aqui. E ainda tenho que anotar algumas coisas... a ata da reunião, se preferirem. Não me demorarei. Podem ir. Eles caminharam para a porta, sem falar muito. Bill e Beverly saíram juntos, com Eddie, Richie e Ben atrás deles. Bill segurou a porta para Beverly passar e ela murmurou um agradecimento. Quando a viu sair para os largos degraus de granito, ele pensou no quanto parecia jovem e vulnerável... Mal tinha noção de que podia estar ficando novamente apaixonado por ela. Tentou pensar em Audra, mas Audra parecia muito longe. Devia estar dormindo na casa deles em Fleet agora, enquanto o sol subia e o leiteiro iniciava suas rondas. O céu de Derry ficara nublado outra vez e um nevoeiro baixo, rente ao solo, jazia através da rua vazia, em espessas fileiras. Mais além, rua acima, a Casa Comunitária de Derry, estreita, alta, vitoriana, dormitava na escuridão. Bill pensou: *E o que quer que fosse para a Casa Comunitária, iria sozinho.* Precisou sufocar uma louca risada casquinada. As pisadas de ambos pareciam soar muito alto. A mão de Beverly tocou a sua e Bill a segurou gratamente. - O negócio começou antes de estarmos preparados - disse ela. - Será que já es-es-estivemos p-preparados? - *Você* estaria, Grande Bill. O toque da mão dela foi, de repente, maravilhoso e necessário. Ele se perguntou como seria tocar-lhe os seios, pela segunda vez na vida, e desconfiou que, antes de terminada aquela longa noite, teria a resposta. Mais cheios agora, maduros... e sua mão encontraria pêlos, quando abarcasse a redondez de seu *mons veneris.* Pensou: *Eu a amei, Beverly... eu a amo. Ben a amou... ele a ama. Nós a amamos então... nós a amamos agora. Amamos melhor, porque está começando. Não se pode escapar agora.*

Olhando para trás, divisou a biblioteca, a meia quadra de distância. Richie e Eddie estavam no degrau mais alto; parado no último, Ben olhava para eles, na distância. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos, os ombros encurvados e, visto através das lentes embaçadas do nevoeiro baixo, quase parecia ter onze anos novamente. Se pudesse enviar-lhe um pensamento, Bill enviaria este: *Não importa, Ben. O que importa é o amor, a preocupação, os cuidados... é sempre o desejo, jamais o tempo. Talvez seja tudo o que poderemos levar conosco, ao sairmos do azul e penetrarmos no negro. Um frio consolo, pode ser, porém melhor do que nenhum.*

- Meu pai sabia - disse Beverly, de repente. - Fui dos Barrens para casa, certo dia, e ele simplesmente sabia de tudo. Nunca lhe contei o que ele costumava dizer para mim, quando estava furioso? - O que ele dizia? - "Eu me preocupo com você, Bevvie." Era o que costumava dizer. "Eu me preocupo um *bocado."* - Ela riu e tremeu ao mesmo tempo. - Acho que ele pretendia ferir-me, Bill. Quero dizer... ele tinha me ferido antes, porém daquela última vez foi diferente. Ele era... bem, em muitos sentidos, era um homem estranho. Eu o amava. Amei-o muito, mas... Olhou para ele, talvez querendo que Bill falasse por ela. No entanto, ele permaneceu calado. Aquilo era algo que Beverly teria que dizer por si mesma, cedo ou tarde. Mentiras e autodecepções se haviam transformado em um lastro que eles não podiam suportar. - Eu também o odiava - disse ela, e sua mão apertou a dele convulsivamente, por um longo segundo. - Nunca contei isso a ninguém antes. Achava que Deus me mataria na hora, se expressasse isso em voz alta. - Pois então, repita. - Não, eu... - Continue. Vai doer, mas talvez já tenha ficado guardado dentro de você por tempo demais. Diga. - Eu odiava meu pai - disse ela, e começou a soluçar descontroladamente. - Eu o odiava, tinha medo dele, odiava-o, nunca era uma filha boa o suficiente para agradar-lhe, e o odiava, sim, mas também o amava. Ele parou e a abraçou com força. Os braços dela o envolveram em um aperto medroso. As lágrimas de Beverly molharam o lado do nariz de Bill. Ele tinha plena consciência do corpo dela, maduro e firme. Afastou ligeiramente o torso, não querendo que ela sentisse a ereção que começava... porém Beverly tornou a apertar-se contra ele. - Tínhamos passado a manhã nos Barrens - disse ela, - brincando de pique ou qualquer coisa assim. Alguma brincadeira *inofensiva.* Nem mesmo havíamos falado sobre A Coisa naquele dia, pelo menos até então... Costumávamos falar sobre Ela todos os dias, a certa altura, lembra-se? - Sim, eu me lembro. A certa a-a-altura. - O tempo estava encoberto... fazia calor. Tínhamos brincado pela maior parte da manhã. Voltei para casa cerca de onze e meia. Pensava em comer um sanduíche e tomar um prato de sopa, depois de uma ducha. Então, voltaria aos Barrens e brincaria um pouco mais. Meus pais estavam trabalhando. No entanto, ele estava em casa. Estava lá.

2

Rua Main, Setor de Baixo, 11:30 da manhã

Ele a empurrou através da sala, antes mesmo dela terminar de cruzar a porta. Beverly soltou um grito assustado, que foi interrompido ao chocar-se violentamente com o ombro contra a parede. Caiu sobre o sofá de molas frouxas e olhou em torno, alucinada. A porta do vestíbulo da entrada se fechou com estrondo. Seu pai estava em pé atrás dela.

- Eu me preocupo com você, Bevvie - disse ele. - Às vezes eu me preocupo um *bocado.* Você sabe disso. Eu já lhe disse isso, não disse? Pode apostar que sim. - Papai, o que... Ele caminhava lentamente em sua direção, através da sala de estar, o rosto pensativo, triste, inflexível, enfurecido. Ela não queria perceber este último sentimento, mas estava lá, como o brilho opaco da terra sobre água parada. Ele mordiscava pensativamente um nó de dedo da mão direita. Vestia a roupa caqui e, quando olhou para baixo, ela viu que as botas do pai deixavam rastros no carpete de sua mãe. *Terei que passar o aspirador,* pensou incoerentemente. *Limpar tudo. Se ele me deixar em condições de passar o aspirador. Se ele...* Era lama. Lama negra. Seus pensamentos derivaram de maneira alarmante. Ela tornava a visualizar os Barrens, onde estivera com Bill, Richie, Eddie e os outros. Havia lama negra e viscosa, do tipo aderido aos sapatos de seu pai, lá nos Barrens, naquele lugar pantanoso, onde o mato que Richie chamava de bambu se erguia em esquelético maciço branco. Quando o vento soprava, os talos se chocavam e rangiam ocamente, produzindo um som de tambores vodus... e seu pai teria descido aos Barrens? Teria ele... PLAFT! A mão dele desceu em forte e aberta órbita no rosto dela. A cabeça de Beverly foi jogada para trás, contra a parede. Ele enfiou os polegares no cinto e a fitou com aquela expressão de total e desligada curiosidade. Ela sentiu um filete de sangue quente escorrendo do canto esquerdo do lábio inferior. - Eu a vi ganhando corpo - disse ele. Beverly pensou que seu pai fosse falar algo mais. No entanto, por ora aquilo parecia tudo. - De que está falando, papai? - perguntou, em voz baixa e trêmula. - Se mentir para mim, eu a esfolarei a pancadas, Bevvie. Horrorizada, Beverly viu que o pai não olhava para ela, mas para o quadro de Currier e Ives, acima de sua cabeça, na parede atrás do sofá. Sua mente tornou a divagar doidamente, e ela estava com quatro anos, sentada na banheira, com o barquinho de plástico azul e o sabonete em forma de Popeye; seu pai, tão grande e tão amado, ajoelhara-se a seu lado, vestindo calças de sarja cinza e uma camiseta sem mangas, com um esfregão em uma das mãos e um copo de soda de laranja na outra. Esfregando-lhe as costas, ele dizia: *Deixa-me ver essas orelhas, Bevvie; sua mãe precisa de migalhas para o jantar.* E ela podia ouvir-se dando risadinhas, os olhos erguidos para aquele rosto ligeiramente grisalho, que então acreditava ser eterno. - Eu... eu não mentirei, papai - respondeu. - O que há de errado? Quando as lágrimas chegaram, aos poucos ela foi tendo uma visão dividida do pai. - Você desceu aos Barrens com um bando de meninos? O coração dela saltou; seus olhos tornaram a procurar as botas sujas de lama. Aquela lama preta e viscosa. Quando se pisava muito fundo, a lama arrancava do pé o tênis ou sapatilha... e tanto Richie como Bill acreditavam que, seguindo-se em frente, aquilo virava lama movediça. - Eu brinco lá algumas ve...

Plaft! Coberta de duras calosidades, a mão tornou a descer com força. Ela gritou, ferida e com medo. A expressão no rosto dele a assustava e também a assustava a maneira como o pai a fitava. Havia algo errado com ele. Vinha ficando pior com o tempo... E se ele quisesse matá-la? E se

(oh pare com isso Beverly ele é seu PAI e PAIS não matam FILHAS)

ele perdesse o controle? E se... - O que deixa eles fazerem com você? - Fazerem comigo? O que...? Beverly não fazia idéia do que ele queria dizer com isso. - Tire suas calças. A confusão dela aumentou. Nada do que seu pai dizia parecia relacionado a alguma coisa. Tentar seguir sua linha de pensamento a deixava indisposta... quase com náuseas. - O que... por quê...? Ele ergueu a mão; ela encolheu-se. - Tire suas calças, Bevvie. Quero ver se você está intacta. Agora, surgia uma nova imagem, mais alucinada do que o resto; ela se viu tirando os jeans, e uma de suas pernas destacando-se também com as calças, desligada do corpo. Seu pai espancando-a com o cinto à volta da sala, ela tentando esquivar-se, fugir dele, com a única perna ilesa. E ele gritando: *Eu sabia que você não estava intacta! Eu sabia! Eu sabia!*

- Papai, não sei o que... A mão dele desceu, agora não para esbofetear, mas para agarrar. Aferrou-a pelo ombro, com força assustadora. Beverly gritou. Ele a puxou para cima, obrigou-a a levantar-se e, pela primeira vez, fitou-a diretamente dentro dos olhos. Beverly gritou novamente, ao ver o que havia no fundo daquelas pupilas. O que havia era... *nada.* Seu pai desaparecera. E, de repente, ela compreendeu que estava sozinha no apartamento com A Coisa, sozinha com A Coisa, naquela sonolenta manhã de agosto. Não existia o espesso senso de poder e malignidade crua que captara na casa da Rua Neibolt, uma semana e meia atrás - A Coisa ficara de certa forma diluída pela humanidade essencial de seu pai - porém Ela estava ali, trabalhando através dele. Ele a empurrou para um lado. Beverly se chocou contra a mesa, desequilibrou-se e caiu espalhada no chão, com um grito. *É assim que acontece,* pensou. *Contarei a Bill, para que ele compreenda. A Coisa está em toda parte em Derry. Ela simplesmente... simplesmente preenche os lugares vazios, nada mais.*

Rolou sobre si mesma. O pai caminhava para ela. Beverly deslizou pelo chão, escorregando sobre os fundilhos dos jeans, os cabelos caídos sobre os olhos. - Sei que você estava nos Barrens - disse ele. - Alguém me contou. Não acreditei. Não acreditei que a minha Bevvie estivesse andando por aí, com um bando de meninos. Então, eu mesmo vi esta manhã. A minha Bevvie, com uma turma de garotos. Nem completou doze anos e já perambula com um bando de meninos! A última frase pareceu enchê-lo de renovada fúria, uma ira que fez seu corpo magricela estremecer, como um choque elétrico. - *Nem completou doze anos ainda!* - gritou ele, desferindo-lhe um chute na coxa, fazendo-a gritar. As mandíbulas dele se cerraram sobre este fato, conceito ou o que quer que fosse, como as mandíbulas de um cão faminto, preocupado com um pedaço de carne. - *Nem doze anos ainda! Nem doze anos ainda! Nem DOZE anos ainda!*

Ele chutou. Beverly esquivou-se. Agora, ele conseguira abrir caminho para a área do apartamento em que ficava a cozinha. Sua bota de trabalho se chocou com a gaveta debaixo do fogão, fazendo com que os potes e panelas no interior chocalhassem. - Não fuja de mim, Bevvie! - avisou. - Faça isso e será pior para você! Pode acreditar! Acredite em seu pai! Isto é muito sério! Perambular por aí com meninos, deixando fazerem com você Deus sabe o que - e ainda nem fez *doze* anos - isto é muito sério, Deus sabe!

Ele a agarrou e a sacudiu pelo ombro, obrigando-a a levantar-se. - Você é uma garota bonita - disse. - Há muita gente que ficaria feliz arruinando uma garota bonita. E muitas garotas bonitas querendo ser arruinadas. Você serviu de prostituta para aqueles garotos, Bevvie? Finalmente ela compreendia o que A Coisa pusera na cabeça dele... embora parte dela soubesse que a idéia quase poderia ter estado lá o tempo todo; que A Coisa apenas usara as ferramentas que jaziam ao alcance, esperando serem recolhidas. - Não, papai! Não, papai... - *Eu vi você fumando!* - berrou ele. Desta vez, agrediu-a com a mão aberta, forte o bastante para enviá-la contra a mesa da cozinha, em bêbadas passadas, onde Beverly caiu, com uma pontada agoniante no fim das costas. Os depósitos de sal e pimenta caíram ao chão. O depósito de pimenta se quebrou. Flores negras desabrocharam e desapareceram diante dos olhos dela. Os sons pareciam muito profundos. Beverly viu o rosto dele. Algo no rosto dele, que agora fitava seu busto. De repente, ela percebeu que a blusa lhe escapara da cintura das calças e que não estava usando sutiã - aliás, possuía apenas um no momento, que era uma espécie de corpete. Sua mente voou para a casa da Rua Neibolt, quando Bill lhe emprestara a camisa. Beverly sabia como seus seios espetavam o fino tecido de algodão, mas os olhares de soslaio, ocasionais, dos garotos, não a tinham preocupado, porque pareciam perfeitamente naturais. E o olhar de *Bill* parecera mais do que natural - parecera cálido e carente, embora profundamente perigoso. Agora, ela sentia culpa, de mistura com terror. Estaria seu pai tão errado? Ela não havia

(você tem sido uma prostituta para eles)

tido pensamentos? Maus pensamentos? Pensamentos sobre o que quer que ele estava falando agora?

Não é a mesma coisa! Não é a mesma coisa a maneira
(você tem sido uma prostituta) como ele olha agora
para mim! Não é!

Ela tornou a enfiar a blusa dentro das calças. - Bevvie? - Nós *apenas* brincamos, papai. Só isso. Nós brincamos... nós não fazemos... nada que seja... que seja *errado.* Nós... - Eu vi você fumando - repetiu ele, caminhando em sua direção. Movia os olhos, passeando-os sobre seu busto e suas estreitas ancas arredondadas. Cantarolou de repente, em uma voz estridente de escolar, que a amedrontou ainda mais: - *Uma garota que masca chiclete fumará! Uma garota que fuma beberá! E uma garota que bebe... todos sabem* o que *fará uma garota assim!*

- *EU NÃO FIZ NADA!* - gritou Beverly para o pai, quando as mãos dele lhe caíram sobre os ombros. Ele agora não a apertava nem machucava. Suas mãos eram suaves. E, de certa forma, isso era o mais aterrorizante de tudo. - Beverly - disse ele, com a lógica fixa e louca dos totalmente obcecados, - eu vi você com os garotos. E agora, quer me dizer o que uma garota faz com meninos, no meio daquele matagal, que não seja o que uma garota faz deitada? - *Deixe-me em paz!* - gritou ela. A raiva chamejou de um poço profundo, do qual jamais suspeitara. Uma raiva que produzia uma chama amarelo-azulada em sua cabeça, ameaçando-lhe os pensamentos. Todas aquelas vezes que o pai a amedrontara; todas as

vezes que a envergonhara; todas as vezes que a machucara. - *Só quero que me deixe em paz!*

- Não responda assim a seu pai! - disse ele, parecendo admirado. -

Eu não fiz o que está dizendo! Nunca fiz!

- Pode ser. Pode ser que não. De qualquer modo, quero verificar para ter certeza. E sei como. Tire suas calças. - *Não!*

Os olhos dele dilataram-se, mostrando uma córnea amarelada ao redor das íris azul-forte. - O que foi que *disse?*

- Eu disse *não!* - Os olhos dele fixaram-se nos dela e talvez vissem a raiva chamejante que fermentava no fundo, o cintilar súbito da rebelião. - Quem foi que lhe contou? - Bevvie... - Quem lhe contou que a gente brincava lá nos Barrens? Foi um estranho? Foi um homem com roupa laranja e prateada? Ele usava luvas? Parecia um palhaço, mesmo que não fosse palhaço? Como se chamava? - Bevvie, você quer parar com... - Não: *você* é que vai parar - respondeu ela. Ele moveu a mão novamente, agora não mais aberta, mas fechada em um punho, com intenção de quebrar algo. Beverly agachou-se. O punho sibilou acima de sua cabeça e enterrou-se na parede. Ele urrou de dor e pareceu esquecê-la, ao levar o punho à boca. Beverly afastou-se rapidamente de seu alcance, em passos miúdos. - *Você, volte aqui!*

- Não - respondeu ela. - Você quer me bater. Eu amo você, papai, mas também o odeio, quando fica assim. Não pode mais fazer isso comigo. É *A Coisa* que o obriga, mas *você* deixa Ela entrar em sua cabeça. - Não sei do que está falando - respondeu ele, - mas é melhor voltar aqui. Não vou falar duas vezes! - Não - respondeu ela, recomeçando a chorar. - Não me faça ir aí e trazê-la, Bevvie! Vai lamentar e muito, se me forçar a isso. Venha cá! - Diga quem lhe contou - respondeu ela, - e eu irei. O pai saltou para ela, com tal felina e singular agilidade que, embora Beverly já suspeitasse do salto, quase foi agarrada. Correu para a maçaneta da porta da cozinha, abriu-a apenas o suficiente para a passagem de seu corpo e deslizou para fora. Em seguida, disparou pelo corredor em direção à porta da frente, correu em um sonho de pânico, como correria da Sra. Kersh, vinte e sete anos mais tarde. Às suas costas, Al Marsh colidiu com a porta, ela se fechou com estrondo e rachou-se no centro. - VOLTE AQUI IMEDIATAMENTE, BEVVIE! - uivou ele. Abriu a porta com violência e saiu atrás dela. A porta da frente estava trancada; Beverly entrara em casa pela dos fundos. Com mão trêmula, girou a chave na fechadura, enquanto a outra sacudia inutilmente a maçaneta. Mais atrás, seu pai tornava a uivar; era o som de um

(tire essas calças sua putinha)

animal. Ela girou a maçaneta, o ferrolho se soltou e a porta finalmente foi aberta. Em sua garganta, subia e descia um ar quente. Olhando sobre o ombro, Beverly o viu bem atrás dela, esticando o braço para agarrá-la, sorrindo e careteando, os dentes amarelados parecendo uma armadilha para ursos em sua boca.

Beverly abriu a porta de tela, cruzou-a e sentiu os dedos dele deslizarem pelas costas de sua blusa, mas sem conseguirem aferrá-Ia. Voou escada abaixo, desequilibrou- se e caiu esparramada no passadiço de cimento que levava à calçada, esfolando os dois joelhos. - VOLTE JÁ AQUI, BEVVIE, OU JURO POR DEUS QUE LHE ARRANCAREI A PELE! Ele desceu os degraus e ela conseguiu levantar-se, com buracos nas pernas dos jeans,

(tire suas calças)

as rótulas sangrando, os terminais nervosos cantando "Avante, soldados de Cristo". Olhando para trás, viu que ele se aproximava novamente: Al Marsh, zelador e guardião, um homem grisalho vestindo calças e camisa caqui de dois bolsos, um chaveiro preso ao cinto por uma corrente, os cabelos voando. Contudo, não era Al Marsh que surgia nos olhos dele - o Al Marsh que lavara as costas da filha e a esmurrara no estômago, tendo feito ambas as coisas porque se preocupava com ela, preocupava-se um *bocado,* o mesmo que tentara uma vez entrançar-lhe os cabelos quando ela estava com sete anos, mas conseguira apenas embolá-los, depois rindo os dois pela maneira como os fios espetavam o ar em todas as direções, o mesmo que sabia como preparar gemadas com canela aos domingos, mais gostosos do que tudo quanto se pudesse comprar por vinte e cinco centavos no Derry Ice Cream Bar, o mesmo que era seu pai, a figura masculina de sua vida, transmitindo uma condição mesclada, muito diversa daquela impregnada de sexualidade. Nada disso surgia nos olhos dele agora. Beverly viu neles homicídio puro. Viu A Coisa naquelas pupilas. Então, correu. Fugiu da Coisa. O Sr. Pasquale ergueu os olhos, assustado e imóvel, do lugar de onde regava seu raquítico gramado e ouvia o jogo dos Red Sox, transmitido por um rádio portátil que deixara sobre o gradil do alpendre. Os rapazinhos Zinnerman saíram detrás do velho Hudson Hornet que haviam comprado por vinte e cinco dólares e lavavam quase que diariamente. Um deles segurava uma mangueira, o outro um balde cheio de água com sabão. Ambos estavam boquiabertos. A Sra. Denton debruçou-se à janela de seu apartamento no segundo andar, tendo ao colo o vestido de uma das seis filhas e outros para consertar dentro de uma cesta no chão, a boca cheia de alfinetes. O pequeno Lars Theramenius retirou apressadamente seu carrinho com que brincava na calçada rachada, e correu para o gramado agonizante de Bucky Pasquale. Abriu um berreiro, ao ver Bevvie passar em disparada ao seu lado e gritando, com os olhos esbugalhados. Bevvie, que passara toda uma paciente manhã naquela primavera ensinando-lhe a amarrar os tênis, de maneira a que a laçada não se desatasse. Um momento depois, passou o pai dela, berrando para a filha. Lars, então com três anos, predestinado a morrer doze anos mais tarde, em um acidente de moto, viu algo terrível e inumano no rosto do Sr. Marsh. Depois disso, levou três semanas tendo pesadelos, nos quais via o pai de Bevvie transformando- se em serpente, dentro de suas roupas. Beverly correu. Tinha certeza absoluta de que podia estar correndo para salvar a vida. Se o pai a agarrasse agora, não faria diferença se estivesse ou não na rua. Às vezes, as pessoas faziam coisas loucas em Derry; ela não precisava ler os jornais ou conhecer a história peculiar da cidade, para entender isso. Se a pegasse, ele a asfixiaria, surraria ou chutaria. E quando tudo terminasse, surgiria alguém para levá-lo, e ele ficaria em uma cela, como estava o padrasto de Eddie Corcoran, aturdido e sem entender o que ocorrera. Ela correu para o centro da cidade, passando por mais e mais pessoas, à medida que avançava. Todos olhavam - primeiro para ela, depois para o pai perseguidor - e

pareciam surpresos, alguns até espantados. Contudo, não passavam disso. Espiavam, e depois continuavam com o que faziam. O ar circulando nos pulmões de Beverly ficava cada vez mais pesado. Ela cruzou o Canal, seus pés ressoando no cimento, enquanto carros rodavam ruidosamente sobre as pesadas tábuas de madeira da ponte, à sua direita. À esquerda, Beverly podia ver o semicírculo de pedra onde o Canal mergulhava, passando sob a área comercial da cidade. Ela cruzou subitamente a Rua Main, ignorando as buzinadas e chiados de freios. Atravessou em linha reta, porque os Barrens ficavam naquela direção. Faltavam ainda quase dois quilômetros mas, se tinha que chegar lá, primeiro teria que- aumentar a distância de seu pai na empinada subida da Colina Milha Acima (ou qualquer das ruas laterais, ainda mais íngremes). Contudo, não lhe restava outra coisa a fazer além disso. - VOLTE AQUI. SUA CADELINHA. ESTOU AVISANDO! Quando chegou à calçada oposta da rua, ela ousou olhar para trás, a massa compacta dos cabelos ruivos balançando sobre o ombro, ao fazer isso. Seu pai cruzava a rua, tão indiferente ao trânsito como ela, o rosto vermelho brilhando de suor. Beverly mergulhou para uma aléia que corria atrás da Alameda dos Armazéns. Ali eram os fundos dos prédios com frente para a Colina Milha Acima: Star Beef, Carnes Enlatadas Armour, Depósitos & Armazenagem Hemphill, Carne de Boi Águia e Carnes Kosher. A aléia era estreita e calçada de lajes, tornada ainda mais apertada pelos montes de fedorentos depósitos e latas de lixo ali deixados. As lojas eram escorregadias, devido a só Deus sabia que espécie de vísceras e excrementos animais. Havia uma profusa mistura de cheiros, alguns brandos, outros pungentes, vários simplesmente insuportáveis... mas todos falavam de carne e carnificina. Moscas zumbiam em nuvens. No interior de alguns dos edifícios, ela podia ouvir o ensangüentado gemido das serras de cortar ossos. Seus pés pousavam desequilibradamente sobre as lajes viscosas. Uma coxa bateu em uma lata de aço galvanizado para lixo, e pacotes de tripas embrulhadas em jornal caíram para fora, como enormes e silvestres flores carnosas desabrochando.

- DIABO, VOLTE IMEDIATAMENTE, BEVVIE! ESTOU FALANDO SÉRIO AGORA! NÃO TORNE AS COISAS PIORES DO QUE JÁ ESTÃO, GAROTA!

Dois homens estavam parados na entulhada entrada da Fábrica de Enlatados Kirshner, comendo gordos sanduíches, com suas marmitas de almoço ao alcance da mão. - Você está em um lugar deplorável, pequena - disse um deles suavemente. - Até parece que entrou no telheiro com o papaizinho. O companheiro dele riu. Al Marsh estava ganhando. Ela podia ouvir-lhe as fortes pisadas e a respiração pesada, quase às suas costas; olhando sobre o ombro direito, avistou a sombra negra do pai, voando ao longo do alto muro de tábuas naquela direção. Então, ele gritou de raiva e surpresa, quando os pés lhe deslizaram de sob o corpo e o deixaram cair sobre as lajes do calçamento. Levantando-se logo em seguida, não mais berrando frases, mas apenas esganiçando-se em sua fúria incoerente, passou pelos homens parados para o almoço, que riram e bateram nas costas um do outro. A aléia ziguezagueava para a esquerda... e Beverly estacou de repente, a boca aberta em desalento. Um caminhão de coleta de lixo estava parado diante da boca da aléia. Não havia nem vinte centímetros de espaço livre a cada lado. O motor do caminhão permanecia ligado. Sob aquele som e quase inaudível, ela ouviu um murmúrio de conversa na boléia. Mais homens na folga para o almoço. Faltariam três ou quatro minutos para o meio-dia; o relógio do tribunal em breve badalaria as horas.

Beverly pôde ouvir o pai aproximando-se novamente, encurtando a distância. Atirou-se para baixo e abriu caminho sob o caminhão de lixo, usando os cotovelos e joelhos esfolados. O cheiro da descarga do motor e do combustível diesel misturaram-se ao da carne crua, deixando-a nauseada. Em certo sentido, sua avançada ficou pior: ela deslizava oleosamente sobre uma camada de limo e detritos ao natural. Continuou movendo-se, em certo momento arqueando-se tanto acima das lajes, que suas costas entraram em contato com o cano quente da descarga do caminhão. Precisou morder os lábios para sufocar um grito. - Beverly? Você está aí embaixo? Cada palavra destacava-se da outra por uma pausa ofegante, enquanto seu pai inalava. Olhando para trás, viu os olhos dele, quando Al abaixou-se a fim de espiar debaixo do caminhão. - Deixe-me... em paz! - arquejou ela. - Sua *cachorra!* - replicou ele, em voz rouca e engasgada. Colando-se ao chão, as chaves tilintando, Al Marsh começou a engatinhar atrás da filha, impelindo o corpo sobre o chão imundo, bracejando como se estivesse nadando. Beverly avançou impelindo-se com as pontas dos dedos da mão formando garras, por baixo do caminhão até a altura da boléia. Agarrou-se a um dos enormes pneus - os dedos afundaram até a segunda falange por entre o cordame - e conseguiu erguer-se. Bateu com o cóccix no pára-choque dianteiro, mas logo estava correndo de novo, agora subindo a Colina Milha Acima, a blusa e o jeans manchados de imundície, exalando um fedor de mil diabos. Olhou para trás. Viu as mãos e braços sardentos do pai emergirem de sob a cabine do caminhão, como garras de algum fantástico monstro infantil, escapando de baixo da cama. Rápida, mal pensando no que fazia, ela disparou para uma passagem entre o Depósito Feldman's e o Anexo dos Irmãos Tracker. Aquele corredor, apertado demais até para ser considerado uma aléia, estava entulhado de caixotes quebrados, ervas daninhas, girassóis e, naturalmente, mais lixo. Beverly mergulhou para trás de uma pilha de caixotes e agachou-se ali. Momentos mais tarde, viu o pai surgir ofegante à entrada da passagem, continuando a subir a colina. Levantando-se, ela correu para a outra extremidade da passagem. Ali havia um aramado até meia altura, fechando-a. Trepou até o alto, passou para o outro lado e desceu. Estava agora em terrenos do Seminário Teológico de Derry. Subiu correndo pelo bem tratado relvado dos fundos e contornou o edifício. Podia ouvir alguém no interior do prédio tocando algo clássico em um órgão. As notas pareciam imprimir-se no ar parado, tranqüilas e agradáveis. Havia uma alta cerca viva entre o seminário e a Rua Kansas. Espiando através dele, Beverly viu o pai no outro lado da rua, respirando penosamente, com manchas de suor escurecendo a camisa de trabalho, nas axilas. Ele espiava em torno, com as mãos na cintura. Seu chaveiro reluzia vivamente ao sol. Beverly o espiou, também respirando com dificuldade, o coração batendo como louco dentro da garganta. Sentia uma sede intensa e o fedor que desprendia a irritava. *Se me desenhassem em uma história em quadrinhos,* pensou aturdida, *poriam aquelas linhas onduladas de fedor, levantando-se de mim.*

Seu pai atravessava lentamente a rua, para o lado do seminário.

A respiração de Beverly cessou.

Por favor, Deus. Não agüento correr mais! Ajude-me, Deus. Não deixe que ele me ache!

Al Marsh desceu pela calçada em passos vagarosos, passando justamente pelo lugar em que sua filha se agachava, no outro lado da sebe.
Querido Deus, não deixe que ele sinta meu cheiro! 1014Ele não sentiu - talvez porque, após a queda na aléia e a "natação" debaixo do caminhão de lixo, Al fedesse tanto quanto ela. Seguiu em frente. Ela o viu recomeçar a descer a Colina Milha Acima, até desaparecer de vista. Beverly ergueu-se lentamente. Suas roupas estavam cobertas de sujeira, seu rosto também estava sujo e as costas doíam onde se queimara no cano de descarga do caminhão. Tais coisas físicas empalideciam diante do confuso redemoinho de seus pensamentos - ela se sentia como se houvesse velejado para a borda do mundo, onde nenhum dos padrões normais de comportamento podia ser aplicado. Era possível imaginar-se voltando para casa; contudo, era impossível imaginar-se *não* voltando para casa. Havia desafiado o pai, ela o *desafiara...*

Beverly precisou expulsar tal pensamento, porque a deixava enfraquecida e trêmula, com ânsias de vômito. Amava o pai. Um dos Dez Mandamentos não dizia "Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias sejam longos sobre a terra"? Sem dúvida. Entretanto, seu pai não havia sido ele próprio. Não tinha sido seu pai. De fato, fora alguém inteiramente diverso. Um impostor. A Coisa... De súbito, ela ficou fria, quando uma terrível pergunta ocorreu-lhe. Estaria aquilo acontecendo com os outros? Ou algo semelhante? Era preciso avisá-los. Eles haviam ferido A Coisa e agora talvez Ela estivesse tomando medidas para certificar-se de que nunca mais a feririam. E, de fato, para onde mais iria? Eram eles os únicos amigos que possuía. Bill. Bill saberia o que fazer. Bill lhe diria o que fazer. Bill indicaria o *passo seguinte.*

Parou onde a calçada do seminário se juntava à da Rua Kansas e espiou em torno da sebe. Seu pai tinha mesmo ido embora. Dobrando à direita, Beverly começou a caminhar ao longo da Rua Kansas, na direção dos Barrens. Provavelmente, nenhum deles estaria lá ainda; nesse momento, sem dúvida estavam em casa, almoçando - mas iriam. Até então, ela poderia permanecer na frescura do clube subterrâneo e tentar controlar-se de algum modo. Deixaria a janelinha do alçapão aberta, para entrar um pouco de sol. Talvez até conseguisse tirar uma soneca. Seu corpo cansado e a mente tensa aferraram-se ansiosos à idéia. Dormir, sim, isso seria muito bom. Sua cabeça pendia melancolicamente, enquanto ela passava pelo último punhado de casas, antes que a terra ficasse demasiado inclinada para permitir mais construções, mergulhando quase a pique para os Barrens - os Barrens onde, por mais incrível que achasse, seu pai estivera escondido e espionando. Evidentemente, Beverly não ouviu as pisadas às suas costas. Agora, os garotos empenhavam-se ao máximo em não fazer barulho. Tinham sido expulsos antes; não pretendiam ser expulsos novamente. Eles chegaram cada vez mais perto dela, caminhando como gatos. Arroto e Victor sorriam, mas o rosto de Henry era inexpressivo e sério. Tinha os cabelos despenteados e emaranhados, os olhos tão desfocalizados como haviam estado os de Al Marsh, no apartamento. Ele mantinha um dedo sujo pressionado sobre os lábios, em um gesto de *pssst,* quando diminuíram a distância de vinte metros para quinze e para dez. Durante aquele verão, Henry estivera bordejando firmemente os limites de algum abismo mental, caminhando em uma ponte que ficava, inapelavelmente, cada vez mais estreita. No dia em que permitira a Patrick Hockstetter que o acariciasse, essa ponte se estreitara para uma corda retesada. A corda arrebentara esta manhã. Ele saíra para o pátio, nu, vestindo apenas as andrajosas cuecas amareladas, e olhou para o céu. O fantasma da

última noite de luar permanecia lá e, enquanto o contemplava, a lua subitamente se mudara para um rosto esquelético e sorridente. Henry caíra de joelhos diante desse rosto, exaltado de terror e alegria. Vozes fantasmagóricas lhe chegaram da lua. As vozes mudavam, às vezes parecendo fundir-se em um balbucio suave e quase incompreensível... mas ele captava a verdade, a qual lhe dizia que todas aquelas vozes eram apenas uma, uma só inteligência. A voz lhe disse para convocar Arroto e Victor, encontrando-se os três na esquina da Rua Kansas com a Avenida Costello, por volta de meio-dia. A voz lhe disse que, então, saberia o que fazer. E, claro, só podia ter algo a ver com aquela cona que vinha pela calçada. Henry esperou, querendo ouvir o que a voz lhe diria para fazer em seguida. A resposta veio quando continuaram encurtando a distância. E a voz não vinha mais da lua, porém da grade do bueiro perto da qual iam passando. Uma voz baixa, mas nítida. Arroto e Victor olharam para a grade, de um jeito alheado, quase hipnotizado, depois tornaram a concentrar-se em Beverly.

Mate-a, havia dito a voz saindo do bueiro. Henry Bowers enfiou a mão no bolso do jeans e tirou um instrumento alongado, com uns vinte centímetros de comprimento, tendo nos lados incrustações imitando marfim. Um pequeno botão cromado cintilava em uma extremidade daquele dúbio *objet d'art.* Henry apertou-o. Uma lâmina de quinze centímetros saltou da fenda no final do punho. Ele tornou a embutir a lâmina na fenda, comprimindo-a com a palma da mão. Começou a caminhar um pouco mais rápido. Victor e Arroto, ainda parecendo atordoados, também apressaram o passo, procurando emparelhar com ele. Beverly não os *ouviu,* precisamente; não foi isso que a fez virar a cabeça, quando Henry Bowers encurtou a distância. Com os joelhos flexionados, pisando de mansinho, um sorriso fixo no rosto, Henry era tão silencioso como um índio. Não; tinha sido apenas uma sensação, demasiado clara, direta e forte, para ser rejeitada. Uma sensação de que

3

Biblioteca Pública de Derry, 1:55 da madrugada

alguém espionava. Mike Hanlon largou a caneta a um lado e olhou através da sombreada tigela invertida da sala principal da biblioteca. Viu ilhas de luz atiradas pelos globos pendentes; viu livros que empalideciam na penumbra; viu as escadas de ferro descrevendo suas graciosas espirais entrançadas, elevando-se para os corredores suspensos, tomados por prateleiras de livros. Não viu nada fora do lugar. De qualquer modo, não acreditava que estivesse sozinho ali. Não estava mais só. Depois que os outros tinham ido embora, ele se dedicara à limpeza, com o cuidado que lhe era peculiar. Trabalhava como um piloto automático, a mente a um milhão de quilômetros - e vinte e sete anos - de distância. Limpou cinzeiros, jogou fora as garrafas vazias de bebida (colocando sobre elas uma camada de lixo, a fim de que Carole não ficasse chocada), deixando as latas que seriam devolvidas em uma caixa, atrás de sua secretária. Em seguida, pegou a vassoura e varreu os cacos da garrafa de gim que Eddie havia quebrado. Quando a mesa ficou limpa, ele foi à Sala de Jornais e recolheu as revistas espalhadas. Enquanto cuidava dessas tarefas simples, sua mente analisava as histórias que

eles haviam contado - concentrando-se principalmente no que não fora dito. Eles acreditavam ter recordado tudo; Mike achava que isso quase acontecera com Bill e Beverly. Contudo, havia mais ainda. Eles recordariam... se tivessem tempo. Em 1958, não houvera chance para uma preparação. Eles haviam debatido interminavelmente - suas discussões interrompidas apenas pela luta a pedradas e por aquele ato isolado de heroísmo grupal no número 29 da Rua Neibolt - e, no fim, poderiam não ter feito mais do que falar. Então, chegara o 14 de agosto, quando Henry e seus amigos os tinham simplesmente perseguido nos esgotos.

Talvez eu devesse ter contado a eles, pensou, colocando no lugar a última pilha de revistas. Contudo, algo se opusera firmemente à idéia - a voz da Tartaruga, supôs ele. Talvez isso fizesse parte de tudo e talvez aquele senso de circularidade também fizesse parte. Havia a possibilidade de uma repetição daquele último ato, mas de forma atualizada. Ele reservara lanternas elétricas e capacetes de mineiro para a eventualidade futura; possuía as plantas dos esgotos e sistemas de drenagem da cidade, cuidadosamente enrolados e presas com tiras de borracha, naquele mesmo armário. Entretanto, quando crianças, todas as discussões e planos, meio assentados ou não, afinal tinham dado em nada. No fim, tinham sido simplesmente perseguidos pelos encanamentos, arremessados ao confronto que se seguiu. Iria isso acontecer novamente? Fé e poder, ele passara a acreditar, eram intercambiáveis. Seria a verdade final ainda mais simples? Nenhum ato de fé seria possível, até sermos rudemente impelidos para o berrante meio das coisas, como um recém-nascido sendo inapelavelmente expulso do útero materno? Em uma queda para o mundo? E, durante a queda, seríamos forçados a acreditar nela, não? Puxar a argola enquanto se caía, passava a ser a decisão final sobre o tema, de uma forma ou de outra.

Jesus Cristo, mas isto é Fulton Sheen caracterizado de negro, pensou Mike, e riu um pouco. Ele limpou, arrumou e pensou seus pensamentos, enquanto uma outra parte do cérebro esperava que terminasse com aquilo e ficasse cansado o suficiente a fim de ir para casa e dormir algumas horas. No entanto, ao terminar, percebeu-se mais desperto do que nunca. Então, caminhou para a única pilha de livros fechados atrás de seu gabinete, abriu o portão aramado com uma chave de seu chaveiro e entrou. Aquele recinto, supostamente à prova de fogo quando a porta tipo cofre estivesse fechada e trancada, continha as valiosas primeiras edições que pertenciam à biblioteca, livros assinados por escritores há muito falecidos (entre as edições assinadas estavam *Moby Dick* e *Folhas de erva,* de Whitman), questões históricas relacionadas à cidade e os papéis pessoais de alguns dos poucos escritores que tinham residido e trabalhado em Derry. Mike esperava, se tudo aquilo terminasse bem, convencer Bill a doar seus manuscritos à Biblioteca Pública de Derry. Descendo pelo terceiro corredor entre as estantes, sob as lâmpadas de luminosidade mortiça, sentindo os familiares odores da biblioteca, uma mistura de mofo, poeira, canela e papel envelhecido, ele pensava: *Quando eu morrer, acho que levarei um cartão da biblioteca em uma das mãos e um carimbo de PRAZO ESGOTADO na outra. Bem, talvez haja destinos piores...*

Ele parou a meio caminho, naquele terceiro corredor. Seu caderno de anotações estenográficas, contendo as histórias rascunhadas de Derry e suas próprias e preocupadas andanças, estava enfiado entre *A antiga cidade de Derry,* da autoria de Fricke, e *História de Derry,* obra de Michaud. Mike empurrara o caderno de notas tão fundo, que ficava quase invisível. Ninguém daria com ele, a menos que o estivesse procurando. Mike o pegou e retornou à mesa onde se reunira com os amigos, parando para desligar as luzes daquele recinto vedado e trancar a fechadura de segredo. Sentando-se, folheou as páginas já escritas, refletindo no quanto era estranho aquele depoimento: parte

história, parte escândalos, parte diário, parte confissões. Não tinha feito qualquer anotação, desde 6 de abril. *Logo terei que arranjar outro caderno,* pensou, folheando as poucas páginas em branco que restavam. Por um momento, cheio de perplexidade, refletiu no primeiro rascunho de Margaret Mitchell sobre ... *E o vento levou,* escrito em caligrafia comum, abrangendo pilhas e pilhas de cadernos escolares. Então, tirando a tampa da caneta, escreveu *31 de maio,* duas linhas abaixo do final da última anotação. Fez uma pausa, relanceou vagamente os olhos pela biblioteca vazia, depois começando a escrever sobre tudo o que acontecera nos últimos três dias, a partir de seu telefonema para Stanley Uris. Escreveu quietamente por uns quinze minutos, mas então sua concentração começou a desfazer-se. Fazia pausas com mais freqüência. A imagem da cabeça degolada de Stan Uris na geladeira tentava intrometer-se, a cabeça ensangüentada de Stan, com a boca aberta e estufada de penas, caindo da geladeira e rolando pelo chão, vindo para ele. Mike esforçou-se para expulsar tais pensamentos e continuou escrevendo. Cinco minutos mais tarde, empertigou-se de repente e olhou em torno, convencido de que veria a cabeça rolando pelos antigos ladrilhos vermelhos e pretos do piso principal, os olhos tão vidrados e ávidos, como os da cabeça empalhada de uma corça. Não havia nada. Nenhuma cabeça e nenhum som, exceto o rufar amortecido de seu coração.

Procure acalmar-se, Mikey. É tudo um delírio de imaginação, nada mais. Nada mais do que isso.

Contudo, não adiantou. As palavras começaram a fugir-lhe, os pensamentos pareciam manter-se fora de alcance. Havia uma pressão em sua nuca, parecendo ficar cada vez mais forte.

Espionado.

Largando a caneta, ele se levantou da mesa. - Tem alguém aí? - perguntou, e sua voz ecoou na rotunda, sobressaltando-o. Molhou os lábios, tentou novamente. - Bill?... Ben?

Bill-ill-ill... Ben-en-en...

De súbito, Mike decidiu que queria ir para casa. Levaria o caderno de anotações. Estendeu a mão para apanhá-lo... e então ouviu uma deslizante, quase imperceptível pisada. Ele tornou a erguer os olhos. Poças de luz, circundadas por espessas lagunas de sombras. Nada mais... pelo menos, nada que pudesse enxergar. Esperou, com o coração batento forte. A pisada repetiu-se e, desta feita, ele pôde localizá-la. Vinha do corredor envidraçado, que ligava a biblioteca dos adultos à infantil. Lá. Alguém. Alguma coisa. Movendo-se com cautela, Mike caminhou até a mesa de checagem. As portas duplas que levavam ao corredor eram mantidas abertas por cunhas de madeira, e ele pôde vislumbrar parte dele. Conseguiu ver o que parecia serem pés e, com súbito, devastador terror, perguntou-se se talvez Stan não comparecera, afinal de contas, se ele não iria destacar-se das sombras, segurando sua enciclopédia de pássaros, o rosto branco, os lábios purpúreos, os pulsos e antebraços cortados, abertos. *Finalmente vim,* diria Stan.

Demorei um pouco, porque precisei sair de um buraco no chão, mas finalmente aqui estou...

Houve uma nova pisada e, agora, Mike teve a certeza de ver sapatos - sapatos e andrajosas pernas de calças de brim. Fios azuis desbotados caíam sobre tornozelos sem meias. E, na escuridão, quase um metro e oitenta acima daqueles tornozelos, ele pôde distinguir olhos brilhantes.

Mike tateou a superfície da mesa semicircular e sua mão foi até o outro lado, com ele sempre fitando aqueles olhos. Seus dedos apalparam o canto de madeira de uma caixinha - a dos cartões de prazo esgotado. Uma caixa menor depois - clipes para papel e tiras de borracha. Então, os dedos pousaram sobre algo metálico e o agarraram. Era um abridor de cartas com a inscrição JESUS SALVA impressa no punho. Um objeto insignificante, que tinha chegado pelo correio, enviado pela Igreja Batista da Graça, como parte de uma campanha para levantar fundos. Fazia quinze anos que Mike deixara de freqüentar igrejas, mas a Igreja Batista da Graça fora a de sua mãe, e então enviara cinco dólares para eles, um dinheiro que, de fato, não podia dispensar. Quisera jogar fora o abridor de cartas, mas ele continuara por ali, entre o amontoado de coisas em seu lado daquela mesa (o lado de Carole era imaculadamente ordenado), até agora. Mike apertou fortemente o punho do abridor e espiou para a passagem envidraçada em sombras. Houve outro passo... mais outro. Agora, as calças surradas de denim eram visíveis até os joelhos. Pelo que Mike podia ver, a parte inferior daquelas pernas pertencia a um corpo forte, grandalhão. Nas sombras, ele distinguiu o corpanzil, de ombros arredondados. Havia uma sugestão de cabelos despenteados. A figura era simiesca. - Quem é você? A forma limitou-se a ficar lá, olhando para ele. Embora ainda com medo, Mike aferrara-se à idéia debilitante de que aquilo podia ser Stan Uris, retornado da sepultura, convocado pelas cicatrizes em suas palmas, trazido de volta por algum estranho magnetismo, agora como um zumbi, em um filme de terror produzido por Hammer. No entanto, fosse quem fosse o visitante, não era Stan Uris, cuja altura de adulto não passara de um metro e sessenta e oito. A forma deu outro passo e, agora, a luz do globo mais próximo à passagem caiu sobre as alças do jeans sem cinto à volta da cintura. De repente, Mike soube. Soube, antes mesmo que a forma falasse. - Olá, negro - disse a forma. - Esteve jogando pedras em alguém? Quer saber quem envenenou seu cão fodido? A forma deu outro passo em frente, e a luz bateu no rosto de Henry Bowers. Ele havia ficado gordo e balofo; a pele tinha uma tonalidade doentia; as bochechas eram carne pendurada, espetada de barba por fazer, em uma mistura igual de pêlos brancos e pretos. Linhas ondulantes - três linhas - estavam gravadas na testa, logo acima das sobrancelhas espessas. Outras formavam parênteses aos lados da boca de lábios grossos. Os olhos eram pequeninos e malévolos, encaixados entre bolsas descoloridas de carne - injetados e inexpressivos. Era o rosto de um homem sendo empurrado para uma velhice prematura, um homem de trinta e nove anos passando por setenta e três. Contudo, era também o rosto de um garoto de doze anos. As roupas de Henry ainda estavam esverdeadas pelo mato onde passara o dia escondido. - Não vai perguntar como estou, negro? - falou Henry. - Olá, Henry. Vagamente, ocorreu a Mike que não ouvira rádio nos últimos dois dias e nem mesmo lera o jornal, o que era um ritual em sua vida. Havia muita coisa acontecendo. Ele estivera ocupado demais. Tanto pior. Henry emergiu do corredor entre a biblioteca infantil e a dos adultos. Ficou parado, espiando para Mike com seus olhos porcinos. Os lábios, entreabertos em um sorriso indizível, revelavam dentes negros e cariados. - Vozes - disse ele. - Você já ouviu vozes, negro?

- Que vozes são essas, Henry? Mike tinha as mãos atrás das costas, como um aluno chamado para dizer a lição, e transferira o abridor de cartas da mão esquerda para a direita. O relógio de pé, doado por Horst Mueller em 1923, tiquetaqueou solenes segundos na expansão uniforme do silêncio da biblioteca.

- Da lua - disse Henry. Enfiou a mão no bolso. - Elas vêm da lua. Um punhado de vozes. - Fez uma pausa, franziu a testa ligeiramente e então abanou a cabeça. - São muitas, mas, de fato, apenas uma. A voz da *Coisa.*
- Você viu A Coisa, Henry? - Vi - respondeu Henry. - Frankenstein. Arrancou a cabeça de Victor. Você devia ter ouvido. Fez um som como um zíper gigante puxado para baixo. Depois, Ela foi atrás de Arroto. Arroto lutou com Ela. - É mesmo? - É mesmo - repetiu Henry. - Foi assim que pude fugir. - Você o deixou morrer. - *Não diga isso!* - As faces de Henry adquiriram uma tonalidade vermelho-opaca. Deu dois passos à frente. Quanto mais emergia do cordão umbilical ligando a biblioteca infantil à dos adultos, mais jovem parecia a Mike. Viu a mesma velha semelhança no rosto do outro, porém viu também algo mais: a criança que havia sido criada pelo maluco Butch Bowers em uma boa propriedade, uma fazenda que fora desmoronando no correr dos anos. - *Não fale assim! Aquilo me mataria também!*

- A Coisa não nos matou. Os olhos de Henry cintilaram com perverso humor. - Ainda não, mas vai matar. A menos que eu não deixe nenhum de vocês para Ela. Ele puxou a mão do bolso. Nela, havia um instrumento alongado, com uns vinte centímetros de comprimento, tendo nos lados incrustações imitando marfim. Um pequeno botão cromado cintilava em uma extremidade daquele dúbio *objet d'art.* Henry apertou-o. Uma lâmina de quinze centímetros saltou da fenda no final do punho. Ele exibiu a faca de mola na palma da mão e começou a caminhar para a mesa de checagem, um pouco mais depressa. - Veja o que encontrei - disse. - Eu sabia onde procurar. - Obscenamente, uma pálpebra orlada de vermelho baixou em uma piscadela. - O homem da lua me disse. - Henry tornou a mostrar os dentes. - Passei este dia escondido. Pedi carona à noite. Um velho. Esmurrei-o. Acho que o matei. Abandonei o carro em Newport. Bem nos limites da cidade de Derry, ouvi aquela voz. Procurei em um cano de esgoto. Lá estavam estas roupas. E a faca. Minha antiga faca. - Você esqueceu uma coisa, Henry. Henry sorriu e apenas sacudiu a cabeça. - Nós fomos embora e você também foi. Se A Coisa nos quer, quer você também. - Não. - Eu acho que sim. Sem querer, vocês talvez tenham feito o trabalho dela, mas A Coisa parece não ter favoritos, hein? Pegou seus dois amigos e, enquanto Arroto lutava com Ela, você deu no pé. Contudo, agora está de volta. Acho que você faz parte das tarefas inacabadas da Coisa, Henry. Acredito realmente nisso. - Não! - Talvez o que você veja seja Frankenstein. Ou será o Lobisomem? Um Vampiro? O Palhaço? Ou... Henry! *É possível que você veja realmente como Ela é,* Henry! Nós vimos. Quer que eu lhe diga? Quer que eu lhe... - Cale essa boca! - bradou Henry, atirando-se contra Mike.

Mike ficou de lado e estirou um pé. Henry tropeçou nele e saiu deslizando pelos ladrilhos gastos por tantos pés, como um pesado disco em um jogo de patelas. Sua cabeça bateu na perna da mesa onde os Perdedores se tinham reunido naquela mesma noite, contando suas histórias. Ficou atordoado por um momento, a faca de mola pendendo frouxa em sua mão. Mike foi atrás dele, foi atrás da faca. Naquele momento, poderia ter acabado com Henry; seria possível enfiar no pescoço dele o abridor de cartas JESUS SALVA, que a antiga igreja de sua mãe enviara pelo correio, e depois chamar a polícia. Haveria uma certa dose de paspalhadas oficiais, mas não muita coisa - não em Derry, onde tais eventos estranhos e violentos não eram inteiramente excepcionais. O que o deteve foi uma percepção, quase demasiado rápida para ser consciente, de que, se matasse Henry, estaria fazendo a obra da Coisa, tão certeiramente como se Henry é que o matasse. Houve algo mais: aquela outra expressão que captara no rosto de Henry, o ar cansado e aparvalhado da criança mal dirigida, que foi encaminhada a uma trilha maligna, por algum propósito ignorado. Henry crescera no âmbito da mente contaminada de Butch Bowers; sem dúvida já pertencia à Coisa ainda antes de suspeitar de sua existência. Assim, em vez de espetar o abridor de cartas no pescoço vulnerável de Henry, ele caiu de joelhos e estendeu o braço para a faca. Ela se torceu em sua mão - aparentemente, pela própria volição - e os dedos dele se fecharam sobre a lâmina. Não houve dor imediata; apenas sangue vermelho, fluindo dos três primeiros dedos da mão direita e molhando a palma ferida. Mike afastou a mão. Henry rolou sobre o corpo e tornou a agarrar sua faca. Os dois homens enfrentaram-se, ambos sangrando: Mike, nos dedos, Henry, no nariz. Henry sacudiu a cabeça e gotículas voaram para a escuridão. - Pensei que vocês fossem muito espertos! - exclamou ele, rouca-mente. - Grandes maricas é que eram todos! Podíamos derrotá-los em uma luta justa! - Largue essa faca, Henry - disse Mike, em voz calma. - Vou chamar a polícia. Eles o levarão de volta a Juniper Hill. Você estará fora de Derry. Em segurança. E a salvo! Henry tentou responder, mas não pôde. Como dizer àquele negro odioso que não estaria em segurança, fosse em Juniper Hill, Los Angeles ou nas florestas pluviais de Tombuctu? Cedo ou tarde a lua subiria, branca como um osso e fria como gelo. Então, começariam as vozes fantasmais e a cara da lua se transformaria na cara da Coisa, balbuciando, rindo e ordenando. Ele engoliu sangue, quente e viscoso. - Vocês nunca lutaram com honestidade! - E vocês, lutaram? - perguntou Mike. - Seu negrocrioulopretumeencarvoadoputovagabundomacacopreto/ - gritou Henry, e tornou a saltar para Mike. Mike recuou, a fim de evitar aquele impetuoso e desajeitado ataque, desequilibrou- se e caiu esparramado de costas. Henry se chocou novamente contra a mesa, ricocheteou, virou-se e agarrou o braço de Mike. Este girou o braço que segurava o abridor de cartas e o enterrou fundo no antebraço de Henry. Henry gritou, mas em vez de afrouxar a pressão, apertou o braço de Mike com mais força, impelindo-se contra ele, os cabelos nos olhos, o sangue escorrendo do nariz rompido para os lábios grossos. Mike tentou firmar um pé no lado de Henry e empurrá-lo. Henry girou a mão armada com a faca, em um arco cintilante. Todos os quinze centímetros de lâmina enterraram-se na coxa de Mike. Entraram na carne sem dificuldade, como em um bloco

de manteiga. Henry a puxou para fora, gotejante de sangue e, com um grito de dor e esforço, Mike conseguiu empurrá-lo. Lutou para levantar-se, porém Henry ficou em pé mais depressa. Mike mal pôde evitar a nova investida dele. Sentia o sangue escorrendo por sua perna, em um fluxo alarmante, enchendo seu sapato de lona. *Ele acertou minha artéria femoral, imagino. Meu Deus, ele me pegou de jeito. Sangue por toda parte. Sangue no chão. Meus sapatos imprestáveis, merda, foram comprados há dois meses apenas...*

Henry atacou novamente, arquejando, bufando como um touro no cio. Mike cambaleou para um lado e investiu também com o abridor de cartas. A lâmina penetrou no tecido andrajoso da camisa e fez um corte profundo através das costelas. Henry grunhiu quando Mike atacou outra vez. - *Seu negro lutador covarde!* - ganiu Henry. *Veja o que fez!*

- Largue a faca, Henry! - disse Mike. Soou um risinho sufocado atrás deles. Henry olhou... e então deu um grito de horror absoluto, cobrindo as faces com as mãos, como uma solteirona ofendida. Os olhos de Mike saltaram para o balcão de circulação. Houve um som vibrante e surdo -
Kaspangg! - e a cabeça de Stan Uris saltou de trás do balcão. Um mola, em forma de saca-rolhas, estava enfiada em seu pescoço cortado e gotejante. O rosto era lívido, coberto de pintura branca. Havia uma febril rodela de ruge em cada bochecha. Grandes pompons alaranjados floresciam onde seria o lugar dos olhos. Aquela grotesca cabeça de Stan-na-caixa oscilou para diante e para trás sobre o final de sua mola, como um dos gigantescos girassóis ao lado da casa na Rua Neibolt. Sua boca se abriu e uma voz risonha, rangente, começou a cantarolar: - *Mate ele, Henry! Mate o negro, mate o crioulo, mate ele, mate ele, MATE ELE!*
Mike girou na direção de Henry, miseravelmente cônscio de que fora ludibriado, perguntando-se de maneira vaga que cabeça Henry vira no final daquela mola. A de Stan? De Victor Criss? De seu pai, talvez? Henry guinchou e correu para Mike, a faca de mola subindo e descendo, como a agulha de uma máquina de costura. - *Grrrrah, negro!* - berrava Henry. - *Grrrrah, negro! Grrrrah, negro!*

Mike recuou vários passos, mas a perna que Henry esfaqueara fraquejou sob ele quase em seguida, e caiu ao chão. Mal havia sensação naquela perna ferida, que parecia fria e distante do corpo. Olhando para baixo, ele viu que suas calças creme agora eram de um tom vermelho-vivo. A lâmina de Henry faiscou diante de seu nariz. Mike apontou o abridor de cartas JESUS SALVA para Henry, quando ele voltou novamente à carga. Henry enterrou-se nele, como um besouro em um alfinete. Sangue quente banhou a mão de Mike. Houve um estalo e, quando puxou a mão para trás, vinha com apenas metade do abridor de cartas. O resto ficara espetado no estômago de Henry. - *Grrrah! Negro!* - gritou Henry, aferrando a mão sobre o pedaço da lâmina assomando de suas entranhas. O sangue passou por entre seus dedos. Ele o fitou com olhos esbugalhados, incrédulos. A cabeça presa à mola oscilante guinchou e gargalhou. Sentindo-se mal e nauseado agora, Mike olhou para ela e viu a cabeça de Arroto Huggins, uma rolha de champanha humana, usando o boné de beisebol dos Yankees de Nova York, com a aba virada para trás. Ele grunhiu alto, e o som parecia muito distante, ecoava em seus ouvidos. Mike tinha consciência de estar sentado em uma poça de sangue quente. *Se não colocar um torniquete em minha perna, vou acabar morrendo*

- *Grrrraaaah! Neeegrooo!* - gritou Henry.

Ainda segurando a barriga ensangüentada com uma das mãos e tendo na outra a faca de mola, ele se distanciou de Mike em passos cambaleantes, indo para as portas da biblioteca. Movia-se como bêbado, de um lado para outro, avançando através da ecoante sala principal, como um pino de jogo eletrônico. Chocou-se contra uma poltrona e a derrubou no chão. A mão gotejando sangue espalhou uma pilha de papéis no piso. Ele chegou às portas, empurrou uma delas e mergulhou na escuridão da noite. A consciência de Mike começava a empalidecer. Ele remexeu na fivela do cinto com dedos entorpecidos, mal os sentindo. Finalmente, conseguiu desafivelá-la e puxou o cinto das alças na cintura da calça. Passou-o em torno da perna que sangrava, logo abaixo da virilha, apertando-o com força. Mantendo-o apertado com uma das mãos, começou a arrastar-se para o balcão de circulação. O telefone ficava lá. Mike não sabia como alcançá-lo, mas isso agora não importava. O negócio era chegar lá. O mundo oscilava, esmaecia, ficava diluído atrás das ondas acinzentadas. Ele pôs a língua para fora e a mordeu ferozmente. A dor foi imediata, curiosa. O mundo saltitou para trás, entrando de novo em foco. Mike percebeu que ainda segurava a metade do abridor de cartas partido, jogou-a longe. E, por fim, ali estava o balcão de circulação, parecendo tão alto como o Everest. Mike firmou-se na perna ilesa e empurrou-se para cima, agarrado à beira do balcão com a mão que não mantinha o cinto apertado. Por fim, conseguiu içar-se, a boca repuxada em trêmula careta, os olhos semicerrados. Ficou parado, como uma cegonha, enquanto puxava o telefone em sua direção. Colados ao lado do aparelho, com fita adesiva, havia três números: bombeiros, polícia e hospital. Com dedo trêmulo, que parecia a pelo menos vinte quilômetros de distância, Mike discou o número do hospital: 555-3711. Fechou os olhos quando o telefone começou a chamar... porém eles se dilataram quando a voz de Parcimonioso, o Palhaço, atendeu. - Como vai, negro? - gritou Parcimonioso, então dando uma gargalhada que soou tão estridente como vidro partido no ouvido de Mike. - O que me conta? Chegou ao fim da linha? Acho que você está morto, hein? Acho que Henry fez o serviço em você! Quer um balão, Mikey? Quer um balão? Chegou ao fim da linha? Ei, responda! Os olhos de Mike buscaram o relógio de pé, o relógio de Mueller, e viu, sem surpresa, que todo o mostrador fora tomado pelo rosto de seu pai, acinzentado, combalido pelo câncer. Os olhos se tinham revirado, exibindo apenas esbugalhadas escleróticas brancas. De repente, seu pai esticou a língua para fora da boca e o relógio começou a badalar. Mike perdeu o ponto de apoio no balcão. Oscilou um instante sobre a perna ilesa e então tornou a cair. O fone escapou-lhe da mão, ficando pendurado diante dele na extremidade do fio, como um hipnotizante amuleto. Estava se tornando muito difícil manter o cinto apertando a perna ferida. - Você taí, Amos? - gritou Parcimonioso vivamente, pelo fone oscilando. - Aqui tá falando o Mandachuva! Eu sô o Mandachuva em Derry, de quarqué jeito, *taí a* verdade. Ocê num sabia disso, hein, guri? - Se existe alguém aí - grunhiu Mike, - uma voz real, por trás da que estou ouvindo, por favor, ajude-me! Meu nome é Michael Hanlon e estou na Biblioteca Pública de Derry. Estou me esvaindo em sangue. Se há alguém aí, não consigo ouvi-lo! Não me permitem ouvi-lo! Se houver alguém, por favor, envie socorro depressa! Ele ficou deitado de lado, encolhendo as pernas até ficar em posição fetal. Enrolou o cinto duas vezes em torno da mão direita e concentrou-se em segurá-lo, enquanto o mundo se distanciava em meio àquelas algo-doadas nuvens cinzentas, semelhantes a um balão.

- Ei, você taí? Chegou no fim da linha? - gritou Parcimonioso pelo fone pendurado e gingante. - Cume que vai, seu nego sujo? Ei

4

Rua Kansas, 12:20

...você! - chamou Henry Bowers. - Como vai, coninha? Beverly reagiu imediatamente, virando-se para correr. Foi uma reação mais rápida do que qualquer um deles esperava. Poderia ter conseguido uma boa dianteira... se não fossem seus cabelos. Henry esticou o braço, agarrou uma comprida mecha e a puxou para trás. Riu na cara dela. O hálito era espesso, quente e fedorento. - Cume que vai? - perguntou Henry Bowers. - Pra onde está indo? Vai brincar mais com os filhos da puta dos seus amigos? Acho que vou cortar seu nariz e fazer você comer ele. Que tal a idéia? Ela lutou para libertar-se. Henry riu, sacudindo-lhe a cabeça de um lado para outro, pelos cabelos. A faca cintilou perigosamente ao sol preguiçoso de agosto. De repente, um carro buzinou - uma longa buzinada. - Ei! Ei! O que é que estão fazendo, garotos? Larguem a menina! Era uma mulher idosa, ao volante de um bem conservado Ford 1950. Ela havia parado junto ao meio-fio e inclinava-se sobre o assento coberto com uma manta, a fim de espiar pela janela do passageiro. Ao ver a fúria estampada naquele rosto honesto, Victor Criss perdeu sua expressão alheada pela primeira vez e olhou nervosamente para Henry. - O que... - Por favor! - gritou Bev, estridente. - Ele está com uma faca! Uma *faca!*

A ira da velha senhora passou para preocupação, surpresa e também medo. - O que vocês estão fazendo, garotos? Deixem a menina *em paz!* No outro lado da rua - Bev pôde ver isto com toda a clareza - Herbert Ross levantou-se da espreguiçadeira no alpendre, chegou até a grade que o circundava e olhou para fora. Seu rosto estava tão inexpressivo como o de Arroto Huggins. Dobrando o jornal, ele deu meia-volta e entrou em casa tranqüilamente. - *Soltem* a menina! - gritou esganiçadamente a velha senhora. Henry arreganhou os dentes e, de súbito, correu para o carro da velha, arrastando Beverly atrás dele, pelos cabelos. Ela tropeçou, caiu sobre um joelho, foi arrastada. A dor em seu couro cabeludo era lancinante, monstruosa. Sentiu que parte de seus cabelos era arrancada. A velha gritou e ergueu freneticamente o vidro no lado do passageiro. Henry levantou o braço armado, e a faca de mola deslizou através do vidro. O pé da mulher se soltou da embreagem do velho Ford, e o carro partiu pela Rua Kansas em três solavancos furiosos, subindo a calçada, onde o motor morreu. Henry foi atrás dele, ainda puxando Beverly atrás de si. Victor lambeu os lábios e olhou em torno. Arroto empurrou para trás o boné de beisebol dos Yankees de Nova York que tinha na cabeça, depois coçando a orelha, em um gesto de perplexidade. Bev viu o rosto pálido e amedrontado da velha por um instante e percebeu que ela apertava rapidamente as trancas das portas, primeiro no lado do passageiro, depois no seu

próprio. O motor do Ford grunhiu e pegou. Henry ergueu um pé e chutou um farolete traseiro. - Dê o fora daqui, sua puta velha e murcha! Os pneus chiaram quando a idosa senhora manobrou o carro novamente para a rua. Uma caminhoneta que vinha em sentido contrário ziguezagueou para evitá-la, buzinando com raiva. Henry se virou para Bev, recomeçando a sorrir. Ela ergueu um pé calçado em tênis e o chutou, diretamente nos colhões. O sorriso de Henry transformou-se em uma careta de agonia. A faca de mola lhe caiu da mão e ricocheteou na calçada. A mão esquerda, que se aninhava no emaranhado dos cabelos dela, soltou-os (puxando-os mais uma vez, com terrível força) e então ele caiu de joelhos, tentando gritar, apertando as virilhas. Beverly viu fios de seu próprio cabelo acobreado em uma das mãos dele e, no mesmo instante, seu terror transformou-se em ardente ódio. Respirou fundo, o mais que pôde, e então soltou tremenda cusparada sobre a cabeça dele. Então, dando meia-volta, ela correu. Arroto ensaiou três passos atrás dela, mas parou. Ele e Victor aproximaram-se de Henry, que os empurrou para um lado e levantou-se, cambaleando, as mãos em concha sobre os testículos. Naquele verão, não era esta a primeira vez que levava um chute naquele local. Inclinando-se, ele recolheu a faca de mola. - ... vam... - gemeu. - O que disse, Henry? - perguntou Arroto, ansioso. Henry virou para ele um rosto tão tomado por agoniante dor, aturdimento e ódio candente, que Arroto recuou um passo. - Eu disse... vam... vamos! - gaguejou. Segurando as virilhas, ele mancou e rastejou pela rua, atrás de Beverly. - Não vamos poder pegá-la agora, Henry - disse Victor, inquieto. - Diabo, você mal consegue andar! - Nós vamos agarrá-la - ofegou Henry. Seu lábio superior subia e descia, em inconsciente rosnado canino. Gotas de suor lhe brotavam da testa, escorrendo pelas bochechas afogueadas. - Claro que vamos! Porque eu sei para onde ela está indo. Ela vai para os Barrens, ficar com seus malditos

5

O Town House de Derry, 2:00 da madrugada

amigos - disse Beverly. - Que? Bill olhou para ela. Seus pensamentos haviam estado longe. Os dois caminhavam de mãos dadas, em amistoso silêncio, levemente carregados de atração mútua. Ele captara apenas a última palavra dita por ela. No quarteirão à frente, as luzes do Town House brilharam no nevoeiro baixo. - Eu disse que vocês eram meus melhores amigos. Os únicos que tive naquela época. - Ela sorriu. - Nunca fui muito forte em fazer amigos, imagino, embora tenha uma excelente amiga em Chicago. Uma mulher chamada Kay McCall. Acho que você gostaria dela, Bill.

- Provavelmente gostaria. Também nunca tive muita facilidade em amizades. - Ele sorriu. - Naqueles tempos, tínhamos todos os amigos que eram s-s-suficientes. Todos os de que p-precisávamos. Bill viu gotas de umidade nos cabelos dela, apreciou a maneira em que as luzes formavam um nimbo em torno de sua cabeça. Os olhos de Beverly estavam erguidos gravemente para os seus. - Preciso de uma coisa agora - disse ela. - O q-q-que é? - Preciso que você me beije. Bill pensou em Audra e, pela primeira vez, ocorreu-lhe que ela era *parecida* com Beverly. Perguntou-se se havia sido este o motivo da atração, a razão que lhe dera coragem bastante a fim de convidar Audra para um encontro, no final da festa de Hollywood em que a conhecera. Sentiu uma pontada infeliz de culpa... e então tomou Beverly, sua amiga de infância, nos braços. O beijo dela foi firme, cálido e doce. Os seios apertaram-se contra o paletó aberto dele, as coxas moveram-se contra ele... afastaram-se... tornaram a colar-se novamente. Quando recuaram uma segunda vez, ele mergulhou as duas mãos nos cabelos dela e aproximou o corpo. Ao senti-lo endurecendo, Beverly emitiu um leve ofegar e colou o rosto contra o lado do pescoço dele. Bill sentiu as lágrimas em sua pele, quentes e escondidas. - Vamos - disse ela. - Depressa. Ele lhe tomou a mão e caminharam o restante do trajeto até o Hotel Town House. O saguão era antigo, pontilhado de plantas, ainda possuindo um certo encanto que se diluía. A decoração era muito tipo Madeireiros Século Dezenove. Estava deserto àquela hora, com exceção do atendente da recepção, vislumbrado em seu gabinete aos fundos, com os pés repousando em cima da mesa, vendo televisão. Bill apertou o botão do terceiro andar, com um dedo que tremia apenas ligeiramente - excitamento? nervosismo? culpa? Tudo ao mesmo tempo? Oh, sim, claro, e também uma espécie de alegria quase insana, misturada ao medo. Tais sentimentos não se mesclavam agradavelmente, mas pareciam necessários. Ele a conduziu corredor abaixo até seu próprio quarto, decidindo de maneira algo confusa que, se ia ser infiel, aquele devia ser um ato de infidelidade completa, consumado em seu quarto, não no dela. Viu-se pensando em Susan Browne, sua primeira agente literária, quando ele mal fizera vinte anos e, também, sua primeira amante.

Traindo. Traindo minha esposa. Ele tentou expulsar a idéia, mas ela lhe parecia real e irreal ao mesmo tempo. O que parecia mais forte, era um infeliz senso de saudades de casa: um antiquado sentimento de estar se distanciando. A essas horas, Audra já devia ter levantado, estaria preparando café, sentada à mesa da cozinha em seu robe, talvez estudando suas falas para o filme, talvez lendo uma novela de Dick Francis. Sua chave chocalhou na fechadura do quarto 311. Se tivesse ido para o quarto de Beverly, no quinto andar, veriam piscar no telefone a luz indicadora de mensagem; o atendente que via televisão transmitiria a ela o recado de ligar para sua amiga Kay em Chicago (após o terceiro e frenético telefonema de Kay, ele finalmente se lembrara de ligar a luz indicadora do telefone), e as coisas poderiam ter tomado um curso diferente: eles cinco talvez não se tornassem fugitivos da polícia de Derry, quando finalmente rompesse a claridade daquele dia. Contudo, foram para o quarto dele - como possivelmente as coisas houvessem sido dispostas. A porta se abriu. Os dois entraram. Beverly olhou para ele, com pupilas brilhantes, faces coradas, os seios subindo e descendo rapidamente. Ele a tomou nos braços e foi

invadido pelo sentimento de *adequação* - a sensação de fechamento do círculo entre passado e presente, com uma triunfante inconsutilidade. Chutou a porta, fechando-a desajeitadamente com um pé, e ela riu em sua boca, um riso de hálito morno. - Meu coração... - disse Beverly. Colocou a mão dele sobre seu seio esquerdo. Bill pôde senti-lo, abaixo daquela firme e quase enlouquecedora maciez, trabalhando em disparada como um motor. - Seu c-c-coração... - Meu coração. Estavam na cama, ainda vestidos, beijando-se. Ela deslizou a mão dentro da camisa dele, retirou-a, depois passou um dedo pela fileira de botões, fez uma pausa na cintura... e então o mesmo dedo deslizou para mais baixo, passou sobre a férrea turgidez do pênis. Músculos de que Bill não tivera consciência saltaram e tremularam em sua virilha. Interrompendo o beijo, afastou o corpo do dela, em cima da cama. - Bill? - Tenho que pa-parar por um m-m-minuto - disse ele. - Do contrário, vou gozar nas calças, c-como um g-garoto. Ela tornou a rir, suavemente, e o fitou. - É isso? Ou está tendo segundos pensamentos? - Segundos pensamentos... - murmurou Bill. - S-S-Sempre os tive. - Pois eu, não. Eu o odeio - disse Beverly. Ele a encarou, o sorriso desaparecendo. - Só tive certeza absoluta há duas noites atrás - disse ela. - Oh, eu sabia - de algum modo - creio que sabia, o tempo todo. Ele me bate e me machuca. Casei com ele porque... porque meu pai sempre se preocupava comigo, creio. Por mais que eu me esforçasse, ele continuava a preocupar-se. No fundo, imagino que ele aprovaria Tom. Porque Tom também sempre se preocupou. Preocupou-se um *bocado.* E, enquanto alguém se preocupasse comigo, eu estaria a salvo. Mais do que a salvo. Era algo *real.* - Ela o fitou solenemente. Sua blusa escapara da cintura dos slacks, revelando uma tira branca de estômago. Ele quis beijá-la. - Contudo, não era real, mas um pesadelo. Estar casada com Tom, foi como retornar ao pesadelo. Por que uma pessoa faria isso, Bill? Por que uma pessoa retornaria ao pesadelo, por vontade própria? - O ú-ú-único que posso i-imaginar, é que as p-pessoas retornam para e-e- encontrar-se. - O pesadelo está aqui - disse Bev. - O pesadelo é Derry. Tom me parece insignificante, comparado a isso. Posso vê-lo melhor agora. Odeio-me pelos anos que fiquei com ele... Você não imagina... as coisas que fazia comigo e, oh... eu era feliz o suficiente ao aturá-las, entenda, porque ele se preocupava comigo. Eu chorava... mas às vezes a vergonha é demasiada. Sabia disso? - Não. - Ele falou quietamente e pousou a mão sobre a dela. Beverly apertou-a com força. Seus olhos eram muito brilhantes, porém as lágrimas não saíram. - Todo mundo dá m-mancada nisso, mas não se trata de um e-e-exame. A gente tem que passar por essas c-coisas, da m-me-melhor maneira que puder. - Estou querendo dizer - disse ela, - que não estou traindo Tom ou tentando usar você para vingar-me dele, nem qualquer coisa assim. Para mim, isto seria algo... saudável, normal e doce. Contudo, não quero magoá-lo, Bill. Nem induzi-lo a alguma coisa de que você mais tarde se arrependeria. Ele meditou nisso, pensou com verdadeira e profunda seriedade. No entanto, o pequeno truque mnemônico - *ele soca os pulsos,* e por aí a fora - recomeçou a circular, interrompendo seus pensamentos. Aquele havia sido um longo dia. O telefonema de Mike

e o convite para o almoço no Jade do Oriente pareciam de cem anos atrás. Tantas histórias depois disso... Tantas recordações, como fotografias do álbum de George... - Amigos não s-s-se in-induzem - disse ele. Inclinou-se na cama, sobre ela. Os lábios de ambos se tocaram e ele começou a desabotoar-lhe a blusa. Uma das mãos de Beverly passou por trás do pescoço dele, mantendo-o bem próximo, enquanto a outra abria o zíper dos slacks, puxando-os para baixo. Por um momento, a mão dele pousou no estômago de Beverly, uma mão cálida; então, as calcinhas dela se foram em um segundo, ele tateou e ela o guiou. Quando a penetrou, ela arqueou as costas suavemente ao encontro do empurrão do sexo dele, murmurando: - Seja bom para mim... eu o amo, Bill. - Eu também a amo - disse ele, sorrindo contra o ombro nu de Beverly. Os dois começaram lentamente, e Bill sentiu que o suor lhe brotava da pele quando ela começou a apressar-se sob ele. Sua conscientização fluiu para baixo, focalizou-se mais e mais fortemente na conexão de ambos. Os poros dela se tinham aberto, liberando um adorável odor almiscarado. Beverly sentiu o clímax aproximar-se. Movimentou-se para ele, trabalhou para ele, jamais duvidando de que viria. Seu corpo estremeceu de súbito e pareceu saltar para cima, não em um orgasmo, mas para alcançar um platô muito mais alto do que qualquer outro já alcançado com Tom ou com os dois amantes que tivera antes dele. Percebeu que agora não seria tão-somente um clímax - seria como uma ogiva nuclear tática. Ficou um pouco temerosa... mas seu corpo retomou o ritmo. Sentiu o prolongado comprimento de Bill enrijecer-se contra ela, o corpo dele subitamente ficando tão rígido quanto a parte enterrada nela e, nesse exato momento, houve o clímax - houve o *começo* do clímax para ela - um prazer tão grande, que era quase agonia, fluindo de comportas insuspeitadas. Mordeu o ombro de Bill, a fim de sufocar seus gritos. - Oh, meu Deus! - ofegou ele. Embora mais tarde nunca tivesse certeza, Beverly acreditou que ele estivesse chorando. Bill recuou o corpo, ela pensou que fosse abandoná-la - tentou preparar-se para o momento que sempre deixava uma fugaz, inexplicável sensação de perda e vazio, algo como a impressão de uma pisada - mas então ele arremeteu para diante, com força, novamente. Nesse exato momento, ela teve um segundo orgasmo, algo que jamais julgara possível em sua vida. Então, a janela da memória se abriu outra vez, e Beverly viu pássaros, milhares deles, descendo de cada cumeeira, linha telefônica e caixa rural de correspondência em Derry, pássaros da primavera contra um branco céu de abril, e houve dor mesclada a prazer - porém a maioria era baixa, tão baixa quanto pareceria um céu branco de primavera. Uma dor física baixa, de mistura com um baixo prazer físico e certo louco senso de afirmação. Ela sangrara... ela tinha... tinha... - Vocês *todos?* - exclamou de repente, de olhos arregalados, espantados. Ele recuou com o corpo e agora a deixou mas, no súbito choque da revelação, Beverly mal o sentiu ir-se. - O que foi, Beverly? V-Você está b-b... - *Vocês todos? Eu fiz amor com vocês todos?*

Viu o ar de chocada surpresa no rosto de Bill, a boca entreaberta... e a compreensão repentina. Contudo, aquilo não havia sido revelação dela; mesmo em seu próprio choque, pudera ver isso. Era dele. - Nós... - Bill? O que é?

- Aquela foi a s-s-sua maneira para 1-livrar-nos - disse ele, e seus olhos brilharam tão vivamente, que a amedrontaram. - Você n-não *compreende,* B-B-Beverly? Foi a *s-s- sua maneira de livrar-nos!* Nós todos... mas estávamos... De repente, ele ficou temeroso, inseguro. - Lembra-se do resto agora? - perguntou ela. Ele meneou lentamente a cabeça. - Não dos de-de-detalhes, mas... - Olhou para ela, e Beverly notou o quanto estava assustado. - Eu só me lembro d-de *que-que-querermos* escapar. E não tenho ce-certeza... Beverly, não tenho certeza de que adultos consigam fazer isso. Ela o fitou em silêncio por um longo momento. Depois, sem dar por isso, sentou- se na beirada da cama. Seu corpo era liso e adorável, a linha da espinha apenas discernida na penumbra, ao inclinar-se para tirar as meias de naylon que lhe chegavam à coxa. Os cabelos eram uma massa enrolada sobre um ombro. Bill decidiu que ia querê-la novamente, antes do amanhecer; tornou a sentir a pontada de culpa, temperada somente pelo envergonhado consolo de saber que Audra se encontrava a um oceano de distância.

Coloque outra moeda na vitrola automática, pensou. *Esta canção é intitulada "O que ela não sabe, não a magoa". Contudo, isso dói em alguma parte. Talvez nos espaços entre as pessoas.*

Beverly levantou-se e puxou as cobertas da cama. - Venha para a cama. Precisamos dormir. Nós dois. - E-E-Está bem. Claro que *estava* bem - aquela era uma cama de bom tamanho. Acima de tudo, ele queria dormir, porém não sozinho, não esta noite. O último choque se abrandava - talvez demasiado rápido, mas ele agora se sentia extremamente cansado, demasiadamente exausto. A realidade segundo-a-segundo possuía a qualidade de um sonho e, a despeito de sua culpa, Bill sentia que aquele era um lugar seguro. Seria possível jazer ali por algum tempo, dormir nos braços dela. Desejava o calor de Beverly e sua amizade. Ambos estavam sexualmente carregados, porém isso não feriria nenhum deles agora. Tirou a camisa e as meias, depois aninhando-se junto dela. Beverly apertou-se contra ele, os seios cálidos, frescas as pernas longas. Bill a abraçou, cônscio das diferenças - ela possuía um corpo mais comprido do que o de Audra, era mais cheia nos seios e ancas. Contudo, era um corpo bem-vindo.

Ben é que devia estar com você, pensou, sonolento. *Acho que assim é que teria de ser, em realidade. Por que não aconteceu, Ben? Porque era você então, e é você agora, eis tudo. Porque o acontecido antes sempre retorna. Acho que Bob Dylan disse isso... ou talvez tenha sido Ronald Reagan. E talvez agora seja eu, porque Ben é aquele que se supõe seja o final na vida dela.*

Beverly encolheu-se contra ele, não de maneira sexual (embora, no momento em que Bill deslizou para o sono, ela o sentisse estremecendo e despertando contra sua perna, o que a deixou contente), mas apenas procurando o calor do homem. Já estava semi-adormecida. Sua felicidade em estar ali com ele, após todos aqueles anos, era verdadeira. Beverly sabia disso, por causa do sabor amargo, por baixo daquela situação. Talvez ainda houvesse mais uma vez para eles, na manhã do dia seguinte. Depois, penetrariam nos encanamentos de esgoto, como tinham feito antes, e lá encontrariam A Coisa deles. O círculo se fecharia ainda mais apertadamente, suas vidas presentes se fundiriam sem empecilhos em sua própria infância; eles se tornariam semelhantes a criaturas de alguma louca história em quadrinhos. Seria isso... ou a morte lá embaixo.

Beverly se virou na cama. Bill deslizou um braço entre as costelas e o braço dela, depois abarcando um seio delicadamente com a mão. Ela não precisaria ficar vigilante, perguntando-se se aquela mão, de repente, não aplicaria um beliscão forte. Seus pensamentos começaram a desfazer-se, quando o sono a foi invadindo. Como sempre, viu brilhantes padrões de flores silvestres, padrões que ia varando - massas e massas deles, em tonalidades vivas, sob um céu azul. Quando desbotavam, havia uma sensação de queda - a espécie de sensação que às vezes a despertava de súbito, suando como uma criança, com um grito no outro lado do rosto. Segundo lera nos livros de psicologia na universidade, sonhos infantis de queda eram comuns. Entretanto, desta vez ela não voltou bruscamente à realidade; podia sentir o peso cálido e confortador do braço de Bill, a mão dele aninhando-lhe o seio. Beverly pensou que, se ia cair, pelo menos não cairia sozinha. Então adormeceu, e estava correndo: este sonho, fosse qual foi movia-se depressa. Beverly correu atrás dele, perseguindo o sono, o silêncio, talvez apenas o tempo. Os anos desfilavam rápidos. Corriam. Quando damos meia-volta e corremos em busca de nossa infância, de fato abandonamos a andadura lenta e começamos a disparar, galopando Vinte e nove anos, época em que estriara os cabelos *(mais rápido).* Vinte e dois, quando se apaixonara por um jogador de futebol chamado Greg Mallory, que quase a violentara, após uma festinha de fraternidade, na universidade *{mais rápido, mais rápido).*

Dezesseis, embriagando-se com duas amigas, no Bluebird Hill Overlook, em Portland. Quatorze... doze...

...mais rápido, mais rápido, mais rápido...

Ela correu, enquanto dormia, atrás dos doze anos de idade alcançando-os, varando a barreira de memória que A Coisa lançara sobre todos eles (tinha um sabor de nevoeiro frio nos pulmões que trabalhavam afanosamente no sonho), chegou aos onze anos, correndo, correndo como o diabo, em uma correria louca para derrotá-lo, agora olhando para trás, para trás

6

Os Barrens, 12:40

por sobre o ombro, procurando algum sinal deles, enquanto escorregava e rolava, em seu trajeto de descida pela terraplenagem. Nenhum sinal, pelo menos por enquanto. Ela "de fato levara a melhor", como seu pai dizia às vezes... e o só pensar no pai provocou outra onda de culpa e desânimo que a envolveu por inteiro. Olhou debaixo da ponte desconjuntada, esperando ver Silver recostada contra um lado, porém a bicicleta não estava ali. Havia um esconderijo secreto para as armas de brinquedo, mas isso era tudo. Começou a descer pela trilha, virou-se a fim de espiar... e lá estavam eles, Arroto e Victor, suportando Henry entre ambos, parados na borda da terraplenagem, à maneira de sentinelas índias em um filme de Randolph Scott. Henry estava horrivelmente pálido. Apontava para ela. Victor e Arroto começaram a ajudá-lo na descida da ladeira. A terra e cascalho» espirravam de sob seus pés. Beverly contemplou-os por um demorado momento, quase hipnotizada. Então, virando-se, correu pelo regato que rumorejava debaixo da ponte, ignorando a passagem de pedras que Ben fizera, seus tênis espalhando lençóis laminados de água. Correu trilha abaixo, com a respiração queimando-lhe a garganta. Podia sentir como os músculos das

pernas tremiam. Não tinha muito mais fôlego agora. O clube subterrâneo. Se conseguisse chegar lá, estaria a salvo. Continuou correndo pela trilha, os ramos batendo em seu rosto e deixando as faces ainda mais coradas. Um deles bateu em um olho, fazendo-o lacrimejar. Ela dobrou para a direita, investiu entre maciços de pequenos arbustos e saiu na clareira. O alçapão e a janelinha camuflados permaneciam abertos; do interior brotava um rock'n roll. Ao som de sua aproximação, Ben assomou. Tinha uma caixa de balas de hortelã em uma das mãos e uma revistinha de Archie na outra. Deu uma boa espiada para Bev e ficou de boca aberta. Em outras circunstâncias, aquilo seria quase engraçado. - Bev, que *diabo*...

Ela não se preocupou em responder. À retaguarda, não muito distante, podia ouvir o ruído de ramos sendo afastados e agitando-se; soou um palavrão em voz alta, amortecido. Parecia que Henry estava se sentindo melhor. Assim, Beverly correu para a abertura quadrada do alçapão, os cabelos salpicados de folhas verdes e gravetos, deixando para trás o odor proveniente da sua passagem por baixo do caminhão de lixo. Ben a viu chegar em louca disparada, como um foguete recém-lançado, e desapareceu tão depressa como aparecera. Beverly saltou para o buraco, e ele a aparou desajeitadamente. - Feche tudo! - arquejou ela. - Depressa, Ben, pelo amor de Deus! Eles estão vindo! - Quem? - Henry e sua turma! Henry ficou louco, ele tem uma faca... Foi o suficiente para Ben. Largou o saquinho de balas de hortelã e a revista em quadrinhos. Puxou o alçapão para baixo, sem perda de tempo. O topo estava coberto de calhaus de relva; a cola continuava a segurá-los de maneira formidável. Alguns blocos de calhaus se tinham soltado, mas era tudo. Erguendo-se na ponta dos pés, Beverly fechou a janelinha-visor. Ela e Ben ficaram na escuridão. Beverly tateou, encontrou-o e agarrou-se apertadamente a ele, em puro pânico. Após um momento, ele a abraçou também. Os dois estavam de joelhos. Com súbito horror, Beverly reparou que o rádio de pilhas de Richie continuava tocando, em algum ponto no escuro: era Little Richard cantando "The Girl Can't Help It". - Ben... o rádio... eles vão ouvir... - Oh, Deus! Uma de suas coxas gordas se chocou nela, quase a derrubando esparramada no escuro. Beverly ouviu o rádio cair ao chão. "A garota nada pode fazer, se os caras param e ficam olhando", informou Little Richard, com seu rouco e costumeiro entusiasmo.

"Nada pode fazer!" Bem agora também arquejava. Os dois pareciam máquinas a vapor. De repente, houve um estalido... e silêncio. - Que merda! - exclamou Ben. - Amassei o rádio. Richie vai ter um ataque! Estendeu o braço, procurando Beverly no escuro. Ela sentiu a mão tocar-lhe um seio, recuou vivamente, como se o contato a queimasse. Tateou, encontrou a camisa dele, segurou, puxou-o para mais perto. - Beverly, o que... - Psst! Ele se calou. Ficaram sentados juntos, abraçados, olhando para o alto. A escuridão não era absoluta; havia uma estreita linha de luz passando por um lado do alçapão e mais três delineando a janelinha-visor. Uma daquelas três era larga o bastante para permitir

que um raio de sol penetrasse no clube subterrâneo. Beverly pôde apenas rezar para que eles não a vissem. Ouviu o trio aproximando-se. A princípio, não entendeu o que diziam... mas depois conseguiu. Apertou-se a Ben com mais força. - Se ela foi para o lado dos bambus, podemos encontrar a pista sem dificuldade - dizia Victor. - Eles costumam brincar por aqui - replicou Henry. Sua voz era contida, as palavras emergiam em jatos, como que à custa de grande esforço. - Foi Taliendo Meleca quem disse. E no dia em que tivemos aquela briga a pedradas, era daqui que eles saíam. - Certo, eles brincam de dar tiros e coisas assim - disse Arroto. De repente, soaram pisadas fortes, bem acima deles: o topo coberto de calhaus vibrava para cima e para baixo. Grãos de terra caíram sobre o rosto de Beverly, virado para cima. Um, dois, talvez todos os três estivessem parados sobre o alçapão do clube. Uma pontada de cãibra apertou seu estômago; ela precisou morder o lábio para não gritar. Ben colocou a mão grande sobre o lado do rosto dela, apertando-o contra seu braço, enquanto olhava para cima, esperando descobrir se eles adivinhariam... ou se já sabiam e estavam apenas fazendo suspense. - Eles têm um lugar de reunião - dizia Henry. - Foi o que Meleca me contou. Uma espécie de casa em cima da árvore ou coisa assim. Dizem que é o seu clube. Um troço cacete... - Se eles querem um cacete, darei neles umas cacetadas - disse Victor. Arroto prorrompeu em ruidosas gargalhadas ao ouvi-lo. *Tump, tump, tump,* soou acima de Ben e Beverly. Sem dúvida, eles perceberiam a qualidade do som; um solo compacto não produziria tal ruído. - Vamos espiar lá embaixo, perto do rio - disse Henry. - Aposto como ela foi para lá. - Certo - disse Victor.

Tump, tump. Eles se afastavam. Bev soltou um leve suspiro de alívio por entre os dentes cerrados... e então Henry falou: - Você fica aqui, vigiando a trilha, Arroto. - Tudo bem - replicou Arroto. Ele começou a andar de um lado para outro, às vezes saindo de cima do alçapão, em outras retornando a ele. Mais terra caiu para baixo. Ben e Beverly entreolhavam-se, com rostos tensos e sujos de terra. Bev percebeu que ali dentro havia algo além do cheiro de fumaça - um fedor adocicado de lixo também se expandia. *Sou eu,* pensou com desânimo. No entanto, apesar do fedor, apertou-se ainda mais contra Ben. O corpanzil dele subitamente pareceu muito acolhedor, muito confortável, e ela ficou satisfeita por haver muito de Ben a agarrar-se. Ele poderia ter sido apenas um assustado garoto gordo, quando a escola fechara para o verão, porém agora era bem mais do que isso; como todos os companheiros, também havia mudado. Se arroto os descobrisse ali embaixo, Ben poderia dar-lhe uma surpresa. - Se eles querem um cacete, darei neles umas cacetadas - disse Arroto, dando risadinhas contidas. Uma risadinha de Arroto Huggins produzia um gigantesco som enrouquecido. - Cacetada neles, se querem cacete. Boa pedida, de encomenda! Beverly percebeu que a parte superior do corpo de Ben subia e descia, em movimentos curtos e bruscos; ele mandava ar para os pulmões e o deixava sair em pequenos haustos. Por um alarmado momento, ela pensou que ele começava a chorar, mas espiando-lhe o rosto com mais atenção, percebeu que Ben lutava para não rir. Os olhos dele, lacrimosos, fixaram-se nos dela, giraram loucamente e desviaram-se. À tênue

claridade que se infiltrava pelas fendas em torno do alçapão e da janelinha fechados, ela pôde ver que o rosto dele estava purpúreo, pelo esforço de conter-se. - Cacetada neles, se estiverem caceteados! - disse Arroto, agora sentando-se pesadamente, bem no centro do topo. Desta feita, o teto tremeu de modo mais alarmante, e Bev ouviu um baixo mas perigoso *crrac,* de um dos suportes. Tinham colocado o alçapão para suportar apenas os calhaus relvados de camuflagem colados sobre ele... mas não o acréscimo dos oitenta quilos de Arroto Huggins.

Se ele não sair, vai acabar caindo em nosso colo, pensou Bev, e começou a contaminar-se com a histeria de Ben. O riso efervescia para fora dela em desagradáveis e fortes chiados. Mentalmente, viu-se levantando a janelinha, o suficiente para administrar um bom susto, com os dedos deslizando pela espinha de Arroto Huggins, enquanto ele estava ali, sentado ao indolente sol da tarde, murmurando e rindo. Enterrou o rosto no peito de Ben, em um último e desesperado esforço para controlar a vontade de rir. - Psst! - sussurrou Ben. - Pelo amor de Deus, Bev... *Crrrraaacc.* Mais alto agora. - Será que agüenta? - cochichou ela. - Agüenta, a menos que ele peide - sussurrou Ben. Um momento mais tarde, foi justamente o que *Arroto* fez - um ronco alto, parecendo trombeteado, que durou pelo menos três segundos. Ben e Beverly apertaram-se com mais força, sufocando seus risos frenéticos. A cabeça dela doía tanto que imaginou- se prestes a ter um ataque do coração. Então, a distância, ela ouviu Henry chamando Arroto. - *O que é?* - berrou Arroto, levantando-se com estardalhaço, em um movimento ruidoso, que derrubou mais terra sobre Ben e Beverly. - *O que é, Henry?*

Henry gritou algo em resposta; Beverly distinguiu apenas as palavras *margem* e *arbustos.*
- *Tudo bem!* - gritou Arroto, e seus pés ressoaram sobre o alçapão uma última vez. Houve um estalo final, agora bem mais alto, e uma lasca de madeira caiu ao colo de Beverly. Ela a pegou, inquisitivamente. - Mais cinco minutos - disse Ben, em um sussurro quase inaudível, e tudo viria abaixo. - Você ouviu, quando ele soltou o traque? - perguntou Bev, recomeçando a dar risadinhas sufocadas. - Parecia a Terceira Guerra Mundial - disse Ben, também começando a rir. Foi um alívio poderem rir sem reservas, e os dois gargalharam como loucos, embora procurando controlar-se, sem fazer muito ruído. Por fim, sem perceber que ia dizer aquilo (e, claro, isso nada tinha a ver com a situação do momento), Beverly falou: - Obrigada pelo poema, Ben. Ele parou de rir imediatamente e a fitou com expressão grave, cautelosa. Tirou um lenço sujo de terra do bolso traseiro e o passou lentamente pelo rosto. - Que poema? - O haicai. O haicai no cartão-postal. Foi você que mandou, não foi? - Não - negou Ben. - Não mandei nenhum haicai para você. Porque se um garoto como eu - gordo deste jeito - fizesse uma coisa dessas, a garota provavelmente riria dele. - Eu não ri. Achei lindo. - E nunca escreveria nada tão bonito. Bill, talvez. Eu, não. - Bill escreveria - concordou ela, - mas nunca uma coisa tão bonita como aquela. Quer emprestar seu lenço?

Ele lhe passou o lenço e ela começou a limpar o rosto, o melhor que pôde. - Como pode garantir que fui eu? - perguntou ele afinal. - Não garanto nada - respondeu ela. - Eu apenas sei. A garganta de Ben se moveu convulsivamente. Ele baixou os olhos para as mãos. - Eu não tinha nenhuma intenção com aquilo. Beverly olhou gravemente para ele. - É melhor não falar assim - disse. - Porque senão vai estragar o meu dia e, se quer saber, ele já está uma porcaria. Ben continuou fitando as mãos, e por fim disse, em uma voz que ela mal pôde ouvir: - Acontece que eu a amo, Beverly, mas não quero estragar nada. - Isso não vai estragar coisa nenhuma - replicou ela, e o abraçou. - Estou precisando de todo amor que for possível, neste justo momento. - Mas você tem predileção por Bill. - É possível - respondeu ela, - mas isso não vem ao caso. Talvez fizesse uma pequena diferença se fôssemos adultos. A verdade é que minha predileção é por vocês todos. São os únicos amigos que tenho. Eu também o amo, Ben. - Obrigado - disse ele. Fez uma pausa, refletiu e por fim se soltou. Inclusive, pôde olhar para ela, ao confessar: - Eu escrevi o poema. Os dois ficaram quietos por algum tempo, sem dizer nada. Beverly se sentia segura. Protegida. As imagens do rosto de seu pai e da faca de Henry pareciam menos vividas e ameaçadoras enquanto estavam ali, sentados tão juntos. Era difícil definir aquele senso de proteção - e ela nem tentou defini-lo - embora muito mais tarde reconhecesse a fonte dessa força: encontrava-se nos braços do homem que morreria por ela, sem vacilações. Era um fato que ela simplesmente sabia: estava no cheiro que emanava dos poros dele, algo de todo primitivo a que suas próprias glândulas reagiriam. - Os outros logo vão chegar - disse Ben, de repente. - E se forem apanhados lá fora? Ela empertigou o corpo, cônscia de que quase cochilara. Recordou que Bill convidara Mike Hanlon para almoçar com ele. Richie iria para casa com Stan, comer alguns sanduíches. E Eddie prometera trazer seu tabuleiro de Parcheesi. Chegariam dentro em breve, nem remotamente imaginando que Henry e seus amigos estavam nos Barrens. - Precisamos avisá-los - disse Beverly. - Henry não está atrás de mim apenas. - Se sairmos e eles voltarem... - Sim, mas pelo menos *nós* sabemos que eles estão aqui. Bill e os outros não sabem. Eddie nem pode correr, eles já lhe quebraram o braço! - Porca miséria! - exclamou Ben. - Acho que temos uma chance. - Certo. - Beverly engoliu em seco e olhou para seu Timex. Era difícil ver as horas no escuro, mas achou que passava um pouco de uma da tarde. - Ben... - O que é? - Henry está *mesmo* maluco. É como aquele garoto em *Sementes de Violência.* Ele ia me matar e os outros dois iam ajudá-lo. - Oh, não! - disse Ben. - Henry é doido, mas não *tanto* assim. Ele é apenas... - Apenas o quê? - perguntou Beverly. Pensou em Henry e Patrick, no cemitério de automóveis, durante aquela outra tarde. Recordou os olhos inexpressivos de Henry. Ben, entretanto, não respondeu. Estava pensando. As coisas haviam mudado, não? E quando a gente está no meio das mudanças, é mais difícil vê-las. Temos que recuar para distingui-las... tentar distingui-las, pelo menos. Quando as aulas tinham terminado,

ele sentia medo de Henry, mas somente porque o outro era maior, porque era malvado - o tipo de garoto que pega um menino do primeiro grau, torce-lhe o braço e o manda embora chorando. Não passava disso. Então, escrevera na barriga de Ben, com a ponta de um canivete. *Depois,* houvera a batalha a pedradas, e ele estivera atirando as perigosas bombas M-80 na cabeça dos outros. Uma daquelas bombas podia matar uma pessoa. Sem a menor dificuldade. Ele começara a parecer diferente... quase como obcecado. Era preciso estar sempre vigilante, de maneira como se fica vigilante em relação a tigres e cobras venenosas, dentro de uma floresta. Enfim, a pessoa fica acostumada à situação; tão acostumada, que ela nem parece mais incomum, trata-se apenas da maneira como são as coisas. Entretanto, Henry era *louco,* não era? Claro que sim. Ben soubera disso naquele último dia de aula, mas preferira recusar-se a acreditar ou a recordar. Não era o tipo de coisa em que se procura acreditar ou recordar. De súbito, um pensamento - tão forte que era quase uma certeza - crepitou em sua mente, desabrochando plenamente, tão frio como a lama de outubro. *A Coisa está usando Henry. Talvez esteja usando os amigos dele também, mas usando-os através de Henry. E se isto for verdade, então provavelmente ela está com a razão. Não se tratava mais de apenas pesco-ções ou beliscões na nuca durante as horas de estudo, já quase terminando as aulas do dia, enquanto a Sra. Douglas lia um livro sentada à sua mesa, não apenas um empurrão no pátio de recreio, para a vítima cair e esfolar o joelho. Se A Coisa estiver usando Henry, ele* usará *a faca.*

- Uma senhora idosa viu quando eles tentavam surrar-me - Beverly estava dizendo. - Henry foi atrás *dela.* Deu um chute na lanterna traseira de seu carro e a quebrou. Isto alarmou Ben, mais do que tudo. Instintivamente compreendia, como acontecia à maioria das crianças, que eles viviam abaixo das linhas de visão e, portanto, das linhas de pensamento da maior parte dos adultos. Se um adulto vinha pela rua, pensando seus pensamentos de adulto sobre trabalho, compromissos, compra de carros e tudo o mais que interessava a adultos, ele nunca percebia as crianças que brincavam de amarelinha, davam tiros com armas de brinquedo, jogavam bolas de gude ou corriam brincando de pique ou esconde-esconde. Valentões como Henry podiam levar a melhor machucando bastante outros garotos, desde que tomassem o cuidado de permanecer abaixo daquela linha de visão. No máximo, um adulto passando diria algo como: “Por que não pára com isso?” e então continuaria seu caminho, sem parar para ver se o valentão obedecera ou não. E o valentão só precisava esperar que o adulto dobrasse a esquina... e continuar fazendo o que fazia, como de costume. Os adultos pareciam pensar que a vida real só começa, quando uma pessoa tem metro e meio de altura. Se Henry perseguira alguma senhora idosa, então saltara acima daquela linha de visão. E isto, mais do que qualquer outra coisa, sugeria a Ben que ele devia estar mesmo
louco.

Beverly viu a crença no rosto de Ben e sentiu-se tomada de alívio. Não precisaria contar-lhe sobre como o Sr. Ross simplesmente dobrara o jornal e entrara em casa. Não queria contar a ele algo semelhante. Era demasiado assustador. - Vamos até a Rua Kansas- disse Ben e, levantando-se, empurrou abruptamente o alçapão. - Prepare-se para correr. Ficou parado, espiando pela abertura, olhando em torno. A clareira estava silenciosa. Podia ouvir a voz rumorejante, risonha, do Kenduskeag nas proximidades, pássaros trinando, o tum-tud-tum-tud de um motor diesel abrindo seu caminho no pátio ferroviário. Não ouviu mais nada, e isso o deixou inquieto. Sentir-se-ia muito melhor se tivesse ouvido Henry, Victor e Arroto praguejando, enquanto abriam passagem pelo matagal baixo da beira da corrente. Contudo, não ouvia nada disso, em absoluto. - Vamos - disse, e ajudou Beverly a subir.

Ela também olhou em torno, inquieta, alisando os cabelos para trás com as mãos, fazendo uma careta ao senti-los oleosos. Ele a tomou pela mão e os dois seguiram em frente para a Rua Kansas, caminhando por trás dos arbustos. - É melhor não irmos pela trilha. - Não - respondeu ela. - Agora temos pressa. Ben assentiu. - Certo - replicou. Retornaram à trilha e tomaram a direção da Rua Kansas. Em dado momento ela tropeçou em uma pedra na trilha e

7

Terrenos do Seminário, 2:17 da madrugada

caiu pesadamente na calçada prateada pelo luar. Um grunhido escapou dele e, com o grunhido, escapou também um filete de sangue que se achatou sobre o cimento rachado. Ao luar, parecia tão negro como sangue de besouro. Henry o fitou por um longo e aturdido momento; depois, erguendo a cabeça, espiou em torno. A Rua Kansas estava tomada pelo silêncio da madrugada, as casas fechadas e escuras, exceto por lâmpadas dispersas, das que ficam acesas a noite inteira. Ah! Ali estava um bueiro... Um balão de gás que era uma face sorridente fora amarrado a uma de suas barras de ferro. O balão oscilava e afundava à brisa fraca. Henry tornou a levantar-se, com uma mão viscosa apertando o ventre. O negro soubera esfaqueá-lo, mas ele também fizera um bom trabalhinho nele. Sim, senhor. No relacionado ao negro, Henry se sentia quite. - O cara está liquidado - murmurou, e passou cambaleando ao lado do balão que flutuava. Sangue fresco cintilou em sua mão, pois continuava a fluir-lhe do estômago. - Esse já se foi. Abotoou. Vou abotoar todos eles. Vão aprender a jogar pedras... O mundo chegava até ele em vagas ondulantes, eram vagalhões parecidos com aqueles mostrados no começo de cada sessão de *Havaí Cinco-0* na televisão da enfermaria

(encana eles, Danno, há-há, tudo bem, Jack Lord Fodido. Jack Lord Fodido era muito do legal)

e Henry podia Henry podia Henry quase podia

(ouvir o som que faziam aqueles garotões de Oahu pegando onda e sacundindo (sacudindosacudindosacudindo (a realidade do mundo. "Dedo-Duro". Chantays. Lembra-se a "Dedo-Duro"? "Dedo-Duro" era um bocado legal. "Matador". Ria como louco lá no começo. Parecia Patrick Hockstetter. Aquela bichinha fodida. Acabou sendo comido, e quanto a mim)

sua preocupação era de que havia

(minha trepada é muito mais do que legal, o que era apenas LEGAL era APENAS TÃO LEGAL COMO UM CARNAVAL. (okay Dedo-Duro *começa a cantar não tire o corpo fora porque então meus rapazes pegam uma onda e (cante (cantecantecante*

(uma onda e vamos surfar de porta em porta cante
(o que sabe cante o mundo mas deixe)
uma orelha dentro de sua cabeça: ela ficava ouvindo aquele som *kaspannng;* um olho dentro de sua cabeça: ele ficava vendo a cabeça de Vic-tor, erguida na extremidade daquela mola, pálpebras, bochechas e testa tatuadas com rosetas de sangue. Henry olhou remelosamente para a esquerda, e viu que as casas haviam sido substituídas por uma sebe alta e negra. Assomando acima dela estava o sombrio e vitoriano vulto do Seminário Teológico. Nem uma só janela acesa. O seminário diplomara sua última turma em junho de 1974. Fechara as portas naquele verão e, agora, quem quer que entrasse ali estaria sozinho... e somente com permissão do tagarela clube feminino que se denominava Sociedade Histórica de Derry. Ele chegou ao corredor cimentado que conduzia à porta principal. Estava bloqueado por uma grossa corrente, da qual pendia um aviso metálico: ENTRADA PROIBIDA - DISPOSIÇÃO MANTIDA PELO DEP. DE POLÍCIA DE DERRY. Os pés de Henry enovelaram-se na corrente e ele tornou a cair pesadamente - *vapt!*
- na calçada. Mais acima, um carro entrou na Rua Kansas, vindo da Hawthorne. Seus faróis inundaram a rua. Henry lutou contra seu atordoamento, o tempo suficiente para ver as luzes no topo: era um carro-patrulha. Rastejando por baixo da corrente, ele engatinhou até ficar oculto atrás da sebe. O orvalho noturno no seu rosto ardente foi maravilhoso. Ficou de rosto voltado para baixo, virando a cabeça de lado a lado, molhando as faces, bebendo o que podia beber. O carro policial passou por ali, sem diminuir a marcha. Então, de súbito, suas luzes intermitentes foram ligadas, varando a escuridão com erráticos pulsos de luz azul. Não havia necessidade de sirenes nas ruas desertas, mas Henry ouviu, subitamente, o ruído do motor aumentar a potência. Pneus arrancaram um assustado chiado do pavimento.

Apanhado, fui apanhado, tremulou sua mente... mas então percebeu que o carro policial distanciava-se dele, subindo a Rua Kansas. Um momento mais tarde, um uivo infernal encheu a noite, vindo do sul, e chegou até ele. Henry imaginou algum imenso e sedoso gato negro saltando no escuro, os olhos verdes e o pêlo flexível ocupando todos os espaços, A Coisa, em uma nova forma, vindo buscá-lo, vindo liquidá-lo. Pouco a pouco (e somente quando o uivo começou a sumir na distância), ele compreendeu que era uma ambulância, tomando a mesma direção que a viatura da polícia. Ficou tremendo sobre a relva molhada, agora fria demais, lutando
(tiras cara doutores cara indo e vindo nós temos galinhas no celeiro que celeiro cujo celeiro meu)
para não vomitar. Ele receava que, se vomitasse, todas as suas tripas sairiam pela boca... e ainda faltavam cinco a serem apanhados.
Ambulância e carro da polícia. Para onde iriam? A biblioteca, é claro. O crioulo. Bem, vão chegar tarde. Eu abotoei ele. Podiam muito bem desligar suas sirenes, rapazes. Ele não vai ouvir nada. Está tão morto como um poste. Ele...
Estaria mesmo? Henry passou a língua áspera pelos lábios secos. Se o negro estivesse morto, não havia sirenes uivando na noite. Não, a menos que o crioulo houvesse telefonado. Então, talvez - apenas *talvez* - ele não estivesse morto. - Não - arquejou Henry. Rolou e ficou deitado de costas, espiando o céu, os bilhões de estrelas lá no alto. A Coisa tinha vindo de lá, ele sabia. De algum lugar naquele céu... A Coisa...

(viera do espaço exterior com uma ânsia por mulheres terrestres ela veio roubar todas as mulheres e violar todos os homens diga Frank você não queria falar roubar todos os homens e violar todas as mulheres que dirigem este espetáculo, imbecil, você ou Jesse? Era assim que Victor costumava falar o que já era demais)
viera dos espaços entre as estrelas. Olhando para aquele céu estrela do, ele sentiu arrepios; era demasiado grande, demasiado escuro. Era muitíssimo possível imaginá-lo tornando-se vermelho-sangue, muitíssimo possível imaginar um Rosto, formando-se em linhas de fogo... Ele fechou os olhos, tiritando e mantendo os braços cruzados sobre o ventre, enquanto pensava: *O negro está morto. Alguém nos ouviu lutando e chamou os tiras para uma investigação, foi só isso.*

Então, por que a ambulância? - Cale-se, cale-se! - grunhiu Henry. Sentiu novamente a velha raiva adormecida; recordou como eles o tinham derrotado sistematicamente nos velhos tempos - velhos tempos que agora pareciam tão próximos e tão vitais, - como a cada vez que acreditava tê-los agarrado, de algum modo eles escorregavam por entre seus dedos. Tinha sido assim naquele último dia, depois que Arroto viu a putinha descendo a Rua Kansas na carreira, em direção aos Barrens. Ele se lembrava disso, oh, como se lembrava, com a maior clareza! Quando um sujeito é chutado nos colhões, não pode esquecer. E isso acontecera sempre e sempre com ele, naquele verão. Henry esforçou-se em ficar sentado, pestanejando ante a forte adaga de dor em suas entranhas. Victor e Arroto o tinham ajudado a descer para os Barrens. Ele caminhara tão depressa quanto possível, apesar da agonia que apertava e comprimia suas virilhas, a parte inferior do ventre. Chegara a hora de acabar com aquilo. Eles haviam descido a trilha até uma clareira, da qual cinco ou seis outras trilhas partiam, como fios de uma teia de aranha. Sim, houvera crianças brincando no local; não se precisa ser um Tonto para perceber isso. Havia restos de papel de balas, a extremidade enovelada de um rolo de espoletas usadas, vermelho e preto. Algumas tábuas e um pouco de serragem espalhada aqui e ali, como se alguma coisa houvesse sido construída no lugar. Ele recordou que ficara parado no centro da clareira, esquadrinhando as árvores, querendo descobrir a infantil casa-da-árvore. Haveria de localizá-la, subiria até lá e usaria sua faca na garota escondida, cortando-lhe a garganta e apalpando seus peitinhos à vontade, sem tropeços, até que eles parassem de mover-se. Contudo, não conseguira enxergar nenhuma casa no alto das árvores. Nem ele, nem Arroto e nem Victor. A antiga e familiar frustração cresceu em sua garganta. Ele e Victor deixaram Arroto de guarda na clareira, enquanto desciam até o rio. Entretanto, por lá tampouco havia sinal da garota. Recordava-se de se ter abaixado, apanhado uma pedra e

8

Os Barrens, 12:55

a atirado bem longe na corrente, furioso e perplexo. - Merda, para onde será que ela foi? - perguntou, virando-se para Victor. Victor abanou lentamente a cabeça.

- Não sei - respondeu. - Você está sangrando. Henry olhou para baixo e viu uma mancha escura, do tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos, nas entrepernas do jeans. A dor diminuíra para um latejamento surdo, mas sua cueca parecia pequena demais e muito apertada. Seus testículos estavam inchando. Ele tornou a sentir a raiva aumentar, algo como uma corda que lhe apertava o coração. *Ela* fizera isto. - Onde *está* ela? - sibilou para Victor. - Não sei - repetiu Victor, na mesma voz inexpressiva. Parecia hipnotizado, abobalhado, alheado. - Acho que fugiu. A esta altura já pode estar lá por Old Cape. - Nada disso - replicou Henry. - Está escondida. Eles têm um lugar onde se encontram e ela foi para lá. Talvez não seja uma casa na árvore. Pode muito bem ser outra coisa. - O quê? - *Eu... não.. sei!* - gritou Henry. Victor finalmente pareceu despertar de seu alheamento e encolheu-se. Henry permaneceu no Kenduskeag, a água fria passando acima do topo de seus tênis, espiando em torno. Seus olhos fixaram-se em um cilindro que se salientava da terraplenagem, uns seis metros corrente abaixo - uma estação de bombeamento. Saiu da água e caminhou para lá, tomado por certa apreensão. Sua pele parecia endurecer-se e os olhos dilatavam- se de maneira a poderem enxergar mais e mais; era como se pudesse sentir os diminutos pêlos dos ouvidos eriçando-se, movendo-se como algas, em uma corrente muito abaixo da superfície das águas. Um zumbido surdo escapava da estação de bombeamento e, mais além, ele podia ver um cano que se destacava da rampa, acima do Kenduskeag. Um fluxo uniforme de água suja pulsava do cano e corria para a água. Henry inclinou-se sobre o redondo topo de ferro do cilindro. - Henry? - chamou Victor, nervosamente. - Henry? O que este fazendo? Henry não lhe deu atenção. Colou o olho a um dos buracos redondos no ferro e nada viu, além de escuridão. Trocou o olho por um ouvido. - *Espere...*

A voz vagueou até ele, vindo da escuridão interior. Henry sentiu sua temperatura interna cair para zero, as veias e artérias congelaram-se em gelados tubos de cristal. Entretanto, com tal sensação surgiu um sentimento quase desconhecido: amor. Ele arregalou os olhos. Um sorriso apalhaçado distendeu seus lábios em um arco largo e sem nervos. Era a voz da lua. Agora, A Coisa estava lá embaixo, na estação de bombeamento... lá nos canos dos esgotos. - *Espere... vigie...*

Ele esperou, porém não havia nada mais para ouvir, além do uniforme e soporífico zumbido dos mecanismos de bombear os esgotos. Voltou para junto de Victor, à margem do rio, que não cessara de espiá-lo cautelosamente. Henry o ignorou e gritou por Arroto. Dentro em pouco, Arroto chegava. - Vamos - disse ele. - O que vamos fazer, Henry? - perguntou Arroto. - Esperar. Vigiar. Rastejaram de volta à clareira e sentaram-se. Henry tentou afastar a roupa de baixo que tolhia os colhões doloridos, porém a dor aumentou. - Henry, o que... - começou Arroto. - Pssst!

Arroto se calou obedientemente. Henry tinha Camels, porém não fumou nem os dividiu com os outros. Não queria que a cadelinha sentisse o cheiro da fumaça, se estivesse pelos arredores. Poderia ter explicado, mas não achou necessário. A voz dissera apenas duas palavras, mas elas pareciam significar tudo. Era ali que os garotos brincavam. Logo os outros chegariam. Por que ficar espreitando apenas a cadelinha, quando poderiam agarrar todos os sete merdinhas? Eles esperaram e vigiaram. Victor e Arroto pareciam dormir de olhos abertos. Não foi uma longa espera, mas houve tempo suficiente para Henry pensar em um bocado de coisas boas. Pensou em como encontrara a faca de molas essa manhã, por exemplo. Não era a mesma que tivera no último dia de aulas; aquela perdera-se em algum lugar. Esta agora parecia bem melhor. Chegara pelo correio. Mais ou menos isso. Ele havia estado no alpendre, olhando para a desconjuntada caixa rural de correspondência, tentando avaliar o que via. A caixa estava circundada por balões de gás. Dois tinham sido amarrados ao gancho de metal, onde o carteiro às vezes pendurava pacotes; outros estavam atados à bandeirola. Vermelhos, amarelos, azuis, verdes. Como se algum circo maluco se tivesse esgueirado pela Estrada Witcham, na calada da noite, deixando ali a sua marca. Ao aproximar-se da caixa de correspondência, Henry viu que havia rostos nos balões - os rostos dos garotos que o tinham infernizado por todo aquele verão, aqueles que zombavam dele em cada oportunidade. Ficou espiando aquelas aparições, de queixo caído, e então os balões estouraram, um por um. Isso fora interessante; era como se ele os houvesse estourado, só em pensar nisso, matando-os pela força do pensamento. A frente da caixa de correspondência rural se abriu subitamente. Henry foi até lá e espiou no interior. Embora o carteiro só chegasse até ali mais ou menos pelo meio da tarde, Henry não ficou surpreso ao ver um pacote retangular dentro da caixa de correspondência. Puxou-o para fora. SR. HENRY BOWERS, CCR Nº 2, DERRY, MAINE, dizia o endereço. Havia até o nome do remetente: SR. ROBERT GRAY, DERRY, MAINE. Ele abriu o pacote, deixando o papel pardo cair descuidadamente a seus pés. Havia uma caixa no interior. Abriu-a. Deitada em uma camada de algodão branco estava a faca de mola. Henry a levou para casa. Ele encostou a ponta perigosa da faca no pescoço escanifrado de seu pai. Butch se moveu um pouco e recaiu em seu sono de embriagado. Henry manteve a faca naquela posição por quase cinco minutos, os olhos distantes e pensativos, a polpa do polegar esquerdo acariciando o botão cromado, encravado no cabo. A voz da lua falou com ele - sussurrante como o vento de primavera, que é quente mas com uma lâmina fria enterrada em algum ponto em seu meio, zumbiu como um ninho de papel/cheio de besouros alvoroçados, regateou como um político enrouquecido. Tudo quanto a voz dizia parecia plenamente legal para Henry, e então ele apertou o botão cromado. Houve um *clique* dentro da faca, quando a mola homicida se soltou, e quinze centímetros de aço vararam o pescoço de Butch Bowers. Penetraram tão maciamente, como os dentes de um garfo de trinchar no peito de um frango bem assado. A ponta da lâmina apareceu no outro lado, gotejando. Os olhos de Butch se abriram. Ele fitou o teto. Sua boca também se abriu. Correu sangue pelos cantos dos lábios, escorrendo pelas bochechas na direção dos lóbulos das orelhas. Ele começou a gorgolejar. Uma bolha enorme se formou entre os lábios abertos e

estourou. Uma de suas mãos encontrou o joelho de Henry e apertou convulsivamente. Henry não se incomodou. Pouco depois, a mão o largava. Os ruídos gorgolejantes cessaram um momento mais tarde. Butch Bowers estava morto. Henry retirou a faca, enxugou-a no lençol sujo que cobria a cama de armar de seu pai, e tornou a empurrar a lâmina de volta ao lugar, até ouvir o clique que trancava a mola. Olhou para o pai sem maior interesse. A voz lhe havia falado sobre o que fazer naquele dia, enquanto estava ajoelhado ao lado do pai, com a faca encostada ao pescoço do velho. A voz explicara tudo. Assim, ele foi ao outro aposento, ligar para Arroto e Victor. Agora eles estavam ali, os três, e embora seus colhões continuassem doendo terrivelmente, a faca fazia um consolador volume no bolso dianteiro esquerdo das calças. Ele sentiu que logo começaria o trabalho de açougueiro. A voz da lua o tinha instruído, quando ajoelhado ao lado do pai e depois, a caminho da cidade, quando ele fora incapaz de afastar os olhos daquele pálido e fantasmal disco no céu. Viu que realmente havia um homem na lua - um rosto grisalho, espectral e brilhante, com buracos de crateras para os olhos e um sorriso imberbe que parecia chegar à metade das bochechas. A cara falou

(nós flutuamos aqui embaixo Henry todos nós flutuamos você flutuará também) durante toda a sua caminhada para a cidade. *Mate todos eles, Henry,* disse a voz fantasmagórica da lua, e Henry acatou aquilo, sentindo que podia secundar essa emoção. Mataria todos eles, seus atormentadores, e então aqueles sentimentos - de que estava perdendo seu ponto de apoio, de que estava indo inexoravelmente para um mundo maior onde não poderia dominar, como havia dominado o pátio de recreio na Elementar de Derry, de que no mundo maior o garoto gordo, o negro e o gaguinho idiota poderiam, de algum modo, ficar maiores, enquanto ele, de algum modo, apenas ficaria mais velho - desapareceriam por completo. Mataria todos eles, e as vozes - aquelas internas e a que lhe falava da lua - então o deixariam em paz. Mataria todos, e então voltaria para casa, sentando-se no alpendre dos fundos com o souvenir de seu pai, a espada japonesa, atravessada em seu colo. Beberia uma das cervejas Rheingold do pai. Ouviria o rádio também, mas não beisebol. Beisebol era coisa de cidadezinha quadrada. Em vez disso, ouviria rock and roll. Embora Henry ignorasse (e não ligaria nem um pouco, se soubesse), nesta questão ele e os Perdedores estavam de acordo: rock and roll era muito, muitíssimo legal. Ele tinha galinhas no celeiro, cujo celeiro, que celeiro, meu celeiro. Tudo agora ficaria ótimo; tudo agora ficaria legalérrimo; tudo agora seria um barato, e o que quer que pintasse mais tarde, não importaria o mínimo. A voz cuidaria dele - Henry sentia isso. Se alguém cuida da Coisa, A Coisa cuida desse alguém. Era assim que sempre fora tudo em Derry. Entretanto, aqueles garotos precisavam ser detidos, detidos logo, detidos hoje. A voz lhe dissera isso. Henry tirou a faca nova do bolso, olhou para ela, virou-a de um lado e de outro, admirando a maneira como o sol piscava a deslizava para fora da face cromada. Então, Arroto estava agarrando seu braço e sibilando: - Olha praquilo, Henry! Puta merda! Olha só praquilo! Henry olhou, e sentiu que a clara luz da compreensão o banhava de alto a baixo. Uma seção quadrada da clareira se erguia como que por mágica, revelando uma crescente fatia de escuridão abaixo dela. Por um momento apenas, ele sentiu um choque de terror, pois lhe ocorrera que aquilo podia ser o dono da voz... que naturalmente viveria em algum lugar, abaixo da cidade. Então, ouvindo o rangido causado pela terra nas dobradiças, entendeu. Eles não tinham descoberto uma casa na árvore, simplesmente porque não havia nenhuma.

- Por Deus, estávamos em pé bem em cima deles! - grunhiu Victor. Quando a cabeça e os ombros de Ben surgiram na abertura quadrada, no centro da clareira, ele se moveu para diante, como se fosse investir. Henry o agarrou e puxou para trás. - Não vamos pegar eles, Henry? - perguntou Victor, quando Ben se içou para fora. - A gente pega eles - respondeu Henry, sem despregar os olhos do odioso garoto gordo. - Não se preocupe. Aquele era outro chutador de colhões. *Vou chutar seus ovos tão alto, que você vai poder usá-los como brincos, seu fodido gordo. Espere e verá se não sou capaz!*

O gorducho agora ajudava a cadelinha a sair do buraco. Ela olhou em torno, dubitativamente e, por um momento, Henry acreditou que espiava em linha reta para ele. Então, os olhos dela seguiram em frente. Os dois cochicharam qualquer coisa e depois se enfiaram por entre os arbustos baixos, sumindo de vista. - Vamos - disse Henry, quando o som de galhos afastados e folhas roçagando já estavam quase inaudíveis. - Vamos seguir os dois, mas bem atrás e de bico fechado. Quero pegar eles todos juntos. Os três cruzaram a clareira como soldados em patrulha, agachados, os olhos bem abertos e móveis. Arroto parou para dar uma espiada no clube subterrâneo e abanou a cabeça, tomado de admiração. - Sim senhor! E eu sentado bem na cabeça deles! - exclamou. Henry gesticulou impaciente, para que continuasse andando. Seguiram pela trilha, porque era mais silencioso. Estavam a meio caminho, na direção da Rua Kansas, quando a putinha e o gorducho, de mãos dadas *(Não é interessante?* pensou Henry, em uma espécie de êxtase), emergiram quase diretamente à frente deles. Por sorte, estavam de costas para o grupo de Henry e nenhum dos dois olhou em torno. Henry, Arroto e Victor ficaram hirtos, depois esconderam-se nas sombras ao lado da trilha. Em pouco, Ben e Beverly eram apenas duas camisas, entrevistas em meio a um emaranhado de arbustos altos e baixos. Os três recomeçaram a perseguição... cautelosamente. Henry tornou a pegar sua faca e

9

Henry pega uma carona, 2:30 da madrugada

apertou o botão cromado do punho. A lâmina saltou para fora. Ele a fitou sonhadoramente ao luar. Gostava da maneira como a claridade das estrelas percorria o comprimento da lâmina. Não imaginava que horas seriam. Agora, Henry Bowers entrava e saía da realidade. Um som penetrou em sua consciência e começou a crescer. Era o motor de um carro. Chegou mais perto. Henry arregalou os olhos no escuro. Segurou a faca mais apertadamente, esperando que o carro passasse e se fosse. O carro não se foi. Parou junto ao meio-fio, além da sebe do seminário, e simplesmente ficou ali, estacionado, com o motor trabalhando. Careteando (seu ventre agora estava enrijecendo; ficara duro como uma tábua, e o sangue fluindo preguiçosamente por entre seus dedos tinha a consistência de resina, pouco antes de

serem retiradas as cânulas dos bordos, em fins de março ou começo de abril), ele se apoiou nos joelhos e empurrou os galhos duros da sebe para os lados. Podia ver faróis e o formato de um carro. Tiras? Sua mão apertou a faca e relaxou, apertou e relaxou, apertou e relaxou.

Mandei uma carona para você, Henry, sussurrou a voz. *Uma espécie de táxi, para você se mandar daí. Afinal, temos que levá-lo ao Town House bem depressa. A noite está chegando ao fim.*
A voz proferiu uma risadinha breve e chocalhada, depois silenciou. Agora, os únicos sons eram os dos grilos e o ronronar do motor daquele carro parado. *Parece um silencioso de carro em bom estado,* pensou Henry, distraidamente. Levantou-se com dificuldade e começou a caminhar, vagarosamente, para o corredor cimentado do seminário. Deu uma espiada no carro. Não era policial: não tinha luzes no teto e o formato era todo esquisito. Era um formato... *antigo.*
Henry tornou a ouvir aquela risadinha... ou talvez fosse apenas o vento. Emergiu das sombras da sebe, rastejou por baixo da corrente, ficou em pé de novo e começou a caminhar para o carro estacionado, cujo motor continuava funcionando, um carro que existia em um instantâneo preto-e-branco de Polaróide, dentro de um mundo de luar brilhante e sombra impenetrável. Henry era uma confusão: sua camisa estava negra de sangue, e o sangue lhe encharcara os jeans, até quase os joelhos. O rosto era uma mancha esbranquiçada, abaixo do cabelo cortado nos padrões da instituição em que fora internado. Chegou à interseção do corredor do seminário com a calçada e observou o carro, procurando formar uma idéia sobre a sombra atrás do volante. Contudo, foi o carro que ele identificou primeiro - era o modelo que seu pai jurava ainda possuir um dia, um Plymouth "Fury" 1958. Era vermelho e branco. Henry sabia (seu pai não lhe repetira tantas vezes?) que o motor ronronando debaixo do capo era um V-8 327. Potência de 255 cavalos, capaz de alcançar 110 km em nove segundos após a partida, sorvendo gasolina de alto ponto de ignição através de seu carburador de quatro cilindros. *Eu vou ter esse carro e que me enterrem nele quando morrer,* Butch gostava de dizer... exceto, naturalmente, que jamais tivera o carro e que o estado o enterrara, após Henry ser levado, esbravejando e gritando sobre monstros, até ser depositado no hospício.

Se ele estiver na direção, não acho que eu possa agüentar, pensou Henry, apertando a faca, oscilando bebadamente para diante e para trás, enquanto contemplava a forma atrás do volante. Então, a porta do passageiro no "Fury" foi escancarada, a luz interna do teto acendeu-se, e o motorista se virou para fitá-lo. Era Arroto Huggins. Seu rosto era uma ruína pendente. Um dos olhos se fora, e um buraco putrefato em uma bochecha apergaminhada revelava dentes enegrecidos. Encarapitado na cabeça de Arroto, estava o boné de beisebol dos Yankees de Nova York, que usava no dia em que tinha morrido. Estava virado ao contrário, com a pala para trás, sobre a qual brilhava um limo verde- acinzentado. - Arroto! - exclamou Henry. A dor espraiou-se para cima, partindo de seu ventre, fazendo-o soltar uma nova exclamação, agora silenciosa. Os lábios mortos de Arroto espicharam-se em um sorriso, abrindo-se sobre dobras incruentas, cinza-esbranquiçadas. Ele estendeu uma mão torcida na direção da porta aberta, um gesto de convite. Henry vacilou, depois deu a volta em torno do radiador do "Fury", em passos arrastados, permitindo que uma mão tocasse o emblema ali existente, em forma de V, como sempre fazia quando o pai o levava ao *showroom* em Bangor, em seus tempos de

criança, a fim de olhar aquele mesmo carro. Ao alcançar o lado do passageiro, uma suave onda acinzentada o envolveu e precisou agarrar a porta aberta para manter-se de pé. Ficou ali parado, a cabeça baixa, respirando em fungados arquejos. Por fim, o mundo voltou - pelo menos em parte, - e conseguiu dar volta à porta, deixando cair no assento. A dor varou-lhe as entranhas novamente, e sangue fresco jorrou para sua mão, como gelatina quente. Henry jogou a cabeça para trás e trincou os dentes, os tendões do pescoço salientando-se sob a pele. Por fim, a dor diminuiu um pouco. A porta se fechou sozinha. A luz do teto apagou-se. Henry viu uma das carcomidas mãos de Arroto se fechar sobre a alavanca de transmissão e dar partida ao carro. Os alvos nós dos dedos de Arroto cintilaram por entre a carne apodrecida dos dedos. O "Fury" começou a descer a Rua Kansas, em direção à Colina Milha Acima. - Como vai passando, Arroto? - Henry ouviu-se perguntar. Era uma idiotice, claro - Arroto não podia estar ali, mortos não dirigiam carros, - mas era tudo em que podia pensar. Arroto não respondeu. Seu único olho afundado fitava a rua. Seus dentes espiavam Henry de maneira repugnante, pelo buraco na bochecha. Henry teve uma vaga noção de que o velho Arroto exalava um cheiro horrível. De fato, o velho Arroto expelia um cheiro de tomates amontoados em uma cesta, que tinham ficado aquosos e podres. O porta-luvas se abriu de súbito, batendo nos joelhos de Henry. À luz da pequena lâmpada no interior, ele viu uma garrafa de Texas Driver, cheia até metade. Apanhou-a, abriu-a e tomou um bom gole. A forte bebida desceu pela garganta como seda macia, chegando ao estômago como uma explosão de lava. Ele estremeceu de alto a baixo, gemendo... e então começou a sentir-se um pouco melhor, mais ligado ao mundo. - Obrigado - disse. A cabeça de Arroto se virou para ele. Henry podia ouvir os tendões no pescoço do outro: o som era como o ruído guinchado das dobradiças enferrujadas de uma porta telada. Arroto o fitou por um momento com seu único olho morto e, pela primeira vez, Henry notou que ele não tinha nariz. Parecia que alguma coisa fizera algo ao nariz do velho Arroto. Um cachorro, talvez. Ou ratos. Ratos pareciam mais prováveis. Os túneis onde eles haviam perseguido os garotos menores, naquele dia, estavam cheios de ratos. Movendo-se com a mesma lentidão, a cabeça de Arroto se voltou de novo para olhar a rua. Henry ficou contente com isso. Com o velho Arroto a olhar para ele daquele jeito, bem, era algo difícil de suportar. No único olho de Arroto, afundado na órbita, pairava alguma coisa. Censura? Raiva? O quê?

Há um garoto morto atrás do volante deste carro.

Henry baixou os olhos para seu braço e viu os enormes calombos provocados pelos arrepios. Tomou rapidamente outro gole da garrafa. Este agora foi menos explosivo e enviou calor a partes mais distantes. O Plymouth começou a descer a Colina Milha Acima, dirigindo-se para o círculo onde o trânsito se escoava na direção dos ponteiros do relógio... exceto que, àquela hora da noite, não existia trânsito algum; todas as luzes dos sinais tinham mudado para pisca- piscas amarelos, salpicando as ruas vazias e os prédios fechados com pulsos uniformes de luz. O silêncio era tamanho, que Henry podia ouvir os relês tiquetaqueando dentro de cada luz... ou isso seria sua imaginação? - Eu não queria deixá-lo para trás aquele dia, Arroto - disse Henry. - Mas você talvez pense que eu o abandonei. O rangido dos tendões secos novamente. Arroto tornou a olhar para ele, com seu solitário olho fundo. Os lábios distenderam-se em um sorriso terrível, revelando gengivas negro-acinzentadas que produziam seu próprio jardim de limo. *Que tipo de sorriso é esse?* perguntou-se Henry, enquanto o carro ronronava maciamente pela Rua Main,

passando pelo Freese's de um lado, a Lanchonete Nan's e o Cinema Aladdin do outro. *Um sorriso de perdão? Um sorriso de velho amigo? Ou será do tipo que significa eu vou pegar você, Henry, vou pegar você, por ter dado o fora, deixando eu e Vic entregues à própria sorte? Que espécie de sorriso?*

- Você precisa compreender como aconteceu - disse Henry, e então parou. Como *tinha* acontecido? Estava tudo confuso em sua mente, as peças embaralhando-se como as de um quebra-cabeça recém-despejado sobre uma daquelas mesas ordinárias para jogo, na sala de recreações do Juniper Hill. Como *havia* sido, exatamente? Eles tinham seguido o gorducho e a putinha até a Rua Kansas, ficaram esperando, escondidos nos arbustos, vendo os dois subirem a terraplenagem até o alto. Se houvessem desaparecido de vista, ele, Victor e Arroto encerrariam o jogo de esconder e, simplesmente, iriam atrás de ambos. Afinal, dois eram melhor do que nenhum - e os restantes seriam também apanhados, com o tempo. Entretanto, eles não desapareceram. Limitaram-se a ficar recostados contra o muro de tábuas, conversando e espiando a rua. De vez em quando, examinavam a ladeira que ia dar nos Barrens, mas Henry mantivera seus soldados bem fora de vista. 1060Henry recordou que o céu ficara carregado, com nuvens movendo-se do leste, o ar espessando-se. Haveria chuva aquela tarde. O que aconteceu em seguida? O que... Uma mão ossuda e coriácea se fechou em torno de seu antebraço, e Henry gritou. Estivera novamente devaneando, à deriva, imerso naquela nuvem algodoada e cinzenta, mas o horrendo toque de Arroto e a pontada de dor em seu estômago, provocada pelo grito, o trouxeram de volta. Virou-se para olhar. O rosto de Arroto estava a menos de cinco centímetros do seu. Henry conteve uma respiração, enojado. O velho Arrotador de fato era o fim. Henry tornou a evocar tomates apodrecendo quietamente, em algum canto sombreado de telheiro. Seu estômago revoltou-se. De súbito, recordou o final - o final para Arroto e Vic, de qualquer modo. Recordou como algo emergira da escuridão, enquanto eles permaneciam em um encanamento, com um bueiro gradeado no alto, perguntando-se que direção tomariam em seguida. *Algo...* Henry não fora capaz de dizer o que seria. Então, Victor gritara, em voz estridente, *"Frankenstein! É Frankenstein!"* Portanto, tinha que ser isso. Era o monstro Frankenstein, com cavilhas projetando-se do pescoço e uma funda cicatriz suturada através da testa, arrastando os sapatos, como uma criança vacilante. - *Frankenstein!* - Vic tinha gritado. - *Fran...*

E então, a cabeça de Vic se fora, estava voando através do encanamento, indo chocar-se contra a parede de pedra do lado oposto, com um baque surdo, pegajoso e repugnante. Os aquosos olhos amarelados do monstro tinham caído sobre Henry, que ficara gelado. Sua bexiga afrouxou e ele sentiu o fluxo morno escorrendo por suas pernas. A criatura rastejou para ele, e Arroto... Arroto tinha... - Escute, eu sei que fugi - disse Henry. - Não devia ter fugido, mas... mas... Arroto apenas ficou olhando fixo para ele. - Eu me perdi - sussurrou Henry, como se quisesse explicar ao velho Arroto que também havia pago por aquilo. Não soava muito convincente, era como dizer: *Sim, sei que você foi morto, Arroto, mas eu estava com um* maldito *espinho debaixo da unha do polegar.* De qualquer modo, perder-se havia *sido* terrível... pavoroso. Ele ficara perambulando em um mundo de fedorenta escuridão durante horas, até que, podia recordar, finalmente começara a gritar. Levara uma queda em algum ponto - uma longa, estonteante queda, durante a qual

houvera tempo de pensar: *Oh, que bom, em um minuto estarei morto, estarei fora disto* - e então, encontrara-se dentro de água que corria rápido. Debaixo do Canal, supôs. Havia saído para uma claridade solar já diminuindo, arrastara-se para a margem e finalmente se içara do Kenduskeag a menos de cinqüenta metros do lugar onde, vinte e seis anos mais tarde, Adrian Mellon seria afogado. Escorregou, caiu, bateu com a cabeça, perdeu os sentidos. Quando voltou a si, já anoitecera. De algum modo, encontrara seu caminho para a Rota 2 e pedira uma carona até em casa. E, lá, os tiras o esperavam. Contudo, isso fora então, e isto era agora. Arroto havia passado diante do monstro de Frankenstein, e este lhe descascara o lado esquerdo do rosto, começando pelo alto da cabeça - até onde Henry pudera ver, antes de fugir dali. Arroto, entretanto, agora estava de volta - e apontava para alguma coisa. Henry viu que tinham parado diante do Hotel Town House de Derry e, de repente, entendeu tudo. Em 1958, existira também o Estrela do Oriente, no final da Rua Exchange e o Repouso do Viajante, na Rua Torrault. Ambos tinham desaparecido durante a remodelação urbana (Henry estava a par de tudo isto; havia lido o *News* de Derry todos os dias, fielmente, em Juniper Hill). Restara apenas o Town House e um punhado de pequenos motéis sem categoria, perto da Interestadual.

É aqui que eles estão, pensou. *Bem aqui. Todos os que sobraram. Dormindo em suas camas, com visões de bombons - ou talvez de esgotos - dançando em suas cabeças. E eu vou pegá-los. Um por um, vou pegá-los!*
Tornou a apanhar a garrafa de Texas Driver e bebeu outro gole. Podia sentir sangue fresco pingando em seu colo, e o banco estava pegajoso abaixo dele, porém a bebida fez efeito; a bebida parecia fazer com que aquilo não tivesse importância. Seria preferível um bom bourbon, porém o Driver era melhor do que nada. - Escute - disse para Arroto, - sinto muito ter fugido. Não sei por que fugi. Por favor... não fique zangado. Arroto falou pela primeira e única vez, porém a voz não era a dele. A voz que brotava da boca putrefata de Arroto era grave e portentosa, aterrorizante. Henry estremeceu ao ouvi-la. Era a voz da lua, a voz do palhaço, a voz que ouvira em seus sonhos de encanamentos e esgotos, onde a água corria continuamente. - Cale a boca e pegue eles - disse a voz. - Claro - ganiu Henry. - Claro, tudo bem, é isso que eu *quero,* não há problema... Recolocou a garrafa no porta-luvas. O gargalo chocalhou ligeiramente, como se tivesse dentes. Henry viu um papel, onde a garrafa estivera. Apanhou-o, desdobrou-o e deixou impressões digitais sangrentas nos cantos. Na parte superior, ao longo do comprimento, estava impresso este logotipo, em letras de vivo escarlate:

UM LEMBRETE DE PARCIMONIOSO! Abaixo disto,

cuidadosamente impresso em maiúsculas, estava: BILL

DENBROUGH 311
BEN HANSCOM 404 EDDIE
KASPBRAK 609 BEVERLY
MARSH 518 RICHIE TOZIER
217

O número do quarto que cada um deles ocupava. Aquilo era bom. Aquilo poupava tempo.

- Obrigado, Ar... Arroto havia desaparecido. O assento do motorista estava vazio. Havia apenas o boné de beisebol dos Yankees de Nova York jazendo ali, a pala incrustada de limo. Na alavanca de mudança havia também uma matéria lodosa. Henry ficou olhando, o coração batendo dolorosamente na garganta... e então teve a impressão de ouvir algo se movendo e deslocando, no banco traseiro. Saiu rapidamente do carro, abrindo a porta com tal pressa que quase caiu estatelado no pavimento da rua. Procurou manter-se bem distanciado do "Fury", que ainda ronronava maciamente, através de seu cano de descarga duplo, provido de silenciosos tipo *cherry-bomb* (essa espécie de silenciosos havia sido proscrita no Estado do Maine em 1962). Era penoso andar; cada passo lhe distendia e dilacerava o ventre. Contudo, chegou à calçada e ficou lá, olhando para o prédio de tijolos com oito andares que, juntamente com a biblioteca, o Cinema Aladdin e o seminário, era um dos poucos que recordava claramente os velhos tempos. No momento, a maioria das luzes dos pavimentos superiores estava apagada, mas os globos de vidro fosco que flanqueavam a entrada principal brilhavam suavemente na escuridão, envoltos em um halo de umidade oriunda de nevoeiro baixo. Henry caminhou com dificuldade para diante, empurrando uma das portas com o ombro. O saguão tinha um silêncio de horas mortas da madrugada. Havia um desbotado tapete turco no chão. O teto era um enorme mural, executado em painéis retangulares, mostrando cenas da época madeireira de Derry. Havia sofás estofados em exagero, poltronas-bergère e uma grande lareira, agora apagada e silenciosa, com um tronco de vidoeiro atravessado sobre os trasfogueiros - um tronco de verdade, porque não era uma lareira a gás; no Town House, ela não constituía apenas uma peça de decoração do saguão. Plantas elevavam-se de vasos baixos. As portas duplas envidraçadas levando ao bar e ao restaurante estavam fechadas. De algum cômodo interior, Henry podia ouvir o rumorejar de uma televisão, com volume muito baixo. Arrastou-se através do saguão, as calças e a camisa raiadas de sangue. Também havia sangue empoçado nas dobras de suas mãos; mais sangue lhe escorria pelas faces e em riscos na testa, como uma pintura de guerra. Seus olhos esbugalhavam-se nas órbitas. Qualquer um, no saguão, que o visse, certamente teria corrido, gritando de terror. Contudo, não havia ninguém. As portas do elevador se abriram assim que ele apertou o botão SUBIR. Henry olhou para o papel em sua mão, depois para os botões dos pavimentos. Após um momento de deliberação, apertou o 6 e as portas se fecharam. Houve um fraco zumbido de maquinismos quando o elevador começou a subir.

Posso muito bem começar de cima e depois ir descendo.

Recostou-se contra a parede dos fundos, de olhos semicerrados. O 1064zumbido do elevador era calmante. Como o zumbido dos mecanismos na estação de bombeamento do sistema de esgotos. Aquele dia... Estava sempre voltando à sua mente. Como tudo parecera pré-arranjado, dando a impressão de que todos eles estavam apenas desempenhando papéis. Como Vic e o velho Arroto tinham parecido... bem, quase drogados. Ele recordava que... O elevador parou, sobressaltando-o e enviando outra onda de dor lancinante dentro de seu estômago. As portas se abriram, deslizando. Henry saiu para o corredor silencioso (mais plantas ali, do tipo pendente, plantas-serpentes, ele não queria tocar nenhuma delas, pareciam-se demais com as coisas que pendiam lá embaixo, na escuridão dos esgotos). Examinou novamente o papel. Kaspbrak estava no 609. Henry começou a caminhar

naquela direção, deslizando uma mão ao longo da parede, como apoio, e deixando um leve rastro de sangue sobre o papel de parede à medida que prosseguia (ah, mas recuaria para um lado, sempre que se aproximasse de uma daquelas plantas-serpentes penduradas; não queria encostar *nelas).* Sua respiração era áspera e seca. Pronto, ali estava. Henry tirou do bolso a faca de mola, molhou os lábios secos com a língua e bateu à porta. Nada. Tornou a bater, agora mais forte. - Quem é? Voz sonolenta. Ótimo. Ele devia estar de pijama, apenas meio desperto. E, quando abrisse a porta, Henry enterraria a faca de mola diretamente na concavidade da base de seu pescoço, a vulnerável concavidade logo abaixo do pomo-de-adão. - Mensageiro, senhor - respondeu Henry. - Tenho uma mensagem de sua esposa. Kaspbrak teria esposa? Talvez fosse idiotice ter dito aquilo. Ele esperou, friamente alerta. Ouviu pisadas - o ruído de chinelos. - De Myra? Kaspbrak parecia alarmado. Ótimo. Ficaria ainda mais alarmado em alguns segundos. Uma veia pulsava ritmadamente na têmpora esquerda de Henry. - Creio que sim, senhor. Não há nome. Diz apenas esposa. Houve pausa, depois um retinir metálico, enquanto Kaspbrak abria a corrente de segurança. Sorrindo, Henry apertou o botão no cabo da faca de mola. *Clique.* Manteve a lâmina erguida, junto ao rosto, preparado. Ouviu a maçaneta girar. Em apenas um instante, ele afundaria a lâmina na garganta do nojentinho magricela. Esperou. A porta se abriu, e Eddie

10

Os Perdedores reunidos, 13:20

viu Stan e Richie, acabando de sair do Mercado da Avenida Costello, cada um deles comendo uma barra de chocolate. - Ei! - gritou ele. - Ei, vocês, esperem! Os dois se viraram e Stan acenou. Eddie correu ao encontro deles o mais depressa que pôde, mas na verdade não era muito rápido. Um braço estava engessado e ele tinha seu tabuleiro de Parcheesi debaixo do outro. - O que deseja, Eddie? O que deseja, garoto? - perguntou Stan, em sua voz empolada de Cavalheiro Sulista (a que parecia mais Foghorn Leghorn, nos desenhos animados da Warner Brothers, do que outra coisa). - Eu vejo... Eu vejo... que o rapazinho fraturou um braço! Observe, Stan, o rapazinho fraturou um braço! Eu digo... seja um bom menino e carregue o tabuleiro de Parcheesi para ele! - Eu posso carregá-lo - respondeu Eddie, um tanto sem fôlego. - Que tal uma provinha de seu chocolate? - Sua mãe não aprovaria, Eddie - disse Richie melancolicamente. Começou a comer mais depressa. Tinha acabado de chegar ao recheio do chocolate, na metade da barra, sua parte favorita. - *Micróbios,* garoto! Eu digo... Eu digo que você pode contaminar-se com *micróbios,* comendo coisas que outra pessoa está comendo! - Posso correr o risco - disse Eddie. Com relutância, Richie estendeu sua barra de chocolate até a boca de Eddie... e a puxou rapidamente, assim que ele deu duas dentadinhas razoáveis.

- Pode ficar com o resto do meu, se quiser - ofereceu Stan. - Ainda estou empanzinado do almoço. - Judeus não comem muito - instruiu Richie. - Faz parte de sua religião. Os três começaram a caminhar amistosamente agora, tomando a direção da Rua Kansas e dos Barrens. Derry parecia perdida em profunda 1066sonolência no começo indolente da tarde. As persianas da maioria das casas estavam arriadas. Havia brinquedos abandonados em gramados, como se seus donos houvessem sido chamados apressadamente de suas brincadeiras ou postos na cama para suas sonecas. Trovões roncavam espessamente no oeste. - É mesmo? - Eddie perguntou a Stan. - Não, Richie está apenas zombando de você - replicou Stan. - Judeus comem tanto quanto pessoas normais. - Apontou para Richie. - Como ele. - Sabe de uma coisa? Você implica demais com Stan - Eddie disse a Richie. - Gostaria que alguém dissesse todas essas besteiras a seu respeito, só por você ser católico? . - Oh, os católicos fazem o diabo - disse Richie. - Meu pai me contou certa vez que Hitler era católico. No entanto, Hitler matou milhões de judeus. Certo, Stan? - Hum, acho que foi - respondeu Stan, parecendo constrangido. - Minha mãe ficou *furiosa* quando ele me contou isso - prosseguiu Richie. Um leve sorriso reminiscente aflorara a seu rosto. - Absolutamente *fu-ri-o-sa!* Nós, católicos, também tivemos a Inquisição, um negocinho envolvendo fogueiras, instrumentos de tortura, essas coisas. Acho que todas as religiões são muito esquisitas. - Eu também - respondeu Stan, quietamente. - Não somos ortodoxos nem nada. Quero dizer, comemos presunto e bacon. Mal sei o que significa ser judeu. Nasci em Derry e, às vezes, vamos até a sinagoga em Bangor, para coisas como Yom Kippur, mas... - Ele deu de ombros. - Presunto? Bacon? - Eddie estava abismado. Ele e sua mãe eram metodistas. - Judeus ortodoxos não comem essas coisas - disse Stan. - Há algo na Torah sobre não se comer nada que rasteja através da lama ou caminhe no fundo do oceano. Não sei bem como é. Contudo, imagina-se que os porcos entrem na categoria, e também as lagostas. No entanto, meus pais comem de ambos. Eu também. - Que engraçado! - exclamou Eddie, começando a rir. - Nunca ouvi falar de uma religião que diga à gente o que podemos *comer*. Logo logo estarão ensinando também que tipo de gasolina se pode comprar. - Gasolina kosher - disse Stan, e riu também. Nem Richie e nem Eddie entenderam por que ele ria. - Você deve admitir, Stanzinho, que isso *é* muito esquisito - falou Richie. - Quero dizer, não poder comer salsicha, só por ser judeu. - É mesmo? - perguntou Stan. - Você come carne às sextas-feiras? - Claro que não! - exclamou Richie, chocado. - Não se pode comer carne às sextas- feiras, porque... - Ele começou a rir um pouco. - Oh, está bem. Já entendi aonde você quer chegar. - Os católicos vão mesmo para o inferno, se comerem carne às sextas-feiras? - perguntou Eddie. Parecia fascinado, ignorando inteiramente que, apenas duas gerações antes, seus ascendentes haviam sido católicos devotos para quem, comer carne às sextas-feiras, seria como sair de casa sem roupas.

- Vou lhe dizer uma coisa, Eddie - falou Richie. - A verdade é que não acredito que Deus me mandasse para o Lugar Quente, só por eu esquecer e comer um sanduíche de presunto em uma sexta-feira... mas por que correr o risco, certo? - Certo - replicou Eddie, - mas isso me parece tão... Ia dizer *tão idiota,* mas então recordou uma história contada pela Sra. Portleigh, na classe da escola dominical, quando era pequenino - ainda nó primeiro grau dos Pequenos Adoradores. Segundo a Sra. Portleigh, um menino mau certa vez roubara um pouco do pão da comunhão, quando a bandeja era passada, enfiando-o no bolso. Em casa^ ele o jogou dentro do vaso sanitário, só para ver o que acontecia. E, imediatamente - ou foi como relatou a Sra. Portleigh a seus extasiados Pequenos Adoradores - a água na bacia do vaso se tornou vermelho-viva. Era o Sangue de Cristo,, disse ela, tendo surgido assim para aquele garotinho, porque ele havia cometido um ato muito feio, chamado BLASFÊMIA. Aquilo acontecera para avisá-lo de que, atirando a carne de Jesus no vaso, colocara sua alma imortal em perigo de ir para o Inferno. Até então, Eddie apreciara o ato da comunhão, que lhe fora permitido cumprir apenas a partir do ano anterior. Os metodistas usavam suco de uva em vez de vinho, sendo o Corpo de Cristo representado por cubos partidos de pão fresco e macio. Ele gostava da idéia de aceitar alimento e bebida como rito religioso. No entanto, após a história da Sra. Portleigh, a reverência pelo ritual ensombreceu-se para algo mais potente, um tanto aterrador. O simples ato de pegar o cubo de pão passou a ser uma coisa que requeria coragem, e ele sempre temia receber um choque elétrico... ou, pior ainda, que o pão repentinamente mudasse de cor em sua mão, que se tornasse um coágulo de sangue, enquanto uma Voz descorporificada retumbaria na igreja: *Indigno! Indigno! Condenado ao Inferno! Condenado ao Inferno!* Com freqüência, após tomar a comunhão, sua garganta se bloqueava, a respiração começava a sibilar para dentro e para fora, enquanto ele aguardava com apavorada impaciência o momento da bênção para acudir ao vestíbulo e lá usar seu aspirador.

Não precisa ser tão imbecil, dizia a si mesmo, quando foi crescendo. *Aquilo não passou de uma história, e a Sra. Portleigh nada tinha de santa. Mamãe disse que ela era divorciada em Kittery e que joga bingo na Igreja de Santa Maria, em Bangor, quando cristãos* de verdade *não jogam, cristãos de verdade deixam o jogo para pagãos e católicos.*

Tudo isso fazia sentido, porém não aliviava sua mente. A história do pão da comunhão que transformava em sangue a água do vaso sanitário, continuava a preocupá- lo, atormentava-o e até o fazia perder o sono. Certa noite, concluiu que a única maneira de acabar com aquilo, de uma vez por todas, seria ele mesmo pegar um pedaço de pão, jogá-lo dentro do vaso e ver o que acontecia. Entretanto, tal experimento estava muito além de sua coragem; a mente racional não resistia àquela imagem sinistra do sangue, espalhando sua nuvem de acusação e potencial condenação ao inferno, dentro da água. Ela não podia rejeitar o mágico sortilégio talismânico: *Este é o meu corpo, toma-o e come-o; este é o meu sangue, derramado por ti e por muitos.*

Não, ele jamais fizera a experiência. - Acho que todas as religiões são esquisitas - disse Eddie agora. Esquisitas, mas *poderosas,* acrescentou sua mente, quase *mágicas...* ou isso seria BLASFÊMIA? Ele começou a pensar na coisa que tinham visto na Rua Neibolt e, pela primeira vez, percebeu um louco paralelo - afinal de contas, o Lobisomem saíra do vaso sanitário.

- Cara, acho que todo mundo está dormindo - disse Richie, atirando despreocupadamente a embalagem vazia do chocolate na sarjeta. - Já viram um lugar tão quieto? E se todo mundo foi passar o dia em Bar Harbor? - E-E-E-Ei, vocês, c-c-caras! - gritou Bill Denbrough, atrás deles. - E-E-Esperem! Eddie se virou, deliciado como sempre, ao ouvir a voz de Bill. O Grande Bill vinha pedalando Silver pela esquina da Avenida Costello, distanciando-se de Mike, embora a Schwinn de Mike fosse quase nova em folha.- *Hi-yo Silver, VAAAMOOOS!* - gritou Bill. Rodou até emparelhar com eles, fazendo talvez trinta quilômetros por hora, as cartas de baralho rugindo, pregadas aos tirantes do pára-lama. Então, inverteu o movimento dos pedais, trancou os freios e produziu uma comprida marca dos pneus no asfalto. - Bill Gaguinho! - exclamou Richie. - Como vai, garoto? Eu digo... Eu digo... como *estás,* garoto? - Estou 1-1-legal - respondeu Bill. - Viram Ben ou B-B-Beverly? Mike chegou junto deles. O suor escorria de seu rosto em pequenas gotas. - Afinal, qual a velocidade dessa bicicleta? - perguntou. Bill riu. - Eu n-n-não s-sei ao ce-certo. B-B-Bem r-r-rápida. - Não vi nenhum deles - informou Richie. - Com certeza estão lá embaixo, divertindo-se. Cantando uma harmonia em dueto. Ch-bum, ch-bum... ia-da-da-da-da-da- da... você parece um sonho, queridinha... Stan Uris produziu ruídos de vômito. - Ele só está com^inveja - disse Richie a Mike. - Judeus não sabem cantar. - Bi-Bi-Bi... - Bip-bip, Richie - disse Richie por Bill, e todos riram. Tomaram novamente a direção dos Barrens, agora com Mike e Bill empurrando as bicicletas. A conversa foi animada a princípio, depois esmoreceu. Olhando para Bill, Eddie notou uma expressão inquieta em seu rosto, e pensou que a quietude também o estivesse invadindo. Sabia que Richie quisera pilheriar, mas de fato *parecia* que todos em Derry tinha ido passar o dia em Bar Harbor... tinham ido para *algum lugar.* Nem um só carro se moveu pela rua; não havia uma só mulher idosa puxando um carrinho cheio de compras do mercado, voltando para sua casa ou apartamento. - Está mesmo uma quietude danada, hein? - aventurou Eddie, mas Bill apenas assentiu. Cruzaram para o lado da Rua Kansas que dava para os Barrens, e então viram Ben e Beverly correndo em sua direção e gritando. Eddie ficou chocado pela aparência de Beverly, geralmente tão arrumada e limpa, os cabelos sempre lavados, puxados para trás em um rabo-de-cavalo. Agora ela estava manchada e estriada com o que parecia todo tipo de sujeira do universo. Os olhos apareciam dilatados e ferozes. Havia um arranhão em uma face. Os jeans estavam imundos, a blusa rasgada. Ben chegou atrás dela, bufando, o estômago balançando. - Os garotos... Henry... Victor... estão lá embaixo em alguma parte... A faca... ele tem uma faca... - Ei, ei, a-acalme-se - disse Bill, assumindo imediatamente a liderança, com aquele seu jeito despreocupado, quase inconsciente. Bill estivera observando Ben, enquanto este corria, com as bochechas reluzindo de vermelhas, o peito considerável arfando. - Ela disse que Henry ficou doido, Grande Bill - disse Ben.

- Droga, está querendo dizer que antes ele era *lúcido?* - perguntou Richie, e cuspiu entre os dentes. - C-C-Cale a boca, Ri-Ri-Richie - disse Bill, e então se virou novamente para Beverly. - Co-Conte - pediu. Eddie enfiou a mão no bolso e tocou o aspirador. Não sabia o que significava tudo aquilo, mas já sabia que não era nada bom. Forçando-se a falar o mais calmamente possível, Beverly conseguiu produzir uma versão editada da história - uma versão que começou com Henry, Victor e Arroto agarrando-a na rua. Nada contou a eles sobre o pai - sentia uma vergonha desesperada daquilo. Quando terminou, Bill ficou calado um momento, de mãos nos bolsos, cabeça baixa, os guidons de Silver encostados a seu peito. Os outros esperaram, lançando olhares constantes para a cerca que corria ao longo da borda da ladeira. Bill meditou bastante tempo, sem que ninguém o interrompesse. De repente, sem saber como, Eddie teve a percepção de que aquilo podia ser o ato final. Era como dava a entender aquele dia silencioso, não? A sensação de que a cidade inteira acordara e se ausentara, deixando para trás apenas as formas dos prédios desertos. Richie pensava no retrato do álbum de George, que repentinamente ganhara vida. Beverly pensava no pai, em como os olhos dele tinham ficado pálidos. Mike pensava no pássaro gigante. Ben pensava na múmia, que desprendia um cheiro podre de canela. Stan Uris pensava em blue jeans negros e gotejantes, em mãos brancas como papel amarrotado, também gotejando. - M-Muito b-b-bem - disse Bill por fim. - V-V-Vamos d-de-descer. - Bill... - começou Ben, de feições conturbadas. - Beverly disse que Henry estava mesmo *doido.* Que ele estava decidido a matar... - I-I-Isto n-não é *deles* - replicou Bill, apontando para a faixa verde dos Barrens, em forma de adaga, à direita e abaixo deles: os arbustos, os apertados maciços de árvores, os bambus, o cintilar da água. - N-Não é*pro-pro-propriedade* d-deles. - Olhou para os companheiros, com ar sério. - Estou f-f-farto de ser pe-pe-perseguido por eles. Nós os de- de-derrotamos com as pe-pedradas e v-v-vamos de-derrotá-los outra v-v-vez, p-porque po-podemos f-f-fazer i-i-isso. - Certo, Bill - disse Eddie, - mas e se não forem só *eles?* Bill se virou para ele. Com verdadeiro choque, Eddie notou como o rosto de Bill estava tenso - havia algo amedrontador em sua expressão, porém foi só mais tarde, muito mais tarde, quando já adulto, começando a dormir após a reunião na biblioteca, ele compreendeu o que era aquele algo amedrontador: era o rosto de um menino levado à beira da loucura, de um menino que, talvez, não estaria mais no controle absoluto de suas decisões do que o próprio Henry. Contudo, o essencial é que Bill continuava presente, fitando-os com aqueles olhos assustados e obcecados... um enfurecido e determinado Bill. - Bem - disse ele, - e s-s-se est-estiverem *s-s-sozinhos?* Ninguém respondeu. Um trovão ribombou, agora mais perto. Eddie olhou para o céu e viu nuvens tempestuosas movendo-se do oeste, em enormes massas negras. Ia chover a cântaros, como sua mãe dizia às vezes. - A-Agora, es-escutem uma c-c-coisa - disse Bill, encarando-os. - Nenhum de v-vocês p-precisa de-descer c-c-comigo, se não q-q-quiser. V-Vocês é q-que de-decidem. - Eu vou com você, Grande Bill - disse Richie quietamente. Eu também - falou Ben. - Claro - concordou Mike, dando de ombros.

- Não, Eddie - disse Richie. - Seu braço, como sabe, não está nas melhores condições. Eddie olhou para Bill. - Q-Q-Quero q-que ele v-vá - disse Bill. - Você c-c-caminha c-comigo, E-E-Eddie. E e-eu fi-fico de olho em v-v-você. - Obrigado, Bill - disse Eddie. O rosto cansado e meio alucinado de Bill de repente pareceu maravilhoso para ele - maravilhoso e adorado. Eddie foi tomado por um leve senso de admiração. *Acho que eu morreria por ele, se me pedisse. Que tipo de poder será esse? Se faz a gente ficar como Bill parece agora, talvez não seja um bom poder para se ter.*

- Sem dúvida, Bill tem a arma decisiva - disse Richie. - Bombas C.C. Ergueu o braço esquerdo e levou a mão direita até a axila exposta. Ben e Mike riram com vontade. Eddie apenas sorriu. O trovão ribombou novamente, desta vez tão perto e tão forte, que eles saltaram e ficaram mais juntos uns dos outros. O vento começava a ganhar força, arrastando lixo pela sarjeta. A primeira das nuvens escuras velejou sobre o nebuloso disco circundado do sol, e as sombras dos garotos diluíram-se. O vento era frio, gelando o suor no braço descoberto de Eddie. Ele tiritou. Bill olhou para Stan, e então disse uma coisa peculiar. - Está c-c-com seu li-livro de p-p-pássaros, Stan? Stan bateu no bolso traseiro. Bill se virou para os outros. - V-V-Vamos d-d-descer - decidiu. Começaram a descer a terraplenagem em fila indiana, exceto por Bill, que seguiu ao lado de Eddie, como prometera. Deixou que Richie empurrasse Silver para baixo e, quando chegaram ao fundo, Bill deixou a bicicleta no lugar costumeiro, debaixo da ponte. Então, ficaram juntos, espiando em torno. A tempestade iminente não produziu escuridão, nem mesmo uma penumbra. Contudo, a qualidade da luz se alterara, deixando as coisas cercadas por uma espécie de sonhador relevo acerado: sem sombras, claras, polidas. Eddie sentiu uma pontada de medo e apreensão no estômago, ao perceber que aquela espécie de claridade parecia muito familiar - era a mesma de que se recordava, percebida na casa 29 da Rua Neibolt. Um risco de relâmpago tatuou as nuvens, brilhante o suficiente para fazer com que eles pestanejassem. Eddie ergueu uma mão sobre o rosto e se viu contando: *Um., dois., três.*. Então, a trovoada explodiu em um só troar gigantesco, retumbante, semelhante ao de uma bomba M-80. Os garotos ficaram ainda mais juntos uns dos outros. - Não houve previsão de chuva esta manhã - disse Ben, inquieto. - O jornal disse quente e brumoso. Mike esquadrinhava o céu. As nuvens no alto eram negros fundos de barcos, altas e pesadas, rapidamente engolindo a bruma que cobria o céu de um a outro horizonte, quando ele e Bill tinham deixado a casa dos Denbrough, após o almoço. - Está vindo depressa - comentou. - Nunca vi uma tempestade chegar tão rápido. E, como em confirmação, houve nova trovoada. - V-V-Vamos - disse Bill. - P-Podemos de-deixar o ta-ta-tabuleiro de Parchee-ee- si de E-E-Eddie no clu-clu-clube. Seguiram ao longo da trilha que tinham aberto nas semanas após o incidente com a represa. Bill e Eddie seguiam à testa da fila, os ombros roçando as enormes folhas verdes dos arbustos, os outros atrás deles. O vento levantou-se novamente, fazendo as folhas das árvores e arbustos sussurrarem juntas. Bem mais adiante, os bambus chocalharam espectral-mente, como tambores em um conto da selva.

- Bill? - disse Eddie, agora em voz baixa. - O que é? - Pensei que isto só acontecia nos filmes, mas... - Eddie deu uma risadinha. - Tenho a impressão de que alguém me espia. - Oh, eles e-estão lá, c-c-claro - respondeu Bill. Eddie olhou em torno nervosamente e apertou o tabuleiro de Par-cheesi mais forte um pouco. Ele

11

Quarto de Eddie, 3:05 da madrugada

abriu a porta para um monstro saído de uma história em quadrinhos de terror. Uma aparição sulcada de estrias sangrentas estava ali, e só podia ser Henry Bowers. Henry parecia um cadáver que voltara da sepultura. O rosto dele era a máscara congelada de um feiticeiro de tribo, impregnada de ódio e ímpeto homicida. A mão direita estava erguida ao nível da face. Eddie arregalou os olhos e começou a inspirar sua primeira e sufocada respiração, quando a mão saltou para diante, a faca de mola cintilando como seda. Sem pensar - não havia tempo; se parasse para pensar, ele teria morrido - Eddie bateu a porta com força. Ela se chocou no antebraço de Henry, desviando o trajeto da faca, que percorreu um selvagem arco de lado a lado, a menos de três centímetros do pescoço de Eddie. Houve um estalido quando a porta apertou o braço de Henry contra o batente. Eddie o ouviu soltar um grito sufocado. A mão dele se abriu. A faca tilintou no chão. Eddie a chutou. Ela deslizou para baixo da TV. Henry jogou o peso do corpo contra a porta. Teria uns cinqüenta quilos de vantagem, de maneira que Eddie foi lançado para trás, como um boneco; seus joelhos colidiram com a cama e caiu sobre ela. Henry entrou no quarto, batendo a porta atrás de si. Empurrou o ferrolho de segurança, enquanto Eddie se sentava, de olhos arregalados, a garganta já começando a sibilar. - Tudo bem, bicha - disse Henry. Seus olhos caíram momentaneamente para o chão, procurando a faca. Ele não a viu. Eddie saltou para a mesa-de-cabeceira e encontrou uma das duas garrafas de água Perrier que havia pedido horas antes. Esta permanecia cheia; ele bebera a outra antes de ir para a biblioteca, porque estava nervoso e com uma terrível azia. Perrier era excelente para digestão. Como Henry desistisse da faca e partisse para ele, Eddie agarrou a garrafa verde, em forma de pera, segurando-a pelo gargalo. Bateu-a contra a borda da mesa-de- cabeceira. A Perrier espumou e esguichou sobre a superfície, inundando a maioria dos frascos de pílulas que ali estavam. A camisa e as calças de Henry se mostravam empapadas de sangue, tanto fresco como meio coagulado. Sua mão direita agora pendia em um ângulo estranho. - Bichinha - disse Henry. - Vou ensinar você a jogar pedras. Dirigiu-se para a cama e estendeu o braço para agarrar Eddie, que ainda mal se conscientizará do que ocorria. Desde que abrira a porta, não se tinham passado mais de quarenta segundos. Quando Henry tentou agarrá-lo, Eddie investiu para ele com a base

denteada da garrafa de Perrier. O vidro partido riscou o rosto de Henry, abrindo um sulco torcido em sua face direita e furando-lhe o olho direito. Henry proferiu um grito alucinante de dor e recuou aos tropeções. O olho fendido, vazando um fluido branco-amarelado, pendia frouxo da órbita. O sangue jorrava do rosto cortado, em jatos, como um repuxo. O grito de Eddie foi ainda mais forte. Afastando-se da cama, aproximou-se de Henry - para ajudá-lo, talvez, não estava bem certo - mas Henry investiu de novo. Eddie esgrimou a garrafa de Perrier como um florete; desta vez os cacos denteados de vidro verde penetraram fundo na mão esquerda de Henry, dilacerando-lhe a carne dos dedos. Fluiu mais sangue. Henry emitiu um grunhido espesso, quase o som de um homem pigarreando para limpar a garganta, e atacou Eddie como a mão direita Eddie foi lançado para trás, contra a mesa-secretária. O braço esquerdo ficou torcido de algum modo atrás dele, recebendo todo o peso do corpo. A dor foi súbita e lancinante. Ele sentiu o osso ceder ao longo da linha da antiga fratura, e precisou trincar os dentes contra um grito de agonia. Uma sombra obscureceu a luz. Henry estava em pé acima dele, oscilando para diante e para trás. Seus joelhos tremiam. A mão esquerda gotejava sangue na frente do robe de Eddie. Eddie continuava segurando a parte superior da garrafa de Perrier e agora, quando os joelhos de Henry perderam a firmeza de todo, ele estendeu a garrafa para diante, a base denteada apontando para cima, a parte do gargalo contra seu osso externo. Henry caiu para diante como uma árvore, empalando-se na garrafa. Eddie a sentiu estilhaçar-se em sua mão e uma nova golfada de torturante agonia estremeceu-lhe todo o braço esquerdo, já preso debaixo do corpo. Um calor recente cascateou sobre ele. Eddie não sabia se provinha do sangue de Henry ou se era ele próprio que sangrava. Henry retorceu-se como truta no anzol. Seus sapatos chocalharam um ritmo quase sincopado sobre o carpete. Eddie pôde sentir seu hálito nauseabundo. Então, Henry ficou rígido e rolou. A garrafa salientava-se grotescamente do meio de seu corpo, a ponta do gargalo voltada para o teto, como se ali houvesse crescido. - *Grrug...* - emitiu Henry, e foi só. Olhava para o teto. Eddie imaginou que ele devia estar morto. Lutando contra as ondas de fraqueza que queriam dominá-lo e arrancá-lo da realidade, Eddie se pôs de joelhos e finalmente sobre os pés. Novas pontadas de dor intensa percorriam o braço quebrado, pendendo adiante do corpo, mas serviram para clarear-lhe um pouco a cabeça. Gemendo, sibilando, lutando para respirar, conseguiu arrastar-se até a mesa-de-cabeceira. Apanhou o aspirador em meio a uma poça de água carbonada, enfiou-o na boca e pressionou o disparador. Estremeceu com o gosto, depois fez nova aplicação. Olhou em torno, para o corpo no carpete - aquilo poderia ser Henry? Seria possível? Era possível. Envelhecido, o cabelo cortado rente, mais grisalho do que negro, o corpo agora gordo, branco e balofo, mas continuava sendo Henry. E Henry estava morto. Finalmente, Henry estava... - *Grrug...* - fez Henry, e sentou-se. Suas mãos engalfinhadas arranharam o ar, como que à procura de pontos de apoio que somente ele enxergava. O olho furado vazava e gotejava, oscilando. O arco inferior agora avolumava-se gravidamente para baixo, em cima da face. Olhando em torno, ele divisou Eddie, encolhido contra a parede. Tentou levantar-se. Abriu a boca e expeliu uma golfada de sangue. Tornou a cair.

Com o coração em disparada, Eddie tateou pelo telefone, conseguindo apenas derrubá-lo da mesinha sobre a cama. Agarrou-o e discou 0. O telefone tocou, tocou e tocou...

Vamos, pensou Eddie, *o que você está fazendo aí embaixo, masturbando-se? Ande, por favor, atenda o maldito telefone!*
O telefone continuou tocando. Eddie tinha os olhos fixos em Henry, esperando que ele tentasse erguer-se novamente, a qualquer momento. Sangue. Deus do céu, quanto sangue! - Recepção - disse finalmente uma voz, sonolenta e ressentida. - Ligue para o quarto do Sr. Denbrough - disse Eddie. - O mais rápido que puder. Com o outro ouvido, ele procurava captar ruídos dos quartos vizinhos. Teriam feito muito barulho enquanto lutavam? Iria alguém esmurrar sua porta, perguntando se tudo estava bem ali? - Tem certeza de que quer que eu ligue? - perguntou o recepcionista. - São três e dez da madrugada. - Sim, *tenho!* - Eddie quase gritou. A mão que segurava o fone tremia, em acessos convulsivos. No outro braço, um vespeiro ululava horrendamente. Teria Henry se movido de novo? Não; claro que não. - Está bem, está bem - respondeu o recepcionista. - Fique calmo, meu amigo. Houve um clique, e então o zumbido rouco da campainha de um telefone de quarto. *Vamos, Bill, vamos,* v... Um pensamento súbito, terrivelmente plausível, ocorreu-lhe então. E se Henry houvesse visitado o quarto de Bill primeiro? Ou o quarto de Richie? De Ben? De Bev? Ou, possivelmente, a biblioteca? Sem dúvida, estivera em *algum lugar* antes de chegar ali; se alguém não o tivesse amolecido antes, agora Eddie é que estaria jazendo morto no chão, com uma faca de mola assomando do peito, como assomava o gargalo da garrafa de Perrier no estômago de Henry. Pior ainda, e supondo-se que Henry já houvesse visitado

todos os outros primeiro, agarrando-os desprevenidos e sonolentos, como acontecera com ele próprio? E se todos estivessem mortos? Era uma idéia tão horrenda, que Eddie se julgou prestes a gritar, se alguém não respondesse ao telefone, no quarto de Bill. - Por favor, Grande Bill - sussurrou. - Por favor, esteja aí, cara. O fone foi erguido, e a voz de Bill perguntou, inusitadamente cautelosa: - A-A-Alô? - Bill - disse Eddie... quase balbuciando. - Bill, graças a Deus! - Eddie? - A voz de Bill ficou momentaneamente mais fraca, quando falou com outra pessoa, dizendo quem era. Então retornou, forte de novo: - O q-que ho-ho-houve, Eddie? - É Henry Bowers - respondeu Eddie. Olhou para o corpo no chão outra vez. Teria mudado de posição? Era difícil saber. - Bill, ele veio aqui... e eu o matei. Ele tinha uma faca. Acho... - Ele baixou a voz: - Acho que era a mesma faca daquele dia. Quando entramos nos esgotos. Você se lembra? - Eu me le-le-lembro - replicou Bill, em tom taciturno. - Eddie escute o que vou dizer. Quero que você

12

Os Barrens, 13:55

v-v-volte e diga a B-B-Ben para v-vir a-a-aqui. - Certo - disse Eddie, voltando imediatamente. Aproximavam-se agora da clareira. Os trovões tonitruavam no céu carregado e os arbustos suspiravam à brisa que crescia. Ben se reuniu a ele, quando entraram na clareira. O alçapão para o clube subterrâneo estava aberto, um quadrado improvável de negror em meio ao verde. O som do rio era muito nítido e, de repente, Bill teve uma louca certeza: a de que experimentava aquele som e este lugar pela última vez em sua meninice. Respirou fundo, aspirando o cheiro da terra, do ar e do distante depósito de lixo fuliginoso, fumegando como um súbito vulcão, que ainda não se decidira a explodir. Viu uma revoada de pássaros indo dos terrenos da ferrovia para o Old Cape. Ergueu os olhos para as nuvens efervescentes. - O que é? - perguntou Ben. - Por q-que eles não te-tentaram p-pegar a ge-gente? - perguntou Bill - S-Sabemos que e-e-estão a-aqui. E-E-Eddie ti-tinha r-razão s-sobre isso. Eu posso *fa-fa-farejar* eles. - Hum-hum - replicou Ben. - Acho que talvez fossem imbecis o suficiente para pensar que vamos voltar ao clube. Então eles nos encurralariam lá dentro. - T-Ta-Talvez - disse Bill. Sentiu-se furioso com sua gagueira, que lhe impossibilitava expressar-se depressa. De qualquer modo, talvez fossem coisas impossíveis de expressar - a maneira como achava que quase podia enxergar através dos olhos de Henry Bowers. Como sentia que, embora em lados opostos, peões controlados por forças contrárias, ele e Henry se tinham tornado muito próximos. Henry esperava que eles se mostrassem e lutassem.

A Coisa esperava que eles se mostrassem e lutassem.

E fossem mortos.

Uma arrepiante explosão de luz branca pareceu encher sua cabeça.-Eles seriam vítimas do matador que estivera à espreita em Derry, desde a morte de George - todos os sete. Talvez seus corpos fossem encontrados, talvez não. Tudo dependia de que A Coisa protegesse ou não Henry - e, em menor grau, Arroto e Victor. *Sim. Para todos, para o resto desta cidade, teremos sido vítimas do assassino. E é a verdade, engraçado, mas é a verdade pura. A Coisa nos quer mortos. Henry é o instrumento para fazer isso, afim de que A Coisa não precise sair da toca. Eu primeiro, acho - Beverly e Richie poderiam conter os outros, ou Mike, mas Stan está com medo, Ben também, embora eu ache que ele é mais forte do que Stan. E Eddie tem um braço quebrado. Por que eu os trouxe cá para baixo? Cristo! Por que fiz isso?*

- Bill? - chamou Ben, ansioso. Os outros se juntaram a eles, ao lado do clube subterrâneo. O trovão ribombou de novo, os arbustos começaram a agitar-se com maior urgência. Os bambus chocalhavam à claridade tempestuosa que ia diminuindo. - Bill... - Agora era Richie. - Pssst! Os outros ficaram inquietamente silenciosos, sob seus olhos ardentes e obcecados. Bill olhou para o mato baixo, para a trilha que se distanciava em volteios através do matagal, na direção da Rua Kansas, e percebeu que sua mente subitamente se concentrava em outro ponto, como que em um plano superior. Não havia gagueira em seu

cérebro; ele tinha a sensação de que seus pensamentos encadeavam-se em um louco fluxo de intuição - como se tudo estivesse vindo ao seu encontro.
George em uma extremidade, eu e meus amigos na outra. E então cessará (novamente) novamente, claro, novamente, porque isto já aconteceu antes e sempre tem de haver algum sacrifício no fim, alguma coisa horrível para deter as coisas, não sei como posso saber isso, mas eu sei... e eles... eles...

- Eles deixam q-q-que a-aconteça - murmurou Bill, de olhos arregalados, fitando a trilha tortuosa. - C-C-Claro que d-d-de-deixam. - Bill? - chamou Beverly, suplicante. Stan permanecia a um lado dela, pequeno e arrumado, em uma camisa de malha azul e sapatilhas de lona. Mike estava no outro, espiando intensamente para Bill, como se lhe lesse os pensamentos.

Eles deixam que aconteça, sempre deixam, e tudo se aquieta, tudo continua como antes, A Coisa... A Coisa... (dorme)

dorme... ou hiberna como um urso... e então o negócio começa de novo, e eles sabem... as pessoas sabem... sabem que tem de ser assim, para *A Coisa* continuar existindo. - Eu t-t-t-tr-tr-tr...

Oh por favor Deus oh por favor Deus ele soca os pulsos por favor Deus sobre os postes deixe-me explicar isto os postes e insiste oh Deus oh Cristo OH POR FAVOR DEIXE-ME SER CAPAZ DE FALAR!
- Eu t-t-trouxe vocês a-a-aqui, po-po-porque ne-ne-nenhum lu-lugar é s-s-seguro - disse Bill. A saliva escorria-lhe dos lábios; ele os enxugou com as costas da mão. - *Der-Der-Derry* é A Coisa. V-V-Vocês m-m-me entenderam? - Encarou-os fixamente; eles recuaram um pouco, de olhos brilhando, quase mortos de medo. - *Derry é A Co-Co- Coisa!* P-P-Para qua-qualquer 1-lugar que fo-fo-formos... quando A C-C-Coisa nos pe- pegar, e-eles n-não v-v-vão que-querer *v-v-ver,* eles n-não va-vão que-querer *o-o-ouvir,* e n-n-não v-v-vão q-q-querer *sa-sa-saber.* - Olhou para os companheiros, suplicante. - E- Estão en-enten-dendo co-como é? Tu-Tudo que p-p-podemos fa-fazer é t-t-tentar a-a-aca- bar o q-que n-n-nós come-começamos. Beverly viu o Sr. Ross levantando-se, olhando para ela, dobrando o jornal e, simplesmente, entrando em casa. *Eles não querem ver, não querem ouvir, não querem saber. E meu pai (tire essas calças, putinha)*

quisera matá-la. Mike pensou no almoço com Bill. A mãe de Bill estivera distante, em seu próprio mundo de sonhos, parecendo não ver nenhum dos dois, lendo uma novela de Henry James, enquanto eles preparavam sanduíches e os comiam em pé, junto ao balcão da cozinha. Richie pensou na casa ordenada de Stan, mas completamente vazia. Stan ficara um pouco surpreso; sua mãe geralmente estava em casa na hora do almoço. Nas poucas ocasiões em que se ausentava, costumava deixar uma nota, dizendo onde podia ser encontrada. Contudo, hoje não houvera nota. O carro não estava na garagem, era tudo. "Provavelmente foi fazer compras com sua amiga Debbie", explicara Stan, um tanto preocupado, e começara a preparar sanduíches de salada de ovos. Richie esquecera o detalhe. Até agora. Eddie pensou em sua mãe. Quando saíra com seu tabuleiro de Parcheesi, não ouvira nenhuma das advertências costumeiras: *Tome cuidado, Eddie, se chover procure andar debaixo das marquises, Eddie, não se meta em brincadeiras*

violentas, Eddie. Ela não peguntara se ele estava levando o aspirador, não lhe lembrara a hora de chegar em casa, não o avisara contra "aqueles garotos rudes com quem você brinca". Simplesmente, continuara vendo sua novela na televisão, como se ele nem existisse. Como se ele nem existisse. Uma versão do mesmo pensamento passou pela mente de todos eles: a certa altura, entre levantarem da cama aquela manhã e a hora do almoço, todos eles simplesmente se haviam transformado em fantasmas. Fantasmas. - Bill - disse Stan, em voz rouca, - e se tomássemos um atalho? Através do Old Cape? Bill meneou a cabeça. - Não a-a-acho que d-dê ce-certo. Se-Seremos a-a-agarrados n-no ba-bambuzal... p-pela 1-1-lama mo-movediça... ou haverá pi-pi-piranhas de v-v-verdade no K-K-K-Kenduskeag... ou qua-qualquer o-outra co-coisa mais. Cada um deles tinha sua própria e diferente versão sobre o mesmo final. Ben viu arbustos que subitamente se tornavam plantas devoradoras de homens. Beverly viu sanguessugas voadoras, como as que haviam saído da velha geladeira. Stan viu o chão lamacento do bambuzal vomitando os cadáveres vivos de crianças lá apanhadas pela mitológica lama movediça. Mike Hanlon imaginou pequenos répteis jurássicos, providos de horrendos dentes serrilhados, de repente brotando efervescentes da fenda de alguma árvore apodrecida, atacando-os, reduzindo-os a pedaços. Richie viu o Olho Rastejante pairando acima deles, enquanto corriam sob o viaduto da ferrovia. E Eddie viu o grupo escalando a terraplenagem do Old Cape e, ao olharem para cima, lá estava o leproso parado no alto, com sua carne frouxa enxameando de larvas e insetos, esperando-os. - Se pudéssemos sair da cidade de algum modo... - murmurou Richie, depois pestanejando, quando um trovão bradou uma furiosa negativa, no alto do céu. Mais chuva caiu - apenas um chuvisco, mas logo começaria um aguaceiro de verdade, uma tremenda tempestade. A indo-lente calma do dia agora sumira por completo, como se nunca tivesse existido. - Acho que estaríamos salvos, se ao menos pudéssemos dar o fora desta fodida cidade! - Bip-b... - começou Beverly. O que ia dizer foi interrompido por uma pedra que saiu disparada dos arbustos emaranhados, atingindo Mike no lado da cabeça. Ele recuou aos tropeções, o sangue fluindo pelos cabelos que cresciam muito enrolados e rentes ao couro cabeludo. Teria caído, se Bill não o amparasse. - Vou ensinar vocês a jogarem pedras! - a voz de Henry flutuou zombeteiramente até eles. Bill pôde ver os outros espiando em torno, de olhos arregalados, prontos para saltar em seis direções diferentes. No entanto, se fizessem isso, de fato seria o fim. - B-B-Ben! - chamou vivamente. Ben se virou para ele. - Bill, nós ternos que correr. Eles... Mais duas pedras voaram dos arbustos. Uma acertou Stan no alto da coxa. Ele gritou, mais surpreso do que machucado. Beverly saltou de lado, esquivando-se à segunda, que caiu no chão e rolou pelo alçapão do clube subterrâneo. - L-L-Lembra-se do pri-primeiro d-dia em q-q-que ve-veio a-a-aqui em b-baixo? - gritou Bill, acima do trovão. - O d-dia em q-que as au-aulas te-te-terminaram? - Bill! - gritou Richie.

Bill fez um gesto de mão para que ele se calasse; seus olhos estavam fixos em Ben, como se o congelassem em pé naquele lugar. - Claro que me lembro - disse Ben, infeliz, tentando espiar em to-, das as direções ao mesmo tempo. Os arbustos agora dançavam, agitavam-se loucamente, sacudidos pelo vento. - O e-e-esgoto - disse Bill. - A e-e-estação de bo-bom-bombeamento. É p-para o- onde a ge-gente t-t-tem que ir. Leve-nos lá! - Mas... - *Le-Le-Leve-nos l-l-lá!*

Uma fuzilaria de pedras partiu do meio dos arbustos e, por um momento, Bill viu o rosto de Victor Criss, parecendo amedrontado, drogado e ávido ao mesmo tempo. Então, uma pedra acertou seu malar, e foi a vez de Mike impedir que ele caísse. Por um momento, Bill não conseguiu enxergar direito. O lado de seu rosto ficara entorpecido. Depois, a sensação retornou, em dolorosos latejamentos, ele sentiu o sangue escorrendo pela face abaixo. Limpou-a, pestanejando ante o dolorido calombo que se erguia no local. Olhou para o sangue, limpou a mão nos jeans. Seu cabelo agitava-se doidamente, eriçado pelo vento crescente. - Vou ensinar você a jogar pedras, gaguinho filho da puta! - gritou Henry, em meio a risadas. - *Le-Le-Leve-nos!* - gritou Bill. Compreendia agora por que pedira a Eddie que trouxesse Ben; era para aquela estação de bombeamento que deveriam ir*, justamente aquela,* e apenas Ben sabia com certeza a sua localização - elas seguiam pelas duas margens do Kenduskeag, a intervalos irregulares. - É lá o lu-lu-lugar! O ca-ca-caminho p-para e-e-entrar! O ca-ca-caminho até A Coisa! - Bill, você não pode ter *certeza!* - gritou Beverly. Ele respondeu em outro grito, furiosamente, para ela, para todos os outros: - Eu *sei!*

Ben ficou parado um instante, passando a língua pelos lábios, olhando para Bill. Então, saiu correndo da clareira, encaminhando-se para o rio. Um relâmpago riscou o céu, branco-purpúreo, seguido por um trovão que fez Bill saltar. Uma pedra do tamanho de um punho passou rente a seu nariz e atingiu o traseiro de Ben. Ele gritou de dor, levando a mão ao local. - *Ha-ha, gorducho!* - gritou Henry, naquela voz que ria e gritava ao mesmo tempo. Os arbustos entrechocavam-se ruidosamente, e Henry apareceu, quando a chuva deixou de ser chuvisco e começou a cair como aguaceiro. A água escorria de seus cabelos cortados rente, atravessava as sobrancelhas, descia pelas faces. Seu riso exibia todos os dentes. - Vou ensinar você a jogar pe... Mike encontrara um pedaço de pau, sobra da construção do teto do clube, e então o jogou. A madeira girou duas vezes e atingiu a testa de Henry. Ele gritou, apertou a testa com uma das mãos, como alguém que acabou de ter uma idéia formidável, e então sentou-se com força. - *Co-co-corraml* - berrou Bill. - A-A-Atrás de B-B-Ben! Houve mais arbustos entrechocando-se e sendo empurrados, e enquanto os demais Perdedores correram atrás de Ben Hanscom, Henry levantou-se, e os três iniciaram a perseguição. Mesmo mais tarde, quando o restante daquele dia voltara à mente de Ben, ele conseguia recordar apenas imagens mescladas e confusas da disparada do grupo em meio ao matagal. Lembrava-se de ramos pesados de folhas molhadas, batendo em seu rosto,

inundando-o de água fria; lembrava-se dos relâmpagos e trovões, que se tinham tornado quase constantes; lembrava-se também dos gritos de Henry, para que voltassem e lutassem, fundindo-se ao som do Kenduskeag, quando chegaram mais perto do rio. A cada vez que diminuía a corrida, Bill lhe batia nas costas, para que continuasse em frente.
E se eu não conseguir encontrar? E se não encontrar justamente aquela estação de bombeamento?
A respiração saía em arquejos de seus pulmões, quente e com gosto de sangue no fundo da garganta. Um graveto machucara seu lado do corpo. As nádegas doíam, onde a pedra batera. Beverly tinha dito que Henry e seu amigos queriam matá-los, e agora Ben acreditava nela, oh, sim, acreditava! Chegou tão subitamente à margem do Kenduskeag, que quase escorregou por ela. Conseguiu equilibrar-se, mas a terraplenagem, amolecida pelo degelo da primavera, cedeu, e ele terminou caindo, deslizando todo o trajeto até a borda da água que corria ligeira, a camisa enrodilhando-se nas costas, a lama esfregando-se e colando-se à sua pele. Bill chegou junto dele e o ajudou a levantar-se. Os outros irromperam do meio dos arbustos que cresciam junto à margem, um após outro. Richie e Eddie foram os últimos: Richie com um braço em torno da cintura de Eddie, os óculos gotejantes pendurados precariamente na ponta do nariz. - *O-O-Onde?* - gritou Bill. Ben olhou para a esquerda, depois para a direita, cônscio de que o tempo era suicidamente curto. O rio já parecia mais alto, e o céu escurecido pela chuva emprestava- lhe uma perigosa cor cinza-grafite, enquanto as águas fervilhavam, seguindo em frente. As margens estavam atulhadas de mato rasteiro e troncos de árvores, todos eles agora dançando à canção do vento. Ele podia ouvir Eddie soluçando para respirar. - *O-O-O-Onde?*

- Eu não s... - começou ele, e então avistou a árvore inclinada, com a caverna erodida sob ela. Era lá que se tinha escondido, naquele primeiro dia. Havia cochilado e, ao acordar, ouvira Bill e Eddie perambulando pelos arredores. Então, os garotos maiores tinham chegado... visto... conquistado. *Ora, ora, vejam só, um tanque de pirralhos, podem crer!*

- Lá! - gritou. - Por ali! O relâmpago brilhou novamente e, desta vez, Ben pôde *ouvi-lo,* um zumbido como o de um transformador sobrecarregado de trenzinho Lionel. O raio caiu na árvore e um fogo branco-azulado elétrico estraçalhou sua base encarquilhada, produzindo gravetos e palitos apropriados a um gigante de contos de fada. A árvore tombou dentro do rio estrondosamente, atirando água bem alto no ar. Ben sufocou uma exclamação de pavor, suas narinas sentiram um cheiro quente, esquisito, diferente. Uma bola de fogo percorreu o corpo da árvore afogada, pareceu brilhar mais intensamente e desapareceu. O trovão explodiu, não acima deles, mas *à volta* deles, como se permanecessem no centro da explosão. A chuva caiu mais forte. Bill bateu-lhe nas costas, arrancando-o de sua atordoada contemplação daqueles fenômenos. - *V-V-Va-VAMOS!*

Ben obedeceu, chapinhando na água e tropeçando ao longo da margem, os cabelos caindo sobre os olhos. Chegou à árvore - a pequena caverna entre as raízes, abaixo dela, havia sido bloqueada - e escalou o tronco, fincando os dedos dos pés na casca molhada, arranhando as mãos e antebraços.

Bill e Richie ajudaram Eddie a passar sobre a árvore e, quando ele deslizou para o lado oposto, Ben o aparou. Ambos caíram embolados ao chão. Eddie gritou. - Você está bem? - gritou Ben. - Acho que sim - Eddie gritou de volta, levantando-se. Puxou o aspirador do bolso, quase o deixou cair. Ben o apanhou para ele e Eddie o fitou com gratidão, enquanto enfiava o aspirador na boca e o fazia funcionar. Richie escalou o tronco caído, seguido por Stan e Mike. Bill ajudou Beverly a passar sobre a árvore e Richie auxiliou-a na descida do lado oposto. Ela estava com os cabelos colados à cabeça, as calças jeans agora negras. Bill foi o último. Impeliu-se para o alto do tronco e girou as pernas para o outro lado. Viu Henry e os outros dois chapinhando no rio em direção a eles e, quando escorregou do outro lado da árvore tombada, gritou: - Pe-pe-pedras! Joguem pedras! Havia uma profusão de pedras na margem, e a árvore derrubada pelo raio formava uma barricada perfeita. Em poucos instantes, todos eles estavam atirando pedras em Henry e seus amigos. Os perseguidores já tinham chegado à árvore, de maneira que a pontaria era à queima-roupa. Henry, Victor e Arroto foram impelidos para trás, gritando de dor e de raiva, enquanto pedradas caíam em seus rostos, peitos, braços e pernas. - Venha ensinar-nos a jogar pedras! - berrou Richie, e atirou uma em Victor, do tamanho de um ovo de galinha. Ela atingiu o ombro e ricocheteou, subindo quase em linha reta no ar. Victor deu um berro. - Eu digo... Eu digo... continue ensinando, cara! Nós aprendemos *depressa!*

- *Iiiii-aaaah!* - gritou Mike. - Que tal esta? Que tal *esta?*

Não tiveram grande resposta. Os outros recuaram para fora de alcance e então reuniram-se. Um momento mais tarde, subiam a margem, escorregando e deslizando na viscosa terra molhada, já rendilhada por pequeninos regatos que se dividiam, segurando- se aos galhos para permanecerem em pé. O trio desapareceu no matagal baixo. - Eles vão dar a volta e chegar pela retaguarda, Grande Bill - disse Richie, empurrando os óculos para o alto do nariz. - C-Ce-Certo - respondeu Bill. - V-V-Vamos, B-B-Ben. Iremos a-atrás de vo-você. Ben trotou ao longo da terraplenagem, fez uma pausa (esperando que Henry e os outros irrompessem diante dele a qualquer momento) e avistou a estação de bombeamento, vinte metros mais além. Os outros o seguiram até lá. Puderam ver mais cilindros na margem oposta, um bastante próximo, os demais colocados quarenta metros rio acima. Aqueles dois estavam despejando impetuosas torrentes de água lodosa no Kenduskeag, mas apenas um filete escorria do cano que despontava da rampa, abaixo do primeiro. Ben percebeu que nenhum deles emitia zumbidos. Os mecanismos das bombas estavam avariados. Ele olhou pensativamente para Bill... e com algum medo. Bill olhava para Richie, Stan e Mike. - V-V-Vamos tirar o ta-tampão - disse. - A-A-Ajudem-me. Havia puxadores no ferro, mas a chuva os tornava escorregadios e o tampão, em si, era incrivelmente pesado. Ben ficou ao lado de Bill, e este afastou um pouco as mãos, para dar espaço. Ben podia ouvir a água escorrendo para o interior - um som ecoante e desagradável, como de água caindo em um poço. - *A-A-AGORA!* - gritou Bill.

Os cinco empenharam-se ao mesmo tempo. O tampão se moveu, com um feio som rangente. Beverly agarrou o puxador ao lado de Richie e Eddie ajudou, com seu braço ileso. - Um, dois, três, *já!* - cantou Richie. O tampão rangeu um pouco mais, soltando-se mais do topo do cilindro. Agora, revelou-se um crescente de escuridão. - Um, dois, três, *já!* O crescente engordou. - Um, dois, três, *já!*

Ben empurrou, até pontos vermelhos dançarem diante de seus olhos. - Recuem! - gritou Mike. - Lá vai ele, vai cair! Eles recuaram e ficaram espiando, enquanto o enorme tampão circular balançava, desequilibrava-se e caía. Ao cair, produziu uma fenda na terra molhada, aterrando com a parte interna para cima, como uma enorme pedra de jogo de damas. Insetos rastejaram apressadamente de sua superfície para a relva espessa. - Irk! - fez Eddie. Bill espiou para o interior. Degraus de ferro desciam para uma poça circular de água negra, cuja superfície era agora pontilhada pelos pingos de chuva. A bomba silenciosa pontificava no meio daquilo, meio submersa. 1087Ele pôde ver água fluindo para dentro da estação de bombeamento, despejada por seu cano de afluência. Com um aperto no estômago, pensou: *É para lá que temos de ir. Lá para dentro...*

- E-E-Eddie! A-Agarre-se a m-m-mim! Eddie olhou para ele, sem entender. - Trepe em mi-minhas co-costas. Segure-se c-c-com o braço b-bom. As-Assim! - disse Bill, mostrando como seria. Eddie entendeu, mas parecia relutante. - Depressa! - bufou Bill. - E-E-Eles já *v-vão* che-chegar! Eddie agarrou-se ao pescoço de Bill; Stan e Mike o ajudaram, a fim de que passasse as pernas em torno da cintura de Bill. Quando Bill oscilou desajeitadamente sobre a borda do cilindro, Ben reparou que os olhos de Eddie estavam fechados com força. Acima da chuva, ele pôde ouvir outro som: ramos que se agitavam, galhos finos quebrando-se, vozes, Henry, Victor e Arroto. A mais horrenda carga de cavalaria do mundo. Bill aferrou o áspero topo de concreto do cilindro e tateou o jeito de descer, cuidadosamente, passo a passo. Os degraus de ferro estavam escorregadios. Eddie o apertava em desespero, quase o sufocando, e ele imaginou que estava tendo uma excelente demonstração gráfica do que seria a asma do companheiro. - Estou com medo, Bill - sussurrou Eddie. - E-E-Eu ta-ta-também. Soltou-se da borda de concreto e agarrou-se ao primeiro degrau. Embora Eddie quase o matasse de falta de ar e dando a impressão de que aumentara vinte quilos, Bill pausou um momento, olhando para os Barrens, para o Kenduskeag, para as nuvens que corriam no céu. Uma voz interior - não uma voz amedrontada, mas firme - lhe tinha dito que espiasse bem, para o caso de nunca mais tornar a ver o mundo superior. Assim, ele olhou, depois recomeçando a descer, com Eddie aferrado às suas costas. - Não vou conseguir segurar-me por muito tempo - gemeu Eddie. - Nem v-v-ai pr-precisar - disse Bill. - E-Estamos q-q-quase no f-f-fundo.

Um de seus pés tocou água gelada. Ele tateou para o degrau seguinte e o encontrou. Havia mais outro abaixo daquele, e então a escada terminava. Ele se viu em pé ao lado da bomba, com água pelos joelhos. Agachou-se, pestanejou quando a água fria lhe molhou as calças, e deixou Eddie descer de suas costas. Respirou fundo. O cheiro não era tão terrível, porém melhor ainda era não ter o braço de Eddie apertado em sua garganta. Ergueu os olhos para a boca do cilindro. Ficava uns três metros acima de sua cabeça. Os outros agrupavam-se em torno da borda, espiando para baixo. - V-V-Venham! - gritou. - U-Um de ca-cada vez! Depressa! Beverly foi a primeira, passando sem dificuldade sobre a borda e agarrando o degrau superior. Stan veio em seguida. Os outros o seguiram. Richie foi o último, parando de vez em quando para ouvir o progresso de Henry e seus amigos. A julgar pela barulheira que faziam, imaginou que eles provavelmente passassem um pouco à esquerda daquela estação de bombeamento, embora isso não fizesse grande diferença. Nesse momento, Victor berrou: - Henry! Lá! Tozier! Richie olhou em torno e viu que eles corriam em sua direção. Victor vinha à frente... mas Henry o empurrou com brutalidade para um lado e ele escorregou, caindo de joelhos. Sim, Henry estava realmente com uma faca, mais apropriada para matar porcos. Gotas de água pingavam da lâmina. Richie olhou para dentro do cilindro, viu Ben e Stan ajudando Mike a sair da escada, e então passou as pernas pela borda. Henry compreendeu o que ele fazia e gritou seu nome. Rindo loucamente, Richie bateu com a mão direita na dobra do cotovelo direito e ergueu o antebraço para o céu, a mão fechada no que talvez seja o gesto mais antigo do mundo. Para certificar-se de que Henry entendera bem, esticou o dedo médio para cima. - *Vocês vão morrer aí embaixo!* - berrou Henry. - *Prove!* - gritou Richie, com uma gargalhada. Estava apavorado à idéia de intrometer-se naquela garganta de concreto, mas não conseguia parar de rir. È, em sua Voz de Tira Irlandês, vangloriou-se: - Certo como o dia, a sorte do irlandês nunca cessa, meu rapaz! Henry escorregou na relva molhada e caiu estatelado sobre o traseiro, a menos de seis metros de onde estava Richie, com o pé firmado no primeiro degrau da escada no interior do cilindro, a cabeça e o peito assomando para fora. - *Ei, casca de banana!* - gritou Richie, delirante de triunfo. Depois, começou a descer a escada. Os degraus de ferro deslizavam e, em certa ocasião, ele quase caiu. Então, Bill e Mike o agarraram, e ele ficou em pé, com água pelos joelhos, junto aos companheiros, formando um apertado círculo em volta da bomba. Tremia de alto a baixo, sentia arrepios quentes e frios perseguindo-se em suas costas, mas ainda assim não podia parar de rir. - Você devia ter visto o cara, Grande Bill, desajeitado como nunca, sem conseguir perder o jeitão de operário... A cabeça de Henry apareceu na abertura circular ao alto. Vergões produzidos por galhos e gravetos riscavam suas bochechas. A boca se movia e os olhos fuzilavam. - Muito bem! - gritou para eles. Suas palavras tinham uma ressonância monótona dentro do tubo de concreto, sem serem bem um eco. - Lá vou eu! Agora pego vocês! Passou uma perna pela borda, tateou o primeiro degrau com o pé, encontrou-o, procurou o seguinte. Falando alto, Bill disse:

- Q-Q-Quando ele des-descer o su-suficiente, nós t-t-todos o a-agarramos e pu- puxamos p-p-para ba-baixo. V-Vamos en-enfiá-lo na á-á-água. E-E-E-Entenderam? - Perfeito, chefe - disse Richie, fazendo continência com uma mão trêmula. - Morei - respondeu Ben. Stan deu uma piscadela para Eddie, que não compreendia o que estava acontecendo - exceto que Richie lhe parecia ter ficado maluco. Ele ria como doido, enquanto Henry Bowers - o *temido* Henry Bowers - preparava-se para descer e matar todos eles, como ratos em uma barrica com água da chuva. - Todos prontos para ele, Bill! - Stan gritou. Henry ficou hirto, após descer três degraus. Olhou para os Perdedores lá no fundo, por sobre o ombro. Pela primeira vez, pareceu duvidoso. Eddie finalmente entendeu. Se eles descessem, teriam que vir de um em um. A altura era demasiada para um salto, especialmente quando a aterragem seria sobre os mecanismos da bomba - e lá estavam eles, todos os sete, esperando em apertado círculo. - V-V-Venha, H-Henry! - disse Bill, em voz convidativa e agradável. - O q-q-que está es-esperando? - Isso mesmo! - exclamou Richie, em tom idêntico. - Você não gosta de bater em meninos menores? Pois então venha, Henry! - Estamos esperando, Henry - disse Bev docemente. - Acho que não vai gostar muito quando chegar aqui, mas venha, se está com vontade. - A menos que seja medroso como uma galinha - acrescentou Ben. Começou a cacarejar. Richie se juntou a ele imediatamente, e logo todos faziam o mesmo. A zombaria ecoava entre as paredes úmidas e gotejantes. Henry olhou para eles, a faca aferrada na mão esquerda, o rosto da cor de tijolos velhos. Ficou talvez uns trinta segundos pensativo, depois recomeçou a subir. Os Perdedores enviavam-lhe miados e insultos. - M-M-Muito b-bem - disse Bill, agora falando em voz mais baixa. - T-Temos que ir p-para uen-dentro daquele en-encanamento. D-D-Depressa. - Por quê? - perguntou Beverly. Bill não se deu ao trabalho de responder. Henry reapareceu na borda da estação de bombeamento e deixou cair uma pedra, do tamanho de uma bola de futebol, dentro do cilindro. Beverly gritou e Stan puxou Eddie contra a parede circular, com um grito rouco. A pedra bateu na enferrujada caixa protetora dos mecanismos da bomba, produzindo um

booong! musical. Ricocheteou para a esquerda e atingiu a parede, perdendo Eddie por menos de quinze centímetros. Uma lasca de concreto voou dolorosamente contra sua face. Depois, a pedra caiu na água, com um ruído chapinhado. - *D-D-Depressa!* - Bill gritou novamente. Eles amontoaram-se à volta do cano de afluência da estação de bombeamento. Teria cerca de metro e meio de diâmetro. Bill os enviou um após o outro (por sua consciência passou uma imagem de circo, em um relance meteórico - todos os enormes palhaços, saindo do carro pequenino; muitos anos depois, ele usaria a mesma imagem em um livro intitulado *As negras corredeiras)* e subiu por último, após esquivar-se de outra pedra que caía. Enquanto eles olhavam, mais pedras foram atiradas para baixo, a maioria batendo na caixa da bomba e ricocheteando em ângulos loucos. Quando as pedras terminaram de cair, Bill espiou para fora do encanamento e viu que Henry tornava a descer a escada, o mais depressa que podia. - *P-P-Peguem e-e-ele!* - gritou para os companheiros. 1091Richie, Ben e Mike chapinharam atrás de Bill. Richie estirou-se e agarrou o tornozelo de Henry. Henry praguejou, sacudindo a perna como se tentasse livrar-se de um

cachorrinho com dentes grandes - um terrier, talvez, ou um pequinês. Richie aferrou-se a um degrau, estirou-se mais e, realmente, conseguiu fincar os dentes no tornozelo de Henry. Henry gritou, começando a içar-se rapidamente. Um de seus tênis saiu do pé, bateu na água e afundou em segundos. - Ele me mordeu! - Henry estava gritando. - Me mordeu! O filho da puta me mordeu! - Ainda bem que fui vacinado contra tétano esta primavera! - gritou Richie para ele. - Vamos acabar com eles! - berrou Henry, furioso. - Acabar com eles, mandá-los de volta à idade da pedra, explodi-los! Mais pedras voaram. Os garotos recuaram novamente para o encanamento, a toda pressa. Mike foi atingido em um braço por uma pedra pequena, e o apertou com força, pestanejando, até que a dor diminuísse. - É um beco sem saida - disse Ben. - Eles não podem descer e nós não podemos subir. - Nós não v-v-vamos su-subir - disse Bill quietamente, - e v-vocês t-todos s-s- sabem dis-so. N-N-Não v-v-vamos su-su-subir m-m-mais. Os outros o fitaram ao mesmo tempo, com expressão ferida e temerosa. Ninguém disse nada. A voz de Henry, furiosa mascarando a zombaria, desceu até eles: - Ei, caras! Nós podemos esperar aqui o dia inteiro! Beverly se virará e estava espiando ao longo da tubulação. A claridade ficava rapidamente difusa, impedindo que visse grande coisa. Podia apenas distinguir um túnel de concreto, com o terço inferior cheio de água corrente. O nível da água estava agora mais alto do que quando tinham espremido ali da primeira vez, conforme pôde perceber; devia ser porque a bomba não funcionava, com apenas parte da água saindo para o Kenduskeag. Sentiu a claustrofobia apertar-lhe a garganta, deixando a forração mucosa com uma sensação de flanela. Se a água subisse o suficiente, eles se afogariam. - O que temos de fazer, Bill? Ele deu de ombros. Isso dizia tudo. O que iriam fazer; o que havia para fazerem? Serem mortos por Henry, Victor e Arroto, nos Barrens? Ou por algo mais - talvez algo pior - na cidade? Ela agora compreendia perfeitamente os pensamentos dele; não havia gagueira naquele encolher de ombros. Seria melhor irem ao encontro da Coisa. Botá-la para fora, fazê-la revelar-se, como o episódio final de um filme de faroeste. Mais limpo. E mais corajoso também. - Que ritual é aquele de que falou, Grande Bill? - perguntou Richie - Aquele, no livro da biblioteca? - *R-R-Ritual de Ch-Ch-Chüd* - respondeu Bill, sorrindo de leve. - *Chüd...* - Richie assentiu. - Você morde a língua da Coisa e Ela morde a sua, não é isso? - C-C-Certo. - Então, você conta piadas. Bill assentiu. - Gozado - disse Richie, olhando para o fundo da escura tubulação. - Não consigo me lembrar de nenhuma. - Nem eu - disse Ben. O medo pesava em seu peito, quase sufocante. Sentia que a única coisa a impedi- lo de sentar-se na água e chorar como um bebê - ou enlouquecer, apenas - era a presença calma e serena de Bill... e de Beverly. Decididamente, preferia morrer a deixar que ela percebesse o quanto tinha medo.

- Sabe para onde vai este encanamento? - Stan perguntou a Bill. Bill negou com a cabeça. - Sabe como encontrar A Coisa? Bill tornou a menear a cabeça. - Saberemos quando estivermos chegando perto - disse Richie, de repente. Ele inspirou ar, profunda e tremulamente. - Se tivermos que fazer isso, então, que seja logo! Bill assentiu. - Eu i-irei na fr-fr-frente. Depois E-E-Eddie. B-B-Ben. Bev. S-S-Stan, o Ho-Ho- Homem. M-M-Mike. Você p-por ú-último, Ri-Richie. Ca-Cada um po-porá a m-mão no ombro da pe-pessoa à f-f-frente. Vai fi-ficar e-e-escuro. - Vocês não vão sair? - berrou Henry Bowers para eles. - Vamos sair por outro lugar - murmurou Richie. - Acho eu. Começaram a caminhar, como que em procissão de cegos. Bill olhou para trás uma vez, confirmando que cada um tinha a mão no ombro da pessoa à frente. Então, inclinando-se ligeiramente para diante, contra o curso da corrente, conduziu seus amigos para a escuridão, o lugar onde tinha ido parar o barco que havia feito para o irmão, quase um ano antes.

CAPÍTULO 20

Fecha-se o círculo

1

Tom

Tom Rogan estava tendo uma droga de sonho maluco. No sonho, ele matava seu pai. Parte de sua mente compreendia o quanto tudo aquilo era louco; o pai dele morrera quando Tom estava ainda no terceiro grau. Bem... "morrera" talvez não fosse a melhor palavra. "Suicidara-se" talvez fosse preferível. Ralph Rogan havia preparado para si mesmo um coquetel de gim e soda cáustica. O último da noite, poder-se-ia dizer. Tom ficou aos cuidados do irmão e das irmãs, começando então a levar "surras", se qualquer coisa andasse errada com eles. Portanto, não podia ter matado o pai... exceto que, naquele atordoante sonho, encostava o que parecia o cabo inofensivo de alguma coisa no pescoço dele... bem, mas não era exatamente inofensivo, era? Havia um botão no final da empunhadura e, se o apertasse, uma lâmina saltaria, atravessando instantaneamente o pescoço de seu pai. *Não vou fazer nada disso, papai, não se preocupe,* pensava sua mente sonhadora, pouco antes de seu dedo pressionar o botão e a lâmina saltar. Os olhos adormecidos de seu pai se abriram e fitaram o teto; a boca de seu pai também se abriu, deixando escapar um som gorgolejante. *Não fui eu que fiz isso, papai!,* gritava sua mente. *Alguém mais...*

Lutava para acordar e não conseguia. O melhor que pôde (e, afinal, não foi nada bom) foi deslizar para um novo sonho. Neste, ele chapinhava e escorregava na água, caminhando por um longo túnel escuro. Seus colhões estavam doloridos e seu rosto ardia, em virtude dos vergões que o cortavam. Com ele havia outras pessoas, porém distinguia apenas sombras vagas. De qualquer modo, não fazia diferença. O importante eram os garotos, seguindo o mesmo trajeto, em algum ponto à frente. Eles precisavam pagar. Precisavam

(levar uma surra)

ser castigados. Fosse qual fosse aquele purgatório, tinha um cheiro terrível. Havia água pingando e ecoando. Seus sapatos e as calças estavam encharcados. Os merdinhas encontravam-se em algum ponto adiante, naquele labirinto de túneis, talvez pensando que

(Henry)

Tom e seus amigos terminariam perdidos. O curioso é que o inverso era verdadeiro *(ha-ha para vocês* todos!) porque ele tinha outro amigo, oh, sim, um amigo especial, que havia marcado o caminho a seguir com... com...

(balões da lua)

troços grandes e redondos, de algum modo iluminados por dentro, emitindo uma luminosidade semelhante à que escapa misteriosamente das lâmpadas nos postes antigos de iluminação. Um daqueles balões flutuava e oscilava em todo cruzamento e, ao lado de cada um, havia uma flecha apontando o caminho, a ramificação do túnel que ele e

(Arroto e Victor)

seus amigos invisíveis tomariam. E aquele era o caminho *certo,* claro; podia ouvir os outros à frente, sua chapinhada avançada ecoando em intermitências até ele, os murmúrios distorcidos das vozes deles. E agora, com seus amigos, estava chegando mais perto, diminuindo a distância. E então, quando pusesse as mãos neles... Tom baixou os olhos e viu que ainda segurava a faca de mola. Ficou um instante amedrontado - aquilo era como uma daquelas loucas experiências astrais que às vezes lia nos tablóides semanais, situações em que o espírito abandona o corpo e penetra no de mais alguém. E ele sentia diferença na forma de seu corpo no sonho, como se não fosse o seu, mas o de outra pessoa, de

(Henry)

alguém mais novo. Começou a esforçar-se para encerrar o sonho, em pânico, mas então uma voz falava com ele, uma voz balsâmica, sussurrando em seu ouvido: *Não importa* quando *é isto e tampouco importa quem* você *é. Importa apenas que Beverly está lá adiante, que está com eles, meu bom amigo, e sabe de uma coisa? Ela andou fazendo coisas bem piores do que fumar escondido. Sabia disso? Ela andou transando com o velho amigo Bill Denbrough! Sim, isso mesmo! Ela e a bicha do gaguinho, na cama! Eles... Mentira!,* ele tentou gritar. *Ela não ousaria!*

Contudo, ele sabia que não era mentira. Ela usara o cinto para bater em seus

(chutou-me nos)

colhões e fugira. Agora, ela o tinha traído, a cadela

(garota)

a putinha de fato o *traíra* e, oh, caros amigos, oh, caros vizinhos, ela ia levar a sova das sovas - primeiro ela, depois Denbrough, seu *amigo* escritor de romances. E se alguém tentasse impedi-lo, ia entrar na dança também.

Ele apressou o passo, embora a respiração já sibilasse, entrando e saindo de sua garganta. Mais à frente, avistou outro círculo luminoso pairando na escuridão - outro balão da lua. Podia ouvir as vozes das pessoas à sua frente, e o fato de serem vozes infantis, deixara de preocupá-lo. Era bem como havia dito a voz: não importava *onde, quando* ou *como. Beverly* estava lá adiante e, oh, caros amigos, oh, bons vizinhos... - Andando, caras, movam os traseiros - disse ele, pouco ligando para o fato de estar falando, não com sua voz, mas com a de um garoto. Então, ao se aproximarem do balão da lua, ele olhou em torno e viu os companheiros pela primeira vez. Ambos estava mortos. Um não tinha cabeça. O rosto do outro fora dividido ao meio, como que por enorme esporão. - Estamos andando o mais depressa que podemos, Henry - falou o garoto de cara dividida. Os lábios dele moviam-se em dois pedaços, um desencontrado do outro. Tom soltou um grito esganiçado, o sonho estilhaçou-se em pedaços e ele retornou ao seu próprio eu, pairando na borda do que sentia ser um enorme espaço vazio. Lutou para manter o equilíbrio, perdeu-o e caiu ao chão. O piso era acarpetado, mas ainda assim a queda produziu um lancinante jato de dor, que varou seu joelho ferido. Ele sufocou outro grito, colando a boca ao antebraço.

Onde estou? Porra, onde estou?

Teve a percepção de uma fraca, mas nítida luz branca e, por um aterrador momento, julgou-se novamente de volta ao sonho, imaginando ser a luminosidade espargida por um daqueles loucos balões. Então, recordou ter deixado a porta do banheiro parcialmente aberta e ligada a luz fluorescente de lá. Sempre deixava a luz acesa, quando em um lugar estranho; isso evitava que esfolasse as canelas, se tivesse que se levantar à noite, para urinar. Aquilo colocou a realidade no lugar. Tudo havia sido um sonho, uma loucura, mas sonhada. Estava em um Holiday Inn. Ali era Derry, Maine. Viera atrás de sua esposa e, no meio daquele pesadelo idiota, terminara caindo da cama. Era tudo, resumindo em poucas palavras.

Aquilo não fora apenas um pesadelo.

Ele saltou, como se as palavras houvessem sido ditas ao lado de seu ouvido, em vez de no interior de sua própria mente. Aliás, não mostrava a mais remota semelhança com sua voz interior - era fria, desconhecida... mas de algum modo, hipnótica e crível. Levantou-se lentamente, tateou em busca do copo d'água na mesinha-de-cabeceira e o bebeu. Passou as mãos trêmulas pelos cabelos. O relógio da mesinha marcava três e dez da madrugada.

Durma novamente. Espere que amanheça.

Aquela voz alienígena respondeu: *Bem, mas haverá gente por aqui, de manhã - gente demais. E, por outro lado, desta vez você pode* derrotá-los *lá embaixo. Desta vez, poderá ser o* primeiro.

Lá embaixo? ele recordou o sonho: a água, o escuro gotejante. De repente, a luz pareceu mais brilhante. Ele virou a cabeça, não querendo, mas impotente para impedir-se. Um grunhido escapou-lhe da boca. Havia um balão atado à maçaneta da porta do banheiro. O balão espargia luminosidade, estava cheio de uma fantasmagórica luz branca, flutuando na ponta de um cordel com cerca de um metro de comprimento; assemelhava-se a um fogo-fátuo vislumbrado em um pântano, flutuando sonhadoramente por entre árvores de onde pendiam cinzentas cordas de musgo. Na pele suavemente inflada do balão havia uma flecha impressa, uma flecha escarlate-sangue. E apontava para a porta que levava ao corredor.

De fato, não importa quem eu seja, disse a voz suavemente, e Tom agora percebeu que ela não brotava de sua cabeça ou de junto do ouvido; vinha do balão, do centro daquela estranha e adorável luz branca. *Importa apenas que vou providenciar para que tudo saia segundo a sua vontade, Tom. Quero vê-la levar uma surra; quero ver* todos *eles serem surrados. Já cruzaram demais o meu caminho... e fizeram isso quando o dia estava bem avançado para eles. Portanto, escute, Tom. Ouça com toda atenção. Estão todos juntos agora... siga a bola oscilante...*
Tom ouviu. A voz que vinha do balão explicou. Explicou tudo. Quando terminou, o balão explodiu em um jato final de luz, e Tom começou a vestir-se.

2

Audra

Audra também teve pesadelos. Despertou com um sobressalto, sentou-se na cama como impelida por uma mola, o lençol repuxado à volta da cintura, os pequenos seios movendo-se com a respiração rápida e agitada. Como o de Tom, seu sonho havia sido uma confusa e desagradável experiência. E, como Tom, ela tivera a sensação de ser outra pessoa - ou, antes, de ter a própria consciência depositada (e parcialmente submergida) em outro corpo e outra mente. Vira- se em um lugar escuro, com várias pessoas mais à sua volta, cônscia de uma opressiva sensação de perigo - estavam caminhando deliberadamente para o perigo e ela queria gritar para que eles parassem, pedir que lhe explicassem o que ocorria... mas a pessoa em quem se fundira parecia saber, parecia achar que era necessário. Também estava cônscia de que eram perseguidos, que seus perseguidores pouco a pouco chegavam mais perto. Bill estivera no sonho, mas a história sobre como esquecera a infância devia ter estado na mente dela porque, no sonho, ele era apenas um menino, com dez ou doze anos de idade - ainda tinha a cabeleira intacta! Ela lhe segurava a mão, vagamente consciente de que o amava muito que sua aquiescência em prosseguir baseava-se na firme crença de que Bill a protegeria e a todos eles, que Bill, o Grande Bill, de algum modo os conduziria através daquilo, de volta novamente à luz do dia. Oh, mas estava tão amedrontada! Chegaram a uma ramificação de muitos túneis, e Bill parou, olhando para os companheiros, de um em um. Um deles - um garoto de braço engessado, que reluzia na escuridão com uma brancura espectral - falou então: - Aquele lá, Bill. O último. - T-T-Tem ce-certeza? - Tenho. Então, tinham seguido aquele rumo e depois encontraram uma porta, uma porta minúscula, com não mais de um metro de altura, o tipo de portinhola que se encontraria em um conto de fadas. Havia uma marca naquela porta. Audra não recordava que marca era, que estranho hieroglifo ou símbolo seria. No entanto, fora suficiente para focalizar

todo o seu terror em um ponto, e então se subtraíra daquele outro corpo, do corpo daquela garota, fosse

(Beverly-Beverly)

ela quem fosse. Despertou, erguendo-se sobressaltada em uma cama estranha, suando, de olhos esbugalhados, ofegando, como se acabasse de disputar uma corrida. Suas mãos voaram para as pernas, meio esperando encontrá-las molhadas e frias pela água onde estivera caminhando, dentro de sua cabeça. No entanto, as pernas estavam secas. Seguiu-se a desorientação - aquela não era a sua casa em Topanga Canyon ou a casa alugada na Fleet. Não era lugar algum - apenas um limbo mobiliado com uma cama, uma cômoda, duas cadeiras e uma televisão. - Por Deus, vamos, Audra... Esfregou as mãos rispidamente no rosto, e aquela doentia sensação de vertigem mental recuou. Estava em Derry. Derry, no Maine, onde seu marido crescera e tivera uma infância de que agora dizia não mais se lembrar. Não era um lugar familiar para ela e, pelo que pressentia, tampouco um bom lugar mas, pelo menos, era um lugar conhecido. Estava em Derry porque era ali que Bill também estava. Iria vê-lo amanhã, no Town House de Derry. Enfrentariam juntos o que quer que houvesse de errado ali, o que quer que significassem aquelas novas cicatrizes nas mãos dele. Ligaria para Bill, diria que estava em Derry e depois iria ao seu encontro. Em seguida... bem... De fato, ela não fazia a menor idéia do que poderia ocorrer em seguida. Aquela vertigem, a sensação de estar em um lugar que, de fato, era lugar-nenhum, voltava a ameaçar. Quando tinha dezenove anos, Audra fizera um rápido *tour* com uma pequena e desconjuntada companhia produtora, e haviam sido quarenta encenações não tão maravilhosas de *Arsenic and Old Lace,* em quarenta não tão maravilhosas cidadezinhas e vilas. Tudo isto em quarenta e sete não tão maravilhosos dias. Começaram no Teatro Peabody Dinner, em Massachusetts e terminaram no Play It Again, de Sausalito. E, em algum ponto do trajeto, em qualquer vilarejo do Meio-Oeste, como Ames, em Iowa, Grand Isle, no Nebraska ou ainda Jubilee, na Dakota do Norte, ela acordara assim, no meio da noite, apavorada pela desorientação, insegura quanto à cidade em que se encontrava, que dia era e por que estava onde quer que estivesse. Até o próprio nome lhe parecera irreal. A mesma sensação retornava agora. Os pesadelos a tinham levado a despertar e ela sentia o terror correndo solto. A cidade parecia ter-se enrolado à sua volta, como uma píton. Audra podia percebê-la, e os sentimentos que ela produzia nada tinham de bons. Viu-se desejando ter dado ouvidos aos conselhos de Freddie e ficado onde estava antes. Sua mente fixou-se em Bill, insistiu em fixar o pensamento nele, à maneira de uma mulher que se sente afogar e agarra-se a uma tábua, um salva-vidas, qualquer coisa que

(todos nós flutuamos aqui embaixo, Audra)

flutue. Um arrepio a sacudiu e ela cruzou os braços sobre os seios nus. Estremeceu e viu carocinhos de arrepios abrirem caminho por sua carne. Por um momento, pareceu-lhe que uma voz falara alto, mas dentro de sua cabeça. Como se lá houvesse uma presença desconhecida.

Estarei ficando louca? Deus, o que será isto? Não, respondeu sua mente. *É apenas desorientação... fadiga de jato. .. preocupação com seu homem. Ninguém está falando dentro de sua cabeça. Ninguém...*

“Nós flutuamos aqui embaixo, Audra”, disse uma voz, vinda do banheiro. Era uma voz real, real como casas. E dissimulada. Dissimulada e obscena, maligna. “Você flutuará também.”A voz proferiu uma gostosa risadinha, que foi caindo de tom até soar orno água borbulhando rapidamente por um encanamento. Audra gritou... depois apertou as mãos contra a boca.
- *Eu não ouvi isso!* - disse em voz alta, esperando que aquela outra voz a contradissesse. Houve apenas silêncio. O quarto estava silencioso. Em alguma parte, muito longe, um trem apitou na noite. De repente, ela sentiu tal necessidade de Bill, que parecia impossível aguardar o dia clarear. Audra estava em um quarto padronizado de motel, exatamente igual às outras trinta e nove unidades do estabelecimento mas, de repente, tudo ultrapassou os limites. Tudo. Quando a gente começa a ouvir vozes, isso é simplesmente demais. Demasiado amedronta-dor. Ela parecia estar novamente deslizando para o pesadelo de que custara tanto a escapar. Estava com medo e sentindo-se muito só. *É pior do que isso,* pensou. *Eu me sinto morta.* Seu coração falhou repentinamente duas batidas no peito, fazendo-a arquejar e dar uma tossidela súbita. Houve um instante de pânico de prisão, de claustrofobia, dentro do próprio corpo. Ela se perguntou se todo aquele terror não teria um fundamento físico imbecilmente comum, afinal de contas: talvez estivesse caminhando para um ataque cardíaco. Ou já estivesse tendo um. Seu coração voltou a bater, mas irregularmente. Audra acendeu a luz da mesa-de-cabeceira e consultou o relógio. Três e doze da madrugada. Bill estaria dormindo, porém isso não fazia diferença para ela agora - nada importava, exceto ouvir a voz dele. Queria terminar a noite com ele. E, tendo Bill ao lado, seus mecanismos ficariam sincronizados ao dele, estabilizando-se. Os pesadelos se manteriam a distância. Ele vendia pesadelos aos outros - era seu ofício - mas, para ela, nada mais transmitira além de paz. Por fora daquela fria e estranha engrenagem instalada na imaginação de Bill, ele parecia feito e destinado apenas para a paz. Apanhando as Páginas Amarelas, ela encontrou o número do Hotel Town House de Derry, e o discou. - Town House de Derry. - Por favor, quer ligar para o quarto do Sr. Denbrough? Sr. Wil-üam Denbrough? - Será que esse cara nunca recebe telefonemas de dia? - falou o recepcionista. Antes que ela pudesse perguntar o que *isso* significava, o homem já fizera sua ligação. O telefone zumbiu uma, duas, três vezes. Ela podia imaginá-lo dormindo, coberto inteiramente, com apenas o topo da cabeça de fora: podia imaginar uma mão destacando-se das cobertas, tateado pelo telefone. Já o vira fazer isso antes, e um ligeiro, enternecido sorriso repuxou seus lábios. O sorriso desapareceu, quando o telefone chamou uma quarta vez... e uma quinta, depois uma sexta. Na metade do sétimo toque, a ligação foi interrompida. - O quarto não responde. - De fato, Sherlock - falou Audra, mais perturbada e amedronte da do que nunca. - Tem certeza de que ligou para o quarto certo? - Absoluta - replicou o recepcionista. - O Sr. Denbrough recebeu uma chamada interna, há menos de cinco minutos. Sei que ele atendeu, porque a luz ficou acesa na mesa telefônica um ou dois minutos Ele deve ter ido ao quarto de quem o chamou. - Bem, e que quarto era? - Não me lembro. Acho que ficava no sexto andar. Mas...

Ela depositou o fone no gancho. Uma estranha, desanimadora certeza a invadiu. Era uma mulher. Alguma mulher o chamara... e ele fora ao seu encontro. Bem, e agora, Audra? Como resolver isto? Sentiu a ameaça das lágrimas, ardendo nos olhos e nariz. Podia perceber o soluço engasgado no fundo da garganta. Não era raiva, pelo menos ainda não... apenas um doentio senso de perda e abandono.

Controle-se, Audra. Está tirando conclusões precipitadas. É madrugada, você teve um pesadelo e agora imagina Bill com outra mulher. Afinal, não tem que ser necessariamente isso. O que vai fazer é ficar acordada - porque não conseguirá pegar no sono de novo. Acenda algumas luzes e termine de ler o romance que lia no avião. Lembra-se do que Bill costuma dizer? É o melhor narcótico. Livro-Valium. Deixe de tolices. Esqueça os medos, isso de ouvir vozes. Dorothy Sayers e Lord Peter, eis a pedida. Os nove marujos. *Isso a fará chegar até o romper do dia. Isso a...*
A luz do banheiro acendeu-se de repente; ela podia vê-la, por baixo da porta. Então, o trinco estalou e a porta rangeu, se abrindo. Audra fitou aquilo, de olhos arregalados, os braços instintivamente tornando a cobrir os seios. Seu coração voltou a martelar as costelas e o gosto azedo da adrenalina inundou sua boca. Aquela voz, baixa e arrastada, disse: - Todos nós flutuamos aqui embaixo, Audra. - A última palavra transformou-se em um longo e surdo grito, que se foi desvanescendo - *Auudraaaa...* - para terminar de novo naquele som mórbido, sufocado e borbulhante, tão parecido a uma risada. - Quem está aí? - gritou ela, recuando. Isso *não foi minha imaginação, de jeito nenhum, não me venham dizer que...*

Houve um clique, quando o botão da televisão se ligou. Audra girou em torno e viu, na tela, um palhaço de traje prateado, com enormes botões alaranjados, executando cabriolas. Havia órbitas negras onde deveriam ficar os olhos e, quando ps lábios pintados estiraram-se em um sorriso ainda maior, ela viu dentes semelhantes a navalhas. O palhaço segurava uma cabeça decapitada e gotejante. Os olhos da cabeça mostravam apenas as escleróticas e a boca pendia aberta, mas ela pôde identificar perfeitamente o rosto de Freddie Firestone. O palhaço ria e dançava. Atirou a cabeça em torno, e gotas de sangue salpicaram o lado interno da tela. Audra pôde ouvi-las chiando lá dentro. Tentou gritar, mas de sua garganta saiu apenas um leve gemido. Caminhou às cegas para o vestido pendurado nas costas da cadeira e para sua bolsa. Correu para o corredor e bateu a porta atrás de si, ofegando, o rosto branco como papel. Deixou a bolsa cair entre os pés e fez o vestido deslizar por sobre a cabeça. - *Flutuar* - disse uma voz baixa e risonha às suas costas. Audra sentiu um dedo gelado acariciar-lhe o calcanhar nu. Soltou um grito agudo, quase inaudível, afastando-se da porta. Alvos dedos cadavéricos surgiam tateantes por baixo da porta, as unhas arrancadas, mostrando cotos incruentos, de um branco purpúreo. Eles produziam roucos sons sussurrantes sobre a borda áspera do carpete do corredor. Audra agarrou as correias da bolsa e correu, descalça, para a porta no fim do corredor. Agora, sentia-se tomada de cego pânico e seu único pensamento era encontrar o Town House de Derry - e Bill. Pouco importava se ele estivesse na cama com outras mulheres, em número suficiente para compor um harém. Ela o encontraria e ele a afastaria de qualquer que fosse a coisa indizível existente naquela cidade. Voou pelo corredor da entrada do prédio e investiu para o pátio de estacionamento, olhando desesperadamente em torno, à procura de seu carro. Por um momento, sua mente falhou e ela não conseguiu recordar o que estivera dirigindo. Então, lembrou-se: Datsun, castanho-tabaco. Localizou-o, afundado até as calotas na bruma

baixa, rente ao solo, e correu para ele. Não conseguia encontrar as chaves na bolsa. Remexeu-a em crescente pânico, através de lenços de papel, cosméticos, moedas, óculos escuros e embalagens de goma de mascar, tudo em tremenda confusão. Não percebeu a enxovalhada caminhoneta LTD estacionada frente a frente com seu carro alugado e nem o homem sentado atrás do volante. Não reparou quando a porta da LTD se abriu e o homem saiu; no momento, ela tentava enfrentar a crescente certeza de que deixara as chaves do Datsun dentro do quarto. E não podia voltar lá; simplesmente, *não podia.*
Seus dedos tocaram duro metal serrilhado sob uma caixa de goma de mascar, e ela o agarrou, com uma leve exclamação de triunfo. Por um terrível momento, pensou que podia ser a chave do Rover dela e de Bill, agora no pátio de estacionamento da estação ferroviária de Fleet, a cinco mil quilômetros de distância, mas então tateou o chaveiro de lucite do carro alugado. Manipulou a chave na porta do carro, respirando em pequenos haustos, e a girou. Foi então que uma mão caiu sobre seu ombro, e ela gritou... gritou bem alto, desta vez. Em algum lugar, um cão latiu em resposta, mas isso não foi tudo. A mão, dura como aço, apertou cruelmente e a forçou a dar meia-volta. O rosto que vislumbrou acima do seu estava inchado e encalombado. Os olhos cintilavam. Quando os lábios intumescidos distenderam-se em um sorriso grotesco, Audra viu que alguns dentes frontais do homem tinham sido quebrados. Os tocos tinham uma aparência serrilhada e selvagem. Ela tentou falar, mas não conseguiu, A mão apertou com mais força, enterrando-se na carne. - Será que já não a vi no cinema? - sussurrou Tom Rogan.

3

O quarto de Eddie

Beverly e Bill vestiram-se rapidamente, sem falar, e subiram para o quarto de Eddie. A caminho do elevador, ouviram a campainha do telefone começar a tocar, em algum ponto atrás deles. Era um som amortecido, um som vindo de qualquer lugar. - Seria no seu quarto, Bill? - É p.possível - respondeu ele. - T-T-Talvez um dos o-outros cha-chamando. Ele apertou o botão SUBIR. Eddie abriu a porta para eles, o rosto lívido e tenso. O braço esquerdo pendia em um ângulo não só peculiar, como também fantasmalmente evocativo dos velhos tempos. - Estou legal - disse ele. - Tomei dois Darvons. A dor não é muito forte agora. Contudo, era evidente que ele tampouco estava bem. Seus lábios, apertados estreitamente, quase haviam desaparecido, estavam purpúreos pelo choque. Bill olhou além dele e viu o corpo no chão. Uma espiada foi suficiente para dizer-lhe duas coisas: era Henry Bowers, e ele estava morto. Passou ao lado de Eddie e ajoelhou-se junto ao corpo. O gargalo de uma garrafa de Perrier fora introduzido na parte central do corpo de Henry, juntamente com tiras da camisa que levara consigo. Os olhos dele estavam entreabertos, vidrados. Sua boca, cheia de sangue coagulando, parecia rosnar. As mãos eram garras. Uma sombra caiu sobre ele, e Bill ergueu os olhos. Era Beverly. Ela espiou o cadáver, com o rosto inteiramente inexpressivo.

- Ele nos pe-pe-perseguiu o tempo todo - disse Bill. Ela assentiu. - Não parece ter envelhecido. Reparou, Bill? Não parece ter envelhecido nem um pouco. - Ela se virou abruptamente para Eddie, que se sentara na borda da cama. *Eddie* parecia velho; velho e desfigurado. Seu braço jazia no colo, inútil. - Temos que chamar o médico para Eddie. - Não - disseram Bill e Eddie ao mesmo tempo. - Ora, mas ele está ferido! Seu braço... - É o mesmo da-daquele t-t-tempo - disse Bill. Levantou-se e a segurou pelos braços, fitando-lhe o rosto. - Assim que pi-pisarmos lá fora... assim que en-en-envolvermos a c-c-cidade... - Serei preso por homicídio - disse Eddie foscamente. - Ou eles prenderão todos nós. Ou nos deterão. Ou qualquer coisa. Então, haverá um acidente. Um dos acidentes especiais que só acontecem em Derry. Talvez nos coloquem em uma cela, e um comissário de xerife tenha um ataque de loucura, começando a atirar em todos nós. Talvez morramos de ptomaína ou decidamos enforcar-nos em nossas celas. - Isso é loucura, Eddie! Isso é... - O quê? - perguntou ele. - Lembre-se, isto aqui é Derry! - Certo, mas agora somos adultos! Evidentemente, não está pensando... quer dizer, que ele chegou aqui no meio da noite... que o atacou... - C-Com quê? - perguntou Bill. - Onde está a fa-fa-faca? Beverly olhou em torno, não a viu, e ficou de joelhos, para espiar debaixo da cama. - Não se dê ao trabalho - disse Eddie, na mesma voz fraca e sibilante. - Bati a porta no braço dele, quando tentou esfaquear-me. Henry deixou a faca cair e eu a chutei para baixo da televisão. Sumiu agora. Eu já espiei. - Li-Ligue para os outros, B-B-Bever-ly - disse Bill. - A-Acho que pos-posso cuidar do braço de E-E-Eddie. Ela o fitou por um longo momento, depois tornou a contemplar o corpo no chão. Refletiu que, pelo estado em que se encontrava o quarto, podia contar uma história perfeitamente clara a qualquer policial com meio cérebro. Estava tudo revirado. Eddie tinha o braço quebrado. Aquele homem estava morto. Era um nítido caso de legítima defesa contra um assaltante noturno. Então, lembrou-se do Sr. Ross. Do Sr. Ross levantando-se, espiando e então, apenas dobrando o jornal, tornando a entrar em casa.

Assim que pisarmos lá fora... assim que envolvermos a cidade...

Isso a fez recordar Bill quando criança, o rosto branco, fatigado e meio alucinado. Bill, dizendo, *Derry é A Coisa. Vocês entenderam?... Para qualquer lugar que formos... quando A Coisa encontrar a gente... eles não querem ver, não querem ouvir, não querem saber. Não percebem como é tudo? Só nos resta tentarmos acabar o que começamos.*

Em pé ali agora, fitando o cadáver de Henry, Beverly pensou: *Ambos estão dizendo que todos nós viramos fantasmas outra vez. Que a história começou a repetir-se. Toda ela. Quando criança, eu podia aceitar isso, porque crianças quase são* fantasmas. *Contudo...*

- Você tem certeza? - perguntou, desesperada. - Tem *certeza,* Bill? Ele estava sentado na cama ao lado de Eddie, tocando-lhe o braço delicadamente. - V-V-Você não t-t-tem? - perguntou. - Depois de tu-tudo o q-que aco-aconteceu h-hoje? Sim. Depois de tudo o que acontecera. Aquela terrível confusão, no final da reunião. A bela senhora se tornara uma anciã, diante de seus olhos, *(meu fadder também era minha mudder)*

a rodada de relatos na biblioteca, aquela noite, com os fenômenos acompanhantes. Todas aquelas coisas. E, ainda assim... sua mente gritou desesperadamente que parasse agora, que lutasse para manter a sanidade, porque do contrário eles certamente encontrariam o fim esta noite, se descessem aos Barrens, procurassem uma certa estação de bombeamento e... - Eu não sei - respondeu. - Simplesmente... não sei. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, Bill, acho que devíamos chamar a polícia. Talvez. - L-L-Ligue para os o-outros - repetiu ele. - V-Veremos o q-que eles p-p-pensam. - Está bem. Beverly ligou primeiro para Richie, depois para Ben. Ambos concordaram em procurá-los imediatamente. Nenhum deles perguntou o que acontecera. Ela encontrou o número de Mike no catálogo telefônico e o discou. Não houve resposta e, após uns doze toques, ela desligou. - T-T-Tente a bi-bi-biblioteca - disse Bill. Havia tirado os pequenos paus das cortinas das duas janelas menores no quarto de Eddie e os atava firmemente contra o braço dele, aproveitando o cinto do roupão de banho e o cordão do pijama. Antes que Beverly encontrasse o número, houve uma batida à porta. Ben e Richie chegaram juntos: Ben de jeans e camisa desabotoada, Richie vestindo elegantes calças cinzentas de algodão e o paletó do pijama. Seus olhos vasculharam inquietamente o quarto, atrás dos óculos. - Cristo, Eddie, o que aconteceu com... - Oh, meu Deus! - exclamou Ben. Ele tinha visto o corpo de Henry no chão. - S-S-Silêncio! - disse Bill abruptamente. - E feche a p-porta! Richie a fechou, seus olhos fixos no cadáver. - Henry? Ben deu três passos para o corpo e parou, como se receasse ser mordido por ele. Virou-se para Bill, com ar impotente. - C-C-Conte para e-eles - pediu Bill a Eddie. - Mi-minha maldita ga-ga-gagueira está f-f-ficando cada v-vez pi-pi-pior. Eddie resumiu o ocorrido, enquanto Beverly procurava o número da Biblioteca Pública de Derry e ligava para lá. Esperava que talvez Mike houvesse adormecido na biblioteca - talvez até tivesse uma cama de armar em seu gabinete. Só não esperava o que aconteceu: o fone foi erguido ao segundo toque, e uma voz, que nunca ouvira, disse alô. - Alô? - respondeu ela, fitando os outros e fazendo um gesto de silêncio com a mão. - O Sr. Hanlon está aí? - Quem fala? - perguntou a voz. Ela molhou os lábios com a língua. Bill a fitava com ar penetrante. Ben e Richie olhavam em torno. Os começos de verdadeiro alarma despertaram dentro dela. - *Quem* está falando? - contra-atacou ela. - O senhor não é o Sr. Hanlon. - Sou o Chefe de Polícia de Derry, Andrew Rademacher - respondeu a voz. - O Sr. Hanlon está no Home Hospital de Derry, neste exato momento. Foi assaltado e gravemente ferido faz pouco tempo. E agora quem é a senhora, por favor? Quero saber seu nome. Beverly, entretanto, mal ouviu as duas últimas frases. Ondas de choque a envolveram, erguendo-a vertiginosamente para cima, cada vez mais para cima, fora de si mesma. Os músculos em seu estômago, pernas e virilhas ficaram frouxos e entorpecidos.

Pensou, alheadamente: *Deve ser assim que acontece, quando as pessoas se assustam, molham as calças. Claro. Você acabou de perder o controle destes músculos...*
- Ele foi ferido muito gravemente? - ouviu-se perguntando, ei voz embotada. Então, Bill estava ao seu lado, a mão em seu ombro. Ben aproximou-se, Richie também, e Beverly sentiu uma onda de gratidão dirigida a eles Estendeu a mão livre e Bill a tomou. Richie colocou a mão sobre a d Bill e Ben pousou a sua sobre a de Richie. Eddie aproximara-se deles agora colocava a sua mão ilesa no topo. - Diga o seu nome, por favor - falou Rademacher vivamente. Por um momento, a menininha dentro dela, a que fora criada por seu pai e cuidada pelo marido, quase respondeu: *Eu sou Beverly Marsh e estou no Town House de Derry. Por favor, envie o Sr. Nell. Temos aqui um homem morto que ainda é meio garoto, e estamos todos amedrontados.* Em vez disso, respondeu: - Eu... eu lamento, porém não posso dizer. Não por enquanto. - O que sabe a respeito disto? - Nada - respondeu ela, chocada. - O que o leva a imaginar que sei? Santo Deus!

- Oh, a senhora tem o costume de ligar para a biblioteca diariamente, por volta de três e meia da madrugada - disse Rademacher - não é? Tolice minha senhora. Isto foi um assalto e, da maneira como o sujeito ficou, poderá tornar-se assassinato, quando o sol aparecer. Volto a perguntar: qual é o seu nome e quanto sabe sobre isto? Fechando os olhos, agarrando a mão de Bill com todas as forças, ela tornou a perguntar: - Ele pode morrer? Não está falando assim apenas para assustar-me? Ele pode mesmo morrer? Por favor, diga!
- Ele ficou muito ferido. E, não querendo assustá-la, moça, é verdade, ele pode morrer. Agora quero saber quem é e por que... Como que em um sonho, ela viu a própria mão flutuar através do espaço e deixar o fone cair no gancho. Olhou para Henry e sentiu o choque, tão nítido, como o tapa de uma mão fria. Um dos olhos de Henry estava fechado. O outro, o estraçalhado, ressumava tão cruamente como antes. Henry parecia estar piscando para ela.

4

Bill ligou para o hospital. Bill levou Beverly até a cama, onde ela se sentou ao lado de Eddie, fitando o vazio. Pensou que fosse chorar, mas as lágrimas não surgiram. O único sentimento de que estava forte e imediatamente cônscia, foi o desejo de que alguém cobrisse Henry Bowers. A piscadela do morto não parecia absolutamente de um morto. Em um estalar de dedos, Richie transformou-se em repórter do *News* de Derry. Ficara sabendo que o Sr. Michael Hanlon, bibliotecário-chefe da cidade, havia sido assaltado, enquanto trabalhava até tarde. O hospital teria alguma notícia sobre a condição do Sr. Hanlon? Richie ouviu, assentindo. - Estou entendendo, Sr. Kerpaskian - o nome é escrito com dois k? Certo, tudo bem. E o senhor está... Ficou ouvindo, tão concentrado em sua ficção, que chegava a fazer movimentos com um dedo, como se escrevendo em um bloco de notas.

- Hum-hum... hum-hum... sim. Sim, compreendo. Bem, o que fazemos em casos como este, é citar o senhor como “uma fonte”. Mais tarde, então, podemos... hum-hum... certo! Tudo bem! - Richie riu gostosamente e passou um braço na testa, a fim de enxugar uma camada suor. Tornou a ouvir. - Certo, Sr. Kerpaskian. Sim. Eu vou... sim, peguei bem, K-E-R-P-A-S-K-I-A-N, certo! Judeu-tcheco, não? De fato! (sim... realmente é incomum. Certo, eu farei. Boa noite e muito obrigai Richie desligou e fechou os olhos. - Céus! - exclamou, em voz baixa e grossa. - Céus! Céus! Céus! Fez um movimento como se fosse derrubar o telefone da mesinha e então, simplesmente, deixou a mão cair. Tirou os óculos e os limpou no paletó do pijama. - Ele está vivo, mas em condições sérias - disse aos outros. - Henry o furou como se fosse um peru de Natal. Um dos cortes atingiu a artéria femoral e ele perdeu todo o sangue que um homem pode perder e continuar vivo. Mike conseguiu fazer uma espécie de torniquete na perna. E contrário, estaria morto quando o encontraram. Beverly começou a chorar. Chorou como uma criança, com as mãe apertando as faces. Por um momento, seus soluços lancinantes e o sibila rápido da respiração de Eddie foram os únicos sons no quarto. - A-A-Ainda quer ir à p-p-polícia, Bev? Havia lenços de papel na mesa-de-cabeceira, mas se tinham transformado em uma massa inútil e encharcada, no meio de uma poça de água Perrier. Ela foi ao banheiro, dando uma volta ampla em torno de Henry pegou um esfregão de banho e o molhou com água fria. O contato foi delicioso, em suas faces ardentes e inchadas. Ela sentia que agora podia pensar claramente de novo - não de maneira racional, mas com clareza. Súbito, teve certeza de que a racionalidade os mataria, se tentassem usá-la agora. Aquele tira. Rademacher. Ele suspeitara. Por que não? Ninguém liga para uma biblioteca às três e meia da madrugada. Ele imaginara que a pessoa fosse algum culpado, com conhecimento do caso. O que não imaginaria, se descobrisse que ela lhe telefonara de um quarto onde havia um homem morto no chão, com um gargalo de garrafa quebrada plantado nas tripas? Ela e os outros quatro estranhos tinham acabado de chegar à cidade, na véspera, para uma pequena reunião... e, por acaso, este sujeito acabara morto? Como aceitaria a história, se os papéis fossem invertidos? Alguém acreditaria? Naturalmente, eles poderiam adoçar sua história, acrescentando que tinham voltado para liquidar o monstro que vivia nos esgotos, debaixo da cidade. *Isso* certamente acrescentaria um toque convincente de puro realismo. Saindo do banheiro, Beverly olhou para Bill. - Não - falou. - Não quero ir à polícia. Acho que Eddie tem razão Alguma coisa poderia acontecer à gente. Qualquer coisa definitiva. Contudo, este não é o motivo real. - Olhou para os quatro. - Nós juramos - disse. - Juramos. O irmão de Bill... Stan... todos os outros... e agora Mike. Estou pronta, Bill. Bill olhou para os outros. Richie assentiu.

- *Okay,* Grande Bill. Vamos tentar! - As probabilidades são piores do que nunca - disse Ben. - Estamos com duas baixas agora. Bill nada disse. - Tudo bem - concordou Ben. - Ela tem razão. Nós juramos. - E-E-Eddie? Eddie sorriu torcidamente. - Acho que vou ter que descer aquela escada de carona novamente, hein? Isso, se lá ainda houver escada.

- Contudo, ninguém irá jogar pedras desta vez - disse Beverly. - Eles estão mortos. Todos os três. - Vamos fazer isso agora, Bill? - perguntou Richie. - S-S-Sim - disse Bill. - A-Acho que e-e-este é o mo-momento. - Posso dizer uma coisa? - perguntou Ben abruptamente. Bill olhou para ele, sorriu de leve. - Q-Q-Quando qui-quiser. - Vocês são os melhores amigos que já tive, caras - disse Ben. - Não importa o que resultar disto. Eu apenas... entendam, queria dizer-lhes isso. Olhou para os outros, que lhe devolveram o olhar solenemente. Fico satisfeito por ter lembrado de vocês - acrescentou. Richie grunhiu. Beverly deu uma risadinha abafada. Então, estavam todos gargalhando, olhando-se como nos velhos tempos, a despeito do fato de Mike estar no hospital, talvez agonizando ou já morto, a despeito do fato do braço de Eddie estar quebrado (novamente), a despeito do fato de ser alta madrugada. Monte de Feno, você sempre *teve jeito* com palavras - disse Richie, rindo e enxugando os olhos. - *Ele* é que devia ter-se tornado escritor, Grande Bill. Ainda sorrindo um pouco, Bill falou: - E quanto a is-is-isso...

5

Seguiram na limusine emprestada de Eddie. Richie dirigia. O nevoeiro baixo era agora mais espesso, desfilando através das ruas como fuma de cigarro, sem chegar a atingir as lâmpadas encobertas dos postes de iluminação. As estrelas no alto eram brilhantes pontos de gelo, estrelas da primavera... mas ladeando a cabeça para a janela meio aberta no lado do passageiro, Bill julgou ter ouvido um trovão estival a distância. Havia chuva sendo programada, acima do horizonte. Richie ligou o rádio e lá estava Gene Vincent, cantando *"Be-Bop-A Lula*". Apertou um dos outros botões e pegou Buddy Holly. Um terceiro botão trouxe Eddie Cochran cantando "Summertime Blues". - Eu gostaria de ajudá-lo, filho, mas você ainda é muito jovem para votar - disse uma voz grave. - Desligue isso, Richie - pediu Beverly suavemente. Ele esticou a mão para desligar o rádio, mas estacou em meio do movimento, gelado. - Continuem ligados, para mais um espetáculo Rock de Todos Mortos, de Richie Tozier! - gritou a risonha voz do palhaço, acima das guitarras e bateria da canção de Eddie Cochran. - Não toquem nesse dial, mantenham-se sintonizados nos roqueiros, eles saíram das badalações, mas não de nossos corações, venham portanto, continuem vindo, venham todos! Executaremos *tooodos* os sucessos aqui embaixo! *Tooodos* os sucessos! Se não acreditam no que digo, basta ouvirem o convidado desta manhã, da turma do disk jockey do cemitério, Georgie Denbrough! Diga a eles, Georgie! E, de repente, o irmão de Bill gemia no rádio. - *Você me mandou sair e A Coisa me matou! Pensei que A Coisa estava no porão, Grande Bill, pensei que Ela estava no porão, mas Ela estava no bueiro, Ela estava no bueiro e foi Ela que me matou, você deixou A Coisa me matar, Grande Bill, você deixou A Coisa...*

Richie desligou o rádio tão bruscamente que o botão se soltou e caiu no piso do carro. - Rock and roll de madrugada, realmente é uma mancada - disse ele. Sua voz não estava de todo firme. - Bev tem razão, vamos desligar, o que acham? Ninguém respondeu. O rosto de Bill estava pálido e pensativo, à claridade dos postes de luz por que passavam, e quando o trovão voltou a murmurar no oeste, todos eles o ouviram.

6
Nos Barrens

A mesma velha ponte. Richie estacionou ao lado dela, eles desceram e tomaram a direção da cerca balaustrada - a mesma velha cerca - da qual olharam para baixo. O mesmo velho Barrens. Parecia intocado pelos últimos vinte e sete anos; a Bill, a passagem suspensa acima da estrada de pedágio, única coisa nova na paisagem, parecia irreal, algo tão efêmero como uma pintura fosca ou o efeito da projeção por trás da tela, em um filme. Árvores pequeninas e maciços de arbustos cintilaram na neblina serpenteante. Bill pensou: *Acho que é isto o que procuramos dizer, quando falamos sobre a persistência da memória, isto ou algo semelhante, uma coisa que vemos na hora certa e do ângulo certo, uma imagem que expele emoção, como um motor a jato. A gente a vê com tanta clareza, que todas as coisas ocorridas nesse ínterim desaparecem. Se o que fecha o círculo entre o mundo e a carência é o desejo, então o círculo está fechado.*

- Va-Va-Vamos - disse ele, e trepou na balaustrada. Os outros o seguiram pela terraplenagem, em uma profusão de seixos e cascalhos. Chegando ao fundo, Bill olhou automaticamente para checar Silver, e então riu consigo mesmo. Silver estava reclinada contra a parede da garagem de Mike. Parecia que a bicicleta não tinha nenhum papel a representar naquilo, embora isso fosse estranho, a julgar pela maneira como tudo se desfechara. - Le-Leve-nos lá - disse Bill a Ben. Ben olhou para ele, e Bill leu o pensamento em seus olhos - *isso foi há vinte e sete anos, Bill sonhador* - mas então assentiu e internou-se através dos arbustos de pequeno porte. A trilha - a trilha *deles* - há muito fora conquistada pelo mato, de maneira que precisaram abrir caminho por emaranhados de espinheiros, vegetação áspera e hortênsias silvestres, de fragrância tão intensa qu e

se tornava enjoativa. Grilos cricrilavam sonolentamente por todo o lugar em torno do grupo, enquanto alguns vaga-lumes, prematuramente chegados à festa exuberante do verão, pontilhavam o escuro com suas luzes. Bill supôs que crianças ainda brincassem ali, mas tendo secretas suas próprias trilhas e costumes. Chegaram à clareira onde existira o clube subterrâneo, porém agora não havia mais clareira alguma. Arbustos e pinheiros desbotados, em maciços, tinham reclamado para si todo o espaço. - Vejam! - sussurrou Ben.

Cruzou a clareira (em suas lembranças, ela continuava existindo, simplesmente coberta por outra daquelas pinturas foscas). Puxou uma coisa. Era a porta de mogno que tinham encontrado na orla do depósito de lixo, a que haviam usado para acabamento do teto do clube. Ficara jogada ali, a um lado, parecendo intocada durante uma dúzia ou mais de anos. Trepadeiras entrelaçavam-se firmemente por sua superfície coberta de terra. - Largue isso, Monte de Feno - murmurou Richie. - Está velha. - Le-Le-Leve-nos lá, B-B-Ben - repetiu Bill, atrás deles. Assim, desceram até o Kenduskeag seguindo Ben e afastando-se da clareira que não existia mais. O som de água corrente foi ficando cada vez mais forte, porém eles tornaram a quase cair no Kenduskeag, antes que qualquer deles o visse: a folhagem crescera em uma emaranhada parede, à beira da terraplenagem. A borda afundou sob as botas vaqueiras de Ben, e Bill o puxou para trás, segurando-o pela nuca. - Obrigado - disse Ben. - Não tem de quê. Nos v-velhos tempos, vo-você acabaria me derrubando p-para tr-trás. É p-por aq-aqui? Ben assentiu e os conduziu ao longo da margem coberta de mato, lutando por entre a espessura de arbustos e trepadeiras, pensando em como tal caminhada ficava mais fácil quando se tem apenas metro e meio de altura, o que permite um mergulho por baixo da maioria da vegetação entrelaçada e confusa (tanto a confusão mental como aquela em seu caminho, supôs ele). Bem, tudo havia mudado. *Nossa aula de hoje, meninos e meninas, é sobre quanto mais as coisas mudam, mais mudam as coisas. Quem disser que quanto mais mudam as coisas mais elas permanecem as mesmas, obviamente estará sofrendo de sério retardamento mental. Porque...*

Seu pé enganchou-se em alguma coisa e ele caiu com um baque surdo quase batendo a cabeça no cilindro de concreto da estação de bombeamento. Estava quase inteiramente sepultado em uma muralha de amoreiras-pretas. Quando se levantou, ele percebeu que seu rosto, braços e mãos tinham sido arranhados por espinhos das amoreiras em duas dúzias de lugares. - Façamos três dúzias - murmurou, sentindo o sangue escorrer pelas faces. - O quê? - perguntou Eddie. - Nada. Agachando-se, quis ver em que tropeçara. Uma raiz, sem dúvida Não era uma raiz. Era a cobertura de ferro do cilindro. Alguém a tirara do lugar.

Claro, pensou Ben. *Fui eu mesmo. Há vinte e sete anos atrás.*

Contudo, percebeu que tal idéia era loucura, antes mesmo de ver metal novo, cintilando através da ferrugem, em marcas arranhadas paralelas. A bomba não estivera funcionando, naquele dia distante. Cedo ou tarde, alguém desceria para consertá-la e teria recolocado o tampão no lugar. Ele se ergueu, e os cinco reuniram-se em torno do cilindro, espiando para dentro. Puderam ouvir o som fraco da água pingando. Era tudo. Richie trouxera todos os fósforos encontrados no quarto de Eddie. Acendeu uma carteira inteira e a jogou no interior. Por um momento, puderam divisar a úmida manga interna do cilindro e o volume silencioso do mecanismo de bombear. Nada mais. - Talvez esteja sem funcionar por muito tempo - disse Richie, inquieto. - Não teria necessariamente que... - É coisa bem recente - disse Ben. - De qualquer modo, desde a última chuvarada. Pegou mais fósforos com Richie, acendeu um e apontou para os arranhões recentes.

- Há a-a-alguma co-coisa de-debaixo - disse Bill, quando Ben jogou fora o fósforo apagado. - O quê? - perguntou Ben. - N-Não s-s-sei. Pa-Parecia uma c-c-correia. Você e Ri-Richie, ajudem-me a vi- virar o ta-ta-tampão. Eles agarraram o tampão e o viraram, como se fosse uma moeda gigantesca. Desta vez, Beverly acendeu o fósforo e Ben ergueu cautelosa-mente a bolsa que estivera debaixo do tampão do cilindro. Ergueu-a pela correia. Beverly começou a sacudir o fósforo, e então olhou para o rosto de Bill. Ficou parada, até a chama chegar-lhe às pontas dos dedos, e então deixou o fósforo cair, com uma exclamação sufocada. - Bill? O que foi? Algo errado? Os olhos de Bill pareciam pesados demais. Não podiam afastar-se daquela arranhada bolsa de couro, com sua comprida alça do mesmo material. De repente, pôde recordar o nome da canção que o rádio tocava, no aposento aos fundos da loja de artigos de couro, quando a tinha comprado para ela. "Noites de verão de Sausalito." Isto era o cúmulo do estranho. Toda a saliva secara em sua boca, deixando a língua e mucosas tão lisas e secas como um cromado. Podia ouvir grilos, ver os pirilampos e sentir o cheiro das enormes formas verde-escuras que cresciam desgovernadas à sua volta. Pensou: *Isto é outro truque, outra ilusão, porque ela está na Inglaterra e isto é apenas uma projeção barata, porque A Coisa está com medo, claro que está. A Coisa talvez não esteja tão segura como estava ao chamar-nos de volta e, realmente, Bill, agora falando sério -*

quantas bolsas surradas de couro com alças compridas iguais a esta você imagina que existam no mundo? Um milhão? Dez milhões?
Provavelmente mais. Contudo, havia apenas uma como aquela. Ele a comprara para Audra em uma casa de artigos de couro, enquanto "Noites de verão de Sausalito" tocava no rádio, no cômodo aos fundos. - *Bill?* - a mão de Beverly o sacudia no ombro. A mão dela parecia estar muito longe. Vinte e sete léguas debaixo do mar. Como era mesmo o nome do conjunto que cantava "Noites de verão de Sausalito"? Richie devia saber. - *Eu* sei - disse Bill calmamente, olhando para o rosto assustado de Richie, para seus olhos arregalados. Sorriu. - O conjunto chamava-se Diesel. O que me diz de uma recordação tão pronta? - O que há de errado, Bill? - sussurrou Richie. Bill soltou um grito. Arrancou os fósforos da mão de Beverly, acendeu um e depois puxou a bolsa que Ben segurava. - Bill, santo Deus, o que... Ele puxou o zíper da bolsa e a virou para baixo. O que caiu do interior falava tanto de Audra que, por um momento, Bill não teve voz para tornar a gritar. Por entre os lenços de papel, caixinhas de goma de mascar e artigos de maquilagem, ele viu a caixinha com pastilhas de hortelã Altoid... e o estojo de pó compacto, incrustado de pedras, que Freddie Firestone dera a ela, quando Audra assinara o contrato para filmar *Recinto do Sótão.* - Minha e-e-esposa esta lá e-embaixo - disse ele. Caindo de joelhos, começou a jogar as coisas dela dentro da bolsa novamente. Empurrou dos olhos um cabelo que não mais existia, sem mesmo reparar no que fazia. - Sua esposa? *Audra?* - perguntou Beverly, com o choque estampado no rosto, os olhos imensos. - E-Esta é a bo-bolsa dela. Com s-suas co-coisas. - Meu Deus, Bill - murmurou Richie. - Não pode ser, você sabe q...

Bill encontrara a carteira de notas de Audra, em crocodilo. Abriu-a e a levantou. Richie acendeu outro fósforo e viu-se olhando para um rosto que já vira em meia dúzia de filmes. A foto da licença de motorista de Audra, tirada na Califórnia, era menos glamourosa, mas absolutamente conclusiva. - Mas... se H-H-Henry está morto, Victor e Ar-Ar-Arroto... então, quem a pegou? - Bill se levantou e olhou para os outros, com febril intensidade. - *Quem a pegou?*

Ben pousou uma mão em seu ombro. - Acho melhor a gente descer e descobrir, não? Bill olhou para ele, como inseguro de quem poderia ser Ben, e então seus olhos ficaram límpidos. - S-Sim - disse. - E-E-Eddie? - Bill, eu sinto muito. - Pode t-trepar nas mi-minhas costas? - Já fiz isso uma vez. Bill inclinou-se e Eddie enganchou o braço direito em torno do pescoço dele. Ben e Richie o sustentaram, até que pudesse trançar as pernas à volta da cintura de Bill. E quando Bill passou desajeitadamente uma perna sobre a borda do cilindro, Ben viu que os olhos de Eddie estavam fechados apertadamente... e, por um instante, pensou ter ouvido a mais horrenda carga de cavalaria do mundo, abrindo caminho furiosamente através do matagal. Virou-se, esperando ver o trio surgir do nevoeiro e da vegetação, mas tudo quanto ouviu foi a brisa crescente fazendo os bambus rangerem, a uns quinhentos metros dali. Os velhos inimigos do grupo agora estavam todos mortos. Bill aferrou a áspera borda de concreto de cilindro e tateou para descer, passo a passo, degrau por degrau. Eddie agarrava-se a ele em um aperto mortal, mal permitindo- lhe a respiração. *A bolsa dela, santo Deus, como a bolsa dela veio parar aqui? Não importa. Mas se Você existe, Deus, e se Você está punindo, que ela fique de fora, não a deixe sofrer pelo que eu e Bev fizemos esta noite ou pelo que fiz um verão, quando era menino. .. e seria o palhaço? Seria Bob Gray que a pegou? Se foi ele, não sei se o próprio Deus pode ajudá-la.*

- Estou com medo, Bill - disse Eddie, quase sem voz. O pé de Bill tocou a água fria. Ele desceu o corpo nela, recordando a sensação e o cheiro fétido, recordando a claustrofobia que lhe provocava aquele lugar... e, por falar nisso, o que tinha acontecido a eles? Como se haviam arranjado na caminhada dentro daqueles encanamentos e túneis? Para onde, exatamente, tinham ido - e como, exatamente, tinham conseguido sair de lá? Ele ainda não podia se lembrar de nada disso; podia apenas pensar em Audra. - Eu t-t-também.

Agachou-se, pestanejando quando a água fria molhou suas calças e seus testículos, deixando então que Eddie descesse de suas costas. Ficaram em pé dentro d'água, espiando os outros descerem a escada.

CAPÍTULO 21 Por baixo da cidade

1

A Coisa, agosto de 1958 Algo novo havia acontecido.

Algo novo, pela primeira vez em todo o sempre. Antes do universo, houvera apenas duas coisas. Uma era A Coisa, propriamente dita, e a outra era a Tartaruga. A Tartaruga era um estúpido troço velho, que nunca abandonava seu casco. A Coisa achava que a Tartaruga talvez estivesse morta, que estivera morta mais ou menos pelo último bilhão de anos. E, mesmo não estando, ela continuava um estúpido troço velho - inclusive, se a Tartaruga houvesse vomitado todo o universo, isso não alterava o fato de sua estupidez. A Coisa viera para cá muito tempo depois que a Tartaruga se recolhera ao seu casco, viera aqui para a Terra, onde descobrira uma profundidade de imaginação que era quase *nova,* quase *de inquietar. Tal qualidade de imaginação tornava o alimento extremamente copioso. Seus dentes dilaceravam carne e enrijeciam-se ante terrores exóticos e medos voluptuosos: e eles sonhavam com feras noturnas e lamas movediças; contra a vontade, contemplavam abismos insondáveis. Graças a essa fartura alimentar, a Coisa existia em um ciclo simples de despertar para comer e de dormir para sonhar. Criara um lugar à sua imagem e dele cuidava com venevolência, vendo-o através dos postigos que eram seus olhos. Derry era o seu abatedouro, os moradores de Derry o seu rebanho. A situação se prolongara. Então... aquelas crianças. Algo novo. Pela primeira vez em todo o sempre. Quando A Coisa irrompera na casa da Rua Neibolt, com intenção de matar aqueles garotos, vagamente inquieta por já não ter sido capaz de fazê-lo (e, certamente, essa inquietude tinha sido a primeira coisa nova), acontecera algo* totalmente

imprevisto, absolutamente *inesperado, e houvera* dor, dor, *uma grande e atroadora* dor, *rompendo por completo a forma que ela assumira e, por um momento, também existira medo, porque o único que A Coisa tinha em comum com a estúpida e velha Tartaruga e a cosmologia do macroverso além do insignificante ovo deste universo, era apenas isto: todas as coisas vivas são sujeitas às leis da forma que elas habitam. Pela primeira vez, A Coisa percebeu que talvez sua aptidão para mudar de forma, tanto podia trabalhar contra Ela, como a seu favor. Jamais houvera dor antes, jamais houvera medo antes e, por um momento, A Coisa pensara que poderia morrer - oh, sua cabeça ficara inundada por uma enorme* dor *branco-prateada, e havia rugido, havia uivado e bramido e, de algum modo, as crianças tinham escapado. Contudo, agora elas chegavam. Haviam penetrado em seu domínio abaixo da cidade, sete crianças tolas, perambulando na escuridão, sem luzes nem armas. A Coisa as mataria agora, sem a menor dúvida.*

A Coisa havia feito uma grande autodescoberta: Ela não desejava mudanças ou surpresas. Ela não desejava coisas novas, jamais. Desejava apenas comer e dormir, sonhar e comer novamente. Em seguida à dor e àquele breve medo intenso, surgira uma outra nova emoção (porque todas as emoções legítimas eram novas para A Coisa, embora Ela muito zombasse de emoções): raiva. Agora, mataria as crianças, porque elas, por algum espantoso acidente, a tinham machucado. Contudo, A Coisa faria com que sofressem primeiro, uma vez que, por um rápido momento, elas a tinham feito temê-las.

Venham até mim então, pensou A Coisa, *ouvindo a aproximação delas.* Venham a mim, crianças, e vejam como flutuamos aqui embaixo... como todos nós flutuamos.
Não obstante, insinuara-se um pensamento, por mais que A Coisa se empenhasse em rejeitá-lo. Se tudo fluía dela (como seguramente tinha fluído, desde que a Tartaruga ejetara o universo e então se abatera dentro do casco), como poderia qualquer *criatura, deste ou de algum outro mundo, ludibriá-la ou feri-la, pouco importando o quão brevemente, o quão traiçoeiramente? Como era isso possível?*
E *assim, uma última novidade ocorrera à Coisa, esta não sendo uma emocão, mas uma fria especulação: e se Ela não estivesse sozinha, como sempre julgara estar? Supondo-se que houvesse Uma Outra? E, supondo-se ainda que aquelas crianças fossem agentes dessa Outra? Supondo-se... supondo-se... A Coisa começou a tremer. Ódio era algo novo. Dor era algo novo. Ser detida em seus propósitos era novo. Contudo, a nova coisa mais terrível era este medo. Não o medo às crianças - isso já passara - mas o medo de não estar sozinha. Não.* Não havia *nenhum outro ou outra. Claro que não havia. Talvez, por elas serem crianças, suas imaginações tinham um certo poder natural, que A Coisa subestimara brevemente. Contudo, agora elas estavam vindo e Ela deixaria que viessem. As crianças viriam, e Ela as lançaria, uma a uma, no macroverso... dentro dos postigos de seus olhos. Sim. Quando elas chegassem ali, A Coisa as lançaria, gritando e insanas, dentro dos postigos.*

2

Nos túneis, 14:15

Ao todo, Bev e Richie dispunham de dez fósforos, mas Bill impediria que os usassem. Por enquanto, pelo menos, ainda havia uma claridade mortiça nos encanamentos. Não era grande coisa, mas permitia que enxergassem cerca de metro e meio à frente e, enquanto isso acontecesse, poupariam os fósforos. Ele supôs que a escassa claridade ali dentro proviesse de respiradouros em meios- fios, acima de suas cabeças, talvez mesmo de aberturas circulares na cobertura de bueiros. Era curiosamente estranho pensarem que estavam debaixo da cidade, mas, naturalmente, a essa altura já deviam estar. A água agora tinha mais profundidade. Por três vezes, animais mortos haviam flutuado ao lado deles: um rato, um gatinho e uma coisa brilhante, encharcada, que

poderia ter sido uma marmota. Ele ouviu um dos outros murmurar, repugnado, quando aquele filhote passou pelo grupo. A água através da qual se arrastavam era relativamente plácida, mas isso terminaria dentro em pouco: não muito adiante, ouviam um firme e surdo bramido. O barulho ficou mais forte, crescendo para um rugido monocórdio. A canalização dobrava para a direita. Eles fizeram a volta e, ali, três canos despejavam água dentro daquele onde se encontravam. Estavam alinhados verticalmente, como as luzes de um sinal de trânsito. A canalização terminava ali, em um beco sem saída. A claridade era marginalmente mais viva. Bill ergueu os olhos e viu que estavam em uma espécie de poço quadrado, com paredes de pedra e cerca de quatro metros e meio de altura. Ali havia um gradeamento de esgoto no alto, por onde a água caía à vontade sobre eles, à maneira de um chuveiro primitivo. Bill observou os três canos, impotente. O superior despejava água quase clara, embora nela houvesse folhas, gravetos e lixo miúdo - pontas de cigarro, embalagens de goma de mascar, coisas assim. O cano do meio despejava água acinzentada. Do mais baixo, fluía um jato de água marrom-acinzentada e espumante, própria de esgotos. - E-E-Eddie! Eddie acudiu ao lado dele. Tinha o cabelo colado à cabeça. O gesso de seu braço era uma massa confusa, encharcada e gotejante. - Q-Q-Qual de-deles? Quando se queria saber como construir alguma coisa, a pergunta era para Ben; quando se queria saber que caminho tomar, era para Eddie. Não discutiam sobre isso, mas todos eles sabiam. Quando estavam em algum local estranho e queriam retornar a outro conhecido, Eddie sabia como chegar lá, dobrando à direita e à esquerda, com plena segurança, ficando os outros reduzidos a segui-lo, esperando que no fim tudo desse certo... e sempre dava certo. Bill contara a Richie, certa vez, que quando ele e Eddie tinham começado a brincar nos Barrens, ele, Bill, sentia um permanente medo de perder- se. Eddie não tinha tais temores e sempre encontrava a maneira de sair de lá, caminhando pelos lugares que ia apontando. “Se eu me pe-perdesse n-na Fl-Fl-Floresta de Hainesville e E-Eddie estivesse co-comigo, não me p-p-p-preocuparia nem um p-p-pouco”, Bill havia dito a Richie. “E-Ele s-s-simplesmente *sa-sa-sabe.* Meu p-p-pai diz que certas p-p- pessoas p-parecem ter u-uma bú-bússola na ca-cabeça. E-E-Eddie é as-assim.” - *Não posso ouvir você!* - gritou Eddie. - Eu p-perguntei *qual de-deles?*

- Qual deles *o quê?*

Eddie apertava o aspirador com a mão ilesa, e Bill pensou que de fato, ele parecia mais um rato almiscarado afogado do que um garoto. - Qual deles *to-to-tomamos?*

- Bem, depende de para onde quisermos ir - respondeu Eddie. Bill o teria estrangulado gostosamente, embora a resposta fizesse perfeito sentido. Eddie olhava dubitativo para os três canos. Os garotos caberiam em qualquer deles, mas o inferior parecia bem mais razoável - Bill fez um gesto e os outros se juntaram em um círculo. - Onde, diabo, *está* A C-C-Coisa? - perguntou a eles. - No centro da cidade - respondeu Richie prontamente. - Bem debaixo do centro da cidade. Perto do Canal. Beverly estava assentindo. Também Ben. Também Stan. - Mi-Mi-Mike?

- Certo - respondeu Mike. - É lá que A Coisa está. Perto do Canal. Ou debaixo dele. Bill tornou a olhar para Eddie. - Q-Q-Qual de-deles? Com relutância, Eddie apontou para o cano mais baixo... e embora Bill sentisse o coração opresso, não ficou nem um pouco surpreso. - Aquele - disse Eddie. - Oh, céus! - suspirou Stan, desgostoso. - É um esgoto de cocô. - Nós não... - começou Mike, interrompendo-se de súbito. Ele ladeou a cabeça, em um gesto de escuta. Seus olhos estavam alarmados. - O que... - começou Bill. Mike pôs um dedo nos lábios, pedindo silêncio. Então, Bill pôde ouvir também: sons chapinhados. Aproximando-se. Grunhidos e palavras sufocadas. Henry ainda não desistira. - Depressa - disse Ben. - Vamos logo! Stan olhou para trás, por onde tinham vindo, e então se virou e fitou o cano mais baixo dos três. Apertou firmemente os lábios e assentiu. - Vamos - disse. - Merda sai quando se lava. - Stan, o Homem, Solta um Excelente! - exclamou Richie. - Hip-hip-hurra, hip- hip... - Quer *calar* essa boca, Richie? - disse Beverly. Bill os levou para o encanamento, careteando ante o fedor, e introduziu-se nele. O fedor: aquilo era imundície, era merda, porém ali havia também outro cheiro, não havia? Um cheiro mais sutil, mais vital. Se um grunhido de animal tivesse cheiro (e, Bill supunha, se o animal em questão houvesse comido as coisas certas, teria cheiro), seria como aquele odor subjacente. *Estamos indo na direção certa, tudo bem. A Coisa esteve aqui... e Ela esteve aqui muito tempo.*

Quando caminharam uns seis metros, o ar ficara repugnante e desagradável. Ele avançou lentamente, mo vendo-se através de uma matéria que não era lama. Olhou para trás, por sobre o ombro, e disse: - V-V-Venha logo a-atrás de m-mim, E-E-Eddie. P-Preciso de v-você. A claridade desbotou para um cinza fraco, permaneceu assim por um breve período, mas depois desapareceu e eles então

(saíram do azul e)

penetraram no negro. Bill arrastou os pés através da imundície, sentindo que quase a cortava fisicamente. Tinha uma das mãos estendida à frente do corpo, parte de seu cérebro esperando que, a qualquer momento, sua palma encontrasse pêlos ásperos e olhos como lâmpadas verdes, abertos na escuridão. O fim chegaria em um jato quente de dor, quando A Coisa lhe arrancasse a cabeça dos ombros. O negrume era recheado de sons, todos aumentados e ecoantes. Ele podia ouvir os amigos arrastando os pés às suas costas, por vezes murmurando qualquer coisa. Havia sons gorgolejantes e estranhos grunhidos ressoantes. Em certo momento, uma maré de repugnante água tépida passou por entre suas pernas, molhando-o até as coxas e o fazendo oscilar sobre os calcanhares. Sentiu que Eddie agarrava freneticamente a traseira de sua camisa, e então a pequena enchente amainou. Do fim da fila, Richie gritou, com malévolo bom humor: - Acho que acabamos de ser mijados pelo Alegre Gigante Verde, Bill.

Bill podia ouvir água ou dejetos correndo em jatos controlados, através da rede de encanamentos menores, que agora deviam situar-se sobre suas cabeças. Recordou a conversa sobre os esgotos de Derry, com seu pai, e julgou saber qual a serventia deste encanamento - era para manipular o excesso de água, que ocorria apenas durante as chuvas fortes e a estação das cheias. O material na rede de encanamentos devia estar deixando Derry, para ser despejado na Corrente Torrault e no Rio Penobscot. A cidade não gostava de bombear suas fezes para o Kenduskeag, porque isso deixaria o Canal fedendo. Entretanto, toda a chamada água cinza era jogada no Kenduskeag e, sendo demasiada para escoar-se pelos canos de esgoto normais, haveria uma descarga... como aquela que acabara de acontecer. E, se houvera uma, poderia haver outra. Ele espiou para cima, inquieto, incapaz de ver alguma coisa, mas sabendo que existiriam grades no topo arqueado daquele encanamento, talvez também nos lados. Então, a qualquer momento, talvez houvesse... Ele só percebeu que chegara ao fim do encanamento quando caiu para fora dele e cambaleou para diante, girando os braços em um impotente esforço para manter o equilíbrio. Aterrou de bruços em meio a uma massa semi-sólida com um meio metro de profundidade, abaixo da boca do encanamento do qual havia caído. Algo correu chiando por cima de sua mão. Ele gritou e ergueu o corpo, levando a mão ardente ao peito, cônscio de que um rato acabara de correr sobre ela; tinha sentido o roçar nojento e liso da cauda pelada do bicho. Tentou levantar-se, e bateu com a cabeça no teto baixo daquele novo encanamento. Foi uma pancada forte e ele tornou a cair de joelhos, com enormes flores escarlates explodindo na escuridão. Suas palavras ecoaram monotonamente. - Há um re- rebaixamento aqui! E-E-Eddie! Onde e-está v-v-você? - Estou aqui! - A mão de Eddie em movimento, roçou o nariz de Bill. - Ajude-me, Bill, não consigo enxergar nada! Está... Houve um gigantesco *ch-chuáá!* aquoso. Beverly, Mike e Richie deram um grito simultâneo. À luz do dia, a quase perfeita harmonia dos três teria sido divertida; ali embaixo, na escuridão dos esgotos, era aterrorizante. De repente, todos eles estavam rolando. Bill agarrou Eddie apertadamente, tentando salvar-lhe o braço. - Oh, Cristo, pensei que ia afogar-me! - gemeu Richie. - Ficamos ensopados - poxa, cara, foi um chuveiro de bosta! Uma boa pedida seria eles fazerem uma excursão com a classe aqui embaixo, qualquer dia. Bill, a gente podia pedir ao Sr. Carson para liderar a turma... - E depois, a Srta. Jimmison faria uma preleção sobre saúde - comentou Ben, em voz trêmula. Todos eles riram esganiçadamente. E, quando o riso se extinguia, Stan subitamente desatou em lágrimas de infelicidade. - Não faça isso, homem - disse Richie, passando um braço tateante à volta dos ombros pegajosos de Stan. - Vai acabar fazendo a gente chorar também, homem. - Está tudo bem comigo! - gritou Stan, ainda chorando. - Posso suportar o medo, mas *odeio* ficar sujo desta maneira, odeio não saber onde estou... - S-Será que a-a-alguns dos fó-fó-fósforos ainda p-p-prestam? - perguntou Bill a Richie. - Dei os meus para Bev. Bill sentiu uma mão tocar a sua na escuridão e passar-lhe uma carteira de fósforos. A carteira estava seca. - Eu os mantive debaixo do braço - disse ela. - Talvez funcionem. De qualquer modo, é só experimentar.

Bill arrancou um fósforo da carteirinha e o riscou. Quando ficou aceso, ele o ergueu. Seus amigos estavam muito juntos, piscando ante o fugaz clarão do fósforo. A sujeira os envolvia de alto a baixo e todos pareciam muito jovens e muito amedrontados. Atrás deles, Bill viu o cano de esgoto por onde haviam caído. Aquele em que estavam agora era menor ainda. Corria reto nas duas direções, o piso atapetado com camadas de sedimento fedorento. E... Bill soltou uma exclamação sibilante e jogou o fósforo fora, ao senti-lo queimar seus dedos. Ficou atento e ouviu sons de água correndo depressa, água caindo, o ruído forte e ocasional de quando as válvulas de descarga trabalhavam, enviando mais dejetos para o Kenduskeag, que agora só Deus sabia a que distância ficava, atrás deles. Não ouviu sinais de Henry e dos outros - ainda não. - Há um c-c-corpo m-morto à mi-minha d-d-direita. A uns tr-três me-metros de di- distância da ge-gente. Acho q-q-que po-pode s-ser Pa-Pa... - Patrick? - perguntou Beverly, a voz trêmula e à beira da histeria. - É Patrick Hockstetter? - É. Que-querem que eu a-a-acenda outro fó-fósforo? - Vai ter que acender, Bill - disse Eddie. - Se eu não puder ver para onde corre o cano, não vou saber que direção tomarmos. Bill acendeu o fósforo. Ao seu clarão, todos viram a coisa esverdeada e inchada que havia sido Patrick Hockstetter. O cadáver sorria para eles na escuridão, com horrenda camaradagem, mas tendo apenas metade do rosto; os ratos dos esgotos haviam tirado o resto. Os livros do curso de verão de Patrick estavam espalhados à sua volta, inchados de umidade, que os tornara da grossura de dicionários. - Cristo! - exclamou Mike roucamente, de olhos arregalados. - Eu tornei a ouvi-los - disse Beverly. - Henry e os outros. A acústica devia ter transmitido também sua voz a eles; Henry gritou no cano de esgoto, mais abaixo, e por um momento, foi como se estivesse ali, no meio deles. - *Nós vamos pegar vocêêêês*...

- É só seguir em frente! - gritou Richie. Seus olhos estavam luzindo, dançando, febris. - Continue vindo, casca de banana! Aqui embaixo é igualzinho à piscina da ACM! Continue... Então, um grito estridente de medo e dor percorreu a canalização, tão alucinante que o fósforo caiu dos dedos de Bill e apagou-se. Eddie passara o braço em torno dele, e Bill o puxou para si, sentindo o corpo do outro tremer como um fio elétrico. Stan Uris achegou-se a ele, pelo outro lado. Aquele grito estridente subiu e subiu... e de repente houve um forte e obsceno som de tapa, interrompendo o grito. - Alguma coisa pegou um deles - sussurrou Mike, quase sem voz, a gente tem que sair daqui... por favor... Bill pôde ouvir o que quer que sobrara - um ou dois, era impossível precisar, com aquela acústica - tropeçando e avançando penosamente pelo cano de esgoto, na direção deles. - P-P-Para onde, E-E-Eddie? - perguntou, urgente. - Vo-Você s-s-sabe? - Para o Canal? - perguntou Eddie, sacudindo-se nos braços de Bill. - É! - À direita. Passando ao lado de Patrick... ou por cima dele. - A voz de Eddie endureceu-se subitamente. - Eu nem me preocupo. Ele foi um dos que quebraram meu braço. Além disso, cuspiu no meu rosto. - V-V-Vamos - disse Bill, lançando um olhar para o cano que tinham acabado de deixar. - Em fi-fila! Um fi-fica to-tocando o o-o-outro, como a-a-antes!

Arrastou-se para diante, raspando o ombro direito ao longo da escorregadia superfície de cerâmica do canal, trincando os dentes, não querendo pisar em Patrick... ou dentro dele. Assim, foram caminhando trabalhosamente para o interior da escuridão, enquanto as águas passavam em torno deles e enquanto, lá fora a tempestade caminhava, falava e envolvia Derry em prematura noite - um negror que uivava com o vento, gaguejava com fogo elétrico e chocalhava com árvores tombando, em um concerto que soava como os gritos de morte de gigantescas criaturas pré-históricas.

3

A Coisa, maio de 1985 Agora, eles estavam vindo novamente e, embora tudo

houvesse marchado como A
Coisa previra, algo que Ela não tinha previsto retornava: aquele medo enlouquecedor, amargo... aquele senso de Uma Outra. A Coisa odiava o medo, se pudesse, cairia sobre ele e o devoraria... mas o medo dançava zombeteiramente fora de alcance, de modo que A Coisa só conseguiria matar o medo, se os matasse. Certamente, não havia necessidade de tal medo; eles agora estavam mais velhos e seu número fora reduzido de sete para cinco. Cinco era um número de poder, porém não possuía a mística qualidade talismãnica do sete. De fato, seu corpo-homem não pudera matar o bibliotecário, mas este morreria no hospital. Mais tarde, pouco antes da aurora tocar o céu, A Coisa enviaria um enfermeiro que o medicaria e terminaria com aquele bibliotecário de uma vez por todas. A mulher do escritor estava agora com A Coisa, viva, embora não completamente

- sua mente fora destruída de todo pela primeira visão que tivera da Coisa, como Ela era realmente, com todas as suas pequenas máscaras e disfarces postos de lado - e todos os disfarces eram apenas espelhos, claro, mostrando ao espectador aterrorizado o que houvesse de pior em sua mente, heliografando imagens, da maneira como um espelho pode lançar um reflexo de sol contra um olho bem aberto e descuidado, provocando-lhe cegueira. Agora, a mente da esposa do escritor estava com A Coisa, na Coisa, além do fim do macroverso; na escuridão além da Tartaruga, nas terras longínquas além de todas as terras. A mulher estava no olho da Coisa; estava em sua mente. Estava nos postigos. Oh, mas os truques eram excitantes. Hanlon, por exemplo. Ele não recordaria, não conscientemente, porém sua mãe poderia ter-lhe contado de onde provinha o pássaro que ele vira na Fundição. Quando era um bebê de apenas seis meses, a mãe o deixara dormindo no berço, no pátio lateral da casa, enquanto ia nos fundos pendurar lençóis e fraldas no varal. Os gritos dele a tinham trazido correndo de volta. Um corvo enorme pousara na borda do berço e estava bicando o bebê Mike, como uma criatura maligna em um conto infantil. Ele havia gritado de dor e terror, incapaz de expulsar o corvo, que pressentira uma presa fraca. A mãe esmurrou a ave e a expulsou dali, viu que ela tirara sangue em dois ou três lugares no braço do bebê e o levara ao Dr. Stillwagon, para uma injeção antitetânica. Uma parte de Mike sempre havia recordado isso - uma

criança pequenina, uma ave gigantesca - e quando A Coisa foi a ele, Mike tornara a ver o pássaro gigante. Entretanto, quando o sujeito-marido da menina de outrora trouxera a esposa do escritor, A Coisa não usara disfarces - Ela não se mascarava, quando em casa. O sujeito-marido olhara apenas uma vez e caíra morto pelo choque, o rosto cinzento, os olhos cheios de sangue que espirrara do cérebro, em uma dúzia de lugares. A mulher do escritor exalara um potente, horrorizado pensamento - OH, MEU JESUS, É UMA FÊMEA - e então, todos os pensamentos tinham cessado, Ela penetrara nos postigos. A Coisa desceu de seu lugar e cuidou dos remanescentes físicos da mulher; preparou-os para serem devorados mais tarde. Agora, Audra Denbrough pendia alto, no meio das coisas, envolta em seda, a cabeça caída contra o vão do ombro, os olhos dilatados e vidrados, os artelhos apontando para baixo. Contudo, neles ainda havia poder. Diminuído, mas existente. Eles tinham ido ali quando crianças e, de algum modo, contra todas as probabilidades, contra tudo o que se

supunha *ser, tudo o que poderia ser, a tinham ferido fundo, quase a matando. Tinham forçado A Coisa a fugir para as profundezas da terra, onde se ocultara, ferida, cheia de ódio e trêmula, em uma crescente poça de seu próprio e estranho sangue. Se me permitem, houve mais uma coisa nova: pela primeira vez, em sua nunca- cessante história, A Coisa precisou fazer um plano; pela primeira vez, Ela sentiu medo de, simplesmente, pegar em Derry o que queria, em Derry, sua reserva de caça particular. A Coisa sempre se alimentara bem com crianças. Muitos adultos podiam ser usados, sem disso se aperceberem, e a Coisa, inclusive, alimentara-se de alguns mais idosos, no correr dos anos - adultos tinham seus próprios terrores, e suas glândulas podiam ser esvaziadas, abertas, para que todos os produtos químicos do medo fluíssem pelo organismo e salgassem a carne. Contudo, seus medos eram, em maioria, demasiado complexos. Medos de crianças eram mais simples e, em geral, mais poderosos. Os medos das crianças podiam ser freqüentemente invocados por um só rosto... e, havendo necessidade de isca, que criança não adoraria um palhaço? Vagamente, A Coisa compreendia que aquelas crianças tinham, de algum modo, voltado suas próprias ferramentas contra Ela - e, por coincidência (certamente, não de propósito, certamente não guiadas pela mão de mais Alguém), ao reunirem sete mentes extraordinariamente imaginativas, A Coisa fora levada para uma zona de grande perigo. Isolados, qualquer daqueles sete garotos poderia tornar-se sua carne e bebida. Se não terminassem reunidos, A Coisa certamente os pegaria, um por um, atraída pela qualidade de suas mentes, como um leão seria atraído ao bebedouro particular de uma zebra, pelo cheiro deste animal. Juntos, no entanto, eles descobriram um alarmante segredo, do qual nem mesmo A Coisa tomara consciência: que a crença tem um segundo gume. Se existirem dez mil camponeses medievais que criam vampiros, acreditando que sejam reais, talvez exista um - provavelmente uma criança - que imaginará a estaca necessária para matá-los. Contudo, uma estaca é apenas madeira estúpida; a mente é a marreta que a faz funcionar. No fim, entretanto, A Coisa tinha escapado; tinha ido para bem fundo, e as crianças exaustas, aterrorizadas, haviam preferido não segui-la, justamente quando Ela se encontrava em seu grau mais vulnerável. As crianças tinham preferido acreditá-la morta ou agonizando, e haviam recuado. A Coisa estava a par do juramento delas e soubera que voltariam, da mesma forma como o leão sabe que, eventualmente, a zebra retornará ao bebedouro. Então, A Coisa começara a traçar um plano, ainda que já começasse a cochilar. Quando Ela*

acordasse, estaria curada, renovada - mas a infância deles se teria extinguido, como sete gordas velas. O antigo poder de imaginação daqueles garotos estaria mudo e enfraquecido. Eles não mais imaginariam que havia piranhas no Kenduskeag, que pisando em uma rachadura da calçada a mãe quebraria as costas ou que matando uma joaninha que pousasse na camisa, a casa do matador pegaria fogo aquela noite. Em vez disso, acreditariam em seguros. Em vez disso, acreditariam em jantar com vinho - qualquer coisa boa, mas não demasiado pretensiosa, como um Pouilly-Fuissé 83 - e, por favor, garçom, deixe o vinho respirar, sim? Em vez disso, acreditariam que Rolaids consomem quarenta e sete vezes o próprio peso, em termos de excessiva acidez estomacal. Em vez disso, acreditariam em televisão pública, Gary Hart, correriam para evitar ataques cardíacos, desistiriam de carne vermelha para evitar câncer do cólon. E, a cada ano passado, seus sonhos encolheriam. Então, quando acordasse, A Coisa os chamaria de volta, sim, de volta, porque o medo era fértil, seu filho era a raiva, e a raiva chorava por vingança. Ela os chamaria e depois os mataria. Só agora, quando eles estavam chegando, o medo retornara. Eles haviam ficado adultos, sua imaginação enfraquecera, mas não tanto quanto A Coisa acreditara. Ela captara um alarmante, perturbador aumento na força deles quando se reuniam e, pela primeira vez, gostaria de saber se não cometera um erro. Ora, mas por que a apreensão? A morte estava lançada e nem todas as probabilidades eram ruins. O escritor estava quase fora de si por causa da esposa, e isso era muito bom. Era ele o mais forte, aquele que, de algum modo, treinara a mente para este confronto no correr de todos os anos passados. Então, quando o escritor estivesse morto, com as tripas escapando para fora do corpo, quando seu precioso "Grande Bill" morresse, os outros seriam dela rapidamente. A Coisa ficaria bem alimentada... e então, talvez Ela se aprofundasse de novo. E cochilaria. Por algum tempo.

4

Nos túneis, 4:30 da madrugada

- Bill! - gritou Richie, no encanamento ecoante. Ele se movia o mais depressa possível, mas ainda assim era pouco. Recordou que, quando crianças, tinham caminhado agachados naquele cano, que se distanciava da estação de bombeamento nos Barrens. Agora, ele engatinhava e o cano parecia incrivelmente estreito. Seus óculos insistiam em escorregar da ponta do nariz e ele insistia em empurrá-los para cima outra vez. Podia ouvir Bev e Ben atrás dele. - Bill! - tornou a gritar. - Eddie! - Estou aqui! - a voz de Eddie chegou até ele. - Onde está Bill? - gritou Richie. - Mais à frente! - respondeu Eddie, agora bem mais próximo, de modo que Richie o pressentiu logo adiante, embora não o vendo. - Ele não podia esperar! A cabeça de Richie tocou a perna de Eddie. Um momento mais tarde, a cabeça de Bev tocava o traseiro de Richie. - *Bill!* - Richie gritou, o mais alto que pôde. O encanamento canalizou seu grito e o enviou de volta a ele, magoando-lhe os ouvidos. - *Bill, espere por nós! Não sabe que temos de estar juntos?*

A voz de Bill chegou até ele, distante, ecoante: -
Audra! Audra! Onde está você?
- Droga para você, Grande Bill! - exclamou Richie, suavemente. Seus óculos caíram. Ele praguejou, tateou por eles, encontrou-os e tornou a colocá-los no nariz, gotejantes. Respirou fundo e tornou a gritar: *Você ficará perdido sem Eddie, seu bunda- mole! Espere! Espere por nós! Está me ouvindo, Bill? ESPERE POR NÓS, PORRA!*
Houve um agoniante momento de silêncio. Parecia que ninguém respirava. Tudo quanto Richie ouvia era água caindo; o encanamento agora estava seco, exceto pelas poças estagnadas ocasionais. - *Bill!* - Ele passou a mão trêmula pelos cabelos e lutou contra as lágrimas. -
ESCUTE... POR FAVOR, CARA ! ESPERE POR NÓS! POR FAVOR!
E, mais fraca ainda, a voz de Bill: - Estou esperando. - Obrigado, meu Deus, por pequenos favores - murmurou Richie. Bateu no traseiro de Eddie: - Vamos. - Não sei quanto tempo vou agüentar, usando um braço só - respondeu Eddie, à maneira de desculpa. - Continue assim mesmo - disse Richie. Eddie recomeçou a engatinhar. Parecendo desfigurado e quase exaurido, Bill os aguardava no encanamento de esgoto onde se alinhavam os três canos, como luzes de um sinal de trânsito apagado. Ali havia espaço suficiente para que eles ficassem em pé. - Lá - dise Bill. - C-Criss. E Ar-Ar-Arroto. Eles olharam. Beverly gemeu e Ben passou um braço em torno dela. O esqueleto de Arroto Huggins, envolto em farrapos apodrecidos, parecia mais ou menos intacto. O que sobrara de Victor não tinha cabeça. Bill olhou para o outro lado da tubulação e avistou um crânio sorridente. Lá estava - era o restante dele. *Deviam ter desistido disso, caras,* pensou Bill, e estremeceu. Aquela parte do sistema de esgotos caíra em desuso; Richie deduziu que o motivo era bem claro. As instalações para tratamento da água haviam entrado em funcionamento. Algum tempo, durante os anos em que eles tinham estado ocupados em aprender a fazer a barba, dirigir um carro, fumar, trepar de vez em quando, toda essa boa droga, o Departamento de Proteção Ambiental ganhara vida, e o DPA decidira que despejar esgoto *in natura* - e mesmo água servida - em rios e correntes, era estritamente proibido. Assim, aquela parte do esgoto de sistema fora simplesmente aposentada, ficara mofando, e os cadáveres de Victor Criss e Arroto Huggins mofaram com ela. Como as crianças que viviam com Peter Pan, Victor e Belch nunca haviam crescido. Ali estavam os esqueletos de dois meninos, nos remanescentes andrajosos de camisetas e jeans apodrecidos e em tiras. O musgo crescera sobre o aguçado xilofone formado pelas costelas de Victor e sobre a águia na fivela de seu cinturão. - O monstro os pegou - disse Ben suavemente. - Lembram-se? Nós ouvimos quando aconteceu. - Audra está morta. - A voz de Bill era mecânica. - Eu sei. - Você não sabe *coisa nenhuma!* - exclamou Beverly, com tal fúria, que Bill despertou e olhou para ela. - Você só tem certeza de que muitas *outras* pessoas morreram, crianças em sua maioria! - Caminhou até ele e parou, com as mãos na cintura. O rosto e as mãos estavam imundos de sujeira, os cabelos misturados a terra. Richie a achou absolutamente magnífica. - E você sabe o que fez isso!

- Eu nu-nunca devia ter d-d-dito a ela para onde vi-vinha - disse Bill. - Por que falei? Por que tive de... Beverly estendeu as mãos e o agarrou pela camisa. Espantado, Richie a viu sacudi- lo. - Já chega! Você sabe o que viemos fazer! Nós juramos, *e vamos até o fim!*

Entendeu bem, Bill? Se ela está morta, está morta... *mas A Coisa não está!* Neste momento, nós precisamos de você. Entendeu? *Precisamos* de você! - Ela agora chorava. - Portanto, fique do nosso lado! Fique do nosso lado como já ficou antes ou nenhum de nós vai sair daqui! Ele a fitou por um longo momento em silêncio, e Richie viu-se pensando: *Vamos, Grande Bill. Vamos, vamos...*

Bill se virou para os outros e assentiu. - E-Eddie. - Estou aqui, Bill. - V-V-Você ainda le-lembra qual e-era o ca-ca-cano? Eddie apontou além de Victor. - Aquele lá. Parece bem pequeno, não? Bill tornou a assentir. - Acha que conseguirá? Com um bra-braço quebrado? - Conseguirei, por você, Bill. Bill sorriu. Era o sorriso mais cansado, mais terrível que Richie já vira em sua vida. - Le-Leve-nos lá, E-Eddie. Vamos a-a-acabar com is-isso!

5

Nos túneis, 4:55 da madrugada

Enquanto rastejava, Bill recordou a queda existente no final daquele encanamento, mas assim mesmo ficou surpreso, quando aconteceu. Em um momento, suas mãos arrastavam-se sobre a superfície áspera do velho cano; no seguinte, patinavam no ar. Caiu para diante e rolou instintivamente, aterrando sobre o ombro, com dolorosa pancada. - Tomem c-c-cuidado! - ouviu-se gritando. - O ca-cano t-termina aqui! E-E-Eddie? - Estou aqui! - A mão de Eddie, em movimento, roçou a testa de Bill. - Pode me ajudar? Ele passou os braços em torno de Eddie e procurou tomar cuidado com o braço quebrado. Ben surgiu em seguida, depois Bevvie, e então Richie. - Você tem fó-fó-fósforos, Ri-Richie? - Eu tenho - disse Beverly. Bill sentiu uma mão tocar a sua na escuridão e dar-lhe uma carteirinha de fósforos. - Há oito ou dez sobrando, mas Ben tem mais. Do quarto. - Guardou os fósforos de-debaixo do b-braço, B-Bev? - perguntou Bill. - Não desta vez - disse ela, abraçando-o no escuro. Ele a apertou com força, de olhos fechados, procurando aceitar o conforto que ela queria dar tão desesperadamente. Depois a soltou com delicadeza e riscou um fósforo. O poder da memória era grande - todos olharam imediatamente para a direita. O que restava do corpo de Patrick Hockstetter continuava lá, entre algumas coisas volumosas, intumescidas, que podiam ter sido livros. A única coisa realmente

identificável era um duplo semicírculo de dentes, dois ou três deles mostrando obturações. Havia algo ali perto. Um círculo cintilante, quase não percebido ao clarão vacilante do fósforo. Bill jogou fora o fósforo e acendeu outro. Apanhou o círculo. - A aliança de Audra - disse. Sua voz era cava, inexpressiva. O fósforo apagou-se entre seus dedos. Na escuridão, ele colocou a aliança. - Bill? - chamou Richie, hesitante. - Tem alguma idéia sobre

6

Nos túneis, 14:20

quanto tempo haviam estado perambulando através dos túneis abaixo de Derry, desde que tinham deixado o lugar onde jazia o corpo de Patrick Hockstetter, mas Bill estava certo de que jamais encontraria o caminho de volta. Ficou pensando no que seu pai dissera: *Uma pessoa pode perambular semanas, lá embaixo.* Se o senso de direção de Eddie lhes falhasse agora, não precisariam que A Coisa os matasse; ficariam andando de um lado para outro até morrerem... ou, se penetrassem no conjunto errado de encanamentos, até serem afogados como ratos em barricas de recolher água da chuva. Eddie, contudo, não parecia nem um pouco preocupado. De vez em quando, pedia que Bill acendesse um dos fósforos cujo estoque ia diminuindo, olhava em torno pensativamente e recomeçava a andar. Dobrava à direita e esquerda, como que ao acaso. Em certas ocasiões, os encanamentos eram tão altos, que Bill não conseguia tocar o topo, nem espichando os braços ao máximo. Às vezes, tinham que rastejar e, em uma delas, durante cinco horríveis minutos (que mais pareceram cinco horas), arrastaram-se para diante sobre a barriga, como vermes, Eddie agora à frente, os outros seguindo com o nariz nos calcanhares do que ia à frente. A única certeza de Bill era que haviam, de certa forma, penetrado em uma seção desativada do sistema de esgotos de Derry. Todos os encanamentos em atividade haviam sido deixados muito para trás ou muito acima. O rugido de água corrente diminuíra para um trovão longínquo. Aqueles encanamentos eram mais antigos, não de cerâmica cozida, mas de uma matéria esboroante parecida a argila, que por vezes deixava vazar correntes fluidas de cheiro nauseabundo. Os cheiros de dejetos humanos - aquele fedor forte, gaseificado que ameaçara sufocar todos eles - tinha diminuído, mas sendo então substituído por outro cheiro, amarelo e antigo, que era ainda pior. Ben pensou que era o cheiro da múmia. Para Eddie, parecia o cheiro do leproso. Richie o achou semelhante ao cheiro do mais antigo blusão de flanela do mundo, agora mofado e apodrecendo - um blusão enorme de lenhador, grande o bastante para um sujeito talvez como Paul Bunyan. Para Beverly, aquele era o cheiro da gaveta de meias de seu pai. Em Stan Uris, evocava uma terrível recordação da mais tenra infância - uma recordação estranhamente judia, para um menino que tinha apenas a mais vaga compreensão do próprio judaísmo. Aquilo cheirava a barro misturado com óleo, fazendo- o pensar em um demônio sem olhos nem boca, chamado Golem, um homem de barro, supostamente criado por judeus renegados na Idade Média, para salvá-los dos *goyim,* que

os roubavam, violentavam suas mulheres e então os mandavam embora, sem qualquer explicação. Mike pensou no cheiro seco de penas, em um ninho abandonado. ; Quando finalmente atingiram o outro extremo daquele estreito encanamento, deslizaram como enguias para a encurvada superfície de outro, seguindo em ângulo oblíquo ao primeiro. Então, descobriram que podiam ficar em pé novamente. Bill apalpou as cabeças dos fósforos restantes na carteirinha. Quatro. Seus lábios apertaram-se e ele decidiu não contar aos outros o quão perto estavam de ficar sem luz... a menos que fosse absolutamente forçado a falar. - Co-Co-Como v-v-vocês estão i-indo, ca-caras? Os outros murmuraram respostas, ele assentiu no escuro. Nada de pânico e nada mais de lágrimas, desde as de Stan. Aquilo era bom. Ele tateou, à procura de outras mãos, e permaneceram reunidos no escuro, de mãos dadas, por um momento, todos dando e recebendo contato. Bill sentiu uma nítida exultação nisto, um seguro senso de que estavam produzindo, de algum modo, mais do que a soma de seus sete eus; haviam-se reacrescentado em um todo mais potente. Acendeu um dos fósforos remanescentes e eles avistaram um túnel estreito espichando-se à frente, em plano inclinado para baixo. O topo desse túnel era festonado de frouxas teias de aranha, algumas rompidas pela água e pendendo em punhados. Bill sentiu um arrepio atávico, ao olhar para eles. Ali, o piso era seco, mas espessado por substância antiga, que poderia ter sido folhas, fungos... ou algum excremento inimaginável. Mais acima, ele divisou uma pilha de ossos e um montículo de trapos verdes. Um dia, aqueles trapos poderiam ter sido o que denominavam "algodão lustroso", das roupas de operários. Bill imaginou algum trabalhador do Departamento de Esgotos ou Departamento de Água que se perdera, perambulara até ali e fora descoberto... O fósforo crepitou. Bill o virou de cabeça para baixo, querendo que a luz durasse um pouco mais. - Vo-Você s-s-sabe onde es-estamos? - perguntou a Eddie. Eddie apontou para a entrada ligeiramente torcida do túnel. - O Canal fica para lá - disse. - A uns quinhentos metros, a menos que esta coisa vire em outra direção. Acho que agora estamos debaixo da Colina Milha Acima. Só que, Bill... O fósforo queimou os dedos de Bill, que o deixou cair. Encontravam-se novamente em plena escuridão. Alguém - Bill imaginou que fosse Beverly - suspirou. Contudo, antes que a luz se extinguisse, ele pudera perceber a preocupação no rosto de Eddie. - O q-q-que é? O q-q-que f-foi? - Quando falo que estamos debaixo da Colina Milha Acima, quero dizer que

realmente estamos debaixo dela. Estivemos descendo por muito tempo até agora. Ninguém *ainda* instalou canos de esgoto nesta profundidade. Quando alguém faz isso, a gente chama de galeria de mina. - A que profundidade acha que estamos, Eddie? - perguntou Richie. - Uns quatrocentos metros - respondeu Eddie. - Talvez mais. - Deus nos ajude! - gemeu Beverly. - De qualquer modo, estes aqui não são encanamentos de esgoto - disse Stan, atrás deles. - A gente pode saber pelo cheiro. É fedorento, mas não é cheiro de *esgoto.*

- Eu preferia o cheiro de esgoto - disse Ben. - Este aqui mais parece... Um grito flutuou até eles, expelido pela boca do encanamento que haviam acabado de deixar, um grito que eriçou os cabelos na nuca de Bill. Os sete achegaram-se mais, ficaram muito juntos.

- *... vamos pegar vocês, seus filhos da puta! Nós vamos pegar vocêêêês...*
- Henry! - ofegou Eddie. - Oh, meu Deus, ele continua vindo! - Não me surpreende - disse Richie. - Certas pessoas são burras demais para desistir. Eles podiam ouvir um distante arquejar, o arrastar de sapatos e roçagar de roupas. - *...vocêêêêêês...*

- V-V-Vamos - disse Bill. Começaram a descer o encanamento, agora caminhando em duplas, à exceção de Mike, que fechava a fila: Bill e Eddie, Richie e Bev, Ben e Stan. - A q-q-que di-distância v-você acha q-q-que H-H-Henry es-está? - Não sei, Grande Bill - respondeu Eddie. - Os ecos estragam tudo. - Eddie baixou a voz. - Você viu aquela pilha de ossos? - V-V-Vi - respondeu Bill, também respondendo em voz baixa. - Havia um cinto de ferramentas com roupas. Acho que era algum cara do Departamento de Águas. - Eu t-t-também a-acho. - Quanto tempo você imagina... - N-N-Não s-sei. Eddie fechou a mão ilesa sobre o braço de Bill, na escuridão. Foi talvez quinze minutos mais tarde que ouviram algo vindo para eles, em meio ao negrume. Richie parou, inteiramente gelado. De repente, sentiu-se de novo com três anos de idade. Ouviu aquele movimento chapinhante, rastejante - aproximando-se deles, cada vez mais perto - e os sons sussurrantes, como de ramagens, formando um fundo. Antes mesmo que Bill acendesse um fósforo, Richie já sabia o que seria. - *O Olho!* - gritou. - *Cristo, é o Olho Rastejante!*

Por um instante, os outros não tinham certeza do que viam (Beverly teve a sensação de que seu pai a encontrara, mesmo ali embaixo, e Eddie teve uma fugaz visão de Patrick Hockstetter voltando à vida - de algum modo, Patrick passara por eles e adiantara-se), mas o grito de Richie, sua c*erteza,* congelaram a forma para todos eles. Então, viram o que Richie via. Um olho gigantesco encheu o túnel, a pupila negra e vidrada com meio metro de diâmetro, a íris de um ruivo-acastanhado lamacento. A esclerótica era bulbosa, membranosa, rendilhada de veias que pulsavam firmemente. Era um horror gelatinoso, sem cílios e pálpebras, movendo-se sobre um leito de tentáculos com aparência de carne viva. Esses tentáculos arrastavam-se sobre a esboroada superfície do túnel, nela afundando como dedos, de maneira que a impressão produzida, ao clarão do oscilante fósforo de Bill, era a de um Olho que desenvolvera dedos de pesadelo, sobre os quais Ele se deslocava. O Olho os fitou com total e febril avareza. O fósforo apagou-se. Na escuridão, Bill sentiu aqueles tentáculos semelhantes a ramagens acariciarem seus tornozelos, as canelas... porém não conseguia mover-se. Seu corpo se tornara gelo sólido. Sentiu a aproximação da Coisa, experimentou o calor que se irradiava dela e ouviu o pulsar molhado do sangue, encharcando-lhe as membranas. Imaginou a viscosidade que sentiria, quando A Coisa o tocasse mas, ainda assim, foi impossível gritar. Inclusive, no momento em que novos tentáculos deslizaram em torno de sua cintura e engancharam-se nas alças de seu jeans, começando a puxá-lo para diante, ele não pôde gritar nem lutar. Uma sonolência mortal parecia ter tomado conta de todo o seu corpo.

Beverly sentiu um dos tentáculos enrolar-se à volta de sua orelha e, de repente, fazer pressão. A dor explodiu e ela foi arrastada para a frente, contorcendo-se e gemendo, como se uma idosa professora lhe estivesse dando um impaciente puxão de orelhas no fundo da sala, para depois forçá-la a sentar-se em uma banqueta e usar um chapéu com orelhas de burro. Stan e Richie tentaram recuar, mas uma floresta de invisíveis tentáculos agora se agitava e sussurrava em torno deles. Ben passou um braço ao redor de Beverly, tentando puxá-la para trás. Ela lhe agarrou as mãos, com apavorada força. - Ben... Ben, A Coisa me pegou... - Não, não pegou... Espere... Vou puxar... Ele puxou com todas as forcas e Beverly gritou, quando a dor invadiu sua orelha e o sangue começou a fluir. Um tentáculo, seco e duro, arrastou-se pela camisa de Ben, fez uma pausa e depois se torceu em doloroso nó à volta de seu ombro. Bill esticou a mão e ela se chocou contra algo aquoso, cheio de viscosidade. *O Olho!* gritou sua mente. *Oh, Deus, botei minha mão no Olho! Oh, Deus! Oh, meu doce, querido Deus! O Olho! Minha mão no Olho!*

Começou então a lutar, mas os tentáculos o puxavam inexoravelmente para diante. Sua mão desapareceu dentro daquela molhada e ávida concavidade. Seu antebraço. Agora, o braço mergulhava no Olho, até o cotovelo. A qualquer momento, o resto de seu corpo colidiria com aquela superfície pegajosa, e ele sentiu que ficaria louco nesse instante. Lutou freneticamente, batendo nos tentáculos com a outra mão. Eddie parecia em transe, ouvindo os gritos sufocados e sons de luta, enquanto seus amigos estavam sendo sugados. Sentiu os tentáculos que envolviam o espaço em torno dele, mas nenhum ainda pousara em seu corpo.
Corra para casa! ordenava-lhe a mente, em voz tonitruante. *Corra para casa, para junto da mamãe, Eddie! Você pode encontrar o caminho!*
Bill gritou no escuro - um som agudo, desesperador, seguido por outros, salpicados e babosos. Eddie despertou de sua paralisia - A Coisa estava tentando capturar o Grande Bill! - *Não!* - berrou Eddie. Seu berro foi emitido com incrível potência. Ninguém poderia imaginar que semelhante som de guerreiro nórdico pudesse escapar de um tórax tão franzino, do tórax de Eddie Kaspbrak, dos *pulmões* de Eddie Kaspbrak, que eram, naturalmente, afligidos pelo mais grave caso de asma em toda Derry. Ele saltou para diante, pulando sobre tentáculos tateantes que nem viu, o braço quebrado batendo contra o peito, ao oscilar para diante e para trás em sua forma de gesso encharcado. Ele remexeu no bolso e puxou o aspirador

(seu sabor é de ácido, é como ácido, ácido, ácido de bateria)
Colidiu com as costas de Bill Denbrough e o empurrou de lado. Ouviu-se um som aquoso de algo rasgado, seguido por um miado grave e ansioso, que Eddie não só percebeu com os ouvidos, como sentiu com a mente. Ergueu o aspirador
(ácido é ácido se eu quiser que seja ácido portanto prove ácido prove ele)
- ÁCIDO DE BATERIA, SUA DANAÇÃO! - gritou Eddie, desfechando um jato de seu aspirador. Ao mesmo tempo, deu um chute no Olho. O pé afundou na gelatina de sua córnea. Houve um esguicho de fluido quente em sua perna. Ele puxou o pé, mal percebendo que perdera o sapato. - *FODA-SE! EMPANTURRE-SE COM ISTO, SAM! VÁ EMBORA, JOSÉ! DESAPAREÇA! FODA-SE!*

Sentiu tentáculos que o tocavam, mas indecisamente. Tornou a acionar o aspirador, cobrindo o Olho com um jato, e sentiu/ouviu aquele miado de novo... agora um som dolorido e surpreso. - *Lutem com A Coisa!* - berrou Eddie para os outros. - *É apenas um maldito Olho! Vocês ouviram? Lute, Bill! Acabe com o desgraçado! Meu Deus do céu, seus maricas, estou fazendo um purê de batatas em cima da Coisa, E TENHO UM BRAÇO QUEBRADO!*

Bill sentiu sua força retornar. Arrancou do Olho o braço gotejante... e então o esmurrou, com o punho fechado. Um momento depois, Ben estava ao lado dele. Chocou- se com o Olho, grunhiu de surpresa e repugnância, então começando a socar aquela trêmula superfície gelatinosa. - *Largue ela!* - gritou. - *Está me ouvindo? Solte ela! Vá embora daqui! Vá embora daqui!*

- *É apenas um Olho! Um fodido Olho!* - berrava Eddie, delirantemente. Acionou de novo seu aspirador e sentiu que A Coisa se encolhia. Os tentáculos pousados nele retiravam-se agora. - *Richie! Richie! Ataque! É só um Olho!*
Richie cambaleou para diante, incapaz de acreditar no que fazia, de que realmente se aproximava do pior e mais terrível monstro do mundo. No entanto, assim era. Apenas deu um soco fraco, e sentiu o punho afundar dentro do Olho - era espesso, molhado e, de certa forma, cartilaginoso - uma experiência que o fez vomitar, em uma forte e insossa convulsão. Um som brotou dele - *glurt!* - e pensou que, de fato, vomitara no Olho, o que provocou nova torção nas tripas. Foi apenas um único soco, mas já que
ele havia criado aquele particular monstro, talvez isso fosse tudo o que era necessário. De repente, os tentáculos tinham desaparecido. Eles podiam ouvir A Coisa recuando... e então os únicos sons eram o do ofegar de Eddie e o do choro manso de Beverly, que tinha a mão sobre a orelha machucada, sangrando ainda. Bill riscou um dos três fósforos restantes e eles se entreolharam, com rostos alucinados, chocados. Uma gosma espessa e nublada escorria pelo braço esquerdo de Bill, parecendo uma mistura de clara de ovo parcialmente congelada e catarro. O sangue escorria lentamente pelo lado do pescoço de Beverly, e havia um corte recente na bochecha de Ben. Richie empurrou devagar os óculos para o alto do nariz. - V-V-Vocês e-estão b-b-bem? - perguntou Bill, em voz rouca. - *Você* está, Bill? - perguntou Richie por sua vez. - S-S-Sim, e-estou. - Bill se virou para Eddie e abraçou o menino menor, com ardente intensidade. - Você me sa-salvou a v-v-ida, c-cara. - A Coisa comeu o seu *sapato* - disse Beverly, e prorrompeu em aloucado riso. - Não foi assim tão *ruim!*

- Eu lhe comprarei um novo par de tênis, quando sairmos daqui - disse Richie. No escuro, deu um tapa nas costas de Eddie. - Como foi que conseguiu, Eddie? - Com meu aspirador. Imaginei que fosse ácido. É o gosto que tem, entenda, quando o uso em um dia em que não me sinto muito bem. Funcionou às mil maravilhas. - "Estou fazendo um purê de batatas em cima da Coisa, e TENHO UM BRAÇO QUEBRADO" - disse Richie, e riu como louco. - Nada mau, Eds. De fato, foi uma agradabilidade, é o que lhe digo. - Odeio quando me chama de Eds. - Eu sei - disse Richie, abraçando-o apertadamente, - mas alguém precisa amadurecê-lo, Eds. Quando parar de levar a existência protegida de uma criança e ficar adulto, você vai, é o que lhe digo, é o que lhe digo, descobrir que a vida não é tão fácil, meu garoto!

Eddie começou a dar gargalhadas estridentes. - Essa é a Voz mais cagada que já ouvi, Richie! - Cara, é bom ficar com esse aspirador ao alcance - disse Beverly. - Podemos precisar dele outra vez. - Viu A Coisa em algum lugar? - perguntou Mike. - Quando acendeu o fósforo? - E-E-Ela de-de-desapareceu - disse Bill, então acrescentando taciturnamente: - Mas estamos chegando perto dela. Do lu-lugar onde E-Ela f-f-fica. E eu a-a-cho que a ge- gente f-f-feriu A C-Coisa d-desta vez! - Henry ainda está vindo - anunciou Stan, em voz baixa e rouca. - Posso ouvir o barulho que faz, mais atrás. - Então, vamos andando - disse Ben. Começaram a caminhar. O túnel avançava firmemente para baixo, e aquele cheiro - um fedor vago, mas nauseabundo - cada vez aumentava mais. Havia momentos em que podiam ouvir Henry atrás deles, mas seus gritos agora pareciam muito distantes e sem a menor importância. Em todos eles havia a sensação - similar à sensação de deslocamento e incoerência experimentada na casa da Rua Neibolt - de que tinham chegado ao extremo do mundo e penetrado em algum bizarro nada. Bill sentia (embora não tendo vocabulário para expressar o que sabia) que se aproximavam do coração escuro e corrompido de Derry. Mike Hanlon tinha a impressão de que quase podia perceber a pulsação arritmica e doentia daquele coração. Beverly era tomada pela sensação de poder maligno aumentando à sua volta, parecendo envolvê-la, certamente tentando afastá-la dos outros e deixá-la sozinha. Nervosamente, estendeu os braços de cada lado do corpo, agarrando as mãos de Bill e de Ben. Pareceu-lhe que estavam muito distantes e chamou por eles, inquieta. - Apertem as mãos! - pediu. - É como se a gente estivesse se distanciando, uns dos outros! Foi Stan quem primeiro reparou que podia enxergar de novo. Havia uma leve, estranha radiância no ar. A princípio, só conseguia ver mãos - a dele, agarrando a de Ben a um lado e a de Mike, no outro. Então, reparou que podia distinguir os botões na camisa enlameada de Richie e o anel de Capitão Meia-noite - apenas um prêmio tolo, de alguma caixa de cereal - usado por Eddie no mindinho. - Ei, caras, vocês estão enxergando? - perguntou Stan, fazendo uma parada. Os outros também pararam. Bill olhou em torno, primeiro notando que *podia* ver - um pouco, pelo menos - e depois que o túnel se tinha alargado extraordinariamente. Estavam agora em uma câmara encurvada, sem duvida, tão grande como o Túnel Sumner, em Boston. Maior ainda, emendou ele, ao olhar em torno, com crescente espanto. Dobraram o pescoço para trás, espichando-o para ver o teto, agora a uns quinze metros ou mais de altura acima deles, mantido por contra-fortes de pedra, encurvados para fora, à semelhança de costelas. Redes de sujas teias de aranha pendiam entre eles. O piso agora era calçado de laje, mas coberto por uma camada tão antiga de detritos e terra, que a qualidade das pisadas nem chegara a mudar. As paredes encurvadas para o alto teriam facilmente outros quinze metros de lado. - O sistema hidráulico deve ter enlouquecido aqui embaixo - falou Richie, rindo inquietamente. - Parece uma catedral - comentou Beverly suavemente. - De onde virá a luz? - quis saber Ben. - Pa-Parece vir di-di-direto das p-p-paredes - replicou Bill.

- Não gosto disso - falou Stan - V-V-Vamos. H-H-Henry logo es-estará re-respirando em n-n-nossos pe-pescoços e... Um grito tonitruante dividiu a penumbra e então soou um forte e pesado ruflar de asas. Uma forma brotou cruzando do escuro, um olho fulgurando de maneira ofuscante - o outro uma lâmpada furta-fogo. - O pássaro! - gritou Stan. - Vejam, é o pássaro! A ave mergulhou para eles, como um bombardeiro obsceno, o chato bico alaranjado se abrindo e fechando, para revelar a forração rosada da boca, tão reluzente como um travesseiro de cetim em um ataúde. Ela foi direta para Eddie. Seu bico raspou-lhe o ombro e ele sentiu a dor afundar na carne, como ácido. O sangue lhe fluiu peito abaixo. Eddie gritou, quando o vento, deslocado pelas asas em movimento da Coisa, soprou o ar nauseabundo do túnel em seu rosto. A ave fez meia- volta, Seu olho brilhava com fulgor, malevolente, girando na órbita, desaparecendo apenas quando sua pálpebra nictitante se baixava momentaneamente, cobrindo-o com uma película transparente. Eddie, que se tinha agachado, soltou um grito, ao perceber que as garras da criatura o buscavam. Elas anavalharam as costas de sua camisa, de alto a baixo, desenhando fundas linhas escarlates ao longo das omoplatas. Eddie continuou gritando e tentou afastar-se de gatinhas, porém a ave atacou de novo. Mike avançou, com a mão enfiada no bolso. Quando a tirou, segurava um canivete de uma lâmina. Assim que a ave mergulhou novamente para Eddie, ele girou o braço armado, em um rápido e apertado arco, acertando uma das garras do pássaro. O corte foi fundo, arrancando sangue. A ave recuou e depois retornou, desdobrando as asas, mergulhando como uma bala. Mike atirou-se a um lado no último segundo, erguendo a mão armada com o canivete. O golpe falhou e a garra da ave atingiu seu pulso, com tal força, que a mão ficou dormente e ardendo - a equimose que mais tarde desabrochou dali, subiu quase até o cotovelo. O canivete voou para o escuro. A ave voltou, grasnando triunfalmente. Mike rolou o corpo sobre o de Eddie, esperando o pior. Stan avançou para os dois garotos enrodilhados no chão, quando a ave voltou ao ataque. Ficou em pé, pequenino e de certa forma asseado, apesar da sujeira manchando suas mãos, braços, calças e camisa. De repente, ergueu as mãos em um gesto curioso - palmas para cima, dedos para baixo. A ave proferiu outro grasnido e voou para ele, como um bólide, deixando de atingi-lo por centímetros, agitando-lhe os cabelos e depois assentando-os, na torvelinhante onda de sua passagem. Stan se virou rapidamente, a fim de enfrentar o retorno do bicharoco. - Acredito em sanhaços escarlates, mesmo nunca tendo visto um! - declamou, em voz aguda e nítida. A ave soltou um grasnido e recuou, como se houvesse sido baleada. - Também acredito em urubus, calhandras da Nova Guiné e flamingos do Brasil! - A criatura grasnou, circulou e, de repente, voou para o alto do túnel, guinchando. - *Eu acredito na águia careca dourada!* - gritou Stan para ela. - *E acho que, de fato, pode existir uma fênix em algum lugar! Mas não acredito em você, portanto, mova seu traseiro para longe daqui! Fora! Pé na estrada, Zé!*

Ele se calou então, e o silêncio pareceu imenso. Bill, Ben e Beverly foram até Mike e Eddie; ajudaram Eddie a levantar-se e Bill examinou os cortes. - N-Não s-s-são muito fu-fundos - disse, - mas a-a-aposto q-que doem co-como o di-di-diabo! - O bicho destroçou minha camisa, Grande Bill!

As bochechas de Eddie reluziam de lágrimas, e ele respirava sibilando novamente. O vigor barbaresco de sua voz desaparecera, sendo difícil acreditar que partira de sua garganta. - O que vou dizer para minha mãe? - lamentou-se ele. Bill sorriu de leve. - P-P-Por que n-não de-deixa para s-s-se pre-preocupar com is-isso q-q-quando sa- sairmos daqui, E-E-Eddie? To-Tome u-uma dose de s-s-seu re-remédio. Eddie assim fez, inalando fundo e então espirrando. - Você foi grande, cara! - disse Richie a Stan. - Formidavelmente *grande!*

Stan tremia de alto a baixo. - Não existe nenhum pássaro como aquele, eis tudo - disse. - Não existe e jamais existirá! - *Nós estamos indo!* - gritou Henry, atrás deles. Sua voz era a de um demente total. Ele agora ria e urrava. Parecia algo que houvesse rastejado de uma fenda no teto do inferno. - *Eu e Arroto! Estamos chegando e vamos pegar vocês, seus merdinhas! Não podem escapar agora!* Bill gritou: - *V-V-Vá embora, H-H-Henry! En-En-Enquanto ainda há t-t-tempo!*

A resposta de Henry foi um berro surdo, inarticulado. Os garotos ouviram ruídos de pisadas e, em um relance de compreensão, Bill percebeu o único objetivo de Henry: ele era real, era mortal, não podia ser detido por um aspirador ou um livro de pássaros. Magia alguma funcionaria com Henry. Ele era obtuso demais para isso. - V-V-Vamos! Temos q-que fi-ficar à f-f-rente d-dele! Seguiram em frente de mãos dadas, Eddie com os farrapos da camisa oscilando às suas costas. A luz ficou mais brilhante, o túnel ainda mais imenso. À medida que descia, o teto subia ainda mais, a ponto de mal ser entrevisto. Os garotos agora tinham a impressão de que não caminhavam em um túnel, mas através de um titânico pátio subterrâneo, a via de acesso a algum ciclópico castelo. A claridade que brotava das paredes se tornara um contínuo fogo verde-amarelado. O cheiro era mais intenso e eles começaram a captar vibrações que podiam ser reais ou existirem apenas em suas mentes. Era uma vibração firme e rítmica. Era o pulsar de um coração. - O túnel termina lá em frente! - exclamou Beverly. - Vejam! É uma parede lisa! No entanto, à medida que se aproximavam, semelhantes a formigas naquele gigantesco piso de sujos blocos de pedra, cada bloco maior do que o Parque Bassey, segundo parecia, eles viram que a parede, afinal de contas, não era inteiramente lisa. E, embora a parede em si se elevasse dezenas de metros acima deles, a porta era muito pequena. Não teria mais do que um metro de altura, era uma portinhola do tipo que se veria em um livro de contos de fadas, feita de rijas tábuas de carvalho, pregadas juntas por tiras de ferro, formando um X. Como todos puderam perceber imediatamente, era uma porta construída apenas para crianças. Vagamente, dentro do cérebro, Ben ouviu a bibliotecária lendo para as criancinhas: *Quem é que está andando na minha ponte?* E os pequeninos inclinavam-se para diante, com a velha fascinação cintilando nos olhos: o monstro levaria a melhor... ou seria derrotado? Havia uma marca na porta e uma pilha de ossos, amontoados à sua base. Ossos pequeninos. Ossos de só Deus sabia quantas crianças. Eles haviam chegado à morada da Coisa. E também à marca na porta: o que seria aquilo?



Para Bill, assemelhava-se a um barco de papel. Stan a viu como um pássaro elevando-se no céu - talvez uma fênix. Michael viu um rosto encapuzado - o do louco Butch Bowers, possivelmente, se pudesse ser visto. Para Richie, pareciam dois olhos atrás de óculos. Beverly a achou semelhante a uma mão, fechada. Eddie imaginou-a o rosto do leproso, de olhos afundados e enrugada boca rosnante - um rosto onde haviam sido impressos apenas doença e repugnância. Ben Hanscom viu um monte bolorento de farrapos, parecendo exalar cheiros acres e antigos. Mais tarde, chegando à mesma porta, com os gritos de Arroto ainda ecoando em seus ouvidos, sozinho naquele lugar, Henry Bowers a veria como a lua, cheia, madura... e negra. - Estou com medo, Bill - disse Ben, em voz trêmula. - Vamos ter que passar por ela? Bill tateou os ossos com a ponta do pé e, de repente, espalhou-os em uma nuvem poeirenta. Estava assustado também... mas havia George a considerar. A Coisa arrancara o braço de George. Aqueles ossos pequeninos e frágeis estariam entre estes? Sim, claro que estariam. Eles haviam chegado até ali por causados donos daqueles ossos, George e todos os demais - aqueles que tinham sido trazidos para este lugar, os que poderiam ser trazidos, os que haviam sido abandonados em outros locais, simplesmente para apodrecer.- Vamos t-ter que p-passar - respondeu Bill. - E se estiver trancada? - perguntou Beverly, em um fio de voz. - N-N-Não está tr-tr-trancada - respondeu Bill, e então disse a ela o que sabia, muito lá no fundo, em algum lugar: - Lu-Lu-Lugares as-assim nu-nunca são t-t-trancados. Colocou os dedos da mão direita em tenda sobre a porta, e empurrou. Ela se moveu, abrindo-se para uma enchente de nauseante luz verde-amarelada. Aquele cheiro de jardim zoológico envolveu todos eles, incrivelmente forte, incrivelmente potente agora. De um em um, cruzaram aquela porta de conto de fadas, e penetraram na toca da Coisa. Bill

7

Nos túneis, 4:59 da madrugada

estacou tão subitamente, que os outros amontoaram-se como vagões de carga, quando a máquina faz uma parada repentina de emergência. - O que foi? - perguntou Ben. - A C-C-Coisa estava a-a-aqui. O O-O-Olho. Le-Le-Lembram-se? - Eu me lembro - disse Richie. - Eddie a deteve com seu aspirador, fingindo que era ácido. Ele disse algo sobre alguma dança. Francamente carinhosa, porém não recordo ao certo o que era. - N-Não i-i-importa. Não ve-veremo& nada que vi-vimos a-a-antes

- disse Bill. Riscou um fósforo e se virou para os outros. Os rostos estavam luminosos ao clarão da chama, luminosos e místicos. E pareciam muito jovens. - Co- Como estão i-indo, ca-caras? - Tudo bem, Grande Bill - disse Eddie, mas tinha o rosto tenso pela dor. As talas que Bill colocara estavam saindo do lugar. - E você? - Le-Le-Legal - respondeu Bill, apagando o fósforo, antes que seu rosto contasse a eles uma história diferente. - Como poderia ter acontecido? - perguntou Beverly a ele, tocando-lhe o braço no escuro. - Bill, como ela poderia...? - P-P-Porque eu di-disse o n-nome da cidade. E-Ela v-veio atrás de m-m-mim. M- Mesmo enquanto eu fa-falava, a-alguma c-coisa me di-dizia p-para fi-fi-ficar ca-ca- calado... mas eu n-n-não q-quis ou-ou-ouvir. - Bill sacudiu a cabeça no escuro, impotente. - M-M-Mas se ela v-v-veio a De- Der-Derry, não e-e-entendo como a-a-acabou p-parando *a-aqui* e-e-embaixo. S-Se H-H- Henry não a tr-trouxe, e-en-então q-q-quem f-f-foi? - Foi A Coisa - disse Ben. - A Coisa não tem que parecer malévola o tempo todo, nós sabemos. Poderia ter aparecido e dito que você estava em apuros. Então, trouxe-a para cá, a fim de... deixar você louco, imagino. Para arrancar-nos a pele. Porque foi isso que Ela sempre quis, Grande Bill. Nossa pele. - Tom? - disse Beverly, em voz baixa, quase um murmúrio. - *Q-Q-Quem?*

Bill riscou outro fósforo. Beverly olhava para ele, com uma espécie de desesperada honestidade. - Tom. Meu marido. Ele também sabia. Pelo menos, acho que mencionei o nome da cidade para ele, como você o mencionou para Audra. Eu... Eu não sei se Tom o guardou ou não. No momento, estava furioso comigo. - Céus, o que é isto, algum tipo de novela de televisão, em que todos acabam surgindo em cena, cedo ou tarde? - exclamou Richie. - Não é uma novela - disse Bill, parecendo enojado, - mas um espetáculo. Como o circo. Esta Bev se foi e casou com Henry Bowers. Quando voltou, por que ele não voltaria para cá? Afinal, o verdadeiro Henry voltou. - Não - disse Beverly. - Não me casei com Henry. Foi com meu pai. - Se ele a surrava, qual a diferença? - perguntou Eddie. - F-Fiquem à mi-minha volta - disse Bill. - A-A-Aproximem-se. Assim fizeram. Bill se virou para os lados, segurou a mão ilesa de Eddie e uma de Richie. Logo haviam formado um círculo, como acontecera antes, muitos anos atrás, quando seu número era maior. Eddie sentiu alguém passar um braço à volta de seus ombros. Era uma sensação cálida e confortadora, profundamente familiar. Bill experimentou o senso de poder recordado de outrora mas, com certo desespero, compreendeu que as coisas realmente *haviam* mudado. O poder estava longe de ser tão forte - esforçava-se e vacilava, como a chama de uma vela tocada por ar em movimento. A escuridão agora parecia mais intensa e, perto deles, mais triunfante. E ele pôde farejar A Coisa. *Além desta passagem,* pensou ele, *e não muito distante, há uma porta com a marca estampada sobre ela. O que havia atrás daquela porta? É a única coisa que ainda não consigo recordar. Posso lembrar que tornei meus dedos rijos, porque eles queriam tremer, como posso lembrar que empurrei a porta e a abri. Posso até recordar o fluxo de luz que jorrou para fora e como parecia quase viva, como se não fosse apenas luz, mas serpentes fluorescentes. Lembro-me do cheiro, semelhante ao da jaula de macacos num grande zoológico, só que ainda pior. E depois disso... nada.*

- A-A-Algum de v-v-vocês le-le-lembra o q-que A Coisa era re-re-realmente? - Não - respondeu Eddie. - Eu acho que... - começou Richie, mas então Bill quase o sentiu abanando a cabeça na escuridão. - Não. - Não - disse Beverly. - Hum... - agora foi Ben. - Está aí a única coisa que não consigo recordar. O que era A Coisa... ou como a vencemos. - Chüd - disse Beverly. - Foi como a vencemos. Só que não me lembro do que isso significa. - Aj-Ajudem-me - disse Bill, - e eu a-a-ajudarei v-vocês, caras. - Bill - falou Ben. Sua voz era muito calma. - Vem vindo alguma coisa por aí. Bill procurou ouvir. Ouviu pisadas que se arrastavam, lerdas, aproximando-se deles no escuro... e ficou com medo. - A-A-Audra? - chamou... mas já sabia que não era ela. O que quer que se arrastasse para junto deles ficou mais perto. Bill acendeu um fósforo.

8

Derry, 5:00 da manhã

A primeira coisa errada aconteceu naquele dia de fim de primavera de 1985, dois minutos antes do nascer do sol oficial. Para saber-se até onde aquilo era errado, seria preciso estar-se a par de dois fatos conhecidos por Mike Hanlon (que jazia inconsciente no Hospital de Derry, quando o sol nasceu), ambos relacionados à Igreja Batista da Graça, que se elevava na esquina de Witcham com Jackson, desde 1897. A igreja era encimada pela branca espira esguia que era a apoteose de cada campanário da igreja protestante na Nova Inglaterra. Havia faces de relógio nos quatro lados da base da torre, cujo mecanismo fora fabricado na Suíça e de lá embarcado, no ano de 1898. O único semelhante a ele ficava na praça da cidadezinha de Haven Village, a sessenta e quatro quilômetros dali. Stephen Bowie, um barão madeireiro que residira na Broadway Oeste, doara o relógio à cidade, tendo pago por ele cerca de 17.000 dólares. Bowie podia gastar esse dinheiro. Era religioso sincero, tendo sido diácono durante quarenta anos (sendo que no correr dos últimos também fora presidente do capítulo de Derry da Legião da Decência Branca). Em adição, era conhecido por seus devotos sermões leigos no Dia das Mães, uma data que sempre mencionava reverentemente como o Domingo das Mães. Desde a época de sua instalação e até 31 de maio de 1985, aquele relógio sempre badalara fielmente cada hora e meia hora - com uma notável exceção. No dia da explosão na Fundição Kitchener, ele deixara de badalar ao meio-dia. Os moradores acreditavam que o Reverendo Jollyn silenciara o relógio, para mostrar que a igreja estava de luto pelas crianças mortas, e Jollyn jamais os desmentiu, embora isso não fosse verdade. Simplesmente, o relógio não badalara. Como tampouco badalou às cinco da manhã de 31 de maio de 1985. Naquele momento, por toda Derry, residentes antigos abriram os olhos e sentaram- se na cama, perturbados por algo que não conseguiam discernir. Remédios foram tomados, dentaduras encaixadas, cachimbos e charutos acendidos. Os moradores velhos deram uma espiada.

Um deles foi Norbert Keene, agora na casa dos noventa. Chegou à janela e espiou para um céu escurecendo. O boletim meteorológico da noite anterior indicava céus claros, porém os ossos diziam a ele que ia chover e bastante. Ele ficou assustado, muito lá no fundo; de certa forma obscura, sentiu-se ameaçado, como se algum veneno estivesse trabalhosamente caminhando para seu coração. Casualmente, recordou o dia em que o Bando de Bradley entrara sem maiores cuidados em Derry, sob a mira de setenta e cinco pistolas e rifles. Tratava-se de um tipo de trabalho capaz de deixar um homem experimentar uma espécie de calor e indolência interiores, como tudo que era... era *confirmado* de alguma sorte. Ele não podia dar melhor explicação para isso, nem a si mesmo. Tarefas assim deixavam um homem com a sensação de que talvez vivesse para sempre,e Norbert Keene quase chegara a isso. Completara noventa e seis anos a 24 de junho e ainda caminhava cinco quilômetros todos os dias. Agora, no entanto, sentia-se amedrontado. - Aquelas crianças - disse, espiando de sua janela, sem perceber que havia falado. - O que há com as malditas crianças? O que andam tramando com um tempo destes? Egbert Thoroughgood, de noventa e nove anos, que estivera no Dólar de Prata quando Claude Heroux levantara a machadinha e executara com ele "A Marcha dos Mortos" para quatro homens, despertou no mesmo momento, levantou-se da cama e deixou escapar um grito enferrujado, que ninguém ouviu. Ele havia sonhado com Claude, somente que Claude estivera atrás *dele,* e a machadinha descera. Um instante após isso, Thoroughgood vira a própria mão decepada estremecendo e contorcendo-se sobre o balcão do bar.

Há algo errado, pensou, à sua maneira emperrada, tomado de medo e estremecendo de alto a baixo, em suas ceroulas manchadas de urina. *Alguma coisa terrivelmente errada.*

Dave Gardener, que havia descoberto o corpo mutilado de George Denbrough em outubro de 1957, e cujo filho encontrara a primeira vítima deste novo ciclo, no início da primavera, abriu os olhos quando soaram as cinco horas da manhã e pensou, antes mesmo de olhar para o relógio em cima da secretária: *A Igreja da Graça não badalou a hora... O que há de errado?* Sentiu um medo enorme e mal definido. Dave tinha prosperado no correr dos anos; em 1965, comprara a Sapataria Shoeboat, e agora havia uma segunda Shoeboat no Mall de Derry, além de uma terceira em Bangor. De repente, todas aquelas coisas - coisas pelas quais passara a vida labutando - pareceram em perigo. *Perigo de quê?* exclamou para si mesmo, olhando para a esposa adormecida. *De* quê, *seu idiota medroso, apavorado só porque aquele relógio não badalou?* De qualquer modo, ele não teve resposta. Levantando-se, ele foi até a janela, segurando a cintura do pijama. O céu estava inquieto, com nuvens correndo do oeste, o que fez o nervosismo de Dave aumentar. Pela primeira vez em muito, muitíssimo tempo, viu-se pensando nos gritos que o tinham levado à entrada de sua casa, vinte e sete anos antes, para ver a figura miúda no impermeável amarelo. Olhou para as nuvens que se aproximavam e pensou: *Estamos em perigo. Todos nós. Derry.*

O Chefe Andrew Rademacher, que realmente acreditava ter feito o máximo para resolver a nova série de assassinatos de crianças que baixara em Derry como uma praga, ficou parado na varanda de sua casa, os polegares enfiados no cinturão, espiando para as nuvens. Sentiu a mesma inquietação. *Alguma coisa está para acontecer, e logo. Antes de mais nada, parece que vamos ter chuva à vontade. Contudo, não é só isso...* Ele estremeceu... e enquanto estava parado na varanda, o cheiro do bacon que sua esposa preparava infiltrando-se pela porta de tela, os primeiros pingos de chuva, do tamanho de

moedas de dez centavos, escureceram a calçada à frente de sua aprazível residência na Rua Reynolds. Em algum lugar, pouco acima do horizonte nos lados do Parque Bassey, um trovão ribombou. Rademacher tornou a estremecer.

9

George, 5:01 da manhã

Bill ergueu o fósforo... e soltou um grito estridente, trêmulo e prolongado. George acenava do túnel para ele, George, ainda vestido em seu impermeável amarelo, salpicado de sangue. Uma manga pendia flácida e inútil. O rosto de George era branco como cal, seus olhos pareciam prata cintilante. Estavam fixos nos de Bill. - *Meu barco!* - a perdida voz de George elevou-se no túnel, vacilante. - *Não consigo encontrá-lo, Bill! Já procurei em toda parte e não acho o meu barco! Agora estou morto e por sua culpa, sua culpa, SUA CULPA...*

- Ge-Ge-Georgie! - gritou Bill, em voz guinchada. Ele sentia a mente debater-se, libertando-se de suas amarras. George caminhou para ele tropegamente, levantando o braço que lhe restara em sua direção, a mão lívida enclavinhada como garra. As unhas estavam sujas e compridas.

Culpa sua - sussurrou George, e sorriu. Seus dentes eram presas; abriam-se e fechavam-se lentamente, como os de uma armadilha para ursos. - *Você me mandou sair e tudo é... culpa... sua!*

- Nã-Nã-Não, Ge-Ge-Georgie! - gritou Bill. - Eu n-n-não s-sa-sabia...

Mato você! - gritou George. Uma mistura de sons caninos escapou daquela boca com presas: uivos, ganidos, latidos. Era uma espécie de riso. Bill podia sentir o cheiro dele agora, sentia o cheiro de George apodrecendo, decompondo-se. Era um odor de celeiro, repugnante, o cheiro de algum monstro final, encurvado em um canto, de olhos amarelos, esperando para estripar algum garoto pequeno. Os dentes de George chocalharam. O som era semelhante ao de bolas de bilhar, uma batendo na outra. Um pus amarelo começou a vazar de seus olhos e escorrer face abaixo... quando o fósforo apagou-se. Bill sentiu seus amigos desaparecerem - estavam correndo, claro que estavam, iam deixá-lo sozinho. Abandonavam-no, como seus pais o tinham abandonado, porque George tinha razão; era tudo culpa sua. Logo ele sentiria aquela única mão agarrar-lhe a garganta, logo sentiria aqueles caninos rasgando-lhe a carne, e isso seria correto. Seria apenas justo. Ele enviara George para a morte e passara toda a sua vida adulta escrevendo sobre o horror dessa deslealdade - oh, soubera emprestar muitas faces à coisa, quase tantas quantas A Coisa usara em relação a eles, mas, no fim de contas, o monstro era somente George, saindo de casa para a enchente que ia cedendo, com seu barquinho de papel, calafetado de parafina. Agora, viria o acerto de contas. - Você merece morrer por ter me matado - sussurrou George. Estava bem perto agora. Bill fechou os olhos. Então, uma claridade amarela encheu o túnel e ele os abriu. Richie erguia um fósforo aceso. - Lute com ele, Bill! - gritou Richie. - Pelo amor de Deus! Lute com A Coisa!

O que vocês estão fazendo aqui? Bill olhou para eles, atordoado. Eles não haviam corrido, afinal. Como pudera ser isso? Como podiam ter ficado, depois de verem quão velhacamente assassinara o próprio irmão? - Lute com A Coisa! - gritava Beverly. - Oh, Bill, lute com Ela! Só você pode fazer isso! Por favor... George agora estava a menos de metro e meio de distância. De repente, ele espichou a língua para Bill. Uma língua sobre a qual rastejavam excrescências fungosas. Bill tornou a gritar. - Mate A Coisa, Bill! - gritou Eddie. - Isso não é seu irmão! Mate A Coisa, enquanto está pequena! *Mate-a AGORA!*

George fitou Eddie com seus brilhantes olhos prateados. Foi apenas um momento, mas Eddie recuou e se chocou contra a parede, como se houvesse sido empurrado, Bill permaneceu hipnotizado, espiando o irmão caminhar para ele, George novamente, após todos aqueles anos - oh sim, era George no fim, como tinha sido no começo - ele podia ouvir o rangido do impermeável amarelo, quando a distância encurtou, podia ouvir o tilintar das fivelas das galochas de George, como podia sentir o cheiro de algo semelhante a folhas molhadas. Parecia que, por baixo do impermeável, o corpo de George era composto por aquelas folhas, que os pés dentro das galochas de seu irmão eram feitos de folhas, sim, um homem-folha, era isso, e isso era George, ele era um rosto decomposto em forma de balão, um corpo feito de folhas mortas, do tipo das que às vezes entopem os bueiros, após uma enchente. Ouviu Beverly gritar esganiçadamente, muito longe.

(ele soca os pulsos)
- Bill, por favor, Bill... (contra os postes, insistindo)

- Vamos procurar meu barco juntos - disse George. Espesso pus amarelo, lágrimas falsas, rolando por suas faces. Ele estendeu o braço para Bill, a cabeça virada de banda, os dentes destacando-se daquelas presas.

(em ver os fantasmas em ver os fantasmas EM VER)

- Nós o encontraremos - disse George. Bill sentiu o hálito da Coisa, e era como um cheiro de animais explodidos, jazendo na auto-estrada à meia-noite. Quando George abriu a boca em um bocejo, Bill viu coisas enxameando lá dentro. - O barco ainda está aqui embaixo, tudo flutua aqui embaixo, nós flutuaremos, Bill, todos flutuaremos... A mão de George se fechou em torno do pescoço de Bill, e o contato era como o de um corpo de peixe.

(ELE VÊ OS FANTASMAS NÓS VEMOS OS FANTASMAS ELES NÓS VOCÊS VÊEM OS FANTASMAS...)

A face contorcida de George aproximou-se do pescoço de Bill. -

... flutuamos...

- *Ele soca os pulsos sobre os postes!* - gritou Bill. Sua voz era mais grave, dificilmente passaria como sua e, em um incandescente lampejo de memória, Richie recordou que Bill somente gaguejava em sua própria voz: quando fingia ser outra pessoa, *jamais* o fazia. A coisa-George encolheu-se, sibilando. As mãos da Coisa aproximaram-se de seu rosto, em um gesto defensivo. - Isso! - gritou Richie, em delírio. - Você encurralou A Coisa, Bill! Pegue Ela! Pegue Ela! Pegue Ela!

- *Ele soca os pulsos sobre os postes, e insiste em fantasmas como hostes!* - trovejou Bill. Avançou sobre a coisa-George. - *Você não é* nenhum fantasma! *George* sabe que eu não desejava vê-lo morto! Meus pais estavam enganados! Atribuíram a culpa a mim *e isso foi errado! Ouviu bem?*
A coisa-George deu meia-volta abruptamente, guinchando como um rato. Começou a correr e enrugava-se sob o impermeável amarelo. O impermeável parecia desfazer-se, em contínuas manchas de amarelo-vivo. Estava perdendo sua forma, tornando-se amorfo. - *Ele soca os pulsos sobre os postes, seu filho da puta!* - gritou Bill Denbrough - *e insiste em fantasmas como hostes!*

Saltou para A Coisa e seus dedos se fincaram no impermeável amarelo, que não era mais um impermeável. O que ele agarrou deu a impressão de alguma estranha e quente matéria elástica, que se derreteu sob os dedos, assim que fechou o pulso para pegá-lo. Caiu de joelhos. Então Richie gritou, quando o fósforo já no fim lhe queimou os dedos, e eles mergulharam novamente na escuridão. Bill sentiu algo avolumar-se em seu peito, algo quente, asfixiante e tão doloroso como urtigas vivas. Agarrou os joelhos e puxou-os até o queixo, esperando que isso estancasse a dor ou talvez a aliviasse; estava obscuramente grato pela escuridão, satisfeito porque os outros não podiam testemunhar sua agonia. Ouviu um som escapar-lhe da garganta - um gemido ondulante. Houve um segundo, depois um terceiro. - *George!* - gritou. - *Eu sinto, George! Jamais desejei que uma coisa tão r-r-ruim a-a-a-acontecesse!*

Talvez houvesse algo mais a dizer, porém ele seria incapaz disso agora. Estava soluçando, deitado de costas com um braço sobre os olhos, recordando o barco de papel, recordando o insistente tamborilar da chuva nas janelas de seu quarto, recordando os remédios e lenços de papel na mesinha-de-cabeceira, a difusa dor da febre em sua cabeça e corpo, recordando George, acima de tudo: recordando George, George em seu impermeável amarelo com capuz.- *George, eu sinto muito!* - exclamou, por entre as lágrimas. - *Eu sinto muito, sinto muito, por favor, s-sinto M-MMUITO...*
Então, eles estavam à sua volta, seus amigos, e ninguém acendeu um fósforo, e alguém o levantou, ele não soube quem, talvez Beverly, talvez Ben ou Richie. Estavam com ele e, durante aquele momento, a escuridão foi bem-vinda.

10

Derry, 5:30 da manhã

Às cinco e meia da manhã chovia copiosamente. Os previsores meteorológicos das estações de rádio em Bangor manifestaram certa surpresa e desfizeram-se em mil desculpas a todos aqueles que haviam feito planos para piqueniques e saídas, baseados na previsão do dia anterior. Puro azar, pessoal; enfrentamos um daqueles estranhos comportamentos meteorológicos, que por vezes se desenvolvem no vale do Penobscot, com pasmosa subitaneidade. Na WZON, o meteorologista Jim Witt descreveu o que chamava de um sistema de baixa pressão “extraordinariamente disciplinado”. Isso, para não dizer coisa pior. As condições do tempo eram de nublado em Bangor a chuvoso em Hampden, de garoento

em Haven a chuva moderada em Newport. Em Derry, no entanto, a apenas quarenta quilômetros do centro de Bangor, o céu desabara. Viajantes da Rota 7 viram-se rodando através de um aguaceiro com cerca de quinze centímetros de profundidade em alguns lugares e, além das Fazendas Rhulin, uma galeria pluvial em declive, obstruída, alagara a auto-estrada a tal ponto, que de fato a tornara intransitável. Às seis horas daquela manhã, a Patrulha Rodoviária de Derry colocara placas alaranjadas de DESVIO nos dois lados do declive. Aqueles que esperavam sob o abrigo da Rua Main pelo primeiro ônibus do dia, que os levaria ao trabalho, ficaram espiando sobre a balaustrada para o Canal, onde a água se mostrava alarmantemente alta, em seu canal de concreto. Não haveria enchente, claro; todos concordavam *nisso.* A água ainda estava um metro e vinte abaixo do nível máximo das águas de 1977 e, naquele ano, não houvera inundação. Contudo, a chuva caía com firme persistência e as trovoadas sucediam-se nas nuvens baixas. A água descia pela Colina Milha Acima em catadupas, penetrando rugidoramente nas calhas e bueiros. Não teremos enchente, eles concordavam, porém havia uma patina de inquietude em cada rosto. Às 5:45, um transformador elétrico em um poste, ao lado do abandonado Depósito de Caminhões dos Irmãos Tracker, explodiu em meio a um clarão purpúreo, atirando pedaços retorcidos de metal por todo o teto de zinco. Um dos pedaços volantes de metal seccionou um fio de alta tensão, que também caiu sobre o teto, crepitando e contorcendo- se como serpente, despedindo uma torrente quase líquida de fagulhas. O teto incendiou- se, apesar do aguaceiro, e logo o depósito estava em chamas. O cabo de alta tensão escapou do teto para o gramado tomado por ervas daninhas, que contornava o prédio e levava ao terreno dos fundos, onde um dia meninos pequenos haviam jogado beisebol. O Departamento de Bombeiros de Derry entrou em ação pela primeira vez naquele dia às 6:02, tendo chegado aos Irmãos Tracker às 6:09. Um dos primeiros bombeiros a desembarcar do veículo foi Calvin Clark, um dos gêmeos Clark, com quem Ben, Beverly, Richie e Bill tinham ido à escola. Seu terceiro passo em terra conduziu a sola de sua bota de couro para o cabo seccionado. Calvin foi eletrocutado quase instantaneamente. Sua língua estirou-se para fora da boca e sua capa emborrachada de bombeiro começou a derreter-se. Ele exalava um cheiro semelhante ao dos pneus que eram queimados no depósito de lixo da cidade. Às 6:05, moradores da Rua Merit, no Old Cape, perceberam algo que podia ter sido uma explosão subterrânea. Pratos caíram de prateleiras e quadros de paredes. À 6:06, cada vaso sanitário da Rua Merit explodiu subitamente, em um gêiser de fezes e esgoto *in natura,* quando alguma inversão inimaginável ocorreu nos canos que alimentavam os tanques de decantação, nas novas instalações para tratamento da água, nos Barrens. Em certos casos, tais explosões tiveram potência bastante para abrir buracos em tetos de banheiros. Uma mulher chamada Anne Stuart foi morta quando uma antiga engrenagem saiu catapultada de seu vaso sanitário, juntamente com um jato de matéria dos esgotos. A engrenagem perfurou o vidro fosco da porta do boxe e lhe varou a garganta, como terrível bala, quando ela lavava o cabelo. A mulher quase foi decapitada. A engrenagem era uma relíquia da Fundição Kitchener, tendo aberto caminho para os esgotos quase três quartos de século antes. Outra mulher encontrou a morte quando a súbita e violenta inversão dos esgotos, impulsionada por gases de metano em expansão, fez seu vaso sanitário explodir como uma bomba. A infortunada mulher, sentada na privada nesse momento e lendo o catálogo atual da Banana Republic, foi feita em pedaços.

Às 6:19, um raio atingiu a chamada Ponte dos Beijos, que passava sobre o Canal, entre o Parque Bassey e o Ginásio de Derry. Os estilhaços de madeira foram lançados muito alto no ar, depois caindo nas agora turbulentas águas do Canal e sendo levados pela correnteza. A força do vento aumentava. Às 6:30, o manômetro no saguão do prédio do tribunal o registrou como sendo de apenas uns vinte e quatro quilômetros horários. Às 6:45, ele havia subido para quase trinta e nove quilômetros por hora. Às 6:46, Mike Hanlon despertou, em seu quarto no Home Hospital de Derry. Seu retorno à consciência foi uma espécie de lenta dissolução - por muito tempo, ele imaginou-se sonhando. Se sonhava, então foi um sonho muito estranho - seu velho professor de Psicologia, o Doutor Abelson, o denominaria um sonho de ansiedade. Parecia não haver qualquer motivo aberto para a ansiedade, mas ela existia ainda assim; o monótono quarto branco dava a impressão de esganiçar ameaças. Aos poucos, ele compreendeu que estava acordado. O monótono quarto branco era um quarto de hospital. Havia frascos pendendo acima de sua cabeça, um deles cheio de líquido claro, o outro com um líquido vermelho bem escuro. Sangue integral. Ele viu um aparelho desligado de televisão, instalado na parede, e percebeu o som insistente da chuva, martelando a janela. Mike tentou mover as pernas. Uma se mexia livremente, mas a outra, a perna direita, não se movia em absoluto. A sensação naquela perna era muito fraca e ele percebeu que fora fortemente enfaixada. Pouco a pouco, as lembranças foram voltando. Ele se preparava para fazer anotações em seu caderno de notas, quando Henry Bowers havia surgido. Uma verdadeira maldição do passado, um choque e tanto. Houvera uma luta, e... Henry! Para onde teria ido? Atrás dos outros? Mike tateou pela cigarra da chamada. Estava presa acima da cabeceira da cama, e ele já tinha os dedos nela, quando a porta abriu. Um enfermeiro surgiu à vista. Dois botões da bata branca estavam desabotoa-dos e os cabelos escuros mostravam certo desalinho, dando-lhe uma vaga aparência de Ben Casey. Usava uma medalha de São Cristóvão ao pescoço. Mesmo em seu estado algo dopado, apenas três quartos desperto, Mike o situou imediatamente. Em 1958, uma garota de dezesseis anos, chamada Cheryl Lamonica, havia sido morta em Derry, morta pela Coisa. A garota tivera um irmão de quatorze anos, chamado Mark. Mark era aquele enfermeiro. - Mark? - disse ele, francamente. - Quero falar com você. - Pssst! - disse Mark. Ele tinha a mão no bolso. - Nada de falar. Entrou no quarto e parou ao pé da cama. Com impotente horror, Mike viu como eram inexpressivos os olhos de Mark Lamonica. Ele tinha a cabeça ligeiramente de banda, como se ouvisse música distante. Tirou a mão do bolso. Seus dedos seguravam uma seringa. - Isto porá você dormindo - disse Mark, e começou a caminhar para a cama.

11

Debaixo da cidade, 6:49 da manhã

- *Psst!* - fez Bill de repente, embora não houvesse outro som além das fracas pisadas deles. Richie acendeu um fósforo. As paredes do túnel se tinham afastado e eles cinco pareciam muito pequenos, naquele espaço debaixo da cidade. Amontoaram-se juntos, e Beverly experimentou um sonhador senso de *déjà-vu* ao observar as lajes gigantescas do solo e as teias de aranha suspensas aos montes. Estavam perto agora. Perto. - O que foi que ouviu? - ela perguntou a Bill. Beverly tentava olhar para todos os lados ao mesmo tempo, enquanto o fósforo na mão de Richie se queimava, esperando ver alguma nova surpresa que brotasse da escuridão, rastejando ou voando. Rodan, alguém? O alienígena daquele filme horripilante com Sigourney Weaver? Um grande rato de cauda curta, com olhos alaranjados e dentes prateados? Entretanto, nada havia - apenas o cheiro poeirento do escuro e, muito além, o rugido distante de água correndo, como se os encanamentos estivessem ficando cheios. - Há a-a-algo er-er-errado - disse Bill. - Mike... - Mike? - perguntou Eddie. - O que tem Mike? - Eu também senti - disse Ben. - É um... Bill, ele morreu? - Não - disse Bill. Seus olhos estavam turvos e distantes, inexpressivos - todo o alarme estava em seu tom, na postura defensiva do corpo. - Ele... E-E-Ele... - Bill engoliu em seco. Houve um clique em sua garganta. Os olhos dele dilataram-se. - Oh! Oh, *não...!*

- Bill? - exclamou Beverly, assustada. - O que foi, Bill? O que... -

Agar-gar-garrem minhas m-m-mãos! - gritou Bill. - *D-D-Depressa!*

Richie deixou o fósforo cair e pegou uma das mãos de Bill. Beverly segurou a outra. Ela tateou com a mão livre, e Eddie a agarrou fracamente com a mão na extremidade do braço quebrado. Ben segurou a outra mão dele e completou o círculo, tomando a mão de Richie. - *Transmita nosso poder para ele!* - gritou Bill, naquela voz grave e estranha. -

Transmita nosso poder para ele, quem quer que seja Você, transmita nosso poder para ele! Agora! Agora! Agora!

Beverly sentiu algo que se escapava deles, em direção a Mike. A cabeça lhe girou nos ombros, em uma espécie de êxtase, e o áspero assobio da respiração de Eddie se fundiu à trovoada impetuosa da água nos encanamentos.

12

- Agora - disse Lamonica, em voz baixa. Ele suspirou - o suspiro do homem que sente o orgasmo aproximando-se. Mike apertou o botão da cigarra de chamada em suas mãos, vezes seguidas. Podia ouvir o zumbido no posto das enfermeiras, mais abaixo no corredor, mas nenhuma delas apareceu. Com uma espécie de infernal segunda visão, compreendeu que as enfermeiras estavam reunidas, lendo o jornal da manhã, bebendo café, ouvindo sua chamada, mas também não a ouvindo, ouvindo mas não respondendo, porque só atenderiam mais tarde,

quando tudo terminasse, pois era assim que funcionavam as coisas em Derry. Em Derry, havia coisas que era melhor não serem vistas ou ouvidas... até estarem encerradas. Mike deixou a cigarra de chamada cair das mãos. Mark inclinou-se para ele, a ponta da seringa cintilando. Sua medalha de São Cristóvão oscilava hipnoticamente para diante e para trás, no momento em que ele puxou o lençol para baixo. - Bem aqui - sussurrou. - No esterno - e tornou a suspirar. De repente, Mike sentiu-se inundado de poder - algum poder primitivo, acumulando-se em seu corpo como volts. Retesou-se, os dedos estirados, como que em uma convulsão. Seus olhos dilataram-se. Um grunhido escapou-lhe da garganta, e aquele senso de mortal paralisia abandonou seu corpo, como se por obra de uma certeira bofetada. Sua mão direita girou rapidamente para a mesa-de-cabeceira. Nela havia um jarro plástico e um pesado copo para água, semelhante aos usados nos bares. Sua mão se fechou em torno do copo. Lamonica percebeu a mudança; aquela luz sonhadora e satisfeita desapareceu de seus olhos, sendo substituída por perplexa confusão. Ele recuou ligeiramente, e então, levantando o corpo, Mike o acertou no rosto. Lamonica gritou e recuou cambaleando, deixando a seringa cair. Suas mãos foram para o rosto dolorido; o sangue correu por seus pulsos e salpicou a bata branca. O poder desapareceu tão subitamente como surgiu. Mike contemplou aturdidamente os cacos de vidro na cama e no "patinho" hospitalar. Depois fitou a mão que sangrava. Ouviu o rádio, leve som de sapatos com sola de crepe no corredor, aproximando-se do quarto.

Agora elas aparecem, pensou. *Oh, sim, só agora. E depois que se forem, quem mais virá? Quem aparecerá em seguida?*
Quando as enfermeiras irromperam em seu quarto, aquelas que ficavam calmamente sentadas no posto, enquanto sua cigarra soava freneticamente, Mike fechou os olhos e rezou para que aquilo terminasse. Rezou para os amigos que se encontravam em algum ponto debaixo da cidade, rezou para que todos eles estivessem bem, rezou para que eles terminassem com aquilo. Não sabia exatamente a quem rezava... mas rezou assim mesmo.

13

Debaixo da cidade, 6:54 da manhã

- Ele e-e-está be-be-bem - disse Bill, pouco depois. Ben não sabia quanto tempo haviam ficado na escuridão, de mãos dadas. Parecia- lhe ter sentido algo - qualquer coisa inerente a eles, proveniente de seu círculo - que saía e depois retornava. Contudo, não sabia onde essa coisa - se é que existia - tinha ido ou o que fizera. - Tem certeza, Grande Bill? - perguntou Richie. - T-T-Tenho. - Bill soltou a mão de Richie e a de Beverly. - Ainda assim, t-temos que terminar isto o mais de-depressa que p-pudermos. V-V-Vamos! Eles prosseguiram, com Richie ou Bill acendendo fósforos periodicamente. *Não temos nem uma atiradeira conosco,* pensou Ben. *Contudo, isto é parte do negócio*

também, não? Chüd... O que significará? Exatamente, o que era A Coisa? Qual era o seu rosto definitivo? Aliás, embora não a tivéssemos matado, nós a ferimos. Como foi que fizemos isso?
A câmara que atravessavam - não podia mais ser chamada de túnel - ficou mais e mais gigantesca. As pisadas ecoavam. Ben recordou o cheiro, aquele cheiro forte de zoológico. Percebeu que não havia mais necessidade de fósforos - agora havia claridade, uma luz de alguma espécie: um resplendor lívido, que aumentava cada vez mais. Àquela luminosidade espectral, seus amigos assemelhavam-se a cadáveres ambulantes. - Há uma parede à frente, Bill - anunciou Eddie. - Eu s-s-sei. Ben sentiu seu coração começar a ganhar velocidade. Havia um sabor acre em sua boca, e a cabeça começou a doer. Sentiu-se lerdo e amedrontado. Sentiu-se gordo. - A porta - sussurrou Beverly. Sim, lá estava ela. Uma vez, vinte e sete anos antes, eles haviam podido passar por ela, bastando baixar as cabeças. Agora, precisariam encolher o corpo ou engatinhar para cruzá-la. Haviam crescido; aquela era a prova final, se fosse necessária uma prova final. Os pontos de pulsação no pescoço e pulsos de Ben estavam quentes e cheios de sangue; seu coração iniciara um leve e rápido tremular, que se assemelhava à arritmia.

Pulso-de-pombo, pensou ao acaso, e passou a língua nos lábios. Uma viva luz amarelo-esverdeada se mostrou por baixo da porta; escapava através da ornada fechadura, em um facho torcido, parecendo quase espessa o suficiente para ser cortada. A marca estava lá, gravada na porta, e novamente todos viram algo diferente naquele estranho dispositivo. Beverly viu o rosto de Tom. Bill viu a cabeça decepada de Audra, com olhos vidrados que o fitavam em terrível acusação. Eddie viu um crânio sorridente acima de dois ossos cruzados, o símbolo para veneno. Richie viu o rosto barbado de um Paul Bunyan degenerado, os olhos apertando-se até se tornarem fendas homicidas. E Ben viu Henry Bowers. - Acha que somos fortes o suficiente, Bill? - perguntou ele. - Será que podemos fazer isto? - Eu n-n-não s-s-sei - respondeu Bill. - E se a porta estiver trancada? - perguntou Beverly, em um fio de voz. O rosto de Tom zombava dela. - N-N-Não e-está - disse Bill. - Lu-Lugares as-assim nun-nunca f-ficam tr-tr- trancados. Ele colocou os dedos da mão direita sobre a porta, formando uma tenda - precisou inclinar-se para fazer isso - e empurrou. Ela se moveu, abrindo-se para uma enchente de nauseante luz verde-amarela. Aquele cheiro de jardim zoológico envolveu todos eles, o cheiro do passado tornando-se o presente, incrivelmente vivo, obscenamente vital.

Rolar, rodar, pensou Bill ao acaso, olhando em torno, para eles. Então, caiu sobre as mãos e os joelhos. Beverly o seguiu, depois Richie e Eddie. Ben foi o último, sua carne rastejando e sentindo a antiga granulação do piso. Cruzou a porta e, ao se erguer do outro lado, ao fantasmagórico fulgor do fogo que subia e descia pelas gotejantes paredes de pedra, em serpentes de luz, a última recordação encaixou-se no lugar, com a força de um aríete psíquico. Ele gritou, cambaleando para trás. Levou uma mão à cabeça, e seu primeiro pensamento incoerente foi: *Não é de admirar que Stan se suicidasse! Oh, Deus, eu gostaria de ter-me suicidado também!* Ele viu expressões idênticas de atordoante horror e

brusca percepção no rosto dos companheiros, quando a última chave girou na última fechadura. Então, Beverly gritava esganiçadamente, agarrando-se a Bill, quando A Coisa desceu rapidamente pela diáfana cortina de sua teia, uma Aranha de pesadelo, além do tempo e do espaço, uma Aranha além da imaginação febricitante de qualquer confinado que possa viver na mais profunda profundeza do inferno.

Não, pensou Bill friamente, *tampouco é uma Aranha, não em realidade, porém esta forma não foi captada de nossas mentes pela Coisa; é apenas o mais próximo que nossas mentes possam visualizar (os postigos) o que quer que seja A Coisa realmente.*

A Aranha teria uns cinco metros de altura e era negra como uma noite sem lua. Cada perna dela era tão grossa como a coxa de um musculoso operário de construção. Os olhos eram brilhantes e malévolos rubis, salientando-se de órbitas cheias de algum gotejante fluido cor de cromo. As mandíbulas proeminentes se abriam e fechavam, abriam e fechavam, despejando fitas de espuma. Congelado em um êxtase de terror, pairando à borda da demência total, Ben observou com uma calma de olho-de-furacão que aquela espuma estava viva; ao atingir o fedorento solo forrado de lajes, começava a afastar-se, rastejando pelas fendas como protozoários.
Contudo, A Coisa é algo mais, existe alguma forma final, uma que quase posso ver, da maneira como podemos ver a forma de um homem, movendo-se por trás de uma tela de cinema, enquanto o filme é projetado, alguma outra forma, porém eu não quero ver A Coisa, por favor, Deus, não me deixe vê-la...
Enfim, isso não tinha importância, tinha? Eles estavam vendo o que viam e, de algum modo, Ben compreendeu que A Coisa estava aprisionada nessa forma final, na forma de Aranha, espúria e involuntariamente pela visão deles. Era contra essa Coisa que viveriam ou morreriam. A criatura chiava e miava, deixando Ben com a certeza de que ouvia duas vezes os sons emitidos pela Coisa - em sua cabeça e, segundos depois, em seus ouvidos.

Telepatia, pensou ele, *estou lendo a mente da Coisa.* A sombra dela era um ovo achatado, correndo ao longo da parede antiga daquela fortaleza que era a sua toca. O corpo da Coisa era coberto de pêlos ásperos, e Ben reparou que Ela possuía um ferrão, com comprimento bastante para empalar um homem. Da ponta desse ferrão pingava um fluido claro, e ele viu que também este vivia; como a saliva, o veneno coleava para longe, por entre as fendas do chão. Era o ferrão da Coisa, sim... mas abaixo dele, o corpo avolumava-se grotescamente, quase roçando o solo quando Ela se movia, agora mudando de leve a direção, encaminhando-se indiscutivelmente para o líder do grupo, para o Grande Bill.

Aquela é a sua bolsa de ovos, pensou Ben, e sua mente pareceu encolher-se ante a implicação. *O que quer que seja A Coisa além do que estamos vendo, pelo menos esta representação é simbolicamente correta: Ela é uma fêmea e está prenhe... Estava prenhe então, e nenhum de nós sabia, exceto Stan. Oh, Jesus Cristo, SIM, foi Stan,* Stan, *não Mike,* Stan *quem nos contou... Daí o motivo de precisarmos voltar, a todo custo, porque Ela é fêmea, porque A Coisa está prenhe, cheia de alguma prole inimaginável... e sua hora está próxima.*
Inacreditavelmente, Bill Denbrough adiantava-se ao encontro da Coisa. - *Não, Bill!* - gritou Beverly. - Fi-Fi-Fiquem o-onde es-estão! - gritou Bill sem olhar em torno. E então, Richie estava correndo para ele, gritando seu nome; bem encontrou as pernas, percebeu que se

moviam. Parecia sentir um estômago fantasma oscilando à sua frente, e gostou da sensação. *Vou me tornar criança outra vez,* pensou, incoerentemente. *É a única maneira de impedir que A Coisa me enlouqueça. Vou ser criança novamente... devo aceitar isso. De algum modo.*

Correndo. Gritando o nome de Bill. Vagamente cônscio de que Eddie corria a seu lado, o braço quebrado balançando, o cinto do roupão de banho, com que Bill firmara as telas, agora arrastando-se pelo chão. Eddie empunhava seu aspirador. Assemelhava-se a um louco e desnutrido pistoleiro de aluguel, com alguma singular pistola. Ben ouviu Bill gritar: - *Voc-e m-m-matou meu irmão, seu de-de-des-DESGRAÇADO!* Então, A Coisa avançava para Bill, sepultava-o em sua sombra, suas pernas escavando o ar. Ben ouviu o miado ansioso da Coisa, espiou dentro de seus olhos malignos e vermelhos, imemoriais... e, por um instante, *viu* a forma por trás da forma: viu luzes, viu uma interminável coisa peluda e rastejante, que era feita de luz e nada mais, de luz alaranjada, luz morta, que procurava imitar a vida. O ritual começou pela segunda vez.

CAPÍTULO 22

O ritual de Chüd

1

No covil da Coisa, 1958

Foi Bill quem os manteve juntos, quando a grande Aranha negra desceu correndo por sua teia, criando uma brisa mefítica que lhes alvoroçou os cabelos. Stan gritou estridentemente como um bebê, os olhos castanhos salientando-se nas órbitas, os dedos lacerando as faces. Ben recuou lentamente, até seu vasto traseiro se chocar com a parede à esquerda da porta. Sentiu um fogo frio queimar através de suas calças e tornou a avançar, com expressão sonhadora. Certamente, nada daquilo podia estar acontecendo, era apenas o mais medonho pesadelo do mundo. Ele descobriu que não podia erguer as mãos. Parecia ter enormes pesos atados a cada uma. Os olhos de Richie viram-se atraídos para aquela teia. Pendendo aqui e ali, parcialmente embrulhados em fios sedosos que pareciam mover-se. Ele julgou ter reconhecido Eddie Corcoran perto do teto, embora aquele corpo não tivesse mais as duas pernas e um dos braços. Beverly e Mike ficaram agarrados um ao outro, como Hansel e Gretel na floresta, espiando, paralisados, enquanto a Aranha chegava ao solo e rastejava para eles, sua sombra distorcida correndo ao lado dela, projetada na parede. Bill olhou em torno. Era um menino alto e magricela, com uma camiseta suja de lama e imundície dos esgotos, que um dia fora branca, jeans com as pernas dobradas em punhos, tênis impregnados de lama. Seu cabelo jazia caído na testa e os olhos cintilavam.

Checou os outros, pareceu esquecê-los e depois se virou novamente para a Aranha. Então, inacreditavelmente, começou a cruzar o recinto em direção à Coisa, sem correr, mas andando depressa, os cotovelos dobrados, os antebraços retesados, os punhos fechados. - *Vo-Vo-Você ma-ma-matou meu ir-irmão!*

- *Não, Bill!* - gritou Beverly agudamente, libertando-se para ficar livre da pressão de Mike, depois correndo, com os cabelos ruivos agitando-se às suas costas. - *Deixe-o em paz!* - gritou para a Aranha. - *Não toque nele! Merda! Beverly!* pensou Ben, começando a correr também, o estômago sacudindo- se para diante e para trás, as pernas bombeando como pistões. Tinha uma vaga percepção de que Eddie Kaspbrak corria à sua esquerda, segurando o aspirador na mão ilesa, como uma pistola. E então, A Coisa avançava para Bill, que estava desarmado; sepultou-o em sua sombra, as patas aferrando o ar. Ben agarrou Beverly pelo ombro. Conseguiu segurá-lo, mas depois sua mão deslizou. Ela se virou para ele, os olhos alucinados, os lábios repuxados sobre os dentes. - *Ajude ele!* - gritou. - *Como?* - gritou Ben em resposta. Avançou na direção da Aranha, ouviu seu miado ávido, fitou seus olhos malignos e imemoriais. Então, viu algo por trás da forma; algo muito pior do que uma aranha. Algo que era inteiramente uma luz insana. Sua coragem falhou... mas era Bev que estava pedindo. Bev - e ele a amava. - *Maldita seja, deixe Bill em paz!* - gritou, esganiçadamente. Um momento mais tarde, uma mão caiu com tanta força em suas costas, que quase o desequilibrou. Era Richie e, embora houvesse lágrimas escorrendo por suas faces, ele sorria como louco. Os cantos da boca quase alcançavam os lóbulos das orelhas. A saliva escorria por entre os dentes. - *Vamos pegar ela, Monte de Feno!* - gritou Richie. - *Chüd! Chüd! Ela?* pensou Ben estupidamente. *Ele tinha dito* ela? Respondeu em voz alta: - *Certo, mas o que significa isso? O que é Chüd?*

- *Que eu me foda se sei!* - gritou Richie, e então correu para Bill e penetrou na sombra dela. De algum modo, A Coisa agachara-se sobre as patas traseiras. As dianteiras riscavam o ar, logo acima dos cabelos de Bill. E Stan Uris, forçado a aproximar-se, impelido a aproximar-se, apesar de cada instinto em sua mente e seu corpo dizer o contrário, viu que Bill espiava para A Coisa, os olhos azuis fixos nos dela, inumanos e alaranjados, olhos dos quais jorrava aquela terrível luz cadavérica. Stan parou, compreendendo que o Ritual de Chüd - qualquer que fosse ele - havia começado.

2

Bill no vazio, antes

- quem é você e por que veio a Mim? Eu sou Bill Denbrough. Você sabe quem sou e por que estou aqui. Você matou meu irmão e estou aqui para matar Você. Você escolheu a criança errada, cadela!

- Eu sou eterna. Sou a Devoradora de Mundos.

É mesmo?Não diga! Bem, pois então teve sua última refeição, irmã!
- Você não tem poder algum; o poder está aqui; sinta o poder, fedelho, e então diga outra vez como poderá matar o Eterno. Está pensando que Me vê? Você vê apenas o que sua mente permite. Gostaria de ver-Me? Pois então, venha! Venha, pirralho! Venha!

Jogado...
(ele)
Não, jogado, não, *atirado,* atirado como uma bala viva, como o Homem-Bala no Circo Shrine, que vinha a Derry todos os maios. Ele foi erguido e *lançado* através da câmara da Aranha. *Está apenas em minha mente!* gritou para si mesmo. *Meu corpo continua no mesmo lugar, olho a olho com a Coisa, seja corajoso, é apenas um truque mental, seja corajoso, seja sincero, agüente, agüente... (soca)*

Atroando para diante, impelido em um túnel negro e gotejante, forrado de apodrecidos ladrilhos que se esboroavam, ladrilhos com cinqüenta, cem, mil, um milhão de anos, quem podia saber, disparando em mortal silêncio através de cruzamentos, uns iluminados por aquele serpenteante fogo amarelo-esverdeado, outros por balões luminosos, cheios com uma espectral claridade, esbranquiçada como um crânio, outros ainda inteira-mente às escuras; ele foi disparado a uma velocidade de cem mil quilômetros por hora, passou junto a pilhas de ossos, alguns humanos, outros não, acelerando como um dardo-foguete em um túnel de vento, agora enviesando para cima, porém não direto à luz, mas direto ao escuro, a uma titânica escuridão
(os pulsos)
e explodindo para diante, no seio de um negror total, o negrume era tudo, o negrume era o cosmos e o universo, e o piso do negrume era *duro, duro,* parecia ebonite polida, e ele deslizava ao longo do tórax, ventre e coxas, como um disco e um jogo de patelas. Estava no piso do salão de baile da eternidade, e a eternidade era *negra. (contra os postes)*

- pare com isso, por que diz isso? isso não o ajudará em nada, garoto idiota, e ainda fica insistindo em ver fantasmas como hostes!
- pare com isso! ele soca os pulsos contra os postes, e insiste em ver fantasmas como hostes!
- pare com isso! pare com isso! eu exijo, ordeno que pare com isso! Não gosta disso, hein?

E pensando: *Se eu pudesse pelo menos dizer isso em voz alta, dizer sem gaguejar, romperia esta ilusão...*
- isto não é ilusão, seu garotinho tolo - isto é eternidade, a Minha eternidade, e você está perdido nela, perdido para todo o sempre, nunca mais encontrará o caminho de volta; você agora é eterno, condenado a vagar no escuro... depois que Me viu face a face, isto é

Contudo, ali também havia algo mais. Bill sentiu isso, captou isso, de certa forma louca, farejou isso: uma enorme presença à frente, no escuro. Uma forma. Não sentiu medo, mas um supersubjugante temor reverente; ali havia um poder que minimizava o poder da Coisa, e Bill só teve tempo para pensar incoerentemente: *Por favor, por favor, seja Você quem seja, lembre-se de que sou muito pequeno...*
Impeliu-se para diante e viu que era uma enorme Tartaruga, o casco formado de chapas com inúmeras cores vibrantes. Sua antiga cabeça reptiliana assomou lentamente do interior do casco, e Bill julgou sentir uma vaga e desdenhosa surpresa, vinda daquela coisa que o tinha lançado ali. Os olhos da Tartaruga eram gentis. Bill pensou que ela

deveria ser a coisa mais velha que alguém poderia imaginar, muito, muitíssimo mais velha do que A Coisa, que se proclamava eterna.
Quem é você? - eu sou a Tartaruga, filho. Fiz o universo mas, por favor, não me culpe por isso; apenas tive uma dor de barriga. Ajude-me! Por favor, ajude-me! - não tenho posição firme em tais questões. Meu irmão...

- tem o seu próprio lugar no macroverso; a energia é eterna, como até uma criança como você pode compreender.
Ele estava voando ao lado da Tartaruga, passando por ela agora e, mesmo àquela tremenda velocidade deslizante, o lado chapeado da Tartaruga parecia continuar e continuar à direita dele. Bill pensou vagamente em uma viagem de trem, passando por outro que seguia na mesma direção, um trem tão comprido, que, eventualmente, parecia ficar imóvel ou, inclusive, mover-se para trás. Ainda podia ouvir A Coisa berrando e zumbindo, sua voz aguda e furiosa, não humana, cheia de demente ódio. Entretanto, quando a Tartaruga falava, a voz da Coisa era apagada inteiramente. A Tartaruga falava na cabeça de Bill, e ele compreendeu, de algum modo, que ainda havia um Outro, e que esse Outro Final habitava um vazio além deste. Talvez esse Outro Final fosse o criador da Tartaruga, que apenas espiava, e da Coisa, que apenas devorava. Esse Outro era uma força além do universo, um poder além de todos os demais poderes, o autor de tudo quanto existia. De súbito, ele julgou compreender: A Coisa pretendera empurrá-lo através de alguma muralha no fim do universo, para dentro de algum outro lugar

(que aquela velha Tartaruga denominava o macroverso)
onde Ela realmente vivia; onde Ela existia como um titânico e fulgurante âmago, que poderia não ser mais do que o menor salpico na mente daquele Outro; ele veria A Coisa nua, uma coisa de informe luz destruidora, e lá, tanto poderia ser misericordiosamente aniquilado ou viver para sempre, insano, mas ainda assim consciente, no interior de seu homicida, interminável e informe ser faminto.
Por favor, ajude-me! Pelos outros...
- você deve ajudar-se, filho Mas como? Por favor, diga-me! Como? Como? COMO? Ele agora havia chegado às fortemente escamadas patas traseiras da Tartaruga; houve tempo suficiente para observar sua carne gigantesca e ao mesmo tempo antiga, tempo para ficar abismado ante a maravilha de suas pesadas unhas - eram de uma estranha tonalidade amarelo-azulada, e ele pôde ver galáxias nadando em cada uma.

Por favor, você tem bondade, eu sinto e acredito que é boa, por isso estou pedindo... não quer me ajudar, por favor?
- você já sabe. existem apenas Chüd e seus amigos Por favor, oh, por favor
- filho, você tem que socar seus pulsos contra os postes, e insistir em ver fantasmas como hostes... é tudo quanto lhe posso dizer, uma vez tendo-se penetrado em uma merda cosmológica como esta, tem-se que jogar fora o manual de instruções.
Ele percebeu que a voz da Tartaruga extinguia-se. Via-se agora além dela, disparando como bala para uma escuridão ainda mais negra do que o negrume anterior. A voz da Tartaruga estava sendo suplantada, dominada pela satisfeita e zombeteira voz da Coisa, daquilo que o lançara para fora e para dentro daquele vazio negro - a voz da Aranha, dela. *- que tal está achando isso aí, Amiguinho? gosta? adora? daria noventa e nove pontos, porque tem um bom ritmo que lhe permite dançar? pode cantá-lo em suas*

amígdalas e sacudi-lo para a direita e a esquerda? gostou de conhecer minha amiga, a Tartaruga? pensei que essa velharia idiota houvesse morrido faz anos, e bem podia estar morta, por todo o bem que lhe pudesse fazer - aliás, pensou que ela o ajudaria? não não não ele soca não ele so-so-so-so-ca não
- pare de balbuciar! o tempo voa; vamos conversar enquanto ainda podemos, fale-me sobre você, Amiguinho... conte-me, está adorando toda a fria escuridão aí fora? está apreciando sua grande excursão pelo nada que jaz no Exterior? espere até chegar ao fim, Amiguinho! espere até chegar onde eu estou! espere por isso! espere pelos postigos! você olhará e ficará louco... mas viverá... e viverá... e viverá... dentro deles... dentro de Mim...

A Coisa emitiu uma gargalhada mefítica, e Bill percebeu que a voz dela começava a desaparecer, mas também a aumentar, como se ele estivesse, simultaneamente, afastando-se de seu alcance... e indo para esse mesmo alcance. E não era justamente o que ocorria? Sim. Ele achava que era. Porque, embora as vozes estivessem em perfeita sincronização, aquela para a qual investia agora era inteiramente alienígena, pronunciava sílabas que nenhuma língua ou garganta humana poderia reproduzir. É a voz dos postigos, pensou ele. - *o tempo voa; vamos conversar enquanto ainda podemos*

A voz humana da Coisa extinguia-se da maneira como as estações de rádio de Bangor extinguiam-se, ao se viajar de carro para o sul. Um vivo e chamejante terror o envolveu. Em pouco estaria além de uma comunicação sensata com A Coisa... e uma parte dele compreendia isso, porque todo o gargalhar dela, toda a sua estranha alegria, diziam que era precisamente isso que Ela queria. Não apenas enviá-lo para fosse onde fosse que A Coisa realmente estivesse, mas para interromper a comunicação mental entre ambos. Se isso cessasse, ele seria destruído por completo. Ficar além da comunicação, era ficar além da salvação; ele compreendia bem isso, pela maneira como os pais se tinham comportado em relação à sua pessoa, após a morte de George. Era a única lição que a congeladora frieza deles tivera para ensinar-lhe. Afastar-se da Coisa... e aproximar-se dela. Contudo, o afastamento era, de certa forma, mais importante. Se A Coisa pretendia comer crianças ali onde ele estava, sugá-las ou fosse o que fosse que Ela fazia, por que não enviara *todos* eles ao mesmo tempo? Por que apenas ele, Bill? Porque A Coisa tinha que afastá-lo de seu eu-Aranha, aí estava. De algum modo, A Coisa-Aranha e Aquilo a que Ela chamava de postigos eram interligados. O que quer que vivesse ali, no negror, podia ser invulnerável quando A Coisa estivesse ali, não em outro lugar... porém Ela estava também na terra, debaixo de Derry, em uma forma que era física. Por mais repulsiva que Ela fosse, em Derry era *física...* e o que fosse físico, podia ser morto. Bill glissou através do escuro, sua velocidade ainda em aumento. *Por que acho que muito da fala da Coisa não passa de blefe, de uma grande piada? Por que acharia isso? Como pode ser possível?*

Ele achava que compreendia, talvez... apenas talvez.
Existe apenas Chüd, havia dito a Tartaruga. E se assim fosse? E se eles mordessem fundo na língua um do outro, não física, mas mentalmente, espiritualmente? E, supondo-se que A Coisa pudesse atirá-lo longe o suficiente, longe o bastante na direção de seu eterno e desincorporado eu, o ritual estaria encerrado? A Coisa o teria livre para si, Ela o mataria e ganharia tudo ao mesmo tempo. - *você está indo bem, filho, mas logo será muito tarde. A Coisa está com medo! Com medo de mim! Medo de todos nós!*

... glissando, ele estava glissando, e havia uma parede à frente, Bill podia pressenti-la, pressenti-la no escuro, a parede à borda do *continuum* e, além dela, a outra forma, os postigos... - *não fale comigo, filho, e não fale consigo mesmo - isso o está deixando perdido, morda, caso se preocupe, se você ousar, se puder ser corajoso, se puder agüentar... morda, filho!*

Bill mordeu - não com os dentes, mas com dentes em sua mente. Baixando a voz em todo um registro, tornando-a não a sua própria (de fato, tornando-a a voz de seu pai, embora Bill fosse para a sepultura sem saber disto; certos segredos nunca são sabidos, e talvez até seja melhor assim), enchendo o peito com uma respiração funda, ele gritou: - *ELE SOCA OS PULSOS SOBRE OS POSTES, E INSISTE EM VER FANTASMAS COMO HOSTES AGORA DEIXE-ME IR!*

Sentiu A Coisa gritar em sua mente, um brado de frustrada e petulante raiva... porém era também um grito de dor e de medo. A Coisa estava acostumada a que tudo fosse à sua maneira; algo assim nunca acontecera a Ela e, até os mais recentes momentos de sua existência, jamais suspeitara de que isso fosse possível. Bill a sentiu encolher-se, não puxando, mas *empurrando* - tentando mantê-lo
distante. - SOCA OS PULSOS SOBRE OS POSTES, JÁ
FALEI!
- PARE COM ISSO! - LEVE-ME DE VOLTA! VOCÊ TEM QUE OBEDECER! EU ORDENO! EU EXIJO!

A Coisa tornou a gritar, sua dor agora era mais intensa - talvez em parte porque, enquanto levara sua longa, longuíssima existência infligindo dor, alimentando-se dela, jamais a experimentara como parte de si mesma. Ainda assim, Ela tentou empurrá-lo, livrar-se dele, cega e teimosamente insistindo em vencer, como sempre vencera antes. A Coisa continuou empurrando... mas Bill sentiu que sua velocidade para diante diminuíra, e uma grotesca imagem lhe veio à mente: a língua dela, coberta com aquela saliva animada, estendia-se como uma espessa faixa de borracha, rachando-se, sangrando. Ele se viu pendurado à ponta daquela língua pelos dentes, lacerando-a um pouco a cada vez, o rosto banhado no convulso licor que era o sangue da Coisa, afogando-se em seu fedor mortal, mas mesmo assim mantendo a pressão, mantendo-a de alguma forma, enquanto Ela lutava, cega de dor e de fúria, para impedir que sua língua se fosse...

(Chüd, isto é Chüd, resista, seja corajoso, seja sincero, resista por seu irmão, seus amigos; acredite, acredite em todas as coisas em que acreditou, acredite que se contar ao policial que está perdido, ele o levará em segurança para casa, que existe uma Fada do Dente, morando em um enorme castelo de esmalte, e que Papai Noel mora abaixo do Pólo Norte, fabricando brinquedos com seu bando de duendes, e que o Capitão Meia- noite pode ser real, sim, ele pode *sê-lo, a despeito de Carlton, o irmão mais velho de Calvin e Cissy Clark dizer que tudo era um monte de baboseiras infantis, acredite que seu pai e sua mãe voltarão a amá-lo, que a coragem é possível e que as palavras sempre serão ditas normalmente, todas as vezes; nada mais de Perdedores, nada mais de esconder-se em um buraco no chão e chamá-lo de clube, nada mais de chorar no quarto de Georgie porque você não conseguiu salvá-lo e não sabia, acredite em si mesmo, acredite na potência desse desejo)*
Ele começou subitamente a rir na escuridão, não de histeria, mas de total, delicioso assombro.

- *OH, RAIOS, EU ACREDITO EM* TODAS *ESTAS COISAS!* - gritou, e era verdade. - Mesmo só tendo onze anos, ele pôde observar que a situação se endireitava, em uma ridícula fração de tempo. A luz espraiou-se à sua volta. Bill estendeu os braços para o alto, sobre a cabeça. Virou o rosto para cima e, de repente, sentiu-se inteiramente impregnado pelo poder. Tornou a ouvir A Coisa gritar... e, de súbito, sentiu-se puxado para trás, pelo trajeto que havia percorrido, ainda mantendo a imagem de seus dentes fincados fundos na carne estranha da língua dela, dentes enterrados juntos, uns encontrando os outros, sem entregar os pontos. Ele voou através da escuridão, as pernas voejando mais atrás, as pontas dos cordões dos tênis, pesadas de lama, voando como bandeirolas, o vento daquele lugar vazio soprando em seus ouvidos. - *nada mau, filho, mas eu terminei agora; não deixe A Coisa escapar, a energia tem um jeito de dissipar-se, você sabe; o que pode ser feito quando se tem onze anos, freqüentemente nunca mais pode ser repetido*

A voz da Tartaruga esmaeceu, esmaeceu, esmaeceu. Havia somente a escuridão acelerada... depois a boca de um túnel ciclópico... cheiros de antigüidade e putrefação... teias de aranha roçando seu rosto, como fios apodrecidos de seda em uma casa assombrada... ladrilhos esboroados esfumando-se ao seu lado... cruzamentos, agora tudo escuro, os balões da lua desaparecidos, e A Coisa gritando, gritando:... *solte-me solte-me irei embora para sempre solte-me ISSO DÓI ISSO DÓI ISSO DÓÓÓÓÓÓIII*
- *Soca os pulsos!* gritou Bill, quase delirante agora. Podia ver luz à frente, mas ela estava empalidecendo, vacilando como enormes velas que tinham queimado até o fim... e, por um momento, viu ele próprio e os outros, de mãos dadas em uma fileira, Eddie a um lado dele e Richie do outro. Viu seu corpo flácido, a cabeça virada para trás sobre o pescoço, encarando a Aranha, que se torcia e contorcia como um dervixe, suas pernas ásperas e peludas pisoteando o chão, veneno pingando de seu ferrão. A Coisa estava gritando em sua agonia mortal. Era o que Bill sinceramente pensava. Então, sentiu-se voltando impetuosamente a seu corpo, com todo o impacto de uma bola arremessada encaixando-se em uma luva de beisebol, a força do choque arrancando suas mãos das de Richie e Eddie, derrubando-o de joelhos e fazendo-o deslizar pelo chão até a borda da teia. Estirou instintivamente a mão para um daqueles fios, e ela imediatamente ficou dormente, como se lhe tivessem injetado uma dose inteira de novocaína. O fio era tão grosso como um poste de sustentação das linhas telefônicas. - Não toque isso, Bill! - gritou Ben. Bill afastou a mão rapidamente, em um repelão, e em sua palma apareceu uma esfoladura, logo abaixo dos dedos. O local se encheu de sangue e ele se forçou a ficar em pé, sem tirar os olhos da Aranha. Ela agora rastejava para longe deles, abrindo caminho entre a crescente penumbra nos fundos da câmara, enquanto a luminosidade se esbatia. Ia deixando poças e mais poças de sangue negro em sua esteira; de algum modo, o confronto com Bill provocara rupturas nas suas entranhas, em uma dúzia de lugares, talvez cem ou mais. - *Bill, a teia!* - gritou Mike. - *Olhe! Cuidado!*

Ele recuou, espichando o pescoço para ver, enquanto fios da teia da Coisa desciam flutuando, batendo no piso lajeado a cada lado dele, como os corpos de carnudas serpentes brancas. Os fios começaram imediatamente a perder a forma, a fluir para os entalhes entre as pedras do chão. A teia desintegrava-se, soltando-se de seus inúmeros

pontos de apoio. Um dos corpos, envolvido nos fios como uma mosca, mergulhou e bateu no chão, com um repugnante som de abóbora podre.

- *A Aranha!* - gritou Bill. - *Onde está Ela?*

Ainda podia ouvir-lhe a voz em sua cabeça, miando e guinchando de dor. Vagamente, compreendeu que Ela estava agora percorrendo o mesmo túnel em que o lançara... mas desejara ir para lá, a fim de retornar ao mesmo lugar para onde pretendera enviá-lo... ou querendo esconder-se, até que eles fossem embora? Para morrer? Ou para escapar? - Cristo, as luzes! - bradou Richie. - As *luzes* estão apagando! O que aconteceu, Bill? Para onde você foi? Pensamos que estivesse morto! Em alguma confusa parte de seu cérebro, Bill sabia que isso não era verdade: se eles de fato o imaginassem morto, teriam corrido, dispersando-se, e A Coisa então os pegaria facilmente, um por um. Ou, talvez fosse mais certo dizer que eles o tinham

julgado morto, mas que o *acreditavam* vivo.

Precisamos ter certeza! Se A Coisa está agonizando ou voltou para o lugar de onde veio, onde está o resto dela, ótimo. Mas, e se estiver apenas machucada? E se Ela levar a melhor? E se...

O grito de Stan varou seus pensamentos, cortando-os como vidro quebrado. À luz que esmorecia, Bill viu que um dos fios da teia caíra sobre o ombro de Stan. Contudo, antes que Bill o alcançasse, Mike se atirara ao encontro do menino menor, com incrível rapidez. Puxou Stan para trás, e o pedaço de teia o largou, levando consigo uma parte da camisa de pólo que Stan vestia. - Recuem! - gritou Ben para eles. - *Recuem, está tudo caindo!* Tomou a mão de Beverly e a puxou para trás, na direção da portinhola de tamanho infantil, enquanto Stan esforçava-se para ficar em pé, olhando vagamente em torno, depois agarrando Eddie. Os dois caminharam para Ben e Beverly, ajudando-se, parecendo fantasmas à luz que esmorecia. Mais acima, a teia de aranha despencava, encolhendo-se sobre si mesma, perdendo sua horrenda simetria. Corpos giravam indolentemente no ar, como fios de prumo de um pesadelo. Fios entrecruzados vinham para o chão, parecendo degraus apodrecidos de algum singular complexo de escadas. Vários deles bateram no chão com ruído, chiando como gatos, perderam a forma e começaram a fluir entre as lajes. Mike Hanlon abriu caminho entre aqueles fios, desviando-se deles, como faria mais tarde, contra as linhas adversárias de quase uma dúzia de times de futebol do ginásio, a cabeça agachada, mergulhando e investindo. Richie se juntou a ele. Inacreditavelmente, Richie estava rindo, embora seus cabelos aparecessem eretos na cabeça, como os espinhos de um porco-espinho. A claridade ficara ainda mais difusa, agora desaparecendo a fosforescência que havia emanado das paredes. - Bill - gritou Mike. - Vamos! Temos que dar o fora daqui! - *E se A Coisa não tiver morrido?* - gritou Bill em resposta. - *A gente tem que ir atrás dela, Mike! Precisamos ter certeza!*

Um enorme punhado de teia despencou para diante, como um pára-queda, desabando com horrível som de coisa rasgada, como o de pele sendo dilacerada. - A Coisa está morta! - gritou Eddie, juntando-se a eles. Seus olhos eram como lâmpadas febricitantes, a respiração um assobio agudo na garganta. Fios caídos de teia haviam imprimido complexas cicatrizes no gesso que envolvia seu braço. - Eu ouvi A Coisa, Ela estava morrendo, e você não me parece em condições de levar outro choque. Ela estava morrendo, tenho certeza disso!

As mãos de Richie destacaram-se na escuridão, agarraram Bill e o puxaram, em um rude abraço. Ele começou a bater extasiadamente nas costas do líder do grupo. - Eu também ouvi A Coisa... Ela estava morrendo, Grande Bill! Estava morrendo...
e você parou de gaguejar! Não gagueja nem mais um pouquinho! O que me diz disto? Como foi que, raios...? O cérebro de Bill era um torvelinho. A exaustão o acossava, com mãos grossas e desajeitadas. Ele não se lembrava de já haver sentido tamanho cansaço na vida... mas em sua mente, ouvia a voz arrastada, quase exaurida da Tartaruga! *Eu terminei agora; não deixe A Coisa escapar... o que pode ser feito quando se tem onze anos, freqüentemente nunca mais pode ser repetido.*

- De qualquer modo, precisamos ter certeza... As sombras davam-se as mãos e agora a escuridão era quase total. Contudo, antes que a claridade desaparecesse por completo, ele teve a impressão de ver alguma dúvida infernal no rosto de Beverly... e nos olhos de Stan. E quando a última luminosidade desapareceu, eles ainda podiam ouvir a queda tenebrosa, sussurrante e estremecedora da teia execrável da Coisa, desfazendo-se em pedaços.

3

Bill no vazio, depois - bem e aqui está você novamente, Chapinha! mas o que houve

com seus cabelos?
está tão careca como um ovo! que pena! que pena, curtas vidas têm os humanos! cada vida é um curto panfleto, escrito por um idiota! ora, ora, e coisa e tal Eu continuo sendo Bill Denbrough. Você matou meu irmão, como matou Stan, o Homem, e tentou matar Mike, Pois eu lhe direi uma coisa: desta vez não vou parar enquanto o serviço não estiver terminado.
- a Tartaruga foi estúpida, obtusa demais para contar uma mentira, ela lhe disse a verdade, Chapinha... a oportunidade surge apenas uma vez, você me machucou... me surpreendeu, nunca mais, eu é que chamei vocês de volta. Eu. Você nos chamou, certo, mas não foi a única
- sua amiga, a Tartaruga... bem, ela morreu já faz alguns anos, a idiota velharia vomitou dentro do casco e matou de asfixia uma ou duas galáxias, algo muito triste, não acha? mas também bastante bizarro, merecendo um lugar no Acredite se quiser, de Ripley, *eis o que penso, aconteceu mais ou menos na época em que você começou a ser escritor, deve tê-la sentido ir-se, Chapinha Também não acredito nisso*

- oh, você acreditará... você verá. Desta vez, Chapinha, pretendo fazê-lo ver tudo. incluindo-se os postigos
Ele sentiu a voz da Coisa avolumando-se, zumbindo em um ruído de algazarra - por fim, ele percebeu toda a extensão de sua fúria e ficou terrificado. Procurou alcançar a língua da mente dela, concentrando-se, tentando desesperadamente recapturar a plenitude daquela crença infantil, ao mesmo tempo compreendendo que havia uma fatal verdade no que A Coisa havia dito: da última vez, Ela fora apanhada desprevenida. Agora... bem, mesmo que A Coisa não houvesse sido a única a chamá-los, certamente Ela os estava esperando, Ainda assim...

Ele sentiu sua própria fúria, limpa e cantante, quando fixou os olhos nos dela. Sentiu as velhas cicatrizes da Coisa, sentiu que Ela realmente havia sido ferida, que ainda estava ferida. E quando A Coisa investiu para ele, Bill sentiu a mente escapar-lhe do corpo e concentrou-se, com todo o seu ser, em agarrar-lhe a língua... *mas não conseguiu.*

4

Richie

Os outros quatro espiaram, paralisados. Aquilo era uma repetição exata do ocorrido antes - a principio. A Aranha, que parecia prestes a agarrar Bill e devorá-lo, ficou subitamente imóvel. Os olhos dele estavam fixos nos olhos cor de rubi da Coisa. Havia um senso de contato... um contato logo além da aptidão deles em adivinhar. Contudo, eles sentiam a luta, o choque de vontades. Então, Richie ergueu os olhos para a nova teia e viu a primeira diferença. Lá havia cadáveres, alguns comidos a meio e a meio apodrecidos, tudo como antes... mas bem no alto, em um canto, havia outro corpo, e Richie teve certeza de que aquele ainda era fresco, possivelmente ainda estaria vivo. Beverly não olhara para cima - sua atenção estava concentrada em Bill e na Aranha - mas mesmo em seu terror, Richie notou a semelhança entre ela e a mulher presa à teia. Seus cabelos eram compridos e avermelhados. Os olhos estavam abertos, mas vidrados e imóveis. Uma linha de saliva escorria do canto esquerdo da boca até o queixo. Ela fora presa a um dos cabos de sustentação da teia por uma correia transparente, que passava por baixo de sua cintura e dos dois braços, de maneira que pendia para diante, em um meio arco, braços e pernas pendendo flacidamente. Os pés estavam descalços. Richie avistou outro corpo amontoado ao pé da teia, o corpo de um homem que nunca vira antes... e, no entanto, sua mente registrou uma semelhança quase subconsciente com o falecido e não lamentado Henry Bowers. O sangue fluía dos dois olhos do estranho, empoçando-se em uma espuma à volta da boca e do queixo. Ele... Então, Beverly estava gritando: - *Alguma coisa deu errado! Alguma coisa deu errado, façam algo, pelo amor de Deus, façam qualquer coisa, FAÇAM alguma coisa...*

O olhar de Richie saltou para Bill e a Aranha... e ele sentiu/ouviu uma gargalhada monstruosa. O rosto de Bill estirava-se, de alguma forma sutil. A pele adquirira uma tonalidade de pergaminho, tão reluzente como a de uma pessoa muito idosa. Os olhos tinham girado, mostrando apenas as escleróticas.

Oh, Bill, onde está você?

Enquanto Richie espiava, o sangue espirrou subitamente do nariz de Bill, cuja boca se franzia, tentando gritar... e agora a Aranha avançava novamente para ele. A Coisa girava, apresentando Seu ferrão.

Ela pretende matá-lo... matar seu corpo, de qualquer modo... enquanto a mente dele está em algum lugar. Isto significa liquidá-lo para todo o sempre. A Coisa está vencendo... Bill, onde está você? Pelo amor de Deus, onde está você?

E, em alguma parte, fracamente, em alguma distância inimaginável, ele ouviu Bill gritar... e as palavras, embora sem sentido, era cristalinas e cheias de aflito

(a Tartaruga está morta oh Deus a Tartaruga está mesmo morta)

desespero. Bev tornou a dar um grito agudo e tapou os ouvidos com as mãos, como se quisesse expulsar aquela voz longínqua. O ferrão da Aranha levantou-se, e Richie saltou para Ela, um sorriso estendendo-se até as orelhas. Então gritou, em sua melhor Voz do Tira Irlandês: - *Olá, olá, minha bela garota! Que diabo você pensa que está fazendo? Afaste-se daí, antes que eu rasgue suas anáguas baratas e acabe com seus mistérios idiotas! A* Aranha parou de rir, e Richie captou um crescente uivo de raiva e dor dentro da cabeça dela. *Machucá-la!* pensou triunfalmente. *Machucá-la, que tal isso, machucá-la e, o que acontecerá? AGARREI SUA LÍNGUA! ACHO QUE BILL FALHOU NISSO DE ALGUM MODO MAS, ENQUANTO ELA ESTAVA DISTRAÍDA, EU CONSEGUI...*

Então, gritando para ele, seus gritos assemelhando-se a uma colméia de enfurecidas abelhas em sua cabeça, Richie foi arrancado de si mesmo e atirado na escuridão, com uma vaga percepção de que A Coisa tentava enlouquecê-lo. E Ela estava se saindo bem. Ele foi invadido pelo terror, mas logo foi tomado por um senso de despropósito cósmico. Recordou Beverly com seu ioiô, mostrando-lhe como fazê-lo dormir, caminhar como cão e fazer a volta ao mundo. Pois agora ali estava ele, Richie, o Ioiô Humano, e a língua da Coisa era o cordel. Ali estava ele, e isto não tinha o nome de caminhar como cão, mas de caminhar como Aranha - mas se não era engraçado, o que mais o seria? Richie riu. Não era educado rir com a boca cheia, claro, mas ele não acreditava que alguém ali houvesse lido o Manual de Boas Maneiras. Aquilo o deixou rindo ainda mais, e fincou os dentes com maior força. A Aranha gritou, sacudiu-o com fúria, berrando sua raiva ao ter sido novamente apanhada desprevenida - Ela acreditava que somente o escritor iria desafiá-la, mas agora este homem que ria como um garoto louco a tinha agarrado pela língua, quando menos esperava. Richie sentiu-se escorregar. ... *agüente um segundo, senorita, vamos sair daqui juntos ou eu não lhe venderei um só bilhete da loteria, e todo mundo será um grande vencedor, juro pelo nome de minha madre!*

Ele sentiu os dentes agarrarem a língua da Coisa outra vez, agora com mais firmeza. E houve uma ligeira espécie de dor, quando as presas dela se fincaram na própria língua. Poxa, mesmo assim ainda era um bocado divertido. Mesmo no escuro, sendo impelido atrás de Bill, tendo apenas a língua daquele monstro execrável a ligá-lo ao seu próprio mundo, apesar da dor que as venenosas presas da Aranha instilavam em sua mente, como um nevoeiro vermelho, era infernalmente engraçado. *Vejam só isso, amigos. Vocês acreditarão que um dísk jockey pode voar!*
E ele estava voando, sem a menor dúvida. Richie se viu imerso na maior escuridão que já conhecera e que imaginara existir, viajando a uma velocidade que lhe parecia ser a da luz, sendo sacudido como um terrier sacode um rato. Sentiu que havia algo à frente, algum ciclópico cadáver. Seria a Tartaruga, lamentada por Bill naquela voz longínqua? Só podia ser. Contudo, era apenas um casco, de tonalidades foscas. Então, ele a deixou para trás, enquanto disparava a toda velocidade, no seio da escuridão.

De fato, estou indo a todo vapor, pensou, tornando a sentir aquela vontade louca de rir.

> *Bill, Bill! você pode me ouvir? - ele se foi, está nos postigos,*
> *solte-me! SOLTE-ME! (Richie?)*

Incrivelmente distante; incrivelmente longe, no escuro.

Bill! Bill! aqui estou eu! segure-se, pelo amor de Deus, segure-se - ele está morto, vocês todos estão mortos, estão muito velhos, será que não entende? e agora, solte-ME! olá, cadela, você nunca é velha demais para o rock and roll - SOLTE-ME! leve-me a ele e talvez eu faça isso Richie

- mais perto, ele agora estava mais próximo, graças a Deus...

aqui vou eu, Grande Bill! Richie, para salvá-lo! Vou salvar seu velho traseiro rachado! Eu lhe devo isso, desde aquele dia na Rua Neibolt, lembra-se?

- *solte-MEEEE!*

A Coisa agora gania terrivelmente, e Richie compreendeu que a tinha apanhado inteiramente desprevenida - Ela acreditara que tinha de lidar apenas com Bill. Bem, ótimo. Formidável. Richie agora não se preocupava em matar A Coisa; estava longe de ter certeza de que Ela *podia* ser morta. Entretanto, *Bill* poderia encontrar a morte, e Richie sentia que o tempo de seu companheiro estava ficando muito, muitíssimo curto. Bill estava sendo encerrado em alguma grande e desagradável surpresa onde se encontrava, algo em que era melhor nem pensar.

Richie, não! Volte! Aqui é o limite de tudo! Os postigos! é como se você estivesse com o rádio do carro ligado, dirigindo à meia-noite, caro senhor... e onde está você, queridinho? sorria, para que eu veja onde está!

E, de repente, Bill estava ali, deslizando ao longo

(da esquerda? da direita? ali não havia direção)

de um lado ou do outro. E, além dele, aproximando-se depressa, Richie pôde ver/sentir algo que finalmente estancou suas risadas. Era uma barreira, algo de um formato estranho e não geométrico, que sua mente não conseguia captar. Em vez disso, sua mente traduziu-o o melhor que pôde, como havia traduzido a forma da Coisa em uma Aranha, permitindo que Richie avaliasse aquilo como uma parede colossal e cinzenta, feita de estacas de madeira fossilizada. Aquelas estacas seguiam eternamente para o alto e eternamente para baixo, como as grades de uma jaula. E, no interior delas, cintilava uma enorme luz ofuscante. Ela fulgia e se movia, sorria e rosnava. A luz era viva.

(postigos)

Mais do que viva: era cheia de uma força - magnetismo, gravidade, talvez mais alguma coisa. Richie se sentiu erguido e derrubado, girando e empurrado, como se fosse despachado através de uma acelerada garganta de corredeiras, em um tubo interior. Podia sentir a luz movendo-se ansiosamente acima de seu rosto... e a luz estava *pensando. Isto é A Coisa, isto é A Coisa, o resto da Coisa.*

- solte-me, você prometeu soltar-ME eu sei, mas às vezes, queridinha, eu minto - minha mamãe costuma bater-me por causa disto, mas meu papai, bem, ele já desistiu

Richie sentiu que Bill seguia aos trambolhões, ricocheteando, na direção de uma daquelas aberturas na parede, sentiu dedos malignos de luz querendo agarrá-lo e, com um último e desesperado esforço, estendeu a mão para o amigo.

Bill! Sua mão! Dê-me sua mão! SUA MÃO, DROGA ! SUA MÃO!

A mão de Bill se voltou para ele, abrindo e fechando os dedos, aquele fogo vivo rastejando e contorcendo-se sobre a aliança de casamento de Audra, em padrões rúnicos, mouriscos - rodas, crescentes, estrelas, suásticas, círculos entrelaçados, que aumentavam para cadeias rolantes. O rosto de Bill era banhado pela mesma luz, dando-lhe uma aparência de tatuado. Richie esticou o braço o mais que pôde, ouvindo A Coisa gritar e rosnar.

(Não consegui pegá-lo, oh, meu Deus, eu o perdi, ele vai ser tragado por aquelas coisas)

Então, os dedos de Bill se fecharam sobre os de Richie. Richie fechou a mão em punho. As pernas de Bill voaram através de uma das aberturas na madeira congelada e, por um louco momento, Richie percebeu que podia ver todos os ossos, veias e capilares dentro delas, como se Bill houvesse sido lançado, pela metade do corpo, nas goelas do mais potente aparelho de raios-X do mundo. Richie sentiu os músculos de seu braço estirarem-se como elástico, sentiu a articulação do ombro estalar e grunhir, em protesto contra toda a pressão que enfrentava. Ele apelou para todas as forças e gritou: - *Puxe-nos de volta! Puxe-nos de volta, ou mato você! Eu... eu farei a Voz de sua morte!*

A Aranha tornou a guinchar e, de repente, Richie sentiu uma fortíssima pancada, como se um chicote se enovelasse à volta de seu corpo. Ficou com o braço em brasa, era como uma barra de agonia. Sua pressão sobre os dedos de Bill começou a ceder. - *Segure-se, Grande Bill!*

- *Eu o peguei! Eu o peguei, Richie! Antes assim,* pensou Richie gravemente, *porque acho que você poderia caminhar dez bilhões de quilômetros nesse lugar aí e nunca encontrar um fodido toalete pago.*

Eles sibilaram para trás, aquela luz alucinante esmaecendo, tornando-se uma série de brilhantes pontinhos, que finalmente piscaram. Dispararam através da escuridão como torpedos. Richie aferrando a língua da Coisa com os dentes e segurando o pulso de Bill com uma mão dolorida. Passaram pela Tartaruga; passaram por ela e afastaram-se, em um piscar de olhos. Richie percebeu que cada vez ficavam mais próximos do que quer que passasse por mundo real (embora acreditando que nunca mais pensaria nele como "real"; ele o veria como uma cena inteligente em uma tela, suportada por um entrecruzamento de cabos de apoio... cabos como os fios de uma teia de aranha). *De qualquer modo, tudo vai terminar bem,* pensou. *Estamos voltando. Estamos...*

Os solavancos recomeçaram - chicotadas, pancadas, trambolhões de um lado para outro, como se A Coisa tentasse pela última vez livrar-se deles, deixá-los no Exterior. Richie sentiu que sua pressão cedia. Ouviu o rugido gutural de triunfo da Coisa, procurou concentrar-se em continuar a prender-lhe a língua... mas a pressão ia diminuindo. Mordeu freneticamente, mas a língua dela parecia perder substância e realidade; parecia tornar-se diáfana. - *Socorro!* - gritou Richie. - *Ela está me fugindo! Que alguém nos ajude!*

5

Eddie

Eddie estava mais ou menos cônscio do que ocorria; podia senti-lo de alguma forma, via-o de alguma forma, mas como que através de uma cortina de gaze. Em algum lugar, Bill e Richie estavam lutando para retornar. Seus corpos estavam ali, mas o resto deles - o *real* deles - encontrava-se a uma distância imensurável.

Ele tinha visto a Aranha se virar para empalar Bill em seu ferrão, momento em que Richie correra para diante, gritando para A Coisa naquela sua ridícula Voz do Tira Irlandês que costumava usar... com a diferença de que ele a melhorara muitíssimo no correr dos anos, porque sua Voz soava singularmente parecida à do Sr. Nell dos velhos tempos. A Aranha se voltara então para Richie, e Eddie vira seus execráveis olhos vermelhos avolumarem-se nas órbitas. Richie tornou a gritar, agora em sua Voz de Pancho Vanilla, e Eddie *sentiu* que a Aranha gritava de dor. Ben soltou um berro enrouquecido, quando uma fenda surgiu no lado dela, ao longo da linha de uma de suas cicatrizes, produzida na vez anterior. Uma corrente de icor, negro como óleo cru, saltou para fora. Richie começara a dizer algo mais... e sua voz fora *diminuindo,* como se extingue o final de uma canção popular. A cabeça dele rolou para trás, sobre o pescoço, os olhos estavam fixos nos da Coisa. A Aranha ficou quieta novamente. O tempo passou - Eddie não podia imaginar quanto. Richie e a Aranha encaravam- se; Eddie sentiu a conexão entre eles, como um torvelinho de fala e emoção, vindo de uma distância incrível. Não podia adivinhar nada exatamente, mas sentia os tons das coisas, em cores e matizes. Bill jazia caído no chão, o nariz e os ouvidos sangrando, os dedos ligeiramente torcidos, o rosto comprido pálido, os olhos fechados. A Aranha agora sangrava em quatro ou cinco lugares, gravemente ferida de novo, muito ferida, mas ainda perigosamente vital, e Eddie pensou: *Por que ficamos apenas parados aqui, espiando? Podemos machucá-la, enquanto Ela está ocupada com Richie! Por que ninguém se move, pelo amor de Deus?*

Foi invadido por selvagem onda de triunfo - e tal sensação ficou mais nítida, mais segura. Aproximando-se. *Eles estão voltando!,* queria gritar, mas sua boca estava demasiado seca, a garganta demasiado estreita. *Eles estão voltando!*
Então, a cabeça de Richie começou a girar lentamente, de um lado para outro. Seu corpo pareceu *encrespar-se* dentro das roupas. Os óculos penderam na ponta do nariz por um instante... depois se soltaram e estilhaçaram-se no solo lajeado. A Aranha pareceu despertar, as pernas peludas produzindo uma seco tique-taque no chão. Eddie a ouviu dar um berro de terrível triunfo e, um momento mais tarde, a voz de Richie ecoou claramente em sua cabeça:

(socorro! ela está me fugindo! que alguém me ajude!)

Eddie então correu para diante, puxando o aspirador do bolso com a mão sadia, os lábios repuxados em uma careta, a respiração sibilando penosamente, entrando e saindo em uma garganta que agora tinha o tamanho de um furo de alfinete. O rosto de sua mãe dançou loucamente diante dele e estava gritando: *Não se aproxime dessa Coisa, Eddie! Não se aproxime dela! Coisas assim podem dar-lhe câncer!*
- *Cale a boca, mamãe!* - bradou Eddie, em voz aguda, esganiçada toda a voz que lhe restara. A cabeça da Aranha se virou para o som, seus olhos abandonando momentaneamente os de Richie. - *Ei!* - gritou Eddie, em sua voz extinguindo-se. - *Aqui, tome um pouco disto!*

Saltou para A Coisa, ao mesmo tempo em que acionava o aspirador. Por um instante, toda a crença infantil no medicamento voltou a ele, o medicamento infantil que podia resolver tudo, que podia fazê-lo sentir-se melhor, quando atacado pelos garotos maiores, quando derrotado na corrida para cruzar as portas ao término das aulas ou quando tinha que ficar sentado ao longo do terreno baldio dos Irmãos Tracker, fora do jogo, porque sua mãe não lhe permitia jogar beisebol. Era um bom remédio, um remédio

forte, e ao saltar para diante da cara da Aranha, sentindo seu horrendo fedor, abismado ante a fúria e determinação dela em exterminar todos eles, Eddie acionou o aspirador, lançando um jato dentro de um de seus olhos de rubi. Eddie sentiu/ouviu os gritos dela - não de raiva desta vez, mas somente de dor, de uma agonia horrível, lancinante. Viu as gotículas assentarem naquele bulbo vermelho- sangue, viu que se tornavam brancas ao pousarem lá, viu que se afundavam na córnea como afundaria um jato de ácido carbólico; viu o olho enorme da Coisa começar a achatar-se, como sanguinolenta gema de ovo, para então esvair-se em medonha corrente de sangue vivo, icor e pus cheios de larvas. - *Volte agora, Bill!* - gritou, com seu último resto de voz. Então, agrediu A Coisa, sentiu seu calor repulsivo assá-lo interiormente, sentiu também um forte calor úmido, e percebeu que seu braço ileso deslizara para dentro da boca da Aranha. Eddie tornou a acionar o aspirador, agora desfechando o líquido diretamente na garganta dela, diretamente em sua goela putrefata, fedorenta e maligna. Então, houve uma dor súbita e lancinante, tão desobstruída como a queda de uma pesada faca, no momento em que as mandíbulas da Coisa se fecharam, arrancando-lhe o braço na altura do ombro. Eddie caiu ao chão com o toco dilacerado do braço jorrando sangue, vagamente cônscio de que Bill ficava penosamente de pé, de que Richie encaminhava-se para ele, cambaleando e tropeçando como um bêbado, no final de uma longa e dura noite. - ...Eds... Muito distante. Sem importância. Ele podia sentir tudo esvaindo-se dele, com o seu sangue vital... toda a raiva, toda a dor, todo o medo, toda a confusão e sofrimento. Imaginou que estivesse morrendo, mas... ele se sentia, oh, Deus, tão *lúcido,* tão *claro,*

como uma vidraça meticulosamente lavada, deixando entrar toda a luz gloriosamente assustadora de algum insuspeitado alvorecer; a *luz,* oh, Deus, era aquela perfeita luz racional que clareia o horizonte, em alguma parte do mundo, a cada segundo. - ...Eds, oh meu deus, Bill, bem, alguém ele perdeu o braço, o... Eddie ergueu os olhos para Beverly e viu que ela chorava, que as lágrimas corriam por suas faces sujas de terra, enquanto passava um braço debaixo dele; percebeu que ela havia tirado a blusa e tentava estancar o fluxo de sangue, que gritava por ajuda. Então, olhou para Richie e passou a língua pelos lábios. Tudo sumindo, esbatendo-se... Tudo ficando cada vez mais e mais claro, esvaziando tudo, as impurezas fluindo para fora dele, a fim que pudesse ficar claro, para que a luz fluísse através, e se tivesse tempo, Eddie teria pregado a respeito, teria proclamado: *Nada mau,* começaria. *Isto não é ruim, de maneira alguma.* Contudo, havia algo mais que precisava dizer primeiro. - Richie? - sussurrou. - O que é? Richie estava de gatinhas, olhando desesperadamente para ele. - Não me chame de Eds - disse, e sorriu. Ergueu lentamente a mão esquerda e tocou a face de Richie. Richie estava chorando. - Você sabe que eu... eu... Eddie fechou os olhos, pensando em como terminar a frase e, enquanto ainda pensava nisso, morreu.

6

Derry, 7:00-9:00 da manhã

Por volta de 7 da manhã, a velocidade do vento em Derry chegara a cerca de sessenta quilômetros horários, com rajadas que iam a setenta. Harry Brooks, previsor do Serviço Nacional de Meteorologia, com sede no Aeroporto Internacional de Bangor, fez uma alarmada ligação para a matriz do SNM, em Augusta. Os ventos, conforme informou, vinham do oeste e sopravam em um singular padrão semicircular, que ele jamais vira antes... parecendo-lhe mais e mais uma estranha espécie de furacão em vácuo, confinado quase que exclusivamente à área da cidade de Derry. Às 7:10, as principais estações de rádio de Bangor transmitiram os primeiros avisos sérios sobre as condições do tempo. A explosão do transformador de força no Depósito dos Irmãos Tracker cortara toda a energia elétrica em Derry, no lado da Rua Kansas que dava para os Barrens. Às 7:17, um bordo venerável no Old Cape, lado dos Barrens, caiu com pavoroso estrondo, destruindo uma loja na esquina da Rua Merit com Avenida Cape. Um antigo cliente, chamado Raymond Fogarty, foi atingido e morto pela queda de um freezer de cerveja. Era o mesmo Raymond Fogarty que, quando ministro da Primeira Igreja Metodista de Derry, havia presidido os funerais de George Denbrough, em outubro de 1957. O bordo também derrubou fios elétricos suficientes para cortar a energia, não apenas do Old Cape, mas do conjunto habitacional Sherburn Woods, mais moderno e logo além. O relógio do campanário da Igreja Batista da Graça não havia badalado também às seis e sete horas da manhã. Às 7:20, três minutos após a queda do bordo no Old Cape e cerca de uma hora e quinze minutos após cada vaso sanitário e encanamento doméstico haver vomitado sua carga de volts, o relógio na torre badalou treze vezes. Um minuto mais tarde, um raio branco-azulado atingiu o campanário. Heather Libby, esposa do ministro, estava olhando pela janela da cozinha da casa paroquial naquele momento, e disse que a torre “explodiu como se alguém a tivesse lotado de dinamite”. Tábuas caiadas, pedaços de vigas e peças de mecanismo relojoeiro, oriundas da Suíça, choveram sobre a rua. Os restos destroçados do campanário queimaram brevemente e depois apagaram-se com a chuva, que agora parecia um temporal dos trópicos. As ruas que desciam a colina para a zona comercial do centro da cidade, eram rios de água espumante encachoeirada. O progresso do Canal sob a Rua Main transformara-se em uniforme e estremecida trovoada, fazendo com que as pessoas se entreolhassem, inquietas. Às 7:25, com o monstruoso estrondo produzido pelo campanário da Batista da Graça ainda ecoando por toda Derry, o empregado que ia ao Balneário de Wally todas as manhãs, exceto aos domingos, para limpar o lugar, viu algo que o mandou, aos gritos, de volta para a rua. Este indivíduo, alcoólatra desde seu primeiro semestre na Universidade do Maine - isso fora onze anos antes - recebia uma insignificância por seus serviços. Ficara entendido que seu real pagamento era a liberdade absoluta para esvaziar o que quer que houvesse sobrado da véspera, dentro das canecas de cerveja, debaixo do balcão. Richie Tozier poderia ou não lembrar-se dele; o sujeito era Vincent Caruso Taliendo, melhor conhecido por seus contemporâneos do quinto grau como Taliendo “Meleca”. Enquanto ele fazia a limpeza, naquela apocalíptica manhã em Derry, pouco a pouco aproximando-se da área de serviço, viu que sete das torneiras de cerveja - três Bud, duas Narragansett, uma Schlitz (conhecida mais familiarmente como Slits pelos remelosos clientes do Wally) e uma Miller Lite - inclinaram-se para diante, como se puxadas por sete mãos invisíveis. A cerveja correu das torneiras em torrentes de espuma branco-dourada. Vince caminhou para lá, não pensando em espíritos ou fantasmas, porém que os dividendos de sua manhã iam descer pelo ralo. Então, estacou

de repente, olhos arregalados, enquanto um grito uivado e aterrorizado se erguia na caverna vazia e cheirando a cerveja, que era o Balneário de Wally. A cerveja passara a esguichar em torrentes arteriais de sangue. Rodopiou nos ralos cromados, transbordou e escorreu pelo lado do balcão, em pequenos regatos. Então, cabelos e pedaços de carne começaram a espirrar das torneiras da cerveja. Taliendo "Meleca" viu isto, apalermado, sem forças ainda para gritar novamente. Houve em seguida um ruído sufocado, quando uma das canecas de cerveja explodiu debaixo do balcão. Todas as portas do armário sob aquele balcão deslizaram ao mesmo tempo, escancarando-se. Uma fumaça esverdeada, como a seqüência de um truque de mágico, começou a escapar das portas. Para "Meleca", era o suficiente. Gritando, disparou para a rua, que agora era um canal raso. Ele caiu sentado, levantou-se, e lançou um olhar apavorado por sobre o ombro. Uma janela do bar havia explodido, com um estrondoso som de galeria de tiro-ao-alvo. Cacos de vidro voaram em torno da cabeça de Vince. Um momento depois, a outra janela também explodia. De novo, ele permaneceu miraculosamente intocado... mas de repente decidiu que era hora de visitar sua irmã em Eastport. Partiu em seguida, e sua jornada até os limites de Derry, e mais além, comporia uma saga em si... mas basta dizer que, eventualmente, ele conseguiu abandonar a cidade. Outros não tiveram tanta sorte. Aloysius Nell, que pouco antes completara os setenta e sete, estava sentado com a esposa na sala de visitas de sua residência, na Rua Strapham, vendo a tempestade que castigava Derry. Às 7:32, ele sofreu um ataque cardíaco fatal. Uma semana depois, sua esposa contava ao irmão que Aloysius deixara a xícara de café cair no tapete, ficara sentado ereto, de olhos esbugalhados e fixos em um determinado ponto, gritando: "O/á, *olá, minha bela garota! Que diabo você pensa que está fazendo? Afaste-se daí, antes que eu rasgue suas anáguas..."* A seguir, ele caiu da cadeira, com o corpo tombando sobre a xícara de café. Maureen Nell, sabendo que o coração dele não andava bem nos últimos três anos, compreendeu imediatamente o que acontecia e, após afrouxar-lhe o colarinho, correu ao telefone para chamar o Padre McDowell. Contudo, o telefone estava mudo. Emitia apenas um ruído esquisito, semelhante ao de uma sirene policial. E, embora sabendo que talvez fosse uma blasfêmia pela qual teria que responder a São Pedro, tentou proporcionar a ele os últimos ritos, ela própria. Segundo disse ao irmão, confiava em que Deus compreenderia, mesmo que São Pedro se mostrasse contrário. Aloysius havia sido um bom marido e um bom homem; se bebia demais, era apenas por causa de seu lado irlandês. Às 7:49, uma série de explosões sacudiu o Mall de Derry, que se erguia no local da finada Fundição Kitchener. Ninguém morreu; o Mall só abria às 10:00, enquanto que a turma dos empregados de limpeza deveria chegar às 8:00 (e, em uma semelhante manhã, bem poucos deles apareceriam). Uma equipe de investigadores rejeitou, mais tarde, a idéia de sabotagem. Eles sugeriram - um tanto vagamente - que as explosões sem dúvida haviam sido provocadas pela água, ao penetrar no sistema elétrico do Mall. Qualquer que fosse o motivo, por muito tempo ninguém iria fazer compras no Mall de Derry. Uma explosão destruiu por completo a Joalheria Zale's. Anéis de brilhantes, braceletes de identidade, cordões de pérolas, bandejas de alianças para casamento e relógios digitais Seiko voaram por todos os lados, em uma exibição de brilhantes, cintilantes bugigangas. Uma caixinha de música voou por todo o comprimento do corredor leste, indo aterrar no repuxo ao lado da firma J.C. Penney, onde tocou brevemente uma borbulhante interpretação do tema de *Love Story,* antes de calar-se para sempre. A mesma explosão abriu um buraco na porta vizinha da firma Baskin-Robbins, uma sorveteria, transformando os trinta e um sabores do produto em uma sopa gelada, que escorreu pelo chão, em leitosos regatos. A explosão, que se propagou através da Sears, levantou um pedaço do teto, que o vento, em crescente velocidade, carregou, como se fosse um

papagaio; o pedaço de teto aterrou a um quilômetro de distâcia, deslizando limpamente através do silo de um fazendeiro chamado Brent Kilgallon. O filho de dezesseis anos de Kil-gallon correu para lá com a Kodak de sua mãe e bateu uma foto. O *National Enquirer* a comprou por sessenta dólares, que o rapaz empregou na compra de dois pneus novos para sua moto Yamaha. Uma terceira explosão destroçou a loja Hit or Miss, enviando vistosas saias, jeans e roupas de baixo para o inundado pátio de estacionamento. E uma explosão final liquidou com a filial do Farmers' Trust de Derry, existente no Mall, como se fosse uma caixa deteriorada de fogos de artifício. Um pedaço do teto do banco também foi arrancado. Os alarmes contra roubo dispararam, com uma barulheira que só seria silenciada ao ser acionado o sistema elétrico independente de segurança, quatro horas mais tarde. Contratos de empréstimos, instrumentos bancários, talões de depósito, vales de caixa e formulários diversos foram erguidos ao céu e levados para longe pelo vento. Além de dinheiro: notas de dez e vinte, principalmente, com uma generosa porção de notas de cinco e uma bonificação em notas de cinqüenta e cem. Mais de 75.000 dólares se foram, de acordo com informações de funcionários do banco... Mais tarde, após uma reorganização maciça na estrutura executiva do banco (e uma baldeação financeira), alguns admitiriam - apenas oficiosamente, é claro - que o prejuízo fora a mais de 200.000 dólares. Uma mulher em Haven Village, chamada Rebecca Paulson, encontrou uma nota de cinqüenta dólares pousada em seu capacho de boas-vindas da porta dos fundos, mais duas de vinte no viveiro de pássaros e outra de cem, aderida a um carvalho no quintal. Ela e o marido empregaram o dinheiro em duas prestações extras de seu Bombardier.(*Tipo de veículo com tração especial para rodar no gelo, inventado por George Bombardier, de Quebec, Canadá. - N. da T.*) O Dr. Hale, médico aposentado que por quase cinqüenta anos residira na Broadway Oeste, perdeu a vida às 8:00. O Dr. Hale gostava de vangloriar-se de haver feito a mesma caminhada de três quilômetros, nos últimos vinte e cinco daqueles cinqüenta anos - a partir de sua casa, contornando o Parque Derry e a Escola Elementar. Nada o detinha: chuva, vento, granizo, ventanias ululantes do noroeste ou frio abaixo de zero. A despeito dos avisos preocupados de sua governanta, ele saiu de casa, na manhã de 31 de maio. Sua última fala, antes de abandonar este mundo, foi dita por sobre o ombro ao cruzar a porta da frente, enterrando o chapéu com firmeza até as orelhas: - Não seja tão tolamente idiota, Hilda. Isto não passa de uma chuvarada. Você devia ter visto a tempestade de 57! Aquilo sim, é que foi aguaceiro! Quando ele se virou novamente para a Broadway Oeste, o tampão de um bueiro à frente da residência dos Mueller foi lançado de repente para fora, com a potência de um foguete Redstone. O tampão decapitou o bom doutor, tão rápida e precisamente que ele ainda deu mais três passos, antes de cair morto na calçada. E o vento continuava aumentando.

7

Debaixo da cidade, 16:15

Eddie os guiou através dos túneis escurecidos por uma hora, talvez hora e meia, antes de admitir, em um tom que era mais de perplexidade do que de medo, que pela primeira vez na vida estava perdido.

Eles ainda podiam ouvir o estrondo distante da água nos encanamentos, porém a acústica daqueles túneis era tão louca, que se tornava impossível saber se os sons aquáticos provinham da frente, de trás, da esquerda, direita, de cima ou de baixo. Seus fósforos haviam terminado. Estavam perdidos na escuridão. Bill tinha medo... muito medo. A conversa tida com o pai, quando ele trabalhava em sua oficina doméstica, insistia em voltar-lhe à mente. *Quatro quilos e meio de plantas e mapas simplesmente desapareceram em alguma época... A meu ver, ninguém sabe para onde vão todos os malditos esgotos e a água servida, nem por quê. Quando eles funcionam, ninguém se preocupa. Quando não funcionam, há três ou quatro operários do Departamento de Águas que tentam encontrar e descobrir que bomba pifou ou onde é a obstrução,.. Aquilo lá é escuro, fedorento, e tem ratos. São bons motivos para ninguém se aventurar naqueles lugares, porém o melhor deles é que a pessoa pode ficar perdida. Já aconteceu antes. Aconteceu antes. Aconteceu antes. Isso aconteceu...*

Claro que tinha acontecido. Havia aquele monte de ossos e de algodão lustroso pelos quais haviam passado a caminho do covil da Coisa, por exemplo. Bill sentiu o pânico tentando aumentar e procurou sufocá-lo. O medo cedeu, mas não sem dificuldade. Ele podia senti-lo lá no fundo, uma coisa viva, lutando e contorcendo-se, procurando emergir. Além disso, havia a insistente pergunta irrespondível, quanto a terem ou não matado A Coisa. Richie dizia que sim, Mike dizia que sim, Eddie dizia que sim. Contudo, ele não gostara do dubitativo olhar amedrontado de Bev ou Stan, quando a luz morreu e eles rastejaram por aquela portinha, fugindo da sussurrante teia de aranha que despencava do teto. - Então, o que faremos agora? - perguntou Stan. Bill percebeu o amedrontado tremor infantil na voz de Stan e soube que a pergunta era feita diretamente a ele. - Isso mesmo - disse Ben. - E agora? Droga, eu gostaria que a gente tivesse uma lanterna... até mesmo uma ve... vela. Bill imaginou ouvir um soluço sufocado na última frase. Aquilo o amedrontou mais do que tudo. Ben ficaria espantado, se soubesse, mas Bill achava aquele garoto gordo durão e cheio de recursos, mais resistente do que Richie e menos apto a abater-se subitamente do que Stan. Se Ben estava prestes a entregar os pontos, é porque estavam todos eles à beira de um problema de fato. Não era o esqueleto do sujeito do Departamento de Águas que martelava a mente de Ben, mas a lembrança de Tom Sawyer e Becky Thatcher, perdidos na Caverna de McDougal. Ele expulsava o pensamento, mas este insistia em atormentá-lo. Algo mais o preocupava, porém o conceito era demasiado grande e demasiado vago, para que sua fatigada mente de menino o captasse. Talvez fosse a própria simplicidade da idéia que a tornava esquiva: eles se estavam distanciando, uns dos outros. O elo que os mantivera unidos durante aquele longo verão se dissolvia. A Coisa fora enfrentada e subjugada. Ela podia estar morta, como pensavam Richie e Eddie, podia estar ferida tão gravemente que dormiria por cem anos, mil ou dez mil. Eles a tinham enfrentado, tinham-na visto com sua máscara final posta de lado, e isso fora suficientemente horrível - oh, claro! - mas uma vez vista, sua forma física não era tão ruim e sua mais potente arma lhe fora tirada. Afinal de contas, todos eles já haviam visto aranhas antes. Eram seres estranhos, de certo modo rastejadoramente repugnantes, e Bill supunha que nenhum deles seria capaz de ver outro

(se chegassem a sair dali)

sem um estremecimento de repulsa. Contudo, uma aranha era, afinal, nada mais do que uma aranha. Talvez no fim, quando a máscara de terror foi posta de lado, nada mais havia que a mente humana não pudesse enfrentar. Esta era uma idéia encorajadora. Qualquer coisa, exceto (os *postigos)*

o que quer que houvesse estado lá - talvez até mesmo aquela indizível luz viva que se amontoava no limiar para o macroverso - estava morta ou agonizante. Os postigos e a viagem para o negro, até o lugar onde haviam estado, já ficavam esfumados na mente, era difícil recordá-los. E este não era realmente o ponto em questão. O ponto, sentido, mas não captado, era simplesmente que a camaradagem estava terminando... ela terminava e eles ainda estavam na escuridão. Através de sua amizade, aquela Outra fora capaz (talvez) de torná-los algo mais do que crianças. Contudo, agora voltavam a ser crianças novamente. Bill sentia isso, tanto quanto os outros. - E agora, Bill? - perguntou Richie, por fim dirigindo-se a ele diretamente. - Eu n-n-não s-s-sei - respondeu Bill. Sua gagueira retornara, viva e atuante. Bill a ouvira, os outros a tinham ouvido, e ele ficou parado no escuro, sentindo o aroma choco do pânico crescente do grupo, perguntando-se quanto tempo demoraria antes que alguém - o mais provável é que fosse Stan - pusesse as cartas inteiramente na mesa, dizendo: *Bem, por que não sabe? Foi você que nos meteu nisto!*

E quanto a Henry? - perguntou Mike, inquieto. - Ele ainda anda por aí, ou...? - Oh, céus! - suspirou Eddie... quase gemeu. - Eu já tinha esquecido *Henry. Claro* que ele anda por perto, vai ver, está tão perdido quanto nós e podemos dar com o cara a qualquer momento... Poxa, Bill, você não tem *nenhuma* idéia? Seu pai trabalha aqui embaixo! Não tem nenhuma idéia, *nada?*
Bill ouviu o distante e zombeteiro atroador ruído da água e tentou formular a idéia que Eddie - como todos os demais - tinha o direito de exigir. Porque sim, era verdade, ele os metera naquilo, era responsabilidade sua agora tirá-los dali. Contudo, nada lhe veio à mente. Nada. - Tenho uma idéia - disse Beverly quietamente. No escuro, Bill ouviu um som que não conseguiu identificar imediatamente. Um som sussurrante, mas não assustador. Então, seguiu-se outro, de identificação mais fácil... um zíper. *O quê...?* pensou, e então percebeu o que era. Beverly estava se despindo. Por algum motivo, ela estava tirando a roupa. - O que você está *fazendo?* - perguntou Richie, e sua voz chocada estremeceu na última palavra. - Sei de uma coisa - disse Beverly no escuro e, para Bill, sua voz soava mais velha. - Sei, porque meu pai me disse. Sei como tornar-nos unidos outra vez. E, se não ficarmos unidos, jamais sairemos daqui. - O que é? - perguntou Ben, parecendo aturdido e aterrorizado. - De que você está falando? - De uma coisa que nos tornará unidos outra vez. Isso irá mostrar... - N-N-Não, B-B-Beverly! - exclamou Bill subitamente, ao compreender, compreender tudo. - ...isso irá mostrar que eu amo todos vocês - disse Beverly, - que todos vocês são meus amigos. - O que ela es... - começou Mike. Calmamente, Beverly interrompeu suas palavras. - Quem é o primeiro? - perguntou ela. - Acho que

8

No Covil da Coisa, 1985

ele está morrendo - soluçou Beverly. - Seu braço, A Coisa comeu seu *braço...*
Ela se achegou a Bill, agarrou-o, e Bill a afastou. - *A Coisa está indo embora outra vez!* - rugiu ele para ela. O sangue coagulava-se em seus lábios e queixo. - *V- V- Vamos! Richie! B-B-Ben! Desta v-vez, nós va-va-vamos a-a-acabar com Ela!*

Richie fez Bill se virar para ele e o fitou, como se fita alguém cuja fúria está deslocada no momento.- O que temos a fazer é cuidar de Eddie, Bill. Precisamos colocar um torniquete, tirá-lo daqui! Beverly agora estava sentada, com a cabeça de Eddie em seu colo, acalentando-o. Ela lhe fechara os olhos. - Vá com Bill - disse para Richie. - Se deixar que ele morra por nada... se A Coisa voltar em outros vinte e cinco ou cinqüenta anos, ainda que sejam dois mil, eu juro que... juro que assombrarei seus fantasmas. *Vá!*

Richie olhou um instante para ela, indeciso. Então, percebeu que o rosto de Beverly perdera a definição, tornava-se, não um rosto, mas uma forma pálida nas sombras crescentes. A luz desaparecia. Isso o decidiu. - Está bem - disse para Bill. - Desta vez, iremos caçá-la. Ben estava parado mais além, perto da teia de aranha, que começara a decompor-se novamente. Também vira a forma oscilando no alto da teia, e rezou a fim de que Bill não olhasse para cima. Entretanto, quando a teia começou a cair, em montes, punhados e fios soltos, Bill olhou. Viu Audra, balançando-se, como se em um elevador muito antigo e desconjuntado. Ela caiu três metros, parou, oscilou de um lado para outro, e então caiu bruscamente outros cinco metros. Seu rosto nunca mudava. Os olhos muito azuis estavam desmedidamente abertos. Os pés nus balançavam para diante e para trás, como pêndulos. Seus cabelos jaziam espalhados sobre os ombros. A boca estava aberta. - AUDRA! - gritou ele. - Vamos, Bill! - bradou Ben. A teia agora caía à volta deles, chocando-se contra o chão e começando a escorrer. Richie agarrou Bill subitamente pela cintura e o empurrou para diante, disparando para um espaço vazio de três metros de altura, entre o chão e o confuso emaranhado dos fios frouxos da teia, espalhado pelo piso. - Vamos, Bill! Vamos! Vamos! - *Aquela é Audra!* - gritou Bill, em desespero. - *A-A-Aquela é AUDRA!*

- Estou pouco me lixando se for o Papa - disse Richie brutalmente. - Eddie está morto e nós vamos matar A Coisa, caso Ela ainda esteja viva. Vamos terminar o trabalho desta vez, Grande Bill, esteja sua mulher viva ou não. Agora, *vamos!*
Bill demorou um instante mais, e então instantâneos das crianças, de todas as crianças mortas, pareceram tremular por sua mente, come fotos perdidas do álbum de George. COLEGAS DE ESCOLA. - E-Está be-bem, V-V-Vamos. Que D-De-Deus me pe-perdoe!
Ele e Richie correram sob alguns fios entrecruzados, segundos antes de eles atingirem o solo, juntando-se a Ben do outro lado. Correram atrás da Coisa, enquanto

Audra pendia e oscilava, quinze metros acima do piso lajeado, envolta em entorpecedor casulo, preso à teia em decomposição.

9

Ben

Eles seguiram a trilha do sangue negro da Coisa - poças oleosas de icor que escorria e pingava para as fendas entre as lajes do piso. Entretanto, quando o chão começou a elevar-se para uma abertura negra semi-circular, situada no extremo mais distante da *câmara,* Ben viu algo novo: uma trilha de ovos. Cada um deles era negro e de casca rugosa, talvez do tamanho de um ovo de avestruz. Uma luminosidade leitosa aninhava-se dentro deles. Ben percebeu que eram semitransparentes; podia ver formas escuras, movendo-se no interior.

As crias da Coisa, pensou, e sentiu a garganta constringir-se... *Suas crias abortadas, Deus! Meu Deus!*

Richie e Bill tinham parado, olhavam para os ovos com idiotizado, admirado espanto. - Vamos! Vamos! - berrou Ben. - Continuem vocês! Eu cuido deles! Peguem A Coisa! - Tome! - gritou Richie, e jogou para Ben uma carteirinha de fósforos do Town House de Derry. Ben pegou os fósforos no ar. Bill e Richie correram para diante. Ben olhou para eles por um momento, à claridade que diminuía rapidamente. Então, virou-se para o primeiro daqueles ovos de casca translúcida, para a sombra negra que se movia no interior, e sua determinação vacilou. Aquilo, poxa, caras, aquilo era demais. Simplesmente terrível demais. E, sem dúvida, os filhotes da Coisa morreriam sem sua ajuda; não haviam sido depositados no chão, os ovos tinham caído.

Bem, mas a postura da Coisa estava próxima... e se um destes filhotes conseguir sobreviver... um que seja...

Apelando para toda a sua coragem, evocando o rosto pálido e agonizante de Eddie, Ben fez sua bota Desert Driver descer com força sobre o primeiro ovo. Ele se quebrou com um som pastoso, e uma placenta fétida escorreu em torno da bota. Em seguida, uma aranha do tamanho de um rato começou a rastejar fracamente pelo chão, tentando afastar- se. Ben podia ouvi-la em sua cabeça, ouvia seus miados agudos, como o som de uma serra de mão, sendo inclinada rapidamente para diante e para trás, a fim de produzir tons musicais. Ben saiu atrás do filhote, com pernas que pareciam de pau, e tornou a descer o pé. Sentiu o corpo da aranha ranger e esmagar-se, sob o tacão da bota. Sua garganta convulsionou-se e, desta vez, ele não se pôde conter. Vomitou, depois girou o salto da bota, esmagando decididamente a coisa contra as pedras, ouvindo os miados em sua cabeça diminuírem para o silêncio total.

Quantos? Quantos ovos? Não li em algum lugar que aranhas podem pôr milhares... ou milhões? Não posso continuar fazendo isto, vou acabar enlouquecendo... Você tem que fazer. Tem que fazer. Vamos, Ben... prossiga!

Ele caminhou para o ovo seguinte e repetiu o processo, ao clarão final da luz agonizante. Tudo foi repetido: a pancada seca, o líquido esguichante, o *coup de grâce* final. Depois o seguinte. O seguinte. O seguinte. Avançando lentamente para o arco negro que seus amigos tinham atravessado. A escuridão agora era total, Beverly e a teia em decomposição tinham ficado em algum lugar, à retaguarda dele. Ben ainda podia ouvir o ruído produzido pelos fios caindo. Os ovos eram pedras pálidas no escuro. Quando chegava a cada ovo, acendia um fósforo. Com a claridade, podia seguir o trajeto entorpecido da pequena aranha e esmagá-la, antes que o fósforo chegasse ao fim. Não sabia como agir quando os fósforos terminassem, caso os esgotasse antes que o último ovo fosse esmagado e morta a carga execrável de cada um.

10

A Coisa, 1985 Ainda vindo.

A Coisa os sentiu ainda vindo, ganhando terreno, e seu medo cresceu. Talvez, afinal de contas Ela não fosse eterna - o impensável finalmente devia ser pensado. Pior ainda, A Coisa sentia que seus filhotes estavam sendo mortos. Um terceiro daqueles odientos e odiados homens-meninos vinha seguindo implacavelmente sua trilha de ovos, quase insano de repugnância, mas, ainda assim, continuando metodicamente a esmagar a vida existente em cada um daqueles ovos.
Não! *uivou A Coisa, cambaleando de um lado para outro, percebendo que sua força vital esvaía-se por uma centena de ferimentos, nenhum deles mortal em si, mas cada um sendo um cântico de dor, cada um a deixando mais enfraquecida. Uma de suas patas agora pendia do corpo apenas por pequena tira de carne. Um de seus olhos estava cego. Ela sentia uma terrível ruptura interna, proveniente de fosse qual fosse o veneno que um dos odiados homens-meninos conseguira insular dentro de sua garganta. E eles continuavam vindo, encurtando a distância - mas, como era isso possível? A Coisa ganiu e miou. E quando os sentiu diretamente atrás de si, fez a única coisa que agora podia fazer: virou-se para lutar.*

11

Beverly

Antes que o último vislumbre de claridade sumisse, deixando a escuridão total em seu lugar, ela viu a esposa de Bill mergulhar mais seis metros, para então subir novamente. Audra começou a girar, os longos cabelos ruivos abrindo-se em leque. *A esposa dele,* pensou, *mas fui eu o seu primeiro amor. E, se ele imaginou que alguma outra mulher foi a sua primeira, isto aconteceu apenas por ter esquecido... ter esquecido Derry.*

Então, ela ficou na escuridão, sozinha com o som da teia desmoronando e o simples, imóvel peso de Eddie. Não queria largá-lo, não queria deixar o rosto dele jazer contra o nojento piso daquele lugar. Assim, manteve a cabeça de Eddie na dobra de um braço que já sentia cãibras e afastou-lhe os cabelos da testa úmida. Pensou nos pássaros... era algo que, supunha, lhe fora transmitido por Stan. Pobre Stan, que não fora capaz de enfrentar isto!

Para todos eles... eu fui seu primeiro amor.

Tentou recordar - era algo bom para pensar em toda aquela escuridão, onde não se podia situar os sons. Pensar fez com que se sentisse menos solitária. A princípio, as lembranças não vieram; a imagem dos pássaros interpunha-se - corvos, estorninhos e graúnas, aves da primavera, que retornavam de algum lugar, enquanto as ruas ainda deixavam escorrer neve derretida, enquanto os últimos retalhos de neve suja de terra permaneciam severamente aderidos a seus lugares sombreados. A ela, parecia ser sempre em um dia nublado, quando primeiro via e ouvia aqueles pássaros da primavera, e costumava perguntar-se de onde teriam vindo. De repente, ali estavam eles, de volta a Derry, enchendo o ar límpido com sua tagarelice infernal. Enfileiravam-se os fios telefônicos e cumeeiras das casas vitorianas na Broadway Oeste; disputavam espaços vagos nas ramificações de alumínio da elaborada antena de televisão, no alto do Balneário de Wally; lotavam os negros galhos molhados dos olmos, na parte baixa da Rua Main. Eles se instalavam, conversavam uns com os outros nas gritantes e entrecortadas vozes de velhas camponesas, nos jogos semanais de bingo, e então, a algum sinal que os humanos não podiam discernir, todos alçavam vôo ao mesmo tempo, escurecendo o céu com seus números... e iam pousar em outro lugar qualquer.

Sim, os pássaros, eu pensava neles porque estava envergonhada. Era meu pai que me deixava com vergonha, imagino. Talvez A Coisa é que estivesse fazendo isso também. Talvez.

A recordação chegou - a recordação após os pássaros - porém era vaga e desconexa. Talvez esta precisa recordação sempre seria assim. Ela havia... Seus pensamentos interromperam-se, ao perceber que Eddie

12

Amor e desejo, 10 de agosto de 1958 a procura primeiro, porque é o mais

amedrontado. Ele a procura, não como o

amigo daquele verão ou como seu breve amante de agora, mas da maneira como teria ido ao encontro da mãe, apenas três ou quatro anos atrás, afim de ser consolado; ele não recua ante sua acetinada nudez e, a princípio, ela imagina que nem a tenha sentido. Está trêmulo e, embora ela o toque, a escuridão é tão absoluta que não consegue enxergá-lo, apesar dessa íntima proximidade. Se não fosse o gesso áspero envolvendo o braço quebrado, ele bem poderia ter sido um fantasma.

- O que você quer? - pergunta ele.

- Você tem que botar sua coisa em mim - diz ela. Ele tenta recuar, mas ela o segura contra si, fazendo-o aceitar. Ela ouve alguém -

Ben, supõe - conter a respiração.

- Eu não posso fazer isso, Bevvie. Não sei como...

- Eu acho que é fácil. Só que você precisa tirar a roupa. - Ela pensa na complicação de manipular gesso mais camisa, primeiro separando-os de certo modo, depois tornando a uni-los, e emenda. - Pelo menos, suas calças.
- Não, eu não posso! Contudo, ela pensa que parte *dele pode - e quer - porque Eddie parou de tremer, e agora algo pequeno e duro se pressiona contra o lado direito do ventre dela.*

- Você pode - diz ela, e o puxa para baixo. A superfície abaixo de suas costas nuas e pernas é firme, argilosa e seca. O estrondo distante da água é hipnótico, calmante. Ela procura segurá-lo. Há um momento em que o rosto de seu pai intervém, duro e proibitivo

(quero ver se você está intacta)
mas então passa os braços pelo pescoço de Eddie, encostando seu rosto liso ao dele, também liso. Quando ele toca tentativamente seus seios pequeninos, ela suspira e pensa, pela primeira vez: Este é Eddie, *recordando um dia de julho - teria sido mesmo apenas no mês anterior? - quando ninguém mais fora aos Barrens além dele. Eddie tinha levado um bom punhado de revistas da Luluzinha, que os dois ficaram lendo pela maior parte da tarde - Luluzinha fazendo mil estrepolias, envolvendo-se em todo tipo de loucas situações, com a Bruxa Hazel e todos aqueles caras. Tinha sido divertido. Ela pensa em pássaros, principalmente as gralhas, estorninhos e graúnas que retornam na primavera, enquanto suas mãos acham o cinto dele e o afrouxam. Ele diz que não pode fazer aquilo. Ela responde que pode,* sabe *que ele pode e, ao falar, não é vergonha, não é medo que sente, porém uma espécie de triunfo.*
- Onde? - pergunta ele, e aquela coisa dura se pressiona urgentemente contra a parte interna da coxa dela.
- Aqui - diz ela.
- Bevvie, eu vou cair *em cima de você! - exclama ele. Ela ouve a respiração dele começar a sibilar dolorosamente.*
- Acho que a idéia é essa mesma - responde, segurando-o com delicadeza, ao mesmo tempo em que o guia. Ele empurra para diante, depressa demais, e há dor.

torna a pressioná-la contra os lados, pois dentro de um momento, inflamados nas cumeeiras das casas, levantando vôo ao mesmo tempo, sob as nuvens baixas de março.

- Beverly? - pergunta ele, inquieto. - Você está legal?
- Vá mais devagar - diz ela. - Fica melhor para você respirar. Ele se move mais lentamente e, após algum tempo, sua respiração se acelera, mas ela compreende que isto não é porque haja qualquer coisa errada com ele. A dor desaparece. De súbito, ele se move com mais rapidez, então pára, enrijece e emite um som - algum som. Ela sente que aquilo é algo para ele, algo extraordinariamente especial, algo como... como voar. Sente-se poderosa: sente uma espécie de triunfo elevar-se com vigor em seu íntimo. Era isto que seu pai temia? Bem que tinha razão! Havia poder naquele ato, claro, um poder desencadeado que ia fundo no sangue. Não experimenta nenhum prazer físico, porém há naquilo um tipo de êxtase mental para ela. Percebe a proximidade. Ele encosta o rosto em seu pescoço, ela o abraça. Ele está chorando. Ela o abraça. E sente que a parte dele, fazendo conexão entre ambos, começa a desaparecer. Não a abandonando, exatamente; apenas murchando, ficando menor. Quando o peso dele se afasta, ela se senta e lhe toca o rosto na escuridão.

- Conseguiu?

- Consegui o quê?

- Seja lá o que for. Não sei bem ao certo. Ele sacode a cabeça - ela sente o movimento, pois tem a mão sobre a face dele.

- Não acho que tenha sido exatamente como... entenda, como os garotos grandes dizem. De qualquer modo, foi... foi um negócio! - Ele fala em voz baixa, para que os outros não ouçam: - Eu amo você, Bevvie. A percepção dela falha um pouco aqui. Tem certeza de que há mais palavras ditas, algumas sussurradas, outras em voz alta, mas não consegue recordar o que foi falado. Não importa. Vai ser preciso dizer a cada um deles o mesmo novamente? Sim, com certeza. Contudo, não importa. Terá *que falar a cada um deles, induzi-los a esse essencial elo humano entre o mundo e o infinito, o único lugar onde a corrente sangüínea toca a eternidade. Não importa. O que importa apenas é o amor, o desejo. Ali, naquela escuridão, o lugar é tão bom quanto qualquer outro. Talvez até melhor do que alguns. Mike vem a ela, depois Richie, e o ato é repetido. Agora, ela começa a sentir algum prazer, um difuso calor em seu sexo imaturo, infantil. Fecha os olhos quando Stan vem a ela, e pensa nos pássaros, na primavera e nos pássaros; ela os vê, incessantemente, todos pousando ao mesmo tempo, enchendo as árvores despidas pelo inverno, ginetes das ondas de choque sobre a orla movente da mais violenta estação da natureza, vê os pássaros alçarem vôo de novo e de novo, o bater de suas asas como o estalo de muitos lençóis sobre o varal, e então pensa:* Dentro de um mês, cada criança no Parque Derry estará empinando uma pipa, elas correrão para evitar que os cordões de uma se prendam nos da outra. *Ela torna a pensar:* Voar é isto.

Com Stan, como com os outros, há o mesmo lamentável senso de emurchecer, de abandonar, com seja o que for que eles realmente precisam deste ato - algo definitivo - próximo, porém ainda não encontrado.

- Conseguiu? Ela faz novamente a pergunta, e embora não saiba exatamente o que épara ser "conseguido", sabe que a resposta é negativa. Há uma longa espera, e então Ben vem a ela. Ele está inteiramente trêmulo, porém não é como o tremor amedrontado que ela sentiu em Stan.

- Eu não posso, Beverly - diz ele, em um tom que busca ser racional, porém que pode ser tudo, menos isso.

- Você também pode. Eu posso senti-lo. Ela tem razão. Há mais daquela dureza; mais dele. *Ela pode senti-lo, abaixo da suave arremetida do ventre dele. O tamanho a deixa um tanto curiosa e toca ligeiramente o volume. Ele grunhe contra seu pescoço, e o sopro de seu hálito a deixa com o corpo nu inteiramente arrepiado. Sente o primeiro colear do verdadeiro ardor percorrê-la - de repente, a sensação nela é muito grande; ela reconhece que é grande demais (ele também é grande demais, poderá acomodá-lo dentro de si?) e também demasiadamente antiga para ela, alguma coisa, uma sensação que amedronta. Isto é como as M-80 de Henry, algo que não deve ser posto em mãos de crianças, algo que pode explodir quem nisso estiver envolvido. Entretanto, aquele não era o lugar ou o momento para preocupar-se; ali havia amor, desejo e a escuridão. Se eles não tentassem alcançar os dois primeiros, certamente ficariam com o último. - Beverly, não...*

- Sim.

- Eu... - Ensine-me a voar - diz ela, com uma calma que não sente, percebendo, pelo recente calor molhado em sua face e pescoço, que ele começou a chorar. - Ensine-me, Ben.

- Não...

- Se *você escreveu o poema, ensine-me. Apalpe meus cabelos se você quiser, Ben. Está tudo certo.*

- Beverly... eu... eu... Ele agora não está apenas tremendo; todo o seu corpo é sacudido por convulsões. Contudo, ela percebe novamente que este calafrio não é inteiramente medo - parte dele é precursora do estertor que envolve todo este ato. Ela pensa (nos pássaros) no rosto dele, em seu rosto querido, doce e apaixonado, e sabe *que não é medo; o que ele sente é carência, uma profunda e apaixonada carência, agora mantida sob controle com dificuldade. Então, ela torna a experimentar aquele senso de poder, algo como voar, algo como estar no alto e olhar para baixo, vendo todas as aves pousadas nas cumeeiras, na antena de televisão no teto do Wally's, vendo ruas estendidas como que ao longo de um mapa, oh, desejo.. certo, isto era algo, era amor e desejo, que ensinam uma pessoa a voar*

- Ben! Sim! - exclama ela de repente, e o controle se rompe. Ela torna a sentir dor e, por um momento, há uma sensação aterradora de ser esmagada. Então ele se iça, apoiado nas palmas das mãos, e esta sensação se esvai. Ele é grande, oh, sim - a dor volta, sendo muito mais forte do que quando Eddie a penetrou da primeira vez. Ela tem que morder novamente o lábio e pensar nos pássaros, até a dor ardente sumir. A dor desaparece, ela consegue erguer a mão, tocar os lábios dele com um dedo. Ele geme. O ardor de antes retorna, ela sente seu poder transferir-se subitamente para ele, mas o entrega satisfeita, também o acompanha. Há a sensação de estar sendo embalada, de uma deliciosa doçura espiralada, que a faz começar a girar a cabeça descontroladamente de um lado para outro, enquanto um cantarolar silencioso se evoca de seus lábios cerrados, isto *é voar,* isto, *oh, amor, oh, desejo, oh, isto é algo impossível de ser negado, unindo, dando, produzindo um forte círculo: unir, dar...* voar. - *Oh, Ben, oh, meu querido, sim - sussurra ela, sentindo o suor lhe rolar pelo rosto, sentindo a conexão de ambos, sentindo firmemente no lugar, algo como eternidade, o número 8 deitado de lado. - Eu o amo muito, meu querido! E ela sente a coisa começar a acontecer - algo sobre o que as garotas que cochicham e dão risadinhas sobre sexo, na sala das meninas, não têm a menor idéia, pelo menos que ela saiba; aquelas garotas só se preocupam sobre como o sexo deve ser nojento, mas agora ela entende que, para muitas, o sexo deve ser algum monstro, não- realizado e indefinido; referem-se ao ato como Aquilo. Você faria Aquilo, sua irmã e o namorado fazem Aquilo, sua mãe e seu pai ainda fazem Aquilo, e como* elas *jamais tentarão fazer Aquilo; oh, sim, qualquer um pensaria que o bando inteiro das garotas do quinto grau era composto de futuras solteironas, sendo óbvio para Beverly que nenhuma delas sequer suspeita desta... desta conclusão, e só consegue conter um grito, ante seu conhecimento, porque os outros ouviriam e pensariam que está seriamente ferida. Ela põe o lado da mão na boca e morde com força. Agora, entende melhor as risadinhas agudas de Greta Bowie, de Sally Mueller e todas as outras: eles, os sete que formavam aquele grupo, não tinham passado a maior parte deste verão, o mais longo e mais assustador de suas vidas, rindo como loucos? A gente ri, porque o amedrontador e*

desconhecido também é engraçado, a gente ri como uma criancinha que às vezes ri e chora ao mesmo tempo, quando se aproxima um cabriolante palhaço de circo, sabendo que aquilo se supõe ser engraçado... mas sendo também desconhecido, pleno do eterno poder do ignorado. Morder a mão não impede o grito, restando a ela apenas assegurar a eles - e a Ben - exclamando sua afirmativa na escuridão:

- Sim! Sim! Sim!

Imagens gloriosas de vôo enchem sua cabeça, mescladas aos grasnidos estridentes das gralhas e estorninhos; tais sons se tornam a mais doce música do mundo. Assim, ela voa para o alto, e agora o poder não está consigo nem com ele mas em algum lugar entre ambos. De repente, ele solta uma exclamação e lha sente os braços tremerem. Arqueia-se para cima e contra ele sentindo-o em espasmos, percebendo o toque dele, a total e fugaz intimidade com ela no escuro. Os dois irrompem juntos para a luz da vida. Então, está terminado e jazem nos braços um do outro. Quando ele tenta dizer algo - talvez alguma desculpa idiota que ofenderia o que ela recorda, alguma desculpa idiota como uma algema, Beverly lhe impede as palavras com um beijo e o afasta de si. Bill vem a ela. Ele tenta dizer algo, mas agora sua gagueira é quase total. - Fique calado - diz ela, com a segurança de seu novo conhecimento, mas cônscia de que agora está cansada. Cansada e bastante machucada. A parte interna e de trás das coxas está pegajosa, e ela imagina que seja porque Ben realmente terminou ou talvez porque ela própria esteja sangrando. - Tudo vai dar certo.

- T-T-Tem ce-ce-certeza?

- Tenho - ela responde, entrelaçando as mãos atrás do pescoço dele, sentindo a espessura suada de seus cabelos. Pode apostar.

- V-V-Você ach-acha... q-q-que.. - Pssst... Não é como foi com Ben; existe paixão, porém não da mesma espécie. Estar com Bill agora é a melhor conclusão que poderia haver para isto. Ele é gentil; é eterno; apenas um pouquinho ansioso. Ela percebe o nervosismo, porém é algo temperado e contido pela ânsia dele. Talvez seja apenas porque somente ela e Bill percebem a enormidade deste ato, compreendem que jamais deverá ser comentado, com ninguém mais, nem mesmo entre ambos. No final, ela é surpreendida por aquele súbito, gigantesco vagalhão de emoção, e tem tempo para pensar: Oh! Vai acontecer outra vez, não sei se poderei agüentar e...

Entretanto, seus pensamentos são dissipados pela absoluta doçura daquilo, e ela mal o ouve sussurrando: Eu a amo, Bev, eu a amo e sempre a amarei. Ele repete a frase várias vezes, sem gaguejar em absoluto. Ela o aperta contra si e permanecem assim por um momento, a face lisa dele contra a dela. Ele então se desliga em silêncio. Por um instante, ela fica sozinha, ajuntando as roupas, vestindo-as devagar, sentindo uma surda dor latejante que eles, sendo homens, jamais conhecerão, cônscia também de um certo exausto prazer e do alívio por aquilo haver terminado. Nela agora existe um vazio e, embora satisfeita porque seu sexo pertence-lhe novamente, aquele vazio transmite uma estranha melancolia, que ela jamais poderia expressar... exceto pensando em árvores nuas sob um branco céu invernal, árvores vazias, árvores esperando que surjam melros como ministros no final de março, para presidirem a morte da neve.

Ela encontra os companheiros, tateando para tocar suas mãos. Por um momento, ninguém fala. Quando alguém diz alguma coisa, para ela não é muita surpresa saber que foi Eddie.

- Acho que quando dobramos à direita, duas voltas atrás, devíamos ter dobrado para a esquerda. Poxa, eu sabia *disso, mas estava tão suado e com tanto medo que...*

- Você sentiu medo a vida inteira, Eds - diz Richie. Sua voz é amistosa.

Aquele tom de puro pânico desapareceu inteiramente.

- Seguimos o trajeto errado em outros pontos também - diz Eddie, ignorando-o, - mas o erro de agora foi o pior. Se pudermos descobrir a maneira de voltar atrás, tudo vai dar certo. Eles formam uma desajeitada fileira. Eddie à frente, Beverly agora em segundo lugar, a mão no ombro de Eddie, a de Mike no seu. Começam a caminhar de novo, agora mais depressa. Eddie não exibe a menor parcela do nervosismo anterior.

Estamos indo para casa, *pensa ela, estremecendo de alívio e alegria.* Para casa, sim. E será bom. Fizemos o nosso trabalho, aquilo que tínhamos de fazer. Agora, podemos voltar a ser crianças outra vez. Isso também vai ser bom.
E enquanto eles se movem através da escuridão, ela percebe que o som da água corrente está cada vez mais próximo.

CAPÍTULO 23

A saída

1

Derry, 9:00-10:00

Às nove horas e dez minutos da manhã, a velocidade dos ventos em Derry estava sendo registrada a uma média de oitenta e nove quilômetros por hora, com rajadas que atingiam cento e dez. O anemômetro do tribunal marcou uma rajada de cento e trinta quilômetros horários, quando então o ponteiro recuou por todo o seu trajeto, retornando ao zero. Do teto do tribunal, o vento arrancara das bases o aparelho rotativo em forma de cadinho, lançando-o aos ares por entre a chuvarada do dia penumbroso. Como aconteceu com o barco de George Denbrough, ele nunca mais foi visto. Lá pelas nove e meia, o que o Departamento de Águas de Derry havia jurado ser agora impossível, não apenas parecia possível, como também iminente: que o setor comercial de Derry seria inundado pela primeira vez, desde agosto de 1958, quando muitos dos antigos encanamentos pluviais tinham ficado entupidos ou haviam desmoronado, durante uma fortíssima tempestade. Às nove e quarenta e cinco, homens de expressões graves começaram a chegar em viaturas e caminhonetas pelos dois lados do Canal, com seus abrigos contra o mau tempo sacudindo-se loucamente à ventania impetuosa. Pela primeira vez, desde outubro de 1957, foram sendo empilhados sacos de areia ao longo dos lados cimentados do Canal. O arco por onde o Canal penetrava abaixo da superfície, no triplo cruzamento do setor

comercial de Derry, estava cheio até quase as bordas; as Ruas Main e Canal, bem como o sopé da Colina Milha Acima, encontravam-se intransitáveis para veículos, podendo ser cruzados somente a pé, e aqueles que chapinhavam pela água represada, correndo para ajudar na operação sacos de areia, sentiam que as próprias ruas, abaixo de suas solas, estremeciam ante o fluxo frenético da água, da maneira como estremece um viaduto que cruza uma auto-estrada, quando da passagem de grandes caminhões, trafegando em sentidos contrários. Contudo, esta era uma vibração constante, e os homens ficavam satisfeitos por estarem no lado norte da área comercial, longe daquele firme rumor, mais sentido do que ouvido. Harold Gardener gritou para Alfred Zitner, dono da Imobiliária Zitner, situada no lado oeste da cidade, perguntando se as ruas iriam afundar. Zitner respondeu que o inferno se congelaria primeiro, antes que algo semelhante acontecesse ali. Harold teve uma breve imagem de Adolf Hitler e Judas Iscariotes distribuindo patins para gelo, e prosseguiu empilhando sacos de areia. Agora, a água estava a menos de oito centímetros abaixo da borda das paredes cimentadas no Canal. Nos Barrens, o Kenduskeag já transbordara das margens e, por volta do meio-dia, o luxuriante matagal rasteiro e os arbustos estariam assomando suas copas em um vasto lago, raso e fedorento. Os homens continuaram a trabalhar, parando apenas quando se esgotava o suprimento dos sacos de areia... e então, faltando dez minutos para as dez horas, ficaram petrificados ante um colossal ruído de dilaceramento. Mais tarde, Harold Gardener contaria à esposa ter pensado que chegara o fim do mundo. Não se tratava da zona comercial da cidade afundando na terra, - ainda não - era o piezômetro. Somente Andrew Keene, neto de Norbert Keene, realmente viu o fato acontecer, mas havia fumado tanta maconha colombiana aquela manhã, que a princípio julgou ser imaginação sua, uma alucinação. Ele estivera vagando pelas ruas de Derry, varridas pela tormenta, desde cerca de oito da manhã, mais ou menos o mesmo momento em que o Dr. Hale ascendia para aquela grande família de clínicos gerais no céu. Keene estava encharcado até os ossos (com exceção do saquinho com sessenta gramas da erva, a salvo debaixo de seu braço), mas totalmente inconsciente disso. Seus olhos arregalaram-se de incredulidade. Ele tinha chegado ao Memorial Park, situado nos flancos da Colina do Piezômetro. E, a menos que se enganasse, o piezômetro agora mostrava uma pronunciada *inclinação,* como aquela idiota torre em Pisa, que vinha estampada em todas as caixas de maçarrão. "Oh, *poxa!",* exclamara Andrew Keene, com os olhos ainda mais arregalados - no momento, pareciam estar espetados em duas molas duras - quando começaram os ruídos de dilaceramento. A inclinação do piezômetro estava ficando mais e mais acentuada, enquanto ele permanecia espiando, com os jeans colados às pernas finas, a ensopada faixa estampada à volta da cabeça pingando água em seus olhos. Ripas brancas espetavam o ar, no lado da grande torre redonda que dava para o centro da cidade... não, não exatamente espetavam o ar; era mais como se estivessem sendo *empurradas* para fora. E uma definitiva rachadura havia surgido, uns seis metros acima das fundações de pedra do imenso depósito de água. De repente, a água começou a esguichar através daquela rachadura e, agora, as ripas não estavam mais salientando-se do lado do piezômetro que dava para a cidade; estavam sendo expelidas na ventania. O piezômetro começou a emitir um som de algo que vai cedendo, e Andrew pôde *vê-lo* se movendo, como o ponteiro de um relógio gigantesco, descendo de meio-dia para uma e duas horas. O saquinho de maconha escapou de sua axila, espalhando o conteúdo dentro da camisa, perto do cinto. Ele nem percebeu. Estava absolutamente fascinado. Fortes sons de cordas tangidas partiram do interior do piezômetro, como se as cordas da maior guitarra do mundo estivessem sendo partidas, uma a uma. Eram os cabos dentro do cilindro, que tinham proporcionado o adequado equilíbrio da tensão contra a pressão da água. O piezômetro começou a descambar, cada

vez mais depressa, tábuas e vigas dilacerando-se, estilhaços saltando e rodopiando no ar. *"POOOORRRRAAA!"* gritou Andrew Keene estridentemente, mas seu grito ficou perdido no estrondo final da queda do piezômetro e entre o crescente ruído de setecentos e cinqüenta mil galões de água, sete mil toneladas de água, jorrando pelo lado da edificação onde havia a ruptura. A catarata desceu como um vagalhão acinzentado e, claro, se Andrew Keene houvesse estado no lado do piezômetro em que a colina descia, teria partido deste mundo em um piscar de olhos. Entretanto, Deus protege os bêbados, criancinhas e os cataclismicamente drogados; Andrew encontrava-se em um lugar de onde podia testemunhar tudo, sem ser tocado por um só pingo daquela água. - *QUE EFEITOS ESPECIAIS FILHOS DA MÃE!* - gritou Andrew, enquanto a água rolava sobre o Memorial Park, como algo sólido. Um relógio de sol, a cujo lado um garotinho chamado Stan Uris ficara freqüentemente observando pássaros com o binóculo de campanha de seu pai, foi levado de roldão na impetuosidade das águas. - *STEVEN SPIELBERG NÃO IA DAR NEM PRA SAÍDA!*

A bacia de pedra onde os pássaros se banhavam também foi levada na enxurrada. Andrew a viu por um momento, girando e girando, pedestal como bacia e bacia como pedestal, até que desapareceu. Uma fileira de bordos e vidoeiros, separando o Memorial Park da Rua Kansas, foi derrubada como pinos em uma galeria de boliche. Com elas, as árvores carregaram rolos de fiação elétrica. A água rolou através da rua, começando agora a espalhar-se, assumindo mais uma aparência de água, em vez daquela enlouquecedora muralha sólida que havia abocanhado relógio de sol, bacia de pedra e árvores, mas ainda possuindo força suficiente para varrer quase uma dúzia de casas, no lado contrário da Rua Kansas, arrancando-as dos alicerces e lançando-as nos Barrens. Elas se foram com impressionante facilidade, a maioria delas ainda inteiras. Andrew reconheceu uma das casas como sendo a da família de Karl Massensik. O Sr. Massensik havia sido seu professor no sexto grau, um chato de galochas. Quando a casa passou acima da cerca e começou a descer para os Barrens, Andrew percebeu que ainda podia ver uma vela, brilhantemente acesa em uma janela. Perguntou-se brevemente se estaria com os miolos no lugar, caso alguém entenda o conceito. Houve uma explosão vinda dos Barrens e um fugaz jato de chama alaranjada, quando a lanterna Coleman a gás de alguém incendiou o óleo escapando de um tanque de combustível rompido. Andrew olhou para o outro lado da Rua Kansas, onde até quarenta segundos antes existira uma ordenada fila de moradias da classe média. Elas agora eram a Cidade Desaparecida, sendo melhor você acreditar, doçura. Em seu lugar, havia dez buracos de porão, semelhantes a piscinas. Andrew desejou emitir a opinião de que aquilo era muito mais do que uma porra, porém não conseguia gritar mais. Era como se seus gritos houvessem ficado entalados na garganta. Seu diafragma estava fraco e inútil. Ouviu uma série de rangidos, sons de baques surdos e estilhaçados, como se um gigante com os sapatos cheios de fogos de artifício descesse um lance de escada. Era o piezômetro, rolando colina abaixo, um imenso cilindro branco ainda expelindo o resto de seu suprimento de água, os grossos cabos que tinham ajudado a mantê-lo unido voando pelo ar e depois estalando quando desciam, como chicotes de aço, escavando valas na terra macia, que imediatamente eram inundadas por corredeiras de água da chuva. E enquanto Andrew espiava, com o queixo descansando em algum lugar entre as clavículas, viu o piezômetro, agora na horizontal – mais quarenta metros de comprimento - ser lançado no ar. Por um momento, pareceu petrificar-se no espaço, uma imagem surrealista expulsa de sua camisa-de-força com forração de borracha, dando deus à terra, a chuva ricocheteando sobre seus lados estraçalhados, as anelas quebradas, as fundações pendendo, a luz

intermitente piscando no topo, como um aviso a aviões leves de vôo baixo, antes de aterrar na rua com um estrondo final de estilhaçamento. A Rua Kansas havia canalizado muita água, que então começou a correr para o centro da cidade, pela Colina Milha Acima. *Havia casas por lá no alto,* pensou Andrew Keene, e, de repente, toda a força lhe fugiu das pernas. Ele caiu sentado pesadamente - com força. Ficou olhando para os rompidos alicerces de pedra, sobre os quais se assentara o piezômetro, durante sua vida inteira. Perguntou-se se alguém jamais acreditaria nele. Depois, perguntou-se se ele próprio acreditaria no que vira.

2

A aniquilação, 10:02, 31 de maio de 1985

Bill e Richie viram A Coisa se voltar para eles, abrindo e fechando as mandíbulas, o olho intacto fitando-os com brilhante intensidade. Bill compreendeu que Ela devia possuir uma fonte de iluminação própria, à maneira de algum medonho vaga-lume. Entretanto, a luz era incerta e vacilante; A Coisa estava seriamente ferida. Os pensamentos dela zumbiam e confundiam-se
(deixem-me em paz! deixem-me em paz, e vocês terão tudo que jamais desejaram - dinheiro, fama, fortuna, poder - eu posso dar-lhes estas coisas)
na cabeça dele. Bill avançou de mãos vazias, os olhos fixos naquele outro, o único e vermelho olho da Coisa. Sentiu o poder avolumar-se dentro dele, impregnando-o, transformando seus braços em feixes de músculos, enchendo cada punho crispado com sua própria força. Richie caminhou ao seu lado, os lábios arreganhados sobre os dentes.

(posso dar-lhe sua esposa de volta - eu posso fazer isso, somente eu - ela nada recordará, como vocês sete nada recordaram)
Estavam próximos, bem próximos agora. Bill podia sentir o fedor da Coisa e, com súbito horror, percebeu que era o cheiro dos Barrens, aquele que haviam acreditado ser dos esgotos, das correntes poluídas e do lixo sendo queimado... mas teriam eles realmente acreditado que aqueles eram os únicos cheiros? Era o cheiro da Coisa e talvez fosse mais forte nos Barrens, porém pairara acima de Derry como nuvem, sem que as pessoas o sentissem, como os empregados de um zoológico deixam de sentir o cheiro dos animais ali existentes após algum tempo, chegando a perguntar-se por que os visitantes franzem o nariz quando entram lá. - Nós dois - murmurou ele para Richie. Richie assentiu, sem desviar os olhos da Aranha, que agora recuava deles, com suas patas peludas e abomináveis tiquetaqueando no solo, mantida acuada, finalmente.

(não lhes posso dar a vida eterna, mas posso tocá-los e viverão por muito, muito tempo - duzentos anos, trezentos, talvez quinhentos - posso torná-los deuses da Terra - se me deixarem em paz, se me deixarem em paz, se me deixarem...)
- Bill? - chamou Richie, roucamente. Com um grito avolumando-se dentro dele, crescendo e crescendo cada vez mais, Bill atacou. Richie correu ao seu lado, passo a passo. Esmurraram juntos com o punho direito, porém Bill compreendeu que não estavam atacando, de fato, com os punhos; era a força combinada dos dois, aumentada pela forca daquela Outra; era a força da memória e

do desejo; acima de tudo, era a força do amor e da infância inolvidável, com um enorme mecanismo. O guincho da Aranha encheu a cabeça de Bill, parecendo espatifar seu cérebro. Ele sentiu o punho mergulhar fundo em algo molhado, que se contorcia. O braço afundou até o ombro. Ele o puxou de volta, gotejando com o sangue negro da Aranha. Icor fluiu do buraco assim produzido. Ele viu Richie em pé quase abaixo do corpo intumescido da Aranha, coberto por seu negro sangue reluzente, na postura do pugilista clássico, esmurrando com punhos que pingavam. A Aranha atacou-os com suas patas. Bill sentiu uma delas arranhar-lhe o lado do corpo, rasgando sua camisa, esfolando a pele. O ferrão batia inutilmente contra o solo. Os guinchos da Coisa eram badaladas de sino em sua cabeça. A Aranha avançou desajeitadamente, tentando picá-lo mais em vez de recuar,. Bill avançou, usando não apenas os punhos agora, mas também o corpo inteiro, transformando-se em um torpedo humano. Correu contra o ventre da Coisa, como um zagueiro disputando uma corrida de velocidade, os ombros agachados, querendo apenas atingir o objetivo. Por um momento, sentiu sua carne fedorenta apenas ceder, como se fosse ricochetear e mandá-lo de volta pelos ares. Com um grito inarticulado, ele insistiu no ataque, avançando e impelindo-se para o alto com as pernas, esmurrando-a com as mãos. Finalmente, conseguiu furá-la; foi inundado por seus fluidos quentes, que lhe escorreram pelo rosto e nos ouvidos. Aspirou-os pelo nariz, em finas e trêmulas torrentes. Estava no negro novamente, enterrado até os ombros, no interior daquele corpo convulsionado. E, em seus ouvidos bloqueados, pôde captar um som semelhante ao uniforme *bum-BUM-bum-BUM* de um tambor gigante, aquele que lidera os desfiles, quando o circo chega à cidade, com seu complemento de fenômenos e empertigados palhaços cabriolantes. Era o som de seu coração. Ouviu Richie gritar subitamente de dor, um som que se elevou para um rápido e ofegante gemido, sendo logo estancado. De repente, Bill empurrou os dois punhos fechados para diante. Estava sufocando, asfixiando-se na pulsante bolsa de tripas e águas da Aranha.

Bum-BUM-bum-BUM... Enfiou as mãos dentro dela, rasgando, dilacerando, dividindo, à procura da fonte do som; rompendo órgãos, os dedos pegajosos se abrindo e fechando, o peito confinado parecendo inchar-se com a falta de ar.

Bum-BUM-bum-BUM...

Então, de repente, teve-o nas mãos, uma enorme coisa viva, que bombeava e pulsava contra suas palmas, empurrando-as para diante e para trás.

(NÃONÃONÃONÃONÃONÃO) Sim! gritou Bill, sufocando, afogando-se. *Sim! Experimente este, sua cadela! E MAIS ESTE! GOSTOU! ADOROU? O QUE ME DIZ?*

Entrelaçou os dedos acima do pulsante nártex de seu coração, as palmas afastadas em um V invertido - e então aproximou-as, juntou-as, com toda a força que conseguiu. Houve um guincho final de dor e medo, quando o coração da Coisa explodiu entre suas mãos, escorrendo-lhe pelos dedos em espasmódicos cordões.

Bum-BUM-bum-BU

O guincho diminuiu de tom, extinguiu-se. Bill sentiu o corpo da Coisa emurchecer subitamente em torno dele, como uma luva escorregadia ajustando-se a um punho. Então, tudo amoleceu. Ele percebeu que o corpo dela inclinava-se, deslizando lentamente para

um lado. Ao mesmo tempo, Bill começou a recuar com o corpo, sua consciência o abandonando. A Aranha caiu de lado, um imenso monte de fumegante carne alienígena, as patas ainda estremecendo e dando sacudidelas, roçando os lados do túnel e arranhando o piso, em convulsões espasmódicas. Bill recuou aos tropeções, respirando e tossindo ao mesmo tempo, cuspindo para limpar a boca do gosto horrível da Coisa. Tropeçou nos próprios pés e caiu de joelhos. Então, claramente, ouviu a Voz da Outra; a Tartaruga podia estar morta, mas o que quer que a revestira não estava. - *Filho, você agiu muito bem.*

E foi apenas isso. O poder evolou-se com aquela voz. Ele se sentiu fraco, nauseado, meio insano. Olhou por sobre o ombro e viu o negro, agonizante pesadelo que era a Aranha, ainda estremecendo e sacudindo-se. - *Richie!* - gritou, em voz rouca e vacilante. - *Richie, onde está você, cara?*
Não houve resposta. A claridade se fora agora. Morrera com a Aranha. Ele remexeu no bolso da camisa amarfanhada, em busca da última carteirinha de fósforos. Achou-a, porém os fósforos não acenderiam - tinham as cabeças encharcadas de sangue. - *Richie!* - tornou a gritar, agora começando a chorar. - Engatinhou para diante, tateando no escuro, primeiro com uma das mãos, depois com a outra. Por fim, uma delas encontrou algo que cedeu flacidamente ao toque. Bill moveu as mãos mais depressa... e imobilizou-as, ao apalpar o rosto de Richie.

Richie! Richie!
Ainda não houve resposta. Esforçando-se na escuridão, Bill passou um braço por baixo das costas de Richie, outro sob os joelhos dele. Ergueu-se, conseguiu firmar-se sobre os pés e, cambaleando, começou a cobrir o trajeto que fizera na vinda, agora carregando Richie nos braços.

3

Derry, 10:00-10:15

Às dez da manhã, a constante vibração que estivera pulsando abaixo das ruas no setor comercial de Derry aumentou para um forte rugido. Mais tarde, o *News* de Derry relataria que os suportes da porção subterrânea do Canal simplesmente haviam cedido, enfraquecidos pelo impetuoso assalto do que poderia ser admitido como uma enchente-relâmpago. Não obstante, algumas pessoas discordavam de tal ponto de vista. - Eu estava lá e sei - diria posteriormente Harold Gardener à esposa. - Não foram os suportes do Canal que cederam. Aquilo foi um *terremoto,* pura e simplesmente. Um *terremoto* filho da mãe! Fosse como fosse, os resultados eram os mesmos. Quando o rugido começou a avolumar-se mais e mais, janelas se partiram, rebocos de teto caíram e o uivo inumano de vigas e alicerces torcidos cresceu para aterrorizante coro. Fendas percorreram a fachada de tijolos do Machen's, furada de balas, como mãos arranhando. Os cabos que sustinham a marquise do Cinema Aladdin acima da calçada arrebentaram e a marquise despencou estrondosamente. O Beco de Richard, que corria por trás da Drogaria da Rua Center, foi subitamente bloqueado por uma avalancha de tijolos amarelos, quando o Edifício

Profissional Brian X Dowd, erigido em 1952, desabou com estardalhaço. Uma imensa cortina de poeira em tons ictéricos elevou-se no ar, espraiando-se no alto como um véu. Ao mesmo tempo, explodiu a estátua de Paul Bunyan, em frente ao City Center. Foi como se aquela ameaça de explodi-la, feita muito e muito tempo atrás por um professor de arte, finalmente se revelasse como uma coisa muito séria. A cabeça barbuda e sorridente foi catapultada no ar. Uma perna disparou para diante, a outra para trás, como se Paul tentasse alguma espécie de fuga, tão entusiástico o resultado daquele desmembramento. A parte central da estátua explodiu em uma nuvem de estilhaços, e a cabeça do eixo de plástico subiu no céu chuvoso, desapareceu e começou novamente a cair, girando ponta sobre ponta, para terminar perfurando o teto da Ponte dos Beijos e depois o seu piso. E então, às 10:02, o centro comercial da cidade de Derry simplesmente afundou. A maior parte da água expelida pelo piezômetro rachado havia cruzado a Rua Kansas e terminara nos Barrens, mas toneladas dela desceram rolando a Colina Milha Acima e invadiram a área comercial. Talvez fosse aquela a gota que fizera o copo transbordar... ou talvez, conforme Harold Gardener falou para a esposa, tivesse de fato

havido um terremoto. Gretas enormes percorreram a superfície da Rua Main. Eram estreitas a princípio... mas depois se foram alargando como bocas famintas, e o som do Canal aumentou, não sufocado agora, mas aterradoramente alto. Tudo começou a balançar. O anúncio de neon proclamando DISTRIBUIDORA DE MOCASSINS, em frente à loja de souvenirs Shorty Squire's, caiu na rua e afundou em um metro de água. Um ou dois momentos mais tarde, o edifício Shorty's, vizinho à Mr. Paperback, começou a *descer.* Buddy Angstrom foi o primeiro a testemunhar este fenômeno. Deu uma cotovelada em Alfred Zitner, que olhou, abriu a boca e depois cutucou Harold Gardener. No espaço de segundos, a operação sacos de areia cessou. Os homens que se alinhavam dos dois lados do Canal ficaram parados, olhando para o setor comercial da cidade em meio à chuva que descia, tendo estampadas no rosto expressões idênticas de aterrado pasmo. O edifício Squire's Souvenirs and Sundries parecia ter sido construído sobre um imenso elevador que, agora, começava a descer. Afundou no concreto aparentemente sólido, com impressionante e majestosa dignidade. Quando parou, qualquer um podia engatinhar e entrar pelas janelas do terceiro andar. A água espalhou-se à volta de todo o prédio e, um momento depois, o próprio Shorty surgia no teto, agitando loucamente os braços para que o resgatassem. Então, ficou fora de vista, quando o prédio de escritórios vizinho, aquele que abrigava a loja Mr. Paperback no térreo, também afundou no solo. Infelizmente, este não afundou diretamente, como acontecera com o edifício Shorty's; o edifício da Mr. Paperback apresentou uma acentuada inclinação (por um momento, de fato mostrou forte semelhança com aquela idiota torre em Pisa, a que vinha estampada nas caixas de macarrão). Quando o prédio bandeou, começaram a chover tijolos, soltos de seu topo e das laterais. Shorty foi atingido por vários. Harold Gardener o viu recuar, de mãos na cabeça... e então os últimos três pavimentos do prédio da Mr. Paperback deslizaram para fora, tão perfeitamente como panquecas no alto de uma pilha. Shorty desapareceu. Alguém na fila dos sacos de areia gritou, e então tudo ficou sufocado pelo rangente estrondo da destruição. Homens foram derrubados ou então enviados de costas, aos tropeções, para além do Canal. Harold Gardener viu os prédios que se defrontavam, nas calçadas contrárias da Rua Main, inclinarem-se para diante, como senhoras cochichando sobre um jogo de cartas, as cabeças quase se tocando. A rua estava afundando, rachando, esboroando-se. Água jorrava e esguichava. Foi quando, um após outro, os prédios nos dois lados da rua simplesmente desequilibraram seus centros de gravidade e estatelaram-se no asfalto - o Banco Noroeste, a Sapataria Shoeboat, a loja

Alvey's Smokes'n Jokes, a Lanchonete Bailley's, a loja de discos e música caipira BandlerY Exceto que, a esta altura, em realidade não havia nenhuma rua onde se estatelarem. A rua caíra dentro do Canal, estirando-se como bala puxa a princípio, depois se quebrando em porções de asfalto concretado. Harold viu a ilha de tráfego, no cruzamento das três ruas, afundar subitamente e desaparecer de vista. Quando a água esguichou para o alto, ele compreendeu de repente o que ia acontecer. - *Vamos dar o fora daqui!* - gritou para Al Zitner. - *A água vai refluir! Al! Vai refluir!*

Al Zitner não deu o menor sinal de tê-lo ouvido. Seu rosto era o de um sonâmbulo ou, talvez, o de um homem que houvesse sido profundamente hipnotizado. Continuou parado, em seu encharcado paletó esporte xadrez vermelho e azul, sua camisa Lacoste de gola aberta, com o pequeno jacaré sobre o peito esquerdo, suas meias azuis, com tacos brancos de golfe tricotados nos lados, suas botas marrons L.L. Bean's com solado de borracha. Estava vendo talvez um milhão de dólares de seus investimentos pessoais afundarem na rua, três ou quatro milhões de investimentos de seus amigos - os sujeitos com quem jogava pôquer, os sujeitos com quem jogava golfe, os sujeitos com quem esquiava, em seu condomínio por temporada, em Rangely. De repente, sua cidade natal, Derry, no *Maine,* pelo amor de Deus, mostrava uma bizarra semelhança com aquela droga de cidade, onde os carcamanos transportavam pessoas de um lado para outro, naquelas compridas e estreitas canoas. A água corria e fervilhava entre os prédios que ainda estavam de pé. A Rua do Canal terminava em uma negra e denteada prancha de surfe, acima da borda de um agitado lago. De fato, não era de admirar que Zitner deixasse de ouvir Harold. Outros, contudo, haviam chegado à mesma conclusão de Gardener - ninguém lança toda aquela bosta em uma enfurecida massa d'água, sem causar um bocado de problemas. Alguns largaram os 1219sacos de areia que tinham estado segurando e dispararam na corrida. Harold Gardener foi um destes e, por isso, continuou vivo. Outros não tiveram tanta sorte e permaneceram em algum lugar da área geral, quando o Canal - com a garganta agora bloqueada por toneladas de asfalto, concreto, tijolos, reboco, vidros e cerca de quatro milhões de dólares em mercadorias variadas - refluiu e retornou por sua manga de concreto, arrastando consigo homens e sacos de areia, imparcialmente. Harold Gardener imaginou que também seria levado; por mais depressa que corresse, a água continuava ganhando. Finalmente conseguiu escapar, subindo a poder de unhas por uma íngreme rampa, coberta de mato rasteiro. Olhou uma vez para trás, e viu um homem que acreditava ser Roger Lernerd, chefe da carteira de empréstimos do banco de que era cliente, tentando dar partida em sua kombi, no pátio de estacionamento do Mini-Mall, na Rua do Canal. Mesmo acima do rugido das águas e do ulular do vento, Harold pôde ouvir o pequeno motor "máquina-de-costura" resfolegan-do e resfolegando, enquanto uma água uniformemente negra corria à altura das vidraças, nos dois lados do veículo. Então, com pavoroso ruído trovejante, o Kenduskeag saltou de suas margens e verreu, não só o Mini-Mall da Rua do Canal, como a reluzente kombi vermelha de Roger Lernerd. Harold começou a subir, agarrando-se a galhos, raízes, tudo que parecesse sólido o bastante para suportar seu peso. Um solo mais elevado, tal era a meta. Como Andrew Keene poderia dizer, Harold Gardener se encaixava realmente no conceito de ficar mais "alto", aquela manhã. Atrás dele, podia ouvir a zona comercial de Derry continuando a afundar. O som era como o de fogo de artilharia.

4

Bill

- *Beverly!* - ele gritou. Suas costas e braços eram uma sólida dor latejante. Richie agora parecia pesar pelo menos duzentos e cinqüenta quilos. *Ponha-o no chão,* dizia sua mente, em um sussurro. *Ele está morto, você sabe disso perfeitamente, então por que não o larga no chão?*

Só que ele não faria, não faria tal coisa. - *Beverly!* - tornou a gritar. *Ben! Qualquer um aí!*

Então pensou: *Foi aqui que A Coisa me lançou - e a Richie - exceto que Ela nos lançou mais longe - muito mais longe. Como terá sido? Não me lembro bem, estou começando a esquecer...*

- Bill? - era a voz de Ben, trêmula e exausta, em algum ponto razoavelmente próximo. - Onde está você? - Aqui, cara. Estou com Richie. Ele ficou... está ferido. - Continue falando. - Ben estava mais perto agora. - Continue falando, Bill. - Nós matamos A Coisa - disse Bill, caminhando na direção da voz de Ben. - Matamos a filha da mãe. E se Richie estiver morto... - *Morto?* - exclamou Ben, alarmado. Estava bem perto agora... e então sua mão despontou do escuro, batendo levemente no nariz de Bill. - O que quer dizer com "morto"? - Eu... ele... - Os dois agora dividiam o peso de Richie. - Não posso vê-lo - disse Bill. - Eis o problema. Não p-p-posso *v-v-vê-lo!* - *Richie!* - gritou Ben, e o sacudiu. - *Richie, fale alguma coisa! Acorde, drrroga!* - A voz de Ben estava empastada agora, tornava-se trêmula. - *RICHIE, SEU FILHO DA MÃE, QUER ACORDAR?*

E, no escuro, Richie respondeu, em sonolenta, irritada e recém-recuperada voz: - Legal, Monte de Feno. Legal. Não precisamos de nenhuma ninhada fedorenta... - *Richie!* - gritou Bill. - *Tudo bem com você, Richie?*

- A cadela me jogou para trás - murmurou Richie, na mesma voz cansada de quem acaba de acordar. - Bati em qualquer coisa dura. É tudo... tudo de que me lembro. Onde está Bevvie? - Ela ficou mais para trás - disse Ben. Rapidamente, falou a eles sobre os ovos. - Esmaguei mais de cem. Acho que acabei com todos. - Espero em Deus que sim - disse Richie. Sua voz começava a soar melhor. - Ponha-me no chão, Grande Bill. Eu posso caminhar... A água está mais barulhenta? - Está - disse Bill. Os três estavam de mãos dadas no escuro. - Como está sua cabeça? - Dói como o diabo. O que aconteceu, depois que fui nocauteado? Bill relatou o máximo que conseguiu recordar. - EA Coisa está morta! - maravilhou-se Richie. - Tem certeza disso, Bill? - Tenho - respondeu Bill. - Desta vez, tenho certeza ab-absoluta. - Graças a Deus! - exclamou Richie. - Segure-me, Bill, ainda estou meio tonto. Preciso vomitar. Bill assim fez e, quando Richie terminou, continuaram caminhando. De vez em quando, seu pé esbarrava em algo quebradiço, que tornava a rolar para a escuridão. Imaginou que fossem pedaços de ovos da Aranha, quebrados por Ben, e estremeceu. Era

bom saber que estavam seguindo na direção certa, mas ele ainda estava satisfeito por não poder ver os remanescentes. - *Beverly!* - gritou Ben. - *Beverly!*

- *Aqui...*

O grito dela era fraco, quase perdido entre o rugido constante da água. Eles avançaram no escuro, chamando por ela de vez em quando, orientando-se. Quando finalmente a alcançaram, Bill perguntou-lhe se ainda tinha fósforos sobrando. Beverly colocou meia carteirinha em sua mão. Ele acendeu um e viu os rostos deles, como seres espectrais - Ben com o braço à volta de Richie, que se mantinha aturdidamente de pé, o sangue escorrendo da têmpora direita, Beverly com a cabeça de Eddie no colo. Então, virou-se para o outro lado. Audra jazia amontoada sobre as lajes do piso, de pernas abertas, a cabeça virada para o lado contrário. A maioria dos fios da teia se derretera, escorrendo para fora de seu corpo. - Audra! Audra!, Você está me ou-ou-ouvindo? Passou um braço sob as costas dela e a pôs sentada. Deslizou a mão por sobre a mata de sua cabeleira e apertou os dedos contra o lado do pescoço. A pulsação dela estava presente: um latejar lento, regular. Bill acendeu outro fósforo e viu que as pupilas dela se contraíam à claridade. Contudo, aquilo era uma função involuntária: a fixidez do olhar não se alterou, mesmo quando ele lhe chegou o fósforo bem perto do rosto, deixando-a com a face avermelhada. Audra estava viva, porém insensível. Diabo, a coisa era ainda pior do que isso, e ele sabia. Audra estava catatônica. O segundo fósforo lhe queimou os dedos. Ele o jogou fora. - Não estou gostando do barulho da água, Bill - disse Ben. - Penso que devíamos dar o fora daqui. - Como iremos sem Eddie? - murmurou Richie. - Não podemos levá-lo - disse Bev. - Ben está certo, Bill. Precisamos sair daqui. - Eu vou levá-la. - É claro que sim, mas temos que ir agora. - Por onde? - Você saberá - disse Beverly suavemente. - Você matou A Coisa. Saberá encontrar o caminho, Bill. Ele ergueu Audra nos braços, como fizera com Richie, e acompanhou os outros. A sensação dela em seu colo era inquietante, amedrontadora. Sua esposa parecia um objeto de cera que respirasse. - Que direção, Bill? - perguntou Ben. - Eu n-n-não...

(você saberá, você matou A Coisa e saberá encontrar o caminho)

- Bem, va-vamos - disse Bill. - Vejamos se encontramos uma saída. Beverly, fique com i-i-isto. Beverly pegou os fósforos que ele entregava. - E quanto a Eddie? - perguntou ela. - Precisamos tirá-lo daqui. - Co-Como po-po-poderemos? - quis saber Bill. - B-Beverly, o lugar está se d-d- desintegrando! - Nós *temos* que tirá-lo daqui, cara - disse Richie. - Vamos, Ben. Os dois ergueram o corpo de Eddie. Com um fósforo, Beverly iluminou a caminhada deles até a portinhola de contos de fadas. Bill passou Audra pela portinha, mantendo-a afastada do chão o mais que pôde. Richie e Ben carregaram o cadáver de Eddie pela abertura.

- Ponham-no no chão - disse Beverly. - Ele pode ficar aqui. - Está muito escuro - soluçou Richie. - Entendam... está muito escuro. Eds... ele... - Não, aqui é melhor - disse Ben. - Talvez seja onde ele devesse ficar. Acho que deve ser assim. Depositaram o corpo de Eddie no chão. Richie beijou a face do amigo morto. Então olhou para Ben, piscando. - Tem certeza? - perguntou. - Tenho. Vamos, Richie. Richie levantou-se e depois se virou para a porta. - *Foda-se, Cadela!* - gritou de repente. Chutou a porta com o pé. Ela emitiu um sólido som de *risadinha,* quando se fechou e seu trinco encaixou-se na fechadura. - Por que fez isso? - perguntou Beverly. - Não sei - respondeu Richie. Entretanto, sabia perfeitamente. Olhou por sobre o ombro no momento em que se apagava o fósforo que Beverly estava segurando. - Bill - a marca na porta! - O que tem ela? - perguntou Bill, ofegando. - Desapareceu - respondeu Richie.

5

Derry, 10:30

O corredor envidraçado ligando a biblioteca dos adultos à Biblioteca Infantil explodiu subitamente em um único estouro de brilhante luminosidade. Cacos de vidro voaram em forma de guarda-chuva, zunindo através das árvores contorcidas e açoitadas pela ventania, que pontilhavam os terrenos da biblioteca. Alguém poderia ter ficado seriamente ferido ou mesmo ser morto por essa fuzilaria mortal, porém não havia ninguém ali, dentro ou fora do prédio. A biblioteca não se abrira nesse dia. O túnel que tanto havia fascinado Ben Hanscom quando criança jamais seria substituído; houvera uma destruição tão custosa em Derry, que parecia mais simples deixar as duas bibliotecas como prédios separados e sem ligação. Com o tempo, nenhum membro do Conselho da Cidade de Derry se lembraria de qual fora a utilidade daquele cordão umbilical envidraçado. Talvez somente Ben fosse capaz de dizer-lhes o que significava, ficar lá fora, no frio quieto de uma noite de janeiro, com o nariz escorrendo, as pontas dos dedos entorpecidas dentro das luvas, vendo pessoas que passavam lá dentro, de um lado para outro, caminhando em pleno inverno sem agasalhos e circundadas de luz. Ele lhes contaria... mas talvez não fosse este o tipo de coisa que levaria alguém a levantar-se e testemunhar a respeito, em uma reunião do Conselho da Cidade - a sensação de ficar na escuridão fria, aprendendo a amar a luz. Tudo isto são suposições; os fatos reais foram os seguintes: o corredor envidraçado explodiu sem qualquer razão aparente, ninguém foi ferido (o que era uma bênção, pois o balanço final da tempestade daquela manhã - em termos humanos, pelo menos - foi de sessenta e sete mortos e mais de trezentos e vinte feridos), e aquele corredor nunca foi reconstruído. Após 31 de maio de 1985, quem quisesse ir da Biblioteca Infantil para a dos adultos, teria que dar a volta por fora do

prédio para isso. Então, se estivesse fazendo frio, chovendo ou nevando, seria preciso vestir o casaco.

6

A saída, 10:54, 31de maio de 1985

- Esperem - ofegou Bill. - Dêem-me um momento para... descansar. - Deixe-me ajudá-lo com ela - repetiu Richie. Tinham deixado Eddie no covil da Aranha, e isso era algo sobre o que nenhum deles queria fazer comentários. Contudo, Eddie estava morto e Audra continuava viva - pelo menos, tecnicamente. - Isso é obrigação minha - disse Bill, entre ofegantes golfadas de ar. - Tolice. Vai acabar tendo um fodido ataque do coração. Deixe-me ajudá-lo, Grande Bill. - Como está s-sua ca-cabeça? - Doendo - replicou Richie. - E não mude de assunto! Com relutância, Bill deixou que Richie carregasse Audra. Poderia ter sido pior: ela era uma moça alta, com um peso normal de setenta quilos, mas o papel que lhe fora reservado em *Recinto do Sótão,* era o de uma jovem mantida como refém por um indivíduo praticamente psicopata, que se imaginava um terrorista político. Uma vez que Freddie Firestone quisera filmar todas as seqüências do porão em primeiro lugar, Audra tivera tempo para submeter-se a uma dieta estrita de aves-queijo-ricota-e-atum, tendo perdido dez quilos. Contudo, após cambalear e tropeçar com ela no escuro por cerca de meio quilômetro (ou duzentos e cinqüenta metros, até mesmo cem, quem sabe?), aqueles sessenta quilos mais pareciam cem. - O-O-Obrigado, ca-cara - disse Bill. - Esqueça. Depois é a sua vez, Monte de Feno. - Bip-bip, Richie - disse Ben. Ele sorriu, a despeito de si mesmo. Era um sorriso esfalfado, não durou muito tempo, porém um pouco era melhor do que nada. - Que direção, Bill? - perguntou Beverly. - O barulho dessa água está mais alto do que nunca. Sinceramente, não me agrada ser afogada aqui embaixo. - Em linha reta para diante, depois à esquerda - disse Bill. - Seria conveniente irmos um pouco mais depressa. Prosseguiram por meia hora, Bill indicando as direitas e esquerdas. O som da água continuava aumentando e aumentando, a certa altura parecendo circundá-los, com um assustador efeito estereofônico no escuro. Bill tateava a direção em torno de uma esquina, uma das mãos passando sobre tijolos úmidos quando, de repente, sentiu água correndo debaixo de seus sapatos. A corrente era rasa e rápida. - Dê-me Audra - disse ele para Ben, que ofegava ruidosamente. - Agora, seguiremos corrente acima. Ben passou Audra cuidadosamente para Bill, que conseguiu colocá-la sobre o ombro, como um bombeiro transportando uma pessoa. Se ela apenas se movesse... protestasse... *fizesse* alguma coisa... - Quantos fósforos, Bev? - perguntou. - Não muitos. Meia dúzia, talvez. Bill, você *sabe* para onde estamos indo?

- Acho que s-s-sei. Vamos. Seguiram-no no dobrar daquela esquina. A água espumava à altura dos tornozelos de Bill, depois subiu até suas canelas, chegou às coxas. O estrondo da água aprofundara- se para um constante rugido grave. O túnel em que se encontravam estremecia regularmente. Por um momento, Bill achou que a correnteza ia ficar .forte demais para caminhar contra ela, mas passaram por um cano alimentador, que despejava espesso jato líquido em seu túnel - ele se maravilhou diante da potência branca daquela água - e a corrente diminuiu de certa forma, embora o nível de profundidade continuasse aumentando. A água...

Eu vi *a água escapando daquele cano alimentador! Eu a* vi! - *E-E-Ei!* - bradou. - *E-Estão conseguindo ver alguma c-coisa, c-caras?*

- Faz uns quinze minutos que tudo está ficando mais nítido! - gritou Beverly em resposta. - *Onde é que estamos, Bill? Você sabe?*

Ele quase disse: *Eu pensei que sabia,* mas o que respondeu foi: - *Não! Vamos em frente!*

Tinha acreditado que se aproximavam da seção canalizada de concreto do Kenduskeag, que era conhecida como o Canal... a parte que seguia por baixo da cidade, no setor comercial, indo sair no Parque Bassey. Contudo, ali onde estavam havia claridade, *luz* e, certamente, não podia haver luz no Canal, abaixo da cidade. De qualquer modo, ela continuava aumentando gradualmente. Bill começava a ter sérios problemas com Audra. Não era a correnteza - que havia diminuído, - era a profundidade. *Logo Audra estará boiando,* pensou. Podia divisar Ben à sua esquerda e Beverly à direita; virando levemente a cabeça, distinguia Richie atrás de Ben. O solo onde pisavam estava ficando decididamente estranho. O leito do túnel agora estava forrado e desnivelado com detritos - pareciam tijolos. E, mais adiante, alguma coisa apontava para fora da água, como a proa de um navio durante um afundamento. Ben abriu caminho naquela direção, tintando na água fria. Uma encharcada caixa de charutos flutuou de encontro ao seu rosto. Ele a empurrou para o lado e agarrou a coisa assomando à superfície. Seus olhos arregalaram-se. Parecia ser um grande cartaz. Pôde ler as letras AL e, abaixo delas, FUT. Então, de repente, adivinhou. - Bill! Richie! Bev! - gritou, rindo de espanto. - O que foi, Ben? - gritou Beverly. Agarrando o cartaz com as duas mãos, Ben o empurrou de volta. Ouviram um som rangente, quando um lado do cartaz arranhou a parede do túnel. Agora, eles podiam ler: ALADDI e, abaixo disso, RETORNO AO FUTURO. - É a marquise do Aladdin - disse Richie. - Como foi... - A rua desmoronou - sussurrou Bill. Seus olhos dilatavam-se. Ele espiou para o teto do túnel. A claridade era ainda mais brilhante à frente. - *O quê,* Bill? - Que merda *aconteceu?* - Bill? *Bill? O* que... - Todos aqueles esgotos! - exclamou Bill impetuosamente. - Aqueles encanamentos antigos! Houve outra inundação! E acho que, desta vez... Recomeçou a abrir caminho para diante, mantendo Audra mais alto. Ben, Bev e Richie seguiram atrás dele. Cinco minutos mais tarde, Bill olhou para cima e viu o céu azul. Espiava através de uma fenda no teto do túnel, uma rachadura que se alargava para mais de vinte metros além de onde ele se encontrava. A água fora entorpecida por muitas ilhas e arquipélagos à frente - pilhas de tijolos, a traseira de um seda Plymouth, com a

tampa do porta-mala escancarada e despejando água, um parquímetro recostado contra a parede do túnel, em ângulo embriagado, erguida a bandeirola vermelha de VIOLAÇÃO. Caminhar agora estava ficando quase impossível - minimontanhas se erguiam e desciam sem qualquer ritmo ou motivo, convidando a um tornozelo quebrado. A água corria suavemente em torno de suas axilas.
Agora está mansa, pensou Bill, *mas se estivéssemos aqui duas horas atrás, até mesmo uma hora, acho que teríamos dado adeus à vida.*
- Que porra é esta, Grande Bill? - perguntou Richie. Estava parado à esquerda de Bill, o rosto suavizado pela surpresa, enquanto fitava a rachadura no teto do túnel - *só que isso não é o teto de nenhum túnel,* pensou Bill. *É a Rua Main. Pelo menos, era.*

- Acho que a maioria da zona comercial de Derry está agora no Canal e sendo carregada pelo Kenduskeag abaixo. Em pouco, estará no Penobscot, depois no Oceano Atlântico, e boa viagem! Pode me ajudar com Audra, Richie? Não creio que eu consiga... - Claro - disse Richie. - Claro, Bill. É pra já. Tomou Audra de Bill. Àquela claridade, Bill podia vê-la melhor do que talvez desejasse - a lividez, mascarada, mas não escondida pela sujeira, terra e excrementos, espalhando-se por sua testa e empastando as bochechas. Os olhos dela continuavam muito abertos... arregalados e despidos de qualquer senso. Os cabelos pendiam sujos, molhados e lisos. Ela bem podia ter sido uma daquelas bonecas infláveis, vendidas na Arca do Prazer, em Nova York, ou ao longo da Reeperbahn, em Hamburgo. A única diferença era sua lenta, ritmada respiração... mas isso poderia ser um truque mecânico, nada mais. - Como faremos para içar-nos daqui? - ele perguntou a Richie. - Ben fará um degrau com as mãos, para você subir - disse Richie. - Depois, você alça Bev para fora e, juntos, poderão tirar sua esposa. Ben me levantará e depois nós o tiraremos. Então, depois disso, eu lhe mostrarei como montar um torneio de vôlei para mil garotas universitárias. - Bip-bip, Richie. - Bip-bip o seu traseiro, Grande Bill. O cansaço agora parecia vará-lo em ondas constantes. Olhou para Beverly e os dois entreolharam-se por um momento. Ela assentiu ligeiramente e ele lhe sorriu. - Você faz um degrau para mim, B-B-Ben? Ben, que também parecia absolutamente esfalfado, assentiu. Havia um profundo corte descendo por uma de suas faces. - Acho que posso agüentar. Empertigou-se ligeiramente e entrelaçou os dedos das mãos. Bill levantou um pé, ajeitou-o naquela espécie de estribo formado pelas mãos de Ben e nele ergueu o corpo. Não havia altura suficiente. Ben suspendeu mais o degrau feito com suas mãos, e então Bill pôde agarrar a borda quebrada do teto do túnel. Içou-se para fora. A primeira coisa que viu foi um cavalete de trânsito, branco e amarelo, para passagem proibida. A segunda coisa foi uma multidão de homens e mulheres, enxameando além da barreira. A terceira foi a Loja de Departamentos Freese's - só que agora oferecia uma aparência estranhamente confusa e distorcida. Ele levou um momento para entender que quase metade da Freese's afundara na rua e no Canal abaixo. O topo se torcera acima da rua, parecendo em risco de desmoronar, como uma pilha de livros mal arrumada. - Vejam! Vejam! Há alguém na rua! Uma mulher apontava para o lugar onde a cabeça de Bill emergira, através da rachadura no pavimento fendido.

- Deus seja louvado, há mais alguém! Ela começou a avançar, uma mulher idosa com um lenço amarrado sobre a cabeça, no estilo das camponesas. Um policial a deteve. - Não é seguro ir mais adiante, Sra. Nelson. A senhora sabe disso. O resto da rua pode afundar a qualquer momento. Sra. *Nelson,* pensou Bill. *Lembro-me da senhora. Sua irmã costumava cuidar de mim e de George, às vezes, guando meus pais saíam.*

Ergueu a mão para mostrar a ela que estava bem e, quando ela acenou em resposta, Bill sentiu uma onda de agradáveis sensações - e esperanças. Girando o corpo, conseguiu ficar estirado no pavimento frouxo, tentando distribuir Seu peso o mais uniformemente possível, da maneira como se deve fazer sobre uma camada de gelo fino. Estendeu os braços para baixo, na direção de Bev. Ela lhe agarrou os punhos e, com o que parecia ser o último de suas forças, Bill a puxou para cima. O sol, que tornara a desaparecer, agora surgia de trás de uma extensão de nuvens semelhantes a lã de carneiro, dando a eles suas sombras de volta. Beverly olhou para cima, sobressaltada, encontrou os olhos de Bill e sorriu. - Eu o amo, Bill - disse. - E peço a Deus que ela esteja bem. - O-O-Obrigado, Bevvie - respondeu ele. O sorriso gentil de Bill a fez começar a chorar um pouco. Ele a abraçou, e a pequena multidão amontoada atrás da barreira aplaudiu. Um fotógrafo do *News* de Derry bateu uma foto. Ela foi publicada na edição de 1

de junho do jornal, que estava sendo impresso em Bangor, devido ao dano causado pela água na gráfica do *News.* A legenda era simples o bastante, e também verdadeira o bastante, para que Bill recortasse a foto e a guardasse enfiada em sua carteira, nos anos vindouros: SOBREVIVENTES, dizia apenas. Nada mais, porém era o suficiente. Eram dez e cinqüenta e quatro da manhã em Derry, no Maine.

7

Derry, no mesmo dia, mais tarde

O corredor envidraçado ligando a Biblioteca Infantil à dos adultos havia explodido às dez e meia da manhã. Às dez e trinta e três, a chuva parou. Não foi rareando aos poucos; ela estancou de repente, como se Alguém Lá Em Cima houvesse acionado um interruptor. O vento já começara a diminuir de intensidade, e parou tão subitamente, que as pessoas entreolhavam-se com expressões inquietas, supersticiosas. O som assemelhava-se ao do desaceleramento dos motores de um 747, após o aparelho estar seguramente estacionado ao portão de passageiros. O sol espiou de relance, pela primeira vez, às 10:47. Pelo meio da tarde, as nuvens haviam desaparecido por completo, permitindo que o dia se tornasse límpido e quente. Às 15:30, o mercúrio do termômetro do Crush Laranja, à porta da loja Rose Segunda Mão, Roupas Segunda Mão, marcava vinte e oito graus - a mais alta leitura do início da estação. As pessoas caminhavam pelas ruas como zumbis, sem falar muito. Suas expressões eram extraordinariamente similares: uma espécie de pasmo idiotizado, que seria engraçado, se também não fosse francamente lamentável. Ao anoitecer, repórteres da ABC, CBS, NBC e CNN haviam chegado a Derry, e os locutores noticiaristas das cadeias de informações levariam certa versão da verdade ao lar da maioria das pessoas; eles tornaram aquilo real... embora houvesse quem pudesse sugerir que realidade é um conceito altamente imerecedor de confiança, algo

talvez não mais sólido do que um pedaço de tela estirado sobre um entrelaçamento de cabos, como uma teia de aranha. Na manhã seguinte, Bryant Gumble e Willard Scott, do programa *Today,* estariam em Derry. No decorrer do programa, Gumble entrevistaria Andrew Keene. "O piezômetro inteiro simplesmente desabou e rolou colina abaixo", disse Andrew. "Um troço sensacional. Entendem o que quero dizer? Como se Steven Spielberg se mordesse de inveja, entendem? Poxa, quando via vocês na televisão, pensava que fossem, compreendam, um bocado maiores." Vendo a si mesmo e seus vizinhos na televisão - bem, isso tornava o acontecido real. Daria a eles um ponto de apoio, de onde pudessem compreender aquela terrível, incompreensível coisa. Aquilo havia sido uma TEMPESTADE ANORMAL. Nos dias que se seguiram, a LISTA DE MORTOS aumentaria, NA ESTEIRA DA TORMENTA ASSASSINA. Aquela havia sido, de fato, A PIOR TEMPESTADE DE PRIMAVERA na HISTÓRIA DO MAINE. Todas estas manchetes, por terríveis que fossem, era úteis - ajudavam a neutralizar a singularidade do que ocorrera... ou talvez *singularidade* fosse uma palavra demasiado branda. *Insanidade* ficaria melhor. Ao se verem na televisão, isso ajudaria a tornar mais concreto o sucedido, menos insano. Contudo, nas horas anteriores à chegada das equipes dos noticiários, havia apenas os moradores de Derry, caminhando por suas ruas entulhadas de lama e detritos, com expressões de atordoada descrença no rosto. Somente os habitantes de Derry, sem falar muito, olhando para as coisas, ocasionalmente recolhendo um objeto que depois era jogado fora, tentando imaginar o que tinha acontecido naquelas últimas sete ou oito horas. Homens ficavam parados na Rua Kansas, fumando, espiando para as casas que jaziam de cabeça para baixo, nos Barrens. Outros homens e mulheres permaneciam além das barreiras de proibição branco-amarelas, contemplando o buraco negro que havia sido a zona comercial da cidade até as dez horas daquela manhã. A manchete do jornal desse domingo dizia: NÓS RECONSTRUIREMOS, PROMETE O PREFEITO DE DERRY, e talvez reconstruíssem mesmo. Nas semanas que se seguiram, entretanto, enquanto o Conselho da Cidade debatia como seria o início da reconstrução, a imensa cratera que antes fora a área comercial começou a aumentar de maneira constante, embora nada espetacular. Quatro dias após a tempestade, o edifício dos escritórios da Companhia Hidrelétrica de Bangor ruiu para dentro do buraco. Três dias mais tarde, foi a vez da Flying Doghouse, que vendia os melhores cachorros-quentes com *chili* e *kraut,* na região leste do Maine. Esgotos e encanamentos refluíam periodicamente nas casas, prédios de apartamentos e estabelecimentos comerciais. A situação chegou a tal ponto, no Old Cape, que moradores começaram a ir embora. A data de 10 de junho marcou o programa inicial da corrida de cavalos no Parque Bassey; a primeira foi marcada para as 20:00, o que pareceu animar todo mundo. Entretanto, um setor das arquibancadas descobertas ruiu quando os trotadores da primeira corrida entraram na pista de chegada, deixando feridas meia dúzia de pessoas. Uma delas foi Foxy Foxworth, que havia administrado o Cinema Aladdin até 1973. Foxy passou duas semanas no hospital, com uma perna fraturada e um testículo perfurado. Ao receber alta, resolveu ir ficar com a irmã em Somersworth, New Hampshire. Ele não foi o único. Derry estava se desintegrando.

8

Eles viram o enfermeiro fechar as portas traseiras da ambulância e depois dar a volta, para ocupar o assento do passageiro. A ambulância subiu a colina, dirigindo-se ao Home Hospital de Derry. Richie a forçara a parar, com risco da própria vida, tendo

discutido por uma padiola com o irado motorista, que insistia não haver mais lugar para nenhuma vítima em seu veículo. Por fim, terminara levando Audra, em uma maça posta no piso. - E agora? - perguntou Ben. Abaixo de seus olhos havia grandes círculos castanhos e, em torno do pescoço, um enorme anel de sujeira. - Vou v-voltar para o Town House - disse Bill. - Q-Quero dormir umas de- dezesseis horas. - Eu vou fazer o mesmo - declarou Richie. Olhou esperançosamente para Bev. - Tem algum cigarro aí, cara senhora? - Não - respondeu ela. - Acho que vou parar novamente de fumar. - Uma idéia bastante sensata. Eles começaram a subir lentamente a colina, os quatro lado a lado. - T-T-Terminou - disse Bill. Ben assentiu. - Nós conseguimos. *Você* conseguiu, Grande Bill. - Todos nós conseguimos - disse Beverly. - Eu gostaria de termos trazido Eddie conosco. Desejaria isso mais do que tudo. Chegaram à esquina das Ruas Main Superior e Point. Um garoto vestindo impermeável vermelho, calçado de botas vermelhas de borracha, brincava com um barco de papel, fazendo-o navegar pelo veloz regato que terminava no bueiro. Ergueu o rosto, viu-os olhando para ele e fez um aceno vacilante. Bill pensou que devia ser o garoto do skate - aquele cujo amigo tinha visto o Tubarão no Canal. Sorriu e aproximou-se do menino. - Está tudo bem a-a-agora - disse. O menino estudou-o gravemente, depois sorriu. Um sorriso radioso e esperançado. - Hã-hã - respondeu. - Acho que está. - Pode apostar seu tras-traseiro. O menino riu. - V-Vai to-tomar cuidado naquele s-s-skate? - Mais ou menos - respondeu o menino. Bill riu desta vez. Conteve um impulso de passar a mão pela cabeça do menino, de assanhar-lhe os cabelos - ele provavelmente ficaria ressentido - e então voltou para junto dos outros. - Quem era? - perguntou Richie. - Um amigo - disse Bill. Enfiou as mãos nos bolsos. - Vocês" se lembram? De nossa saída antes? Beverly assentiu. - Eddie nos levou de volta aos Barrens. Só que, de alguma forma, acabamos terminando na outra margem do Kenduskeag. No lado do Old Cape. - Você e Monte de Feno empurraram para fora o tampão de uma daquelas estações de bombeamento - Richie disse a Bill, - porque eram os mais corpulentos. - Sim - disse Ben. - Nós o empurramos. Ainda havia sol, mas quase se escondendo. - Certo - disse Bill. - E todos nós estávamos lá. - Enfim, nada dura para sempre - comentou Richie. Virou-se e espiou a ladeira que haviam acabado de subir. Deu um suspiro. - Olhem para isto, por exemplo. Estendeu as mãos espalmadas. As pequeninas cicatrizes das palmas tinham sumido. Beverly mostrou as palmas também; Ben fez o mesmo; Bill acrescentou as suas. Estavam todas sujas, mas sem quaisquer marcas. - Nada dura para sempre - repetiu Ben. - Exceto, talvez, o amor.

- E o desejo - acrescentou Beverly. - E quanto aos amigos? - perguntou Bill, e sorriu. - O que me responde, Boca de Lixo? - Bem - respondeu Richie, sorrindo e esfregando os olhos. - Vou ter que pensar a respeito, meu garoto; eu digo, eu digo que tenho de *agradecer* a respeito. Bill estendeu as mãos. Os outros juntaram as suas nas dele e ficaram parados ali por um momento, sete que haviam sido reduzidos a quatro, mas que ainda podiam formar um círculo. Entreolharam-se. Ben agora chorava também, as lágrimas escorrendo-lhe dos olhos. Contudo, estava sorrindo. - Eu gosto demais de vocês - disse. Pressionou as mãos de Bev e de Richie, com força-força-força por um instante, e depois as soltou. - E agora, que tal vermos se neste lugar eles têm uma coisa chamada *breakfast?* Também precisamos ligar para Mike. Dizer a ele que estamos bem. - Excelente idéia, senhorr - disse Richie. - De vez em quando, acho o senhorr um carra muito legal. O que me diz, Grrande Bill? - Grrande Bill acha que você devia tomarr no rabo - disse Bill. Os quatro entraram no Town House às gargalhadas. Quando Bill empurrou as portas de vidro, Beverly viu algo que nunca falou, porém que jamais esqueceu. Por um breve momento, distinguiu o reflexo deles no vidro - contudo havia seis pessoas, não quatro, porque Eddie estava atrás de Richie e Stan atrás de Bill, tendo no rosto um esboço de sorriso.

9

A saída/crepúsculo, 10 de agosto de 1958 O sol está perfeitamente assentado no

horizonte, uma bola vermelha ligeiramente
esferóide, que lança uma febril claridade melancólica sobre os Barrens. O tampão de ferro no topo de uma das estações de bombeamento se eleva um pouco, desce, torna a elevar-se e começa a deslizar.

- E-E-Empurre, B-Ben, i-isso está que-quebrando meu ombro...
O tampão desliza um pouco mais, inclina-se e cai em cima do matagal rasteiro que cresceu em torno do cilindro de concreto. Sete crianças saem, uma por uma, e olham em torno, piscando repetidamente, em silencioso pasmo. São como crianças que nunca viram antes a luz do dia.
- Está tudo tão quieto... *- diz Beverly suavemente. Os únicos sons ouvidos são a corrida ruidosa da água e o zumbido sonolento de insetos. A tempestade terminou, mas o Kenduskeag continua muito alto. Mais perto da cidade, não muito longe do lugar onde o rio é encaixado em concreto e chamado um canal, as águas transbordaram das margens, embora a enchente nada tenha de sério -*
alguns porões inundados, é o pior que aconteceu. Desta vez. Stan afasta-se deles, o rosto inexpressivo e pensativo. Bill espia em redor e, a princípio, acha que Stan viu uma pequena fogueira na margem do rio - fogo é a sua impressão inicial: um clarão vermelho, quase brilhante demais para ser encarado. Contudo, quando Stan ergue o fogo em sua mão direita, o ângulo da luz modifica-se e Bill nada mais vê além de uma garrafa de Coca, uma das novas, de vidro claro, que alguém deixou cair junto ao rio. Ele fica olhando, enquanto Stan inverte a garrafa,

segura-a pelo gargalo e a desce sobre uma platibanda de rocha, salientando-se para fora da margem. A garrafa se quebra, e Bill percebe que todos eles estão olhando para Stan agora, quando ele remexe entre os restos estilhaçados da garrafa, com expressão sóbria, estudiosa e absorta. Por fim, ele recolhe um caco estreito de vidro. O sol do oeste arranca cintilações vermelhas daquele caco de vidro, e Bill torna a pensar: Como uma fogueira.

Stan ergue os olhos para ele, e Bill compreende de repente: tudo é perfeitamente claro para ele, perfeitamente certo. Aproxima-se de Stan com as mãos estendidas, palmas viradas para cima. Stan recua, entra na água. Pequenos besouros negros voejam logo acima da superfície, e Bill pode ver uma libelula iridescente partir zumbindo para o meio dos jun-cos na outra margem, como um pequeno arco-íris voador. Um sapo inicia um firme som grave e ritmado. Enquanto Stan lhe toma a mão esquerda e risca sua palma, cortando a pele e arrancando um pouquinho de sangue, Bill pensa, em uma espécie de êxtase: Há tanta vida aqui embaixo! - *Bill?*

- Claro. As duas. Stan faz o corte em sua outra mão. Há dor, porém não muita. Um curiango começa a piar em algum lugar, um som refrescante, pacífico. Bill pensa: Esse curiango está convocando a lua.

Olha para as duas mãos, ambas agora sangrando, e então à sua volta. Os outros estão ali - Eddie, com seu aspirador apertadamente seguro em uma das mãos; Ben, com a imensa barriga aparecendo polidamente, por entre os restos esfarrapados de sua camisa; Richie, de rosto estranhamente nu, sem os óculos; Mike, silencioso e solene, os lábios normalmente carnudos, compridos em uma linha fina. E Beverly, de cabeça erguida, os olhos grandes e límpidos, os cabelos de certo modo ainda maravilhosos, a despeito da sujeira que os deslustra.

Todos nós. Todos nós estamos aqui.

E ele os vê, ele os vê realmente, pela última vez, de algum modo compreendendo que nunca mais estarão todos juntos, eles sete - não desta maneira. Ninguém fala. Beverly estende as mãos e, após um momento, Richie e Ben oferecem as deles. Mike e Eddie fazem o mesmo. Stan lhes corta as palmas, uma por uma, enquanto o sol começa a afundar atrás do horizonte, empalidecendo aquele clarão vermelho-fornalha para um vermelho-rosado crepuscular. O curiango pia novamente, Bill pode ver os primeiros e débeis torvelinhos de neblina sobre a água, e tem a sensação de que se tornou uma parte de tudo - este é um breve êxtase, sobre o qual nada falará, como Beverly também, mais tarde, nada falará sobre o breve reflexo que vê, o reflexo de dois homens mortos que, em crianças, foram seus amigos. Uma ligeira brisa acaricia as árvores e arbustos, arrancando-lhes suspiros, e ele pensa: Este é um lugar admirável, e jamais o esquecerei. É admirável, e *eles* são admiráveis; cada um deles é deslumbrante. *O curiango volta a piar, doce e líquido. Por um instante, Bill sente-se uno com ele, como se pudesse trinar e depois evolar-se no crepúsculo - como se pudesse ir para longe voando, corajoso em pleno ar. Olha para Beverly e ela está lhe sorrindo. De olhos fechados, ela estende as mãos para cada lado do corpo. Bill lhe toma a esquerda, Ben a direita. Bill pode sentir a quentura do sangue dela, misturando-se ao seu. Os outros se juntam, de mãos dadas, formando um círculo, suas mãos agora seladas naquela maneira peculiarmente íntima. Stan está olhando para Bill com uma espécie de urgência; uma espécie de medo.*

- Ju-Jurem para m-mim que vocês v-v-v-voltarão - diz Bill. - Jurem q-q-que vo- voltarão, se a Co-Co-Coisa não e-estiver m-m-morta.

- Juro - disse Ben.
- Juro - diz Richie.
- Sim... eu juro - afirma Bev.
- Eu juro - murmura Mike Hanlon.
- Certo. Juro. - A voz de Eddie é um sussurro fraco e esganiçado.- Eu também juro - sussurra Stan, mas sua voz vacila, e ele baixa os olhos enquanto fala.
- E-Eu ju-ju-juro. Foi assim; isso foi tudo. Entretanto, eles permanecem ali por algum tempo mais, sentindo o poder que existe em seu círculo, o corpo fechado que formam. A luz pinta seus rostos em cores pálidas que desbotam; o sol já se escondeu, sua luminosidade está agonizante. Eles continuam em círculo, enquanto a escuridão se esgueira para os Barrens, conquistando as trilhas que eles percorreram naquele verão, as clareiras onde brincaram de pique e tiro-ao-alvo, os lugares secretos ao longo das margens do rio, onde se sentaram para discutir longas questões da infância, para fumar os cigarros de Beverly ou onde apenas ficaram meramente silenciosos, vendo a passagem das nuvens refletidas na água. O olho do dia está se fechando. Por fim, Bill deixa suas mãos caírem. Começa a dizer alguma coisa, sacode a cabeça e afasta-se dali. Richie o segue, depois Beverly e Mike, caminhando juntos. Ninguém fala; eles sobem a terraplenagem para a Rua Kansas e simplesmente se despedem uns dos outros. E quando Bill pensa nisso, cerca de vinte e sete anos mais tarde, percebe que, de fato, nunca mais ficaram todos juntos novamente. Era freqüente serem quatro, às vezes cinco, talvez seis, uma ou duas vezes. Contudo, nunca mais todos os sete. Ele é o último a ir. Fica muito tempo com as mãos sobre a desconjuntada cerca branca, olhando para os Barrens lá embaixo, enquanto, acima dele, as primeiras estrelas semeiam o céu estival. Ele permanece sob o azul e acima do negro, contemplando os Barrens que se impregnam de escuridão.

Nunca mais quero brincar lá embaixo, *pensa subitamente, e se espanta ao descobrir que tal pensamento não é terrível nem entristecedor, mas tremendamente liberatório. Fica ali mais um momento. Então, dá as costas para os Barrens e começa a caminhar para casa ao longo da calçada escura, com as mãos enfiadas nos bolsos, de tempos em tempos olhando para as casas de Derry, confortadoramente iluminadas contra a noite. Após um ou dois quarteirões, começa a andar mais depressa, pensando no jantar... e um quarteirão ou dois depois disso, ele começa a assobiar.*

DERRY:

O ÚLTIMO INTERLÚDIO

"Nestes tempos, o oceano está coalhado de navios, de modo que dificilmente deixaríamos de encontrar vários deles atropelando-se. 'Trata-se apenas de uma mera travessia', disse o Sr. Micawber, brincando com sua luneta, 'uma mera travessia. *A* distância é totalmente imaginária.'"

- Charles Dickens,
David Copperfield

4 de junho de 1985. - Não - respondeu Bill tristemente.

- Você poderia... quero dizer, seria capaz... - De mudá-la? - Bill sorriu, e seu sorriso era tão dolorido que tive de desviar os olhos por um momento. Era a maneira como meu pai sorria, na época em que me falava de Butch Bowers e as galinhas. - Sim. Eu acredito que poderia. - Não vou lhe dizer para aceitar isso com calma, quando obviamente não está preparado para tanto - falei, - mas, por favor, lembre-se de haver concordado em que muito ou tudo do que ocorreu, certamente havia sido predestinado. Isso talvez inclua uma parte para Audra na história. - Eu de-devia ter ficado de boca calada sobre o lugar para o-onde ia. Às vezes é melhor a gente não fazer comentários - de maneira que permaneci em silêncio. - Está bem - disse ele afinal. - Se está falando sério... - É sério. Eles estão com minhas chaves na Sala de Serviços dos Pacientes. Há uns dois bifes no congelador. Talvez isso também tenha sido pré-ordenado. - Ela está comendo geralmente alimentos macios e li-líquidos. - Bem - falei, mantendo o sorriso, - talvez até seja motivo para uma comemoração. Há uma excelente garrafa de vinho na prateleira de cima na despensa. Mondavi. Nacional, mas dos bons. Ele se aproximou e apertou minha mão. - Obrigado, Mike. - Não foi nada, Grande Bill. Bill largou minha mão. - Richie voou de volta à Califórnia esta manhã. Eu assenti. - Será que vocês manterão contato? - T-Talvez - respondeu ele. - Por algum tempo, pelo menos. Contudo... - Ele me encarou fixamente. - Acho que está começando a acontecer outra vez. - A amnésia? - Exatamente. Aliás, creio que já começou. Por enquanto, apenas coisinhas insignificantes. Detalhes... mas acho que vai aumentar. - Talvez seja melhor assim. - É, talvez seja. - Ele espiou pela janela, ainda manuseando sua lata de soda dietética, sem dúvida pensando na esposa, de olhos tão arregalados, tão calada, tão bonita e plástica. *Catatônica.* Houve o som de uma porta, batendo e se fechando. Ele suspirou. - Talvez seja mesmo. - E Ben? - perguntei. - E Beverly? Bill tornou a me fitar e sorriu um pouco. - Ben a convidou a voltar para o Nebraska em sua companhia, e ela concordou em ir, pelo menos durante algum tempo. Soube do caso com a amiga dela, em Chicago? Eu assenti. Beverly tinha contado a Ben, e Ben contou ontem para mim. Se posso relatar o caso com moderação (moderar *grotescamente* o caso), a anterior descrição de Beverly sobre Tom, seu fantástico e maravilhoso marido, foi muito mais verdadeira do que a descrição original que havia feito. O fantástico e maravilhoso Tom manteve Bev em escravidão emocional, espiritual, e às vezes física, durante os últimos quatro anos mais ou menos. O fantástico e maravilhoso Tom chegou aqui, após arrancar a informação a pancadas da única amiga íntima de Bev. - Ela me contou que voará de volta a Chicago dentro de uns quinze dias, a fim de preencher a documentação sobre pessoas desaparecidas, com referência a Tom. - Muito inteligente - falei. - Ninguém jamais o descobrirá *lá embaixo.*

Tampouco Eddie será descoberto, pensei, mas fiquei calado. - É, acho que não - disse Bill. - E quando ela voltar, estou apostando que Ben irá em sua companhia. Quer saber de uma coisa? Uma coisa realmente louca? - O que é? - Acho que, de fato, ela não recorda *o que* aconteceu a Tom. Limitei-me a ficar olhando para ele. - Beverly esqueceu ou está esquecendo - prosseguiu Bill. - E eu não consigo mais lembrar como era a *entrada.* A *e-entrada* para a morada da Coisa. Tento pensar nela, e acontece a coisa mais biruta - vem-me a imagem de b-b-bodes ca-caminhando por uma p- ponte. Daquela história "Os três bodes zangados". Curioso, não? - Eles acabarão rastreando Tom Rogan até Derry - falei. - Ele deve ter deixado uma trilha de documentação com um quilômetro de largura. Formulário de aluguel de carro, passagens de avião... - Não estou bem certo disso - respondeu Bill, acendendo um cigarro. - Acho que ele pode ter pago a passagem de avião em dinheiro e dado um nome falso. Talvez comprasse um carro barato aqui ou roubasse um. - Por que faria isso? - Ora, vamos, Mike! - exclamou Bill. - Acredita mesmo que ele fez toda essa viagem só para dar uma surra nela? Nossos olhos ficaram presos uns nos outros por um longo momento. Então, Bill levantou-se. - Ouça, Mike... - Em boca fechada não entram... aranhas - falei. - Já morei. Ele riu ao ouvir isso, riu muito, e, ao acalmar-se, insistiu: - Obrigado pelo uso de sua casa, Mikey. - Não posso garantir que ela lhe fará alguma diferença. Que me conste, a casinha não possui quaisquer qualidades terapêuticas. - Bem... vou indo. - Ele fez uma coisa curiosa, então, curiosa, mas formidável. Beijou meu rosto. - Deus o abençoe, Mike. Estarei por aí. - As coisas podem melhorar, Bill - falei. - Não perca as esperanças. Elas podem modificar-se. Ele sorriu e assentiu, mas creio que, em nossas mentes, pairava a mesma palavra:

catatônica. 5 de junho de 1985

Ben e Beverly apareceram hoje, para despedir-se. Os dois não pretendem ir de avião - Ben alugou um enorme Cadillac com o pessoal da Hertz e eles irão dirigindo, sem pressa. Há algo na expressão deles, quando um olha para o outro, e aposto meu plano de aposentadoria como, se já não estão matutanto agora o que imagino, sem dúvida estarão, quando chegarem ao Nebraska. Beverly abraçou-me, desejou que eu fique bom depressa e depois chorou. Ben abraçou-me também e, pela terceira ou quarta vez, perguntou se eu escreveria. Respondi que sim, e tenho tal intenção... pelo menos por enquanto. Isto porque, agora, está acontecendo igualmente comigo. Estou esquecendo coisas. Como disse Bill, no momento são apenas insignificâncias, detalhes. Contudo, parece o tipo de coisa que irá aumentando. Talvez dentro deu m mês ou de um ano, este

livro de anotações seja tudo o que terei para recordar-me o que aconteceu aqui, em Derry. Suponho que até as próprias palavras comecem a desbotar, eventualmente deixando as páginas tão em branco como quando comprei este livro de anotações no departamento de artigos escolares, na Freese's. É um pensamento terrível e, à luz do dia, parece loucamente paranóico... mas, entendam, quando é noite alta, assume uma aparência perfeitamente lógica. Esta amnésia... a perspectiva enche-me de pânico, mas também oferece um coleante tipo de alívio. Serve para sugerir-me, acima de qualquer outra coisa, que desta vez eles realmente *mataram* A Coisa; que não há mais necessidade de alguém em permanente vigilância, à espera de que o ciclo comece outra vez. Impreciso pânico, secreto alívio. É o alívio que prefiro, imagino, seja ou não secreto. Bill ligou, para comunicar que ele e Audra estavam instalados em minha casa. Não há modificação no estado dela. - Sempre me lembrarei de você - foi o que me disse Beverly, pouco antes dela e Ben irem embora. Creio ter visto uma verdade diferente em seus olhos.

6 de junho de 1985

Na primeira página do *News* de Derry, edição de hoje, saiu uma artigo interessante. TEMPESTADE FAZ HENLEY ABANDONAR PLANOS DE EXPANSÃO DO AUDITÓRIO. O Henley em questão é Tim Henley, um multi- milionário homem de negócios, que chegou a Derry como um torvelinho, em fins dos anos sessenta - foram Henley e Zitner os organizadores do consórcio responsável pela erecão do Mall de Derry (que, segundo outra notícia da primeira página, provavelmente será declarado um prejuízo total). Tim Henley estava determinado a ver Derry progredir. Evidentemente, havia um interesse lucrativo na história, porém havia também algo mais: Henley queria, de fato, testemunhar o crescimento da cidade. Sua súbita desistência quanto à expansão do auditório sugere-me várias coisas. Que Henley possa ter-se irritado com Derry, é apenas a mais óbvia. Creio também ser possível que ele esteja no processo de perder até as calças, devido à destruição do Mall. O artigo, entretanto, sugere que Henley não está sozinho, que outros investidores e potenciais investidores no futuro de Derry possam estar repensando suas opções. Naturalmente, Al Zitner não terá com que se preocupar; Deus o aposentou, quando a zona comercial da cidade afundou. Sobre os outros, aqueles que pensavam como Henley, hoje enfrentam um problema bastante sério: como reconstruir uma área urbana que agora está pelo menos cinqüenta por cento debaixo d'água? Imagino que, após uma longa e demoniacamente vital existência, Derry possa estar morrendo... como um meimendro, cujo tempo de desabrochar chegou e se foi. Liguei para Bill Denbrough, no fim desta tarde. Nenhuma mudança em Audra. Há uma hora fiz outra ligação, esta para Richie Tozier, na Califórnia. Sua secretária eletrônica recebeu a chamada, com música reminiscente de Creedence Clearwater soando ao fundo. Tais artefatos sempre me deixam um tanto confuso. Declarei meu nome e o número do telefone, hesitei, e acrescentei esperar que ele pudesse voltar a usar suas lentes de contato. Ia desligar, quando o próprio Richie atendeu, dizendo "Mikey! Como vai?'' Sua voz era agradável e amistosa... porém continha também uma

nítida perplexidade. Ele usava a expressão verbal do homem apanhado inteiramente desprevenido. - Olá, Richie - falei. - Estou indo muito bem. - Que ótimo! Tem sentido dores? - Um pouco, mas estão diminuindo. Pior é a comichão. Vou pular de alegria quando eles finalmente decidirem pôr minhas costelas ao ar livre. Por falar nisso, gostei do Creedence. Richie deu uma risada. - Droga, não é Creedence, é "Rock and Roll Girls", do novo álbum de Fogarty. Chama-se *Centerfield.* Ainda não ouviu? - Huh-huh- - Pois precisa ouvi-lo, cara. É grande! Exatamente como... - sua voz extinguiu-se por um momento, e depois ele disse: - É exatamente como nos velhos tempos. - Vou comprar um - respondi. Provavelmente comprarei mesmo. Sempre gostei de John Fogarty. Acho que "Green River" foi o meu predileto de Creedence, em todos os tempos. Volte para casa, ele diz. Diz isso pouco antes da música terminar. - E quanto a Bill?- Ele e Audra tomam conta de minha casa para mim, enquanto estou aqui. - Ótimo. Isso é muito bom. - Ele fez uma ligeira pausa. - Quer ouvir um troço fodido de curioso, velho Mikey? - Claro - respondi, já fazendo uma boa idéia do que ia ouvir. - Bem., eu estava aqui, sentado em meu estúdio, ouvindo algumas das novas e quentes perspectivas de *Cashbox,* examinando cópias de publicidade, lendo memorandos... há uma montanha de papel acumulado à minha frente e estou precisando de um mês com dias de vinte e cinco horas, para dar conta de tudo. Assim, liguei a secretária eletrônica, mas com volume externo, para poder atender às ligações que interessam e deixar que apenas as baboseiras ficassem na fita. E o motivo por que deixei você falando tudo aquilo... - ... foi porque, a princípio, não fazia a menor idéia de quem eu era. - Porra, é isso mesmo! Como é que adivinhou? - Porque todos nós estamos esquecendo novamente. Desta vez, *todos* nós. - Você tem *certeza,* Mikey? - Qual era o sobrenome de Stan? - perguntei a ele. Houve silêncio no outro extremo da linha - um prolongado silêncio. Através do frio, eu podia ouvir fracamente uma mulher falando em Omaha., ou talvez ela estivesse em Ruthven, Arizona, ou em Flint, Michigan. Eu a ouvia, tão fracamente como um viajante espacial abandonando o sistema solar, na ogiva de um foguete, muito obrigado a alguém por isso. Então Richie falou, vacilante: - Creio que era Underwood, porém isso não é judeu, é? - Era Uris. - Uris! - exclamou Richie, parecendo aliviado e chocado ao mesmo tempo. - Porra,

odeio quando tenho uma palavra na ponta da língua e não consigo soltá-la! Alguém pede um sinônimo trivial e um jogo de palavras cruzadas, e eu respondo: "Desculpe-me, mas acho que minha diarréia está voltando e talvez eu tenha que voltar para casa, está bem?" Você, no entanto, pode recordar, Mikey. Como antes. - Não. Precisei consultar minha caderneta de endereços. Houve outro prolongado silêncio. E então:

- Quer dizer que *você* não se lembrou?- Isso mesmo. - Nadinha? - Nadinha. - Então, acho que desta vez está mesmo encerrado - disse ele, e o alívio em sua voz era indiscutível. - Sim, é o que também acho. Aquele silêncio interurbano caiu de novo - todos os quilômetros entre o Maine e a Califórnia. Creio que ambos pensávamos na mesma coisa: tudo terminara, claro, e dentro de seis semanas, ou seis meses, teríamos esquecido tudo a respeito de cada um de nós. Terminou, mas à custa de nossa amizade, das vidas de Stan e de Eddie. Eu já quase os esquecera, sabia? Por mais horrível que possa parecer, eu quase esquecera Stan e Eddie. Ele sofria de asma ou de enxaqueca crônica! Que droga, não poder me lembrar ao certo, embora ache que era enxaqueca. Perguntarei a Bill. Ele deve saber. - Bem, diga olá por mim a Bill e sua linda esposa - disse Richie, com uma alegria que parecia enlatada. - Eu direi, Richie - falei, fechando os olhos e esfregando a testa. Richie recordava que a esposa de Bill estava em Derry... mas não o seu nome ou o que acontecera a ela. - E quando vier a Los Angeles, você tem meu número. Sairemos juntos e mastigaremos um pouco de *chow.*

- Claro. - Eu sentia lágrimas ardendo por trás de meus olhos. - E se você voltar por estas bandas, está valendo a mesma coisa. - Mikey? - Ainda estou aqui. - Eu amo você, cara. - E eu a você. - *Okay.* Mantenha o polegar para o alto. - Bip-bip, Richie. Richie riu. - Isso, isso, isso... Enfie-o no ouvido, Mike. Eu disse para enfiar na sua *oreia,*

garoto. Ele desligou e eu também. Então, tornei a recostar em meus travesseiros, de olhos fechados, assim permanecendo por muito tempo.

7 de junho de 1985

O Chefe de Polícia Andrew Rademacher, que substituiu o Chefe Borton em fins dos anos sessenta, está morto. Foi um curioso acidente, e não pude deixar de associá-lo ao que esteve acontecendo em Derry... ao que acabou de terminar em Derry. O complexo posto policial-tribunal se ergue à borda da área que afundou no Canal e, embora não tenha cedido, o terremoto - ou enchente - deve ter provocado danos estruturais de que ninguém estava cônscio. Rademacher ficara trabalhando em seu gabinete até altas horas da noite, conforme diz o jornal, como fazia todas as noites após a tempestade e a enchente. O gabinete do Chefe de Polícia havia sido transferido do terceiro para o quinto andar desde os velhos tempos, um pavimento logo abaixo de um sótão onde foram estocados todos os tipos de arquivos e artefatos inúteis da cidade. Um daqueles artefatos era a cadeira do vagabundo, que já descrevi anteriormente nestas páginas. A cadeira era feita de ferro e pesava mais de duzentos quilos. O prédio absorveu uma boa quantidade de água durante o aguaceiro

de 31 de maio, o que deve ter enfraquecido o piso do sótão (pelo menos, é o que diz o jornal). Seja qual for a razão, a cadeira do vagabundo caiu do sótão diretamente sobre o Chefe Rademacher, que estava sentado à sua mesa de trabalho, lendo relatórios de acidentes. A morte foi instantânea. O agente Bruce Andeen entrou apressadamente, e o encontrou jazendo sobre os destroços de sua mesa estilhaçada, ainda com a caneta na mão. Tornei a falar com Bill por telefone. Ele disse que Audra está comendo algum alimento sólido mas, fora isso, não há mudança. Perguntei a ele se o grande problema de Eddie havia sido asma ou enxaqueca. - Asma - respondeu prontamente. - Não se lembra do aspirador que ele carregava sempre? - Claro - respondi, e me lembrei, mas somente quando Bill o mencionou. - Mike? - Diga. - Como era o sobrenome dele? Olhei para minha caderneta de endereços sobre a mesa de cabeceira, porém não a apanhei. - Não me lembro bem.- Era algo como Kerkorian - disse Bill, parecendo angustiado, - mas diferente. Você anotou tudo, entretanto. Não é mesmo? - Exatamente - respondi. - Graças a Deus por isso. - Tem alguma idéia sobre o que aconteceu com Audra? - perguntei. - Tenho uma - disse ele, - mas é tão louca, que prefiro não falar a respeito. - Tem certeza? - Absoluta. - Está bem. - Mike, é assustador, não? Esquecer desta maneira? - Sim, é assustador - respondi. De fato, é mesmo.

8 de junho de 1985

Raytheon, que havia programado o início da construção de sua fábrica em Derry para julho, no último minuto resolveu construí-la em Waterville. O editorial da página um do *News* expressa desalento... e se li corretamente nas entrelinhas, um certo medo. Acho que sei qual é a idéia de Bill. Ele terá que agir rapidamente, antes que o último resto de magia abandone este lugar. Se é que já não abandonou. Creio não ser afinal tão paranóico o que eu tinha pensado antes. Os nomes e endereços dos outros, em minha cadernetinha, começam a desbotar. A cor e a qualidade da tinta, combinadas, dão àquelas anotações a impressão de terem sido registradas cinqüenta ou setenta e cinco anos antes das outras que ali anotei. Isso vem acontecendo nos últimos quatro ou cinco dias. Estou convencido de que, por volta de setembro, seus nomes terão desaparecido por completo. Acho que eu poderia preservá-los; basta que fique copiando todos eles. Contudo, estou também convencido de que cada anotação terminaria desbotando por seu turno e que, em breve, isso se tornaria um exercício de futilidade - como escrever *Não vou mais atirar bolinhas de papel durante a aula* quinhentas vezes. Eu estaria escrevendo nomes

que nada significam, pelo simples fato de que eu não me lembraria do motivo para escrevê-los. Eu desisto, desisto. Bill, aja rapidamente... mas tome cuidado!

9 de junho de 1985

No meio da noite, despertei de um terrível pesadelo que não conseguia recordar, entrei em pânico e era difícil respirar. Estendi a mão para a cigarra de chamada, mas não pude usá-la. Tive uma horrível visão de Mark Lamonica atendendo à chamada com uma seringa hipodérmica... ou de Henry Bowers com sua faca de mola. Peguei meu caderninho de endereços e liguei para Ben Hanscom, no Nebraska... o endereço e o número do telefone estavam ainda mais desbotados, porém continuam legíveis. Nada feito, Zé. Uma voz gravada da companhia telefônica informava que aquele número havia sido cancelado. Quando menino, Ben era gordo ou tinha algo mais ou menos como pé chato? Fiquei acordado até o amanhecer.

10 de junho de 1985

Disseram-me que amanhã já posso ir para casa. Liguei para Bill e dei-lhe a notícia - suponho que minha intenção era avisá-lo de que seu tempo está ficando cada vez mais curto. Bill é o único de quem me recordo claramente e estou convencido de que sou o único de quem ele se recorda claramente. Imagino que seja porque ambos ainda estamos aqui em Derry. - Tudo bem - disse ele. - Amanhã já estaremos fora de seu pescoço. - Você continua com sua idéia? - Continuo. Acho que chegou a hora de pô-la em prática. - Tome cuidado. Ele riu e disse algo que tanto entendi, como não entendi: - Não se pode ser cuidadoso sobre um skate, cara. - Como saberei se deu resultado, Bill? - Você saberá - respondeu ele, e desligou. Meu coração está com você, Bill, não importa qual seja o resultado. Meu coração está com todos eles, e creio que, mesmo se esquecermos uns dos outros, seremos recordados em nossos sonhos. Estou quase encerrando este diário agora - e suponho que continuará sendo para sempre um diário, que a história dos antigos escândalos e excentricidades de Derry não encontrariam lugar fora destas páginas. Para mim, isso é ótimo; creio que, quando me derem alta daqui amanhã, finalmente talvez seja o momento de começar a pensar em algum tipo de vida nova... embora o que possa ser essa nova vida ainda não esteja claro para mim. Eu amei vocês, caras, fiquem sabendo. Amei-os muitíssimo.

EPÍLOGO

BILL DENBROUGH DERROTA O DEMÔNIO (II)

"Conheci a noiva quando engatinhava, conheci a noiva quando começou a andar conheci a noiva quando já ia a festinhas, conheci a noiva quando adorava rock and roll." - Nick Lowe

"Não se pode ser cuidadoso sobre um skate, cara." - um menino

1

Meio-dia de um dia de verão. No quarto de Mike Hanlon, Bill contemplava seu esguio corpo nu no espelho sobre a porta. A cabeça calva cintilava à luz que penetrava pela janela, lançando sua sombra ao longo do piso e subindo pela parede. Seu tórax não tinha pêlos, as coxas e pernas eram magras, mas sobrepostas por faixas musculosas. *Ainda assim,* pensou ele, *o que temos aqui é um corpo de adulto, quanto a isso não há dúvida. Existe a barriga que surge com alguns bons bifes além da conta, algumas garrafas de cerveja Kirin além da conta, alguns sanduíches além da conta à beira da piscina, quando tinha o molho Reuben ou o francês a seu lado, em vez do prato dietético. Seus traseiros também estão caídos, Bill, meu velho. Você ainda pode praticar um bom saque, se não estiver demasiado encurvado e ficar atento, mas não pode precipitar-se atrás da velha Dunlop como fazia, quando tinha dezessete anos. Você tem uma boa ferramenta para o amor e seus colhões começam a apresentar aquela aparência pendente da meia-idade. Em seu rosto há linhas que não existiam aos dezessete anos... Diabo, elas tampouco existiam em sua primeira foto como escritor, aquela em que tentava ao máximo dar a impressão de saber alguma coisa... qualquer coisa. Está velho demais para o que tem em mente, Billy- meu-garoto. Acabará matando vocês dois.*

Ele vestiu a cueca.
Se nós acreditássemos nisso, nunca poderíamos ter... ter feito o que quer que fizemos.

Afinal, a verdade é que ele não recordava o que tinham feito ou o que acontecera para transformar Audra em um destroço catatônico. Bill sabia apenas o que lhe competia fazer agora, mas certo de que, se não o fizesse *já,* acabaria esquecendo também isso. Audra estava sentada na poltrona de Mike, no andar de baixo, os cabelos caindo flácidos sobre os ombros, fitando a televisão com intenso fascínio, que no momento apresentava o programa "Disque para Dólares". Ela não falava, só se movendo quando induzida ao movimento.

Isto é diferente. Você está velho demais, cara. Acredite. Não acredito. Pois então, morra aqui em Derry. Um grande e fodido negócio!

Ele calçou meias de atletismo e vestiu o único jeans que trouxera, bem como a camiseta comprada na loja *Shirt Shack,* em Bangor, na véspera. Era uma camiseta em tom laranja berrante. Ao longo da frente havia a inscrição ONDE, DIABO, FICA DERRY, MAINE? Sentou-se na cama de Mike - a única que havia partilhado durante as noites da última semana com sua esposa cálida, mas semelhante a um cadáver - e calçou os tênis... tênis também adquiridos em Bangor, no dia anterior. Levantando-se, tornou a fitar-se ao espelho. Viu um homem a caminho da idade madura, vestindo roupas de menino.

Você está absurdo. Que menino não o é? Você não é mais uma criança. Desista disto!

- Ora, merda! Vamos praticar um pouco de rock and roll - disse ele suavemente, e saiu do quarto.

2

Nos sonhos que terá anos mais tarde, ele está sempre indo embora de Derry sozinho, ao pôr-do-sol. A cidade está deserta; todos se foram. O Seminário Teológico e as casas vitorianas da Broadway Oeste erguem-se enegrecidos contra um céu lúgubre, cada pôr-do-sol já visto acumulado em um. Ele pode ouvir suas pisadas ecoando, enquanto caminha ao longo do concreto. O único outro som é o de água correndo cavernosamente através dos encanamentos de águas pluviais.

3

Ele rodou Silver para o corredor cimentado que ia até o portão, imobilizou-a sobre o descanso e tornou a checar os pneus. O dianteiro estava bem, mas o traseiro parecia algo flácido. Pegou a bomba de ar que Mike havia comprado e a firmou no lugar. Depois de encher o pneu, guardou a bomba e verificou as cartas de baralho, bem como os prende-dores de roupa. Os raios da bicicleta ainda faziam aqueles excitantes ruídos de metralhadora, que Bill recordava de sua meninice. Grande negócio.

Você endoidou.

Talvez. Veremos.

Voltou à garagem de Mike, pegou o 3-em-l, oleou a corrente e a roda dentada. Então, levantando-se, olhou para Silver e deu um aperto ligeiro, experimental, na buzina bulbosa. O som produzido foi bom. Ele assentiu e entrou na casa.

4

e vê todos aqueles lugares novamente, intactos, como eram então: o volumoso forte de tijolos da Escola Elementar de Derry, a Ponte dos Beijos com seu complexo entalhe de iniciais, namorados ginasianos prontos a inundar o mundo com suas paixões, que haviam crescido e se tinham tornado agentes de seguros, vendedores de carros, garçonetes e esteticistas; ele vê a estátua de Paul Bunyan contra o céu saguinolento do pôr-do-sol e o inclinado gradil branco que corria ao longo da calçada da Rua Kansas, na borda dos Barrens. Ele os vê como eram, como sempre serão, em alguma parte de sua mente... e seu coração se dilacera de amor e horror.

Deixando, deixando Derry, *pensa ele.* Estamos deixando Derry e, se isto fosse uma história, o final ocuparia mais ou menos a última meia dúzia de páginas; depois, a história seria colocada no alto da prateleira e esquecida. O sol está desaparecendo, não há outro som além do de minhas pisadas e da água, correndo nos encanamentos. Este é o momento de

5

"Disque para Dólares" dera lugar a "Roda da Fortuna". Audra permanecia sentada passivamente diante da televisão, os olhos não abandonando a tela. Sua postura não se alterou quando Bill desligou o aparelho. - Audra - disse ele, aproximando-se e tomando-lhe a mão. - Vamos. Ela não se moveu. A mão jazia na dele, morna e flácida. Bill lhe tirou a outra mão de sobre o braço da poltrona de Mike e a puxou, fazendo-a levantar-se. Nessa manhã, vestira-a mais ou menos da maneira como ele próprio estava vestido. Audra usava uma Levi's e uma camiseta azul curta. Seria uma criatura adorável, se não fosse por aquela expressão vazia dos olhos arregalados. - Va-Vamos - repetiu ele, conduzindo-a pela porta, através da cozinha de Mike e depois para o exterior. Ela o seguiu obedientemente... embora pudesse ter caído do alpendre dos fundos, estatelando-se na terra, se Bill não passasse o braço por sua cintura, guiando-a para descer os degraus. Ele a levou para onde estava Silver, repousando sobre o descanso, à brilhante claridade do meio-dia de verão. Audra parou ao lado da bicicleta, olhando serenamente para a lateral da garagem de Mike. - Monte, Audra. Ela não se moveu. Pacientemente, Bill a fez passar uma das compridas pernas por sobre o bagageiro montado no pára-lama traseiro de Silver. Por fim ela se equilibrou ali, com o bagageiro entre as pernas, não lhe tocando inteiramente as virilhas. Bill pressionou levemente a mão no alto de sua cabeça, e então Audra sentou-se. Ele se postou sobre o selim de Silver e desmontou o descanso com o calcanhar. Preparou-se para pegar as mãos de Audra, às suas costas, a fim de passá-las por sua cintura, mas antes que pudesse fazê-lo, viu que elas o abraçavam por vontade própria, como pequenos ratinhos atordoados. Baixou os olhos para aquelas mãos, sentindo o coração bater mais depressa, parecendo bombear não só no peito, mas também na garganta. Aquele era o primeiro ato independente de Audra durante a semana inteira, que ele soubesse... o primeiro ato independente que executara, desde que *Aquilo* acontecera... o que quer que *Aquilo* houvesse sido. - Audra? Não houve resposta. Ele tentou girar o pescoço e vê-la, mas conseguiu apenas fazê-lo a meio. Havia apenas as mãos dela contornando sua cintura, as unhas mostrando as últimas lascas de um esmalte vermelho, colocado por uma viva, animada e talentosa jovem, em uma cidadezinha inglesa. - Nós vamos dar um passeio - disse Bill, começando a rodar Silver para a frente, na direção da Alameda Palmer, ouvindo o cascalho ranger sob os pneus. - Quero que você se segure bem, Audra. Acho... acho que vai ser um passeio um tanto ve-ve-veloz.

Se eu não me esborrachar.

Pensou no garoto que conhecera no início de sua permanência em Derry, quando *Aquilo* ainda estava acontecendo. *Não se pode ser cuidadoso sobre um skate, cara,* havia dito o menino.

Jamais foram ditas palavras mais verdadeiras, garoto.

- Audra? Você está pronta?

Nenhuma resposta. Teriam as mãos dela pressionado sua cintura um pouquinho mais? Talvez fosse apenas sua vontade de que isso acontecesse. Chegou ao final do pequeno corredor cimentado e olhou para a direita. A Alameda Palmer desembocava diretamente na Rua Main Superior, onde uma dobra à esquerda o deixaria na colina que descia para o setor comercial da cidade. Colina abaixo. Ganhando velocidade. Ele sentiu um calafrio de medo ao pensar nisso, e uma idéia inquietante

fossos velhos quebram com facilidade, Billy-meu-garoto)

passou por seu cérebro, rápida demais para ser digerida, e então desapareceu . Entretanto... Entretanto, seria apenas inquietação? Não. Era desejo também... a sensação experimentada, quando vira o garoto caminhando com o skate debaixo do braço. O desejo de correr com velocidade, de sentir o vento que zunia nos lados do corpo, sem saber se corria para diante ou se se afastava de trás, apenas ir. Voar. Inquietação e desejo. Toda a diferença entre mundo e carência - a diferença entre ser um adulto que avaliava resultados e uma criança que apenas queria fazer algo e o fazia, por exemplo. Todo o mundo de permeio. Afinal, isso não fazia tanta diferença assim. Companheiros de jornada, de fato. A maneira como nos sentimos, quando o vagão da montanha-russa se aproxima do alto da primeira descida brusca, onde começa

realmente a corrida. Inquietação e desejo. O que queremos e o que temos medo de experimentar. Onde estivemos e aonde queremos ir. Algo em uma música rockand roll sobre querer a garota, o carro, o lugar para estar, e isso acontecer. Oh, por favor, Deus, dê um jeito nisso! Bill fechou os olhos por um instante, sentindo o suave peso morto da esposa atrás dele, sentindo a colina em algum ponto à sua frente, sentindo o coração bater dentro do peito.

Seja corajoso, seja sincero, vá em frente!

Começou a levar Silver para diante outra vez. - Quer um pouco de rock and roll, Audra? Sem resposta. Tudo bem, no entanto. Ele estava pronto. - Segure-se bem, então. Começou a pedalar. A princípio, era difícil seguir em frente. A bicicleta oscilava alarmantemente, para diante e para trás. O peso de Audra, adicionado ao desequilíbrio... mas ainda assim, ela *devia* estar cooperando para algum equilíbrio, embora inconscientemente - ou teriam tombado ali mesmo. Bill firmou-se nos pedais, as mãos aferradas aos gui-dons com maníaco vigor, a cabeça virada para o céu, os olhos como fen-das, os tendões do pescoço salientando-se.

Vou esborrachar-me aqui mesmo na rua, rachar o crânio dela e o meu...
(não, não vai, force, Bill, force, force a filha da mãe)

Ele se firmou nos pedais, girando-os, sentindo cada cigarro fumado nos últimos vinte anos agindo em sua elevada pressão do sangue e nas batidas de seu coração. *Foda- se isso também!* pensou, e o acesso de louca exaltação o fez sorrir. As cartas de baralho, que antes produziam disparos isolados, agora começavam a tiquetaquear mais depressa. Eram cartas novas, de um baralho novo, produziam um alto e excelente ruído. Bill sentiu o primeiro toque de brisa em sua calva e o sorriso expandiu- se. *Eu produzi essa brisa,* pensou. *Eu a produzi, girando estes malditos pedais!*

O sinal PARE, no fim da alameda, aproximava-se. Bill começou a frear... mas então (o sorriso ainda aumentando, mostrando cada vez mais dentes), recomeçou a pedalar. Ignorando o sinal PARE, Bill Denbrough dobrou para a esquerda, no alto da Rua Main Superior, acima do Parque Bassey. Novamente, o peso de Audra o enganou, quase

perderam o equilíbrio e tombaram. A bicicleta estremeceu, gingou, depois endireitou-se. Aquela brisa era mais forte agora, resfriando o suor em sua testa, evaporando-o, disparando por seus ouvidos com um grave som intoxicante, que era mais ou menos como o som do oceano em uma concha, porém que, em realidade, não se parecia a nada mais na terra. Bill imaginou que o garoto do skate conheceria bem aquele som. *Contudo, a gente perde o contato com esse som, garoto,* pensou. *As coisas costumam mudar. E um truque sujo, portanto fique preparado para isso.*

Pedalando agora mais depressa, encontrando um equilíbrio maior na velocidade. As ruínas de Paul Bunyan estavam à esquerda, como um colosso tombado. - *Hi-yo, Silver, VAAAAMOOOS!*

As mãos de Audra apertaram-se à volta de sua cintura; ele a sentiu estremecer contra suas costas. Contudo, agora não havia premência para se virar e tentar vê-la... nenhuma premência, nenhuma necessidade. Pedalou mais depressa, rindo ruidosamente, um homem alto, magro e calvo em uma bicicleta, inclinado sobre os guidons, a fim de diminuir a resistência do vento. As pessoas se viravam para vê-lo, enquanto ele disparava ao longo do Parque Bassey. Agora, a Rua Main Superior começava a inclinar-se na direção da desmoronada zona comercial da cidade, em ângulo mais íngreme, e uma voz interior sussurrou para ele que, se não freasse logo, dentro em pouco seria incapaz disso; Bill simplesmente seria varrido para os submersos remanescentes do cruzamento tríplice, como um morcego saído do inferno, liquidando eles dois para sempre. Contudo, ao invés de frear, ele começou novamente a pedalar, forçando a bicicleta a aumentar a velocidade. Agora estava voando pela colina da Rua Main abaixo, podia ver as barreiras proibitivas branco-e-laranja, os potes fuliginosos com suas enfumaçadas chamas de Dia das Bruxas, marcando a borda do desmoronamento, podia ver o topo dos prédios que assomavam das ruas, como os produtos da imaginação de um louco. - *Hi-yo, Silver, VAAAAMOOOS!* - gritou Bill Denbrough delirantemente. Ele disparou ladeira abaixo, em direção a fosse lá o que fosse, pela última vez cônscio de que Derry era a sua cidade, mas acima de tudo, cônscio de que *estava vivo, debaixo de um céu real,* e de que tudo era desejo, desejo, desejo. Disparou ladeira abaixo sobre Silver: ele corria para derrotar o demônio.

6

I*r embora. Então, a gente vai embora, e há uma ânsia de olhar para trás, de olhar para trás apenas uma vez, enquanto o pôr-do-sol esmaece, para ver aquele severo perfil da Nova Inglaterra contra o céu uma última vez - as espiras, o piezômetro, Paul com seu machado sobre o ombro. Contudo, é possível que não seja muito boa idéia olhar-se para trás - todas as histórias dizem isso. Vejam o que aconteceu à mulher de Ló. É melhor não olhar. É melhor acreditar que tudo terminará bem para sempre - e assim pode ser: quem pode afirmar que não existem esses finais? Nem todos os barcos que velejam para a escuridão nunca mais encontram o sol ou a mão de outra criança; se a vida ensina alguma coisa, ensina que há tantos finais felizes, que o homem descrente da existência de Deus precisa questionar seriamente a sua racionalidade. A gente vai embora e parte rapidamente, quando o sol começa a caminhar para o poente, pensa ele neste sonho. É o que se faz. E se houver um último pensamento, talvez seja dedicado aos fantasmas... os fantasmas de crianças em pé na água, ao pôr-do-sol,*

paradas em círculo, de mãos dadas, rostos jovens, é claro, mas decididos... de qualquer modo, decididos o suficiente para se tornarem as pessoas que serão, decididos o suficiente para compreenderem, talvez, que aqueles em que se tornaram, devem necessariamente transformar-se nas criaturas que eram, antes que possam continuar tentando entender a simples mortalidade. O círculo se fecha, a roda gira, e isso é tudo que existe. Não precisamos olhar para trás a fim de vermos aquelas crianças; parte da mente as verá para sempre, viverá com elas para sempre, ama-las-á para sempre. Elas não são nossa melhor parte necessariamente, porém um dia foram o repositório de tudo em que poderíamos tornar-nos.

Eu as amo, crianças. Amo-as muito.
Portanto, afastem-se depressa em seu carro, afastem-se enquanto a última claridade do dia se dissipa, afastem-se de Derry, da lembrança... mas não do desejo. Isso permanece, é o vivido relance de tudo quanto fomos, de tudo aquilo em que acreditamos quando crianças, tudo o que reluz em nossos olhos, mesmo quando estamos perdidos e o vento sopra na noite. Afastem-se, vão embora e tentem manter o sorriso. Ouçam um pouco de rock and roll no rádio do carro e sigam ao encontro de tudo quanto existe na vida, com toda a coragem que puderem encontrar, toda a crença que puderem convocar. Sejam francos, sejam ousados, enfrentem! Todo o resto é escuridão.

7

- Ei! - Ei, o senhor vai... - ... cuidado! - O maldito doido vai... As palavras agitavam-se ao vento que zunia, tão sem sentido como bandeirolas à brisa ou balões de gás desatados. As barreiras de proibição aproximavam-se, ele podia sentir o acre cheiro de querosene queimando nos potes de alerta. Viu a esgoelante escuridão onde existira a rua, ouviu o ruído súbito da água correndo lá embaixo, no negrume emaranhado - e riu daquele som. Manobrou violentamente Silver para a esquerda, tão perto das barreiras que uma perna do jeans chegou realmente a sussurrar, ao longo de uma delas. As rodas de Silver estavam a menos de dez centímetros do ponto onde o alcatrão terminava em espaço vazio, e ele estava ficando sem espaço para manobrar. À frente, a água já erodira toda a rua e metade da calçada diante da Joalheria Cash's. Novas barreiras interceptavam à passagem o que sobrara da calçada, que ali ficara seriamente perigosa. - Bill? - Era a voz de Audra, aturdida e um pouco pastosa. Ela dava a impressão de haver despertado de um sono profundo. - Onde é que estamos, Bill? O que estamos

fazendo?
- *Hi-yo, Silver!* - gritou Bill, apontando o tanque veloz que era Silver diretamente para a barreira colocada em ângulo reto com a vitrine vazia da joalheria. - *HI-YO, SILVER, VAAAAMOOOS!*
Silver colidiu com a barreira a mais de sessenta quilômetros por hora e ela saiu voando, a tábua central em uma direção, os dois cavaletes de suporte em outra. Audra

gritou, apertando Bill com tanta força, que ele não pôde respirar. Acima e abaixo da Rua Main, Rua do Canal e Rua Kansas, as pessoas paravam nas soleiras e calçadas, espiando. Silver disparou através da ponte formada pela calçada carcomida. Bill sentiu a coxa esquerda e o joelho esfregarem o lado da joalheria. Sentiu também a roda traseira da bicicleta oscilar de repente, compreendeu que a calçada estava desmoronando atrás deles..... e então o movimento de Silver para diante os levou de novo até piso sólido! Bill deu uma guinada para desviar-se de uma lata de lixo tombada, indo parar novamente na rua. Os freios chiaram. Ele viu o radia-dor de um enorme caminhão que se aproximava, mas ainda assim não conseguiu parar de rir. Rodou pelo espaço que o pesado veículo ocuparia, um segundo antes disso acontecer. Droga, tempo para poupar! Gritando, as lágrimas escorrendo dos olhos, Bill apertou a bulbosa buzina de Silver, ouvindo cada zurro áspero incrustar-se na brilhante luminosidade do dia. - Bill, você vai matar nós dois! - gritou Audra, mas embora houvesse terror em sua voz, ela também estava rindo. Pedalando com mais vigor, desta vez Bill sentiu Audra inclinando-se com ele, facilitando assim o domínio da bicicleta, colaborando para que ambos existissem com Silver e fossem como três entes vivos, pelo menos naquele curto e compacto espaço de tempo. - Você acha? - gritou ele em resposta. - Eu *sei!* - gritou ela, e então agarrou-lhe a virilha, onde havia uma enorme e animada ereção. - Mesmo assim, não pare! Contudo, ele nada podia dizer a respeito. A velocidade de Silver ia diminuindo na Colina Milha Acima, o forte rugido das cartas de baralho novamente transformando-se em disparos isolados. Bill parou e se virou para Audra. Ela estava pálida, de olhos dilatados, obviamente assustada e confusa... mas desperta, perceptiva *e rindo.*

- Audra - disse Bill, rindo com ela. Ajudou-a a desmontar de Silver, recostou á bicicleta a uma parede de tijolos e abraçou sua esposa. Beijou-lhe a testa, os olhos, as faces, a boca, o pescoço, os seios. Ela o abraçava com força, enquanto era beijada. - O que está acontecendo, Bill? Lembro-me de ter desembarcado do avião em Bangor, mas não recordo uma *vírgula* depois disso. Você está bem? • - Estou. - E eu? - Está. Agora. Ela o afastou, para que pudesse fitá-lo. - Você ainda está gaguejando, Bill? - Não - respondeu ele; e a beijou. - Minha gagueira desapareceu. - Para sempre? - Sim - disse ele. - Acho que desta vez foi para sempre. - Você falou alguma coisa sobre rock and roll? - Não sei. Falei? - Eu o amo - disse ela. Ele assentiu e sorriu. Quando sorriu, pareceu muito jovem, com ou sem cabeça calva. - Eu também a amo - respondeu. - E o que mais importa?

8

Ele desperta deste sonho, incapaz de recordar exatamente o que sonhava ou pouco mais além do simples fato de haver sonhado que era criança novamente. Toca as costas lisas da esposa, que dorme seu sono cálido e sonha seus próprios sonhos; reflete que é bom ser criança, mas que também é bom ser adulto e capaz de considerar o mistério da infância... com suas crenças e desejos. Escreverei sobre isto um dia, *pensa, mas percebe que é apenas um pensamento despontado, um pensamento de após-sonho. Contudo, é agradável meditar nisso por algum tempo, no silêncio límpido do amanhecer, refletir que a infância possui seus próprios e doces segredos, confirmando a mortalidade, e que a mortalidade define toda a coragem, todo o amor. Refletir que o antecipado também deve ser relembrado, e que cada vida produz sua própria imitação de imortalidade: uma roda. É mais ou menos isso que às vezes Bill Denbrough pensa, naquelas primeiras horas do alvorecer após ter sonhado, quando quase recorda sua infância e os amigos*

com quem a partilhou.

Fim

Este livro foi iniciado em Bangor, Estado do Maine, em 9 de setembro de 1981, e terminado em Bangor, Estado do Maine, em 28 de dezembro de 1985.

STEPHEN KING reside em Bangor, Estado do Maine, com sua esposa Tabitha e três filhos. Ele tocou em um conjunto de rock quando estava no ginásio e ainda pode ser persuadido a ocupar o palco de vez em quando, desde que não seja em função do espetáculo de rock "Todos- Falecidos", de Richie Tozier. STEPHEN KING é autor dos livros O Cemitério, Christine, Sombras da Noite, O Talismã e Tripulação de Esqueletos, editados pela Francisco Alves Editora.

© 1986 by Stephen King